

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura

**Ginásios Vocacionais:** estudo narrativo sobre uma proposta  
educacional da década de 1960

RIO CLARO/SP  
2017

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura

**Ginásios Vocacionais:** estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador: Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

RIO CLARO/SP  
2017

510.07 Nakamura, Maria Eliza Furquim Pereira  
N163g Ginásios vocacionais: estudo narrativo sobre uma  
proposta educacional da década de 1960 / Maria Eliza  
Furquim Pereira Nakamura. - Rio Claro, 2017  
627 f. : il., figs., quadros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Narrativas. 3. História  
oral. 4. Ditadura. 5. Educação matemática. I. Título.

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura

**Ginásios Vocacionais:** estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica – Orientador  
Unesp / Rio Claro-SP

Prof. Dr. Roger Miarka  
Unesp / RioClaro-SP

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa da Silva  
Unesp / Rio Claro-SP

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ednéia Martins Salandim  
Unesp / Bauru-SP

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes  
UFMG / Belo Horizonte-MG

Rio Claro, SP \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Dedido este trabalho a

A Altair Poletini  
(in memoriam)

A Beatriz D'Ambrósio  
(in memoriam)

## AGRADECIMENTOS

O que importa, na viagem, são os passageiros que encontramos no caminho.  
Saramago.

Agradeço,

Ao Senhor, pela vida, pelas forças que se renovam a cada amanhecer.

À minha família, criada e enraizada em mim. Sou e me entendo nela e com ela, sempre.

Aos meus filhos, obrigada pelas incontáveis experiências. Dois garotos com quem aprendo muito mais do que ensino. Orgulho-me de estarem ao meu lado e serem o que são apesar das minhas ausências durante essa jornada. Kenzo, que neste período passou de menino a homem, de ouvir a me dar conselhos. Vicente, a vivacidade e personalidade ímpar podem te fazer, se assim o desejar, o melhor. Obrigada por me instigarem a refletir, todos os dias, sobre o belo, o justo e o bom.

Ao meu marido, Elcio, por estar comigo nas travessias da vida há mais de vinte anos, por suportar minhas ausências e as luzes acesas do quarto quando lia meus livros. Por amor e com amor.

Aos meus pais. Orlando, de 1931, que agarra o desafio de ser velho nesses tempos. Não lhe tiramos as armas, ainda luta por si; Maria, de 1933, pela força dócil e firme das mulheres. Um exemplo de lucidez, constância e serenidade. Seu singelo sorriso nos mantêm.

Aos meus irmãos, principalmente por respeitarem minhas escolhas.

À Adriana, minha querida irmã de coração, por estar comigo, ao que me parece, desde quando nasci.

Vocês me transportam, me transformam, me suportam, me completam, me tomam, me roubam, me levam, me levantam.

Ao meu orientador, Vicente, muito querido, desde a graduação. Pesquisador, ser humano que nos alavanca, nos bota no chão, apresenta outros ângulos e nos inspira em ética, seriedade, dedicação, sabedoria, carinho. Meu mestre. Agradeço imensamente por me permitir trilhar e compartilhar esse caminho.

À Maria Aparecida Viggiani Bicudo, que nos fortalece e inspira, mito de mulher, pesquisadora, professora, força, garra, classe, cultura.

Agradeço à banca examinadora deste trabalho: Heloísa e Ednéia, pelos aprendizados em diversas esferas: nos momentos de diversão, dividindo uma taça de vinho, trocando experiências e conhecimentos em eventos acadêmicos, bem como nas inúmeras reuniões do Ghoem. Vocês são exemplos de seriedade e comprometimento com a pesquisa em Educação Matemática. Roger, quanto você me inspirou? Desde suas aulas, generosidade, postura, conhecimento, produções, fotos. Há em você uma pós-modernidade, um brilho especial. Filipe, sempre disposto a contribuir e despertar. Seus textos não cansam de nos dizer coisas.

A Silvana, Kátia, Rose. Atravessarmos juntas a experiência do doutorado permitiu aproximações diversas: partilhamos angústias, medos, conhecimentos, risadas, estradas, viagens, vôos, hotéis. Ao Vinícius e Marcelo, sempre prontos a nos atender nas dificuldades impostas pela distância.

A todos meus colegas do Ghoem com os quais tive o imenso prazer de dividir dizeres e saberes.

Aos meus professores da Unesp de Rio Claro, o que dizer? São, no conjunto, inspiração em sala de aula, ao produzir, escrever e viver. Em especial ao Prof.

Ubiratan D'Ambrósio que a cada aula, palestra ou leitura me presenteava com novas chaves para abrir novas janelas.

Ao meu aluno Gilson pelas preciosas contribuições na formatação.

À Inajara, por sempre me atender com um sorriso. À Eliza e Ana pela atenção ao longo de todos esses anos de Rio Claro.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo constituir uma história dos Ginásios Vocacionais Estaduais, uma experiência educacional pública do Estado de São Paulo implantada e extinta na década de 1960. A metodologia principal é a História Oral tal qual a concebemos e praticamos no Ghoem. Os procedimentos metodológicos possibilitaram criar nove narrativas a partir de entrevistas realizadas com doze depoentes. Além das fontes orais foram mobilizadas fontes escritas encontradas em arquivos, *blogs* e *sites* – como os do GVive, Associação de Ex-alunos e Amigos dos Vocacionais. A análise de narrativas nos possibilitou elaborar três textos que abordam, (a) uma história dos Vocacionais desde sua idealização até a sua extinção; (b) algumas questões relativas ao ensino e à aprendizagem da Matemática nesses espaços; e (c) aspectos relativos ao contexto da época, mais especificamente, a Ditadura Militar e sua influência na extinção dos Ginásios Vocacionais.

**Palavras-chave:** Ginásios Vocacionais. Narrativas. História Oral. Ditadura. Educação Matemática.



## ABSTRACT

The main goal of this work is to build a history of the so called Ginásios Vocacionais Estaduais, a public educational experience created and extincted in São Paulo State in the 60's. Its methodological approach was Oral History as studied by Ghosem – the Research Group “Oral History and Mathematics Education”. Nine narratives and some written documents – including blogs and sites like that of GVive, an association created to preserve and promote the memory of that educational institution – was analysed. From such set of sources it was possible to present three texts focusing (a) the History of the Ginásios Vocacionais from its beginning until its extinction; (b) aspects related to the teaching and learning of Mathematics as practiced in those schools; and (c) some faces of Brazilian context at that time, specifically the Dictatorial period and its influence to the closure of this outstanding educational experience.

**Keywords:** Ginásios Vocacionais. Narratives. Oral History. Dictatorial period in Brazil. Mathematics Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Aula Plataforma .....	27
<b>Figura 2</b> – Aula Plataforma .....	27
<b>Figura 3</b> - Aula sendo dada embaixo de uma árvore. Ao fundo, um vagão de trem transformado em sala de aula .....	39
<b>Figura 4</b> - Uma professora dá uma aula ao ar livre no Ginásio Vocacional de Rio Claro localizado no Horto Florestal .....	40
<b>Figura 5</b> - Estudo do Meio. Um grupo de alunos visita uma casa e conversa com o morador.....	57
<b>Figura 6</b> - Foto escaneada de um talão de cheques .....	59
<b>Figura 7</b> - Convite de formatura do Ginásio Vocacional de Rio Claro, turma 1963 ..	62
<b>Figura 8</b> - Modelo dos “selinhos” .....	248
<b>Figura 9</b> - Modelo de Ficha de Observação do Aluno – FOA .....	249
<b>Figura 10</b> – Recorte de documento já mencionado do Sistema de Ensino Vocacional não datado e não assinado .....	470
<b>Figura 11</b> - Exemplo de Bateria elaborada e aplicada no Ginásio Vocacional .....	497
<b>Figura 12</b> - Programação do Curso de Matemática Moderna para Pais realizado no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, em 1966 .....	522

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 –</b> Relação das entrevistas .....	19
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Ação Católica

Adesg – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra

AI – Ato Institucional

ALN – Ação Libertadora Nacional

AP – Ação Popular

Aproev – Associação Pró-ensino Vocacional

BU – Boston University

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Casa – Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente

Cedic – Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro Reis Filho”

CEI – Centro de Educação Infantil

CEU – Centro Educacional Unificado

Cescea – Centro de Seleção de Candidatos à Economia e Administração

Cescem – Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas e Biológicas do Estado de São Paulo

Cevoa – Colégio Vocacional Oswaldo Aranha

CMTC – Companhia Municipal de Transportes Coletivos

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Cpdoc – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

Crpe – Centro Regional de Pesquisas Educacionais

Crusp – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo

DEF – Departamento de Educação Física

DOI-CODI – Departamento de Operações de Informações e Centro de Operação de Defesa Interna

Dops – Departamento de Ordem Política e Social

Eafeusp – Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

ECA – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

ED – Educação Doméstica

EV – Ensino Vocacional  
EJA – Ensino de Jovens e Adultos  
Emei – Escola Municipal de Educação Infantil  
Emef – Escola Municipal de Ensino Fundamental  
Enem – Exame Nacional do Ensino Médio  
Enaphem – Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática  
EUA – Estados Unidos da América  
Faap – Fundação Armando Alvares Penteado  
FAB – Força Aérea Brasileira  
Fatec – Faculdade de Tecnologia de São Paulo  
Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
FE – Faculdade de Educação  
FEA – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo  
Febem – Fundação Estadual do Bem Estar do Menor  
Fefisa – Faculdades Integradas de Santo André  
FEI – Faculdade de Engenharia Industrial  
FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo  
FGV – Fundação Getúlio Vargas  
FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas  
Fmusp – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
FOA – Ficha de Observação do Aluno  
Fundasp – Fundação de São Paulo  
Fuvest – Fundação Universitária para o Vestibular da Universidade de São Paulo  
Gecam – Grupamento do Exército de Campinas  
Geem – Grupo de Estudos do Ensino da Matemática  
Geva – Ginásio Estadual Vocacional de Americana  
Gevoa - Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha  
Ghemat – Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil  
Ghoem – Grupo de História Oral e Educação Matemática  
GOT – Ginásios Orientados para o Trabalho  
GEV – Ginásio Estadual Vocacional  
GVive – Associação dos ex-alunos, ex-colaboradores e amigos do Sistema de Ensino Vocacional do Estado de São Paulo

HO – História Oral  
Htpc – Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo  
Ibad – Instituto Brasileiro de Ação Democrática  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IEL – Instituto de Estudos da Linguagem  
Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas  
Ipes – Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais  
IPM – Inquérito Policial Militar  
Irem – Institut de Recherche sue l’enseignement dês Mathématiques  
JAC – Juventude Agrária Católica  
JEC – Juventude Estudantil Católica  
JFC – Juventude Feminina Católica  
JIC – Juventude Independente Católica  
JOC – Juventude Operária Católica  
JUC – Juventude Universidade Católica  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
Mapofei - Instituto Mauá de Tecnologia e Faculdade de Engenharia Industrial  
MEB – Movimento de Educação de Base  
MEC – Ministério da Educação  
Usaid – United States Agency for International Development  
Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização  
NSF – National Science Foundation  
OE – Orientação Educacional  
Oece – Organização Européia de Cooperação Econômica  
PA – Práticas Agrícolas  
PC – Práticas Comerciais  
PCB – Partido Comunista Brasileiro  
PIB – Produto Interno Bruto  
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Puccamp – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
RAV – Recursos Audiovisuais  
Rbhe – Revista Brasileira de História da Educação  
Renov – Relações Educacionais e do Trabalho  
Saeb – Sistema de Avaliação Nacional da Educação Básica

Sagvoa – Sociedade de Amigos do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha  
Saresp – Sistema de Avaliação do Ensino no Estado de São Paulo  
SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial  
Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial  
Sesc – Serviço Social do Comércio  
Sesi – Serviço Social da Indústria  
SEV- Serviço de Ensino Vocacional  
SMSG – School Mathematics Study Group  
SNI – Serviço Nacional de Informação  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
Unama – Universidade da Amazônia  
UnB – Universidade de Brasília  
Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba  
UNE – União Nacional dos Estudantes  
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
Unicamp – Universidade Estadual de Campinas  
USP – Universidade de São Paulo  
Vive – Vivendo Valores na Educação

# SUMÁRIO

## PARTE I

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 MUITAS HISTÓRIAS: as textualizações</b> .....	<b>19</b>
1.1 EDUARDO JOSÉ DE ALMEIDA AMOS .....	21
1.2 DANIEL FERRAZ CHIOZZINI .....	64
1.3 ESMÉRIA ROVAI .....	107
1.4 LUIZ CARLOS MARQUES .....	149
1.5 LUCILIA BECHARA SANCHEZ .....	185
1.6 ANTÔNIO PEDRO ZAGO .....	212
1.7 NEWTON CESAR BALZAN E BERENICE SIMONI MENDOZA .....	254
1.8 JOSÉ ÂNGELO POMPEO E RENATA ROSA PANTANO RANGEL .....	286
1.9 CECÍLIA VASCONCELLOS DE LACERDA GUARANÁ E LYGIA TIBIRIÇÁ HÜLLE .....	327

## PARTE II

<b>2 SOBRE METODOLOGIA, HISTORIA ORAL E NARRATIVAS</b> .....	<b>367</b>
2.1 HISTÓRIA ORAL: aspectos metodológicos .....	367
2.2 DEPOENTES E DEPOIMENTOS: especificidades .....	375
2.3 FONTES DISTINTAS: orais, escritas, <b>iconográficas</b> .....	388
2.4 NARRATIVAS E MODOS DE NARRAR.....	391
<b>3 DA ARQUITETURA DO TEXTO</b> .....	<b>397</b>
<b>4 OS GINÁSIOS VOCACIONAIS: idealização, implantação e desenvolvimento</b> ...	<b>404</b>
4.1 DA DÉCADA DE 1960.....	405
4.2 VOCACIONAIS: gestação e implantação.....	407
<b>Antes do início</b> .....	<b>407</b>
4.3 ENTRE 1962 E 1968: visitando os Ginásios e o Serviço de Ensino Vocacional	414
<b>O Ensino Vocacional</b> .....	<b>415</b>
<b>Exames de admissão no Ensino Secundário</b> .....	<b>417</b>
<b>Cidades, prédios e instalações</b> .....	<b>424</b>
<b>O Vocacional em sua comunidade</b> .....	<b>431</b>
<b>Aspectos pedagógicos dos Ginásios Vocacionais</b> .....	<b>433</b>
<b>Sobre contratação, seleção e sensibilização à proposta do EV</b> .....	<b>438</b>
<b>Relações entre salas de aula, número de alunos, contexto e disciplinas do currículo</b> .....	<b>440</b>
<b>Vertentes teóricas no Ensino Vocacional</b> .....	<b>445</b>



<b>Currículo, Core Curriculum:</b> definições, inconstâncias e variações .....	<b>448</b>
<b>A integração de áreas:</b> uma meta e muitas controvérsias .....	<b>451</b>
<b>Dos contos, um encanto:</b> os Estudos do Meio .....	<b>458</b>
<b>Trabalho em equipe e as instituições didático-pedagógicas no Ensino Vocacional</b> .....	<b>464</b>
<b>Projetos</b> .....	<b>469</b>
<b>O envolvimento e a participação dos pais no Vocacional:</b> encontro de diferentes .....	<b>472</b>
<b>Apoio técnico e pedagógico ao aluno e professor:</b> aparelhos de suporte .....	<b>475</b>
<b>Tecnologias no Vocacional, recursos audiovisuais e materiais de apoio</b> .....	<b>476</b>
<b>Sobre avaliação docente e discente</b> .....	<b>480</b>
<b>5 A MATEMÁTICA NO ENSINO VOCACIONAL</b> .....	<b>488</b>
5.1 SOBRE AS AULAS: técnicas pedagógicas e integração de áreas .....	489
5.2 DIVULGAÇÃO DOS ENSAIOS EM MEIOS ACADÊMICOS .....	509
5.3 ENFRENTAMENTOS DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA .....	510
5.4 QUAL MATEMÁTICA? UM MISTO DE TENDÊNCIAS MATEMÁTICAS: matemática tradicional e formalista, matemática moderna e tendências de ensino escalonovistas .....	512
5.5 QUANTO À PROGRAMAÇÃO DOS CONTEÚDOS MATEMÁTICOS .....	518
5.6 ENTRE DIFICULDADES: novas propostas .....	520
5.7 NUANCES DE INOVAÇÃO E SUBVERSÃO .....	525
5.8 ASPECTOS SINGULARES NOS DEPOIMENTOS: memórias matemáticas .....	528
<b>6 ANO DECISIVO:</b> 1968 – 1969 .....	<b>543</b>
6.1 O INÍCIO DO FIM .....	543
6.2 UM DESFECHO (IM)PREVISTO? UMA FENDA, NOVOS CONTORNOS, NOVOS TRAÇADOS .....	546
<b>1964 – 1968:</b> sensações de proximidade temporal .....	<b>546</b>
6.3 O REGIME MILITAR, A DITADURA E OS GINÁSIOS VOCACIONAIS .....	546
<b>Sobre os processos de composição da narrativa</b> .....	<b>546</b>
<b>Sobre a Ditadura Militar e os Ginásios Vocacionais:</b> possíveis conexões .....	<b>549</b>
6.4 DAS INÚMERAS TENSÕES: as “crises” no Vocacional .....	559
6.5 PERÍODO DITATORIAL: à procura de outros ângulos e novas interpretações .....	565
6.6 UMA ANÁLISE POR CENTROS E MARGENS .....	571
6.7 SUBVERSIVOS? .....	580
6.8 A DITADURA NAS VIDAS: um olhar às singularidades das narrativas .....	583
6.9 ENFIM, UM ARREIMATE? .....	593
<b>7 REFLEXÕES FINAIS</b> .....	<b>598</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>601</b>

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>610</b>
Modelo de e-mail de apresentação inicial aos colaboradores .....	610
Roteiro de entrevista .....	611
Comunicado aos depoentes via e-mail... ..	614
Modelo de e-mail aos depoentes .....	615
<b>ANEXOS - CARTAS CESSÃO DE DIREITOS .....</b>	<b>616</b>
Eduardo José de Almeida Amos .....	616
Daniel Ferraz Chiozzini .....	617
Esméria Rovai .....	618
Luiz Carlos Marques .....	619
Lucilia Bechara Sanchez .....	620
Antonio Pedro Zago .....	621
José Ângelo Pompeo .....	622
Renata Rosa Pantano Rangel.....	623
Newton Cesar Balzan.....	624
Berenice Simoni Mendoza.....	625
Cecília Vasconcellos de Lacerda Guaraná .....	626
Lygia Tibiriçá Hülle .....	627

## INTRODUÇÃO

Para os leitores, introdução é começo. Para outros, fechamento.

Tal como todo o processo de redação da tese, todo trabalho de pesquisa implica a necessidade de equalizar tempos e enquadrar cenários.

Na memória e nos relatos de experiência os tempos não são ordenados pelo relógio. Ao contrário, misturam, dispersam, são caóticos.

Esta pesquisa apóia-se em pressupostos ditados não apenas pela razão: apostamos em outros modos de se pensar ciência, buscamos nas narrativas aspectos que nos dizem da realidade e dos modos de a compreendermos. As narrativas nos mantêm em pé. Aprendemos que podemos atribuir significado às narrativas de variadas formas. Tentamos fugir e nos esquivar das formas pré-estabelecidas e comumente aceitas pela comunidade acadêmica, ainda que esta introdução, de algum modo, tente controlar a atribuição de significado do leitor ao descrever o modo como organizamos nesta tese, nossas compreensões e ações.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a proposta educacional dos Ginásios Vocacionais Estaduais, com um olhar voltado para o ensino e a aprendizagem da Matemática. Os Vocacionais foram uma iniciativa educacional alternativa implantada em 1962 e extinta pela ditadura militar em 1969. Eram, ao todo, seis unidades escolares, uma na capital do Estado e as demais espalhadas pelo interior. Os pressupostos teóricos e metodológicos deste trabalho estiveram pautados sobre aqueles que embasam as pesquisas em História Oral desenvolvidas pelo Ghoem – Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática. Realizamos entrevistas e construímos narrativas a partir dos depoimentos de pessoas que vivenciaram esta experiência, buscando olhar para o ensino e a aprendizagem da matemática nestas escolas, entre outros aspectos.

O texto final da tese está dividido em duas partes.

Na Parte I disponibilizamos nove textualizações integrais produzidas para este estudo a partir de onze entrevistas realizadas com sujeitos que viveram e/ou experienciaram essa experiência educacional ou, ainda, que se debruçaram sobre sua história.

Na Parte II apresentamos considerações de natureza metodológica, discutindo História Oral, história e narrativas, e o modo como implementamos, neste trabalho, essas disposições. Apresentamos, a forma como foram elaboradas as análises que ancoraram uma narrativa sobre os Ginásios Vocacionais, essa experiência que reputamos singular na educação paulista.

Nos registros das análises buscamos seguir por uma estrutura que percorresse como que uma linha do tempo cronológica, desde a idealização, implantação, existência e extinção dos Ginásios Vocacionais, cientes e cuidadosos de que esta seria se, seguida a risca, uma empreitada reducionista, justamente por estarmos num terreno subjetivo, o da memória, dos relatos das experiências vividas por pessoas ao longo do tempo. As lembranças criaram narrativas da década de 1960. Estruturar um texto no qual se tem como fontes narrativas orais e documentos escritos, apostando numa estrutura linear, parece logo de início uma proposta inglória. Cientes e sensíveis a essa problemática, criamos uma escritura na qual se alternam e se misturam acontecimentos e lembranças, mas que quando trazidos ao seu contexto podem nos ajudar a compreender algumas faces do que nos dispusemos a problematizar. Ademais, se essa nossa proposta de elaboração textual simplifica e reduz, ela também, ao mesmo tempo, explora uma estratégia comum no ensino vocacional, o que o correr do texto tentará expor com mais vagar e clareza.

Das análises dos eventos narrados nos encontros entre pesquisador e depoentes, aliados aos documentos, criamos uma narrativa subdividida em três eixos temáticos que, de alguma forma, segundo o pesquisador respondem aos questionamentos e objetivos inicialmente traçados e outros que surgiram no desenvolvimento da pesquisa.

Dessa forma, trazemos uma história dos Ginásios Vocacionais. Em seguida, buscamos indícios de como se dava o ensino e aprendizagem da Matemática nesses espaços, para finalizar com uma discussão sobre a ditadura militar, seus afetamentos e relações nesses contextos e culminar, cronologicamente com a extinção do Sistema Vocacional. Nos últimos textos buscamos olhar para aspectos singulares das histórias de vida expostos nas narrativas de cada depoente.

Por fim, apresentamos breves considerações finais.

## 1 MUITAS HISTÓRIAS: as textualizações

O tempo, o tempo, o tempo e suas águas inflamáveis, esse rio largo que não cansa de correr, lento e sinuoso, ele próprio conhecendo seus caminhos, recolhendo e filtrando de varia direção o caldo turvo dos afluentes e o sangue ruivo de outros canais para com eles construir a razão mística da história, sempre tolerante [...] o tempo, o tempo, o tempo e sua mudanças, sempre cioso de sua obra maior, e, atento ao acabamento, sempre zeloso do concerto menor, presente em cada sítio, em cada palmo, em cada grão [...]

Raduan Nassar

O esquecimento, frequentemente, é uma graça. Muito mais difícil que lembrar é esquecer.

Rubem Alves

Neste capítulo apresentaremos inicialmente um quadro-resumo com a relação dos entrevistados deste estudo, incluindo seus respectivos nomes, data, local e duração da entrevista e função relativa aos Ginásios Estaduais Vocacionais (GEV) ou Serviço de Ensino Vocacional<sup>1</sup> (SEV).

Nos tópicos seguintes estarão expostas as textualizações elaboradas a partir das entrevistas com os nossos colaboradores na ordem temporal que aconteceram.

### Quadro 01. Relação das Entrevistas.

Entrevistado	Data	Local	Duração	Função e Local de Atuação
Eduardo José de Almeida Amos	22/02/2014	UNESP - Rio Claro	2h50m02s	Aluno no GEV "Chanceler Raul Fernandes" - Rio Claro
Daniel Ferraz Chiozzini	22/08/2014	PUC - São Paulo	1h54m24s	Pesquisador e filho de professores do Ginásio Vocacional
Esméria Rovai	23/08/2014	São Paulo	2h55m12s	Supervisora - Recursos Audiovisuais no GEV "Cândido Portinari" em Batatais e no SEV
Luiz Carlos Marques	23/08/2014	São Paulo	2h09m30s	Aluno GEV "Oswaldo Aranha" - São Paulo
Lucilia Bechara Sanchez	01/11/2014	Bauru	2h30m14s	Supervisora e Professora de Matemática no SEV e GEV "Oswaldo Aranha" - São Paulo

<sup>1</sup> O Serviço de Ensino Vocacional (SEV) foi o órgão gestor central dos Ginásios Vocacionais, com sede em São Paulo, capital, coordenado por Maria Nilde Mascellani.

Antonio Pedro Zago	06/03/2015	Atibaia	3h02m35s	Professor de Matemática no GEV “Oswaldo Aranha” - São Paulo
Newton Cesar Balzan e Berenice Simoni Mendoza	07/03/2015	Campinas	1h58m47s	Supervisor e Professor de Estudos Sociais e Professora de Matemática no SEV e GEV “Papa João XXIII” - Americana
José Ângelo Pompeo e Renata Rosa Pantano Rangel	08/05/2015	Americana	3h02m10s	Professor de Práticas Comerciais e Aluna no GEV “Papa João XXIII” – Americana
Cecília Vasconcellos de Lacerda Guaraná e Lygia Tibiriçá Hulle	22/07/2015	São Paulo	2h22m21s	Diretora do Vocacional de Batatais e Americana e Orientadora Educacional em Batatais e São Paulo

**Fonte:** Autoria própria.

Tantas buscas e leituras iniciais sobre o tema Vocacional davam-me a impressão de segurança, de saber e conhecer o que iria encontrar ou, ainda, me davam a pretensão do controle. A necessidade de parecer uma pesquisadora em nível de doutorado de uma renomada instituição brasileira – a Unesp, câmpus de Rio Claro... esses fatores fizeram com que eu fosse ao encontro de meus depoentes como se soubesse do que se tratava aquilo de que eu deveria tratar, armada com conhecimentos prévios suficientes para conversar e dialogar com meus colaboradores de forma a não desapontá-los. É difícil a harmonia entre ter que saber para cativar o interlocutor e saber escutar sempre com ouvidos novos, para que se possa compreender e saber o que pensávamos já saber e compreender. Aos poucos, talvez, fomos nos aproximando desse equilíbrio.

Encontro com Eduardo Amos. Ele fala com entusiasmo sobre sua jornada, sobre o Vocacional. Eduardo me faz perceber que eu sabia pouco sobre o Vocacional. Era preciso saber mais, pesquisar mais, ler mais, assistir filmes, visitar blogs, conhecer rastros de uma história. Isto, então, me pareceu ser urgente, já que eu não conhecia essa experiência educacional que passou a ser, para mim, tão curiosa e tão cara.

Fernandes, citando Larrosa, nos impulsionou na tarefa de “*converter o passado em um acontecimento do presente*”.

## 1.1 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM EDUARDO JOSÉ DE ALMEIDA AMOS

*“Ah... o tempo ... 3 horas em 30 minutos”*

*Estou na estrada que liga Ibitinga-SP a Rio Claro-SP, dirigindo e tentando revisar meu roteiro. Já conhecia meu primeiro colaborador. Havíamos almoçado juntos após o evento que comemorava os 50 anos do Ginásio Vocacional de Rio Claro-SP. Eduardo, falante e extrovertido, parecia aberto a novas amizades e disposto a falar e a ouvir.*

*Agora nos encontraríamos, após algumas conversas por e-mail, momento no qual o convidei formalmente para uma entrevista. Informei os procedimentos que o Ghom, normalmente, tem como prática com os colaboradores. Após aceitar o convite enviei o roteiro da entrevista para que ele pudesse preparar-se. Marcamos o encontro no Campus de Rio Claro, em uma das salas de aula do Departamento de Matemática, às 9 horas e, conforme previsto, após breves cumprimentos iniciamos a entrevista que se encerrou às 11h50min de 22 de fevereiro de 2014.*

*Muito extrovertido e simpático, Eduardo disse estar pronto a falar. Ator de teatro por vários anos viajou pelo Brasil com sua companhia, que mais tarde se desfez, atualmente é autor de livros didáticos da Língua Inglesa.*

*Eduardo José de Almeida Amos foi aluno do Ginásio Vocacional Chanceler Raul Fernandes de Rio Claro-SP. Iniciou seus estudos, nesta escola, no ano de 1964, encerrando-os no ano de 1967. Permaneceu, então, 4 anos, no que conhecemos hoje por Ensino Fundamental II, do 6º. ao 9º. Ano.*

*“Este ano”, ele afirma, “faz 50 anos que iniciei minha jornada no Vocacional”.*

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Caro Eduardo, podemos iniciar esta conversa pelos aspectos pessoais, para saber o que você faz, do que você gosta, alguns aspectos da sua infância. Desta forma, o leitor deste trabalho terá, primeiramente, um retrato de você, o nosso depoente, com uma história, com um contexto, uma vida. Para nós é muito importante a sua pessoa.

**Eduardo:** Bom, primeiramente, eu sou Eduardo Amos quando me olho no espelho. Para mim eu sou Eduardo Amos. Mas aí, eu abro a minha carteira e tem um documento de identidade que fala que eu me chamo Eduardo José de Almeida Amos. Eduardo porque meu pai é Eduardo e José porque é o nome dos meus dois avós. Então eu sou obrigado a carregar nomes que não eram meus. Nasci em Rio Claro e passei toda a minha infância e juventude aqui. Morei aqui até uns 17 anos e meio, até a metade do terceiro ano do Ensino Médio. O meu pai era um caixeiro viajante, então ele passava muito tempo fora de casa, isso desde que eu nasci.

Sempre viajou muito. Então eu vivi basicamente tendo a mãe dentro de casa. Minha mãe tem um papel muito importante na minha vida.

Minha infância toda foi em Rio Claro, eu nasci na Cidade Nova e fui morar na Rua 01, mas a melhor parte de minha vida em Rio Claro foi na Vila Indaiá, na Avenida 22A, pertinho da Unesp, inclusive. Então esse aqui é o meu pedaço! A gente vinha para cá para pegar graveto, troncos de eucaliptos para fazer pau de sebo para o Sábado de Aleluia. Aqui não existia nada. Era mato, aqui era muito legal.

Toda minha infância foi uma infância *low tech*, não existia nada de tecnologia na minha casa, nós não tínhamos televisão. Ah, e a vida era na rua! Isso, eu tô falando de 60, da década de 60. E aí começam a surgir as preferências, os *hobbies*. Eu sempre gostei muito de empinar pipa, até hoje eu empino pipa, eu tenho 62 anos e eu empino pipa. Eu pego um domingo e vou empinar pipa.

**Eliza:** Com os filhos?

**Eduardo:** Com ou sem os filhos. Convido: quer ir? Não. Então eu vou sozinho. Eu já fui membro da Associação Americana de Empinadores de Pipa com direito a carteirinha, essas coisas. Então eu tenho este *hobbie*. Hoje também eu gosto de orquídeas, cultivo minhas orquídeas também, mas pipa é uma coisa que foi sempre presente na minha vida.

E, assim, a minha vida era muito simples, extremamente simples, mas uma coisa que depois pensando... depois de algum tempo mais para cá, comecei a lembrar da minha infância e uma coisa que começou a permear minha vida, logo que fui alfabetizado, foi a presença de livros. Eu sempre gostei muito de ler. Então eu li muito... coisa que não acontecia com meus amigos. Eu compartilhava com eles uma boa parte da minha vida de criança, mas tinha uma parte de minha vida que eu não conseguia compartilhar com eles porque eles não tinham lido os livros que eu tinha lido.

Eu recebia muito estímulo. Eu tinha uma tia que era professora primária, professora alfabetizadora. Então, ela me deu minha primeira cartilha, a Caminho Suave. Essa minha tia, como ela percebeu meu gosto pela leitura, ela me instigava, me trazia livros infantis. Li muito. Esse, eu percebia, era um território, que eu não conseguia compartilhar com meus amigos. Eles não entravam nessa parte de minha vida... o que era legal também... Isso foi determinante para minha vida. Até hoje. Leitura é uma coisa muito presente pra mim.



**Eliza:** Eduardo, você poderia nos falar um pouco sobre as escolas pelas quais você passou ao longo deste tempo, onde você fez sua graduação, e outras coisas em relação à sua formação. Gostaria que falasse, também, sobre sua atuação profissional.

**Eduardo:** Bom, a minha vida acadêmica, escolar, ela é dividida... ela é muito interessante. Ah... o meu Ginásio, o Fundamental II, ele é meio um divisor de águas. Curiosamente, este Fundamental II é a minha experiência no Vocacional. Anteriormente a isso eu tive uma vida escolar muito conturbada. Minha primeira experiência escolar foi numa época em que não se fazia muito educação infantil (estou falando de 1956, 57, 58, em Rio Claro)... Eu fiz três anos de Educação Infantil, só que era Jardim da Infância, só brincadeiras, eu não tinha nenhuma atividade ligada a uma coisa mais sistematizada, era só brincadeira mesmo. Foi na Casa de Nossa Senhora, aqui em Rio Claro. Depois fui para o Primário.

**Eliza:** Jardim da Infância dos quatro aos sete. Depois, aos sete anos, você foi para o Primário.

**Eduardo:** Sim. Eu sou do mês de junho, e as escolas públicas não aceitavam, os Grupos Escolares, não aceitavam crianças com seis anos e meio na escola, então eu teria que começar com sete anos e meio. Aí minha mãe me colocou no Ginásio Koelle que é um colégio alemão. É uma escola tradicionalíssima aqui em Rio Claro, centenária. Até hoje é uma das melhores escolas de Rio Claro. Eu fui fazer o primeiro ano nessa escola. Existiam os internos. Era famoso no Estado de São Paulo e em outros estados também. Vinham crianças de vários lugares do Brasil estudar aqui em Rio Claro, não no Primário, mas no Ginásio. Havia muito a presença de internos na escola. Existia uma divisão, os internos e os externos. Eu era externo e era da cidade. Então eu fiz um ano lá e foi o suficiente para eu entrar na escola. No segundo ano eu já fui transferido para a escola pública. Eu fui estudar no Marcelo Schmidt, que fica bem no centro da cidade.

Grupo Escolar Marcelo Schmidt, na Avenida 01, centro. Fiquei um ano naquela escola e aí mudei para o Irineu Penteadado, que é uma escola de bairro, também pública e lá eu permaneci dois anos. Então, veja: até o quarto ano primário eu havia passado por quatro escolas. Naquela época existia o Exame de Admissão<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Os Exames de Admissão foram obrigatórios nas escolas públicas no Brasil de 1939 a 1971. Muitas vezes, os alunos passavam por um ano de preparação para estes exames. Em 1931, no bojo da Reforma “Francisco Campos”, o Decreto no. 19.890, de 18 de abril de 1931, estabelecia: *Art. 18 – O*

para a escola pública. Para fazer o Ginásio tinha que passar no Exame de Admissão.

No estado de São Paulo, pelo menos era assim, existia um exame de admissão que você tinha que fazer. E eu fui fazer o que chamavam de curso preparatório, então era um ano! A minha professora de quarto ano, o último ano do primário, chegou para a minha mãe e disse “Ele está pronto para o Ginásio”, na época o Fundamental II era o Ginásio, “Ele está pronto para prestar o exame, ele vai passar, e minha mãe perguntou para mim: “Você quer prestar o exame agora ou você quer fazer um ano de preparatório?”, “Eu quero fazer um ano.” Então o que eu fiz? Depois de muitos anos, eu percebi o que aconteceu... eu fiz o meu ajuste... Minha mãe tentou ganhar um ano lá no primeiro ano me colocando na escola particular e eu inconscientemente fiz o meu ajuste... que foi aquele ano lá em que eu fiz o preparatório para o Exame de Admissão.

Naquele ano chegou em Rio Claro uma escola nova, abriu uma escola nova. As pessoas começavam a falar que era muito diferente e eu já fiquei de olho, de orelha em pé...

**Eliza:** Como você ouviu isso?

**Eduardo:** Eu tinha um primo que também tinha feito esse curso preparatório para o ginásio, para o exame de admissão. Ele fez o preparatório e passou. Então no ano em que eu estava fazendo o curso preparatório o meu primo estava no primeiro ano do Ginásio, no Vocacional, e eu trocava muita informação com ele. Ele contava muito da escola. Foi o primeiro ano do Vocacional – 1963 - aqui foi em 63 que começou. Então no final de 63 abriu a inscrição para a segunda turma do Vocacional e eu fui correndo fazer a inscrição e eu lembro que nem cheguei a fazer a inscrição para o exame do outro colégio. Porque o Vocacional tinha o processo dele, existia um processo de seleção do Vocacional e existia o Exame de Admissão de todas as outras escolas e eu nem fui fazer este exame das outras escolas. Eu falei: “Vou para o Vocacional, porque eu quero estudar lá”. Eu não sabia nem o que era, mas eu queria estudar lá...

**Eliza:** Por que você queria estudar lá?

---

*candidato à matrícula na 1ª série de estabelecimento de ensino secundário prestará exame de admissão na segunda quinzena de Fevereiro.* Iniciava-se, assim, um processo seletivo que, mesmo sofrendo alterações, persistiu durante 40 anos como o fio da navalha para o ingresso no Ginásio objeto de desejo da classe média em ascensão até a década de 1960. (SPOSITO, 1993; PESSANHA, 1994 *apud* PESSANHA; DANIEL, 2002, p. 08).

**Eduardo:** Porque era diferente. Meu primo gostava muito da escola, ele falava: “cara, é muito legal aquela escola”... eu falei: “Eu vou, eu vou! E fui fazer o exame! Nas outras escolas o exame de admissão era o exame escrito e pronto. A seleção do Vocacional foi uma coisa esquisita pra mim. Eu tive que fazer entrevista com uma mulher que me perguntava umas coisas, que eu falava, “Mas o que tem isso a ver com escola?” Ela me perguntava... “Você dorme bem?” “Durmo”... criança dorme, eu falei... “Eu durmo bem” (risos) e eu não conseguia entender. Fiz uma entrevista individual, daí fiz uma entrevista em grupo que fazia umas coisas com as crianças, umas brincadeiras. Eu dizia, “Nós estamos brincando aqui ou é exame?” Tinha também uma prova escrita. Bom, o resultado é que eu acabei passando neste exame e lá fui eu para o Vocacional que ficava do outro lado da cidade... Capitania Hereditárias! Eu lembro que no quarto ano eu tinha que decorar todas as Capitania Hereditárias e seus donatários... e eu sabia todas! Eu sabia do Pará até o Rio Grande do Sul e depois falava de trás para frente as capitania e seus donatários. No Vocacional, não precisava nada disso! Lá eles perguntavam da minha vida!... Bom! Então eu fui para o Vocacional e daí a minha vida tomou outro rumo...

**Eliza:** Então, em 1964, você entra no Vocacional.

**Eduardo:** Sim, eu fiz os quatro anos no Vocacional, aí fui fazer o Ensino Médio no Ribeiro<sup>2</sup> que era uma escola tradicional. Eu saí de uma escola que era muito legal... depois de muito tempo eu fiquei sabendo que ela se chamava escola renovada, e depois fui para o Ribeiro, que era o colegial... fui fazer o Curso Clássico. Eu sou da última turma do Curso Clássico, da época em que o Ensino Médio era dividido em Clássico, Científico e Normal. O Normal formava alfabetizadores para a Educação Fundamental I, o Científico era a turma de Exatas e Biológicas junto e o Clássico, era para as Humanas. Eu fui fazer o Clássico. Depois eu fui terminar o terceiro ano do Ensino Médio nos Estados Unidos. Ganhei uma bolsa de estudos. Fiquei sabendo, fui, fiz o exame, passei e fui terminar o Ensino Médio lá e depois eu voltei e fui fazer USP, fui fazer a Escola de Comunicações, a ECA... a minha vida entrou numa certa estabilidade. Toda a conturbação do começo da minha vida escolar foi contraposta, foi para uma coisa mais organizada...

**Eliza:** A sua transição do que chamamos hoje de Ensino Fundamental para o Ensino Médio foi uma transição tranquila?

---

<sup>2</sup> Escola Estadual Joaquim Ribeiro, situada no centro da cidade de Rio Claro. Fundada em 1926.

**Eduardo:** Não. Não exatamente. Foi um sofrimento atroz para mim. Foi um sofrimento muito grande... Porque eu saía de um ensino onde a mim me era dada voz, onde eu podia verbalizar, eu podia falar, eu podia me colocar como aluno, nós tínhamos vários momentos no Vocacional em que a gente se colocava. A gente tinha uma assembleia. Todo começo de bimestre tinha assembleia que a gente chamava de Aula Plataforma. Na Aula Plataforma os professores tinham se reunido e planejado o bimestre e colocavam diversos estímulos para a gente... Este estímulo ia de um grande painel que eles montavam com imagens, palavras, pequenos textos, até *slides*, às vezes, música, e tudo isso gerava uma discussão. Dessa assembleia participavam todos os alunos de um mesmo ano. Então, por exemplo, na Aula Plataforma da quinta série, que naquela época não se chamava quinta série, era primeira série do ginásio, todos os alunos da sexta série se reuniam num mesmo espaço, todos juntos... Eram duas turmas de vinte e poucos alunos mais os professores. A gente passava uma manhã fazendo isso: eles colocavam aquele monte de estímulos e a partir daí eles iam fomentando uma discussão a respeito das coisas que estavam neste grande mural. Essa grande assembleia terminava com a formulação de uma pergunta e quem formulava era a gente. Essa pergunta ia nos mover em todas as disciplinas ao longo de dois meses, ela ia permear todo o trabalho em todas as disciplinas. No final do bimestre nós tínhamos uma aula de síntese, onde cada grupo (porque tudo era absolutamente feito em grupo) compartilhava com o resto dos alunos daquela série tudo que ele conseguiu aprender a respeito daquele assunto nas várias disciplinas. Em outras palavras: cada grupo comunicava como ele tinha tentado responder aquela pergunta levantada na Aula Plataforma.

Eu lembro muito bem de uma Aula Plataforma da minha oitava série. Os professores tocaram na vitrolinha um compacto simples aquele disquinho. Ele tinha uma música cantada pela Elis Regina que falava algo como “*Poetas seresteiros, namorados correi. É chegada a hora de cantar as derradeiras noites de luar*” era uma música chamada Lunik <sup>3</sup>, do Gilberto Gil, que tinha sido lançada naquele ano e que falava do desalento do romântico diante da corrida espacial que levou o homem à lua. Então falava “Moçada, corre, por que está acabando o seu romantismo”. A letra da música falava isso. E nós analisamos a letra da música e tinha uma série de

---

<sup>3</sup> Letra completa da música: [http://www.gilbertogil.com.br/sec\\_disco\\_info.php?id=3&letra](http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_info.php?id=3&letra). Acesso em: 06 jun. 2014.

outros estímulos que eles davam. Tinha gráficos no painel... e daquela discussão toda saiu uma pergunta: Existe um lugar para o homem na era espacial? E daí a gente saiu pesquisando coisas. Tudo exigia muito uma participação nossa, uma participação ativa, tinha o Estudo do Meio, você tinha que ir lá pesquisar...

**Figura 1.** Aula Plataforma.



Fonte: Arquivo Pessoal de Eduardo Amos.

**Figura 2.** Aula Plataforma.



Fonte: Arquivo Pessoal de Eduardo Amos.

Pois bem, eu saio desse modelo de escola e vou para uma escola tradicional onde devo entrar na sala de aula, sentar no meu lugar e ficar quieto o tempo inteiro! Sem contar que, a minha chegada ao Ensino Médio coincide com o recrudescimento da ditadura que é 68... Em 1967, meu último ano de Ginásio, fui participar de um Estudo do Meio do Vocacional e passamos 10 dias no Rio de Janeiro. Foram dois ônibus. Os meninos ficaram alojados no Quartel da Praia Vermelha e as meninas num internato no Leblon. Fizemos muitas coisas: almoçamos no restaurante da UNE, O Calabouço<sup>4</sup> que ficou famoso porque, no ano seguinte, um estudante secundarista foi assassinado<sup>5</sup> dentro daquele restaurante, o que motivou a Passeata

<sup>4</sup> O Restaurante Central dos Estudantes, conhecido como Calabouço, foi, durante as décadas de 1950 e 60, um restaurante estudantil que oferecia comida a baixo custo para estudantes de baixa renda no Rio de Janeiro. Pela grande concentração de estudantes, era também palco de várias manifestações por melhorias na educação e contra o regime militar. Em 28 de março de 1968 ocorre o assassinato do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, paraense de 18 anos, no restaurante, episódio que marcou a resistência estudantil contra o regime militar. A morte de Edson Luís e Benedito Frazão Dutra, outro estudante, causou o fechamento definitivo do restaurante pela ditadura militar, mas também deflagrou o ciclo de manifestações populares de 1968 pela redemocratização do Brasil.

<sup>5</sup> Em 1968, o Calabouço foi o palco do primeiro homicídio de um estudante pela ditadura militar de 1964. No dia 28 de março, durante a repressão a uma passeata, a Polícia Militar invadiu o restaurante e o comandante da tropa, aspirante Aloísio Raposo, atirou e matou o estudante paraense Edson Luís, o qual cursava o segundo grau no Instituto Cooperativo de Ensino, com um tiro a queima roupa no peito. Outro estudante, Benedito Frazão Dutra, também foi ferido por um tiro no peito e levado a um hospital, onde faleceu depois de ficar vários dias em coma. Um porteiro do INPS que passava por perto também foi ferido por um tiro e morreu. Um outro cidadão, que assistia ao confronto da janela de seu escritório, ficou ferido com um tiro na boca. Os boletins de ocorrência policial da época registram que pelo menos seis pessoas ficaram feridas devido a tiros disparados por

dos Cem Mil<sup>6</sup>. Vendo tudo aquilo no ano seguinte, eu falava “Viu? Eu almocei nesse restaurante. Eu estava lá o ano passado”. Então... tinha a ver comigo, eu tinha estado naquele lugar, eu tinha vivenciado tudo aquilo, só que eu não podia falar sobre aquilo, não tinha espaço na escola para falar. O Vocacional tinha me jogado no mundo e a escola tradicional agora me confinava numa cela, por que a sala de aula era uma cela para mim naquele momento. Então, foi um sofrimento muito grande, muito grande, foi um choque muito grande. Eles me prepararam para um mundo e quando eu saio daquela escola eu não podia usar nada daquilo que eu havia construído ao longo de quatro anos do Vocacional. Essa coisa de falar, de falar em público, eu não tinha medo porque eu passei quatro anos fazendo apresentação de grupo, sendo relator da equipe, eu redigia coisas, é rmaos muito participativos... O Vocacional era uma efervescência!

Eu fui para o Joaquim Ribeiro e, é obvio que vindo do Vocacional, eu fui eleito presidente do grêmio e daí um dia eu estou no grêmio e apareceu um cartaz sobre um exame para bolsa de estudos para fazer o 3º Colegial nos EUA e eu fui sem muito interesse e acabei passando. De Rio Claro o único que passou fui eu. Assim, sou tirado da metade do 3º Ano do Colegial e vou para os EUA e começo de novo o 3º Ano lá (o ano letivo lá começa em setembro). E eu tive que dar conta de todas as matérias do 3º Ano. Eu tive que “dar conta”, numa escola, numa comunidade, num país onde se fala o inglês e eu só tinha o meu inglês de escola pública, nunca tinha tido uma única aula particular, lá tive muita ajuda dos meus amigos, da minha família americana, os professores foram muito solícitos, ajudavam muito, relevavam muito. Eu não conseguia produzir um texto escrito, fazer um relatório. Por exemplo, eu me lembro na aula de literatura americana: o professor dava como tarefa para a semana que vem ler um texto de 12 páginas... e ele ficava feliz de me ver lendo três ou quatro páginas... era o que eu conseguia produzir, neste ponto foi muito interessante.

---

policiais durante a invasão. Com medo de que os policiais desaparecessem com o corpo de Edson Luís, os estudantes o levaram até a Assembleia Legislativa do então Estado da Guanabara, onde foi feita a sua autópsia e posterior velório. A morte de Edson Luís e Benedito Frazão Dutra causou o fechamento definitivo do restaurante Calabouço pela ditadura militar, mas também deflagrou o ciclo de manifestações populares de 1968 pela redemocratização do Brasil. **Fonte:** <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Restaurante\\_Calabou%C3%A7o&action=edit&section=3](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Restaurante_Calabou%C3%A7o&action=edit&section=3)>. Acesso em: 18 out. 2014.

<sup>6</sup> A Passeata dos Cem Mil foi uma manifestação popular contra a Ditadura Militar no Brasil. Organizada pelo movimento estudantil, ocorreu em 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, e contou com a participação de artistas, intelectuais, trabalhadores, jornalistas e outros setores da sociedade brasileira.

Essa experiência também marcou muito minha vida porque mudou minha trajetória sem saber, sem eu ter a intenção de mudar. Por quê? Porque eu aprendi essa outra língua e quando eu voltei para o Brasil eu sabia que iria estudar em São Paulo, porque eu sou da geração que tinha de sair de Rio Claro para estudar porque não tinha muitas opções de cursos na faculdade em Rio Claro. Até tinha uma faculdade, mas não atendia às minhas expectativas. Então eu teria que ir ou para a PUC de Campinas ou para São Paulo. Como eu queria fazer teatro tinha que ser São Paulo, a ECA. Então fui para a ECA, e eu tinha que me custear em São Paulo porque minha família não tinha meios de me manter em São Paulo. Eu teria que trabalhar, a única coisa que eu sabia fazer na vida era falar inglês, eu não sabia dar aula ainda, eu sabia falar, eu sabia ler em inglês e escrever, então eu falei: “Vou sobreviver dando umas aulinhas de inglês”. Mas daí a vida me pregou uma peça daquelas. Comecei a dar aulas por absoluta necessidade de ganhar dinheiro, mas depois de três meses eu descobri que adorava dar aulas de inglês! Só que daí percebi outra coisa: os meus colegas professores da escola em que eu estava dando aula, a maioria tinha feito PUC e essas coisas, eles falavam uma língua que eu não entendia que era o “*pedagogês*”. Na reunião de professores eu ficava quietinho num canto, só observando. Eles falavam uma linguagem codificada, tudo cifrado, e comecei a pedir para eles me emprestarem os livros deles. Para encurtar a história, três anos depois eu era coordenador pedagógico da escola de tanto que eu adorava fazer aquilo. E continuei o meu trabalho.

Fiz a ECA e continuei trabalhando com o inglês, depois fiz o exame que permitia fazer as matérias pedagógicas. Eu já tinha prestado o exame de proficiência, então eu tinha o título de proficiência da Universidade de Michigan. Isso me permitia fazer as matérias pedagógicas, com isso eu peguei uma carteira de professor especialista do MEC, fiz o exame de revalidação e com isso podia dar aula em escola regular - ginásio, colégio. Daí eu sai das escolas de línguas e fui para os colégios regulares... fui dar aula de inglês. Virei professor de inglês. Quando terminei a ECA, eu dava aulas de inglês e de teatro! Cheguei a ter minha própria companhia de teatro. Um dia estava na sala dos professores num colégio em SP e recebi um convite de uma editora. Eles precisavam de um livro de inglês para o Ensino Médio. Eu falei: “Não tenho a menor ideia do que é escrever um livro de inglês para o Ensino Médio! Vamos tentar!” Junto com mais dois amigos, começamos a estudar todos os livros que existiam no mercado e fomos escrever o livro para aquela

editora. Fizemos três livros, um para cada ano do Ensino Médio. O livro foi publicado em 1981 e quando saiu fez *boom!* E levamos o maior susto! A gente estava virando escritor. Eu lembro até hoje: fui passar o verão de 1982 em Fortaleza e entrei em uma livraria do Centro, era janeiro, época da moçada comprar livro didático. Entrei numa livraria do centro da cidade e havia uma pilha do livro meu lá e os alunos comprando. Eu estava de chinelo havaiana, bermuda e camiseta e eu não tinha coragem de falar: “Sabe quem é o autor deste livro?” (risos)

Mas foi assim. Foi um sucesso muito grande e a editora nos convidou, logo em seguida, para escrever uma coleção de livros para o Fundamental II. O livro foi lançado em 85 e quando saiu fez um *boom* ainda maior. Daí a coisa começou a assustar. Era uma atividade que não estava no meu radar ou no radar da minha vida nem nos meus sonhos mais doces. Nunca sonhei, nunca imaginei que eu ia me dedicar ao livro. Naquela época, a gente escrevia em máquina de escrever, a minha pesquisa tinha que ser feita em biblioteca! Ou eu ia para a biblioteca do Consulado Americano, ou da União Cultural Brasil - Estados Unidos que é uma biblioteca maravilhosa, ou eu viajava para os EUA para fazer pesquisa lá para os meus livros. Então começou a ficar muito sério essa coisa de escrever livros e assim foi até que no Dia das Mães de 91 eu tive que me despedir do palco. Foi meu último espetáculo no palco. Dia das Mães, em 1991. Estava em Curitiba com a Companhia, já estava programada a minha saída, então eu me despedi. Passei a minha parte da Companhia para o meu grande companheiro de teatro que é o Marco, Marco Lima, e fui me dedicar só aos livros. Daí, o livro tomou todo o meu espaço de vida e desde 91 é o meu trabalho, até hoje, 2014. Estou, esta semana, começando um projeto novo de Ensino Fundamental II que está tomando todo o tempo da minha vida.

Tenho livros publicados pela Editora Moderna. A Editora Moderna tem um selo chamado *Richmond*, o selo *Richmond* é o selo de inglês da Editora Moderna e lá tenho a maioria dos meus livros de Fundamental I e II e Ensino Médio. Tenho também uma coleção de livros para o Fundamental II publicado na Inglaterra. Esse livro tem uma versão mundial, que é vendido em vários lugares do mundo, tem uma versão para o Brasil, tem uma versão para o mercado coreano, asiático, tem uma versão para o mercado do oriente médio e outra versão para o mercado português.

A partir da nossa experiência como autor de livro didático comecei a transformar algumas pequenas histórias que escrevia para os alunos que fazia com o mimeógrafo a álcool. Eu criava historinhas e escrevia, e dava para os alunos. Um



dia levamos aquelas histórias para a editora e acabaram virando livro paradidático. Desde então, escrevi uns 40 ou 50 títulos de livros paradidáticos. Temos também um livro publicado na Inglaterra pela Editora *Penguin*<sup>7</sup>, que é uma referência na publicação de paradidáticos.

**Eliza:** Então, completamente inesperado, fora da planilha, você percebe?

**Eduardo:** Assim, o meu processo de seleção da bolsa para estudar nos Estados Unidos, o sucesso desse processo eu devo ao meu ensino no Vocacional que me deu aquela experiência de enfrentar e me colocar no grupo.

**Eliza:** Você foi o único de Rio Claro?

**Eduardo:** O único que passou. Fui o único do Vocacional que participou do processo de seleção também, a maioria eram meus colegas do Joaquim Ribeiro. Entrei no Vocacional em 64 e me formei em 1967. Sinto que eu peguei uma fase muito boa do Vocacional de Rio Claro.

**Eliza:** Por que em 68 as coisas começam a ficar mais difíceis...

**Eduardo:** Politicamente o Brasil passou por um aperto muito grande em 68. As crises internas do sistema Vocacional se acirraram violentamente a partir de 68, e em 69 ele foi extinto. Eu peguei a segunda turma do Vocacional de Rio Claro e assim tive uma experiência... Na verdade, todas as turmas que passaram pelo Vocacional de Rio Claro tiveram experiências muito diferentes umas das outras. Por exemplo, a primeira turma do Vocacional de Rio Claro estudou dois anos no prédio de um Grupo Escolar. Naquela época, chamava-se Grupo Escolar da Vila Operária<sup>8</sup> ao lado da Igreja São Judas Tadeu. Era uma coisa altamente improvisada, muito acanhada, era um Grupo Escolar que funcionava junto com o ginásio. Era o Vocacional partilhando o mesmo espaço com uma outra escola, um espaço inadequado para sua proposta. A primeira turma estudou dois anos lá e dois anos no Casarão do Horto Florestal<sup>9</sup>. A minha turma estudou um ano lá na Vila Operária e

<sup>7</sup> Penguin Books é uma editora britânica fundada em 1935 por Allen Lane.

<sup>8</sup> Atualmente Escola Estadual Monsenhor Martins, localizada Avenida 36, n. 717- Vila Operária- Rio Claro-SP.

<sup>9</sup> No final do século XIX, havia uma escassez de matéria-prima para manutenção e construção de ferrovias. Com o intuito de suprir a demanda de madeira para dormentes e carvão, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro criou Hortos Florestais, entre eles, o Horto Florestal Edmundo Navarro de Andrade, na cidade de Rio Claro, em homenagem a Edmundo Navarro de Andrade que, em 1914, trouxe da Austrália 144 espécies de eucalipto. O Horto Florestal de Rio Claro foi criado em 1909. Andrade teve sua residência no Horto, fazendo do local centro de diversas pesquisas sobre o eucalipto, onde foram arquivados os resultados de seus trabalhos, dando origem ao Museu do Eucalipto. **Fonte:** <<http://www.visitierioclaro.com.br/interna.php?idm=10&coract=1&mat=30>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

três anos no Casarão do Horto. A experiência, o funcionamento do Vocacional de Rio Claro no Horto Florestal era mais adequado do que na Vila Operária, mas era extremamente improvisada, tudo era improvisado, absolutamente tudo! Porque era um casarão de fazenda que foi cedido pela Companhia Paulista. Para que o casarão pudesse funcionar como escola, tudo teve de ser adaptado, improvisado. Por exemplo, o laboratório de Ciências foi instalado dentro da cozinha do casarão porque tinha pia. Artes Industriais tinha que ter oficina de madeira, oficina de serralheria, oficina de mecânica, então para essa parte de oficinas, foi construído um barracão ao lado. A nossa aula de Educação Doméstica ocupou uma casa de funcionários do horto que existia ao lado do casarão. Era uma casa normal, tinha sala, cozinha, banheiro, e ali nos tínhamos a aula de Educação Doméstica, onde aprendíamos cozinhar, passar roupa, princípios de higiene.

**Eliza:** Nutrição, como colocar a mesa, isto eu li nos documentos do Cedic<sup>10</sup>. Vocês montavam a mesa, definiam o cardápio, a forma de se comportar à mesa.

**Eduardo:** Aprender a comer com garfo e faca, coisa que os nossos pais não ensinavam! Aprendi a passar roupa, a costurar, a pregar botão, a fazer barra em calças, que eu faço até hoje. Essas coisas todas!

Entrávamos as 7h30m da manhã e saíamos 3h30m da tarde. Não, 3h30m da tarde terminavam as aulas, 5 horas da tarde a gente era enxotado da escola porque não íamos embora! Você acha que eu queria ir para a coisa chata da minha casa, sendo que ali, eu era acolhido, ali eu tinha voz, ali eu tinha meus amigos? Eu queria ficar naquele espaço.

Uma coisa que me tocou muito, sempre. Eu sou muito espacial, eu tenho uma noção de espaço muito interessante. Assim... gosto dessa coisa... eu percebi (o caminho do casarão do horto era uma casa cercada de jardins) que eu nunca sabia dizer onde terminava a escola e onde começava a floresta do horto. Não tinha um território delimitado, “olha até aqui é a escola, daqui pra lá é o horto”. Não tinha cerca! Então a gente tinha, por exemplo, o casarão, daí tinha o barracão de Artes Industriais, tinha um caminhozinho, uma subidinha, tinha outro barracão de alvenaria de Artes Industriais que era de madeira, e ali era a Educação Física, um pouquinho

---

<sup>10</sup> Cedic-PUC-SP: Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro Reis Filho”. “O Cedic, em meados de 1992, foi procurado pela educadora e ex-coordenadora do SEV, Maria Nilde Mascellani, e escolhido como local de guarda permanente do arquivo que tanto preservou.” **Fonte:** Memória da Educação Serviço de Ensino Público Vocacional do Estado de São Paulo e Ginásios Vocacionais. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/cedic/memoria\\_educacao/root/apresentacao.html](http://www.pucsp.br/cedic/memoria_educacao/root/apresentacao.html)>. Acesso em: 19 out. 2014.

acima da Educação Física tinha a oficina de manutenção dos caminhões da Companhia Paulista. A gente não sabia onde terminava o terreno da oficina e onde começava a escola. Outro detalhe: além de não ter muros, a escola nunca teve placa. Toda escola tem uma placa informando: Escola Estadual... blá blá blá blá. O Vocacional não tinha placa de nome, a minha escola era uma escola, mas não tinha uma placa indicativa! E outra coisa: como eu morava na Vila Alemã, aqui perto da Unesp, ia a pé e chegava pelos fundos da escola. Eu entrava pelo quintal do casarão, já o pessoal que morava na cidade entrava por outro lado, pela frente da escola e tinha um pessoal que chegava por outro caminho também, então era uma experiência totalmente diferente de espaço! Essa coisa de não saber o limite era muito interessante para mim, de cada um entrar por um lado.

E tinha a questão do tempo também. O tempo. Assim, onde está o aprender? Qual é a hora de aprender? É apenas a hora da sala de aula? Não. Não necessariamente. Eu tive algumas experiências muito interessantes. Por exemplo, a maioria dos nossos professores do Vocacional eram “de fora”, pessoas muito jovens, na faixa de 20 a 30 anos. Tinha um ou outro, um pouco mais velho, mas a maioria era nessa faixa.

Eles eram muito jovens e moravam em república de professores aqui, se juntavam em dois, três, quatro e moravam num apartamento, numa casa, aqui da cidade e, às vezes, eles passavam o domingo aqui na cidade longe da família. Então, o que acontecia, muitas vezes? Os alunos convidavam os professores para almoçar na casa deles. Eu me lembro de uma dessas visitas. Era um domingo. Nós convidamos a professora de Estudos Sociais, Professora Toninha<sup>11</sup>, que era de Catanduva, para almoçar na nossa casa e ela veio de manhã e almoçou com a gente. No almoço ela começou a contar sobre a vida dela. Ela contou que todos os anos fazia uma grande viagem. Acabou contando da viagem que tinha feito no ano anterior para Bariloche. Saiu de Buenos Aires e foi para Bariloche, de trem. Ela falou do trem, da chegada dela em Bariloche, da cidade de Bariloche, onde estavam as coisas, onde existiam as coisas, e isso me impregnou de tal maneira que na primeira oportunidade que eu tive de ir para a Argentina, fui para Bariloche! De trem! Quando cheguei à estação eu sabia onde estavam as coisas e fiquei arrepiado.

---

<sup>11</sup> Nome completo da Profa. Toninha é Antonia Mathilde Domingues (Professora de Estudos Sociais).

Daí caiu a ficha: o que é o aprender? É a sala de aula? Era a aula de Estudos Sociais que a D. Toninha ensinava ou também era o almoço na minha casa? Então existia um compartilhar desse tempo que ia além do território temporal e espacial da escola. Até tinha um sinal na escola, mas o sinal era simplesmente para dizer que uma aula tinha acabado e que outra ia começar... só para recortar o tempo... mas não é que o processo parava ali. Por exemplo, a gente saía da escola e, às vezes, ia à noite para a casa dos professores. Passava o dia inteiro com eles e à noite ia para a casa deles estudar, trocar ideias, ajudar num projeto. Eles abriam as casas e recebiam a gente! Lógico que isto era mal visto pela sociedade, não “pegava bem” em Rio Claro. Rio Claro é uma cidade extremamente conservadora, muito conservadora. O Vocacional não era bem visto na cidade. Ele sempre foi uma escola marginal até geograficamente. Veja você, no início dos anos 1960, mancha urbana de Rio Claro, quer dizer, o asfalto, chegava até a Avenida 38. O Grupo Escolar da Vila Operária ficava na Avenida 40 e já era terra, terra. O Horto, então, ficava fora da mancha urbana, lá na periferia. Posso dizer que era uma escola marginalizada geograficamente. Só depois, em 1968, é que a escola se muda para o prédio próprio na Rua Dois entre as avenidas 34 e 40.

A gente tinha esta percepção: que éramos marginalizados. Mas, por outro lado, a gente tinha certeza absoluta que nós éramos os melhores. Nós éramos os melhores! Por exemplo, a cidade aguardava com expectativa o Desfile de 24 de Junho que é o dia do aniversário da cidade e o Desfile de Sete de Setembro para ver o que o Vocacional ia mostrar. E os nossos desfiles eram muito criativos. Daí juntava o pessoal de Artes Industriais com Artes Plásticas e saía umas coisas muito legais. Eu lembro que teve um desfile no dia da cidade em que Artes Industriais, junto com Educação Artística e Artes Plásticas, fez uma maquete do obelisco que existe na Praça da Liberdade em Rio Claro. Bem no centro da praça tem um obelisco. O obelisco foi reproduzido em madeira, e quando estava bem na frente do palanque das autoridades, o obelisco abriu e saíam pombas brancas voando. Nunca a cidade tinha visto aquilo! Meninos de ginásio fazendo aquilo! Então o Vocacional tinha essa coisa. Ao mesmo tempo em que ele era excluído, ele era olhado com muito respeito, era uma coisa de amor e ódio, uma coisa de amor e ódio, na verdade, em relação à escola que era uma escola diferenciada. A gente estudava o dia inteiro, almoçava na escola, junto com os professores, nas mesmas mesas.

**Eliza:** E misturavam todas as classes sociais?

**Eduardo:** Eu não tinha essa percepção, mas eu sabia. Eu estudava com o filho de um importante médico da cidade, com o filho de pessoas da família Cartolano, com o Quinco<sup>12</sup> que era uma família tradicionalíssima na cidade! Família Penteado! Inclusive pelas pesquisas que fiz, eles tinham uma associação de pais que ajudavam os alunos que não podiam com os materiais da escola.

**Eliza:** Todas as famílias ajudavam de acordo com o que podiam?

**Eduardo:** Sim, nós fazíamos a campanha da cadeira todo ano, as famílias doavam cadeiras. Havia a participação da família o tempo inteiro. A quermesse do Vocacional, para levantar fundos para estudo do meio tinha a participação total das mães. Minha mãe, nos quatro anos em que estudei no Vocacional ia para a quermesse fritar e vender mandioca. Havia um vínculo muito grande com a família.

**Eliza:** Com a comunidade e com a família?

**Eduardo:** Nós tínhamos várias atividades em que os alunos eram colocados em contato com a comunidade. Por exemplo, tínhamos os projetos, (uma das atividades chamava-se Projetos). Às quartas-feiras à tarde. A partir deste horário os alunos se dividiam não pela sua classe de origem, mas pelo projeto. O professor de Português tinha um projeto, o professor de História tinha outro. No início do ano os professores apresentavam seus projetos e os alunos se inscreviam independente da sua série, do seu ano, da sua classe. Eu podia estar num projeto que tinha aluno de outras séries, mais velhos e mais novos.

**Eliza:** E estes projetos envolviam a comunidade?

**Eduardo:** Então, um dos projetos de que participei foi o projeto que tinha a professora de Artes Plásticas como orientadora e a gente levava material de artes para a praça pública no domingo de manhã, para crianças bem pequenininhas, de 4, 5 anos, pintar. Uma atividade lúdica de artes na praça principal da cidade. Levávamos tinta, pincéis, papel, colocava no chão e as crianças iam chegando, iam pintando, levavam para casa, eu passava a manhã com essas crianças ali. Daí, claro, perguntavam: “Domingo que vem vai ter?” “Não, mas no mês que vem vai ter.” Então todo mês tinha aquele dia em que a gente fazia esta atividade.

**Eliza:** Conte um pouco sobre as particularidades da estrutura física do Vocacional aqui de Rio Claro.

---

<sup>12</sup> O nome completo do Quinco é Francisco Penteado Neto.

**Eduardo:** Então, eu me lembro de que tudo era muito precário no casarão. Era tudo muito improvisado, como eu te falei, a aula de ciências era na cozinha.

**Eliza:** Isso contribuía ou não contribuía?

**Eduardo:** Eu acho que isso era um fator determinante! Quando eu vi a proposta do CEU<sup>13</sup> em São Paulo da Marta Suplicy<sup>14</sup>... ela ia construir uma escola faraônica e eu tinha passado pelo casarão do Horto. Ficava muito claro que não é por aí, não é pelo ambiente físico que você constrói um projeto pedagógico. É o projeto pedagógico que pode acontecer num projeto faraônico, mas que também pode acontecer num casarão improvisado! A aula de Educação Física, por exemplo, eu me lembro de fazer o aquecimento para a aula correndo nas margens do ribeirão. Tinha uma ponte ali, a gente corria e nas manhãs de inverno, eu lembro, saía uma fumaça da água do ribeirão. Veja: eu não preciso de uma quadra de tartan<sup>15</sup>, de uma pista de atletismo de última geração, o tênis x, y, z. A gente corria no barro, a gente corria no meio da mata. Então não é um edifício bonito que faz uma escola.

**Eliza:** Existia alguma particularidade no funcionamento cotidiano dos vocacionais em comparação aos outros estabelecimentos de ensino da época, o que ele tinha de diferente?

**Eduardo:** Tudo! A organização do espaço por exemplo. Se você compara o Vocacional e o Ribeiro ou o Batista Leme<sup>16</sup>, que era a escola da época, uma grande escola aqui. O Ribeiro era um grande colégio central. Naquele mesmo ano, um aluno que estava na sétima série no Ribeiro tinha a sala dele, a sala da sétima A, a

---

<sup>13</sup> O Centro Educacional Unificado (CEU) é um complexo educacional, esportivo e cultural caracterizado como espaço público múltiplo. A cidade de São Paulo conta hoje com 45 CEUs e o Centro de Convivência Educativo e Cultural de Heliópolis. Os CEUs possuem: 01 Centro de Educação Infantil (CEI) para crianças de zero a três anos, 01 Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) para alunos de quatro e cinco anos, 01 Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF), que também oferece Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Todas as unidades são equipadas com quadra poliesportiva, teatro, playground, piscinas, biblioteca, telecentro e espaços para oficinas, ateliês e reuniões. Os espaços são abertos à comunidade, inclusive aos finais de semana. Com programação variada para todas as idades, os CEUs garantem aos moradores dos bairros mais afastados acesso a equipamentos públicos de lazer, cultura, tecnologia e práticas esportivas, contribuindo com o desenvolvimento das comunidades locais. **Fonte:** Portal da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Anonimo/CEU/apresentacao.aspx>>. Acesso em: 19 out. 2014.

<sup>14</sup> Marta Teresa Smith de Vasconcellos Suplicy, foi eleita, em 2000, prefeita da cidade de São Paulo. Criou os Centros Educacionais Unificados (CEU), estabelecimentos educacionais de grande porte com serviços e atividades extra-curriculares (teatro, piscina, creche, quadras poliesportivas), localizados em áreas carentes da cidade, o que foi uma das bandeiras de sua administração. **Fonte:** Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Marta\\_Suplicy](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_Suplicy)>. Acesso em: 19 out. 2014.

<sup>15</sup> Superfície constituída por uma ou mais camadas de borracha granulada misturada com aglutinante poliuretano usada em revestimentos de quadras poliesportivas.

<sup>16</sup> Escola Estadual João Batista Leme - Avenida Brasil, 182 - Rio Claro/SP.

sala da sétima B, a sala da sétima C. No Vocacional o aluno não tinha sala. Se eu ia ter aula de Português ia para a “aula” de Português, para a sala de Português, saía da sala de Português e eu ia para sala de Artes Plásticas!

**Eliza:** Vocês tinham Educação Musical também?

**Eduardo:** No sótão do casarão tinha aula de Música, e daí eu aprendi uma etiqueta. Qual é a regra para subir uma escada? Quem sobe primeiro o homem ou a mulher? E quem desce primeiro: o homem ou a mulher? Eu aprendi essa aula de etiqueta indo para aula de Educação Musical. O homem sobe primeiro e a mulher desce primeiro. Porque se a mulher desce primeiro ela está de vestido, de saia e eu vou ver tudo! Nós tínhamos as escadas para subir, então primeiro iam todos os meninos...

**Eliza:** Vocês obedeciam?

**Eduardo:** Opa!!! Regra é regra!!! E o legal da regra é cumprir a regra!

**Eliza:** Vocês criavam as regras?

**Eduardo:** Essa era uma regra de etiqueta que aprendemos. Agora, muito das regras do funcionamento da escola eram discutidas. Por exemplo: nós saímos muito. Nós fazíamos muito estudo do meio. Então, imagina você sair com quarenta crianças de sexta série para pegar um trem na estação e ir para São Paulo. Enfiar 40 moleques num vagão de trem! Num trem tem gente passando! É público. Como é que você vai segurar 40 crianças? Então, o que você faz? Antes do Estudo do Meio nós construíamos o Código de Atitudes, em que se discutia situação por situação. Num trem ou na plataforma esperando o trem que atitudes são desejadas? Ah, você não pode correr na plataforma, mas por que não pode correr na plataforma? Primeiro, porque é perigoso, você pode escorregar e cair. Então, no trem, o que é esperado de mim? Quando fizemos um Estudo do Meio para São Paulo e Santos, ficamos alojados no DEF, Departamento de Educação Física, na Água Branca, um prédio com quatro andares para alojamentos de atletas. Ficamos num alojamento, e as meninas num outro alojamento. Então discutimos que atitudes eram esperadas no alojamento? Nos deslocamentos na cidade de São Paulo, quais eram as atitudes adequadas? Então nós construíamos o código das atitudes a partir das situações que iríamos vivenciar. Depois nós fazíamos o balanço do dia: como é que foi? Quem respeitou, quem desrespeitou o código? Qual é a sanção?

Você constrói junto e você cobra junto! Não é uma coisa imposta: “Não pode fazer isso” Isso foi construído, isso foi um consenso, nós chegamos à conclusão que

pode isso, por quê? Por isso, isso, isso. Então, era muito clara a questão da regra, já que era uma coisa construída.

**Eliza:** Eu vi num vídeo sobre os Vocacionais, num depoimento, que certa vez, sumiu um microscópio de uma das escolas, não me lembro em qual dos colégios, mas lembro como foi o procedimento em relação a isso: pediu-se que a pessoa se manifestasse, e que, se a pessoa se manifestasse, em particular, ela não teria uma punição, uma sanção maior.

**Eduardo:** Por que ele assumiu a responsabilidade! O que era muito trabalhado era a questão de assumir responsabilidade pelos seus atos. Eu lembro, até hoje: eu estava na quinta série. Houve uma palestra do juiz de direito de Rio Claro que foi para a escola contar como era o processo de eleição, como funcionava o sistema brasileiro, e ele era um senhor muito gentil, era muito amigo do Vocacional. Acontece que ele tinha uma mancha do tipo do Gorbachev, aquela mancha bem no meio da testa. Eu estava sentado num lugar em que batia sol. Então descobri que tinha nas mãos um pequeno objeto que refletia a luz do sol - uma pequena bolinha de luz. Você não vai acreditar, mas eu botei aquela bolinha bem na mancha dele. (risos...) e os alunos... Ninguém riu... mas ficou lá (a mancha) um tempo...

No dia seguinte, discussão na escola! Qual é o respeito que a gente deve ter com o nosso visitante, que se dispôs a vir falar pra gente, a ensinar uma coisa que é importante? Criou uma situação e daí a pessoa que tinha feito aquilo tinha que se colocar. Tinha que saber quem é que tinha feito aquilo. Se a pessoa se colocasse e se assumisse ela podia não ter uma sanção muito pesada. Se não assumisse, eles iam descobrir de qualquer maneira, por A ou por B, iam descobrir... no final da tarde eu fui na sala de orientação educacional falar com a Dona Nobuko<sup>17</sup>. Falei “olha fui eu que fiz, tal”... Foi um momento muito difícil para mim.

Uma palavra, que fazia parte de nosso cotidiano e acabou por fazer parte do meu cotidiano quando saí do Vocacional, é atitude. O tempo inteiro se falava em atitude, atitude assim no sentido de comportamento.

**Eliza:** Vocês eram muito adultos.

**Eduardo:** A gente era tratado como tal. Então, assim, o professor vai dar uma aula debaixo da árvore, fora da sala de aula, embaixo de uma árvore, (até eu posso

---

<sup>17</sup> Nokuko Kawashita. Orientadora Educacional – trabalhou no Vocacional de Rio Claro de 1965 a 1969.



te mandar essa foto), a professora está sentada, os alunos estão embaixo da árvore assim em volta e você vê um pé, o cara tá em cima do galho da árvore!

**Figura 3.** Aula sendo dada embaixo de uma árvore. Ao fundo, um vagão de trem transformado em sala de aula.



**Fonte:** Arquivo Pessoal do ex-aluno Eduardo Amos.

**Eliza:** Como era isso? Podia?

**Eduardo:** Podia e era, era para ser assim. Então eu tinha tudo para me desconcentrar, tudo para chamar a atenção para fora, mas o legal era concentrar! O bom era isso! Mas, antes de sair, trabalhava-se a questão da atitude e a gente ia para fora estudar!

**Eliza:** As aulas tinham que ser “especiais”, porque se não, não concentrava, ou não?

**Eduardo:** Era troca o tempo inteiro! Aula era assim: o professor joga um problema e se virem! Lembra-se da pergunta inicial do bimestre? Isto era trabalhado!

**Eliza:** E ficava embaixo da árvore discutindo alguma coisa?

**Eduardo:** Lia um texto, discutia e tudo era feito em grupo: “Então, nosso, grupo pensa isso...” e aí tinha o relator do grupo!

**Figura 4.** Uma professora dá uma aula ao ar livre no Ginásio Vocacional de Rio Claro localizado no Horto Florestal.



**Fonte:** Arquivo Pessoal do ex-aluno Eduardo Amos.

**Eliza:** Segundo seu ponto de vista, a intenção dos Vocacionais chegou a provocar as transformações esperadas? Quais eram essas transformações? E onde você se apoia para chegar a estas conclusões?

**Eduardo:** Individualmente, nas pessoas? É assim: eu vejo em alguns colegas meus, na postura de vida de algumas pessoas, o que fica, o que foi introjetado, o que foi internalizado é a própria vivência do cotidiano. Mais do que o falar, o bla, bla, blá, é a vivência do cotidiano, depois de 4 anos, que acaba introjetando em você determinadas atitudes de vida.

**Eliza:** Seria o que “mais fica”? O conhecimento fica, mas além do conhecimento...

**Eduardo:** Mais do que isso, porque o conhecimento você teria tanto aqui quanto ali. O que mais fica é essa questão de atitude que pode causar uma transformação nessas pessoas que passaram por esta experiência.

**Eliza:** Você percebe essas coisas entre os seus colegas ou não, ou é apenas algo que estou falando aqui, sem sentido.

Existe uma coisa: Só quem passou pelo Vocacional é legal? Não! Pelo contrário, tem gente maravilhosa no mundo todo aí, mas existe alguma coisa que marca essas pessoas. Quem passou por esta experiência percebe. Vou te dar dois exemplos. Eu, como autor de livros, preciso de ilustradores e trabalho com muitos

ilustradores. Como eu escrevi muitos livros, às vezes um livro didático, num mesmo volume de um livro didático, preciso de quatro ou cinco ilustradores diferentes. A editora sempre me apresenta vários. Um dia escolhi um ilustrador para fazer a capa de um dos meus livros. Eu fui ao ateliê daquele ilustrador. Eu sou o tipo de autor que vai até o ateliê e converso com o ilustrador, eu não fico só: “Me tragam”. Eu vou atrás, eu quero saber quem é esse cara. Daí, ligo para ele e digo: “Olha, você tá fazendo um livro pra mim. Posso ir ao seu ateliê? Daí eu vou lá e converso e tal. Esse ilustrador tinha como pseudônimo Rocco<sup>18</sup>. Era conhecido como Rocco. E o Rocco foi fazer uma capa de livro pra mim. Adorei a capa do livro que ele “bolou”. Tinha um espírito legal a capa. Fui embora, mas ficou uma coisa, “que cara legal, bicho!” Bateu! Sabe, dá aquela sintonia... Daí eu precisava de um paradidático, aí eu falei: “quero para esse paradidático o Rocco, não me apresentem outro, é o Rocco!” Fui falar com o Rocco de novo, para fazer o *briefing*. Quero nesta página, uma ilustração assim, e esse personagem, a menina tem que ter tais traços e começamos a conversar e aos poucos começa uma afinidade muito grande com ele, e daí quando nós começamos a conversar, num certo momento a pauta profissional acabou, daí entramos na pauta pessoal, “Ah, de onde você é? Eu sou de Rio Claro”, e ele, “Eu sou de Barretos”, parará... e, para encurtar a história: o Rocco tinha feito o Vocacional de Barretos e eu o Vocacional de Rio Claro! Ah! Eu sabia que aquele cara tinha uma marca diferente, de todo aquele elenco de ilustradores, eu não consigo colocar em palavras o que esse cara tem, mas eu reconheço nele alguma coisa diferente.

**Eliza:** Você poderia falar sobre o contexto histórico da época? No período de existência dos Vocacionais, o Brasil atravessava um momento histórico político bastante particular. Você acha que os Vocacionais foram influenciados, ou eram tocados de alguma forma por isso, você percebia isso naquela época? Ou foi perceber depois? Você poderia descrever algumas dessas percepções ou algum acontecimento que acaba caracterizando este momento político?

**Eduardo:** Bom... eu vejo dois momentos, duas lentes aí: uma é a lente da situação brasileira, a ditadura recrudescendo na medida que a gente ia caminhando, principalmente no ano de 67, pra mim, primeiro porque é o ano em que eu estava mais amadurecido, já final do ginásio. A temática, o currículo do Vocacional era um

---

<sup>18</sup> O nome completo do Rocco: Osney Furtado da Rocha.

currículo em círculos que se abriam, então todo o foco do 1º. ano do Fundamental II: escola, comunidade, família e a cidade. 2º. Ano: estado de São Paulo, 3º. Ano: Brasil, 4º. Ano: O mundo. Então, no último ano os nossos enfoques eram mundiais, planetários. Nós tínhamos aula de Estudos Sociais que era dada por dois professores ao mesmo tempo: professor que tinha formação em Geografia e professor com formação em História. Os dois na mesma aula naquele momento trabalhando questões de educação. Uma das coisas que estávamos estudando era a questão do Oriente Médio e a gente ouvia o rádio de pilha, colocado na janela, dando notícias do Oriente Médio. A gente pegava a notícia naquele momento e comparava aquela notícia com o artigo de jornal que havia sido publicado pelo Estadão ou pela Folha. A gente estava fazendo parte daquilo! Era o mundo entrando na nossa sala de aula por um radinho de pilha! Entrando pela janela, porque ele pegava melhor na janela, com a anteninha para fora. Essa era uma vivência de trazer o mundo lá de fora, do Oriente Médio, prá cá! Enquanto isso, provavelmente no Colégio Ribeiro, os alunos daquele ano estavam estudando a Idade Média, ou os gregos. A *Internet* é novidade? Não sei, eu estudava ouvindo o radinho de pilha e a notícia, ali, na hora. Essa é uma lente. A outra é a que se entrecruzava com a realidade brasileira.

**Eliza:** E era discutida?

**Eduardo:** Era, o tempo inteiro! Só que tem o seguinte: não existia, pelo menos pela leitura que eu faço, não existia uma doutrinação. Eu nunca consegui fazer essa leitura de que eu estava sendo doutrinado, eu não me senti doutrinado, apresentavam-se todas as questões. Tanto é que, não lembro, eu não tenho lembrança de professor colocar: isso é ruim, isso é bom. Não existia aquela coisa maniqueísta do bom e do mau. Então, por exemplo, era difícil eu entender o conceito de socialismo, o conceito de comunismo, marxismo. A gente trabalhava com estes conceitos e era muito difícil, porque era abstrato, não era concreto e a gente tinha que discutir. Então o que eu fazia? Ia pesquisar! Pesquisar. Ia para um livro, ao jornal, não tinha *Internet*, não tinha o *Google*, não tinha o *Wikipédia*, mas eu tinha jornais, eu tinha livros, eu tinha os colegas que traziam outras informações também. A gente via que tinha problema sério “rolando” e a gente via. A gente não sabia exatamente o que era, nós tínhamos visitas de pessoas que vinham de São Paulo.

Lembro-me da visita do Ulhôa Cintra<sup>19</sup>, eu acho que ele era Secretário da Educação na época, Ulhôa Cintra. Ele era algum *bam bam bam...* e eu lembro que ficou muito tenso o clima na escola.

Agora curiosamente uma coisa eu descobri: Rio Claro nunca teve aula de Teatro, São Paulo tinha aula de Teatro. Por que será que Rio Claro não tinha? O Ginásio Vocacional de São Paulo, a unidade de São Paulo, tinha Teatro. A gente não tinha. O Vocacional de Americana tinha o Governo Estudantil, com o governador, com prefeitos, com secretário de saúde, secretário de transporte. Toda a estrutura de um governo, o Governo Estudantil. Rio Claro não tinha. Eu imagino que a cidade não suportaria. A cidade era, e é, até hoje, extremamente quadrada, retrógada, com uma cabeça muito fechada... Então, por que será que não teve o Governo Estudantil em Rio Claro? Por quê?

**Eliza:** Onde tinha?

**Eduardo:** Americana. Só que era uma cidade têxtil, industrial, a presença do sindicato era muito forte. Rio Claro era basicamente uma cidade ferroviária, setor de comércio, serviços. Cabecinha muito ruim. Até hoje é muito ruim, a política local é complicada. Tem um livro muito legal chamado *Poder Local*<sup>20</sup>, não sei se é uma tese de doutorado ou uma dissertação de mestrado, que fala sobre o coronel do campo e o coronel da cidade. Rio Claro se estrutura nisso. Coronel Joaquim Ribeiro - nome de uma escola, Coronel Joaquim Sales, nome de outra escola. Um coronel do campo, um coronel da cidade. Aí estão as forças políticas montadas. Fantástico essa obra. Rio Claro é isso. Então essa coisa perpassava... Só que tinha uma única diferença: no Vocacional as coisas eram ventiladas, o assunto era trazido à baila; nas outras escolas ele era simplesmente reprimido. Ali eu trazia. Ali eu discutia... A censura foi chegando, passo a passo, sabe, ela foi crescendo.

**Eliza:** Eduardo, vamos entrar na sala de aula dos Vocacionais, para que a gente possa entender um pouquinho mais essa experiência. Como era a sala de aula dos vocacionais? Você disse que não era como nós temos hoje, sala de aula da sétima A, sétima B...

---

<sup>19</sup> Antonio Barros de Ulhôa Cintra (1907-1998) foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo do Governo Abreu Sodré. Roberto Costa de Abreu Sodré foi eleito de maneira indireta e sua gestão ocorreu de 1967 a 1971.

<sup>20</sup> Tese de doutorado "Poder local: aparência e realidade" de autoria de Neusa Costa Davids, apresentada em 1968.

**Eduardo:** Eram salas ambientes. Então, às vezes tínhamos aula dupla. Mas tinha o tempo sim, o tempo era marcado. Às vezes eu tinha aula dividida, então metade da classe ia ter aula de línguas e a outra metade outra coisa, porque a aula de línguas era em menor número de alunos, esse tipo de coisa.

**Eliza:** Havia algo que diferenciava as salas de aula nos colégios em que você esteve? Fale um pouco sobre as diferenças e as proximidades do vocacional com outras muitas salas de aula do sistema educacional da época.

**Eduardo:** O Vocacional tinha algumas disciplinas, na época nós chamávamos de áreas, são as disciplinas, que batiam muito com a escola tradicional. Então eu tinha professor de Português, professor de Matemática, eu tinha professor de Francês, professor de Inglês. E isso daí era muito igual ao resto. Tinha produção de textos, eu tinha leitura de textos, eu tinha aula de gramática, ou ia aprender objeto direto, aquela coisa toda..., só que, um detalhe, o espaço dessa aula, o espaço físico dessa aula, era diferente da aula de lá, da outra escola.

Primeira coisa, tudo, absolutamente tudo, tudo no Vocacional, era em equipe, não era em grupo, era em equipe. Então por exemplo, na aula de Português sentava-se em equipes, eram quatro ou cinco mesinhas juntas que formavam a equipe. As aulas de Matemática eram em equipe. Eu nunca sentei numa sala de aula no vocacional em que um era sentado atrás do outro, mesmo na aula de Matemática. Eu não sei o que é uma aula de Matemática vendo a nuca do meu colega, pelo contrário, eu sentava aqui, eu via a Erica, eu via o Martins, o Hans do meu lado e a Ilza do outro lado. Era a minha equipe, a minha última equipe. No final do curso.

Eu me lembro até hoje: Decomposição. Bom, primeiro eu sempre tive um problema seríssimo com matemática, eu sempre falei também que eu tive grande sorte de ter ido para o Vocacional, porque o Vocacional tinha outros instrumentos que não só a prova e eu me “safava”, tinha participação, eu tinha trabalho, eu tinha Estudo Dirigido, eu tinha uma série de outras coisas além da prova. Eu tinha prova, na prova eu ia super mal sempre. Mas eu lembro, na aula de decomposição, o professor até explicava na lousa a decomposição dos números primos, MDC, lembro, tenho *flashes* dessas coisas. Nossa! Aula de Conjuntos, união, intersecção de conjuntos, lembro *flashes* onde existia o conceito que o professor apresentava e depois ele dava atividades para as equipes fazerem.

**Eliza:** E essas atividades, você gostava de fazer ou não?

**Eduardo:** Eu gostava porque eu estava com meus amigos, não porque eu gostasse de Matemática, entendeu? Eu tenho esses lampejos só assim! Agora, curiosamente, eu tenho lembranças dos meus professores de Matemática que saem absolutamente fora do contexto da matemática. O meu primeiro professor de matemática do Vocacional foi o Luiz Barco. Eu olhava para o Luiz Barco e eu via meu pai, porque ele era muito parecido com meu pai na época. Na época, era a cara do meu pai. O meu pai viajava muito, e eu ficava muito tempo longe dele... Um dia teve uma atividade, isso, imagina, eu, na quinta série, onze para doze anos, e eu tinha um trabalho ligado à poesia, à produção de poesia... eu inventei de pegar uma poesia de um caderno que o meu pai tinha, de quando era jovem, caderno de poesia que eles faziam, os colegas escreviam poesias no caderno. Eu resolvi usar uma daquelas poesias... e... Luiz Barco me chama... eu não sei se havia sido um concurso ou se era uma produção, tinha produção, e eu apresentei uma poesia que não era minha. Quem me chama para conversar é o professor de matemática... E ele, a fala que fica dele, ele nunca falou para mim “Você copiou a poesia.” Ele nunca me falou isso, mas ele me falou: “Sabe que eu acredito que você consegue escrever umas coisas muito legais!” Estava claro que não era um menino de doze anos que tinha escrito aquela poesia. Então ao mesmo tempo em que ele se tornou um cúmplice (ele sabia que não era eu) ele me fez olhar do outro lado, ele falou assim: “Eu tenho certeza que você consegue escrever umas coisas muito legais. Por que você não tenta?” Nunca mais eu fiz qualquer tentativa de pegar alguma coisa de alguém. Daí eu vou virar autor. Não sei como é que foi, mas ele bateu o olho e falou “Esse menino não escreveu.” Esse era meu professor de Matemática. Ele me ensinou que não se deve pegar obra escrita de outra pessoa. O Luiz Barco me ensinou Conjuntos e Ética. Professor de Matemática é isso que eu me lembro do professor Luiz Barco.

Outro professor de Matemática, o professor Otávio Guedes. Mora em Rio Claro até hoje. Sétima série. Ele tinha uma Vemaguet, uma perua Vemaguet<sup>21</sup>. Ele levou uma turma de alunos de treze, catorze anos para passar um fim de semana num rancho, que é uma casa na beira de um rio, aqui perto de Leme, não sei se é o rio Piracicaba, rio Atibaia, que rio que é, mas ele só foi levar. Levou e deixou a

---

<sup>21</sup> A Vemaguet é um automóvel brasileiro produzido pela Vemag, sob licença da fábrica alemã DKW, entre 1958 e 1967, que teve dois derivados populares, a Caiçara e a Pracinha, produzidos respectivamente entre 1963 e 1966.

moçada lá e veio embora. Meninos de treze anos, hoje seria um crime fazer isso! Na beira do rio. Tinha um barranco de uns quatro metros!

**Eliza:** E tinha um propósito?

**Eduardo:** Passar o fim de semana para se divertir. Um detalhe, no meio do caminho aconteceu quase um acidente. Ele perdeu o controle do carro, quase subiu num barranco e por um milagre ele voltou para a estrada de terra e caiu com as quatro rodas. Todos nós ficamos brancos. Isso é um segredo que a gente guarda a sete chaves entre a turma, a confraria dos moleques. Esse é o professor de Matemática que me proporcionou uma aventura. Qual dos riscos? Imagina você deixar um grupo de cinco ou seis moleques, de treze anos, para passar um final de semana numa casa, na beira do rio, e vai embora, e o combinado era ele ia levar a gente. “Ah eu levo vocês.” Ele foi, levou e voltou! Ele era jovem, professor de Matemática.

**Eliza:** Você poderia falar um pouco sobre como era a sala de aula, como eram as avaliações? A avaliação da escola, se você souber falar um pouquinho disso, com elas se davam, como eram as metodologias, falar sobre as propostas didáticas para o ensino de Matemática.

**Eduardo:** A primeira coisa, a primeira sensação que eu tenho é que o ensino de Matemática no Vocacional era muito fraco, é a primeira palavra que vem. Você pode falar: de onde você tira isso? Por comparação com colegas que eram da mesma idade que eu e que estavam em outra escola. Eu lembro que eles morriam de medo de Matemática, eles rachavam de estudar Matemática, e eles estudavam umas coisas muito mais difíceis que eu. Vizinho de rua, da mesma quadra, tinha um menino que estava no mesmo ano que eu, só que estudava num outro colégio, tradicional, onde o “pau comia”. Tinha que estudar porque era a única chance dele passar, era a prova, se não passasse na prova, ficava de segunda época, na época se chamava assim, nem recuperação.

**Eliza:** No Vocacional tinha outras avaliações além da prova?

**Eduardo:** Tinha, tinha outras... foi a minha salvação, foi a minha salvação! Existia a prova normal, existiam vários instrumentos. Existia uma palavra que só vi no Vocacional, nunca mais eu vi: “bateria”, fazer uma “bateria”. Pergunte para os seus outros entrevistados o que é uma bateria. Para mim, bateria era um conjunto de painéis, batedeira de cozinha que se chamava antigamente ou bateria de instrumento, mas eu aprendi que bateria é um conjunto de exercícios que o



professor dava para os alunos resolverem. A bateria poderia ser sozinha, individual, ou compartilhada com o grupo, com outro colega, mas tinha que fazer a bateria. Uma bateria, uma batelada de exercícios, era um monte de exercícios, isso era uma bateria, era um dos instrumentos de avaliação. Mas ele não era dado, eu percebia que não era como avaliação, mas era como um processo. Na bateria eu errava, eu compartilhava o erro com meu colega, depois eu tirava dúvida com o grupão da classe e entregava, tinha uma nota da bateria. Depois tinha uma coisa chamada Estudo Dirigido, onde o professor dava todo um caminho a ser percorrido que trabalhava um conceito. Tinha aula expositiva. Não é que não existia aula expositiva, tinha aula expositiva. Eu me lembro do professor fazendo uma decomposição, tinha um risco no meio e os números que você ia dividir até dar zero, até sobrar alguma coisa. Eu não sei o nome disso, mas lembro do professor Gabriel<sup>22</sup>, que foi o meu segundo professor de Matemática. Barco, Luiz Barco no primeiro ano, professor Gabriel no segundo ano, lembro até hoje do professor Gabriel fazendo esse risco e decompondo os números fazendo um risco embaixo, tinha uma somatória... (risos)... aula expositiva, portanto.

Tinha tarefa para fazer. A tarefa poderia ser a bateria, podia ser o Estudo Dirigido, tinha dia para entregar o Estudo Dirigido.

Agora, uma coisa que para mim era diferente dos meus colegas, diferente do que eu via do meu vizinho (ele trabalhava muito com medo, com pressão): eu não tinha essa pressão. Eu não tinha o medo de errar, eu falava “Eu errei aqui, errei feio”, porque eu sempre fui mal de matemática, nunca gostei de matemática. Não tinha medo de errar, eu ia entregar e falava: “Professor, eu errei aqui”, ele falava: “Vamos ver, (daí ele me corrigia), venha, refaça esse exercício, vai em tal livro, (lembra, do Osvaldo Sangiorgi? Acho que era Sangiorgi, Osvaldo Sangiorgi) “Volte no livro, vá pesquisar lá.”

**Eliza:** E como eram esses livros?

**Eduardo:** Eu não sei, nós não seguíamos livros, não tínhamos livros. Existiam livros, estavam a disposição, então ele falava assim: “Vai no livro, pega o livro, reveja esse exercício com o livro.” Então eu voltava ao livro, pesquisava no livro. Mas a gente não tinha livro didático, a coisa era construída, eles davam, a gente tinha muito material que eles forneciam para gente.

---

<sup>22</sup> Gabriel José de Andrade, professor de Matemática no Ginásio Vocacional de Rio Claro-SP.

Por outro lado, a gente usava muito a matemática nas outras atividades da escola. Em Artes Industriais, por exemplo, eu tinha ângulo, eu tinha geometria, e eu trazia da aula de matemática. Por exemplo, o professor Milton<sup>23</sup>, de Artes Industriais trabalhava com a gente. Uma vez, os alunos tinham que fazer um projeto de um limpador de pé, de raspar o pé. Eram barrinhas de ferro que tinham que ser perfuradas. As barrinhas ficariam todas em pé, ali você ia raspar o pé. Você tinha que fazer um furo que passava por todos eles e colocar um eixo que ia segurar em pé aquela coisa, para isso tinha um anel que ia entre uma barrinha e outra, o anel que é o espaçador para manter a distância, e tínhamos que fazer o cálculo do ângulo que ia fazer a curva da... Então precisava do ângulo, daí eu buscava na matemática a noção do ângulo.

O meu sucesso na Matemática sempre se deveu à minha equipe, eu ia sempre a reboque da equipe. Em compensação em Língua Portuguesa o sucesso deles dependia de mim.

O que é bem interessante é essa sensação de você não ser menos nem mais! E ter as suas habilidades ali sendo desenvolvidas de acordo com o que você tinha mais afinidade.

E eu invejava os meus colegas que tinham facilidade em Matemática. Eles eram bons em Matemática. Eu tenho um grande amigo, João Batista Pereira Gomes, ele se aposentou como tenente coronel da FAB<sup>24</sup>, pilotava caça... essas coisas... era um cara bom em Matemática.

O meu lugar no mundo, ele não prescindia da Matemática, eu podia me colocar no mundo não precisando resolver, não precisando saber como é que se resolve uma equação do segundo grau. Eu tinha já no último ano do Ginásio, que eu tinha certeza de que eu ia precisar de algumas coisas (da matemática) para o resto da vida... a noção de porcentagem, a noção de fração: um terço, dois terços, porque eu via isso, eu via no trabalho do meu pai. O meu pai, ele dava 25% mais 10 de desconto. Eu falava: “Pai, como é que você faz isso?”

Então eu tinha noção de que iria precisar de algumas coisas. Agora, com certeza, eu não precisava saber o valor de ‘X’ para me colocar no mundo. Isso ia além das minhas expectativas de vida. Da Matemática eu aproveitaria algumas

---

<sup>23</sup> Professor Milton Eduardo Malavassi, da disciplina de Artes Industriais.

<sup>24</sup> FAB - Força Aérea Brasileira.

coisas, mas isso não iria me impedir de me colocar no mundo. Então, isso eu sabia. Agora, eu sempre tive muita dificuldade em matemática.

Curiosamente eu fui reencontrar Luiz Barco no ensino superior, por um erro, na hora de fazer a matrícula do segundo ou terceiro semestre da faculdade. Porque a folha, a ficha de inscrição na época era aquela ficha de inscrição parecida com aquela antiga cartela da Loteria Esportiva, aquele monte de quadradinhos, só que a folha tinha mais de 240 quadradinhos. Todos os cursos de todas as matérias: jornalismo, biblioteconomia, artes plásticas, cinema, tinham que preencher com lápis que eles davam, o lápis tinha que ser da cor x, y, z, eles forneciam o lápis, eu via o nome das minhas matérias e o número, daí eu olhava o número e preenchia o quadradinho. Eu preenchi o de cima ou o de baixo errado, então em vez de preencher o meu curso de teatro, eu preenchi Estatística I, que foi a única dependência do meu curso que ficou aberta até o final do curso.

Então a Matemática “conversava” com ciências na medida em que eu precisava de tantos miligramas para fazer uma experiência. A Matemática conversava de novo com ciências quando eu fazia uma experiência e comprovava a expansão de metais com a temperatura elevada. Eu tinha que medir quantos milímetros a barrinha de cobre dilatou dentro de tais temperaturas, a temperatura ambiente. A matemática “conversava” com Estudos Sociais quando o professor de Estudos Sociais me dava um problema de cálculo de pressão, temperatura e altitude. Você mexeu com um, vai alterar o outro, a uma “x” altitude, a uma determinada temperatura vou ter uma determinada pressão. Eu tinha que fazer o cálculo. Eu tinha todo cálculo de quilometragem. Eu tinha leitura de curva de nível. Sabe o que é curva de nível? De relevo? Eu tinha que aprender a ler curva de nível e a tantos metros de altura... variava... Eu tinha que ter matemática pra isso. Eu tinha matemática na aula de Educação Doméstica porque eu tinha uma receita que para tantos litros de água eu devo ter tantas colheres de sal, tantos de farinha, a noção de proporção. Se eu quiser dobrar a receita, ou o contrário, a receita é muito grande para uma família de três pessoas, então como é que eu vou diminuir a receita? Para um prato “x” de farinha eu vou ter dois ovos, se eu aumentar a farinha aqui, quantos ovos eu vou precisar aumentar? Proporção, a noção de grandeza. Então isso eu levava para a vida, eu sabia que ali estava a matemática.

**Eliza:** Ainda na sala da aula de Matemática, você poderia me descrever o papel do aluno durante essas aulas, como se davam as relações de aluno e

professor? O Sr. poderia relatar alguma situação específica quanto a isso, algo que se lembra que possa exemplificar sua resposta? Como que era o papel do aluno durante as aulas, durante as aulas de matemática e como que eram essas relações entre aluno e professor?

**Eduardo:** As aulas de matemática em si, elas eram bem diferente das outras aulas. Eu sentia que a aula era bem mais teórica do que as outras aulas. As aulas de matemática sempre eram dadas nas primeiras aulas do dia. Uma aula de matemática sendo a última, no período da tarde, por exemplo, não sei se outros colegas tinham, eu nunca tive aula de matemática depois do almoço, por exemplo. A gente almoçava na escola, mas eu nunca tive aula de matemática à uma e meia da tarde. Não lembro. Se tive, não tenho lembrança disso. Agora, as aulas de matemática eram bem mais teóricas do que das outras disciplinas e, nesse ponto, matemática estava muito próxima da gavetinha de Língua Portuguesa que também era teórica, tinha uma parte teórica. Eu tinha que estudar estrutura da língua portuguesa, eu tinha que saber o que era oração subordinada substantiva adjetiva, entendeu? Eu tinha que saber gramática, saber sujeito e predicado, predicado nominal, eu tinha que saber advérbio, conjunção, as subordinações todas. Aprender isso e tinha que ir no livro, tinha que estudar isso. Agora, a dinâmica da aula em si, ela não batia com o que os meus colegas, o meu vizinho lá da rua, falavam.

Eu estou aqui na minha equipe, sempre em equipe, fazendo meu exercício de matemática, Professor Gabriel tá lá resolvendo um problema na outra equipe. Então aquela coisa de medo, eu nunca tive medo, eu não sei se te falei e pra mim é muito marcante isso, né? Agora, aprendi só rudimentos. Se eu tivesse que fazer um vestibular pra valer, eu não passaria em matemática. A minha sorte foi que eu fiz o antigo Cescea<sup>25</sup>, na minha época existia o vestibular e o Cescea me marcou feio. A minha sorte é que era tudo múltipla escolha.

---

<sup>25</sup> Cescea - Centro de Seleção de Candidatos à Economia e Administração, criado em 1967. “Os vestibulares das principais faculdades do Estado de São Paulo, no início da década de 1970, eram organizados pelo Cescem, (Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas e Biológicas do Estado de São Paulo, que unifica vestibulares de sete faculdades), e, que junto com a Cescea, (Centro de Seleção de Candidatos para a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais da PUC-SP, da Faculdade de Ciências Econômicas da Faap, e, a Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração da USP, a FEA-USP), e a Mapofei, (Mauá, Politécnica, e, a Faculdade de Engenharia Industrial), deram origem, em 1976, aos vestibulares da FUVEST.” – **Fonte:** <<http://www.ict.unesp.br/#!/instituicao/memorias/a-reforma-do-ensino-superior-no-brasil-em-1968/>>.

E outra coisa: em 2003, depois de trinta anos eu volto pra faculdade. Só que eu volto para fazer Faculdade de Educação, a graduação da Faculdade de Educação, no Mackenzie e eu fui fazer o vestibular de graduação no Mackenzie, e daí eu tinha uma prova de matemática. Mas eles são muito inteligentes. Uma das regras é não poder zerar, eles fazem uma questão de matemática, da prova de matemática em que o problema não é matemática, mas de inteligência de texto, que é o meu território. Aí eu não zerei.

**Eliza:** Em relação à direção, coordenação, professores, ou seja, dos profissionais que atuavam nesses colégios, o que você poderia falar dessa equipe? Da equipe do colégio como um todo, o que havia nestes profissionais que te marcou? Quais eram as posturas desses professores. Apesar de você já ter falado alguma coisa sobre isso, o que mais te marcou?

**Eduardo:** Uma coisa que sempre, sempre, ficou muito presente: eles falavam a mesma língua. Incrível, o que um falava em Educação Física a outra repetia em Língua Portuguesa.

**Eliza:** O tema da aula, ou você fala...

**Eduardo:** Não, o linguajar! O linguajar. Quando eu falo em linguajar eu tô falando daqueles conceitos, daqueles conceitos que perpassam, que estão subjacentes, do projeto pedagógico e que isso é mais importante do que qualquer outra coisa, no meu entender. Então, por exemplo: quando o professor de Educação Física exigia determinadas atitudes (e daí entra o conceito de atitude) lá, a professora de Língua Portuguesa trabalhava o conceito de atitude, em Educação Doméstica se trabalhava a questão da atitude: Então, dava pra gente perceber que existia uma coerência na postura de todos os professores. A gente não escapava deles, essa frase é fundamental: “Eu não escapo desses caras!”.

**Eliza:** risos... Eles eram admiráveis por isso?

**Eduardo:** Putzz! E era muito legal, tinha um espaço e tinha as reuniões deles, era o território deles. O conselho, quando tinha a reunião dos professores, era território deles. Por exemplo: aqui no Horto, no nosso casarão, o espaço, ele era muito promíscuo nesse sentido. Assim... Então existia um espaço adequado para o lanche deles. Tinha um caramanchão, tudo coberto de primavera, ali eles faziam o lanche deles, que era teoricamente território dos professores que a gente invadia o tempo inteiro no recreio. Eu tinha que conversar com a professora Tânia, de Língua Portuguesa, eu entrava lá, no meio do lanche dela, para falar com ela. Era território

dos professores, mas que a gente invadia sempre que precisava. A gente invadia aquele território, e invadia com prazer. E a sala de aula era deles, a sala era deles, não era minha sala. Professora Mieko, de Artes Plásticas, não era Educação Artística, a matéria se chamava Artes Plásticas. A professora Mieko<sup>26</sup> era uma japonesinha, um metro e meio, que se perdia no meio de todos os alunos, ela era menor que todos os alunos. A sala era dela, não era nossa, a gente ocupava aquele espaço e a gente se apropriava daquele espaço na hora da aula, mas a sala era dela, não dá pra descrever. Ao mesmo tempo que a sala era dela, a sala era de todo mundo. Só que naquela hora era a minha classe que estava usando, depois... Eu tinha essa noção de coletivo. A noção do coletivo era trabalhada o tempo inteiro, no sentido assim... cuide disso porque vai ter uma outra pessoa que vai precisar usar. O tempo inteiro, assim...

Por exemplo, na aula de Educação Física tinha uns equipamentos de ginástica. Então, você precisava usar o plinto? A gente ia lá dentro onde ficavam guardados e trazia para o galpão onde era realizada a aula. Acabada a aula, não precisava o professor mandar. Se eu trouxe de lá pra cá, eu tenho que devolver. Não precisou falar lá no meio, mas lá no começo, lá no primeiro ano, no primeiro ano já foi falado e isso fazia parte da rotina. Eu trouxe a bola, eu peguei a bola de lá do armário, eu tenho que devolver no lugar onde estava. Sobrou uma bola, quem trouxe essa bola? O grupo cobrava: “se não fui eu quem trouxe, por que eu tenho que cobrir a falta do outro?” A gente era rigoroso com as regras e exigir que o outro cumprisse as regras também era parte do aprendizado, tanto meu quanto do meu colega que era cobrado por mim.

O Vocacional era uma escola muito conflituosa, em todos os níveis, quando você mistura gente de várias classes sociais, visões de mundo diferentes, então você tem conflitos.

Conflito de visão de mundo, de atitude mesmo. O cara que é meio folgado, nunca teve que fazer nada. A gente falava: “sinto muito cara, vai ter que fazer!” Por exemplo: existia o almoço, e no almoço existiam as equipes que trabalhavam no apoio do almoço. Então hoje é o dia da minha equipe trabalhar, então saíamos cinco, dez minutos antes de bater o sinal da última aula, antes do almoço, eu ia com a minha equipe botar os pratos, os copos lá, e cada dia era a vez de uma equipe.

---

<sup>26</sup> Professora Mieko Fukuda deu aulas no Ginásio Vocacional de Rio Claro, segundo registros da Gvive, em 1964.

Então os alunos terminavam, ficava aquele monte de copos, nós tínhamos que pegar os copos com as bandejas e levar os copos para serem lavados e distribuir os copos limpos. Então o cara, filho do seu fulano da cidade, tá acostumado a ser servido pela empregada da casa, ali ele vai ter que pegar a bandeja comigo. Essa é a regra, porque hoje é ele, amanhã vai ser outro. A equipe só vai voltar a trabalhar no refeitório daqui a um mês, porque até passar por todo mundo demora um tempo, mas na vez dele, ele vai ter que ir.

**Eliza:** Você tem lembrança de algum professor especial?

**Eduardo:** Toninha, professora Toninha é uma professora que me marcou demais, demais... Primeiro porque era professora de Estudos Sociais, e dava História, e eu sempre gostei muito de História. As aulas dela eram um prazer, um prazer. Assim... uma coisa assim... sabe o que é adorar? Gostar?

A turma gostava dela. Ela era (é viva até hoje), uma professora queridíssima, queridíssima. A relação dela com os alunos, ela era baixinha... Toninha, pequenininha, e ao mesmo tempo rigorosa. Sim, ela era muito legal com a turma. Ela chamava atenção, ela dava bronca, mas te debulhava na bronca dela, no instante seguinte ela falava: “Vem aqui, tenho uma coisa pra te contar.” Eu falava assim: “Mas ela não estava brava comigo agora há pouco?” Se ela estava brava, acabou, vira a página, agora é outro assunto, vem aqui que eu tenho uma coisa pra te contar. É isso aí... Você fez isso, levou uma cacetada porque fez isso, agora você não é só esse cara ruim o tempo todo. Então você percebe que, ao mesmo tempo em que tinha rigor, tinha essa coisa do afeto. E Toninha foi professora do meu irmão também, que também estudou no Vocacional, só que o meu irmão estudou três turmas depois da minha. Meu irmão conta que depois de formado do Vocacional, um dia ele vai pra Catanduva e vai a casa dela. Ele e dois colegas estavam passeando, estavam andando e foram na casa da Toninha. Quer dizer, sabe aquele ex-professor que é professor a vida inteira? Professor da vida inteira. Então, assim, Toninha é uma professora que me marcou muito pela postura dela, e assim... várias coisas me marcaram na Toninha. Ela tinha um Karman-Guia, um automóvel da Volkswagen, era um esportivo da Volkswagen, que era um sonho de consumo de todo jovem.

**Eliza:** Eles ganhavam bem?

**Eduardo:** Ganhavam. Eles tinham uma vida bastante decente. Tinham uma vida decente, que dava para viajar. Eles consumiam cultura. Você sabia que eles iam a concertos em São Paulo? Você sabia que eles liam livros que não eram livros

didáticos de formação de professor? Porque eles contavam pra gente, ou você pegava conversa de um com o outro. Eles assistiam a filmes e não eram filmes que passavam em Rio Claro, porque os filmes que eles assistiam não passavam em Rio Claro. Nós os admirávamos por tudo isso, porque tudo que a gente queria era um bom exemplo, uma coisa para se espelhar, e o melhor espelho eram aqueles caras! Os nossos professores.

**Eliza:** Você saberia falar sobre a formação deles? Esses professores passavam por uma preparação antes de começar a trabalhar nos vocacionais.

**Eduardo:** Muitos dos que eu gostava tinham estudado na USP. Toninha fez História, Nobuko fez a Faculdade de Educação na USP. Todos eles. Eu sempre tive essa coisa de educação, eu sempre gostei de escola muito por causa delas. Então, era tudo que eu queria na vida, ter um cara desses pra conversar, pra falar e eles falavam coisas...

Então veja você, Professor Milton, professor de Artes Industriais, a gente morria de medo dele. Lembra que falei que não tinha medo de matemática? Mas do Professor Milton sim, porque o Milton tinha dois metros de altura, o cara era enorme, um gigante e rigorosíssimo e cobrava as coisas, porque tinha um calendário de produção, você tinha que produzir. Artes Industriais tinha que fazer um motor elétrico, você tinha que saber fazer um motor elétrico. Você tinha que fazer o motor elétrico funcionar, você ia colocar a pilha e a coisinha tinha que girar, e nós já tínhamos estudado por que ia girar - a questão de polaridade. E ele, porque tem que terminar em tal dia, porque a produção de uma fábrica tem data. Então ele trazia o rigor dessa coisa da fábrica para a sala de aula. Mas por outro lado... No acampamento... todo último ano do curso tinha um acampamento. A turma saía pra acampar. Iam os professores que dormiam nas barracas com os alunos. O acampamento era uma atividade pedagógica. O Professor Milton sentado no chão, encostado no fusca, com os alunos em volta, todo mundo comendo, aquele professor que a gente morria de medo! Eles eram muito diferentes, muito diferentes da nossa família. A nossa família era muito chata, a escola era muito legal. Os nossos pais eram muito chatos, não tinham cultura. Tô falando do meu pai, meu pai, minha mãe uma dona de casa... E daí tinha aqueles caras que sabiam tudo, tudo. Eles abriam as janelas do mundo para a gente. Falavam: "Olha, o mundo é isso, é desse tamanho, não é essa coisinha pequena aqui." Os nossos pais não tinham essa visão, nem dá pra comparar... Não dava pra culpar o pai, a gente gostava do



pai e da mãe, mas os professores eram os heróis, eram os caras que abriam o mundo pra gente.

Como eles eram sensibilizados para incentivar uma proposta tão... Porque você vê, eles eram sensibilizados não é? Eles tinham uma atitude diferente do professor que estava no colégio tradicional. E de certa forma possivelmente, eram marginalizados por isso, mas eles tinham uma coesão, um preparo muito grande para poder entrar nessa onda!

Tem uma palavra que entrou em moda algum tempo atrás, a palavra empoderar, você dar poder a alguém. Eu sinto que o tempo inteiro aqueles professores faziam isso com a gente, no sentido assim, faz porque você consegue... vai lá, faz... Vou te dar um exemplo: teve uma campanha “Ouro para o Bem do Brasil<sup>27</sup>”, você tinha que doar ouro para o Brasil. Isso é coisa do militarismo, da revolução totalmente instalada, eu não sei quando aconteceu essa campanha, não sei se foi em 66 ou 67, num desses dois anos. Doe “Ouro para o bem do Brasil”. E daí todas as escolas tinham que participar. Então, fui junto com uma equipe de alunos e com a professora de RAV - Recursos Audiovisuais. Era uma professora que não tinha uma matéria, ela auxiliava todas as outras, com recursos audiovisuais. Então, junto com ela e a professora de português cada um da equipe escreveu um texto sobre a campanha “Ouro para o bem do Brasil”... e a gente tinha que falar na rádio da cidade... E a professora falou: “Vocês vão lá e vocês vão falar”, “Vocês vão pegar o texto e ler”. “Antes vamos ensaiar”. Então ela pegou um gravador de rolo e botou na nossa frente e falou: “Vamos gravar você falando e depois você vai ouvir, você vai aprender, você vai melhorar sua fala, tal”... e, principalmente, “Depois você

---

<sup>27</sup> Em 1964, “o país estava de cofres vazios, sem reservas cambiais que pudessem conter a alta exorbitante do dólar. Diante do quadro desolador, os Diários e Emissoras Associados – grupo de mídia comandado por Assis Chateaubriand, o “Chatô”- lançam uma campanha na qual a população doaria joias em ouro para gerar lastro e assim produzir dinheiro que ajudaria o Brasil a sair da crise. /.../ Com chamadas no rádio, televisão e reportagens pelos jornais /.../ a população menos informada se mobilizou para aquele que seria mais um “ato de cidadania”. /.../ A campanha “Ouro para o Bem do Brasil”, em 1964, recebeu apoio de empresas e prefeituras que promoveram manifestações com desfiles em vias públicas, onde escolares portando faixas, exibiam dizeres alusivos à proposta. /.../ Mais de 100 mil pessoas doaram pertences. /.../ A campanha não foi adiante, entretanto jamais foi informado onde foi parar todo o ouro e o dinheiro arrecadado. Do novo regime não houve também uma nota sequer de agradecimento ao povo. Em lugar nenhum encontramos os números definitivos dessa campanha que terminou silenciosa. Nunca se soube do paradeiro da chave do cofre entregue de maneira simbólica ao senador Moura Andrade, nem se ele repassou a chave do cofre ao marechal Castelo Branco. Isso evidencia que a campanha “Ouro para o Bem do Brasil” pode ter sido uma farsa, um tremendo golpe em cima de famílias honestas que doaram suas alianças de casamento em troca de nada”. **Fonte:** NUNES, G. Os 50 anos da campanha “Ouro para o Bem do Brasil”. Geraldo Nunes, Madrugadas e Memórias. 05 jan. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/geraldo-nunes/2014/01/05/os-50-anos-da-campanha-ouro-para-o-bem-do-brasil/>>. Acesso em: 24 out. 2014.

vai lá na radio e você vai falar”. E eu fui à rádio e falei. Falei o que tinha que ser falado, falei porque precisava. “Agora vai lá e fala... Entendeu?” E ia mesmo. A censura tinha chegado na escola. A escola tinha que participar. Era obrigada. A coisa tava ficando feia, então fui eu falar sobre a importância de doar ouro para o bem do Brasil. Agora, eu doei? Nenhum grama.

**Eliza:** Os alunos tinham além das matérias convencionais, você já falou Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Física e Artes Plásticas, não é? Você concorda com essa informação? Você poderia descrever algo sobre como eram organizados esse currículo? Você percebia de que forma esse currículo era organizado?

**Eduardo:** Eu não cheguei a ter Práticas Agrícolas. Batatais tinha desde o começo, mas aqui em Rio Claro chegou um ano depois que eu saí, em 1967, então em 1968 começou Práticas Agrícolas. Bom, era muito claro que o currículo ia da cidade para o estado, para o país e depois para o mundo, a gente percebia isso.

**Eliza:** Escola, comunidade, cidade, estado, país, mundo.

**Eduardo:** E sempre fazendo a ligação de tudo, não é porque eu estava estudando o mundo que eu não via a minha cidade. O tempo inteiro eu ia aumentando, aumentando, mas quando eu aumentava eu fazia a ligação com o que eu já tinha visto, eu ia e voltava. Por exemplo: no primeiro ano nós estudamos a nossa comunidade, e uma das coisas que nós tínhamos que fazer era conhecer a cidade. Conhecer as pessoas que moram na cidade. Então nós íamos em equipe. Para cada equipe foi sorteado uma rua. A mim, coube a Avenida 3 entre as Ruas 4 e 5, a rua do jardim. Eu tinha que entrevistar uma família daquela rua, então nós elaborávamos um roteiro e tínhamos que entrevistar a família. Tocamos a campainha e falamos, “olha nós somos alunos do vocacional, precisamos entrevistar, fazer umas perguntas”. A família recebia e a gente fazia umas perguntas e outros tomavam notas. Então conhecia a cidade. Fizemos Estudos do Meio da Companhia Paulista da Estrada de Ferro<sup>28</sup>, numa siderúrgica, na cervejaria. No

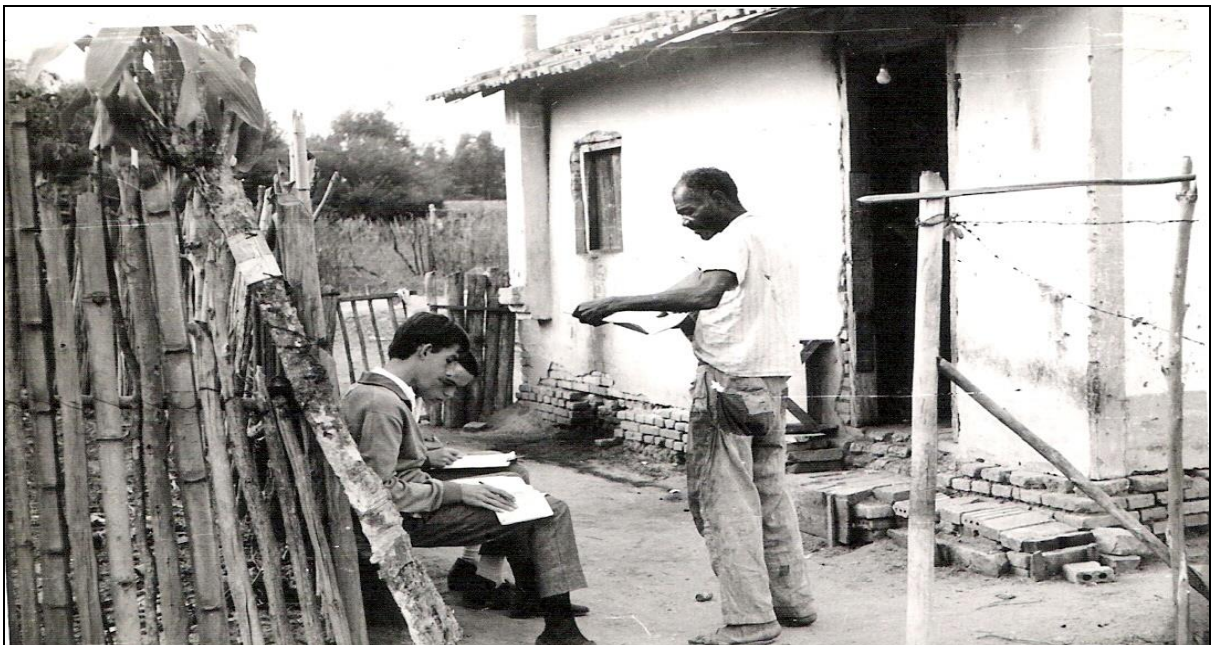
---

<sup>28</sup> A Companhia Paulista de Estradas de Ferro foi uma companhia ferroviária brasileira situada no estado de São Paulo. Ela ficou conhecida pelo seu alto padrão de qualidade no atendimento ao público. A preocupação com a pontualidade era tão grande que as pessoas diziam que acertavam os relógios na chegada dos trens. /.../ A Companhia Paulista foi pioneira em uma série de iniciativas no campo ferroviário brasileiro. Foi primeira ferrovia a eletrificar suas linhas, a utilizar carros de aço para o transporte de passageiros (e posteriormente construindo-os em suas oficinas), fomentou a criação de hortos florestais para obtenção de dormentes e lenha (através dela o eucalipto foi introduzido no Brasil), bem como outras iniciativas de gestão até então inéditas no Brasil. /.../ Seus trens de passageiros tornaram-se famosos pelo conforto oferecido e pela pontualidade em que operavam. O

segundo ano mudou: era o Estado de São Paulo, ampliou. Eu estudei, por exemplo, o Ciclo do Café, por onde chegou o café no Estado de São Paulo? Pelo Vale do Paraíba, e cresceu foi, foi... Daí eu vejo o impacto disto na minha cidade. Porque a estrada de ferro chega a Rio Claro? Por causa da expansão do café. Então daí eu volto a estudar a cidade de Rio Claro como uma cidade que um dia foi ponta de linha, a estrada de ferro chegava até Rio Claro.

Estudo do meio realizado no 6º ano (antiga 5ª série). Como o currículo do 6º ano era focado na comunidade, a primeira coisa que a gente tinha de fazer era conhecer a Comunidade.

**Figura 5.** Estudo do Meio. Um grupo de alunos visita uma casa e conversa com o morador.



Fonte: Arquivo Pessoal do ex-aluno Eduardo Amos.

**Eliza:** Vocês pesquisavam e vocês depois partilhavam esses resultados de pesquisa, equipes pequenas que depois juntavam com equipes maiores e no final do ano também tinha uma maior ainda ou não?

---

Trem "R" (Rápido) ou "Trem Azul", composto de carros de três classes (Pullman, Primeira e Segunda Classes) e restaurante, tornou-se lendário e determinou um padrão de conforto ainda não superado no Brasil, seja no transporte ferroviário (quase extinto) ou no rodoviário, mesmo em nossos dias. /.../ O primeiro sindicato de ferroviários, foi fundado na cidade de São Carlos em 1929, com o nome de "Sindicato dos Operários Ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro", que posteriormente teve sua sede transferida para Campinas./.../ Em 1961, durante uma crise aguda provocada por uma série de greves, a empresa foi estatizada. Durante esta fase, perceberam-se os primeiros sinais de queda na qualidade de atendimento, já que muitos antigos empregados foram deixando a empresa, bem como passou a haver um afrouxamento dos controles, que se tornaram mais evidentes, devido aos critérios políticos que norteiam as decisões de qualquer empresa estatal. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_Paulista\\_de\\_Estradas\\_de\\_Ferro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Paulista_de_Estradas_de_Ferro)>. Acesso em: 23 out. 2014.

**Eduardo:** Isso era pesquisado o tempo inteiro. Tinha a síntese do ano, tinha a síntese do ano para os pais... Tinha isso. Eu tinha que prestar conta, mostrar para os meus colegas. Mas a gente não tinha essa noção de prestar conta, para nós era a Aula Síntese. Na verdade era uma prestação de conta, o nosso grupo achou isso, vimos isso... apresentamos tal coisa...

**Eliza:** E vocês eram avaliados por esses resultados?

**Eduardo:** Também, por tudo isso, por tudo isso. Era avaliado pelo conteúdo, pelas atitudes. Eu era avaliado pelos meus colegas de equipe! E eu era avaliado pela minha função dentro da equipe. Então se naquele período a minha função na equipe era de líder da equipe, o grupo ia me avaliar como líder da equipe. Você funcionou como líder da equipe? E a coragem de você ter que falar para o seu amigo, que é o seu “chapa”, amigo do coração, com quem você brinca no recreio, que ele não foi um líder tão bom... Porque se eu não falar, eu estou sendo conivente, eu tenho que falar até pelo próprio bem dele, para ele poder melhorar. Entendeu? Então, nesse período, eu fui o redator. O redator é o responsável por redigir os trabalhos do grupo, o redator pode ter um papel de ajuda. Tinham várias funções ali dentro. Além disso, existia uma autoavaliação em que cada um tinha que refletir sobre o seu próprio trabalho e atribuir um conceito, uma nota. Então, era bem complexo se você imaginar...

**Eliza:** E o tempo para tudo isso?

**Eduardo:** Período integral! Período integral! Eu passava de seis a sete horas na escola!

**Eliza:** Havia ao que parece, uma organização desses professores, dessa escola para ter todos esses momentos? Organizar essa estrutura para que funcionasse efetivamente, não ficasse só no papel, para que as coisas tivessem ida e volta. Fechassem os ciclos. Como organizar e fazer com que isso tudo acontecesse?

**Eduardo:** Só dá para fazer isso sendo em período integral! Só dá por período integral!

**Eliza:** Parece-me, mas não é só pelo período ser integral.

**Eduardo:** É a formação do professor.

**Eliza:** Percebe-se que é o projeto, é a proposta... a sensibilização a esse projeto. Em relação aos projetos desenvolvidos durante o ano letivo, como se dava a participação dos alunos, dos pais e da comunidade nesses projetos? Houve algum

projeto relacionado à matemática? Você poderia relatar alguma situação específica em relação a esses projetos, sobre o envolvimento de alunos, pais e comunidade?

**Eduardo:** Uma coisa interessante é que tinham as instituições pedagógicas. Eram instituições dentro da escola... Então tinha o Banco Escolar, tínhamos talão de cheques. Nós tínhamos as instituições pedagógicas eram: a Cantina, o Banco Escolar, a Cooperativa Escolar e o Escritório Contábil.

A Cantina vendia lanche, fruta, refrigerante e suco na hora do recreio. Quem cuidava da cantina era o pessoal da quinta série. O Guga<sup>29</sup>, meu amigo Guga, ele conta que ele tinha um pé de mexerica na casa dele e levava mexerica para vender na cantina e o dinheiro era para a escola. Na sexta série, você cuidava da Cooperativa Escolar. A Cooperativa Escolar era uma papelaria que vendia régua, lápis, caderno, tudo isso, e você tinha que fechar o caixa todos os dias. Fechava e tinha que passar os dados para o Escritório Contábil. A Cantina, idem. Tinha o estoque, controle de estoque, tinha que fechar o caixa todo dia porque amanhã é outra equipe. A equipe de amanhã que vai para a Cooperativa, que vai tomar conta, vai ter que receber o estoque direitinho e o caixa de ontem fechado. Ela vende oito, baixou o estoque, subiu o dinheiro e presta contas para o Escritório Contábil. O Escritório era no último ano. Era o Escritório Contábil que fazia a contabilidade geral da Cantina, da Cooperativa e do Banco Estudantil. No Banco você depositava, sacava, você usava cheque. Você não viu o talão de cheque?

**Figura 6.** Foto escaneada de um talão de cheques.

**Nº 02701**

**BANCO ESTUDANTIL VOCACIONAL SOCIEDADE ANONIMA**  
Fins Didáticos — Área de Práticas Comerciais  
Sediado no Ginásio Estadual Vocacional Chanceler Raul Fernandes  
RIO CLARO — S P

Espécie da Conta \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Pague a \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

Saldo Ant. \_\_\_\_\_

Depósito \_\_\_\_\_

Depósito \_\_\_\_\_

Depósito \_\_\_\_\_

**TOTAL** \_\_\_\_\_

Este Cheque \_\_\_\_\_

**SALDO** \_\_\_\_\_

**NCr\$** \_\_\_\_\_

**CHEQUE Nº 02701**

Pague por este cheque a \_\_\_\_\_  
ou à sua ordem a quantia de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19\_\_\_\_

Mod. 27 - BCO - PC

**Fonte:** Acervo do CEDIC - PUC-SP.

A gente emitia cheque, pagava com cheque na Cooperativa... E tinha dinheiro... tinha dinheiro. Você pagava com o dinheiro da escola. Pagava o que

<sup>29</sup> Luiz Augusto Marciano da Fonseca.

comprava na Cantina, na Cooperativa lápis, caderno, apontador, papel almaço, tudo isso daí, plástico para encapar caderno, comprar essas coisas e nisso você tinha a vivência. E o medo de errar no fechamento do caixa?

**Eliza:** Tudo isso ao mesmo tempo. Imagina a orquestração disso...

**Eduardo:** Em relação ao número de funcionários, era mais que uma escola normal, tradicional. Porque você tinha o professor, você tinha a equipe apoio, tinha dois tipos de orientadores: o orientador educacional e o orientador pedagógico. O orientador educacional trabalhava com os alunos, o orientador pedagógico trabalhava com os professores. Era diferente. A gente fazia sociograma para a escolha da formação da equipe. Escolhia três pessoas com quem você queria trabalhar. Aí era nossa vingança.

**Eliza:** Por quê? Como assim?

**Eduardo:** Porque aí era hora da gente escolher a bonitinha, pra trabalhar com a bonitinha, queria ficar perto dela. Se eu a colocasse em primeiro lugar, eu tinha alguma chance de estar na equipe dela... E a gente furava o esquema da elite, aqueles grupinhos de elite eram quebrados.

**Eliza:** E sobre os materiais didáticos? Você lembra algo sobre isso ou não? E as oficinas, como eram? E os laboratórios?

**Eduardo:** Eu lembro que tinha muito, muito material, muito material, assim, de apoio. Nas salas tinha os livros... A oficina de Artes Industriais eram oficinas verdadeiras: tinha serra elétrica, serra, solda, tinha a parte de madeira, tinha furadeira, serra de fita, desempenadeira. O laboratório era muito pobre, o laboratório de Ciências. Eu lembro que tinha, dava pra gente fazer experiência, a gente fazia, a gente aprendeu o nome de todos aqueles tubos todos, tubo de ensaios, placa de petri, fazia as experiências com aquele fogareiro típico de laboratório de Ciências, mas eu lembro... lembro de separar H<sub>2</sub>O, tinha uma coisa que fazia com fio, botava o fio dentro d'água, numa solução de sal que separava o oxigênio do hidrogênio. Mas eu lembro que o laboratório de ciências não era tão rico. Dava para entender porque a escola era muito precária. Mas nada impedia a gente de fazer as experiências. Estudos Sociais tinha mapas, tinha globo terrestre, tinha os livros todos. Tudo novo, tudo novo. E tinha a parte de recursos audiovisuais, que trazia para as salas de aula as tecnologias. Então existia uma máquina que era um canhão desse tamanho, elétrico, com lentes, luzes, que você colocava um livro por baixo, apertava uma alavanca, o livro subia, você projetava a página do livro lá. Chamava-se episcópio.

Usava para estudar mapa, por exemplo, o livro de história... Era tecnologia! Na nossa casa não tinha televisão e lá tinha episcópio. A gente mexia com gravador de rolo! Era alta tecnologia naquela época, entendeu? A gente mexia com filme, projetor de filme de 16 milímetros. Tinha muita projeção. Trabalhava-se muito projeção de slides, era o máximo de tecnologia. A gente trabalhava com o retroprojetor, projetor de transparência, que tinha uma luz por baixo e uma lente por cima. Aquela folha transparente que você escrevia. Então, quer dizer, isso era tecnologia (isso é como usar a lousa interativa hoje) e estava totalmente a nossa disposição.

Isso fazia parte do dia a dia da escola. Então, a professora de matemática usava o retroprojetor, usava o projetor de slide. Sabe a RAV, professora de recursos audiovisuais. Eu tenho a impressão que os professores eram estimulados a usar esses recursos, para não ficar uma aula empobrecida, porque existia um padrão. Por exemplo, aula de Artes Plásticas usava-se projetor. Por exemplo, a minha turma não fez o estudo do meio para as cidades históricas, mas eu vi tudo, eu vi todas as esculturas do Aleijadinho em slides, eu vi as igrejas barrocas. A turma do meu primo foi visitar as cidades históricas, estudo do meio pra Minas Gerais. Naquele ano eu vi os slides das esculturas do Aleijadinho, as igrejas de Minas que eles trouxeram do Estudo do Meio.

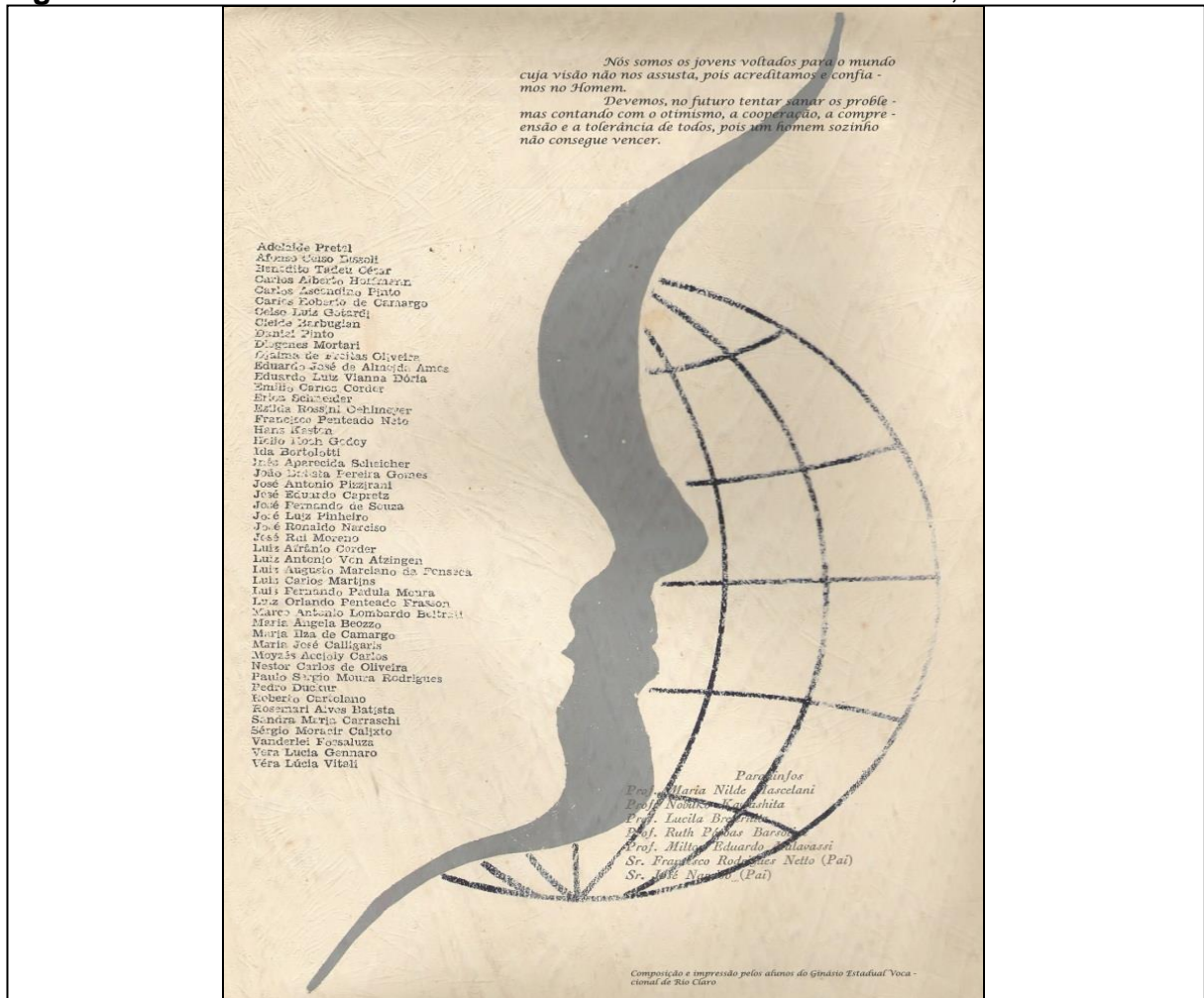
O Vocacional proporcionava coisas. Por exemplo, eu fui conhecer o mar por causa do Vocacional. Isso marca a vida de uma pessoa. Eu lembro o dia em que eu conheci o mar, eu lembro como eu conheci o mar. Outra coisa, eu fui conhecer o Parque do Ibirapuera pelo Vocacional, que me levou pra uma exposição dentro do Ibirapuera. Eu fui conhecer uma Bienal, uma exposição de Bienal de Artes, com o Vocacional.

**Eliza:** Essa proposta, Eduardo, esta ligada à escola de Sevres, a uma formação humanística. Será que você sabe alguma coisa sobre?

**Eduardo:** Da escola de Sevres não, eu sei mais sobre a Pedagogia Freinet. Freinet que pregava essa coisa do aprender fazendo, da escola passeio. O Freinet falava da aula passeio, ele falava também do aluno fazer coisas, produzir coisas, então pra ele era importante ter uma imprensa, uma prensa gráfica dentro da escola. O convite de formatura da minha turma, foi concebido e confeccionado por nós. O texto foi redigido por uma equipe de alunos, o desenho, por outra equipe, uma terceira equipe fez a coisa em *silk screen*, a tela de *silk screen*, uma outra equipe fez

a composição com os tipos, uma outra imprimiu, na sala de Artes Gráficas. Eu tenho o convite até hoje.

**Figura 7.** Convite de formatura do Ginásio Vocacional de Rio Claro, turma 1963.



**Fonte:** Arquivo Pessoal do ex-aluno Eduardo Aмос.

**Eliza:** Quem organizava isso? Coordenava, o professor?

**Eduardo:** Professor de Português, professor de Artes, professor de Artes Industriais, de tudo isso junto saiu o convite impresso pela gente. Então você pega o convite hoje e tem a nossa cara, entendeu? Nós tínhamos ido aprender no jornal da cidade como é que se montavam os tipos, letra por letra... Então isso tem a ver com a pedagogia Freinet..., do Célestin Freinet<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> Célestin Freinet (1896-1966) foi um pedagogo e pedagogista anarquista francês, uma importante referência da pedagogia de sua época, cujas propostas continuam tendo grande ressonância na educação. O educador francês desenvolveu atividades hoje comuns, como as aulas-passeio e o jornal de classe, e criou um projeto de escola popular, moderna e democrática. **Fonte:** FERRARI, M. Célestin Freinet, o mestre do trabalho e do bom senso. Revista **Nova Escola**. out. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mestre-trabalho-bom-senso-423309.shtml>>. Acesso em: 23 out. 2014.



**Eliza:** Eduardo, mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar, falar, colocar, deixar?

**Eduardo:** Mas olha, acho que é muito legal esse trabalho seu. Poxa! Bonito essa coisa de você trazer esse olhar, esse debruçar sobre esse momento lá atrás. Em cima da matemática, que coisa bonita, menina! E vou ver o que posso fazer também pra te colocar em contato com o Luiz Barco. Ele é uma pessoa importante hoje. Então, o Vocacional tem essas coisas, ele tem pessoas, assim... gente da melhor qualidade passou por dentro do Vocacional. Luiz Barco na Matemática, Evandro Jardim... Evandro Jardim nas Artes Plásticas, tremendo gravurista, tá vivo hoje ainda, produção legal. Aula de teatro com Jorge Andrade, Jorge Andrade escreveu a novela "Ossos do Barão" da Globo. O Jorge Andrade é o maior dramaturgo do Ciclo do Café de São Paulo, da decadência da elite cafeeira, tá tudo relatado na obra de Jorge Andrade, foi professor de teatro do Vocacional de São Paulo. Outro, o Antonio Petrin, ele é ator até hoje, ele tá em novela, ele trabalhou, ele fez Pantanal! O Petrin até faz um depoimento como professor num dos filmes sobre o Vocacional. Também foi professor de teatro. Então você percebe que gente da melhor qualidade passou pelo Vocacional. Foi uma tremenda experiência. Eu falo assim: felizes aqueles que passaram por isso.

Agora eu acho uma pena que a gente precise, por exemplo, ir lá pra Portugal para pegar a Escola da Ponte e trazer para cá, em vez de buscar aqui mesmo projetos pedagógicos que poderiam contribuir muito para a melhoria da educação brasileira. Este era um projeto pedagógico gestado aqui...

**Eliza:** Você percebia, ou percebeu alguma vertente religiosa nos vocacionais?

**Eduardo:** Nunca, nunca. Aliás, levei um susto quando eu vi anos depois, quando fui ler sobre o Vocacional. Por exemplo, na escola, os meus filhos estudam, escola particular e têm aula de catecismo e não é escola religiosa, o Vocacional nunca teve uma aula dessas... E tinha gente de outras religiões. Ali tinha os presbiterianos, os protestantes. Religião não fazia parte do nosso cotidiano.

**Eliza:** Eduardo, então, acho que é isso.

**Eduardo:** Obrigado pelo convite.

## 1.2 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM DANIEL FERRAZ CHIOZZINI

### “O Vocacional entre as histórias da família”

*Filho de ex-professores do Vocacional de Americana, Daniel Chiozzini, pesquisador atuante, hoje, no meio acadêmico, acerca dos Vocacionais – me concede uma entrevista após dois encontros anteriores na cidade de Rio Claro. A entrevista estava agendada para as 14 horas na PUC<sup>1</sup> de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade, no qual trabalha atualmente. Os encontros anteriores se deram em eventos específicos sobre o Vocacional. Em ambos, Daniel foi convidado a participar para expor/compartilhar os resultados de suas pesquisas. O primeiro foi na UNESP de Rio Claro, evento que comemorava os 50 anos do Ginásio Vocacional Chanceler Raul Fernandes, de Rio Claro, e o segundo, um Bate Papo Cultural organizado pelo Arquivo Municipal de Rio Claro, ocasião que fui presentada com seu livro.*

*Daniel, professor universitário de meia idade, chega pontualmente para a entrevista. Tem cabelos castanhos levemente desalinhados, é alto e magro. Seguimos para uma das salas da biblioteca da PUC – Vista Alegre. Havia um intenso movimento pelos corredores neste prédio que, antigo, contrasta com alunos modernos. Após acertos quanto à sala, iniciamos a entrevista de 1 hora e 54 minutos de duração que, dada a boa conversa, não percebi passar. Após um café em sua companhia, sigo, de táxi, para a casa de uma amiga. No dia seguinte encontraria Esméria e Luigy - meus próximos depoentes.*

\*\*\*\*\*

**Daniel:** Bom, vou começar pela minha identificação, aqui, seguindo o seu roteiro, depois eu falo da especificidade da matemática que entra aqui no item 4... que eu sei pouco, mas o que eu sei, eu vou falar, que são aquelas questões mais específicas. Mas deixa-me falar já, se não vai me fugir, essa coisa da matemática...

**Eliza:** Sim, pode falar, depois farei a textualização, posso reestruturar, caso queira, a entrevista.

**Daniel:** Então, quando você escuta falar de matemática, todas as vezes que eu escutei falar de matemática, vem aquela questão do vínculo com as problemáticas locais, as problemáticas ali da comunidade, onde a escola estava inserida e tal. Então, ao invés de ensinar matemática e as operações básicas simplesmente dentro da sala de aula eles utilizavam a Cantina, o Banco, utilizavam as instituições didáticas pedagógicas. O aluno aprendia a matemática juntamente com Práticas Comerciais, que era uma das disciplinas do rol das chamadas

---

<sup>1</sup> A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) é uma instituição de ensino superior privada e católica brasileira mantida pela Fundação São Paulo (Fundasp), vinculada à Mitra Arquidiocesana da cidade de São Paulo.

disciplinas práticas e muito também por meio das instituições didático-pedagógicas: o Banco, a Cantina, a Horta. Todas essas instituições envolviam, digamos, um gerenciamento que demandavam operações matemáticas. O que a gente escuta dos ex-participantes é que eles aproveitavam essas situações cotidianas, essas instituições e essas disciplinas práticas para ensinar o conteúdo tradicional do que seria o Ginásio, na época, o ginásial. Isto, falando, em linhas gerais, é muito atraente e muito interessante, mas como você fazer isso ao longo de um ano letivo? Eu nunca tive um olhar mais focado assim na questão da matemática, especificamente, para ver como isso era feito, por que numa disciplina como história, como geografia, que é a minha área isto já é complexo, isto tem que ser muito bem feito, para não banalizar...

**Eliza:** Para as coisas não se perderem...

**Daniel:** Não se perderem, não ficarem na superficialidade. Então, é lógico, tinha toda uma dinâmica que depois eu vou falar que, acho, balizava o trabalho, mas com matemática eu acho que o desafio era maior, porque matemática tem realmente uma gama de conteúdos e eles não tinham esta preocupação conteudista. Nas entrevistas que você vê da Maria Nilde Mascellani<sup>2</sup> ou dos ex-participantes, eles “abriam mão” de certos aspectos do conteúdo programático tradicional que tinha que ser desenvolvido ao longo do ano letivo e, evidentemente eles flexibilizavam, alteravam a ordem, tinham liberdade para isso, mas mesmo assim, mesmo com essa estrutura, mesmo com esse planejamento é difícil, não é?

**Eliza:** Mesmo com essa liberdade, quando você observa os documentos da época... Hoje, por exemplo (refiro-me ao Cedic<sup>3</sup>), era uma matemática, não era nada que você pudesse dizer: “era superficial”, principalmente da forma como era tratada. Um dos cuidados que se observa neste documento é que o aluno tinha que tentar entender o conceito e também tentar problematizá-lo, pelo menos é o que observamos inicialmente, e, mais especificamente, a questão do conteúdo não parece ser tratada de maneira superficial.

**Daniel:** Bom, acho que para a matemática era extremamente desafiador, interessante e instigante. Não conheço muitos trabalhos assim. Tem alguns

---

<sup>2</sup> Coordenadora Geral do Serviço de Ensino Vocacional. Uma dessas entrevistas ao qual o Professor se refere é analisada e utilizada como fonte primária nesta pesquisa. Outras às quais tivemos acesso, estão em vídeo, foram analisadas e nos forneceram importantes contribuições para a compreensão da experiência e elaboração narrativa apresentada nesta tese.

<sup>3</sup> Cedic-PUC/SP – Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”.

trabalhos que falam do Vocacional de maneira geral, mas especificamente sobre matemática, acho que não tem nada.

**Eliza:** Daí a necessidade de falarmos com professores de matemática para que possam expor de que forma era trabalhado determinado conteúdo, se eram conteúdos aliados à prática, ao local, ao contexto, à cidade, à escola. Quando eu ouvi um ex-aluno, ele me falou que ele tinha que construir um objeto de madeira, e este objeto teria determinado ângulo, precisavam medir etc. Como operacionalizavam isto?

**Daniel:** E é legal nestas entrevistas pedir para eles trazerem algum material para, se quiserem, mostrar, exemplificar, a avaliação, ou um texto, algo que exemplifique a prática do ensino de matemática.

**Eliza:** É, hoje também me deparei com uma prova objetiva (nos documentos do Cedic), o que é interessante. Além dessas provas objetivas, o que eles tinham como prática? Bom, estas serão algumas das coisas que vamos falar no nosso trabalho.

Mas, Daniel, fale-me um pouco de você. É importante tentar propiciar ao leitor, ao entrar em contato com este texto, uma imagem de você, quem é a pessoa que nos forneceu estas informações, que vai nos ajudar a compor este registro histórico.

**Daniel:** Bom, eu nasci em Campinas, em 09 de julho de 1975. Eu sou filho de ex-professores do Vocacional de Americana, e isso me motivou a entrar em contato com essa temática como objeto de pesquisa. Eu já tinha contato com o assunto Vocacional, ou com o tema Vocacional, pelas memórias dos meus pais. Desde a minha infância tinha essa coisa de falar do Vocacional, Vocacional... Eu nunca entendi direito essa palavra, eu a achava meio esquisita, desde a minha infância mesmo...

**Eliza:** Eles eram professores, então você não estudou no Vocacional.

**Daniel:** Eu não estudei no Vocacional, mas estudei na escola comunitária de Campinas – depois eu vou falar um pouquinho disso também. Então tinha, na minha infância, este contato com o tema. Tinha essas reuniões periódicas envolvendo ex-professores. Com alguma frequência, minha mãe e meu pai não só falavam do Vocacional mas se reencontravam com os ex-professores e com alguns ex-alunos e, nitidamente, foi aquilo que depois... isso que era algo marcante na história profissional deles, sem dúvida foi a época de ouro deles como professores, digamos

assim, na carreira deles. Depois eles foram para a escola pública, depois assumiram a direção de escola pública, meu pai até depois saiu da Educação Física, meu pai era da Educação Física, minha mãe era professora de Inglês, mas eu tinha este contato.

**Eliza:** Ela era professora de inglês no Vocacional?

**Daniel:** No Vocacional de Americana.

**Eliza:** Lógico que você não estudou lá, você é de 75.

**Daniel:** É eu sou de 75, mas tem muita gente que não consegue fazer esta distinção. Muita gente pergunta isso para mim. Eu estou acostumado a responder isso, não se preocupe. Mas aí, eu estudei na escola comunitária, que foi uma escola fundada por pais e professores que saíram do Colégio Progresso, que era um colégio tradicional de Campinas. Eu fui ligar a Escola Comunitária com o Vocacional no meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Na verdade, eu estava no meu último ano de graduação. Eu fui fazer História, História para mim sempre foi...

**Eliza:** Na Unicamp?

**Daniel:** Na Unicamp. História sempre foi uma disciplina instigante para mim, por isso, eu decidi fazer História, uma disciplina que me ajudava a entender o mundo a me situar no mundo. Desde pequeno eu gostei de História, eu sempre gostei de Educação Física também, gostava de jogar bola, mas a História para mim era um instrumento para eu entender o mundo, para entender as coisas que aconteciam que você via no Jornal: Guerra entre Irã e Iraque, o que era isso? O professor trabalhava, o professor de Geografia e História sempre trabalhavam estas temáticas atuais, isso ainda no Ginásio, o então primeiro grau, e aí eu fui fazer História e depois fui fazer o TCC e eu me debrucei nesta questão: "O que foi o Vocacional?" Aquelas angústias de professor: "Vou ser professor, vou ter que dar aula, eu não quero seguir carreira acadêmica." Na época, eu não queria fazer a carreira acadêmica assim "*logo de cara*", aí, comecei a trabalhar num colégio, no cursinho, onde também fiz o cursinho: o Anglo de Campinas, e o cursinho tem aquela dinâmica de material apostilado, de tarefa mínima, tarefa complementar, aula dada, aula estudada, aquela coisa assim para o vestibular e tal, e eu também queria entender um pouco a escola em que estudei, que foi a Escola Comunitária e entender um pouco mais sobre o Vocacional. Daí, conversando com os meus pais,

eles falaram da ligação entre um projeto e outro. A Áurea Sigrist<sup>4</sup> prestou um trabalho de assessoria pedagógica, ela desenvolveu um trabalho de assessoria pedagógica com a Dona Amélia<sup>5</sup> no Colégio Progresso, e a Dona Amélia é que viria a ser a Diretora da Escola Comunitária posteriormente, ela era orientadora pedagógica no Colégio Progresso quando o Vocacional ainda existia.

**Eliza:** Áurea Sigrist era do Vocacional de...

**Daniel:** Do Vocacional de Americana, e a Áurea Sigrist deu alguns cursos de formação, desenvolveu algumas atividades com o Colégio Progresso. Aí houve um desentendimento com as freiras que administravam o colégio e a Dona Amélia saiu e um grupo de pais e professores que se identificavam com o trabalho que era feito por ela e por uma equipe de professores resolveu sair junto e fundar uma escola. Isto foi em 1979, se não me engano, 78/79, e fundaram a Escola Comunitária em Campinas e minha preocupação inicial era entender essa relação entre Vocacional e Escola Comunitária. Cheguei a pesquisar uns jornais que foram feitos nos primórdios da Escola Comunitária, chamava-se **O Comunitário** - era um jornal periódico, mas depois eu vi que estava ampliando muito o objeto, que eu não ia “*dar conta*”, era melhor eu ficar com o Vocacional, entender melhor o Vocacional do que começar a ver a ligação com a Escola Comunitária e tal... e mesmo no meu TCC, eu não dei conta de entender o Vocacional, porque fui percebendo ali, fui tendo contato com algumas teses e dissertações, na época, a Maria Nilde Mascellani estava viva, isto foi em 1998, ela até me ligou e me disse: “*Eu tenho muito interesse em te ajudar neste trabalho sobre o Vocacional*”... mas na época eu já estava dando aula...

**Eliza:** Ela faleceu quando?

**Daniel:** Ela faleceu em 99, se não me falha a memória. Foi no ano em que ela defendeu o doutorado. Ela defendeu o doutorado e na semana seguinte ela morreu<sup>6</sup>... Então ainda durante a elaboração do meu TCC<sup>7</sup> ela ligou em casa. Ela tinha ficado sabendo por meio acho que da própria Áurea, ou da Cecília Guaraná<sup>8</sup>, o fato é que, do meu TCC, nasceu meu projeto de mestrado, pois no meu TCC eu peguei as teses e dissertações e li, mas foi aquela coisa de um panorama mesmo, a

<sup>4</sup> Professora Áurea Sigrist de Toledo Piza foi Diretora do Vocacional de Americana.

<sup>5</sup> Não tivemos acesso ao nome completo de Dona Amélia.

<sup>6</sup> Maria Nilde Mascellani falece em dezembro de 1999, aos 68 anos de idade, vítima de infarto.

<sup>7</sup> O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) referido intitula-se: “Os Ginásios Vocacionais: surgimento e elementos para discussão da educação atual” foi realizado no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, em 1998.

<sup>8</sup> Cecília Vasconcellos de Lacerda Guaraná, professora e ex-diretora do Ginásio Vocacional cidade de Americana e de Batatais.

partir daquelas teses e dissertações. Quando eu fui fazer o mestrado<sup>9</sup> minha preocupação era focar no ensino de História, só que aí eu localizei dois documentos que se propunham a sistematizar a prática de Estudos Sociais, não tinha História (História e Geografia eram integrados), mas tinha lá dois documentos que traziam registros importantes, que sintetizavam a prática dos Estudos Sociais no Vocacional, um documento intitulado “Relatos de Estudos Sociais” que foi feito pelo professor Newton Balzan, e um outro chamava, eu tenho no meu mestrado, era... “Estudos Sociais... Elementos Atuais”... era quase um paradidático feito pela minha orientadora Ernesta Zamboni, na ocasião professora do Vocacional de Batatais e Maria Regina Panuti, que foi uma ex-participante da equipe pedagógica também do Vocacional de São Paulo, e o Augusto Cesar Petta. Enfim, tinham outros profissionais que participavam, era uma publicação escrita por cinco pessoas do Vocacional e a Ernesta. Era interessante porque tinha muito material, eram muitos modelos que se baseavam no Vocacional, mas eu percebi nestes dois materiais – relatos de Estudos Sociais do Balzan e nessa publicação de Estudos Sociais - elementos muito dissonantes. Coisas muito diferentes...

**Eliza:** Como assim?

**Daniel:** Nas propostas pedagógicas mesmo. Uma delas trazia questões muito mais problematizadoras da realidade social da questão agrária, da questão do sindicalismo, enfim... e, a outra, era bem mais na linha de temas, de um trabalho interdisciplinar.

**Eliza:** E estes documentos são do início e do final...

**Daniel:** Exatamente, um dos documentos era de 66/67 e outro tinha sido publicado em 72, já era um registro após o fim dos Vocacionais. Não só, não era só, mas apesar de ser de 72, ele trazia muito documento, o livrinho tem muitos modelos de avaliação, modelos de planejamento, como trabalhar determinados conteúdos... e a minha orientadora, que era uma das autoras de um desses documentos, quando eu trouxe essas questões para ela, realmente, ela falou: “Tem... tem muita questão, têm elementos aí para você ver”.

**Eliza:** A proposta pedagógica acabou sendo...

---

<sup>9</sup> Daniel Ferraz Chiozzini fez o mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp, em 2003. A dissertação intitula-se: “Os ginásios Vocacionais: a (des) construção da história de uma experiência educacional transformadora 1961-70”. Consta nas referências desta pesquisa.

**Daniel:** Acabou sendo alterada ao longo do tempo e, sendo de certa maneira até radicalizada. Eu coloco isso no meu doutorado<sup>10</sup>, em certo sentido até radicalizada. Era um outro momento político do país, os profissionais eram outros. Daí, nesse processo, para entender a diferença entre esses dois documentos, eu fui entrevistar professores (ou educadores, não eram necessariamente professores) que estiveram desde o início até praticamente o fim dos Vocacionais e eu fui entrevistar o próprio Newton Balzan, autor de um dos documentos e a Olga Bechara. Ela era orientadora pedagógica e foi orientadora educacional, ela é uma das ex-professoras das Classes Experimentais de Socorro<sup>11</sup>, esteve lá nos primórdios do Vocacional com a Maria Nilde Mascellani naquilo que foi a experiência embrionária que levou à criação do Vocacional e depois foi trabalhar no Vocacional com a Maria Nilde, e ficou até praticamente o fim experiência. Então eram dois entrevistados – Olga Bechara e Newton Balzan – inclusive, deram depoimento no documentário do Toni Venturi<sup>12</sup>, é uma bem velhinha de cabelo branco que aparece no começo, mais gordinha. Tem ela e a Cecília no início. E eles trouxeram essa questão das mudanças que aconteceram no decorrer da existência da experiência. Então, aí eu fui vendo que todo aquele discurso de comprometimento, de engajamento, de transformação, toda essa memória coletiva dos Ginásios, era um discurso muito tributário do discurso da Maria Nilde... Então foram falando das crises internas, dos problemas que aconteciam, as crises com o Governo, especialmente depois do Golpe, evidentemente, do Regime Militar, uma crise em 65 no Oswaldo Aranha, aqui em São Paulo, por conta da matrícula de um aluno indicado à revelia de todo um processo seletivo que havia, e houve uma mobilização de pais e professores, alunos de todas as unidades para que isso não acontecesse, não é? Era a matrícula de um aluno que era indicado por um político ligado ao Adhemar de Barros, o então governador do Estado de São Paulo. O Vocacional tinha toda uma sistemática de seleção de alunos que foi desrespeitada na ocasião, em 65, e aí, como a Maria Nilde resistiu, negou-se a fazer a matrícula desse aluno indicado, ela foi destituída do

---

<sup>10</sup>A tese de doutorado intitula-se “História e memória da inovação educacional no Brasil: o caso dos ginásios vocacionais (1961-1969)” defendida na Faculdade de Educação da Unicamp em 2010.

<sup>11</sup> Na década de 1950 foi aprovada pelo Ministério da Educação uma portaria autorizando escolas secundárias e institutos de educação a implantar o que foi chamado de Classes Experimentais. A primeira Classe Experimental a ser implantada, baseada nos modelos franceses do *Liceu de Sevres*, foi na cidade de Socorro, interior de São Paulo no Instituto de Educação “Narciso Pieroni”, em março de 1959.

<sup>12</sup> Documentário: “Vocacional: uma aventura humana”. 1h 17’45”. Diretor: Toni Venturi. BRASIL (2011).



cargo de Coordenadora do Serviço de Ensino Vocacional e aí acontece a tal mobilização que eu mencionei, o assunto ganhou a imprensa e o governador acabou por voltar atrás...

**Eliza:** Sim, aquela na qual os pais se mobilizaram juntamente com professores?

**Daniel:** Exatamente. Então tem essa crise de 65 e tem a outra crise lá em 69, com a intervenção militar nas escolas. Mas o Balzan e a Olga Bechara falaram também das crises internas que não afloraram e que não apareceram na memória coletiva dos ginásios.

**Eliza:** Não aparecem ou aparecem?

**Daniel:** Apareceram na entrevista, na memória individual deles, apareceu, inclusive sentiam muita necessidade de falar e falaram destas outras crises, falaram desses outros episódios que já estavam de alguma maneira cristalizados na memória coletiva do Vocacional, mas falaram também de episódios envolvendo a figura deles, a pessoa deles também. O Newton cita aquele episódio que eu também descrevo no doutorado, que foi em 63, que os professores do Vocacional de Americana resolveram fazer uma greve, isso em solidariedade aos demais professores da rede, e a Maria Nilde disse que não era para parar porque o sistema de contratação era outro, o regime de trabalho era outro, portanto não tinha porque parar, mas eles decidiram parar mesmo assim, exatamente em solidariedade aos professores da rede, e ela demitiu os dezoito professores de Americana que decidiram parar.

**Eliza:** Demitiu?

**Daniel:** Pois é, e nesse momento, em 63, vésperas do Golpe Militar, ainda. E a autoridade dela, por ela ser uma figura centralizadora, ela tinha uma outra característica que também não é falada. Ao que tudo indica, pelas evidências que eu coletei, ela era uma figura politicamente conservadora neste período. A própria Olga fala que eles decidiram demitir mesmo, e a Olga já era do SEV, do Serviço Vocacional, que era a cúpula administrativa dos Ginásios, a Olga fala: “Nós éramos classe média, católica, anticomunista mesmo e nós víamos greve como coisa de comunista”.

**Eliza:** Nós percebemos... veja se eu entendi. Inicialmente é como se a Maria Nilde apoiasse o golpe como uma ala da igreja católica inclusive apoiou...

**Daniel:** Exatamente, Dom Paulo<sup>13</sup> apoiou o Golpe, mas você tem alguns católicos que questionam o golpe militar.

**Eliza:** E depois, mais à frente, quando eles veem os rumos que acabaram sendo tomados, aí eles passam a questionar o que estava acontecendo. Quando você fala da Maria Nilde, inicialmente, ela era – não sei se posso dizer assim -, ela era a favor do Golpe Militar e mais à frente ela vai questionar toda essa estrutura de governo.

**Daniel:** É, eu não localizei nada que evidenciasse que ela era a favor do Golpe. Eu localizo esse episódio da demissão, o relato da Olga Bechara - que está lá no meu doutorado – que fala: “nós éramos anti-greve, nós éramos anti-comunistas e greve para nós era coisa de comunista”. Recentemente a GVive entrevistou, eu estive junto do Luigy em Americana entrevistando um ex-professor, o Professor Pompeo<sup>14</sup>, de Práticas Comerciais, e também questionei, perguntei em relação a isso e ele disse: “A gente era anti-comunista mesmo, greve era coisa de comunista”, e ele foi um dos que não foi mandado embora, que não fez greve...

Então ele fala, é lógico, que ninguém sabia o que viria depois, ninguém esperava. Essa coisa que estava para acontecer. Um golpe comunista no Brasil era como uma propaganda institucional: você tinha órgãos encarregados de propagandear esta ideia: de que o país estava na iminência de um golpe... o Ipes<sup>15</sup>, o Ibad<sup>16</sup>, políticos que estavam sendo financiados pelo governo norte americano, deputados brasileiros, hoje a gente sabe de tudo isso.... e que efetivamente não havia condições estruturais para um golpe comunista. As pessoas que foram cassadas, perseguidas e assassinadas ou aposentadas, muitas delas, a grande maioria delas, não era comunista, quer dizer, nesse momento, lá depois na luta

---

<sup>13</sup> Dom Paulo Evaristo Arns nasceu em Forquilha, Santa Catarina, em 14 de setembro de 1921. Doutorou-se em Letras pela Universidade de Sorbonne em Paris, na França, em 1952. Foi nomeado arcebispo de São Paulo em 1970 e cardeal em 1973. Exerceu o cargo de cardeal-arcebispo até 1998. Foi o quinto arcebispo de São Paulo, tendo sido o terceiro prelado dessa Arquidiocese a receber o título de cardeal. Faleceu no dia 14 de dezembro 2016 como Arcebispo-emérito da Arquidiocese de São Paulo.

<sup>14</sup> José Ângelo Pompeo, ex-professor do Vocacional de Americana na disciplina de Práticas Comerciais, um dos depoentes deste nosso estudo.

<sup>15</sup> Ipes – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, entidade criada oficialmente em fevereiro de 1962, no Rio De Janeiro. O IPES resultou da fusão de grupos de empresários do Rio de Janeiro e de São Paulo.

<sup>16</sup> Ibad – Instituto Brasileiro de Ação Democrática - entidade não governamental fundada em 1959. Recebia contribuições de empresários brasileiros e estrangeiros que se organizaram com o objetivo de combater o comunismo no Brasil e influir nos rumos dos debates econômico, político e social do país.

armada, depois do AI-5<sup>17</sup>, realmente, você tem movimentos que eram de defensores de uma revolução, mas nesse período, você, primeiro, não tem luta armada no Brasil e Jango, Juscelino, e... enfim todos os generais e almirantes que foram aposentados, nenhum deles era comunista.

**Eliza:** Mas os EUA, nesta época, tinha todo o receio de que os comunistas estivessem se infiltrando no Brasil.

**Daniel:** Tinha, sem dúvida, tinha uma doutrina...

**Eliza:** E aí que começa a se criar este discurso.

**Daniel:** Exatamente! É a tal da doutrina de Segurança Nacional.

**Eliza:** Qualquer um era suspeito de ser comunista, qualquer pessoa suspeita representava um risco.

**Daniel:** Guerra Fria, contexto de Guerra Fria, um contexto de polarização política e os Estados Unidos passam a financiar as ditaduras na América Latina e apoiar ditaduras na América Latina como um todo, e aqui no Brasil, por exemplo, no Chile também não era... era um governo socialista moderado, não era um governo socialista alinhado com a União Soviética, era um governo socialista eleito democraticamente pela população. Aqui no Brasil, Jango não era comunista, Anísio Teixeira não era comunista, que foi um sujeito, uma das maiores cabeças da educação brasileira, um sujeito que estava, desde os anos cinquenta, a frente da Capes<sup>18</sup>, a frente do Inep<sup>19</sup>, um sujeito estudioso do John Dewey, do pragmatismo norte americano, um sujeito que concebeu um sistema de educação para este país e que estava levando a cabo um projeto de consolidação de um sistema educacional, desde a pós-graduação até a educação básica, até a pré-escola, um projeto liberal, eminentemente liberal, se você ver as ideias do Anísio<sup>20</sup> ele era um liberal, um liberal de carteirinha, digamos assim, um sujeito que depois, em 1971, acaba assassinado

---

<sup>17</sup> O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur Costa da Silva. Autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus.

<sup>18</sup> Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>19</sup> Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.

<sup>20</sup> Anísio Spinola Teixeira nasceu em Caetitê, sertão da Bahia, em 12 de julho de 1900. Após sólida formação adquirida em colégios jesuítas, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e obteve o título de *Master of Arts* pelo *Teachers College* da *Columbia University*, em Nova York, em 1929. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1971. Considerado um dos maiores educadores brasileiros, deixou uma obra pública excepcional. Sua formação educacional foi fortemente influenciada pelo pragmatismo do filósofo John Dewey, cujas ideias divulgou no Brasil.

em condições suspeitíssimas: ele foi encontrado morto no fosso do elevador. A Comissão da Verdade<sup>21</sup>, inclusive, está levantando estes dados. Ele estava absolutamente lúcido no dia em que saiu de sua casa para visitar o Aurélio Buarque de Holanda<sup>22</sup>. Naquele momento Anísio era candidato à Academia Brasileira de Letras, parece que iam tratar desse assunto. Só que não retorna para casa, (isto em 1971, como eu disse), e aí a família começa a buscar informações, conversa com os militares que eram amigos da família e a informação que eles deram é de que ele tinha sido detido para averiguação. Aí ele não é localizado em nenhuma unidade e depois é descoberto no fosso do elevador do prédio do Aurélio Buarque de Holanda. Só que o fosso tinha duas vigas de concreto com um vão de cerca de 20 cm. Ele foi encontrado embaixo dessas duas vigas, com os óculos totalmente preservados, sendo que, na época, não existiam lentes inquebráveis. Tinha marcas de ferimentos na cabeça, ou seja, alguém que cai de um fosso do elevador jamais conseguiria passar num vão de 20 cm e cair de cócoras e com ferimentos que não eram condizentes com uma queda de um fosso de elevador. Então tudo indica que ele foi mais uma das vítimas da repressão, assim como outros foram assassinados em condições suspeitas, morreram em condições suspeitíssimas, o próprio Juscelino, o próprio Jango. Enfim... a gente tinha um contexto de... e tudo isso motivado, como eu disse, por uma série de condições que levaram a esta situação, mas uma delas foi a tal da Doutrina de Segurança Nacional, que consistia num conjunto de ideias propagandeadas pelos norte americanos, que partia do princípio que o inimigo não está só no outro bloco, no bloco comunista, nos países comunistas, ele está dentro da nação ele precisa ser identificado e destruído, isto transforma todo o cidadão em um suspeito, em um inimigo, aí a suspensão do *habeas corpus*<sup>23</sup>, aí a perda das

---

<sup>21</sup> Fruto de uma longa luta dos familiares de mortos e desaparecidos políticos, a proposta de uma Comissão da Verdade foi democraticamente construída na 11ª Conferência Nacional dos Direitos Humanos, sendo incorporada formalmente ao 3º Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), publicado no final de 2009 pelo Governo Federal. Após pressão da sociedade civil organizada, foi instituída, por meio da Lei n. 12.528, a Comissão Nacional da Verdade, "a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional" (art. 1º). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. 17. Legislatura. São Paulo. 14 mar. 2015. Comissões. Comissão da Verdade. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/comissoes/comissao-da-verdade/>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

<sup>22</sup> Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, lexicógrafo, filólogo, tradutor, crítico literário, escritor e professor. Ingressou na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1961, ocupando a cadeira número 30. Seu trabalho fundamental, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, conhecido popularmente como "Dicionário Aurélio", foi lançado em 1975 e tornou-se o mais popular dicionário brasileiro, integrando um ciclo de obras responsáveis pela consolidação da independência brasileira nesse campo.

<sup>23</sup> *Habeas corpus* (significa: "que tenhas o seu corpo") é uma medida que visa proteger o direito de ir e vir. É concedido sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência e coação em

liberdades democráticas e aí a carta branca para a ditadura fazer o que quisesse e o que bem entendesse... Então foi uma sucessão de medidas que foram levando a um recrudescimento, porque os militares não tinham sucesso na sua política. Logo depois do golpe, quando tem a primeira eleição, os candidatos dos militares não são eleitos, aí vem o AI-2, o AI-3, AI-4<sup>24</sup>, enfim, a gente tem o processo de recrudescimento da ditadura militar que levou com que muitas pessoas que apoiaram o golpe passassem a questionar. No meio católico aconteceu isso, o próprio Dom Paulo Evaristo Arns passa a ser um opositor ferrenho da ditadura, o caso dele é bem emblemático e a gente tinha alguns católicos que já foram contra o golpe, o caso do Alceu Amoroso Lima, por exemplo, em 64.

**Eliza:** Tinha uma ala da igreja católica mais ligada às ideias comunistas?

**Daniel:** Não, na verdade não era nem esse o caso. O Alceu<sup>25</sup> também não era um comunista, mas ele era um democrata radical. Quando você tem um golpe de Estado, quer dizer, um presidente democraticamente eleito, retirado, à força do poder, isso é um atentado a qualquer democrata, um atentado à democracia e o Alceu, como um democrata, escreve, em 64, já um artigo intitulado “Terrorismo Cultural” no qual ele critica frontalmente o Golpe Militar, a iniciativa dos militares de tirar um presidente democraticamente escolhido... então, muitos católicos, pelo fato de serem democratas, se opõem ao Golpe Militar e outros vão, com o tempo, com o processo de recrudescimento da ditadura militar, vão partindo para a oposição. No caso do Vocacional foi um pouco isso. Tanto o Professor Pompeo lá de Americana, como a própria Olga Bechara falaram nesse sentido: “Nós éramos anticomunistas, catolicismo e comunismo eram coisas opostas, portanto éramos contra a greve, contra qualquer tipo de iniciativa que fosse vista como comunista.” Mas depois, com

---

sua liberdade de locomoção por ilegalidade ou abuso de poder. Qualquer pessoa física que se achar ameaçada de sofrer lesão a seu direito de locomoção tem o direito de fazer o pedido do habeas corpus.

<sup>24</sup> Os Atos Institucionais: AI-2, AI-3, AI-4 foram normas e decretos elaborados durante a ditadura militar utilizado como mecanismo de legitimação e legalização das ações políticas dos militares. Entre 1964 e 1969 foram decretados 17 atos institucionais. O AI-5, o mais conhecido, foi o mais repressivo de todos.

<sup>25</sup> Alceu Amoroso Lima nasceu, no Rio de Janeiro, em 1893. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1913. Eleito, em 1935, para a Academia Brasileira de Letras. Foi catedrático de literatura brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia, um dos fundadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e diretor de assuntos culturais da Organização dos Estados Americanos. Ministrou cursos em universidades estrangeiras, inclusive na Sorbonne e nos Estados Unidos. Exerceu grande produção jornalística, destacando-se no combate ao regime militar. Foi crítico literário, professor, pensador, escritor, líder católico e polígrafo. Publicou dezenas de livros e desenvolveu uma intensa atividade intelectual. Morreu em 14 de agosto de 1983 na cidade de Petrópolis-RJ.

o golpe, com toda a sucessão de episódios, evidentemente, começam a questionar, e ela cita também que alguns professores participaram da Marcha da Família com Deus pela Liberdade<sup>26</sup> que foi a manifestação de uma parte da sociedade brasileira de apoio ao golpe, de apoio a todas aquelas teses anticomunistas.

**Eliza:** Isto também não ia, de certa forma, contra a proposta pedagógica dos Vocacionais?

**Daniel:** Sem dúvida. No começo ela é uma proposta pedagógica, fruto dessa classe média católica que trazia elementos do escolanovismo<sup>27</sup>, da proposta anisiana, digamos assim. O Anísio já vinha pensando inovações tanto da educação básica desde os anos 50, (tem a criação das Escolas Parque<sup>28</sup>), enfim ele era um defensor da reformulação do currículo, foi um dos responsáveis por aquela portaria do MEC que cria a possibilidade de serem desenvolvidas classes experimentais<sup>29</sup> no Brasil como um todo. Então, o Anísio e o Vocacional trazem muito deste referencial liberal, dessa pedagogia liberal norte americana, só que ele trazia outros elementos também, elementos das tais pedagogias europeias do pós-guerra. A Maria Nilde, a Olga, enfim, todos que participaram desta experiência, eles se apropriam de uma série de referenciais e desenvolvem, de uma maneira muito particular. Quando falam: “Tem o Emmanuel Mounier”, isto sempre todo mundo fala. Emanuel Mounier, o personalismo cristão de Emmanuel Mounier, eu não encontrei nada assim de referência nos primórdios do Vocacional. Isso vai aparecer depois, com o tempo, mas o Emanuel Mounier não é citado, inclusive naquele documento que me foi

---

<sup>26</sup> Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi um movimento surgido em março de 1964 e que consistiu numa série de manifestações, organizadas principalmente por setores do clero e por entidades femininas. Congregou segmentos da classe média, temerosos do "perigo comunista" e favoráveis à deposição do presidente da República. A primeira dessas manifestações ocorreu em São Paulo. A iniciativa da Marcha da Família repetiu-se em outras capitais, mas já após a derrubada de Goulart pelos militares em 31 de março.

<sup>27</sup> A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. No Brasil, as ideias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952) que influenciou grandes humanistas e figuras respeitáveis de nossa história pedagógica, como por exemplo, Anísio Teixeira (1900-1971).

<sup>28</sup> O nome Escola Parque foi inspirado em um sistema educacional desenvolvido por Anísio Teixeira, em 1932, que propôs o desenvolvimento completo do aluno, numa visão holística da educação. Criou um sistema educacional onde as escolas, além do currículo básico, propõem o acesso a aprendizagens sobre trabalho e à cultura ampla da humanidade. A primeira unidade da "Escola Parque" de Anísio Teixeira foi instalada na Bahia, em Salvador.

<sup>29</sup> Em 1959, impulsionado pelo chamado "movimento reformador escolanovista", o Ministério da Educação publicou a Portaria no. 35.069, que autorizou o funcionamento de Classes Experimentais, flexibilizando a rigidez e centralização da legislação educacional do período. Inspiradas nos modelos pedagógicos franceses, as Classes Experimentais Secundárias funcionaram entre o final da década de 1950 e meados dos anos 1960.

cedido pela Profa. Cecília Guaraná, na bibliografia necessária para a compreensão do sistema Vocacional. Ali não aparece o Emanuel Mounier. O Emanuel Mounier vai se tornar uma referência depois. O personalismo cristão, essa ideia de engajamento, já há uma incorporação de um catolicismo mais questionador. Você falou: “Ah... mas tinha alguns católicos que se aproximavam”... Desde os anos 50 também a gente começa a ter a ação católica, ela começa a se organizar descentralizadamente em JEC - Juventude Estudantil Católica, JUC – Juventude Universidade Católica, JOC – Juventude Operária Católica – e, especialmente, a ação católica é um espaço da construção de um catolicismo mais progressista e questionador da realidade social. Então a gente tem nascendo, por exemplo, o MEB, em 1961, o Movimento de Educação de Base, que é um dos movimentos de alfabetização deste período. Temos a Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler<sup>30</sup>, lá no Rio Grande do Norte, no Recife; tem a experiência lá de Angicos<sup>31</sup>, Pernambuco, então a gente tem experiências na linha da alfabetização popular que incorporam a noção de conscientização, de formar o indivíduo consciente, transformador do meio do qual faz parte. Ou seja, incorporam já proposições do marxismo, e quem é um grande, talvez, um dos grandes responsáveis pela disseminação das ideias sociais marxistas no catolicismo, antes do Paulo Freire, é o Padre Henrique Lima Vaz<sup>32</sup>, Frei Beto sempre fala da figura de Henrique Lima Vaz. Cristão começa a ler Marx a partir do Padre Henrique Lima Vaz, principalmente, que é um jesuíta de Minas Gerais... Com o passar do tempo, o Vocacional vai incorporar essa noção de conscientização que já estava no MEB, no início dos anos 60, e lá em 67, 68 nesse processo que eu chamo de radicalização da sua proposta pedagógica, o MEB sofre perseguições. Até antes...

**Eliza:** O que seria radicalização? Questionar mais diretamente os modelos...

---

<sup>30</sup> A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler foi um movimento educacional desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Natal-RN a partir de reivindicações populares, no período de 1961 a 1964, quando suas atividades foram interrompidas pela deflagração do golpe civil-militar.

<sup>31</sup> Angicos, a cidadezinha localizada no sertão do Rio Grande do Norte foi o palco em que, pela primeira vez, Paulo Freire, em princípios de 1963, pôs em prática o seu famoso método de alfabetização de adultos. O seu trabalho, que até então era desenvolvido de forma incipiente no Recife, ganhou grande visibilidade em níveis nacional e internacional. No dia 18 de janeiro de 1963 com a aula inaugural de Paulo Freire, na presença do governador do Estado, 380 moradores de Angicos começam a sua alfabetização.

<sup>32</sup> Nascido em Ouro Preto (MG) em 1921, Henrique Cláudio de Lima Vaz ingressou na Companhia de Jesus em 1938. A ordenação sacerdotal se deu em 1948. Defendeu, em 1953, sua tese de doutorado em filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Atuou por quase 50 anos, no magistério universitário. Morreu em maio de 2002.

**Daniel:** Pensar num currículo voltado para o questionamento da realidade social do país, aquela realidade de ditadura militar em processo de recrudescimento, de aumento de desigualdade social, de inchaço das cidades, de migração de massa, de degradação do meio ambiente. Enfim, tudo aquilo que foi a consequência do regime militar, esse processo de industrialização acelerada. Então isso passa a ser levado para o currículo do Vocacional a partir de 67, 68. E nesse processo de mudança o que acontece? Algumas figuras que estavam desde o início, o próprio Newton Balzan e a Olga Bechara, vão sendo colocados “para escanteio”, porque entra uma nova leva de profissionais no Vocacional a partir de 67, 68.

**Eliza:** Hoje, vendo um documento no Cedec, datado de 68, encontro um “relato escrito” de um professor “falando” que os alunos tinham muita autonomia, os alunos decidiam tudo, ou seja, criticando o comportamento dos alunos. O documento não estava apoiando a forma de agir do Vocacional, percebo uma crítica neste documento...

**Daniel:** É... em cada unidade. Também a gente tem que perceber isso: cada unidade, cada realidade, é uma. Cada momento é um momento. É fundamental você olhar a datação do documento e se é do Oswaldo Aranha, quer dizer, no Oswaldo Aranha essa questão dos alunos era muito mais latente. O Oswaldo Aranha, que era a unidade de São Paulo, os alunos tiveram uma participação intensa no movimento estudantil.

**Eliza:** Apesar de serem muito jovens, crianças...

**Daniel:** Muito jovens! Você pega no documentário do Toni Venturi e tem o relato de alunos participando de passeatas, alunos do Oswaldo Aranha. Então... para olhar os documentos... eles têm que ser olhados com muito cuidado por isso, porque cada unidade tem a sua especificidade, depende do momento que esse documento foi escrito, por que ele foi escrito.

**Eliza:** Os alunos participavam das discussões sobre currículo, discutiam sobre o currículo, montavam o currículo, mas ali é como se eles quisessem...

**Daniel:** Decidir tudo.

**Eliza:** Parece que eles estavam passando pela autonomia do professor. Então, você percebe ali uma crítica, diferente do que antes, com as coisas que a gente tem lido, que falam do incentivo à participação do aluno enquanto crítico, atuante.



**Daniel:** Pois é. Então os documentos são um campo minado, o acervo do Vocacional...

**Eliza:** Mas ao mesmo tempo eles trazem alguns *flashes*...

**Daniel:** Sem dúvida. São essenciais estes *flashes*. Assim, acho que você tem que ter contato com esses *flashes*... mas é aquela coisa do documento... e tem um outro complicador quando a gente vai olhar os documentos do Vocacional, aquilo que a própria Simone<sup>33</sup> sempre fala: os documentos que foram para o Cedic foram sendo reutilizados pela Maria Nilde Mascellani ao longo do tempo no Renov<sup>34</sup> e depois no Aprovev<sup>35</sup>. Tem documento que tem o carimbo de três instituições. E ela foi, ao longo do tempo, exatamente por esse processo de mudanças, ela foi fazendo a seleção dela. No meu doutorado eu falo um pouco disso também, como que ela foi construindo um discurso do Vocacional, como ela foi homogeneizando essa memória para deixar o Vocacional com a imagem lá do Vocacional de 67, 68 e, digamos, o processo de concepção dessa experiência ele foi se perdendo. Isso é que eu procurei retomar na minha pesquisa: como é que ele foi concebido? Que lei foi essa que criou o Vocacional? Qual era essa proposta, como era esse currículo de 61? Aí eu me ative mais no currículo, eu saí da questão dos Estudos Sociais.

**Eliza:** O *Core Curriculum*?

**Daniel:** O *Core curriculum*, isso. Mas aí, como é que foi essa proposta de currículo, que noção é essa de *Core curriculum*, por exemplo. Isso é dessa pedagogia norte-americana. Essa expressão se populariza nos Estados Unidos e é adotada. Então aí eu fui ler esse documento, esses documentos da origem da

---

<sup>33</sup> Simone Silva Fernandes, Técnica Documentalista do Cedic - Centro de Documentação e Informação Científica. PUC-SP.

<sup>34</sup> Relações Educacionais e do Trabalho (Renov). O escritório de Relações Educacionais e do Trabalho surge em 1970 a partir do trabalho de intelectuais e educadores, com especial atenção à presença da Prof<sup>a</sup>. Maria Nilde Mascellani como coordenadora.

<sup>35</sup> Boa parte dos documentos do Arquivo do SEV e dos Ginásios Vocacionais foi destruída pela repressão. O que conseguiu ser salvo ficou com aqueles que participaram dessa experiência. Esses documentos foram coletados pela Associação Pró-Ensino Vocacional - Aprovev, a partir de sua criação, em junho de 1986, através de contatos feitos com ex-professores, técnicos, funcionários, alunos e pais de alunos do extinto Serviço. Ao assumir a direção do Escritório de Relações Educacionais e do Trabalho - Renov, em 1970, a antiga Coordenadora do SEV transferiu para esse escritório os documentos reunidos, a fim de deixá-los sob a proteção de uma entidade ligada à educação. Com o fim do Renov, os documentos voltaram para a residência da Professora Maria Nilde Mascelani. Em 1986, o Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro recebeu a custódia temporária desses documentos, que lá permaneceram por alguns meses, sendo transferidos para a residência de um ex-participante do Ensino Vocacional de Rio Claro e, finalmente, removidos para São Paulo, onde permaneceram novamente sob os cuidados da Prof<sup>a</sup> Maria Nilde. Em 1992, o Arquivo do SEV foi doado ao Cedic. **Fonte:** Cedic-PUC-SP. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/cedic/fundos/servico\\_de\\_ensino.html](http://www.pucsp.br/cedic/fundos/servico_de_ensino.html)>. Acesso: 27 fev. 2015.

experiência, do período de concepção da experiência, esses documentos pré 66, sempre buscando um sentido daquilo naquele momento. Quando você fala de *Core curriculum* em 66, o que significa falar em *Core curriculum* em 66? Tem um capítulo do meu doutorado que eu vou utilizar um documento publicado em 68 que é um documento preparado para Reunião Anual do SBPC, que a equipe do Vocacional preparou. Eu vou usando a análise desse documento como uma espécie de um fio condutor. Bom aqui eles estão falando de integração de disciplina, o que significa falar de integração de disciplina neste contexto? Aí eu faço uma espécie de digressão, eu vou falar que não existiam as expressões multi, inter e transdisciplinar, mas estava começando a se falar realmente em integração, algo muito mais voltado para o ensino superior do que para a educação básica... então eu vou dissecando aquela proposta pedagógica lá de 68 e entendendo o sentido de cada um dos termos utilizados e comparando com documentos da origem da proposta. Então, lá em 68, falava-se em transformar a realidade, formar o aluno transformador da realidade da qual ele faz parte, da comunidade da qual ele está inserido. Lá em 61, falava-se em adaptar o aluno para o mundo em processo de mudança, de modernização etc... e uma série de categorias vão sendo alteradas ao longo do tempo. O meu doutorado consistiu em, basicamente, entender essa proposta curricular, educacional como um todo, especificamente curricular, como ela foi sendo desenvolvida ao longo do tempo e como que esse processo esteve muito ligado a questões internas, embates internos, discussões internas.

**Eliza:** Que estavam ligadas ao contexto...

**Daniel:** Ao contexto, exatamente, e as opções que eles tinham que fazer naquele momento. Eles estavam ali planejando e construindo, quer dizer, o que vai ser estudado, o que vai ser dado, e especialmente, no âmbito do SEV, eu não entrei nas unidades, eu estudei o interior do SEV, o Serviço de Ensino Vocacional, a cúpula administrativa dos Ginásios que era composta pela Maria Nilde Mascellani e pelos coordenadores de área, o Newton Balzan, a própria Olga Bechara.

**Eliza:** Os coordenadores de área visitavam os ginásios ou eles recebiam relatórios?

**Daniel:** Não, eles visitavam e também recebiam e analisavam o material que estava sendo produzido pelos professores das diferentes áreas. Eu consegui umas reuniões do SEV, a gravação de umas reuniões do SEV, este material foi muito rico. Apesar da qualidade da gravação estar muito ruim, foi um material muito rico,

porque era exatamente uma reunião do SEV de 68, era um “*quebra-pau*” ali. É difícil entender... várias pessoas falando... você conhece reunião de escola, você sabe como é. Às vezes, parece conversa de louco, um fala uma coisa, outro fala outra, outro quer falar... muda de assunto, então foi difícil. E muito embate. Por exemplo, o Sr. Newton Balzan era um sujeito que sofre muito nestas reuniões... (risos). Ele estava para ser demitido ali naquele momento, e ele foi demitido antes do fim da experiência. Ele era da área de Estudos Sociais e ele foi demitido, quer dizer, não só ele, como oito dos coordenadores foram demitidos. É uma “*rapa*” que ela faz, ela faz uma mudança radical no SEV.

**Eliza:** Maria Nilde?

**Daniel:** Maria Nilde Mascellani. Essa demissão de 1968. Isto é outra crise interna. Teve uma crise de 63 lá em Americana da greve, e teve a crise de 68.

**Eliza:** Mas na greve de 63 ela não demitiu ao final?

**Daniel:** Demitiu, mas depois o Newton é recontratado, é isto que ele fala: só ele foi recontratado, os demais, não.

**Eliza:** Depois lá na frente ele...

**Daniel:** É demitido novamente. Mas ele fala: (risos). “*Em 63 eu fui demitido porque eu era grevista, fui acusado de comunista, e em 68 eu fui acusado de ser conservador*” (risos). Então esse processo está muito ligado à construção dessa proposta educacional e curricular, está muito ligado aos embates internos, às opções, aos dilemas do período e isso também repercutiu em diferentes memórias da experiência, você tem uma memória coletiva que apaga estas crises internas e uma memória individual que embora tenha seus pontos de intersecção com a memória coletiva, obviamente, que fale das crises da repressão, etc e tal, mas também sente a necessidade de puxar outros referenciais que são essas crises, as demissões, as brigas internas...

**Eliza:** Quando você fala de memória coletiva, é, por exemplo, é o que este filme<sup>36</sup> retrata?

**Daniel:** O que este filme passa, que muitas teses e dissertações passam.

**Eliza:** Há um sentimento, há um sentimento dessas pessoas que estão envolvidas, a gente percebe quando essas pessoas falam, elas estão emocionalmente envolvidas com a causa.

---

<sup>36</sup> O filme a que nos referimos trata-se do documentário dirigido por Toni Venturi: “Vocacional: uma aventura humana. 77 min, com apoio do GVive. Produção de Mamute Filmes e Olhar Imaginário.

**Daniel:** Então, exatamente. E quanto mais emocionalmente envolvidas com uma causa elas constroem um discurso defensivo homogêneo, e que apaga essas outras questões internas. Eu cheguei, no meu processo de pesquisa, a entrevistar algumas pessoas, ter contato com alguns ex-participantes que depois de conversa vai e conversa vem... não queriam falar, chegavam para mim e falavam: “Olha, a história do Vocacional já está escrita”. Você entendeu? (risos)

**Eliza:** Mas a história, não é A História.

**Daniel:** É isso que eu questiono, quer dizer, no fundo, acaba sendo o discurso da história verdade, da história oficial. E quando eu fui levantando esses elementos não é a problematização pela problematização, não é simplesmente.

**Eliza:** Mas neste sentido não é para preservar...

**Daniel:** Exato. E eu coloco até porque este discurso é muito tributário do discurso da Maria Nilde, porque que ele é tão forte, porque o Vocacional foi muito bombardeado no período, tanto no período pelos militares, como também...

**Eliza:** Porque olha só... desculpa a interrupção... Mas aquele professor que esteve naquele Bate Papo Cultural em Rio Claro, ele também se emocionou demais, eles ficam emocionados todas as vezes que falam da experiência.

**Daniel:** Sem dúvida, sem dúvida! E isto não é um problema. A questão da emoção, da memória afetiva, meus pais ficam, todo mundo que participou fica. A questão é que a gente como historiador tem que entender esse processo de seletividade da memória, por que a memória é seletiva? Por que a memória coletiva é seletiva? Não é só a memória individual que é seletiva, a gente quando sente um cheiro de alguma coisa lembra, lembra muitas vezes, de sensações, situações, de uma música e tal... mas no caso da memória coletiva dos Vocacionais, aí eu trabalho com o conceito de memória coletiva do Michael Pollak<sup>37</sup> que a Verena Alberti<sup>38</sup> trabalha também. Você vai ver no livro, eu trago as referências. Mas quando você está tratando de um grupo, da identidade de um grupo, de uma memória que uniformiza, que dá coesão, porque a memória coletiva ela dá essa coesão a um grupo, ela implica apagar os conflitos, as dissonâncias e como o Vocacional, como eu disse, foi muito atacado... Primeiro foi muito atacado pelos militares mesmo, que acusaram de ser subversivo, comunista etc, depois no campo da educação, eles

<sup>37</sup> Michael Pollak nasceu em Viena, Áustria, em 1948, e morreu em Paris em 1992.

<sup>38</sup> Verena Alberti é formada em História, mestre em Antropologia Social e doutora em teoria da literatura. Tem se dedicado ao estudo da história das relações raciais no Brasil e à reflexão sobre o ensino de história, área na qual realizou um pós-doutorado na Inglaterra em 2009.

também foram muito atacados. Em 68, quem assume a Secretaria da Educação é Ulhôa Cintra<sup>39</sup>, e ele tem um braço direito que é o Sr. José Mario Pires Azanha<sup>40</sup>, já falecido, ex-professor da Faculdade de Filosofia da USP, e o Azanha era um ferrenho opositor dos Vocacionais, fez de tudo para que os Vocacionais acabassem, mesmo antes da intervenção militar lá em 69, porque para ele (muito a grosso modo) não deveria haver projetos educacionais experimentais. Depois tem toda uma bibliografia. O Azanha define o que é experimentação educacional, ele diz que esses projetos pilotos tal como o Vocacional, na verdade, são elitistas, você tem que pensar no sistema, a rede, o “para todos”, se é para poucos não é inovador, não é transformador, tem que ser para todo mundo.

**Eliza:** Este era um discurso.

**Daniel:** Sim, é um discurso que se consagrou no período posterior. Temos que promover a inclusão, fazer para todos. Ele, quando estava na Secretaria da Educação, vai eliminar o Exame de Admissão, vai permitir escolas de quatro e até cinco turnos, mais alunos por classe, permite contratação de estudantes para dar aula, transforma repartições públicas em escolas em menos de dois meses... então ele promoveu uma ampliação da rede. Jânio<sup>41</sup> já vinha fazendo isso. Jânio Quadros,

---

<sup>39</sup> Antonio Barros de Ulhôa Cintra nasceu em 13 de setembro de 1907. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1930. Em 1967, foi convidado a assumir o cargo de Secretário da Educação do estado de São Paulo no qual permanecendo até 1970.

<sup>40</sup> José Mário Pires Azanha (1932-2004) foi professor na Universidade de São Paulo desde 1966. Foi coordenador do Ensino Básico e Normal da Secretaria de Educação de São Paulo durante os anos de 1967 a 1970.

<sup>41</sup> Jânio da Silva Quadros nasceu em Campo Grande, no então estado de Mato Grosso, atual capital do Mato Grosso do Sul, no dia 25 de janeiro de 1917. Em 1935, ingressou na Faculdade de Direito. Assumiu a prefeitura aos 36 anos, e um dos seus primeiros atos foi promover demissões em massa de funcionários, iniciando uma cruzada moralizadora que marcou sua gestão. Em 1954 desincompatibilizou-se do cargo para candidatar-se a governador do estado de São Paulo. Vencendo as eleições, foi empossado governador em 31 de janeiro de 1955. Desde o início do seu governo, procurou ampliar seu espaço político nacionalmente, estabelecendo contatos com o presidente João Café Filho. A aproximação entre ambos criou condições mais propícias para o governo paulista realizar um trabalho de recuperação financeira do estado. Jânio venceu as eleições de 3 de outubro de 1960 com expressiva vitória. No mesmo pleito, João Goulart foi eleito vice-presidente. Logo depois de eleito, Jânio viajou para a Europa, retornando pouco antes de sua posse. Jânio Quadros e João Goulart foram empossados em 31 de janeiro de 1961, mas seu governo durou poucos meses, provocando uma crise política que culminaria, mais tarde, no Golpe Militar. No dia 24 de agosto de 1961, Carlos Lacerda foi à televisão denunciar um possível golpe que estaria sendo articulado pelo Presidente Jânio Quadros. No outro dia, o Brasil se surpreendeu com o pedido de renúncia de Jânio. Depois deste episódio, foi para o exterior. Em 1982, ainda candidatou-se para o governo de São Paulo, mas foi derrotado. Só conseguiu voltar à vida pública em 1985, quando foi eleito prefeito da capital paulista. Em novembro de 1990, já sofrendo problemas de saúde, Jânio foi abalado pela morte de sua esposa, Eloá do Vale, com quem teve dois filhos. Nos dois anos posteriores, seu estado de saúde agravou-se, vindo a falecer em 16 de fevereiro de 1992 em São Paulo, aos 75 anos. **Fonte:** FGVCPDOC. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/janio\\_quadros](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/janio_quadros)>. Acesso em: 16 mar. 2015.

quando foi prefeito e, depois foi governador de São Paulo, mas ele é um dos que trabalharam pela ampliação do sistema. Depois vem o Azanha ele, ainda quando estava na Secretaria, ele elimina os Exames de Admissão, e ele passa a caracterizar o Vocacional como uma experiência elitista, cara, para poucos e amadorística. Não são só os militares que falam isso. Então o Vocacional é muito criticado, e por outro lado os marxistas passam a ver o Vocacional também como um projeto burguês, um projeto escolanovista que propõe inovação só para o âmbito intra-escolar, que não pensava o sistema como um todo, que não pensava a renovação do sistema como um todo, então toda essa bibliografia de autores marxistas, Demerval Saviani, Maria Elisabete Xavier, Maria Luisa Santos Ribeiro e também a Miriam Warde<sup>42</sup>, que não segue uma tendência marxista ortodoxa, mas reitera essas críticas.

**Eliza:** E não se pensava na ampliação dos Vocacionais?<sup>43</sup> Para deixar de ser experimental, e assim ser considerado elitista?

**Daniel:** O Vocacional nunca foi um projeto que buscou ser limitado para uma elite ou para uma...

**Eliza:** Tomava-se até um cuidado em representar (através dos alunos) todas as classes sociais, antes de serem implementadas as escolas, fazia-se um estudo...

**Daniel:** Exatamente. Isso aí foi o desenvolvimento do processo seletivo. No começo ainda era uma coisa, no começo nem tinha aluno não é... não era todo mundo que queria se matricular num projeto novo. Mas, com o passar do tempo, quando passou a ser conhecido, ganhando notoriedade, eles desenvolveram esse sistema de seleção.

**Eliza:** Eles faziam um estudo do local com cálculos de porcentagem das classes sociais para que tivessem esta representatividade na escola, não é?

**Daniel:** Exato. E, além disso, eles pensavam também em expandir, em ser uma etapa inicial da renovação da rede como um todo. É interessante que, no começo, logo que o Vocacional é criado, 64, 65, os deputados, isso eu constatei também no meu mestrado, os deputados querem expandir a rede do Vocacional e

---

<sup>42</sup> Miriam Jorge Warde foi professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de 1973-2006. Suas pesquisas incidem sobre a História da Educação no Brasil e nos Estados Unidos.

<sup>43</sup> Em 1965 havia em tramitação 158 projetos de lei criando Ginásios Vocacionais. Deputados disputavam na Assembleia Legislativa a criação de um Ginásio Vocacional em sua cidade ou região. Entretanto, o governador Adhemar de Barros criou um dispositivo burocrático para barrar essa expansão e obter vantagens. **Fonte:** HISTÓRIA do SEV. **GVive.** Disponível em: <<http://gvive.org.br/historia-sev-1/>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

eles criam quase 100 (cem) Ginásios Vocacionais, só que quem criava era a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, os deputados estaduais, mas quem implementava era o SEV, e o SEV decidiu: “Olha nós não vamos fazer a coisa maciçamente, a ‘toque de caixa’”.

**Eliza:** Porque isso envolvia formação de professores, havia o envolvimento com o projeto pedagógico do Vocacional.

**Daniel:** Exatamente. Então tinha todo um critério. Só que depois de 65, depois desse atrito com o Governador Adhemar de Barros, há momentos que eles querem expandir, mas aí era o governo que não queria.

**Eliza:** A conjuntura já não vai permitir.

**Daniel:** Exatamente. Por um lado, o fato do SEV querer fazer, ter a atribuição de implementar, ajudou, no início para poder segurar. Mas depois, mais para frente, isso prejudicou, porque eles queriam e isso não foi possível.

**Eliza:** Só para contar para você, a título de curiosidade, ao entrevistar um aluno ele fala: “Em todos os colégios normais existia o exame de admissão e eu me preparei para este Exame de Admissão para o colégio mais respeitado de Rio Claro, e normalmente tinham questões sobre as Capitâneas Hereditárias, eu decorei todas e, no final, acabei indo fazer o Exame no Vocacional”. Chegou no Vocacional, tinha a entrevista e eles começaram a perguntar: “Então do que você gosta?” (risos), “Você dorme bem?”, “Você sonha?”, ou seja, apareceram perguntas totalmente diferentes do que ele havia se preparado até então, ele fala: “Gente, o que é isso?” O aluno tem essas memórias que são muito interessantes! Alguns podem considerar como sendo saudosistas, mas, poxa, ele viveu, ele passou por esta situação, e ele ainda se lembra. Foi em 63, neste caso. Então é muito interessante toda essa estrutura, como ela era organizada e como se fazia esta seleção que não era conteudística, ou só conteudística, porque também eles avaliavam outros aspectos. E também é interessante esta memória, ele conta, que, lá em Rio Claro, inicialmente, eles tinham aula no Horto, era bem aberto. Ele diz que não havia nem uma porta de entrada oficial, que depois foi construído o Ginásio com toda uma estrutura e atualmente está abandonado. É uma pena. Hoje funciona uma escola estadual que utiliza o prédio parcialmente, porque ele é muito grande. Quando passamos por lá vemos um prédio com “cara” de abandonado, mal conservado.

**Daniel:** Pois é, está um dilema lá, porque foi a única unidade construída para ser Ginásio Vocacional. Tem isso também.

**Eliza:** Foi a única?

**Daniel:** Era a única, os outros foram em prédios adaptados. O de Americana eles estavam planejando a ampliação do prédio quando aconteceu a intervenção militar, e hoje quando você vai lá ainda é o prédio que era do João XXIII, e onde seria o prédio, eles construíram um prédio novo, porque ia ter colegial lá, e o prédio antigo continuaria sendo usado pelo ginásio e o prédio novo era para o Ensino Médio, só que aí teve a intervenção, não foi implementado. Hoje, no prédio antigo funciona a Secretaria de Educação, a Diretoria da Educação melhor dizendo, e no que era o prédio novo funciona o colégio hoje em dia, até hoje funciona o colégio, cheguei a ir lá duas vezes. Bom, vamos voltar ao roteiro. (risos)

**Eliza:** Por que temos muito assunto... (risos)

**Daniel:** Bom dessa questão das minhas características, eu acho que eu tenho mais alguma coisa, bom eu fiz graduação na Unicamp, mestrado e doutorado lá Faculdade de Educação, fiz a graduação em História, mestrado e doutorado na Faculdade de Educação e posteriormente eu fiz o pós-doutorado aqui na PUC de São Paulo e atualmente sou professor aqui.

**Eliza:** Área de História?

**Daniel:** Área de História da Educação. A Pós-Graduação em Educação na área de História da Educação, porque na PUC tem três programas de pós em Educação: Psicologia da Educação, na verdade quatro, porque tem Educação Matemática, embora não funcione aqui na Monte Alegre, mas tem: *Psicologia da Educação, Educação e Currículo e Educação: História, Política, Sociedade* que é o que eu estou. É um programa que historicamente envolve História da Educação, então, estou atuando aqui.

**Eliza:** Eu conheço algumas pesquisas do Joel Martins<sup>44</sup>, porque ele foi orientador da Maria Viggiani Bicudo e, ele, no início, esteve envolvido com os Vocacionais.

---

<sup>44</sup> Joel Martins (1920-1993) foi diretor do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha em 1962-1963. Nasceu em 27 de março de 1920 e faleceu a 2 de maio de 1993 em São Paulo. Formou-se na Escola Normal Caetano de Campos. Graduiu-se, Bacharel e Licenciado, em Pedagogia e em Filosofia, pela Universidade de São Paulo. Fez o Mestrado nos Estados Unidos da América do Norte entre 1949-1950 e doutorou-se em Psicologia da Educação entre 1951-1953 pela Universidade de São Paulo. Kursou pós-doutorado na Universidade de Michigan, Ann Arbor, nos Estados Unidos, entre 1953-1954. Foi professor da Rede Pública do Estado de São Paulo. Assistente da Cadeira de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, integrou, em 1965, o grupo que criou os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, tendo sido diretor de Pesquisas do Centro de São Paulo. Entre 1959 e 1961 assumiu importantes cargos em órgãos internacionais. Em 1959, atuou como especialista em currículo junto à UNESCO; em 1960 como



**Daniel:** Exatamente, e ele não fala disso.

**Eliza:** É... li vários textos dele e sobre ele e eu nunca vi algo sobre o Vocacional, e ele estava no momento embrionário, junto com a Maria Nilde.

**Daniel:** Em dois momentos. Primeiro ele esteve junto da Maria Nilde neste momento embrionário e depois em 65 com a destituição da Maria Nilde, lá naquela crise de 65, no governo Adhemar de Barros, ele é que é nomeado no lugar dela, ele e a Therezinha Fran. Então os dois, que estavam lá no início, são nomeados como interventores, digamos assim, no governo do Adhemar de Barros e aí tem a pressão de pais e professores e o governo volta atrás. Ele nunca fala da experiência dele com o Vocacional, nos textos dele ele não menciona, e aquela história da seletividade, é um episódio desagradável para ele. Nos relatos memorialísticos têm até um aluno aqui que estudou as cartas que o Joel Martins trocou com Fernando de Azevedo... quando o Anísio Teixeira funda o Centro Regional de Pesquisas Educacionais, Anísio Teixeira vai fundar o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais que tinha unidades regionais pelo Brasil. Em São Paulo, esse centro regional de pesquisas educacionais funcionou na USP, naquilo que depois virou a Faculdade de Educação. A USP não tinha uma Faculdade de Educação. Neste período, a USP tinha Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e tinha o Departamento de Educação dentro da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e o que existia na USP também era o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) que funda, inclusive, uma escola de demonstração que depois vira uma escola de aplicação, que era um centro de estudos pedagógicos. Anísio Teixeira convida Fernando de Azevedo para ser o diretor do CRPE de São Paulo e o Joel Martins vai trabalhar no CRPE, em 58 se não me engano, não 56 acho que é... 56/57, ele vai ficar até 58 depois ele vai pra Unesco, mas ele pede demissão em 58, ele entra em 56 e em 58 ele pede demissão vai pra Unesco, salvo engano. E o Fernando de Azevedo fica meio ressentido, quer dizer, ele era o diretor, o Joel era uma pessoa de confiança dele e depois eles trocam algumas correspondências. Esse aluno do mestrado, do qual eu fui banca, estudou as correspondências do Joel Martins e do Fernando de Azevedo e o curioso, sabe que eu até fiquei curioso: “Será

---

especialista em programas educacionais junto à OEA, e por exercer esses cargos trouxe para o Brasil os fundamentos que viriam estruturar os Ginásios Vocacionais no Estado de São Paulo, experiência pioneira no ensino, interrompida pela Ditadura Militar (1964-1984). Em 1993, quando de seu seu falecimento, ocupava o cargo de Reitor da PUC-SP. Fonte: Sociedade de Pesquisa em Motricidade Humana - UFScar. Disponível em: <[http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/bio\\_joel.html](http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/bio_joel.html)>. Acesso em: 01 jun. 2015.

que ele trata, nas correspondências?” e... nada, nada, não fala do Vocacional. Para ser mais preciso, o nome dele é Samir Ahmad dos Santos Mustapha e o título da dissertação é *Trajetória e atuação dos intelectuais e técnicos nas divisões de pesquisas do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo em sua primeira fase (1956-1961)*.

**Eliza:** Interessante.

**Daniel:** Bom, o meu motivador inicial foi essa questão de História e Geografia em Estudos Sociais, essa integração. Eu queria entender como eram os Estudos Sociais lá da ditadura militar, que veio com a 5692/71, aquele Estudos Sociais que a gente pegou um resquício na sala de aula, você dever ter mais ou menos a minha idade.

**Eliza:** Eu sou de 72.

**Daniel:** Você é do ano da minha irmã. Então você pegou Estudos Sociais também.

**Eliza:** Sim. Lembro-me muito da professora, tínhamos que ficar reproduzindo exatamente o que o texto falava com todos os seus pontos e vírgulas e em Geografia e História também, tanto é que sinto uma defasagem grande em Geografia e História, porque eu tive professores lamentáveis nesta área. Lembro-me que as respostas das questões eram enormes e seu eu errasse, ou seja, não reproduzisse tal qual ela tinha passado na sala de aula, tal qual estava no caderno, qualquer coisa “diferente” no meio dessa resposta, minha resposta não seria considerada correta. Sempre foi muito mais decorativo do que significativo, então a História e a Geografia que tive... depois, mais à frente, eu tive uma História que a professora cuidava mais de atualidades, mas não tem sentido você cuidar da atualidade sem conhecer o seu passado, acaba ficando superficial, e Estudos Sociais foi característico desta época pós-ditadura militar.

**Daniel:** Então, nos Vocacionais não era este Estudos Sociais. Eu acabei me desprendendo desta preocupação inicial e fui procurar entender a proposta como um todo dos Vocacionais. O tema Vocacional foi fundamental para mim. Me formei e aprendi História da Educação a partir dele, depois ampliei História do Brasil como um todo. Eu era historiador, mas eu conhecia muito pouco a história da educação brasileira e embora eu tenha feito pós-graduação em Educação eu não estava na área de História da Educação lá na Unicamp. Eu fiz no grupo Memória que evidentemente trabalhava com História da Educação, mas, na época, não tinha

muitos pesquisadores articulados com a área de História da Educação. A área de História da Educação é bastante consolidada no Brasil, você tem uma Sociedade Brasileira de História da Educação, tem as diferentes linhas, tem uma linha mais marxista, tem outra linha da História Cultural, enfim...

**Eliza:** Inclusive o Chartier vem para Bauru.

**Daniel:** Ah é?

**Eliza:** Agora no Enaphem.

**Daniel:** Olha só! De matemática?

**Eliza:** É, no segundo Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática.

**Daniel:** Olha que legal!

**Eliza:** Ele foi convidado e meu orientador, Vicente, ficou feliz por ele ter aceitado.

**Daniel:** Que legal, heim!

**Eliza:** Você tem que ir pra lá, vê-lo...

**Daniel:** Pois é, depois você me passa.

**Eliza:** Passo sim.

**Daniel:** Você vai também?

**Eliza:** Vou sim. Há pesquisas no grupo de história oral que se “alimentam” de algumas das características da História Cultural. Importante para as nossas pesquisas.

**Daniel:** Então, desses debates historiográficos eu nem dei tanto conta, eu acho, no meu doutorado. Por outro lado foi bom até porque eu acho que eu não me prendi muito em... a minha orientadora, permite que eu pense diferente dela, permite que eu discorde dela, eu tive o privilégio de ter uma orientadora que se você sustenta a tua argumentação...

**Eliza:** Se você tem lógica na sua argumentação.

**Daniel:** Mas todo mundo acha que tem que ser uma coisa de segmento, você tem que seguir à risca a linha teórica e tal... eu acho que o debate historiográfico não foi tão aprofundado na minha pesquisa, mas eu tive a oportunidade de ler diferentes autores e de ver até intersecções. Um objeto como o Vocacional não pode ser entendido só segundo uma linha...

**Eliza:** Isto não te prende? De certa forma é como se você focasse e colocasse apenas uma lente...

**Daniel:** Toda essa discussão, por exemplo, de currículo, de problematização dos referenciais do currículo do Vocacional, essa noção de *Core curriculum* e sua apropriação no Brasil, eu fui encontrar numa pesquisadora ligada ao Histedbr, que trabalha na linha teórica do Saviani, chamada Elisabeth Schmidt. Mas também trabalhei com autores específicos da História do Currículo, o Ivor Goodson, o Christian Laville, a Maria do Carmo Martins... enfim, procurei ler autores que, embora trabalhem com perspectivas teóricas distintas, se debruçaram sobre o tema. Não é qualquer orientador que permite que se faça essa costura. Não só porque é difícil de ser feita, mas porque academia tem muito isso de não citar o fulano de tal porque implica em uma filiação teórica. Mas sem isso é muito difícil entender a complexidade da educação nos anos sessenta.

**Eliza:** Uma das coisas que aprendi nesta disciplina de História é que ao olhar para um documento devo buscar perceber o que, naquela época, naquele momento, ele significava... o meu orientador fala que é importante olhar para a década de 60, para este contexto, desde os grandes festivais, músicas, filmes da época, por exemplo. Perguntar: O que foi a década de sessenta?

**Daniel:** E é um trabalho, esta coisa de entender o documento, de entender o período, texto e contexto etc. e tal. Se você tem um referencial teórico que te engesse, muitas vezes, você fala, não... o Vocacional carrega um pouco, ele foi um objeto pouco estudado, se você for ver dentro das tendências em História da Educação, da História Cultural, muito pouco estudado. Você não tem estudos nessa linha, os estudos são na linha da Pedagogia, da Psicologia Social, que é o trabalho da Esméria<sup>45</sup> uma referência, Angela Tamberlini<sup>46</sup> tem um trabalho, mas a formação dela é Filosofia. Então não tem nenhum, eu procurei fazer um trabalho de natureza historiográfica, de análise empírica de fontes, vamos ver que documento é esse, quando ele foi produzido, porque ele está dessa maneira e eu acabo me situando mais nessa linha da História Cultural. Trabalhei com História Oral, trabalhei com Pollak, meu referencial são os Annales, a historiografia francesa, mas não tenho assim, “sou História Cultural”, sou...

**Eliza:** Nós também não levantamos nenhuma bandeira, a História Oral (em Educação Matemática) pode olhar para várias dessas categorias, beber de diversas

---

<sup>45</sup> Esméria Rovai foi uma das colaboradoras deste nosso estudo.

<sup>46</sup> Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini desenvolveu uma tese intitulada “Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador” (1998), pesquisa financiada pela Fapesp com publicação em livro, em 2001, pela editora Annablume.

fontes e daí sustentar algumas ideias centrais, mas nada que te engesse demais. Aliás, fugimos desses engessamentos e inclusive colocamos que esta é uma metodologia em construção, ela se dá no processo...

**Daniel:** É interdisciplinar.

**Eliza:** Interdisciplinar. Quer dizer, eu não posso me fechar nem para uma fonte oral, nem a um documento, nem a outras formas de tentar compreender o meu objeto.

**Daniel:** Dentro da HO existem as diferenças também. Eu tive uma dificuldade inicial, então eu trabalhei, como eu disse, com o Pollak, com a Verena Alberti, que é o grupo da FGV<sup>47</sup> do CPDOC<sup>48</sup>, que tem um determinado referencial, mas se pegar o Sebe<sup>49</sup>, da USP, ele já tem uma outra linha da História Oral. Então, eu fui destoando, digamos assim, na História da Educação a partir do Vocacional. Por isso eu acho que foi fundamental esse objeto para mim: ele permitiu eu me inserir no âmbito da História da Educação, mas sem buscar uma filiação.

**Eliza:** Do seu ponto de vista, a intenção dos Vocacionais chegou a provocar algumas das transformações esperadas? Quais? No que você se apoia para chegar a estas compreensões?

**Daniel:** Olha, eu acho que o Vocacional acaba mostrando como a escola realmente é um espaço de produção de uma cultura, não é um espaço de reprodução. O Vocacional ele foi concebido dentro de um ideário liberal e acabou transformador ao buscar adaptar alunos para a realidade. Foi concebido, como eu falei, por educadoras católicas, conservadoras, e, ao longo do tempo, ele acabou subvertendo toda essa lógica. Não foi só por causa do recrudescimento da ditadura militar, eu acho que o fato dos professores, de toda aquela equipe estar dentro de uma escola que possibilitava você inventar e reinventar a sua prática, isto produziu resultados excepcionais tanto para os professores como para os alunos. Aquele professor lá que você viu em Rio Claro, de Educação Física falando: *“Eu tinha que integrar a Educação Física, eu comecei a dar aula teórica, eu vi o quanto isso matou a Educação Física. O pessoal da coordenação ‘forçava muito a barra’ para que a*

---

<sup>47</sup> Fundação Getúlio Vargas.

<sup>48</sup> CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>49</sup> José Carlos Sebe Bom Meihy é historiador e oralista. Depois de aposentado da USP, onde atuou como Professor Titular do Departamento de História, tornou-se professor dos programas de pós-graduação da Unigranrio. Com diversas publicações na área de história oral é destacado por trabalhos que tratam de aspectos subjetivos expressos em narrativas orais.

*gente trabalhasse teoria... aí comecei a desenvolver a minha noção de integração de disciplina.”* Quer dizer, você tinha um espaço efetivamente em que o professor podia inventar e reinventar a sua prática, uma escola em que ele ficava quarenta horas, na qual ele ganhava um salário digno, então eu acho que tem umas...

**Eliza:** Fazer uma reflexão daquilo que faziam na prática...

**Daniel:** Exatamente.

**Eliza:** Havia um tempo pra isso quer dizer, para esse processo de reinvenção.

**Daniel:** Exatamente. De fazer e recomeçar a fazer.

**Eliza:** Havia respaldo para isso.

**Daniel:** Respaldo para isso, exatamente.

**Eliza:** E tinha um grupo que discutia...

**Daniel:** Tinha um grupo, tinha uma estrutura, tinha um trabalho de formação. Eu, nesse artigo que escrevi para a Revista de Rio Claro, eu falo um pouco sobre isso. Tinha uma formação diferenciada, um regime de trabalho diferenciado, um conjunto de técnicas disponíveis para o professor usar como, por exemplo, compor equipes de trabalho por meio de sociogramas, que é uma técnica que vem do psicodrama do Levy Moreno (você não simplesmente sorteia equipes, você analisa o perfil daquele grupo, as lideranças, aqueles com quem todo mundo quer trabalhar, aqueles que não querem trabalhar)...

**Eliza:** O ex-aluno que entrevistei fala sobre isso, inclusive. Tinha um momento que ele podia escolher alguém e depois ele era escolhido, depois, ele diz: *“Agora é a minha vingança!”* Escolhia a menina mais bonita ou aquele de que ele gostava... eles faziam um circuito, e se mantinham nesse grupo por um bom tempo, não é?

**Daniel:** É. Então, eles iam avaliando esse sociograma. Era feito ao longo do ano, então primeiro o aluno escolhia três com quem ele queria trabalhar e três com os quais ele não queria trabalhar, e aí era feito o mapeamento, é muito interessante como é que se mapeia e você tem todo um diagnóstico... às vezes uma figura lá que é toda popular... eu fiz isso lá na escola de aplicação quando dei aula de História, montamos equipes para estudo de meio, fizemos um sociograma e é impressionante como você tem o perfil da classe e às vezes um aluno lá que é quietinho é o cara escolhido por todo mundo, um aluno que é todo popular ninguém quer trabalhar com o cara, ele é completamente isolado, entendeu? Então isso era avaliado. Eles faziam

um sociograma periodicamente, então era uma das técnicas. Tinha a FOA, a ficha de avaliação de aluno, você tinha Estudo de Meio sendo feito periodicamente. Tinha um processo de avaliação através da FOA, um processo de avaliação do aluno e um processo de avaliação do professor, que também era acompanhado periodicamente e fazia relatórios. Você tinha um trabalho de planejamento bastante rigoroso. Um planejamento que começava com o diagnóstico político-econômico-cultural da cidade onde a escola seria implantada, depois as unidades eram instaladas em cidades com perfis distintos, visando comparar e analisar o desenvolvimento das atividades educacionais em diferentes realidades, depois tinha a questão do currículo, que tinham temas centrais selecionados para serem trabalhados nas Aulas Plataforma, depois as instituições, as instituições didático-pedagógicas que eu comentei com você, Cantina, Banco Estudantil, a Horta... Então, assim, tinham n elementos que possibilitavam um enriquecimento da formação do professor e dos alunos, evidentemente...

**Eliza:** E a característica de professores jovens e com formação...

**Daniel:** Professores muito jovens... A formação variava muito... tinham professores lá de diferentes lugares, tanto da USP como professores formados em faculdades menores...

**Eliza:** E ganhavam bem?

**Daniel:** Ganhavam bem por que eram contratados por quarenta horas, mas não estavam quarenta horas em sala de aula. Não ficavam nem metade dessa jornada na sala de aula. Havia a valorização do trabalho do professor. Hoje se fala muito na Finlândia como referência nas políticas educacionais. Pois bem, lá nenhum professor fica mais de 4 horas por dia dentro de uma sala de aula. Eles têm como pressuposto que o professor não deve dar muita aula e deve ser bem remunerado. Desse modo, a carreira de professor é muito procurada, é uma das mais disputadas, mais do que Medicina e Direito. O Vocacional oferecia isso e, portanto, muitos se mudavam para a cidade para trabalhar e se envolviam muito com aquilo.

**Eliza:** Com as famílias...

**Daniel:** Também. A participação das famílias, dos pais. Trabalhavam além do tempo mesmo, se envolviam de tal maneira que... é aquilo que o Zago<sup>50</sup> fala: “A

---

<sup>50</sup> Antonio Pedro Zago, ex-professor de matemática no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha em São Paulo, é um dos depoentes desta nossa pesquisa.

gente trabalhava além do tempo mesmo.” Minha mãe fala isso também, meus pais falam isso: “A gente tinha um entusiasmo”...

**Eliza:** E o aluno também fala: “Eles tinham que nos tocar pra casa, a gente não queria ir embora, porque na casa era árido, não tinha quase nada, em 1960, e lá eu tinha muitas coisas bacanas, muitas coisas atuais, diferentes”, então, eles gostavam de ficar na escola. Segundo este relato havia uma boa relação entre os alunos e os professores. Neste relato, ele destaca que sabiam respeitar, diferenciar os espaços, mesmo que esses espaços não estivessem delimitados fisicamente. Bom, esta é a forma como esses relatos vão se colocando e aí corremos o risco de nos apaixonar pela experiência.

**Daniel:** Não... eu acho que nesse sentido não tem porque não ficar, entendeu. Porque é uma escola, é uma proposta de excelência, não tem como dizer que não é uma proposta de excelência, mas não elitista. Visavam uma educação de qualidade e ainda que se diga que qualidade pode ser uma coisa difusa, que existe qualidade da escola, que é uma coisa, qualidade do ensino é outra... bom falando em termos de qualidade de escola, havia realmente essas balizas institucionais, essa coisa do regime de trabalho, avaliação, o processo de avaliação do professor, o regime de trabalho, o regime de contratação, o professor ter todo um conjunto de técnicas e metodologias disponíveis e que eram utilizadas. Quer dizer, essas são as balizas institucionais que deve haver em qualquer escola. Ah, vai usar a alfabetização, é silábica, construtivista, é uma mistura dos dois... isso é derivado, você precisa ter baliza institucional, você precisa ter uma base institucional. Um professor bem remunerado, isso a gente não tem, isso deixou de existir.

**Eliza:** Com avaliações regulares de professores e alunos...

**Daniel:** Exatamente, com processos de avaliação, professor avaliado regularmente, o aluno avaliado também em processo, não o Enem<sup>51</sup>, ou o Saesp<sup>52</sup>, ou o Saeb<sup>53</sup>, uma avaliação que seja pertinente ali, para o processo.

**Eliza:** Naquele contexto, naquele processo.

**Daniel:** Para aquele processo, exatamente. Então eu acho que isso daí é o grande diferencial...

---

<sup>51</sup> Enem - Exame Nacional do Ensino Médio.

<sup>52</sup> Saesp - Sistema de Avaliação do Ensino no Estado de São Paulo.

<sup>53</sup> Atualmente temos no sistema de ensino brasileiro vários instrumentos de avaliação nacionais e estaduais em vigor como os acima citados: Saeb – Sistema de Avaliação Nacional da Educação Básica.



**Eliza:** Quando falamos em avaliação pensamos numa discussão permanente.

**Daniel:** Exato, sem dúvida, é por aí.

**Eliza:** Tem uma pergunta que ainda não inseri no roteiro enviado: “Havia vínculos entre os Ginásios Vocacionais e as universidades? Há algum momento em que você percebe isso?”

**Daniel:** Então, não um vínculo direto. Acho que o Vocacional, na verdade, ele acabou com o passar do tempo, eu coloco isso no artigo<sup>54</sup> que vai ser publicado no número 36 da Revista Brasileira da História da Educação (foi aprovado, mas ainda não publicado). A minha hipótese, e eu não investiguei ela a fundo, é que ele se tornou um espaço concorrente das universidades, espaço de formação dos professores.

**Eliza:** Eles faziam pesquisa?

**Daniel:** Eles faziam pesquisa, eles ofereciam cursos de formação, ofereciam estágio, eles produziam material para professores, para alunos dos cursos de Pedagogia<sup>55</sup>, tanto que a Maria Nilde fala em uma das entrevistas que ela deu depois, que uma das peças que ela utilizou na defesa dela, no processo judicial que ela submeteu, ela recebia estagiários da USP, inclusive, no Oswaldo Aranha.

**Eliza:** Pedagogas?

**Daniel:** É do curso de Pedagogia... e depois, uma das professoras da USP, da cadeira de Didática, ela se torna colaboradora do regime militar, ela inclusive colabora com a elaboração de um documento intitulado “Infiltração comunista nos meios educacionais”, um documento que foi feito pelo general chamado Rubens Restel. A Faculdade de Educação da USP tem dois grandes colaboradores do regime ditatorial, o professor Laerte Ramos de Carvalho, que foi interventor no UnB<sup>56</sup>, que foi um colaborador explícito, direto, do regime ditatorial, e a professora Amélia Domingues Americano, titular da cadeira de Didática. A Maria Nilde cita um episódio, em que o processo dela estava tramitando e ela foi uma das pessoas que acusa a Maria Nilde de ser comunista mesmo, de estar incitando práticas subversivas e uma das peças de defesa foram os relatórios dos estagiários... Ela

<sup>54</sup> Artigo publicado na Revista Brasileira de História da Educação – RBHE, v. 14, n. 36, 2014, sob o título de “As mudanças curriculares dos ginásios vocacionais de São Paulo: da ‘integração social’ ao ‘engajamento pela transformação’”.

<sup>55</sup> Esméria Rovai recorda, durante sua entrevista, de uma pedagoga que frequentou o Vocacional de São Paulo, Oswaldo Aranha.

<sup>56</sup> Universidade de Brasília.

falou: “Até pouco tempo você estava mandando estagiários dizendo que era excelente agora você está dizendo que é subversivo, comunista, como é que é isso?” Então o Vocacional começou a desenvolver realmente um trabalho ímpar de formação desses professores, desses estagiários, deixou de ser apenas uma escola de excelência, passou a ser um espaço de formação.

**Eliza:** E os alunos?

**Daniel:** Os alunos, os egressos do Vocacional, tinham uma formação excepcional, você escuta os relatos vários deles, não sabiam, especialmente os mais pobres, não sabiam o que era usar garfo e faca, e se tornaram médicos, e se tornaram... era uma educação que proporcionava realmente...

**Eliza:** A inserção...

**Daniel:** A inserção do indivíduo naquilo que ele quisesse fazer da vida dele. Não era só um ensino propedêutico. Muitos eram pobres e viraram médicos, enfim, fizeram curso superior, mas também... o Luigy me relatou estes dias que uma das primeiras motoristas de taxi mulher de São Paulo é ex-aluna do Vocacional... quer dizer... o que eles quisessem fazer da vida... tem muitos que viraram artistas, porque tinham uma formação crítica.

**Eliza:** Mas abria um leque, talvez, para a... vocação mesmo...

**Daniel:** Para a vocação no sentido... amplo.

**Eliza:** Para integração do ser humano naquele espaço...

**Daniel:** Exatamente...

**Eliza:** Quer dizer, o que quero ser?

**Daniel:** Quais são minhas potencialidades? Onde eu me dou bem? Isso foi muito marcante também, e eu acho que isso incomodou muito. Especialmente quando ele entrou na seara da formação, quando os Vocacionais passaram a formar, toda concepção de experimentação educacional, que o Azanha forja e difunde, ela é altamente elitista, tudo tem que ser, tudo para a rede, essa ideia massificadora, e eu acho que isso custou caro. Tem uma famosa divisão social do trabalho pedagógico, quer dizer, os pesquisadores, filósofos etc, são capazes de pensar a Educação, a política educacional. Professor não tem que ficar “se metendo” a informar, reformar, discutir política, discutir, ele é o peão, e o Vocacional quebrou com isso, porque os professores discutiam política educacional, discutiam legislação, discutiam o que é uma educação de excelência, então rompiam com essa divisão social do trabalho pedagógico. Essa é a minha hipótese, isso

incomodou muito: “Como assim? Quem é essa Maria Nilde?” Então eu acho que a relação com as universidades foi muito mais de concorrência do que de colaboração, embora, pela formação católica delas, e quando eu entrevistei a Cecília Guaraná (acabei não utilizando a entrevista dela), mas ela fala de uma colaboração com a PUC, com o meio católico, com um grupo de educadoras católicas denominada de equipes docentes, então teve alguma colaboração nesse sentido, mas eu não consegui ir a fundo.

**Eliza:** Sobre a sala de aula você saberia falar alguma coisa, como era essa sala de aula, havia alguma diferença, ou alguma proximidade com a que temos hoje? Sobre avaliação, as metodologias de ensino, quer dizer, as propostas didáticas, como eram? Podemos falar um pouco mais sobre isso?

**Daniel:** Então, sobre as metodologias, as técnicas, eu elenquei algumas, destaquei a questão do Estudo de Meio. Agora, o específico de matemática, aí é aquilo que te falei, acho que o Vocacional ele tinha certamente condições de incorporar o que havia de mais avançado em termos de ensino de matemática. Faziam uso de materiais diferenciados, como o material dourado essas coisas que até hoje usam. Mas o que eu escuto é que eles tinham disponível um material de ponta. Agora isso foi também, é interessante falar que não era tudo na abundância desde o início. O começo foi muito difícil. Os pais doavam o material, ou faziam mutirão, para ajudar na escola, os próprios alunos também...

**Eliza:** Falando da família, hoje, num dos documentos, encontrei algo sobre um coral, um coral de pais. Quer dizer havia um envolvimento da família nas escolas. Parece-me ser algo que se diferencia do que vemos atualmente nas escolas, destoa do que temos visto, é isso?

**Daniel:** Sem dúvida, a participação dos pais era imprescindível para a dinâmica da escola. Os pais cobravam, os pais desenvolviam trabalhos, os pais faziam uma série de atividades, eu não foquei muito na questão dos pais, mas todos diziam que era assim... e quando tem o episódio lá, a crise de 65, a participação dos pais foi decisiva. Pais que eram jornalistas, que faziam questão de levar aquela problemática para a mídia. Então, os pais tiveram uma participação marcante na história, na construção da proposta e na história dos Ginásios também.

**Eliza:** Existia alguma diferenciação marcante de um colégio para outro pelo que você observou Daniel?

**Daniel:** Olha, o que eu percebi é o seguinte: eles tinham diretrizes gerais, mas especialmente nesse processo de mudança, a partir de 66, o SEV não tinha uma noção exata do que acontecia dentro das unidades, das questões políticas, que passaram a existir dentro das unidades, especialmente em Americana. Se você os vê falando de Americana, às vésperas daquele incidente lá, daqueles professores que foram demitidos e denunciaram. As reuniões pedagógicas sequer tratam dessas questões políticas, eles falam: “A unidade Americana é uma unidade em que os professores não se manifestam, quando você propõe falar alguma coisa, são sempre duas lá, a Irene<sup>57</sup> e a Delma<sup>58</sup> que falam”. Maria Nilde falando isso.

**Eliza:** Essas reuniões gravadas que você analisou?

**Daniel:** É, nas reuniões gravadas do SEV. A Maria Nilde dizia algo mais ou menos assim: “Com todo respeito que eu tenho pelas duas, não são pessoas, assim, que tenham a capacidade para falar muito sobre vários temas, discutir educação com profundidade...”. Engraçado. Assim, eram as duas pessoas ali que realmente participavam mais ativamente. Minha mãe, inclusive, é a Irene, de que ela fala. Aí minha mãe fala: “Ela falou isso de mim?” (risos).

**Eliza:** Sua mãe era a Irene...

**Daniel:** Engraçado. (Risos). É, a Irene. Ela, professora de Inglês e a Delma, uma professora de Educação Física. E nessa reunião do SEV eles falavam dessa coisa dos professores não falarem muito, quer dizer, o que havia lá em Americana? Tinha um racha político ali dentro, certo? Tinha uma divisão entre os professores ali. Não é a toa que depois os dois que são demitidos é que vão encabeçar a denúncia contra o Vocacional, escrevem lá a carta para o exército. Quando os militares vão lá, intervir, um deles coloca uma ópera no alto falante da sua casa, no último volume. Ele morava em frente à escola e coloca “Aleluia... Aleluia...” comemorando a intervenção dos militares. Um dos demitidos, o Francisco Cid<sup>59</sup>. Então você tinha ali dentro um racha político profundo, e nas reuniões do SEV, eles vão avaliar a unidade e eles não falam disso, falam que tinha um clima estranho, que os professores não se falam, que eles não estão interessados e, na verdade, a questão era muito mais delicada. Então, o que eu fui percebendo, é que no caso de Americana você teve uma situação política que não foi percebida pelo SEV. O SEV

---

<sup>57</sup> Irene Ferraz Chiozzini foi professora de Inglês no Ginásio Vocacional de Americana.

<sup>58</sup> Delma Mangili era professora de Educação Física no Ginásio Vocacional de Americana.

<sup>59</sup> Francisco Cid, ex-professor de Artes Industriais de Americana. Newton Balzan e Berenice Simoni Mendoza relatam esse episódio em entrevista concedida para esta pesquisa.

estava também numa crise política interna. Tem umas entrevistas de professores, no documentário do Toni Venturi, que mencionam uma infiltração no Vocacional<sup>60</sup>, uma infiltração que, eles falam, é de esquerda e de direita. Quer dizer, havia pessoas infiltradas para ver se era comunista ou não, da repressão mesmo, e alguns militantes, ligados à ALN<sup>61</sup> e alguns movimentos que queriam realmente fazer da escola um espaço de atuação política também, de militância contra o regime. Então foi um processo muito tenso no âmbito do SEV, no âmbito das unidades. Alguns professores, como eu disse, radicalizando a proposta. O professor Mário Novais<sup>62</sup>, professor em Batatais de Geografia, trabalhou junto com a Ernesta<sup>63</sup> quando eu entrevistei, por ocasião do meu TCC, ele falou de uma determinada ocasião: “A gente foi fazer um estudo de meio, levou os alunos para visitar uma lavoura de cana, para entrevistar os trabalhadores e como eles tinham aula de Práticas Agrícolas, colocamos eles para fazer o trabalho dos bóias frias, quer dizer, vivenciar exatamente, o que é o trabalho de um boia fria”.

**Eliza:** Vivenciar a atividade de um boia fria, uma radicalização mesmo...

**Daniel:** Exatamente, e muitos, muitos ali eram crianças. Na época, muitos boias frias eram crianças e adolescentes, meninos de 14, 15 anos que ficavam trabalhando 10 horas por dia. Já que há um problema, já que tem conflito, vamos levar os alunos para ver o que é esse trabalho, não só para entrevistar, para conhecer, digamos, de perto, mas para também fazer o trabalho e perceber como é pesado. Isso porque também eles já tinham alguma familiaridade, porque eles faziam a horta, eles pegavam na enxada. Mas colocá-los para experimentar o que é ser boia fria é algo que foi criticado por alguns pais.

**Eliza:** Daí eu posso falar o que é um boia fria e trazer isso para a discussão.

**Daniel:** Exatamente. Então existiu isso em Batatais. Levaram lideranças da USP de Ribeirão Preto para falar do movimento estudantil universitário, para falar na escola o que estava acontecendo sobre aquela questão dos excedentes, a questão universitária em 68.

**Eliza:** Desse episódio eu não sei.

---

<sup>60</sup> Lucília Bechara fala sobre este assunto na entrevista que concedeu para esta pesquisa.

<sup>61</sup> ALN – Ação Libertadora Nacional.

<sup>62</sup> Mário Alves Novaes foi professor de Estudos Sociais (Geografia) do Ginásio Vocacional Cândido Portinari, na cidade de Batatais.

<sup>63</sup> Ernesta Zamboni foi professora de Estudos Sociais (História) no Ginásio Vocacional Cândido Portinari na cidade de Batatais.

**Daniel:** Os “excedentes” eram os alunos que eram aprovados, mas para os quais não havia vaga. Tinham nota para ingresso na universidade, mas não tinha vaga para eles, sobravam candidatos aprovados. Quer dizer, convidaram lideranças do movimento estudantil universitário para falar disso no Vocacional. Houve questionamento de pai também: “Como é que isso, esses estudantes comunistas vão vir falar dessas questões?” Então a proposta educacional foi sendo, no sentido de que era uma proposta problematizadora da realidade, ela foi sendo radicalizada, levada à frente. Então cada unidade desenvolveu, à sua maneira, a sua proposta educacional, porque também isso já estava posto para o projeto como um todo. A flexibilização curricular também ajudava, era algo que estava desde a origem do projeto e que foi posto de maneira expressa no Regimento dos Ginásios Vocacionais, de 1964. As cidades tinham perfis sócioeconômicos distintos, então era para ser diferente mesmo o trabalho em cada unidade e, nesse contexto, de efervescência política se tornou mais distinto ainda, e o Mario fala: “Tínhamos muito contato com o delegado que era amigo da cidade. Então quando foi ter uma batida no Vocacional ele avisou a gente.”

**Eliza:** Eles tiveram como sair?

**Daniel:** Eles tiveram como esconder materiais e quando a polícia chegou não havia nada que comprometesse, porque já tinham tirado os livros que poderiam ser considerados subversivos. Então, acontece esse incidente com a repressão, antes da grande intervenção coordenada nas unidades, em 69. Então, cada unidade teve sua particularidade. Batatais radicalizou bastante também, mas ao mesmo tempo tinham esses contatos, por exemplo, com o delegado da cidade, que “*segurava a barra*” da turma lá. São Paulo foi outra realidade. Americana teve essa cisão interna. Então penso que cada unidade mereceria um estudo para entender esse contexto específico.

**Eliza:** Cada unidade é um universo particular com suas características ligadas à realidade da cidade, do ginásio, inclusive devido às atuações políticas, históricas e outras existentes nestes micros e macro espaços.

**Daniel:** Exatamente.

**Eliza:** Tenho também uma pergunta que poderíamos discutir mais um pouco, talvez. Como se aliavam as discussões matemáticas com as questões relativas aos ideais políticos que a proposta do colégio defendia, qual seria o papel da matemática nessas intenções declaradas?

**Daniel:** Acho que vai na linha daquilo que eu comecei falando no início: eu sei que tinha essa articulação com as instituições didático-pedagógicas, com as demais disciplinas, havia uma prática de integração curricular, o conceito era esse, integração curricular, e Estudos Sociais acabava tendo um papel central dentro desse processo de integração, um papel de núcleo integrador do currículo, tanto que muitos chamam os Estudos Sociais de *Core Curriculum*. Alguns documentos e alguns remanescentes falam que Estudos Sociais era o *Core Curriculum*, mas na verdade era um problema, (isso lá em 67/69), derivado da área de Estudos Sociais. Por exemplo, entender o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil e suas consequências, a questão da inserção, migração, questão do inchaço das cidades, dos conflitos na zona rural, todas essas questões estavam ligadas a questão maior de entender o processo de inserção do Brasil no processo de desenvolvimento capitalista mundial. Isso foi um problema posto em 68. Então já nesse contexto de efervescência, de questões internas e tudo mais. E esse tema, aí há que se investigar, como é que Matemática entrava, de que maneira ela se integrava com essa problemática maior? No caso lá de um tema mais geral, que não era necessariamente um problema, uma questão, mas era um tema, como era lá nos primórdios, a proposição era outra. Então o regimento é do período inicial e eu não peguei nenhum documento de planejamento. Eles falam só de temas integradores lá mas, na prática, não tenho nenhum exemplo para te dar agora. Em 68 era essa a questão: Estudos Sociais estava no centro, mas primeiramente era um tema e posteriormente uma questão ou problema, como que matemática entrava, aí eu não sei te dizer.

**Eliza:** Você poderia falar alguma coisa sobre a relação entre alunos e professores?

**Daniel:** Olha, os alunos e os professores, também não foram objeto da minha investigação, mas o que a gente escuta é que era uma ligação muito forte, chegou até a ter um caso, em Batatais, aliás, contam de um aluno que se envolveu com uma professora e foi um bafafá... As professoras eram muito novas e os alunos acabavam se apaixonando...

**Eliza:** Mas eles eram muito novinhos também.

**Daniel:** Também, mas parece que um aluno lá teve um caso e foi um escândalo na cidade, mas o fato é que eles conviviam muito, no horário extraescolar e tudo mais, então havia uma relação intensa.

**Eliza:** E tinham as atividades que eles desenvolviam como o acampamento e as viagens para o estudo do meio.

**Daniel:** É, tinha. Acredito que um senso de responsabilidade também vai sendo criado, de maneira que você não tinha problema, de, por exemplo, aluno ficar bêbado, ou aluno usar droga... Evidentemente era outro perfil, era uma outra época... mas você não vê problemas maiores, questões envolvendo, por exemplo, *bullying* ou que a gente chama de *bullying* hoje. Elas eram muito trabalhadas pela equipe pedagógica. Em Americana, minha mãe conta o caso de uma aluna que era super pobre, super feia e tudo mais, e roubou uma camiseta da aluna bonitinha, linda e tal, e no dia seguinte foi usando a camiseta, o agasalho da menina, naquela inocência completa, para parecer com a outra. Aí eles foram lá conversaram com a menina, fizeram todo um trabalho para integrá-la, conversaram com a classe, quer dizer, a coisa era sempre tratada no coletivo, a inserção dela nas equipes de trabalho, que já era feita por meio de sociograma, então... era todo um trabalho coletivo, a coisa não era só resolvida individualmente. O aluno está com um problema, vai para a sala da coordenadora, chama o pai, pega o celular, chama, o pai vai lá, quer dizer...

**Eliza:** E o aluno continua com o problema...

**Daniel:** Exatamente. A orientação educacional tem esse viés. Muitas vezes, até por ser uma área tributária da Psicologia, ser derivada da Psicologia, ela tem esse viés de atendimento individual, o que é um equívoco.

**Eliza:** Hoje um aluno com problemas ele vai sendo levado até que um dia ele se evade ou vai para outro lugar. Normalmente se observa que as diferenças e dificuldades são tratadas pela via psicológica, ou ativam o Conselho Tutelar sem, muitas vezes, haver um envolvimento efetivo com o problema.

**Daniel:** É, ou entra um pouco pela coisa da coação também, o aluno tá sendo alvo de *bullying* aí baixam uma regra, tipo: "Não pode mais falar e se pegar vai suspender." Faz parte existir o conflito e buscar alternativas para superá-lo. Aí vem a autoridade para proteger o coitadinho, o aluno, como se a escola fosse um espaço policesco, que tivesse que baixar uma regra de que não pode, por exemplo, chamar pelo apelido. No Vocacional, porque que não pode chamar pelo apelido? Porque tem um trabalho sendo feito coletivamente, um trabalho sendo desenvolvido e isso compromete esse trabalho.



**Eliza:** E o interessante é que partia muito deles, eles criavam determinadas regras, elas eram discutidas com eles. Aquela regra fazia sentido, funcionava. Fazia parte daquele contexto, era discutida no coletivo.

**Daniel:** Exato, então não ia coisa de cima para baixo.

**Eliza:** Acho que poderia até “ir de cima para baixo”, mas ela era tão articulada, discutida, esclarecida que acabava sendo incorporada.

**Daniel:** Tinha um porquê, as regras tinham um porquê. Não foi, definitivamente, uma experiência de democracia como lá em Summerhill. Havia uma condução. Eles não sabiam que tinha sociograma, eles nem faziam ideia dessa coisa do SEV, dos conflitos, das questões, das divisões. Isso é uma singularidade, a maneira como o trabalho era desenvolvido.

**Eliza:** Os professores passavam por um curso de preparação antes...

**Daniel:** Isso era o procedimento padrão, mas quando havia a carência de algum professor, em alguma área, ele entrava sem fazer curso mesmo. É o caso da minha mãe, de Inglês, ou do professor Pompeo, de Práticas Comerciais. Era difícil encontrar professor, então eles não fizeram o curso preparatório, mas participavam do planejamento, que envolvia leitura, discussão de textos. Então, a formação, no caso da minha mãe, ela entrou dando aula, no caso do meu pai, ele fez uma atividade de preparação, foi avaliado. Havia algumas áreas que precisava selecionar, tinha muito professor.

**Eliza:** Como eles eram sensibilizados para efetivar uma proposta aparentemente tão alternativa no panorama das escolas da época? Porque havia uma sensibilização, um acreditar...

**Daniel:** É, eu acho que tinha... Eles batalharam para estarem lá. Muitos deles fizeram um curso preparatório, eles queriam fazer parte de uma experiência nova, de uma escola diferente que eles não sabiam direito o que era. Então tinha um motivador inicial que favorecia o envolvimento do professor com o trabalho, a dinâmica acabava envolvendo de tal maneira, que, por exemplo, o Pompeo de Americana fala, ele era de Americana, “dos meus amigos de Americana eu me distanciei, a minha vida era o Vocacional”, apesar de ser de lá ele foi se relacionar com os professores do Vocacional, eles saíam juntos, jantavam juntos, almoçavam juntos. E quando eu reuni os professores no salão do prédio de minha mãe em Americana para ver umas fotos, ele chora e fala: “A minha vida durante oito anos, foi isso aqui que você tá vendo, essas pessoas, essa conversa que você viu aqui foi a

minha vida durante oito anos.” Impressionante assim. Ele sempre se emociona quando fala. Então é isso, acho que o trabalho ali envolvia de tal maneira as pessoas que eles se comprometiam com aquilo e quando um sujeito que, de alguma maneira, era mal avaliado ou “tava fora”, acho que foi o que aconteceu em Americana, ele se ressentia muito. Eles adotavam a estratégia de transferir alguns, tinham dois que iam ser transferidos para Rio Claro e dois iam ser demitidos mesmo, que era o Wladir e o Cid<sup>64</sup>.

**Eliza:** E havia justificativa?

**Daniel:** Havia justificativa do ponto de vista operacional mesmo. Dizem que o Wladir, que depois da intervenção militar virou diretor, era um sujeito que não se relacionava com ninguém, ele entrava na sala e fechava a porta. Não se integrava, se relacionava com meia dúzia de alunos, isto é muito evidente nos discursos. Ele não se integrava com a outra orientadora que era a Áurea<sup>65</sup>, que acabava fazendo o trabalho dele. Então ele era um sujeito muito mal avaliado. Já com o Cid, foi uma questão mais política: ele era professor de Artes Industriais, engraçado, que quando Newton deu entrevista para mim, ele fala, que quando acontece o golpe militar, um dos poucos sujeitos que tinha real noção do que estava acontecendo no país, naquele momento, (essa questão da Guerra Fria, essa questão da repressão, de ser uma ditadura mesmo, de que “a coisa ia engrossar”) era ele. Era professor de Artes Industriais e também pastor de uma igreja protestante, um sujeito que, segundo Newton Balzan, também não fez a greve, mas um sujeito que tinha muita noção do que estava acontecendo no Brasil naquele momento, diferente de outros professores muito jovens. O Newton, quando falou da crise da crise de 63 no Vocacional de Americana, ele falou mais ou menos assim: “Quando teve o Golpe Militar eu estava em São Paulo, em Jundiaí, se não me engano, e eu fui de trem para Americana e eu estava super ansioso porque eu sabia que tinha acontecido o golpe, e eu queria chegar em Americana logo pra ligar o rádio, ouvir as notícias, saber o que estava acontecendo no país, e daí eu fui direto pra escola porque achei que as pessoas iam ter informações, iam estar preocupadas, eu cheguei lá e os professores estavam jogando vôlei, estavam fazendo um campeonato de vôlei, quer dizer, o país sofrendo um golpe de Estado e os professores jogando vôlei”, e aí ele falou, mas tem um

---

<sup>64</sup> Wladir dos Santos foi orientador educacional (1968) e diretor da unidade de Americana (1970) e Francisco Cid ex-professor de Artes Industriais na mesma unidade.

<sup>65</sup> Áurea Sigrist foi orientadora educacional e, mais tarde diretora do Ginásio Vocacional da cidade de Americana.

porquê: “Esses professores não eram mais os professores que tinham entrado, que tinham feito curso preparatório, eram professores colocados às pressas para substituir os demitidos”, aí ele relatou o episódio da greve e falou que o Cid sabia o que estava acontecendo...

**Eliza:** Crise de 65?

**Daniel:** Não, da crise de 63, quando aconteceu a greve em Americana. A crise de 65 foi com o governo Adhemar de Barros, em São Paulo.

**Eliza:** Com a Maria Nilde, aqui em São Paulo.

**Daniel:** Sim, com a Maria Nilde. O Vocacional de São Paulo recusou a matrícula de uma criança que era filha de um apadrinhado político do Adhemar de Barros, aí ele resolve destituir a Maria Nilde de coordenadora do SEV. Temporariamente colocou o Joel Martins como coordenador do SEV e a Teresinha Fram como diretora do Oswaldo Aranha. Depois voltou atrás, devido à mobilização de pais e professores. Em 1963 foi a greve lá em Americana, que eles fizeram em solidariedade aos demais professores da rede.

**Eliza:** Para encerrar, sobre os materiais didáticos você saberia algo?

**Daniel:** Eles não adotavam um material ou um livro, isso era outra riqueza. O material didático era uma referência. Eles usavam livros e textos diversos e montavam o material que, em sua maior parte, era todo mimeografado. Era um material de circulação interna. O material era concebido e gerado ali. Hoje isso é fundamental, quer dizer, tem muita escola indo no caminho do livro didático, do apostilado e tal, porque entende isso como uma prescrição, que o professor segue e acaba dando certo, no Enem da vida, ou no Saesp. Só que dentro dessa perspectiva, do professor ser um intelectual, um sujeito que faz e pensa sua prática e a refaz constantemente, não tem porque você ter um material que prescreva o que o professor tem que fazer. Então, a dinâmica era essa mesma, de você pegar diferentes textos, de diferentes origens, textos de jornal e fazer o material e cada professor desenvolver o seu material.

**Eliza:** E os livros estavam na biblioteca disponíveis para consulta. Tinha um tema, um problema, precisava entender sobre isso, buscavam nos textos sobre isso e começavam a construir os conceitos, é isso?

**Daniel:** É, exatamente. Eles buscavam e aí mudava o tema, era de acordo com o tema. Então, não tinha por que você seguir um livro de História linearmente entendeu? Tinha um tema e a questão era sobre aquele tema. Literatura, a mesma

coisa. Literatura Americana, eles pegavam textos de Americana no 5º ano, de poemas, de poetas da cidade de Americana, de autores regionais. A questão das Artes Industriais era a questão da estamperia, da confecção, da indústria têxtil. Em outras cidades Artes Industriais era dada de outra maneira.

**Eliza:** Daniel, acho que é isso.

**Daniel:** Pois é, acho que é isso. Aí se você notar qualquer coisa que faltou e tal você pode entrar em contato. A gente marca e conversa novamente.

**Eliza:** Ok. Muito obrigada Daniel. Obrigada pela gentileza.

**Daniel:** Eu que agradeço.

### 1.3 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM ESMÉRIA ROVAI

*“Uma força que nos tomba...”*

*Esméria Rovai. 75 anos. Tinha lido alguns textos de sua autoria. Almoçamos juntas, uma vez, um ano antes desta entrevista. Já havia participado de um evento em que ela falava sobre os Vocacionais. Agora, ali estava eu, em São Paulo, em frente ao seu apartamento, num bairro aparentemente tranquilo. Fiz o trajeto até ali de metrô e táxi sem problemas. Adiantada ao compromisso que havia agendado com ela, resolvi esperar para avisá-la sobre minha chegada. Fui tomar café da manhã em frente ao apartamento de Esméria. Uma padaria antiga, com certo charme e fluxo grande de pessoas que entravam e saíam. Uma simplicidade acolhedora. Terminado o lanche segui em direção ao prédio no qual ficava o apartamento de Esméria. Ela me aguardava após sua aula de Tai Chi Chuan, que frequenta regularmente duas vezes por semana. Nove horas da manhã de uma sexta-feira. Fazia frio. Com São Paulo como cenário, à janela de sua sala, iniciamos a entrevista. Eu só sairia de seu apartamento após o meio dia para um almoço em sua companhia.*

\*\*\*\*\*

**Esméria:** Para que eu possa me localizar um pouco. Qual é o seu tema de pesquisa, como é que você está organizando seu trabalho. Não sei se você colocou aqui no roteiro. Eu sei que você vai falar de matemática, mas como é que você está definindo o recorte da sua pesquisa? Fale um pouquinho sobre seu objeto da pesquisa.

**Eliza:** O nosso objeto de pesquisa são os Ginásios Vocacionais. Pretendemos...

**Esméria:** O recorte é a matemática?

**Eliza:** Pretendemos fazer um registro histórico dessa experiência que teve tão curta existência, dando um direcionamento para o ensino e aprendizagem da matemática, como ela se dava, nesses colégios, naquela época. Pretendemos ao ouvir pessoas diferentes que vivenciaram essa experiência trazer uma possibilidade de entender, de compreender e conhecer essa experiência.

**Esméria:** Nesse sentido você já marcou alguma entrevista com algum professor de matemática da experiência?

**Eliza:** Estou entrando em contato com um professor que chama Roberto Tofeti, de Batatais. Mas eu ainda não conversei com ele. Não entrei em contato diretamente com ele, mas com uma pessoa que o conhece. Caso você conheça alguém Esméria, eu agradeceria.

**Esméria:** No final eu posso dar dois nomes para você. Tofeti é de Batatais, eu o conheço. Bom, então vamos lá: “Fale-me um pouco de você”. Meu nome é Esméria Rovai, nascida na cidade de Laranjal Paulista<sup>1</sup> no dia 14 de setembro de 1938. A cidade não tinha nem asfalto ainda, nem água encanada quando eu nasci... (risos)... A gente viu a cidade sendo cavoucada para fazer a tubulação para água, então a gente brincava naqueles buracos que faziam na terra, era uma coisa muito gostosa. Eu vim desse mundinho e estou aqui nesse mundão hoje, tá certo? Meus pais, como na época era comum, só tinham o ensino primário. Meu pai era funcionário público, coletor estadual. Eu já falei um pouco dessa minha infância, que a gente brincava na rua, coisa que a nossa criança de hoje já não tem mais, nem mesmo lá no interior, as crianças não brincam mais na rua, não têm esse espaço de convivência. Eu estudei em colégio de freira desde o primário. Meu pai me colocou no colégio público, mas eu não sei por que não gostei e aí meu pai e minha mãe me levaram para estudar num colégio de freiras. Meu pai era funcionário público, nós éramos seis filhos e meu pai teve que pagar para eu estudar num colégio de freiras... (risos).

**Eliza:** Os seis filhos?

**Esméria:** Não. Eu estudei neste colégio desde o primário, e depois minha outra irmã também foi estudar em colégio de freiras, na escola normal, e teve que pagar, mas era da época. É bom eu falar nisso, que estudei num colégio de freiras, escola particular, tudo, porque eu vou querer ressaltar, durante a entrevista, como foi o ensino na época. O ensino na época era um ensino muito baseado na memória, na decoração, lembro que a gente tinha que por até as vírgulas, na prova, no lugar certo... (risos), se não, não estaria correto. Eu me lembro de que eu morava numa casa grande, com um belo quintal, e eu ficava passeando no quintal e decorando os pontos... e no decorar os pontos. Só muito mais tarde é que eu fui perceber que a gente não compreendia, decorava, não havia compreensão no processo. A minha sorte é que eu vinha de uma família de seis irmãos e eles eram mais velhos que eu, então, eu me lembro, que me corrigiam muito, às vezes, me orientavam em alguma dúvida, então, com a convivência dos meus irmãos mais velhos é que eu fui adquirindo um pouco de experiência.

**Eliza:** Você era a mais nova dos cinco irmãos?

---

<sup>1</sup> Laranjal Paulista é um município brasileiro do estado de São Paulo, região de Sorocaba. Com uma população estimada em 27.122 habitantes, em 2014. Dista 173 Km da capital.

**Esméria:** É eu sou a caçula. Então eles me ajudavam. Coisa que a escola na época não tinha muito esse tipo de preocupação. É isso que você gostaria de ver nessa apresentação? Bom, então, porque eu me tornei professora? Na verdade, eu me formei professora porque naquela época, nesse colégio em Laranjal, não tinha o segundo ciclo, o colegial. O segundo ciclo não tinha, mas no colégio das freiras tinha o curso Normal. Então eu me formei professora e os meus irmãos mais velhos tiveram que sair de Laranjal para estudar, em cidades onde tinha o Científico, o Clássico... Eu fiz a Escola Normal.

**Eliza:** Laranjal é interior do estado de São Paulo?

**Esméria:** É interior do estado de São Paulo. Fica, para você se situar, entre Sorocaba e Botucatu, na Rodovia Castelo Branco. Então, eu me formei professora. Quando me formei professora eu já tinha meus irmãos que moravam em São Paulo, certo? Então vim também morar em São Paulo, mas eu não me acostumava com São Paulo... Ai que horror que São Paulo era naquela ocasião! Não me acostumei..., mas vim. Tive que me acostumar. E fui fazer o curso de Artes Industriais, quer dizer, eu vim para fazer faculdade como todos os meus irmãos já tinham feito faculdade, se formado, tal, e eu vim para fazer faculdade. Mas no primeiro ano, naquela adaptação difícil na cidade, ausência dos meus amigos de juventude, tal etc. eu fiquei meio bloqueada. Então, no primeiro ano, não decidi nada, fui dar aula numa escola primária ali perto de Santo Amaro. Detestava, detestava dar aula. Fiz Normal para dar aula, mas me sentia tão despreparada... detestava. Mas aí fui fazer Artes... Daí apareceu, no cenário, uma divulgação de um curso que o Sesi (Serviço Social da Indústria) ia dar para formação de professores de Artes Industriais, e eu era uma pessoa muito habilidosa para fazer coisas com a mão, sabe? Eu me senti atraída e fui fazer o curso de Artes Industriais. Acho que foi durante um ano, um ano e meio, se não me engano, e logo fui contratada pelo Sesi para dar aula de Artes Industriais. Quando eu estava dando aula de Artes Industriais no Sesi apareceu a ideia do Vocacional, e a minha irmã, que trabalhava no gabinete da Secretaria da Educação na época, falou: "*Olha Esméria, vai sair uma experiência de ensino, uma Escola Vocacional. Eles têm a disciplina de Artes Industriais, você não gostaria de ver?*" E fui fazer o primeiro curso de treinamento para o Vocacional, que foi em 1961. Quer dizer, em 61 saiu a ideia do Vocacional, já no segundo semestre teve o primeiro curso de treinamento, de julho a dezembro e, nesse meio tempo, quando eu estava fazendo o treinamento para o Vocacional, os professores de Artes, que estavam

inscritos no Vocacional para serem professores de Artes Industriais, foram indicados para fazer um curso de Recursos Audiovisuais na USP, na Faculdade de Educação da USP, e lá fui eu, junto com os colegas que estavam fazendo o treinamento do Vocacional fazer o curso sobre Recursos Audiovisuais. Quando terminou o curso e veio a seleção dos professores para dar aula no Vocacional eu fui selecionada, mas não para Artes Industriais, fui selecionada para Recursos Audiovisuais. Eu não sei, até hoje eu fico me falando como a vida tem suas coisas... acho que eu realmente deveria ir para Recursos Audiovisuais, porque eu que me achava uma pessoa prática, da área prática, mas comecei a me perceber uma pessoa teórica! E tive que estudar Psicologia da Educação... na época a gente estudou Piaget, Jerome Bruner, e para ser profissional da área de Recursos Audiovisuais você tinha que entender muito de educação. Tem até aqui um item que você vai falar dos materiais, dos recursos e eu nesse particular tenho muita coisa para dizer. Fui selecionada para RAV, Recursos Audiovisuais, e fui selecionada para Batatais. Fiquei quatro anos em Batatais. Vi uma turma se formar ali. Em 1962 foram instaladas as três primeiras unidades: Batatais, São Paulo e Americana. Eu fui para Batatais, e em 1965 se formou a primeira turma. Aí meus pais mudaram para São Paulo, meus irmãos já moravam aqui, eu pedi transferência para São Paulo. Foi em 1966 quando eu vim para São Paulo e fiquei até o final. Vi morrer a experiência, vi o exército entrar na escola prender todo mundo lá, vi o final. Eu vi o Vocacional nascer e morrer, como costume dizer.

**Eliza:** Só uma curiosidade, quando você fala que veio para São Paulo e não se adaptava aqui, quais eram as características da cidade? Como era São Paulo naquela época?

**Esméria:** Porque eu não me adaptava? Eu sentia que a cidade era grande, uma cidade já com muito movimento, não tanto quanto hoje, mas ela era uma cidade em que você se sentia muito só. Apesar de você se defrontar com uma multidão na rua, você se sentia só, e eu sentia falta porque eu sempre fui diferente um pouco dos meus irmãos. Eu sou uma pessoa muito gregária. Eu tinha muitos amigos, a gente tinha toda uma vida de programação na cidade e quando eu vim para cá não tinha mais nada disso. Então foi difícil. Aí, ao invés de fazer a faculdade eu me atraí pelo curso de Artes Industriais, o que, acho, foi outra providência divina... (risos). Eu comecei a fazer amigos, e daí comecei a me enfronhar, daí eu fui para Batatais. Batatais aquela convivência com os amigos do Vocacional foi uma maravilha! Então



a vida voltou. Hoje já não sinto mais falta da minha cidade. Pelo contrário, hoje até quando vou lá preciso voltar logo... (risos)... tenho que voltar logo porque não me acostumo mais com o interior. Então: eu estudei em colégio de freiras, fiz o Normal, depois fiz Artes Industriais, depois fiz o curso de Recursos Audiovisuais na Faculdade de Educação da USP, e de lá fui trabalhar em Recursos Audiovisuais. Maria Nilde<sup>2</sup> sempre gostou muito do meu trabalho, porque nós tínhamos todo ano uma avaliação com a Maria Nilde, a gente passava por uma avaliação, a gente fazia a auto avaliação e ela fazia a avaliação. E Maria Nilde, eu sempre senti que Maria Nilde gostava muito do meu trabalho, da minha participação, ela mesmo falava. Aí quando eu mudei para São Paulo ela falou: “Esméria, acho que está na hora de você fazer uma faculdade”. E estava abrindo a faculdade de Comunicação na Faap, com uma promessa de uma opção chamada TV Educativa. Eu fui fazer. Só que na hora de fazer a opção eles não ofereceram a opção da TV Educativa. Então, para não perder os dois primeiros anos que eu já havia feito, eu fiz Jornalismo. Na verdade, eu fiz o curso de Comunicação Social, opção Jornalismo, porque eu sempre tive muita facilidade para escrever, para redigir, eu acho que nesse particular a educação da época era muito boa porque você era obrigada a aprender português, e a escrever bem. Só não ensinavam você a interpretar texto, você tinha que decorar o texto... (risos)... e eu fui mais para esse lado da decoração. Acho que é uma auto afirmação minha buscar mais essa coisa de decorar para ter sempre nota muito boa. Não sei se foi uma característica. Me formei em Comunicação Social, opção Jornalismo, na Faap<sup>3</sup> em 1970. Quando o Vocacional estava terminando, eu estava concluindo a faculdade de Jornalismo na Faap. Nunca exerci a função de jornalista porque depois da experiência no Vocacional eu aprendi a gostar de educação, de ser professora, de lidar com aluno, e com professor. Mas você pode falar: “*No Vocacional você não dava aulas, como é que você aprendeu?*” Eu não dava aula, mas eu lidava muito com os alunos, eu lidava muito com os professores porque todo trabalho de preparação dos materiais para apresentação de seminário, das sínteses que muitos alunos faziam comigo. Eu trabalhava muito com o aluno. Aqui em São Paulo, acabei também desenvolvendo projetos na área de fotografia, de cinema e lá tinha os meus alunos que faziam parte do projeto. Depois,

---

<sup>2</sup> Maria Nilde Mascellani (1931-1999) foi Coordenadora Geral do Serviço de Ensino Vocacional (SEV) de 1961 a 1969.

<sup>3</sup> Fundação Armando Alvares Penteado (Faap), fundada em 1947, é uma instituição de caráter filantrópico, localizada em três cidades: em São Paulo, Ribeirão Preto e em São José dos Campos.

no decorrer da história, você vai entender melhor isso. Eu via o trabalho dos professores, eu trabalhava muito com os professores porque eu os orientava: a gente sempre tinha uma reunião, o coordenador pedagógico, o professor e o especialista em audiovisual para decidir quais os recursos que poderiam ser usados naquela aula, naquela dinâmica, como usar, como tirar maior proveito daquele material, como conduzir o aluno pra ele não ser passivo, mas sim ativo no uso do material. Eu também participava muito das aulas para ver como é que o recurso estava sendo usado. Eu tinha uma participação muito ativa. Eu participava das reuniões de planejamento e eu tinha uma convivência muito grande com os professores. Depois disso eu aprendi gostar de educação, haja vista que eu nunca saí do magistério. Aí, lógico depois que o Vocacional terminou...

**Eliza:** Você terminou a faculdade em 1970.

**Esméria:** Terminei a faculdade e fui convidada para dar aula de Teoria da Comunicação no curso de Pedagogia da FMU<sup>4</sup>. Em 1970 eu fui convidada, porque, naquela época, no curso de Pedagogia, eles tinham as disciplinas: Teoria da Comunicação, Tecnologia Educacional, Fundamentos da Comunicação e fui dar aula na FMU no curso de Pedagogia. Nesse curso de Pedagogia da FMU, eu conheci o professor Samuel, conheci não, eu já conhecia o professor Samuel Pfromm Neto<sup>5</sup>, porque ele foi colega da minha irmã na Pedagogia da USP, inclusive da Cecília Guaraná<sup>6</sup> que também foi diretora do Vocacional, eles eram muito amigos e estudavam juntos... E trabalhando na FMU ele deu um curso de especialização em Recursos Audiovisuais. E eu fui fazer o curso com ele, tenho hoje o certificado de Especialização em Tecnologia da Educação com Samuel Pfromm Neto, que foi, e ainda é um grande doutor da USP na área educacional, na área da Tecnologia da Educação. Nesse meio tempo eu também fui trabalhar, pois eu saí do Vocacional, eu não quis ficar mais no Vocacional depois que ele deixou de ser o Vocacional. Uma mãe de aluno, que por sinal era de Batatais, mas depois se mudou para São

---

<sup>4</sup> A FMU - Faculdades Metropolitanas Unidas – é uma instituição brasileira de ensino superior sediada no município de São Paulo, fundada em 1968. Atualmente reúne as Faculdades Metropolitanas e o FIAM-FAAM Centro Universitário.

<sup>5</sup> Samuel Pfromm Neto nasceu em Piracicaba-SP a 3 de março de 1932, em uma família com ascendentes maternos luso-brasileiros católicos e paternos luteranos alemães. Formou-se pela USP em Pedagogia (1959) e tem mestrado e doutorado em Psicologia pela mesma universidade. Fez estudos de pós-doutorado nos EUA, na Inglaterra, na França, na Alemanha e no Japão. Sua produção bibliográfica compreende mais de quarenta livros.

<sup>6</sup> Cecília Lacerda Vasconcellos Guaraná, uma das colaboradoras desse estudo, foi Diretora do Ginásio Vocacional de Batatais e do Ginásio Vocacional de Americana.

Paulo, trabalhava na Secretaria do Bem Estar Social na Prefeitura de São Paulo. A Secretaria do Bem Estar Social incluiu o Mobral<sup>7</sup>, e o Mobral começou a trabalhar com o método Paulo Freire, e ao trabalhar com o método Paulo Freire, se usava muito os recursos audiovisuais. Então eles criaram o setor de recursos audiovisuais lá e ela me chamou para ir coordenar o setor...

**Eliza:** O Mobral - educação de jovens e adultos.

**Esméria:** É, jovens e adultos, no método Paulo Freire. Aí ela me chamou para trabalhar no setor, não é coordenar, porque tinha outro coordenador, mas eu tinha um papel de destaque na época lá por causa da minha experiência. O Vocacional terminou no final de 1969, acho que até abril de 1970 ainda continuei no Oswaldo Aranha<sup>8</sup>, mas aí, quando ela me convidou para ir para Prefeitura trabalhar no setor do Mobral, eu fui e lá fiquei até 1974, quando foi, então, extinto o Mobral. Acho que a Pedagogia Paulo Freire na Ditadura não ia muito bem, então eles extinguiram a educação de adultos pelo método Paulo Freire e acabou o setor e eu saí de lá. Mas a essa altura eu já estava dando aula na FMU e da FMU eu passei a dar aulas na Belas Artes<sup>9</sup>. Na Belas Artes eu fui dar aula de Fundamentos da Comunicação e Expressão Humana... E nessa convivência com o pessoal da Belas Artes que, funcionava na ocasião, no prédio onde funciona hoje a Pinacoteca do Estado. Era uma faculdade particular e hoje não, hoje ela funciona na Vila Mariana e o Estado recuperou o prédio para fazer a Pinacoteca. Então dessa época até 1985, conheci dois professores que trabalhavam na Fatec<sup>10</sup> de São Paulo e em 1980 eles estavam precisando de um professor de Psicologia da Educação. Como eles viram que eu era uma pessoa que conhecia muito a questão da Psicologia da Educação, eles ofereceram estas aulas e em 1980 eu fui dar aula lá e acumulei com a Belas

<sup>7</sup> Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização): Programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida". O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=130>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

<sup>8</sup> Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, localizado na cidade de São Paulo, capital.

<sup>9</sup> O Centro Universitário Belas Artes de São Paulo é uma instituição brasileira de ensino superior que oferece cursos de graduação, pós-graduação, cursos livres e de educação a distância nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Comunicação Social, Design e Relações Internacionais. A instituição foi fundada em 23 de setembro de 1925 com o nome de Academia de Belas Artes de São Paulo por Pedro Augusto Gomes Cardim. Ao longo dos anos, importantes figuras conviveram com a instituição Belas Artes. Amigos de Pedro Augusto Gomes Cardim, Mario de Andrade e Menotti Del Picchia, estiveram presentes na fundação. Do primeiro Salão Paulista, em 1934, participaram Anitta Malfati, Tarsila do Amaral e Alfredo Volpi, por exemplo.

<sup>10</sup> A Faculdade de Tecnologia de São Paulo é uma faculdade pública de ensino superior do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Localiza-se no bairro do Bom Retiro, em São Paulo.

Artes. Em 1985 dava aula na Fatec e na Belas Artes. Na Fatec, fui dar aula para o curso de formação de professores que chamava Esquema I. Esquema I para professor, em Psicologia da Educação. Daí a minha convivência com a disciplina Psicologia da Educação. Depois eu fui fazer mestrado e doutorado em Psicologia da Educação na USP.

**Eliza:** Na PUC.

**Esméria:** Perdão, na PUC. Aí, me vendo como professora de Psicologia da Educação comecei sentir necessidade de sistematizar mais meu conhecimento dessa área. Então eu fiz mestrado e doutorado em Psicologia da Educação na PUC em São Paulo. Em 1996 defendi minha tese de doutorado no programa de Psicologia da Educação com a tese sobre: Qual a escolha, qual o objeto da minha pesquisa? O Vocacional. Aí, o que eu fiz? Minha proposta foi restituir, recompor a pedagogia do ensino Vocacional já que os documentos da época tinham sido perdidos, muitos tinham sido perdidos por causa da Ditadura ter recolhido o material, muitos foram queimados nas escolas. Eu me lembro na ocasião do Vocacional, de um professor... um diretor fazendo uma fogueira com aqueles materiais. Então o meu propósito foi fazer a reconstituição da pedagogia a partir da memória dos participantes. Então meus sujeitos eram professores, alunos, pais, funcionários, orientadores pedagógicos e educacionais. Então peguei todo o sistema do ensino do Vocacional, desde a coordenadoria até o servente, para estudar a pedagogia, a proposta Vocacional, de uma perspectiva etnográfica. Quando eu fiz a qualificação do mestrado a banca sugeriu que eu fosse direto para o doutorado. Meu projeto estava tão amplo, tudo tão bem encaminhado, que a banca sugeriu e fui direto para o doutorado.

**Eliza:** Até eu ia falar: e o tema do mestrado?

**Esméria:** O tema do mestrado era o mesmo. Na verdade era o tema do mestrado, mas minha pesquisa ficou um pouco ampla demais por conta da proposta de fazer esse estudo etnográfico da proposta que eles acharam melhor eu ter mais um tempo... então eu fiz o doutorado e em 1996 defendi a tese: “O Vocacional, as cinzas e as brasas”.

**Eliza:** Um nome bem sugestivo, inclusive.

**Esméria:** Bem sugestivo! (risos). Exato. E escolhi como recorte da experiência o Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, o Gevoa. Então, aqui eu acredito que a gente terminou a parte número um. Agora, falando mais especificamente do

Vocacional, que é a parte número dois. Bom o meu envolvimento com o Vocacional. Como é que eu cheguei ao Vocacional? Através da minha inscrição no treinamento como professora de Artes Industriais.

**Eliza:** Você permaneceu quatro anos, em Batatais, como professora de RAV?

**Esméria:** É como professora, o meu cargo era professora especialista em Recursos Audiovisuais.

**Eliza:** E depois a Sra. veio para São Paulo?

**Esméria:** Onde eu continuei na mesma função. Isso em 1966. Em 1967 eu fui indicada para assumir a função de Supervisora de Recursos Audiovisuais, porque o Vocacional em todas as áreas tinha um supervisor.

**Eliza:** Ai então a Sra. ficava no SEV<sup>11</sup> ou no Oswaldo Aranha?

**Esméria:** Na verdade, houve uma outra coisa, outro desdobramento que vale a pena falar sobre ele: nós unificamos o setor de Recursos Audiovisuais (RAV) no Oswaldo Aranha e no SEV. Depois veio o 2º ciclo, o colegial, em 68, e criou-se o setor de Recursos Audiovisuais do 2º ciclo, mas nós unificamos, foi um setor único e eu fiquei como coordenadora desse setor.

**Eliza:** O SEV ficava onde?

**Esméria:** No mesmo prédio.

**Eliza:** Junto ao Oswaldo Aranha.

**Esméria:** No mesmo prédio onde funcionava o ginásio, e tinha o prédio que ficava na Rua Pensilvânia com a Avenida Santo Amaro, que era onde se situava o SEV. Depois foi construído o prédio do colegial, certo? Foi construído o colégio e ficou tudo um bloco só. No segundo ciclo o setor de Recursos Audiovisuais era o mesmo. Atendia o SEV, o 2º ciclo e o ginásio e eu passei ser a coordenadora. Então nós passamos a ter mais funcionários no setor de Recursos Audiovisuais. Inclusive, outro dia, eu estava conversando com o Luigy<sup>12</sup>. Você lembra do Luigy?

**Eliza:** Sim.

**Esméria:** Falei: “Luigy, nós precisamos recuperar a Leda”. A Leda era uma estudante de Pedagogia, na época, que trabalhava no setor de Recursos Audiovisuais e estava na fase de Conclusão do Curso de Pedagogia e nós duas juntas estávamos fazendo uma pesquisa sobre o uso de recursos audiovisuais nos

---

<sup>11</sup> Serviço de Ensino Vocacional (SEV) – a cúpula dos Ginásios Vocacionais com sede em São Paulo, coordenado por Maria Nilde Mascellani.

<sup>12</sup> Luis Carlos Marques, conhecido como Luigy: ex-aluno do Vocacional do Oswaldo Aranha e ex-presidente da GVive e um dos entrevistados desta pesquisa.

ginásios. Só que aí terminou a experiência e nossa pesquisa foi truncada. “Luigy ou você precisaria recuperar, ver onde se encontra essa Leda” porque ela era uma pedagoga e ela deve estar por aí, como pedagoga, e eu gostaria até de falar com ela até para gente lembrar um pouco daquele tempo e falar um pouquinho como foi a experiência de uma pedagoga trabalhando no Audiovisual no Ginásio Vocacional. Valeria a pena até uma entrevista com ela.

**Eliza:** Você participa dessas reuniões mensais que eles fazem<sup>13</sup>?

**Esméria:** Exato, sábado vai ter uma reunião. Eu estou aposentada, mas eu trabalho.

**Eliza:** Bastante.

**Esméria:** É, como voluntária do GVive<sup>14</sup>. Aliás, eu trabalho como voluntária, também no Instituto Nyingma do Brasil<sup>15</sup> que é o Instituto Budista.

**Eliza:** Instituto?

**Esméria:** Nyingma do Brasil, certo? Então uma tarde por semana eu faço trabalho voluntário no projeto de Arte Sagrada.

---

<sup>13</sup> Desde março de 2005, ex-alunos do Gevoa têm se encontrado no primeiro sábado de cada mês no Bar Memorial, no Campo Belo e, a partir do mês de setembro de 2013, no Bar Ufizzi. A iniciativa, que partiu de representantes da turma de 69, foi recebendo adesões de outras turmas mês a mês. Três meses depois, desta vez no dia 11/06/2005, o Memorial foi testemunha de um encontro marcante com representantes das turmas de 62 até 77 e vários professores, que se reuniram para um animado almoço que se estendeu até tarde da noite. Foram quase 250 pessoas. Nas semanas seguintes, uma intensa troca de e-mails e telefonemas, entre os que participaram daquela reunião, foi convergindo para o amadurecimento da criação de uma associação que desenvolvesse, de forma ordenada, as ideias que estavam sendo rapidamente geradas. No encontro de 2 de julho de 2005, o grupo se reuniu para confraternizar e também para pensar em como materializar todo esse caldo de ideias. A partir desse encontro, definiram-se grupos de trabalho com tarefas específicas: formalizar a criação da associação – GVive, se aplicar na atualização do cadastro de ex-alunos e professores, trabalhar pela recuperação da memória documental e afetiva do Vocacional, interagir no espaço físico da Escola Estadual Oswaldo Aranha e criar um web site para servir como ponto de aglutinação de todas essas ideias, foram algumas das metas listadas. No dia 6 de agosto de 2005, em mais uma reunião de confraternização dos ex-alunos do Gevoa (Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha), e agora com a presença de ex-alunos de outras unidades, foi fundada a GVive, com a seguinte denominação: GVive – Associação dos Ex-alunos, ex-colaboradores e amigos do Sistema de Ensino Vocacional do Estado de São Paulo. Com a presença de 152 sócios fundadores. Disponível em: <<http://gvive.org.br/quem-somos/um-pouco-de-nossa-historia>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

<sup>14</sup> GVive quer dizer: Ginásio Vocacional vive em nossos corações.

<sup>15</sup> ArNying-ma-pa, a mais antiga das quatro escolas do Budismo Tibetano, preserva os ensinamentos apresentados pelo Grande Guru Padmasambhava, e pelo Sábio Santaraksita. Os ensinamentos do Buddha se propagaram pela Índia, sendo passados de mestre a discípulo. No século VIII, foram levados intactos para o povo do Tibete, e mantidos, até hoje, em uma linhagem ininterrupta de mestres. A escola Nyingma de Budismo Tibetano teve sua origem com o Guru Padmasambhava, também conhecido como Guru Rinpoche, que veio da Índia para o Tibete no século VIII. Atendendo ao convite do sábio Santaraksita, Padmasambhava chegou ao Tibete a fim de ajudar a construir o monastério de Samye, principal centro de estudos e local onde muitos textos, que vieram a constituir a vasta literatura budista, foram traduzidos pela primeira vez para o tibetano. /.../ O Instituto Nyingma do Rio de Janeiro, a exemplo do de Berkeley, que coordena todos os Institutos Nyingma no Ocidente desempenha um papel principal na preservação da arte sagrada, dos livros e práticas do Budismo Tibetano. Disponível em: <<http://www.nyingmario.org.br/instituto.php>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

**Eliza:** Também faz o Tai Chi Chuan, que é um outro hobby, se dedica ao coral. (risos)

**Esméria:** Ah! Estou fazendo o curso de especialização. Me formei em Ciência Médica da Homeopatia em 2012 e agora estou fazendo Especialização em Homeopatia. Esta minha gripe está sendo tratada com homeopatia. Eu comecei com a gripe quarta-feira, hoje já estou bem melhor. Depois dizem que a homeopatia é lenta...

**Eliza:** Esméria você poderia me falar de algumas características das unidades em que atuou, ou seja, Batatais e depois no Vocacional de São Paulo, o Oswaldo Aranha? Havia diferenças entre as unidades desde a implantação?

**Esméria:** Havia diferença, mas havia, por incrível que pareça, a alegria, o prazer de trabalhar naquela experiência. A dinâmica, a efervescência era a mesma. Mas havia diferenças. Por exemplo: no Vocacional de Batatais era aquela coisa assim, vamos dizer, mais calma, a gente tinha tempo para terminar a aula e jogar vôlei com os alunos, depois do horário da aula, que terminava sempre as quatro e meia, então até as cinco e meia seis horas a gente ficava jogando vôlei com os alunos. Aquela coisa de cidade do interior e tal. Como eu morava em Batatais, no começo, no primeiro ano, a gente morou no hotel, todos os colegas moravam no hotel, então aquela convivência diária com os colegas foi muito rica. Mais tarde a gente passou a morar em república.

**Eliza:** Quantos anos você tinha?

**Esméria:** Eu tinha vinte e quatro anos, e para mim, essa coisa de conviver em grupo, voltou àquela coisa do meu tempo de Laranjal. Aquela coisa de fazer parte de um grupo, de ir ao cinema, de viajar. A convivência com os pais também era muito grande fora da escola, você se encontrava com eles na escola, fora, na cidade. Muitas vezes a gente ia para a casa deles. Já em São Paulo isso não tinha muito, a gente tinha a convivência com os pais, mais na escola mesmo. Sentíamos muito a participação dos pais, a presença dos pais na escola era uma coisa frequente, mas, eu diria, a alegria de estudar naquela escola, a alegria de participar daquela coisa era praticamente a mesma. O interesse dos alunos pelo aprendizado era grande. A única diferença é que Batatais tinha, de modo muito mais organizado, estruturado, a disciplina de Práticas Agrícolas, enquanto que no Oswaldo Aranha era mais um adendo de algumas áreas, aparecia mais sob a forma de projetos: não tinha a disciplina Práticas Agrícolas, mas tinham os projetos.

**Eliza:** Projetos que envolviam as questões agrícolas?

**Esméria:** Certo. Artes Industriais em São Paulo era uma disciplina tanto quanto era em Batatais, mas era muito mais intensa por conta das características da cidade. Em Batatais já era mais voltada para o tipo de indústria que tinha naquela região, na ocasião. Então, como supervisora de RAV, eu tive oportunidade, não só, mas como o Vocacional tinha muito intercâmbio entre as unidades, eu logicamente também conheci Barretos, Rio Claro, Americana, mas depois, como supervisora de área, eu ia pelo menos duas vezes por ano em cada unidade, ficava uns dias lá trabalhando com eles, então eu pude conhecer também as outras unidades e pude perceber que essa alegria, essa dinâmica, essa efervescência da escola era praticamente a mesma em todas as unidades.

**Eliza:** Independentemente da estrutura física de cada um desses Ginásios?

**Esméria:** A estrutura física... Ah, em Rio Claro era num horto florestal no começo, não tinha prédio próprio, a dificuldade de sala de aula, da estrutura física do prédio não era como de Batatais que já tinha uma escola, simples, mas já era uma escola acomodada mesmo para ser escola de Artes Industriais, tinha a parte que já havia sido adaptada para funcionar o Ginásio.

**Eliza:** Tinha, por exemplo, um local para a Educação Doméstica.

**Esméria:** Nos dois primeiros anos, no Oswaldo Aranha, o pessoal dava aula ainda com o prédio em construção. Eu lembro até que entrevistei o professor de Educação Musical, ele contava que nos dois primeiros anos ele dava aula de música com o material da construção: pau, garrafa, latinha, lata. Ele fazia o pessoal explorar esses materiais para produzir sons. O Vocacional foi uma experiência que estimulou muito a criatividade. Eu acho que os professores, hoje, se não têm os recursos eles não fazem nada, ao passo que nós éramos obrigados a criar... Então me parece que falta para o professor de hoje, eu não sei até o que limita ele, se é só uma zona de conforto na qual eles se incluíram, não sei se é o Estado que amarra muito, se é o poder público que amarra muito a criatividade deles, mas eles não são criativos, não são capazes de... não sei, sinto falta, não sei... não posso generalizar isso, mas eu vejo que em algumas escolas isso acontece. Mas, de um modo geral, nós éramos estimulados a sair do lugar comum e criar.

**Eliza:** Um ex-aluno do Vocacional de Rio Claro me disse que eles faziam aula de Educação Física correndo ao lado do rio que passava pelo horto.

**Esméria:** Exato.



**Eliza:** Eles tinham aula no vagão de um trem. Não estamos aqui falando e nem generalizando que deve ser assim, que não deva ter material, mas chama-nos a atenção o quanto um estímulo (que eu não sei exatamente de onde vem) fazia com que não ficassem dependentes das questões materiais. Havia algo que vinha antes, ou não?

**Esméria:** Certo. Há algo que vinha antes eu acho. Esse antes era exatamente a proposta, o projeto. O Projeto Pedagógico que embasava a proposta. Uma proposta pela qual os professores foram se identificando, vendo que era possível... E outra coisa: eu acho que vinha dessa proposta do Vocacional de ser uma escola que entrava muito em contato com a realidade. E você tem que trabalhar com o que a realidade oferece, e então você era estimulada a encontrar na realidade os recursos que você poderia usar para estimular o pensamento do aluno, a busca do aluno pelo conhecimento.

**Eliza:** Porque havia alguma sensibilização dos professores e da equipe em torno de um ideal, ou não... Isso acontecia?

**Esméria:** Acontecia. Eu acredito que isto foi uma coisa muito forte no Vocacional, essa sensibilização para um trabalho produtivo, para um trabalho rico, para um trabalho de valorização do outro, certo? Então você ia se apaixonando por aquilo, né? Você ia se envolvendo com aquilo e gostando. Agora mesmo, vindo do Tai Chi Chuan, porque às vezes eu vou com uma preguiça, levantar as seis e quinze para seis e meia estar lá... mas quando você sai do Tai Chi, você sai tão leve, meu Deus do céu! É isso que me faz levantar seis e quinze... (risos)... para ir no Tai Chi Chuan, porque sei que depois vem aquela coisa gostosa de ver que você foi capaz de fazer todos aqueles movimentos, de estar dominando o seu corpo, estar conseguindo produzir toda aquela coisa dinâmica, transformativa. Era isso que alimentava a gente no Vocacional também, você se perceber produzindo, fazendo, criando, recriando...

**Eliza:** Apesar de existir o SEV que determinava quais seriam as ações, as normas, havia as particularidades de cada unidade? Ou não?

**Esméria:** Vamos falar um pouquinho disso da seguinte maneira: eu acho que o Vocacional, o que eu admiro na proposta do Vocacional e o que sinto falta nas outras escolas: uma concepção da proposta. Havia uma proposta, não era uma coisa: "cada um vai fazer o que quer, como quiser." Havia um centro de ideias que você tinha que seguir... segunda-feira agora eu vou fazer uma palestra no Senac de

Araçatuba sobre a questão: “Ética e paixão para ensinar”. Eles viram o filme do Vocacional e agora querem que eu vá falar. Então, neste tema: “Ética e paixão para ensinar”: vou falar muito da questão da autonomia porque se eu for falar de ética você tem que falar de autonomia, essa autonomia que não está muito bem posicionada na cabeça da escola hoje. Todo mundo acha que autonomia é você ser livre para fazer o que quer, quando quer... não é nada disso. O Vocacional tinha uma proposta que você tinha que seguir, mas você tinha um nível de autonomia para fazer as coisas de acordo com a comunidade. O que determinava a sua autonomia? A comunidade, certo? Não era uma coisa livre... então eu acho que essa era a filosofia da Proposta Pedagógica do Vocacional que estava muito bem definida, muito bem orientada, haja vista que todas as unidades estavam trabalhando nela... essa unidade que eu via no Vocacional, que falei para você, tinha isso de comum em todas e vinha dessa orientação central, certo? Agora, cada uma tinha a sua autonomia de acordo com as características da comunidade, cada um se organizava dentro da sua comunidade. Rio Claro dava aula de Educação Física à beira do rio porque era ali que eles estavam se situando. A comunidade deles era essa. Isto que foi muito bonito no Vocacional: você tinha uma proposta muito clara seguia aquela proposta, mas ao mesmo tempo você tinha um nível de autonomia que vinha da característica da comunidade. Eu mesma, nesse livro que acabamos de escrever, tem um item em que falo assim: “O Vocacional tinha clareza de propósito.” E a pergunta que eu faço é: “Qual é o propósito da escola pública hoje?” Você sabe qual é? Você sente? Eu não sinto. Se tem um propósito, eu não sinto, certo? Essa clareza de propósito no Vocacional foi uma coisa muito forte. Você tinha um propósito, então vamos do propósito ao seu planejamento. A proposta era formar alunos com consciência de si e da realidade em que viviam.

**Eliza:** Você acha que esses propósitos foram atingidos, houve as transformações esperadas?

**Esméria:** Eu acho que eu sou o fruto disso. Os alunos que você vê hoje são frutos disso aí. Essa clareza de propósito, de formar alunos conscientes de si, e da realidade. Conhecer a realidade, para a ditadura, era muita coisa... Conhecer a realidade para o Vocacional era fazer com que o aluno se percebesse como um cidadão pertencendo a um grupo social no qual ele tinha um papel, uma responsabilidade, um compromisso, certo? Não era fazer revolução.

**Eliza:** Era ter consciência de si e da comunidade da qual se faz parte.

**Esméria:** Porque tinha que tomar consciência, porque quem sou eu, o que eu gosto de fazer, quais são as disciplinas que mais me atraem, onde eu sou mais ou menos talentoso?

**Eliza:** O Vocacional direcionava a isso e permitia que o aluno...

**Esméria:** Tomasse conhecimento de si. Mas para ele tomar conhecimento de si ele tinha que começar também a ter conhecimento do meio em que ele vive. Ele não é um ser isolado do mundo, certo? Então o Ensino Vocacional tinha clareza de propósito. Eu começo assim, aqui<sup>16</sup>: “O Ginásio Vocacional, escola sintonizada com a complexidade da vida.” “Vocacional, crisálida de uma escola desejante”. Você vai ter muito o que ler no meu livro.

**Eliza:** Com certeza vou ler.

**Esméria:** Esse material eu vou levar para o Senac, para verem. Você viu essa revista? “Caráter se aprende na escola, além de matemática e português, alunos agora terão nota de perseverança, otimismo, curiosidades.” Revista Época de outubro do ano passado.

Bom... então, acontece o seguinte: estamos chamando aqui o Vocacional de um sistema complexo e falando da escola como uma organização complexa. No Vocacional tudo era bem articulado, não era uma coisa fragmentada. Era uma coisa muito bem articulada, tinha um propósito, tudo era pensado em função desse projeto. A metodologia, as técnicas pedagógicas, os objetivos, a prática da avaliação, a presença de um setor de orientação educacional no sentido de ajudar o aluno a aprender a se conhecer, a lidar com as suas limitações, com o seu talento. Eu acho que tudo no Vocacional foi muito bem pensado. Por isso sou apaixonada por ele, e o pessoal acha que eu defendo o Vocacional porque eu sou saudosista. Eu não sou saudosista, eu sou inconformista de ver que não se consegue ter uma proposta de educação para as crianças de hoje com esse nível. Era uma escola cara? Mas em Rio Claro, você viu, foi feita no Horto Florestal, no vagão de um trem, e conseguiu implementar a proposta, por em funcionamento, em operação essa proposta, esse projeto. Quer dizer, não é uma questão só de recursos materiais, de precisar ter tudo aquilo, foi tendo tudo aquilo porque nós tivemos uma sociedade de

---

<sup>16</sup> Leitura do livro que Esméria estava finalizando à época da entrevista: “Escola como desejo e movimento: novos paradigmas, novos olhares para a educação” de autoria de Alcimar Alves de Souza Lima e Esméria Rovai, Editora Cortez. Foi lançado em 2015.

pais que acabou ajudando o Vocacional, conseguimos condições materiais. A participação dos pais era muito importante e significativa.

**Eliza:** Não era apenas a ajuda financeira, era uma participação ativa desses pais.

**Esméria:** Então, você vê, o Vocacional conseguiu até o prédio de Rio Claro que foi construído depois, especialmente para o Vocacional, e que foi projeto de um pai de aluno. Tudo por causa dos pais, certo? Hoje eles estão tentando resgatar isso, porque estão percebendo que a integração escola-família é extremamente importante.

Bom, eu acho que sobre a estrutura física do Vocacional já falamos um pouco comparando com Rio Claro. Havia unidades que já tinham uma estrutura física adaptada para funcionar o Vocacional, as salas de aula, eram salas ambientes, sabia disso? As salas ambientes significavam: o aluno tinha aula de Estudos Sociais na sala de Estudos Sociais, tinha aula de Matemática na sala ambiente da aula de Matemática.

**Eliza:** Aula de Educação Musical...

**Esméria:** Na ambiente de Educação Musical, Educação Doméstica na sala de Educação Doméstica, Artes Industriais na oficina, tinha também a sala de aula de Artes Industriais que era anexa à oficina, onde eles tinham aula, alguma aula mais teórica, mais de planejamento, e tinha a parte prática. Práticas Comerciais tinha a sala com as máquinas de datilografia e todos os equipamentos necessários para funcionar as Práticas Comerciais. Tinha a Cantina, a Cooperativa, o Banco Escolar, depois teve, por fim, o Escritório Contábil. Do ponto de vista da estrutura física do Vocacional, eu acho que ele foi também inovador. Quando começou a aparecer a importância da escola e se pensar numa mudança, começou-se a discutir a própria estrutura física da escola, que a escola deveria ter ambientes preparados, especiais para isso, para aquilo e, para aquele outro, mas o Vocacional já tinha! O Vocacional já pensava nisso!

**Eliza:** E Batatais como era?

**Esméria:** Em Batatais já tinha uma estrutura, a escola já tinha sido mais ou menos adaptada para isso. A Educação Física, por exemplo, muitas das aulas de Educação Física eram dadas ao ar livre, num terreno vazio que tinha ali. Eu me lembro que jogávamos vôlei nesse espaço vazio. Os alunos tinham aula de observação na rua, mesmo aqui em São Paulo, tinha aula de observação. Artes

Plásticas dava aula de desenho de observação, os alunos saiam na rua para desenhar, para ver os prédios, as casas, as paisagens e desenhar. Na rua! E muitas aulas de Educação Física eram dadas na rua próxima à escola, em volta da escola, mas naquela época, era possível. Acredito que em São Paulo tem muita escola em que isso é possível também hoje. Eu me lembro que no Vocacional muitas aulas eram dadas na rua. Estudo do Meio eram aulas fora da sala de aula, fora da escola. Estudo do Meio, é como diz uma professora, era uma aula, como qualquer outra, só que era feita fora da sala de aula, fora da escola.

**Eliza:** Agora, Esméria, estamos entrando nessa parte: como que eram as salas de aula dos Vocacionais?

**Esméria:** Então, as salas de aula eram salas ambientes.

**Eliza:** E as salas eram, podiam ser nesses ambientes, como podiam sair desses ambientes dependendo da proposta, do tema, do objetivo da aula?

**Esméria:** Dependendo da proposta, do que cada um estava desenvolvendo naquela unidade, facilitava você ter aula fora. Por exemplo, desenhar observando a realidade foi outra coisa que o Vocacional trabalhou muito. Essa capacidade de observação. O Vocacional cuidava muito dessa questão.

**Eliza:** Observar, registrar... discutir...

**Esméria:** Observar, depois comentar esse registro e não só na área de Artes Plásticas, mas era na observação do meio mesmo. Então não é a “toa” que nós temos muitos alunos doutores que fizeram o Vocacional. Por quê? Porque eles tinham essa coisa de observação do meio, do espaço, isso era muito, muito cuidado. O aluno hoje não pára para observar. Eu acho que o Vocacional tinha muito disso: observação, a problematização, a busca dos dados, a sistematização dos dados e depois a comunicação da sistematização, então, tinha um todo um grupo...

**Eliza:** Comunicação para o grupo, para a sala?

**Esméria:** Para a série, para a escola, para os pais, certo? Eu considero que havia um tempo para o aluno internalizar aquilo que ele estava aprendendo. Não é como hoje que dá uma aula, decora... e depois passa.

**Eliza:** E de certa forma esse conhecimento vinha do que eles tinham?

**Esméria:** Exato, então não é como o aluno que hoje tem que decorar, não tem tempo de simbolizar aquilo que ele aprendeu. Tem que guardar. Quando eu estudava no colégio, eu tinha que decorar, guardar, mas nunca simbolizei.

**Eliza:** E ao observar a sua localidade, isso também não significa que ele ficasse só na localidade, ele ia para o geral e para o particular quando ele começa a pensar a escola, a cidade, o seu município, o estado e o país. Havia, pelo que me parece, esse movimento também, não é?

**Esméria:** Certo, a ideia de que o contexto não é só o contexto próximo. Vamos pegar, por exemplo, a família. A minha família é o núcleo, mas está dentro de um grupo social mais amplo, que tá dentro de um grupo social mais amplo que é a cidade, que é o Estado, que é o país, que é o continente, que é o mundo, vamos dizer assim, certo? Então essa ideia é outra coisa que fazia parte da caracterização curricular do que era chamado currículo em espiral. Essa compreensão do espaço, como um espaço dinâmico que se abre e fecha, abre e fecha. Eu vejo muito em Edgar Morin falar hoje na recursividade, no conhecimento recursivo: você vai, mas volta, então não existe um começo, um meio e um fim, existe uma dinâmica de ligação, é contínua entre o que você vê agora, volta e vai para uma visão um pouco mais ampla e assim segue.

**Eliza:** E isso acontecia no Vocacional?

**Esméria:** Sim, opa! Então acho que o Vocacional é isso! O que me encanta no Vocacional é que havia um propósito, e tudo dentro do Vocacional ser pensado e articulado em função desse propósito que era formar o aluno consciente de si e da realidade. Tudo, a metodologia, as práticas pedagógicas, a metodologia de problematização... porque não era uma metodologia expositiva: era uma metodologia de construção do conhecimento a partir de um problema localizado na comunidade, que poderia vir de um fato próprio da comunidade, mas também, um fato que estava acontecendo no mundo e que afetava a comunidade, certo? Vou dar um exemplo para você: quando se fala na crise do euro, “Como é que a crise do euro bate aqui no meu umbigo?” Vamos dizer assim, como é que bate na minha comunidade, “Como está afetando na minha comunidade?” Então essa conexão do local-universal estava sempre presente. Como é que a crise do euro, como é que a crise do petróleo, enfim, “Como é que o problema na Grécia<sup>17</sup>, todo o problema lá da Grécia, que tivemos o ano passado, repercute no mundo e afeta o Brasil?”

---

<sup>17</sup> A Grécia desde 2010 vem passando por uma grave crise econômica ocasionada por uma alta dívida pública. Amarga com quedas no PIB, aumento do desemprego e falta de credibilidade no mercado internacional. Tem sofrido com a forte oposição popular que questionam um plano de ajustes fiscais que implica na redução de gastos públicos relacionados aos direitos trabalhistas.

**Eliza:** E o aluno buscava respostas nas disciplinas ou áreas para que pudessem construir compreensões sobre os temas?

**Esméria:** Bem vou explicar isso a você da seguinte forma: o Vocacional, ele trabalhava com uma metodologia. A proposta do Vocacional era trabalhar com um currículo integrado. Foi extremamente inovador na época e continua inovador até hoje, porque na verdade a escola ainda não sabe trabalhar dessa forma, ainda não entendeu o que é trabalhar assim.

**Eliza:** Nem a universidade?

**Esméria:** Não, não. A faculdade, eu acho que vai ter que ter mais cinquenta anos para começar. Em todo o caso, o Vocacional trabalhava com a ideia de currículo integrado, integrando teoria e prática, integrando os saberes das diferentes disciplinas. Para isso, integrava os professores, os elementos atuantes do processo para um pensamento integrado que eu chamaria hoje de um pensamento complexo, como fala Edgar Morin. Integrava inclusive os funcionários. Os funcionários tinham que conhecer a proposta. O professor tinha que valorizar o aluno, mas o funcionário também. Nunca me esqueço de uma vez em que eu fui fazer um trabalho de assessoria numa escola pública em que os funcionários tratavam os alunos bravos, xingando: “Vai pra fora!”... e tal. No Vocacional isso não era possível, porque no Vocacional tinha que respeitar e valorizar o aluno como o professor também, mas a gente tinha que saber por que estava respeitando e valorizando...

**Eliza:** Mas e o aluno também valorizava esse funcionário, esse professor, em contrapartida?

**Esméria:** Em contrapartida sim. Você não via no Vocacional desrespeito, a questão do desrespeito você não via. Não quer dizer que não acontecia nada. De vez em quando acontecia. Sempre tem aluno que gosta de desafiar, certo? Nós temos passagens bastante interessantes de alunos que aprontavam. Primeiro porque adolescente é adolescente, em todas as épocas a gente vê que adolescente é adolescente. Eles gostam de aprontar, de desafiar o professor, de desafiar alguém, mas quando isso atingia uma proporção fora do limite desejável, tinha a orientação educacional que ia trabalhar aquilo com os alunos. Havia uma coisa do pertencimento muito forte no Vocacional. Isso de que os alunos falam muito: eles se sentiam pertencendo àquele grupo, àquela família, àquela coisa. Alcimar<sup>18</sup> mesmo

---

<sup>18</sup> Alcimar Alves de Souza Lima, atualmente médico psiquiatra, psicanalista e escritor, foi aluno do Ginásio Vocacional de Batatais-SP.

sempre fala: “Ah! Esméria os alunos, os professores, (eu via acontecer isso em Batatais) a gente chegava à noite e ia para a república dos professores porque a gente gostava tanto deles, que chegava à noite a gente ia para a casa deles”. Quer dizer, não é essa coisa do professor lá e eu aqui: “Não aguento mais ver a sua cara” certo?

**Eliza:** Eram amigos e ao mesmo tempo sabiam diferenciar meu amigo e o meu professor?

**Esméria:** Certo, havia essa distinção. Eles sabiam o lugar deles, tanto o professor como o aluno sabiam o lugar deles. Isso nunca interferiu, não me lembro em São Paulo, nem em Batatais que isso interferisse na dinâmica da relação de autoridade do professor para com o aluno na escola. Nunca me lembro de ter assistido cenas assim como hoje está, essa coisa desrespeitosa...

Resumidamente, para você entender a questão da dinâmica do currículo integrado, da metodologia, para poder falar da matemática nesse contexto. O Vocacional trabalhava com currículo integrado. O que era trabalhar com currículo integrado? Pressupõe-se que as disciplinas entre si, as disciplinas são expressões da realidade. Elas não são saberes dicotomizados, elas são expressões de uma totalidade que é a realidade vista como um todo. Essa visão do universo como organismo vivo. Essa visão ecológica do universo. No universo tudo está conectado, tudo está relacionado, tudo se liga com tudo, então não tem razão a Matemática estar separada de Física, de Português, de Artes Industriais, porque tudo se liga com tudo. Então essa visão de o conhecimento ser um todo e que as disciplinas são expressões desse todo, é que fazia com que o Vocacional tratasse as disciplinas como partes de um todo “maior”. De um todo do qual elas faziam parte, então essa dinâmica entre todo e parte fazia essa dinâmica do currículo integrado, certo? Como é que você fazia com que o aluno percebesse essa totalidade? Aí é que vinha a metodologia do Estudo de Problemas. O problema é: para você conhecer, por exemplo: “Do que vive a nossa comunidade?”, que era uma das primeiras unidades que os alunos viam na primeira série, primeiro era o estudo da escola, “Como é que é a nossa escola?”... Então vamos conhecer a escola, então vamos conhecer a escola em Português, em Matemática, em Ciências, em Física, em Química, em Biologia. O aluno via todas as dimensões da escola representada nas disciplinas.

**Eliza:** E a Matemática?



**Esméria:** A Matemática também. Quando eu vou fazer palestra para os professores, eu falo assim: “Pega a sua calça, tem Matemática aqui? Tem. Tem Português aqui? Tem. Tem Física aqui? Tem. Tem Química aqui? Tem. Tem Artes? Tem. Tem História aqui? Tem. Esse modelo de calça tem História? Tem Geografia?” Então eu começo a fazê-los perceber que a matemática está presente aqui nesse espaço. Quanta Matemática tem aqui? Incrível! Eu me lembro que eu fiquei quase um ano morando com a minha irmã, porque eu fiz uma segunda reforma no apartamento. (Esse projeto é da primeira reforma no apartamento, mas eu fiz uma segunda reforma. Tirei carpete, pus esse piso de madeira) então eu fui morar na minha irmã e ela tinha um neto que morava com ela. Os filhos moravam com ela e o neto também. Ele vinha estudar: “Tia, a senhora vem estudar matemática comigo?” Ele estava justamente naquela fase de entender área, quadrado, perímetro... e a sala da minha irmã é feita de tacos que formavam quadrados... retângulos que formavam quadrados, e eu então aproveitava aquele espaço para ensinar matemática pra ele. Um dia, eu me lembro, disse que “Eu preciso trocar o piso da cozinha”, então vamos ver, vamos ajudar a vovó a pensar quanto que ela vai precisar, quantos metros de cerâmica ela vai precisar, vamos calcular a área... vamos lá”!

**Eliza:** Esméria você se lembra de alguma situação na qual você viu algum professor de matemática trabalhando dessa forma no Vocacional?

**Esméria:** Sim, lógico! Das aulas de Matemática em si eu não saberia te dizer, mas eu me lembro muito que eles tinham, por exemplo, problemas na disciplina de Artes Industriais, eles eram levados para a Matemática e a Matemática voltava para Artes Industriais para realizar os desenhos, os projetos dos desenhos e para eles poderem fazer. Nas Práticas Comerciais, os alunos tinham que fazer conta, dar o troco, fazer o balanço das atividades da Cantina. Tudo isso era Matemática, certo? Então, na verdade, o Vocacional trabalhava de um modo geral em torno de um problema, mas havia disciplinas que se comunicavam mais em função de alguns conceitos, por exemplo, Matemática se comunicava muito com Artes Industriais, com Práticas Comerciais, com Artes Plásticas, com Educação Doméstica, nas receitas que os alunos faziam, nas decorações que os alunos faziam, então elas se ligavam muito.

**Eliza:** Eles também decoravam?

**Esméria:** Decoravam a casa, estudavam os espaços da casa, faziam receitas, então tinha que fazer medidas, de quantidade de farinha, de açúcar, de feijão, de arroz, quanto vai de água, quanto vai de... Isso eu via muito isso acontecer lá no Vocacional. A gente via acontecer muito. Às vezes, na aula de Matemática propriamente dita, eu não saberia te dizer, mas nas aulas práticas a gente via muito isso acontecendo, os alunos desenhando e, às vezes, precisando de um conceito de Matemática. Então ele ia à Matemática, via aquele conceito e voltava pra aula de Artes Industriais para por aquele conceito em prática. Então essa dinâmica era muito viva, acontecia muito. Às vezes Matemática dava aula com objetos, com objetos (agora não me lembro bem quais seriam esses objetos), mas eu me lembro que elas usavam cone, figuras geométricas, às vezes, até a gente mesmo ajudava em Recursos Audiovisuais, preparando esse material para o professor de Matemática ter em sala de aula, na sua sala ambiente, para eles estudarem o cone, o cilindro...

**Eliza:** Você se lembra de algum professor em especial?

**Esméria:** Em Batatais, do Roberto Tofeti.

**Eliza:** Ele permaneceu todo o tempo?

**Esméria:** O tempo que eu fiquei lá ele permaneceu. Eu acredito que ele ficou até o fim também.

**Eliza:** Era um só professor de Matemática?

**Esméria:** Não, tinha mais, tinha mais de Matemática, mas eu me lembro muito do Roberto Tofeti porque ele foi da primeira turma e eu também, e a gente foi colega. Inclusive o ano passado quando eu estive lá, comemorando os 50 anos do Vocacional, eu me encontrei com ele. Em São Paulo marcou muito para mim a Lucília Bechara<sup>19</sup>, que foi, inclusive, supervisora de área, eu acho que ela é uma pessoa que você deveria entrevistar.

**Eliza:** Ela vai para um encontro em Bauru e eu pretendo entrar em contato com ela, inclusive, já tenho o contato dela...

**Esméria:** Esse encontro em Bauru é sobre o quê?

**Eliza:** É o Segundo Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática.

**Esméria:** Ah é?

---

<sup>19</sup> Lucília Bechara Sanchez também contribuiu nesta pesquisa com seu depoimento.

**Elisa:** Chama-se Enaphem. Eu posso mandar o *link* depois. Vamos ter a presença da Lucilia Bechara.

**Esméria:** Certo. Então, a Lucilia Bechara, a Matemática foi muito marcante.

**Eliza:** Ela foi supervisora de área?

**Esméria:** Foi supervisora de área... eu me lembro. Eu preparava muito material para ela dar aula de Matemática Moderna para os pais. Quantas aulas eu participei com a Lucilia dando aula de Matemática Moderna para os pais, para eles entenderem o que e como o estavam trabalhando a matemática na escola, para não haver choque...

**Eliza:** O que isso significa?

**Esméria:** Dava aula de Matemática. Inclusive no filme<sup>20</sup> tem uma oficina que aparece ela dando uma aula de Matemática para os pais, com retro-projetor, e eu me lembro que era eu quem fazia as transparências para ela dar aula de matemática para os pais. Eu participava dessas aulas que ela dava para os pais. Ela aparece no filme dando uma aula para os pais sobre Matemática Moderna. A sala estava bastante cheia porque os pais eram interessados em saber o que o Vocacional pensava e como ensinava. Então, o Vocacional adotou muito a prática da Matemática Moderna. Lucilia aqui em São Paulo, eu me lembro em Batatais também... mas me marcou mais na minha lembrança as aulas que a Lucilia dava aqui para os pais.

**Eliza:** Havia vínculo entre a escola e a família. Você percebia vínculos entre os Ginásios Vocacionais e as Universidades, ou não?

**Esméria:** Tem o lado bom e lado ruim da coisa. O lado bom é que a gente se serviu de muitos profissionais. O Vocacional se serviu de muitos profissionais da universidade, na época, para trazer e discutir com os professores alguns aspectos de toda concepção sócio-antropológica e filosófica que o Vocacional adotava. Inclusive para assuntos específicos. Nós tivemos aula sobre Piaget, tivemos aula sobre dinâmica de grupo, como trabalhar em grupo.

---

<sup>20</sup> *Vocacional: uma aventura humana*, um documentário de Toni Venturi. Apoio do GVive, Mamutte Filmes e Olhar Imaginário. Tem 77 minutos. Neste documentário sobre os Vocacionais o “cineasta Toni Venturi revisita uma página emocionante e pouco conhecida da história da educação pública no Brasil: os colégios Vocacionais, do estado de São Paulo, que na década de 60 foram reprimidos pela ditadura militar”. /.../ Partindo do olhar pessoal de quem participou desta experiência escolar, através do depoimento de vários ex-alunos e professores, este longa permite uma reflexão sobre os descaminhos a que o regime autoritário conduziu a educação no país. Ao olhar criticamente para o passado, o filme contribui para a compreensão da precariedade do ensino público atual e seus desafios para o futuro.

O que me chama atenção é que o Vocacional surgiu num contexto onde tudo isso era novidade. A escola, a universidade não ensinava os alunos, não formava professores com a técnica do Estudo do Meio, a técnica do trabalho em grupo, da Matemática Moderna, da avaliação informativa, nada disso. Mas ele conseguiu, em oito anos, formar professores com competência para trabalhar com essas novidades. A escola até hoje está pensando para ensinar alfabetização na linha construtivista, que já está no Brasil desde os anos 1980 e ainda o pessoal está capengando.

**Eliza:** 30 anos.

**Esméria:** Eu fico me perguntando: “Onde está o gargalo?” Eu falo isso nesse livro aqui. Em oito anos o Vocacional conseguiu formar profissionais competentes em habilidades em que ele não tinha formação anterior porque os cursos de formação de professores não davam na época, e vem aqui os professores dizerem: “Ah! Porque os professores não são alfabetizadores, porque a faculdade não ensina alfabetizar?” E a formação em serviço? O Vocacional instituiu a prática da formação em serviço! Agora, a formação em serviço no Vocacional não ficava dando curso para o professor: estava na dinâmica do dia a dia, estava no planejamento, estava nas trocas entre professores.

**Eliza:** Mas esses professores ficavam oito horas por dia?

**Esméria:** Ficavam 8 horas por dia na escola. Estava no diálogo com o coordenador pedagógico. No Vocacional nós tínhamos reunião de planejamento com os professores, o Conselho Pedagógico. Essas reuniões aconteciam toda semana, eu me lembro que todas as quartas-feiras nas duas últimas aulas os alunos eram dispensados e nós fazíamos reunião.

**Eliza:** Isso já fazia parte, quer dizer, não eram dispensados de vez em quando.

**Esméria:** Não, já fazia parte do projeto pedagógico: quarta-feira eles tinham aula até às três horas, às três horas iam embora e a gente ficava no Conselho. Eles tinham reunião de série, reunião de área, reunião de disciplina por série, e então reunião com o coordenador pedagógico e com o orientador educacional. Então tinha muita troca. A formação em serviço vinha dessa troca, dessa dinâmica do dia a dia. O que não dava certo ali, eles iam conversar com o orientador pedagógico, o orientador pedagógico orientava a voltarem para a sala de aula com uma nova sugestão. Dessa sugestão, depois, no conselho da semana, se levantava o que

havia dado certo, o que não funcionou, como vamos fazer, como vamos agir diante desse problema. Não é ficar fazendo curso, porque o que eu mais vejo na escola pública hoje como problema é que os professores fazem curso e depois chegam à realidade da escola, da sala de aula e não sabem por em prática aquilo que viram no curso. Por quê? Hoje os professores parecem ter pouco diálogo entre si, conversam pouco. Há pouca troca. A direção é mais burocrática, mais administrativa do que pedagógica, então fica essa coisa enrustida, o professor parece estar continuamente patinando na coisa, certo? Então, a formação em serviço, a universidade, nós tínhamos profissionais da área da universidade que vinham dar cursos, mas era um ou outro, não era toda hora vir dar curso. E depois trabalhávamos no dia a dia, nas reuniões de classe, nas reuniões de série, nas reuniões com o coordenador pedagógico. O especialista em recursos audiovisuais também estava sempre presente nessas reuniões. Eu não era um técnico que ficava lá na sua salinha, preparando material. Não, nós tínhamos que entender o que preparar para o professor para aquela aula.

Nós tínhamos que entender como o aluno mantém o interesse no aprendizado, como é que o recurso audiovisual poderia ajudar a despertar esse interesse. Nós tínhamos que entender, tanto que estudávamos, participávamos dos cursos, e depois, na condição de supervisora, a começamos a criar cursos de recursos audiovisuais. Estudávamos alguns textos. Lembro-me de que Piaget era um deles. Jerome Bruner, também Hans Aebli... Então não era um técnico, a gente não tinha só que entender, por exemplo, como funcionava a máquina de passar filme. Não. A gente tinha que entender como usar o filme em sala de aula de forma a estar dentro da proposta metodológica. Não só o filme. Qualquer fonte de dados da qual o aluno tivesse que extrair coisas para entender o problema que ele estava estudando naquela unidade. Você entende? Não era um quatinho onde tinha os materiais e o professor ia lá buscar... Não! Nós éramos profissionais que estávamos ali para ensinar os professores a entender como usar os recursos, certo?

**Eliza:** Era possível, Esméria, perceber se os professores seguiam as orientações pedagógicas do Vocacional? Havia um bom relacionamento entre eles, entre a equipe? Havia essa sensibilização? Às vezes, faço perguntas meio que “afirmativas”, mas sempre são perguntas.

**Esméria:** Eu vou dar essa resposta para você que até cito no livro, quando o Vocacional foi extinto em 69 (eu disse pra você que eu fiquei até abril, então eu

particpei do primeiro planejamento quando não era mais Vocacional), os alunos ganharam o direito de continuar até terminar o ginásio, a ter aulas no modelo do Vocacional, entre aspas, porque já não era mais o modelo autêntico do Vocacional, era uma adaptação que fizeram ali. Então, no primeiro planejamento teve uma professora de Geografia que estava sentada do meu lado e tal etc.

**Eliza:** Uma professora nova?

**Esméria:** Era nova. Ela tinha entrado naquele ano no Vocacional. Quando terminou a reunião, ela virou e falou assim pra mim: “Só porque eles querem que eu faça tudo isso... quando eu chegar na minha sala de aula eu fecho a porta e faço do jeito que eu quero”. Ai eu respondi para ela: “Olha, no Vocacional isso não era possível, porque os alunos conheciam o planejamento e se você não desse a aula dentro do planejamento o aluno cobrava, o aluno ia te levar para a Direção, ia levar para o orientador pedagógico, o orientador pedagógico sabia do planejamento, então ele ia cobrar de você que não estava dentro do planejamento”. Então eu falei: “Essa coisa que você está falando, no Vocacional não era possível”. Para você ver como a ideia do Vocacional já desmantelou ali, entendeu? O professor sentindo que ia fazer na sala de aula aquilo que ele queria, do jeito que ele queria. Conclusão: a ideia de um planejamento integrado já estava esvaziada. Então já não era mesmo mais o Vocacional, apesar de os alunos terem ganhado o direito de terminar sua formação no Ginásio Vocacional. Por exemplo, tinha muito professor que tinha dificuldades de respeitar o aluno sem ficar bravo, sem xingar. Cobrava de maneira mais autoritária, mas isso era trabalhado depois, certo? A coordenação ficava sabendo, ia para os ouvidos do orientador, o próprio professor às vezes vinha e chegava para o coordenador e dizia assim para o orientador pedagógico: “*Olha não consegui, não adianta, não vai!*” No começo, no primeiro ano, os professores, eu me lembro, reclamavam muito. Então, no primeiro ano, eu me lembro, tinha um professora que chorava, ia à orientação educacional desesperada porque não conseguia manter a disciplina, mas foram aprendendo, foram aprendendo a dominar, conhecer, levar, porque no começo quando se soltou o aluno para um modelo mais democrático, a coisa parecia mesmo uma bagunça. Dava a impressão de uma coisa desorganizada. Só que depois a coisa foi entrando nos eixos. Então, havia problemas de professor que não aderiam muito à proposta, mas eles eram trabalhados, os alunos se queixavam deles, eles iam sendo trabalhados...

**Eliza:** Havia rotatividade de professor ali?

**Esméria:** Não, não havia rotatividade. Não havia pedido de licença, faltas, isso que comentei com o Alcimar, não me lembro de no Vocacional ter professor que tirava licença, que tinha problema de saúde, como agora. Tem um caso que eu cito aqui no livro que, em maio, no Estado, já tinha 40% de professores em licença.

**Eliza:** Existe, hoje, algo no ambiente escolar que parece não trazer um bem estar ao aluno, não é um local no qual o aluno e nem o professor gosta de estar não é? Tirar licença e ter muitas faltas é um forte indício que algo ali não está bem.

**Esméria:** Algo não está bem. E é um local estressante. Eu, como trabalho agora com a visão quântica da saúde, tento mostrar aos professores que eles precisavam, quer dizer, até com a questão de economia para o Estado, produzir menos doente na educação.

**Eliza:** Chega a ser uma questão orçamentária para o Estado, inclusive.

**Esméria:** Eu estou mostrando que o Estado está gastando muito dinheiro ao oferecer uma escola do jeito que está aí, com saúde, com questão de saúde, com muita licença tendo que repor e muitas vezes não conseguindo repor os professores. Até aparece na televisão o caso de uma escola que estava sem professor e os alunos na maior bagunça na sala de aula.

**Eliza:** Esméria você já falou de algumas propostas inovadoras. Como eram as propostas no Vocacional para as aulas de Matemática?

**Esméria:** Para começar, a matemática era a Matemática Moderna.

**Eliza:** Tem alguma situação que você se recorda, nesse sentido?

**Esméria:** Voltamos um pouco com a ideia de currículo integrado. Currículo integrado eram todas as disciplinas trabalhando em torno de um problema, mostrando como cada disciplina era a expressão daquela realidade, certo? Nós não chamávamos de projeto, nós chamávamos de Unidade Pedagógica. A Unidade Pedagógica era um segmento, um problema que, durante um bimestre, o aluno estudava e que suscitava novos problemas que seriam objetos de pesquisa e estudo durante os outros bimestres, e assim sucessivamente, dentro da temática da série (na primeira série era comunidade local, na segunda série era o Estado, na terceira série era o Brasil e o continente Latino Americano, e na quarta série era o mundo), certo?

**Eliza:** As Unidades Pedagógicas era o que cada disciplina iria tratar sobre um tema relacionado à comunidade, à cidade, ou Estado naquele bimestre ou naquele semestre.

**Esméria:** Certo. Então dentro daquela temática, por exemplo, a comunidade local, eles começavam desde o estudo da família, a escola, o bairro, o município. “Do que vive o homem na minha comunidade, ou como vive o homem na minha comunidade?” Então ele vai ver a parte da indústria, do comércio, da agricultura, das artes, da cultura, na música, na área das artes plásticas, na área do teatro, no cinema. O que é a Educação Física? O que, na minha comunidade, o que é característico da educação física (essa é uma coisa que eu chamo até muito a atenção, dá a impressão que educação física não tem nada a ver com a comunidade, mas tem). Tem folclore, tem as unidades recreativas, de recreação, tem os clubes, tem clubes esportivos, e então ele vai conhecer a comunidade no ponto de vista das ocupações com o corpo, com a educação física. Eles iam ver tudo isto. Então, no primeiro ano, eles viam tudo relacionado à comunidade e já fazendo a articulação com a comunidade e tudo aquilo que vinha de fora da comunidade, que afetava a vida na comunidade, e que poderia vir do Estado ou como de uma lei federal, como poderia vir de um fenômeno climático mundial ou uma solução que estava acontecendo no mundo. Então eles iam gradativamente ampliando isso, ampliando essa visão de comunidade. Esse conceito central era comunidade. Comunidade local, desde a comunidade família, escola, bairro, subdistrito, aqui em São Paulo subdistrito, região, grande São Paulo. O aluno tinha, a cada bimestre, um pequeno problema relacionado com aquela unidade que era o estudo da comunidade local, que em seguida, terminado aquele problema, a síntese daquele problema poderia deixar em aberto novos problemas. Então aquele novo problema seria objeto pesquisado. Agora, em tudo isso, por trás, havia a articulação do planejamento, não era uma coisa assim que surgia a “bel prazer”, não, o professor sabia para onde ele deveria conduzir o aluno, conhecia toda a proposta.

**Eliza:** O currículo era aberto, sujeito a alterações?

**Esméria:** Mas ao mesmo tempo era fechado. Fechado, no sentido que o aluno tinha que chegar a um determinado ponto.

**Eliza:** E quanto às avaliações? O aluno era avaliado? Tinham provas “normais”?

**Esméria:** Não é o que o aluno quer, é o que o aluno precisa. Ele precisa se interessar por aquilo, aí é onde a escola está pecando. Por trás de tudo havia um planejamento, mas o aluno era convidado, estimulado a participar do planejamento através da descoberta dos problemas que poderiam fazer parte do estudo daquela



temática, entendeu? Então, por exemplo, a escola hoje, “Ah! O que vocês querem estudar?” Tem um caso de uma aluna minha que contou pra mim: “Ah! Dona, nós queremos fazer, escolheram lá, puseram vários temas e escolheram Sexualidade”. No Vocacional Sexualidade só iria entrar no estudo do homem na comunidade, como é que o homem se reproduz, e aí seria um tema da área de ciências, na área de história, da área de Educação Doméstica, tinha que estar focando isso aí. Estudos Sociais, certo? E aí, a aluna conta: chegando no fim de uma semana, os alunos não aguentavam mais ouvir falar em sexualidade. Então, ficam tratando os temas como objeto de interesse imediato. Vou citar uma coisa agora para você que pode ser banal, mas pra mim traduz muita coisa da dinâmica da vida que nós vamos vivendo hoje. Uns meses atrás aqui, acho que está fazendo um ano, esse rapaz que é o zelador aqui, tem um filhinho, ele mora aqui no prédio e tem um filhinho. Eu cheguei um dia, abri o portão, e o filho estava lá, batendo o pé, sabe aquela criança birrenta que quer, porque quer, porque quer e o pai não. Eu entrei e falei: “Ué, o que está acontecendo Reinaldo?” Era uma terça-feira, isso eu me lembro muito bem: “Domingo sai com ele e ele quis um brinquedo, eu comprei, agora ele tá vendo aquele programa lá na TV, de crianças, apareceu outro brinquedo ele quer que eu compre o brinquedo pra ele, ele quer porque quer, porque quer, imagina. Eu comprei um brinquedo pra ele domingo, hoje já quer outro e não sei o que eu faço.” “Reinaldo, você tem que dizer pra ele que não vai comprar, não é assim que a coisa funciona, não é assim...”, quer dizer, dei uma orientação para ele, na hora. Mas o que isto representa pra mim? Que estão fazendo aquilo que a propaganda está fazendo com a gente, que hoje você se interessa por uma coisa e amanhã você tem que se interessar por outra, a escola também está meio nessa dinâmica de fazer com que o aluno se interesse por aquilo que está na estimulação dele naquele momento, certo? E não é assim! Eu li os livros da Hannah Arendt. A Hannah Arendt tem uma visão profunda, mostrando que a escola não tem que apenas fazer o aluno se interessar pelo imediato, mas fazer o aluno se interessar por coisas mais profundas, para aquilo que a humanidade precisa, para o que o mundo está precisando, fazer o aluno se envolver com essas questões mais profundas e não com o imediatismo que está aí na frente. Isso é uma coisa em que eu vou trabalhar agora, na segunda-feira, com os professores, tentando mostrar que ser professor é ter paixão por educar, hoje, numa escola como foi o Vocacional, como é que está sendo hoje que os professores não têm essa paixão por ensinar, pelo contrário, está

tudo sem paixão, de onde deve vir essa paixão. Tem até uma questão: De onde deve vir essa paixão? O que estava falando para você, que no Vocacional o aluno ele tinha uma linha de interesse, e a escola tem que saber aprender não só despertar esse interesse, mas manter esse interesse. Acho que a metodologia do Vocacional teve muito essa propriedade de fazer o aluno se manter interessado no estudo, na medida que ele estava organizado numa sequência que ia de um mais próximo ao mais distante, no tempo e no espaço. Então, dentro dessa metodologia, trabalhava-se integradamente todas as disciplinas, o aluno ia tomando consciência do papel da disciplina na compreensão daquela realidade e a matemática tinha muito a oferecer para a compreensão dessa realidade. Comentei a questão do espaço, do espaço geométrico, da questão da geometria, da questão da aritmética, da questão do cálculo, certo? Os alunos se interessavam pela matemática porque a matemática dava instrumentos para eles entenderem o que eles estavam estudando na realidade. Eu tenho um aluno que, na minha tese de doutorado, deu um depoimento da seguinte forma: “Professora, eu vejo com os meus filhos hoje na escola. Meus filhos não entendem porcentagem. Nós entendíamos o que era porcentagem na medida que a gente tinha que entender por que você fazia uma divisão, o que significava uma liquidação, a porcentagem de desconto.” O Vocacional fazia você entender porque você estava estudando aquilo. Eu tenho uma colega, num grupo de estudo de que eu faço parte toda quarta-feira. Outro dia ela dizia que a neta dela tem treze ou quatorze anos e falou assim: “Vovó por que eu tenho que estudar tudo isso, por que, para o que me serve tudo isso?” Essa é uma questão que me lembro que quando era estudante eu fazia também: “Por que que eu tenho que estudar tudo isso?” No Vocacional não, no Vocacional você percebia que você tinha que entender tudo aquilo.

**Eliza:** E se você não se identificasse muito com uma área ou com outra?

**Esméria:** Isso também fazia parte. Fazia parte o conhecimento do aluno, o aluno aprender a se conhecer, “Olha, Matemática não é o meu forte, meu forte é Português”, por exemplo, tinha aluno que era mais forte na área de Português, tinha aluno que era mais forte na área de Artes Plásticas. Então ele aprendia a aceitar sua limitação na Matemática e usar a Matemática no que ela pudesse ajudar na compreensão daquilo que ele tinha talento, se era Português, se era Artes Plásticas, se era Artes Industriais, entende? O aluno acabava entendendo matemática porque ele sabia que aquilo tinha uma utilidade para ele naquele projeto, dentro de Artes

Industriais, dentro de Artes Plásticas, entendeu? Então era isso o conhecimento de si...

**Eliza:** E como se davam as avaliações?

**Esméria:** Avaliação rompeu praticamente com todo esquema de avaliação que perdura até hoje, essa coisa de avaliar o aluno a cada período: a avaliação era contínua, processual. O aluno sabia que ele estava sendo continuamente avaliado. Ele participava da avaliação pela auto avaliação. O aluno tinha que saber se perceber no processo, se ele estava “dentro” ou não da proposta. Então ele se reconhecia, ele aprendia a se reconhecer. “Não, hoje não dei o que tinha que dar”. “Hoje eu não fiz o que poderia fazer.” “E, por que não fez?”

**Eliza:** Existia um momento específico para fazer a autoavaliação?

**Esméria:** Sim, por exemplo, terminava a tarefa em grupo vinha a autoavaliação. Todas as aulas sempre terminavam com a autoavaliação. O registro era feito nas fichas de observação do aluno<sup>21</sup> e ia juntando. Depois aquilo era trabalhado com a orientação educacional. Ia desenhando o perfil do aluno. O perfil do aluno ia aparecendo, onde ele tinha mais interesse, onde ele se dava “melhor”.

**Eliza:** Por meio das observações dessas fichas?

**Esméria:** Pelas fichas, o orientador educacional e os professores tomavam conhecimento disso através dos conselhos pedagógicos, porque nos conselhos pedagógicos se discutia a participação dos alunos. Então o professor de Matemática, por exemplo, a Lucília, via que ele não era bom em Matemática, mas via que os professores de Português elogiavam muito aquele aluno na disciplina de Português. Então ela falava assim: “Bom então o forte dele não é Matemática, mas é Português”, então ele é bom em alguma coisa. Matemática é o limite para ele, então ia trabalhando dentro deste limite. O aluno ia se autoconhecendo por esses retornos, porque ele sabia que em Matemática ele não era tão bom, mas ele sabia que tinha talento em outra área. Ele aprendia aceitar aquilo porque ele aprendia ver que os colegas dele também eram limitados em algumas coisas e bons em outras coisas.

**Eliza:** Mas no final havia reprovados?

---

<sup>21</sup> Antonio Pedro Zago nos forneceu um modelo dessas fichas. Este modelo encontra-se na textualização de sua entrevista.

**Esméria:** Não, tinha reprovados sim, tinha alunos que eram reprovados por atitude. Existia o código de atitudes, eles eram reprovados. O Luigy mesmo, ele é um dos que foi reprovado por atitude, ele conta: “eu fui um reprovado por atitude”.

**Eliza:** Reprovado de ano?

**Esméria:** De ano. Brincou demais, não levou a sério o aprendizado, então teve que ser reprovado. Ele mesmo conta.

**Eliza:** Isso era justificado aos pais através...

**Esméria:** No Vocacional tinha o Conselho para a aprovação dos alunos. A aprovação, a decisão da aprovação do aluno era feita pelo Conselho. O Conselho era formado pelo orientador pedagógico, orientador educacional e os pais participavam, não na reunião, mas eram chamados para, junto com o aluno e o orientador educacional, conhecer a avaliação do aluno, saber onde que ele estava fraco, onde ele se destacava.

**Eliza:** Todos os pais?

**Esméria:** Tudo isso era feito com todos os pais. Então o aluno ficava sabendo... O pai ficava sabendo onde ele era forte, onde ele era fraco, onde ele era mais ou menos, se ele tivesse que ser reprovado, por que ele ia ser reprovado ou aprovado. Ele podia ser reprovado com uma espécie do que chamávamos, na ocasião, de dependência... não chamava de dependência, perdão, era uma coisa conhecida na escola como dependência, mas nós chamávamos de compromisso. Ele podia ser aprovado com o compromisso de superar aquela limitação apresentada naquele ano. A avaliação, que era uma avaliação contínua, processual, não era uma avaliação só para o aluno saber que ele estava errando, era também uma avaliação para o professor saber se aquele aluno estava errando e por que ele estava errando, onde precisava mudar a didática, a prática para ajudar esse aluno na superação dessa dificuldade... “É só comigo, ou com os demais também?” “Faz parte desse aluno ter essa limitação?” “Ele pode ir além dessa limitação?” Porque o Vocacional não trabalhava a limitação como uma coisa que não se pode superar. Pode, mas dentro de uma perspectiva... Quer dizer, ninguém vai ser talentoso em Matemática se o talento dele não está em Matemática, mas ele tem condições de usar a Matemática numa outra área em que ele tenha talento. O Vocacional trabalhava muito com essa ideia de superação dos limites, mas dentro desse conhecimento do perfil do aluno, até onde ele podia chegar, até onde ele não podia. Por isso, eu acho que o Vocacional provocou nos alunos esse amor pela escola,

pelo aprender, pelos professores, porque ele se sentia valorizado, ele se sentia assistido, cuidado, orientado, você entende?

**Eliza:** Não apenas em relação aos conteúdos, mas ao ser que ele é, a sua pessoa.

**Esméria:** Buscava a formação do sujeito consciente de si e do meio onde ele vive. Para eu ser sujeito eu tenho que ter consciência...

**Eliza:** E quanto aos materiais didáticos? Você era da área de recursos audiovisuais. E os materiais didáticos? Livros, apostilas, como que era isso no Vocacional? Havia a produção de material pelos próprios alunos e pela escola? E a biblioteca? Como era?

**Esméria:** Então, é o seguinte, em matéria de recursos audiovisuais, só pelo fato de o Vocacional ter pensado na sua estrutura física e pedagógica e organizacional ter um setor de recursos audiovisuais - o setor de RAV - como a gente chamava, ele foi inovador. O Vocacional surge numa época que estava acontecendo o “boom” das tecnologias. Em princípio com o filme de oito milímetros, dezesseis milímetros, os gravadores, a máquina fotográfica, os slides, certo? Projeção de slides, projetor de slides... Estava aparecendo todo esse material, estava aparecendo a ideia dos cartazes, a ideia dos flanelógrafos, das transparências para o retroprojetor. O retroprojetor aparecia como uma grande novidade na época. Hoje o “boom” seria, vamos dizer, a mídia, a internet, o datashow? Hoje, o datashow é praticamente o instrumento, virou o quadro negro da atualidade. Então o RAV, de certa forma, como a proposta do Vocacional era uma proposta de o aluno construir o conhecimento a partir de uma problemática, ele deveria estar buscando nas fontes de conhecimento os dados para a sua investigação, para o seu estudo. Então o cinema, o filme didático, aparecia como um recurso importante. Não só o professor, não só o livro, não só o estudo do meio, porque o estudo do meio era uma fonte de conhecimento. O recurso audiovisual aparece com essa possibilidade de o aluno ter acesso a outras fontes de conhecimento. Uma outra dinâmica na sala de aula que ajudasse a operação cognitiva, a operação mental, a estimular o raciocínio, a observação.

**Eliza:** Inclusive o conhecimento desses materiais.

**Esméria:** Exato, então o Vocacional aparece, o recurso audiovisual aparece com isso, mas você mesmo lembrou que em Rio Claro, os alunos trabalhando no horto. No horto, o material de acesso eram os recursos da natureza. Quando eu

contei para você que o Vocacional de São Paulo estava em construção e o professor de Educação Musical usava elementos como pedaço de pau, pedaço de cano, garrafinha de cerveja para produzir som, esses eram os recursos. Então nós tínhamos desde os recursos mais “à mão”, que estavam na natureza, que estavam ali no dia a dia até uma tecnologia de ponta da época, como era o filme de dezesseis milímetros, os projetores, os slides, o projetor de slide. Eu me lembro que na USP, no setor de RAV da USP, da Faculdade de Educação da USP, tinha os slides, íamos lá buscar os slides.

**Eliza:** Realmente vemos que tem muitas fotos, filmes, daquela época.

**Esméria:** Exato, filmes.

**Eliza:** Fico imaginando como eram as filmadoras da época.

**Esméria:** Com o tempo os próprios alunos foram comprando suas maquininhas e acompanhavam o estudo do meio fazendo seus filminhos. Por quê? Porque aquelas fotos que eles faziam no estudo do meio depois eram usadas na comunicação, na síntese para os pais, para os colegas das outras séries.

**Eliza:** E as bibliotecas e os livros também faziam parte desse espaço? E os livros didáticos?

**Esméria:** O Vocacional não usava livro didático. Como o Vocacional usava uma metodologia de construção de conhecimento, a pesquisa foi um instrumento muito vivo no Vocacional, mas não só de pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo que era o Estudo do Meio, a pesquisa através de outras fontes de consulta, como o cinema, por exemplo. A música, as fotos. O Alcimar conta que quando eles eram alunos eles assistiam àquele filme “E o vento levou”, porque ele era um aluno de Americana, e a origem de Americana vem dos americanos que vieram se fixar aqui no Brasil. Então, esse filme “E o vento levou” conta um pouco da saga dos americanos, e era visto pelos alunos. Então os alunos viam a estética da época, o mobiliário da época, as vestimentas, os valores. Os meios de transporte, a geografia da região, de onde eles moravam e de onde eles vieram, que num primeiro momento se fixaram no Nordeste, aí viram que era muito quente e começaram a descer e pararam na região de Americana, Santa Bárbara D’oeste, e aí eles estudavam a geografia, todo o percurso que os americanos fizeram. Que eles saíram dos Estados Unidos vieram para o Brasil, Nordeste, não se acostumaram lá, por causa do clima e chegam a Americana. Então ele conta isso tudo através do filme “E o vento levou”. Eles iam estudar em Artes a questão da estética da época,

certo? Ficou claro para você que o Vocacional não ficava dependendo de um recurso sofisticado? Eu digo assim, por exemplo: os jesuítas para ensinar os índios no Brasil não escreviam na areia? No Vocacional foi mais ou menos isso, não tinha com o que ensinar, ensinava com os recursos que tinham ali. Mas a proposta de fazer o aluno consciente de si e do estudo do meio estava ali.

**Eliza:** Só uma pergunta que não está no roteiro. A Maria Nilde visitava as unidades?

**Esméria:** Sim, visitava. Em todas as unidades ela fazia reunião com os pais e com os professores... Maria Nilde tinha uma capacidade de articulação muito grande. Então eu gostaria de até, nesse particular, fazer um registro aqui. Eu devo a minha virada na vida a ela, porque eu estudei num colégio de freiras que tudo era pecado, mas você não sabia por que era pecado, porque você aprendia a decorar até a vírgula, se você tinha um castigo, e quantas vezes não fui penalizada na escola porque eu era meio peralta, meio contravenção das regras. Comecei a entender tudo aquilo que eu vivia, quando entrei numa sala de aula e vi que não gostava de ser professora, eu detestava aquilo, mas depois aprendi a gostar de ser professora a ponto de ser uma pessoa que foi apaixonada por lidar com o aluno, de me relacionar com os alunos. A verdade é que depois que eu saí do Vocacional eu predominantemente fui professora de ensino superior. Mas assim mesmo eu não vi muito do que acontecia no ginásio, no colegial. Eu pude ver o resultado de uma escola pública, de uma escola fraca, quando eu pegava o aluno no ensino superior, sobretudo quando eu fui para o mestrado e tive que orientá-los para fazer as suas dissertações de mestrado. Eles não sabiam nem ler e entender o que estavam lendo, não sabiam redigir um texto com começo, meio e fim, era tudo colado. Então devo muito ao Vocacional a transformação que houve na minha vida e à Maria Nilde, porque, como eu disse para você, todo ano a gente passava por uma avaliação com ela, e ela foi mostrando para mim as minhas qualidades, as minhas limitações, e foi me orientando a ponto de dizer: “Esméria, está na hora de você fazer uma faculdade”, e fui. Quando entrei no mestrado ela falou: “Esméria, porque você não estuda o Vocacional”, e eu falei: “Maria Nilde, ótimo!”, porque... nessa época a ditadura... Eu comecei o mestrado em 85. Foi exatamente o ano que acabou a ditadura. Então o Vocacional começou a soltar “as *asinhãs*”, porque nós estávamos muito reprimidos, nós ficamos muito tempo calados, fechados.

**Eliza:** Imagina o choque ao fechar tudo.

**Esméria:** Daí que a Maria Nilde sofreu muito...

**Eliza:** Depois ela ficou um tempo...

**Esméria:** Presa...

**Eliza:** Realmente presa, sofrendo tortura?

**Esméria:** É, tortura. Você viu o filme?

**Esméria:** A gente não podia mostrar... a gente não podia dizer que era do Vocacional. Você tinha medo de dizer que era do Vocacional.

**Eliza:** Vocês se encontravam nessa época?

**Esméria:** Muito pouco. Mas depois que acabou a ditadura soltamos as asinhas e vamos falar e estudar e vamos ver. Aí falei: “Maria Nilde que ótimo!” Ela falou assim: “Por que você não faz a reconstituição da pedagogia?” Nessa época eu estava com vontade de estudar formação de conceitos e exatamente o centro da pedagogia do Vocacional era o estudo dos conceitos. Achar os conceitos chave. Os alunos partiam da compreensão de conceitos chave: conceito de comunidade, conceito de desenvolvimento da comunidade, conceito de desenvolvimento social, econômico, político, industrial, comercial, da cultura, enfim... Então ela disse “Por que você não estuda o Vocacional?” E eu fui. Então eu devo muito à Maria Nilde a transformação que ocorreu em mim, porque eu sempre digo que se não fosse o Vocacional eu seria aquela professorinha primária que começou e terminou como começou. Para mim foi uma transformação atrás da outra. Você vê: eu fui fazer o curso de especialização em Tecnologia Educacional, depois o curso de Especialização em Psicopedagogia, depois eu fui fazer mestrado, doutorado, fui fazer o curso de Ciências Médicas, e agora estou fazendo Especialização em Homeopatia, hoje eu atuo no GVive, não parei mais! Então, vou dizer pra você aquilo que eu disse na minha tese e disse outro dia num evento que teve aqui em São Paulo, “Na virada da Educação”. Nós fomos passar o filme do Vocacional e discutir com os participantes. No final, eles compraram o livro. Nós ajudamos a adquirir alguns livros e cedemos para o GVive. Trocamos por uma doação que estipulamos um valor. Então alguém adquiriu o livro e disse para mim: “Olha, eu gostaria que você não me desse uma dedicatória qualquer, escrevesse no livro, uma frase que represente a sua participação no Vocacional”. Não tive dúvida. Fernão Capelo Gaivota, aquela do “aprender a ousar, voar mais alto”. Isso eu falo na minha tese de doutorado, a década de 90, e tenho isso muito presente em mim. Eu me tornei um Fernão Capelo Gaivota que não ficou na mesmice dos professores ali,



voando naquele nível, fui alçando vôos cada vez mais altos. Eu acredito que isto veio um pouco da minha base escolar também por ter estudado num colégio de freiras, que embora ensinasse a decorar, me alfabetizou muito bem, me deu uma boa base de alfabetização. Eu tive cinco irmãos assim que me ajudavam, me corrigiam. Então eu vim de uma formação de base razoavelmente boa, que, acredito, não acontece muito com os alunos que saem do Ensino Fundamental hoje. Eles já saem fracos.

Acho que o Vocacional me transformou até no modo de aprender a aprender, quer dizer, eu, de repente, aprendi a aprender com compreensão. Coisa que antes eu aprendia só decorando depois aprendi a compreender, não a decorar. Eu devo muito ao Vocacional por isso. Então aquilo que ela pretendia com os alunos, ela fez com os professores, formar sujeitos conscientes de si e da realidade em que se situam.

**Eliza:** Esméria, a década de 60, fala-me um pouco do contexto da época pelo qual passou os Vocacionais, você começou a atuar em 1962.

**Esméria:** É, em 1961 foi o treinamento.

**Eliza:** Até 69. Em 1970 as escolas já haviam sido fechadas. Fala-me um pouco desse contexto. No início, havia um movimento pela educação, novas ideias e propostas acontecendo, havia uma efervescência no país e no mundo de maneira geral. Depois vem a ditadura que vai influenciar a história, o caminho dos Vocacionais.

**Esméria:** Olha, eu diria que nos anos 1960 eu era ainda muito juvenzinha, então como eu saí de uma escola que não ensinava pensar, eu também não estava muito ligada no contexto da época. Eu procurei o Vocacional porque ao invés de eu estar dando aula no Sesi de Artes Industriais eu ia dar aula num ginásio de Artes Industriais. Para mim aquilo representava uma mudança também de visão, até mesmo seria uma maneira de eu ingressar no ginásio. De julho a dezembro de 1961, tivemos toda uma preparação.

**Eliza:** Esse curso inicial foi aqui em São Paulo?

**Esméria:** Foi aqui em São Paulo. Eu não lembro exatamente, mas era uma turminha grande, viu? Acho que em torno de uns quarenta a sessenta, eu faço uma estimativa, e o mais interessante que nesse curso de treinamento a gente fez alguns estudos do meio. Inclusive a gente foi conhecer a cachoeira de Paulo Afonso, a questão da Usina Elétrica de Paulo Afonso, fomos conhecer Recife, a parte histórica

de Recife, tivemos uma espécie de Estudo do Meio. Fomos fazer estágio na escola de Socorro, que foi praticamente uma escola experimental da onde saiu Maria Nilde com a ideia de uma escola renovada. Então, para mim, foi sair de uma visão tecnicista de educação (acho que na ocasião eu era muito tecnicista). A Psicologia que aprendi na escola foi a behaviorista. Eu achava que estava na “*crista da onda*”. Quando eu entrei no Vocacional eu comecei a ver tudo diferente, outra visão de Psicologia, a Psicologia Social, outra visão do homem, outra visão de mundo. E de repente comecei a prestar atenção mais na questão histórica, no contexto que estava vivendo. O Vocacional surge das influências que vinham da Europa, para o pensamento brasileiro, a influência da Maria Nilde Mascellani... A Maria Nilde teve muita influência do Florestan Fernandes<sup>22</sup>, na área da Sociologia. Ela teve também muita influência dos Beneditinos, dos freis beneditinos<sup>23</sup>. Maria Nilde tinha uma influência que levava ela a ter uma visão de homem, de mundo, muito diferente. Ela foi passando aquilo pra gente, fomos incorporando aquela outra visão de mundo. As leituras que fazíamos no Vocacional foram nos levando a ter uma outra percepção da história. O Vocacional começa exatamente num período que eu chamo de um período no qual eu estava me sentindo muito livre, muito à vontade com a libertação da ditadura de Getúlio Vargas. Quer dizer, nós éramos recém-saídos de uma ditadura, a do Getúlio Vargas e estávamos vivendo um período de abertura que estava acontecendo em todos os setores da sociedade. Até mesmo a Igreja começou a mudar. Lembro que nessa época, no final dos anos 50, quando me

---

<sup>22</sup> Nascido em 1920 no estado de São Paulo, Florestan Fernandes foi um sociólogo brasileiro. Filho de uma mãe solteira que exercia o ofício de empregada doméstica na capital paulista. Desde muito cedo demonstrou grande interesse pelos estudos, ingressando no começo da década de 1940 na Universidade de São Paulo (USP), onde se formou em Ciências Sociais. Alguns anos depois, é nessa mesma instituição que obtém o título de doutor. Nos anos seguintes se efetivou como professor da USP, onde trabalhou até o período da ditadura militar, quando teve de permanecer um tempo lecionando no exterior. Após a reabertura democrática, Florestan foi eleito deputado federal e, até seu falecimento, em 1995, dedicou sua atuação política à defesa da educação pública para todos. A obra deixada por Florestan é ampla e variada, abrigando estudos sobre temas diversos. Florestan é considerado o fundador da Sociologia crítica brasileira. Toda a sua produção intelectual está impregnada de um estilo de reflexão que questiona a realidade social e o pensamento. O diálogo com a sociologia clássica e moderna e, principalmente com o pensamento marxista, é um tema central nos seus escritos.

**Fonte:** BETONI, C. Florestan Fernandes. 2016. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/florestan-fernandes/>>. Acesso em: 20 abr. 2017. e IANNI, O. A Sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos Avançados**. v. 10, n. 26. jan/abr. 1996. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141996000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100006). Acesso em: 19 abr. 2017.

<sup>23</sup> A Ordem de São Bento ou Ordem Beneditina, em latim, *Ordo Sancti Benedicti*, é uma ordem religiosa católica de clausura monástica que se baseia na *observância* dos preceitos destinados a regular a convivência comunitária.

formei na Escola Normal, já tinha o JEC, o JUC, o JOC<sup>24</sup>. Na igreja da minha cidade de Laranjal Paulista eu passei a fazer parte da JEC que era “Juventude Estudantil Católica”. Então já começava ter todo esse movimento, as ideias de Paulo Freire já começavam a se manifestar no Vocacional. Nasce neste momento um período de efervescência em que o desejo por mudanças era muito grande não só na educação, na sociedade de um modo geral. Então a ideia da renovação da escola era uma ideia muito presente na época. Quando apareceu a ideia do Vocacional ela foi muito confundida, na ocasião, com uma Escola Industrial, com uma Escola Técnica, com uma escola profissionalizante destinada aos filhos da classe média-baixa e baixa. Aqueles pais que eram da classe média-alta e alta, que inscreveram seus filhos no Vocacional logo na primeira turma reconheceram que a proposta era diferenciada, não era apenas uma escola profissionalizante qualquer. Mesmo porque o conceito de vocação no Vocacional não é a formação da vocação profissional, mas a vocação de ser pessoa. Então, o Vocacional nasceu num momento livre em que a mudança educacional era uma coisa desejável, era uma coisa aceitável. Quando você me pergunta da relação do Vocacional com a universidade eu disse que tinha os seus aspectos positivos e seus aspectos negativos. Os aspectos negativos da universidade foi que a universidade exerceu muita crítica à proposta do Vocacional dizendo que era uma proposta que ensinava o processo, mas não ensinava o conteúdo, uma crítica muito forte ao Vocacional na época. Quando o Vocacional começou a ser conhecido e a ser mais aceito pela comunidade de um modo geral, também vieram as críticas de que era uma escola que não ensinava conteúdo, que... “Onde já se viu, quando o aluno fosse fazer o vestibular não ia ter conteúdo para passar!”, quando nós temos exemplos de alunos que fizeram Física na USP sem precisar do vestibular, que causaram admiração e espanto dos colegas de ver como é que eles conseguiam entender a Física que o professor explicava lá na USP e os colegas não entendiam. Então o Vocacional teve esse lado crítico da academia. A

---

<sup>24</sup> JEC - Juventude Estudantil Católica. JUC - Juventude Universitária Católica. JOC - Juventude Operária Católica. No final dos anos 50, um clamor por reformas ocorreu, de forma particular, na Europa, com a instituição pelo Papa, da Ação Católica. Os desdobramentos da AC (Ação Católica) foram organizações específicas ou movimentos também chamados de Pastorais, tais como a Juventude Agrária Católica/JAC, a Juventude Operária Católica/JOC, a Juventude Estudantil Católica/JEC, a Juventude Universitária Católica/JUC. A Juventude Feminina Católica/JFC e a Juventude independente Católica/JIC que reuniu os militantes não pertencentes às áreas sociais das demais organizações. Delas, a JAC, a JEC, a JOC e a JUC tiveram uma atuação destacada na resistência aos civis e militares golpistas de 1964/1985. Originou-se, por exemplo, da JUC, a AP/Ação Popular, que teve entre seus fundadores e militantes, Herbert de Souza, o Betinho, a figura mais representativa, no Brasil, dos cristãos engajados na luta contra o Estado de exceção. **Fonte:** Revista Carta Maior (2013).

crítica, acho que, reforçou um pouco o desfecho do Vocacional a própria academia não soube entender aquela proposta naquele momento e acabou reforçando que não ensina o conteúdo. Que conteúdo que não se ensinava?

Eu começo minha tese de doutorado mais ou menos situando isso: que de um lado tinha a crítica de uma escola vazia de conteúdo, e uma escola que ensinava conteúdo demais, que era subversiva. No meio dessa coisa onde está a verdade? A verdade está em que ela nem era vazia de conteúdo, nem ensinava conteúdo subversivo, embora pela característica do que ela ensinava, ela poderia mesmo caminhar para uma visão subversiva.

**Eliza:** Subversiva em que sentido?

**Esméria:** Ela mostrava a realidade e se mostrasse a realidade... foi questionada e pronto. Nesse novo livro eu tento mostrar que o Vocacional está exatamente se inserindo em toda uma nova visão paradigmática científica que estava acontecendo no final da primeira metade do século XX. Uma mudança de conceitos científicos como o conceito de integração, vindo de uma concepção do universo como um todo e não mais como uma máquina. Você pode separar as partes da máquina. É um todo com uma dinâmica em permanente mudança, movimento de transformação, de evolução... que os objetos e os seres são influenciados pelo contexto em que vivem. São seres situados, um homem concreto, não mais um homem genérico, abstrato, mas de um homem situado num determinado contexto sociocultural. Daí a ideia de um currículo não mais único, mas de um currículo de acordo com a comunidade. Então eu acho que o Vocacional ousou, ousou porque ele estava sintonizado com todas as novas descobertas científicas que já vinham se mostrando em curso, o novo curso da história. O que nós estamos vendo hoje. Todo um mundo de intensas mudanças, intensas transformações de desenvolvimento muito rápido.

**Eliza:** E ele não foi compreendido?

**Esméria:** Não foi compreendido na época. Aliás, acredito que até hoje não está sendo compreendido. O currículo integrado não é uma exigência, vamos dizer assim: "Ah! Porque vamos mudar o currículo: de disciplina separada para currículo integrado." Não. Tem um fundamento: é a compreensão da realidade enquanto totalidade, não mais como peças, fragmentos. É entender o universo como organismo vivo, assim como o nosso organismo é um organismo vivo, que o fígado não funciona separado do sistema digestivo, do sistema circulatório, tudo tem a ver

com tudo! Que a razão não funciona sem a emoção. A gente puxa muito para esse lado da afetividade.

**Eliza:** O Vocacional também “puxava” para a afetividade?

**Esméria:** Exato. Estava no contexto da época que a razão não se separa da emoção, que o cognitivo não está separado do afetivo. O Vocacional estava nessa conjuntura. O pessoal não soube entender e não está entendendo até hoje. Eu acho que o que eu poderia falar para você é que a década de 60 foi uma década de muita transformação, haja vista que depois de 1968 teve toda aquela revolução na Europa, a Revolução Cultural de 1968<sup>25</sup>. O mundo estava já encampando essas ideias e Maria Nilde já estava colocando isso no Vocacional...

**Eliza:** O Vocacional foi muito atual nesse sentido?

**Esméria:** O Vocacional não foi entendido, não foi compreendido. A academia não entendeu, eu digo isso com tranquilidade, as críticas que foram feitas ao Vocacional, foram críticas sem conhecimento, sem ir lá ver o que é, foram críticas abstratas, genéricas, que vinham ainda de uma concepção de conhecimento clássica, linear, reducionista, em que a separação das áreas do conhecimento eram a “*crista da onda*”, embora já estivessem em decadência. Até hoje não querem saber de currículo integrado. Eu acredito que o Vocacional entrou nessa linha de compreensão de que as ciências estavam em transformação e que vinha daí todo um universo de mudanças pela frente, e que se deveria preparar esses jovens para esse mundo de mudanças que estava para acontecer e que de fato aconteceu. Mas o nosso jovem não foi preparado para enfrentar esse mundo. O que eu chamo atenção, por exemplo: O que você vê hoje na escola? Você vê o aluno sem consciência do que é o espaço escolar. Para ele é um espaço de direitos. Ele não tem deveres, isto é, ele não se sente compromissado com a escola. No Vocacional o aluno era compromissado com a escola. Por quê? Porque ele aprendia a se perceber como um ser da comunidade, que tinha um papel ali dentro. Um sujeito, vamos dizer, de manutenção de valores, mas também de transformação: vamos dizer, que valores manter e o que precisa ser mudado? E o que nós vemos hoje? A

---

<sup>25</sup> O Movimento de Maio de 1968, na França foi uma grande onda de protestos que teve início com manifestações estudantis para pedir reformas no setor educacional. O movimento cresceu tanto que evoluiu para uma greve de trabalhadores que balançou o governo do então presidente da França, Charles De Gaulle. Universitários se uniram aos operários e promoveram a maior greve geral da Europa, com a participação de cerca de nove milhões de pessoas. **Fonte:** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-o-movimento-de-maio-de-68-na-franca>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

perda de autoridade do professor vem dessa visão de que o aluno é um sujeito de direitos, mas não de deveres, vem de uma visão de relação com os seres humanos sem o fundamento ético. Então deu no que deu. Eu acho que a ditadura contribuiu muito para isso, se você quer saber minha opinião. Nós temos o Brasil que temos hoje, inclusive na área da educação muito decorrente do que a ditadura implantou. Não é para ter união, é para ter separação, quanto mais separado melhor, quanto menos você conhecer a realidade, melhor. Só superficialmente, na superficialidade. Agora nós estamos vendo as consequências de formar alunos que não têm conhecimento de si, sem uma formação subjetiva, profunda. E muito menos objetiva, porque ele não está sabendo articular a realidade com sua subjetividade. Então, eu acho que nós estamos vivendo um pouco essa consequência. Um pouco não: muito dessa consequência.

## 1.4 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS MARQUES

### *“Um elo nos tempos: de ex-aluno a ex-presidente da GVive”*

*Luiz Carlos Marques, conhecido por Luigy, foi a primeira pessoa que contatamos para esta pesquisa. Este contato inicial foi realizado no dia 26 de março de 2013, via e-mail. Na época, este ex-aluno do Vocacional era Vice-presidente da GVive - Associação de Ex-alunos e Amigos dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo. Desde esta data, Luigy teve um papel relevante nesta pesquisa colaborando para que eu pudesse estabelecer diversos contatos com pessoas ligadas ao Vocacional. Ele nos forneceu também dados bibliográficos, informes das atividades do GVive e, ainda, facilitou o acesso aos documentos do Cedic. Nos encontramos em alguns eventos ligados aos Ginásios, como o da Unesp de Rio Claro – “50 anos do Ginásio Vocacional Chanceler Raul Fernandes”.*

*No dia 22 de agosto de 2014, a Sra. Esméria Rovai, que me concedera a entrevista pela manhã, levou-me ao encontro do Sr. Luigy, no SESC Pompéia, São Paulo, às 14 horas. O SESC Pompéia possui várias atividades e espaços que as pessoas podem usufruir. Tomamos um café e nos dirigimos para um ambiente mais reservado onde havia mesas e poltronas para leitura, descanso e estudo. Com certo grau de movimento e som ao redor, iniciamos a entrevista. Sai de lá quando já soprava um leve ar frio que nos convidava para tomar a sopa vendida numa barraca montada há pouco para servir as pessoas que transitavam pelo local.*

*Finalizando minha estadia em São Paulo, o Sr. Luigy levou-me ao Terminal Barra Funda de onde sigo para o Terminal Rodoviário Tietê e, de ônibus, segui para a cidade de Araraquara distante 70 km de Ibitinga, a cidade que resido.*

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Boa tarde, Luigy. Primeiramente gostaria de agradecer por você disponibilizar esse momento para falar sobre os Ginásios Vocacionais. Você foi um ex-aluno do Vocacional e hoje você é integrante da Associação GVive ([www.gvive.org.br](http://www.gvive.org.br)). Você pode vivenciar essa experiência, esteve naqueles ares e espaços, naquela época, e hoje, passado 50 anos, ainda tem histórias a contar que muito vão contribuir com esta pesquisa. Estas histórias trarão elementos que possibilitarão compreender alguns aspectos dessa experiência educacional - os Ginásios Vocacionais. Primeiramente, eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, quando e onde nasceu, sobre seus pais, sobre eventos que gostaria de destacar nesse relato para que possamos registrar uma imagem de você. Luigy, fale um pouco sobre você.

**Luigy:** Eu sou conhecido como Luigy, mas meu nome é Luiz Carlos Marques, fui aluno da turma de 1963, no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, Broklyn, São

Paulo. Nasci em primeiro de setembro de 1949, na cidade de Londrina – Paraná. Minha mãe, Alzira Correia Marques, é originária de Ibitinga, e meu pai é originário de Campo Grande – Mato Grosso. Meu avô é da família Euclides Correia, da família Correia de Ibitinga. Casou-se e foi servir em Campo Grande – Mato Grosso, e lá nasceu a primeira filha deles, minha mãe (Alzira). Após nove anos de casados, o casal permanecia sem filhos. Algum tempo depois se mudaram para Londrina, no Paraná, um desbravamento de terra no norte do Paraná. Após fazer um tratamento, descobriram que minha mãe tinha o útero infantil. Graças aos resultados positivos desse tratamento eu acabei sendo gerado. Por isso sou filho único. Ao completar um ano de idade tive uma pneumonia e meus pais venderam tudo em Londrina e vieram para São Paulo, em busca de tratamento mais avançado e adequado para isso. Viemos para cá e meus pais acabaram decidindo estabelecer-se por aqui. Então, estou aqui em São Paulo desde um ano de idade. Faz quase sessenta anos. Meus avós maternos eram de Ibitinga, da família Correia e da família Prevato, ambas descendentes de italianos. Meus avós paternos: minha avó era argentina, e meu avô, búlgaro, da Bulgária, atual Macedônia. Minha origem é bastante diversificada. Meus pais pareciam ciganos, mudavam de bairro em bairro aqui de São Paulo, de tempos em tempos vinham com novidades e novas mudanças. Minha vida escolar foi marcada por essas inúmeras mudanças. A cada ano eu estava num novo lugar, numa escola diferente. Estudei em escola pública, em escola particular e em escola de padres. Eu tinha estudado o 3º ano numa escola de padres, o primeiro, o segundo ano e o quarto em escola pública. Na época meus pais estavam tendo uma ascensão social e creio que estudar em escola particular fazia parte. Sobre o vocacional: segundo relatos de minha mãe, ela soube pelos jornais, na época, 1961, que abririam uma escola experimental aqui em São Paulo, chamada Vocacional.

Fiz o teste de admissão para o Ginásio Vocacional. Para entrar o aluno tinha que passar por uma prova de conhecimentos gerais por escrito, seguido de uma entrevista acompanhada de um desenho livre e por fim uma entrevista com os pais de cada candidato. Isso era o diferencial das escolas da época. Muita gente acha que o Vocacional era meio elitista, em minha opinião não era.

**Eliza:** Na época, todas as escolas públicas realizavam o teste de admissão?

**Luigy:** Sim, o teste de admissão era uma prática normal naquela época. Devo ter ido razoavelmente bem na prova de conhecimentos gerais: História, Geografia, Português e Aritmética onde eu me destacava nas tabuadas. Creio que algo pode



ter feito diferença nos testes. Na época tive como vizinhos vários amigos imigrantes da Argélia, eu acabei aprendendo um pouco de francês, principalmente palavras, mas também mantinha conversação, se não, não passaria no teste. Quem estava na minha entrevista era o diretor da escola na época: o professor Joel Martins. Ele me perguntou alguma coisa sobre línguas e acabei falando alguma coisa em francês, seguido de uma pequena conversação, e pelo fato não ter estudado e nem ter antecedentes franceses, talvez ele tenha achado interessante o fato de eu responder perguntas em francês e conseguir manter um diálogo. Foram quase dois mil candidatos para cento e vinte vagas neste ano.

**Eliza:** Bem concorrido. Aqui no Gevoa<sup>1</sup>?

**Luigy:** Isso. Em outros lugares era um pouco diferente. A primeira turma não, mas a minha turma, de 1963, teve quase dois mil candidatos. O Vocacional foi criado a partir de um decreto, em 1961, mas começou a funcionar em 1962. Nesta escola meninos e meninas tinham direitos iguais. De acordo com as colocações nas provas e nas entrevistas eles iam obtendo suas colocações. Na minha lembrança, a gente não via predominância de menino ou de menina, parecia ser bem mesclado. Não sei como era nas outras escolas do vocacional. Eu nunca havia estudado em classes mistas. Geralmente, nessa época, os meninos estudavam em um período e as meninas em outro. O colégio dos padres era só para meninos. Então, para mim, era uma coisa muito diferente você trabalhar e estudar com meninas.

**Eliza:** Fale-me sobre sua formação, sua história, seus *hobbies*.

**Luigy:** Certo. Desde que eu me lembre por gente, quer dizer, desde os cinco, seis anos, descobri que minha mãe era a filha mais velha. Meus avós maternos tiveram quatro filhas e um menino. Minha mãe por ser a mais velha, gostava de manter contato com toda a família (tios, tias e primos). As outras irmãs não levaram isso em conta. Minha mãe gostava de saber das novidades, procurava estar sempre em contato escrevendo, dando telefonemas, perguntando, e escarafunchando. Era como uma historiadora. Acho que puxei isso dela. Era sagrado, em todas as férias, julho, dezembro e janeiro, minha mãe me carregava para São Carlos, Araraquara, Ibitinga, Taquaritinga etc. Próximo a Araraquara, havia uma pequena cidade dentro da Usina de Açúcar Tamoio, com o mesmo nome. Ali moravam muitos parentes (tios, tias, primos e primas) sendo que a maioria trabalhava em diversos setores da

---

<sup>1</sup> Ginásio Vocacional Estadual "Oswaldo Aranha".

Usina Tamoio. Meu pai ficava em São Paulo cuidando dos negócios, às vezes, ele ia, no final das férias, para nos buscar. Os deslocamentos eram sempre de trem. Então essa coisa de trem acabou marcando muito forte a minha infância. O trem nos dava uma liberdade de ir e vir dentro dele para se locomover. Meu pai sempre foi uma pessoa que gostava de comer. E uma das coisas mais interessantes era fazer refeições no vagão restaurante. Havia também um carrinho que passava vendendo salgados, doces e refrigerantes, mesmo se você fosse longe ou perto, você poderia fazer uma refeição. Certa vez tive a oportunidade de ir, por exemplo, de Bauru a Corumbá, foram dois dias de viagem, você dormia no trem, pois tinha leito. Eu tomava café da manhã, almoçava, jantava, dormia. Eu gostava dessa rotina. E as paisagens? É indescritível! Essas coisas me trazem lembranças maravilhosas. Este tempo foi marcante para mim, pois todas as férias de dezembro e julho partíamos para uma cidade, para rever nossos parentes ou fazer contato com outros: primos e primas, avós, tios e tias... Todas as irmãs da minha mãe não passavam por isso, mas minha mãe fazia por gosto, acabando por selar uma espécie de compromisso, de manter contato, tanto é que isso me possibilitou coletar dados para fazer nossa árvore genealógica, desde meus tataravôs até hoje, em função de tê-los conhecidos. Conheci todos os meus bisavós do lado materno.

Por *hobby*, acabei por descobrir fatos curiosos. Na infância surgiu vontade de ser arqueólogo. Na verdade eram duas vontades: arqueólogo e astrônomo: o passado e o futuro que juntavam. A busca pelo passado e nas viagens de trens podia apreciar o céu mais limpo do que aqui na capital. Mas, o comentário geral era que eu iria morrer de fome seguindo essas escolhas, então fui meio que abandonando e levando uma vida paralela: matando a minha curiosidade como *hobby*. Hoje mesmo escrevi alguma coisa. Esse ano está fazendo sessenta anos que foi criado o Parque Ibirapuera, e no Ibirapuera eu visitei por diversas vezes o Planetário. Na minha infância, aos nove anos, mais ou menos, em 1959, existia uma revista lançada pela Abril Cultural, eu tinha o hábito de ler muito gibis; meus pais liam muito e eu peguei essa característica deles: de buscar, pesquisar. Uso óculos, justamente, por ler escondido à noite. Meu pai mandava dormir e eu ficava com uma vela continuando a ler com uma lanterna. Existia uma revista chamada “Diversões Escolares”, que depois passou a chamar “Diversões Juvenis”. Essa revista trazia muitas curiosidades do tipo almanaque, sobre História, Geografia, Arqueologia, Astronomia, história de múmias do Antigo Egito e descobrimentos de todas essas

coisas. Isso acabou formando minha base de buscas, depois completada no Vocacional.

**Eliza:** E quanto a sua formação?

**Luigy:** Eu pulei muito. Ao sair do Vocacional, 1966, não existia o Colégio Vocacional, ele foi criado em 1968. E por ter experimentado o Vocacional e achado que aquilo tinha sido feito para mim, não pude encontrar a mesma coisa em outras escolas. Saí do Vocacional, fui para uma escola chamada Oxford, que era particular. Era totalmente avesso de tudo aquilo que eu experimentei no Vocacional. Então passei a não me dar bem. Os professores agiam de outras maneiras. Eu me sentia perdido ali. Acabei fazendo um ano e parei, e fui tentando me achar e de repente não me achava. Fui para outra escola e acabei parando no meio do caminho.

**Eliza:** Mas depois não surgiu o Colégio Vocacional, que seria o nosso Ensino Médio, em 1968 aqui em São Paulo? Isso aconteceu só aqui em São Paulo?

**Luigy:** Sim, aconteceu somente em São Paulo, o Cevoa – Colégio Vocacional Oswaldo Aranha. Em pesquisas que fiz junto com o Daniel Chiozzini<sup>2</sup>, descobrimos que houve uma preparação para que acontecesse na cidade de Americana, mas acabou não acontecendo. A ditadura fechou tudo logo em seguida. Bom, depois do Vocacional, como ia dizendo, me desencantei um pouco com tudo, porque nas escolas que eu frequentei tudo era diferente, esquisito e não me facilitava nada. Minhas notas eram boas, mas era como se fosse uma coisa vazia, eu não via sentido naquilo. Aí, resolvi parar. Parei dois anos, depois resolvi fazer o Supletivo<sup>3</sup>. Cheguei a prestar esses exames na cidade de Araraquara. Aí acabei entrando numa fase de rebeldia, o que era próprio da época dos anos 69, 70. Só mais tarde resolvi fazer o cursinho e daí a faculdade de Educação Física. Escolha relacionada àquilo que eu tinha me destacado no Vocacional: os esportes. Fiz três anos da faculdade

---

<sup>2</sup> Daniel Ferraz Chiozzini, um dos depoentes desta pesquisa. *“Por ser filho de pais de professores do Vocacional de Americana e ter feito mestrado e doutorado sobre os Vocacionais, nos juntamos por um interesse comum: resgatar a memória dos Vocacionais. Assim ele participa do GT Memória da GVive que busca novas fontes de informações para a GVive e para ele também. Fizemos várias viagens juntos em busca de informações”.*(Luigy)

<sup>3</sup> Os cursos supletivos foram regulamentados pelo Parecer 699/72, do Conselho Nacional de Educação (CNE). A organização curricular do ensino supletivo seguia a proposta curricular do ensino regular, porém de forma compactada, não denotando qualquer especificidade à população jovem e adulta neste processo de escolarização. Em princípio, foi apresentado, como uma modalidade temporária, de suplência, para os que necessitavam comprovar escolaridade no trabalho e para os analfabetos no Ensino Fundamental ou Médio, porém, devido a demanda, tornou-se uma forma de ensino permanente.

de Educação Física na Fefisa<sup>4</sup>, em Santo André-SP. Nesse meio de tempo, enquanto estava fazendo cursinho, conheci uma moça e com ela acabei me casando. Faltando três meses para eu me formar, o Banco Real, instituição que eu trabalhava, fechou a seção da madrugada e eu tive que trancar a matrícula. Éramos dois jovens (ela e eu) trabalhando como bancários. Ela fazia o curso de Turismo na Ibero-Americana<sup>5</sup>. Era um curso novo que ainda não tinha nem reconhecimento. A gente se casou em 74, (entrei na faculdade em 73), dois ou três meses da minha formatura, acabei trancando a matrícula. Durante a minha adolescência trabalhei com meus pais. Meu pai era negociante e tinha negócios próprios e queria que eu assumisse os negócios dele em função de muitas coisas que aprendia no Vocacional. Com catorze anos eu gerenciava uma das firmas do meu pai, com os pagamentos, talão de cheques e tudo mais. Eu fazia toda essa parte com catorze/quinze anos, nos finais de semana. Quando ainda no Vocacional, meu pai tinha apenas o quarto ano primário. Ele foi o primeiro de oito irmãos, ele gostava muito de estudar e comer, mas por ser arrimo de família, parou de estudar no quarto ano primário, assim como minha mãe. Aos cinco ou seis anos de idade, meus pais fizeram admissão ao ginásio, mas acabaram parando. Tempos depois de ter trancado a matrícula em Educação Física, meu pai me fez uma proposta: “Filho, vamos fazer faculdade juntos?”. Desconhecia que meu pai tivesse dado um salto: terminado primário, ginásio e colegial. Acabamos fazendo o curso de Direito juntos, em Bragança Paulista. Foram cinco anos de estrada, viajando todos os dias, indo e vindo. Acabei por me formar em Direito. Exerci a profissão de advogado durante cinco anos, mas percebi que não era a minha área, eu não tinha jogo de cintura para tudo que falam dos advogados: a malandragem. Fiz alguns cursos de extensão na PUC<sup>6</sup>. Exerci durante cinco anos e depois fui para a área financeira. Na época morava na rua da PUC. Meus filhos estudaram numa escola experimental em Cotia -

---

<sup>4</sup> Fefisa – Faculdades Integradas de Santo André, São Paulo, é um instituição de ensino superior na área de Educação Física.

<sup>5</sup> Faculdade Ibero-Americana-SP. Foi fundada oficialmente em dezembro de 1971 pelo professor Dr. Garcia Morejon. Em 1998, o Conselho Nacional de Educação aprovou a elevação da Faculdade Ibero-Americana à categoria de Centro Universitário e passou a ser a partir desta data o Centro Universitário Ibero-Americano (Unibero). O Centro Universitário Ibero-Americano foi adquirido pelo grupo Anhanguera Educational no ano de 2009 e suas instalações físicas e quadro docente passaram a integrar a cadeia de centros universitários do grupo Anhanguera. Em 2010, o nome Unibero deixou oficialmente de existir.

<sup>6</sup> A PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – é uma instituição de ensino superior privada brasileira. A PUC-SP foi fundada em 1946, a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito. É mantida pela Fundação São Paulo, criada em 1945.

Escola Mutirão<sup>7</sup>, uma escola particular, que era uma semente do Vocacional. Os donos dessa escola foram professores do colegial do Oswaldo Aranha. Acabamos colocando nossos filhos para estudar lá. Era período integral e fora da Capital São Paulo. Passados uns quatro anos pensando em tirar os filhos da escola por causa da distância: morávamos em São Paulo e eles estudavam em Cotia<sup>8</sup>. Fomos conversar sobre o assunto com os donos da escola, a diretora, então, me fez um convite: “Por que você não vem trabalhar com a gente?” E não sei por que cargas d’água eu larguei tudo e fui trabalhar na escola. Nesta escola eu dei aula, fui secretário, fui coordenador de acampamento (porque tinha uma vivência em Educação Física). Era uma escola parecida com o Vocacional e duas vezes por ano a escola saía de São Paulo, Cotia, com quatrocentos alunos e passávamos acampados por uma semana na cidade de Amparo<sup>9</sup>. A escola atendia do maternal ao colegial. Ali eu tinha funções múltiplas: era pai, professor, secretário, coordenador de acampamento etc. Fiquei lá durante vinte e cinco anos.

**Eliza:** Tudo isso?

**Luigy:** Na verdade, permaneci lá quase trinta anos. A diretora percebeu em mim um aspecto da educação que eu desconhecia. Meus filhos estudaram lá e só saíram quando terminaram o ginásio. De repente eu comecei a perceber a relação de tudo de proximidade do Vocacional com essa escola. Aquilo que existia no Vocacional, que era levar o aluno a se descobrir. Uma série de coisas dificultou, mas, em outros aspectos, me abriram bastante nesse sentido...

**Eliza:** Dificultaram como?

**Luigy:** Por exemplo... Pensando em referência por aí, em nosso mundo competitivo. No Vocacional a gente não trabalhava a competição, mas no mundo aí fora, o que “rola” é a competição. No Vocacional trabalhávamos em equipe. A gente se juntava a outras pessoas para realizar trabalhos. No Mutirão, me senti mais a vontade. Desde que saí do Vocacional até chegar nessa escola, passei por muitas dificuldades, com relação ao mundo competitivo que não estava nos meus planos de vida. O meu foco não era lutar para ser rico, o foco não era trabalhar, ganhar dinheiro, ficar rico. Mas era trabalhar, com olhar para social, para o próximo. Pensava muito no social, no voluntariado. Minha ideia era criar uma fundação,

---

<sup>7</sup> Escola Mutirão - Estrada do Espigão, 1566, Cotia-SP. Com 35 anos de atividade, fechou no final de 2013.

<sup>8</sup> Cotia é um município paulista distante 34 km da capital do Estado.

<sup>9</sup> A Estância Hidromineral de Amparo é um município paulista distante 138 km da capital do Estado.

buscar dinheiro para financiar pessoas que tinham projetos e ideias interessantes e colocá-las em prática, mas foi difícil porque ninguém “abria as portas.” Esse era um sonho. Sonhos meio malucos que a sociedade classifica assim: “É louco, é lunático, é alternativo, é sei lá o que”. Eu me considero uma pessoa alternativa. Não gosto de seguir a maioria, eu gosto de encontrar o meu próprio caminho. Se vai dar certo ou não eu não sei. Mas gosto de criar meus próprios caminhos. Sou meio como a frase que estampa o símbolo do Estado de São Paulo: “Conduzo, não sou conduzido”.

**Eliza:** Se vai dar certo, nunca sabemos. E dar certo significa o quê? É subjetivo.

**Luigy:** Eu estou contente até onde cheguei. Não sei pelos outros, mas para mim... Uma realização interna. Na GVive vou colocando em prática alguma coisa desse sonho.

**Eliza:** Falando dos Vocacionais... podemos entrar nesse período da sua vida que foi entre 1963 e 1966? Depois tem uma interrupção e você retorna em 1968, ou não?

**Luigy:** Sim. Depois de 66, já não estava mais não no Vocacional, e sim em outras escolas públicas. Na época eu não sabia que havia sido criado o colégio vocacional em 1968. Se soubesse teria voltado. Apenas os alunos que se formaram em 67 tinham esse conhecimento. Mantive amizade com muita gente da minha turma que seguiu o seu caminho indo para diferentes escolas particulares. Raros foram os da minha turma que fizeram o colegial, dos 120, foram dois ou três – os que repetiram de ano e ficaram no Vocacional. Fui colega do Guilherme Arantes, os pais o tiraram quando as coisas começaram a apertar em 65, numa das crises do Vocacional. Alguns pais ficavam melindrados com a situação que ocorria naquele momento com a ideia fixa: “Eu preciso tirar meu filho daí”. Várias coisas estavam acontecendo e muitos começaram a se distanciar. Nesta época tudo era complicado, os festivais, todas essas coisas...

**Eliza:** Quais festivais?

**Luigy:** O Festival da Record, um foi em 67 outro em 68. Eu estava numa fase de rebeldia e acabei entrando nessa coisa de *hippie* nos anos 68, 69, 70.

**Eliza:** Assisti a alguns vídeos sobre os Festivais justamente porque estou estudando os Vocacionais. A música popular brasileira. Caetano Veloso, Jair Rodrigues, Chico Buarque...

**Luigy:** Sim as coisas estavam acontecendo, as pessoas estavam contestando... Eu gostava muito... Quando comecei a fazer cursinho 71, 72 comecei a participar dos grupos de teatro. A turma do teatro andava para baixo e para cima. Montamos um grupo e de repente acabei me descobrindo como compositor e letrista. Essa turma ia de bar em bar tocando, passando chapéu e viajando. Era uma vida muito louca e sem rumo. A mídia não dava uma nota, vamos dizer, do que acontecia e do estava por vir. Tudo estava se fechando. Ah! Em 68 eu escrevia algumas poesias. Em 68 fui preso na Rua Augusta. Eu estava indo para o Ibirapuera, onde ia acontecer um festival com o nome “Lesma Azul”, os Mutantes iam cantar. E outros que estavam despontando no cenário. Já subindo a Rua Augusta com mochila e uma barraca, pois a íamos acampar no Parque Ibirapuera, e alguém, na rua, gritou: “Abaixo a ditadura!”. E de repente cercaram a rua e mais de 20 pessoas foram presas e levadas num camburão. Eu estava no meio delas. Passei a noite no DOPS<sup>10</sup>. Mas como eu não estava nem no cursinho e nem na faculdade e na seleção disseram: “Quem tem faculdade vão ficar numa sala e os que ainda não tem vão para a outra”. Eu passei uma noite só e pela manhã, fui liberado. Fui registrado, muitas vezes, a gente meio que se alienava no sentido de não saber o que ia dar. Esses festivais, por outro lado, nos levava a resistir, a fazer, a retrucar. E meu avô era militar.

**Eliza:** E quanto ao seu envolvimento nos Ginásios Vocacionais? Fale-me um pouco das características do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, no Brooklin.

**Luigy:** Bom, o primeiro dia de aula no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, no bairro do Brooklin. O bairro continua o mesmo. É um distrito. No primeiro dia de aula, a primeira turma, os veteranos recebiam os novos alunos, os calouros.

**Eliza:** Recebiam? Como?

**Luigy:** Na porta da escola era formada uma comissão de recepção, os novos eram saudados com alegria como se fosse uma festa: “Eu sou fulano de tal dessa turma e você quem é?” “Fulano de tal”, e punha o crachá. Cada aluno era apadrinhado por um veterano. Éramos levados para conhecer toda a escola e ao final íamos todos para o pátio, fomos levados por meninos e meninas. No meu caso, foi um menino. E a gente acabava interagindo e criando uma amizade logo ali. Você entrava numa escola diferente, um mundo meio mágico e você ficava meio pasmo.

---

<sup>10</sup> Dops – Departamento de Ordem Política e Social. Criado para manter o controle do cidadão e manifestações populares no período da ditadura pós-64 instalada pelos militares no Brasil.

Lá dentro acontecendo uma série de coisas: gincanas, corridas de saco, corridas com vendas nos olhos ao se deixar guiar por outra pessoa, competições de equipes, enfim várias atividades. Assim era nosso primeiro dia de aula, ficando o dia inteiro na escola sem nos darmos conta da hora de ir embora. Desconhecíamos o que era estudar o dia inteiro. Neste dia acho que fui até a lavanderia da escola e fiquei para ajudar. Acho que jamais teria paciência de ficar o dia inteiro numa escola normal, mas o tempo passou de tal forma que a gente não se deu conta. Almoçamos na escola, tomamos lanche e tudo mais. Fomos de sala em sala: “Aqui é a sala de português, aqui é a biblioteca.” A escola tinha o formato em “U”, uma turma começava numa ponta e a outra turma na outra ponta e num certo momento a gente se cruzava.

**Eliza:** Entraram quantas turmas esse ano?

**Luigy:** Eram quatro turmas. Cada turma era tinha trinta alunos. Cento e vinte alunos. No primeiro dia não houve aula. A escola estava em festa para receber os novos alunos. “Aqui é a sala de Português, ao lado da sala de estudos. Havia duas salas para a disciplina de Português, uma que seria da turma dos veteranos e a outra da turma que estava entrando. E entre as duas, bem no meio, ficava a sala dos professores daquela disciplina. Era comum procurar o professor nos intervalos ou na hora do almoço. As turmas iam passando de sala em sala: “Aqui é a sala de Matemática”. Ali tinham coisas diferentes: tabuadas, triângulos, esquadros de madeiras e tudo mais. E em cada das salas eles nos davam detalhes do que era feito. Uma delas era novidade, a sala de Estudos Sociais, que eram na verdade eram duas disciplinas juntas Geografia e História. O grupo seguia em frente observando coisas que nunca tinha visto ou ouvido falar... Sala de Ciências, que tinha uma sala comum e uma com um laboratório bem equipado. Depois fomos conhecer a sala de Educação Doméstica que na verdade era um modelo de casa comum dentro da escola. A sala de Educação Doméstica ficava na parte térrea e era uma casa montada com cozinha, sala, lavanderia, hall de entrada, só não tinha quartos, o resto tinha tudo. E depois, na parte de baixo, havia uma sala muito grande, enorme, três vezes o tamanho das salas comuns, a sala de Artes Industriais, na parte de cima havia sala de igual tamanho, outra sala de Artes Industriais, com uma série de equipamentos como bancadas, tornos, serras, ferramentas, com acesso para as turmas mais adiantadas, os veteranos. No segundo piso ficava a sala de Educação Musical, que tinha quase três vezes o



tamanho das salas comuns, tinham mesas comuns dos alunos, espaço para a banda, um piano de calda, um aparelho de som estereofônico, um armário para pasta de partituras e equipamentos construídos pelos alunos. Depois fomos para a enorme sala de Artes Plásticas, dividida ao meio por armários para atender duas turmas. Era em formato de estúdio de Artes, com peças de madeira sendo esculpidas, peças em argilas sendo trabalhadas, telas em processo de pintura, madeiras em processo de entalhes para virar serigrafia. Havia uma mistura de cheiros diversos de tintas que criavam um odor no ambiente. Embaixo da sala de Artes Plásticas era o refeitório, que era enorme. Ali ficava a cozinha e o refeitório. As refeições eram servidas em bandeirão. Além do pátio ou ginásio de esporte havia outra quadra de esporte e também uma pista de atletismo saltos em distância e salto em altura. Neste dia, fomos apresentados a tudo o que havia por lá e isso enchia nossos olhos. O prédio da escola fora adaptado, mas vamos dizer, muito bem adaptado. O centro nervoso da escola era a biblioteca, que era enorme, pegava umas três salas mais ou menos. O Vocacional não adotava livro por disciplina. Não havia livros de Português e nem de Matemática a ser comprado pelos alunos como era normal em outras escolas. Mas havia muitos livros para consulta na biblioteca. A visita deixou todos embasbacados com tanta coisa.

Assim foi o primeiro dia. Depois as turmas foram divididas, primeiro os maiores, depois os intermediários, depois os médios e depois, eu acho, que os menores. Fiquei, eu acho, na segunda ou na terceira turma. Na escola havia essa prática de trabalho em equipe, a gente fazia escolhas com quem queria trabalhar.

**Eliza:** A divisão era por estatura?

**Luigy:** Era mais ou menos por tamanho, não sei se era questão de medir forças. Não sei, mas fiquei sabendo, posteriormente, porque, até então, não sabia que existia essa diferenciação por tamanho. Também ficavam juntas pessoas de classes misturadas: meninos e meninas. Acho que depois de um mês de convivência, depois de conhecer bem os colegas, a gente fazia a votação para ver com quem a gente gostaria de trabalhar. No início você queria ficar com aqueles com quais tinha interagido com mais facilidade, ou tinha mais afinidade, depois, em escolhas futuras, você já pensava: “Bom esse aqui é muito bom colega, mas para trabalhar é devagar, não rende e tudo mais”.

**Eliza:** Você falou um pouco da unidade do ponto de vista estrutural. Para você, o que foram os Ginásios Vocacionais? O que os caracterizava, o que os diferenciava?

**Luigy:** Bom, a primeira coisa era a liberdade, porque eu tinha estudado em escolas públicas, escola particular e de padres. Você tinha que fazer fila, obedecer, dava o sinal você tinha que por a mão no ombro do outro e você só andava quando mandavam. Nas escolas comuns você era mandado. No Vocacional existiam regras, os alunos faziam um regimento interno, que geralmente era muito mais rígido do que o da escola comum feito pelos adultos: não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, se fizer isso tem punição. Isso os alunos faziam, mas na escola comum você não podia fazer quase nada, porque para tudo existia punição. No Vocacional você tinha liberdade: “Você fez isso?” “Fiz”. “Por que você fez?” Qual o motivo? “Ah... porque me deu vontade!”. “Quais as consequências?” “Você não vê que prejudicou alguém?” Eles levavam você à reflexão. Então, tudo no Vocacional era baseado no conteúdo e no comportamento. Não adiantava você ser um ótimo aluno quanto aos conteúdos, se você não sabia trabalhar em conjunto ou em equipe.

**Eliza:** Isso era avaliado?

**Luigy:** Sim, tanto o conteúdo como o comportamento em todas as atividades dentro e fora da escola (nos Estudos do Meio). Éramos todos avaliados desde o momento em que a gente botava o pé dentro da escola, no portão, até a hora de ir embora você era avaliado. Vamos dizer: na Educação Física, no teatro, no lanche, no almoço, nos esportes...

**Eliza:** Como?

**Luigy:** Os professores atuavam e interagiam com a gente, jogando bola, ping pong, vôlei, almoçavam com a gente, sentavam na mesa com a gente, e não nos sentíamos policiados, a gente sentia acompanhado... Os alunos chamavam ou convidavam: “Professor senta aqui com a gente?” “Hoje não, eu já combinei de sentar com outro pessoal ali!” “Ah! Amanhã o senhor senta lá, a gente tá querendo conversar algumas coisas”. Então tudo isso ajudava na interação e aproximação. Claro que havia professores mais rígidos e menos flexíveis. Os professores menos flexíveis acabavam ficando um ano só na escola depois que passavam por uma avaliação da direção da escola e dos orientadores pedagógicos. Os alunos também opinavam, mas não saberia dizer muito bem como era. Como o professor atuava perante os alunos, se o aluno, sei lá, caiu, quebrou, roubou, como o professor agia

perante aquilo. Bater, botar de castigo, puxar a orelha? Assim era a infância da maioria: bater, puxar orelha, grão de bico e o *caramba*. Passei por tudo isso. Então eu saí de um tipo de posicionamento de sofrimento de punição, para um lugar... para refletir. O primeiro ano eu sofri muito no sentido de fazer o que eu bem entendesse e tive notas baixas de atitudes e comportamento. Eu tive que aprender os meus limites. Antes de entrar no Vocacional, eu levei algumas surras de cinta do meu pai. De repente, duas vezes por ano ou mais, a gente saía para fazer Estudo do Meio. Íamos para Barretos, Batatais ou Americana. Você ficava uma semana longe dos seus pais, era uma alegria, uma descoberta, era a liberdade, além de você sair de sua cidade, você saía de trem junto com um bando de meninos e um bando de meninas.

**Eliza:** Junto com professores?

**Luigy:** Sempre. Imagina cento e vinte alunos sob a tutela de doze, catorze ou quinze professores. Uma loucura hoje em dia, isso. Sabíamos depois, que professores tinham ido antes verificar toda a estrutura, como, quanto tempo levaria, onde e com quem ficar, se ficaria na casa de fulano de tal que tinha uma situação social parecida com a sua. Então a gente saía e ficava uma semana livre dos pais. Isso era uma liberdade impagável e para os pais também que falavam “Agora eu vou viajar com minha mulher”. Era algo interessante.

**Eliza:** E vocês ficavam alojados onde?

**Luigy:** Na casa dos alunos de cada unidade. Fui para Americana. Barretos e Rio Claro e ficamos hospedados em casa de alunos, um ou dois alunos conforme a condição de cada família. Às vezes utilizavam ginásios de esportes ou instituições como escolas, exército e etc.

**Eliza:** O que vocês iam fazer?

**Luigy:** Interagir com a escola deles e sua comunidade. Era uma visita total. Passávamos um dia de aula normal naquela escola. O Vocacional de São Paulo era uma escola com melhores condições do que as que estavam em fase de implantação. Então a gente tinha aula durante o dia com eles, a gente almoçava com eles e depois ia conhecer a comunidade. Tinham: indústrias, arte, cultura, cinemas, museus, clubes, alguma característica interessante da cidade. Em Americana o forte era a tecelagem. Em Rio Claro, o forte era a ferrovia. Em Barretos

era a pecuária. Fomos conhecer um frigorífico que chamava Frigorífico Anglo<sup>11</sup>. Era um dos frigoríficos famosos que visitamos. Na época estava se iniciando os primeiros passos da “Festa do Peão de Boiadeiro”<sup>12</sup> em Barretos. Visitamos fazendas para conhecer como faziam a marcação de gado, a curtição de couro. Tudo o que tínhamos feito em São Paulo, estudando a nossa comunidade, clubes, tipos de igreja, tipos de religiões, bibliotecas, cinemas, clubes, fazíamos nestas cidades. Ao voltarmos da viagem fazíamos os relatórios individuais, depois em grupos e depois a síntese de classe. Todo mundo anotava, levava um caderninho de campo, fazia pesquisa de campo, anotava e tirava fotos.

**Eliza:** Cada um tinha uma função ou tinha que observar de maneira geral?

**Luigy:** Era observação de caráter normal. Cada equipe tinha olhares diferentes e de acordo o olhar e curiosidade de cada um. O planejamento pedia certos detalhes, mas a cada momento poderia acontecer algo diferente. Cada um tentava colher aquele momento e depois repassava na síntese. Eram diversas equipes com meninos e meninas juntos. Por exemplo, três ou quatro equipes. Uma ia para o frigorífico, outra equipe ia para o matadouro, outra ia para ver a curtição do couro. Fomos conhecer a Igreja Matriz de Rio Claro ou de Batatais, já pensou cento e vinte alunos entrando na igreja tendo uma missa. Viraria uma “zona” (risos). Depois cada um fazia o seu relato, depois por equipe de cada classe e ao final um relatório síntese de tudo. Depois do relatório fazíamos uma apresentação numa assembleia para as outras equipes das outras classes. Alguns alunos possuíam máquina fotográfica tipo Kodak Rio 400. Os alunos não trabalhavam com *slides*, mas os professores, como a Esméria, sim.

As aulas funcionavam da seguinte forma: para render mais, fazia uma divisão de quinze alunos em Educação Musical e a outra metade da sala ia para Educação Doméstica, isso possibilitava ao professor melhor atender os alunos e não tumultuar. Geralmente eram aulas dobradas com 90 minutos. Em outro momento quinze alunos iam para Artes Industriais e outros quinze alunos iam para Artes Plásticas. Daria para ir os trinta, mas não iria render tanto. Eram duas aulas em sequência ou aulas dobradas, com quinze alunos cada de 90 minutos sem intervalo. A gente não percebia o passar do tempo.

---

<sup>11</sup> Frigorífico Anglo foi inaugurado em maio de 1913. Com mais de 100 anos de existência em Barretos-SP é considerado um patrimônio histórico para a cidade.

<sup>12</sup> Em 1960, a Festa do Peão de Boiadeiro que ocorre anualmente até hoje em Barretos (SP), já era conhecida por todo país.

**Eliza:** Dividiam a sala. E quando ficavam todos juntos (os trinta)?

**Luigy:** Geralmente nas aulas de Português, Matemática, Estudos Sociais e Educação Física. Havia aulas com a turma toda, os trinta alunos, quando era um tema novo, não me lembro bem como. Mas, em geral dividiam a sala em duas: 15 e 15. Na aula de Educação Física, separavam os meninos das meninas, em outros momentos juntavam todos. Tudo era muito bem pensado. A gente não sabia, mas era muito bem pensado. Disciplinas como Artes Industriais e Artes Plásticas a sala se dividia em duas partes durante 90 minutos para produzir mais. O mesmo se dava com Práticas Comerciais e Educação Doméstica, idem para Ciências e línguas Inglês/Francês e assim por diante. Por exemplo, nos estudos do meio, cada classe montava seu relatório, as equipes faziam seus relatórios e apresentavam para sua classe. Depois essa classe fazia o relatório/síntese da classe, depois as quatro classes juntavam-se para um relatório final daquela série exposto em uma assembleia geral para toda a escola. A escola inteira conhecia aquele assunto. Dessa síntese seria extraído o conteúdo para futuras avaliações. Nem todos visitavam a mesma coisa, mas os que tivessem ido trariam o material de pesquisa. Esse material, ao final, acabava virando “uma espécie de monografia” e ia para a biblioteca, seria fonte para próximas pesquisas. Nos anos seguintes, a turma que visitasse alguma unidade Vocacional, teria em mãos, dados preliminares para saber o que procurar. Havia também livros com dados do IBGE. Eram livros enormes que costumávamos pesquisar, grandes mesmo! Era difícil trabalhar com eles. Então os nossos estudos contribuía para fomentar as novas pesquisas dos novos alunos.

**Eliza:** E esse material produzido pelos alunos?

**Luigy:** Com certeza deve estar espalhado em vários lugares ainda sem a devida catalogação e guarda apropriada. Soubemos depois, que a Maria Nilde mandava fazer cópias mimeografadas em três vias. Então todo material que possa ter sido destruído aqui ou ali, é possível ser, ainda, localizado, talvez possa existir cópias espalhadas por aí. O Grupo Memória da GVive vem trabalhando no sentido de resgatar materiais e documentos através de entrevistas e depoimentos. Temos mais de 50 entrevistas de professores, pais, alunos, supervisores, diretores de cada unidade. Temos muito pouco sobre o Vocacional noturno e ele funcionou por um ou dois anos, assim como o segundo ciclo – o Colegial (Cevoa) só quem estava lá naqueles anos tem informações, nós desconhecíamos tudo isso, apenas quem participou é que sabia. O Vocacional noturno era uma escola nos moldes do

Vocacional, para alunos que trabalhavam durante o dia todo, destinava-se às classes menos privilegiadas de alunos que trabalhavam como *office boy*, garçom e outras áreas. Sabe-se que havia no Oswaldo Aranha, em Americana e em Rio Claro, mas ainda não encontramos documentos sobre isso. Estamos pesquisando. Temos professores que foram do noturno que ainda vamos entrevistar.

**Eliza:** Qual a faixa etária dos alunos?

**Luigy:** Alunos de onze a catorze anos, às vezes até algum aluno repetente de outras escolas. A gente soube também que, praticamente, eles passavam o dia inteiro sem se alimentar e iam para a escola para fazer a refeição do dia.

**Eliza:** Luigy, e o que era o segundo ciclo? Você saberia falar?

**Luigy:** Sobre o segundo ciclo ainda têm pouca coisa, poucos informes e pouco acesso. Estamos também atrás de documentos. Durante o ginásio do vocacional os alunos já teriam conhecido algumas de suas habilidades nas áreas de humanas, biológicas ou exatas. No colegial ou, o que se chamava, segundo ciclo do Vocacional, seguindo as avaliações da FOA<sup>13</sup> eram feitas as divisões. O Segundo Ciclo funcionava em meio período. O período da tarde era reservado para os estágios de acordo com as escolhas observadas anteriormente: humanas, exatas ou biológicas. Durante o curso ginásio os alunos já teriam atentado ou descoberto suas vocações e tinham uma certeza com relação ao que iriam escolher. No Vocacional eles buscavam identificar se o aluno era teórico, prático ou prático-teórico. Teórico seria aquele aluno que gostava mais de pesquisar, era mais estudioso. Havia aqueles que traziam uma espécie de praticidade, como no meu caso, eram os práticos que obtinham resultados na prática ao invés de pesquisar primeiro. No terceiro ano ou último ano, o aluno já tinha certa noção de quais disciplinas tinha mais “afinidade”. “Ah! Meu negócio é mais matemática, áreas técnicas ou áreas exatas.”

Isso já havia sido identificado na FOA, uma folha de avaliação. Ali os professores de todas as disciplinas iam observando cada aluno: “Esse menino é bom para pesquisas”, “Esse menino não rende nas pesquisas, é muito bom na prática”. Então, na terceira série o aluno ia se descobrindo por si enquanto e os professores tentavam ajudar na identificação. Durante a terceira e quarta séries o aluno passava a ter mais aulas daquelas disciplinas, ele havia apresentado

---

<sup>13</sup> Ficha de Observação do Aluno.

habilidade ou uma maior proximidade. No terceiro e quarto anos começávamos a trabalhar e ter mais aulas daquilo que mais gostávamos daí, com certeza, crescia o interesse em se aprofundar e se distanciar de outras matérias, no meu caso, a área de exatas.

As turmas que terminaram o ginásio em 1967 puderam aproveitar o surgimento do Colégio Vocacional em 1968. Muitos alunos de Americana, Barretos, Batatais e Rio Claro vieram para São Paulo no ano seguinte para usufruir do Colegial que se iniciava. Eles entravam no 2º ciclo do Vocacional já direcionados para as suas áreas escolhidas: humanas, exatas ou biológicas. Onde já havia sido montada uma estrutura para meio período, na parte da manhã e o estágio à tarde. Havia todo um trabalho de acompanhamento, para ser fazer estágio próximo àquilo em que ele tinha apresentado habilidades.

**Eliza:** Luigy havia alguma particularidade no funcionamento cotidiano do Vocacional em comparação com outros estabelecimentos? Teria algo mais que você gostaria de salientar?

**Luigy:** Sim, havia algo muito interessante, que reflete muito bem na vida adulta e no momento atual de cada um de nós: a cada hora ou duas horas a gente saía de uma determinada atividade, aula ou disciplina ou matéria, de repente você estava em Artes Plásticas, depois teria duas aulas de Português, você se deslocava da parte de cima ou da parte de baixo, e nos corredores da escola e outras turmas. Em 1966 havia na escola, quatrocentos e oitenta alunos, das quatro séries cada uma com cento e vinte alunos cada uma. Ao término da aula havia um deslocamento inteiro dos alunos pelos corredores da escola, a cada duas horas. Os alunos colocavam em prática o que aprenderam durante o curso para não atrapalhar o fluxo contrário, como se faz ou deveria ser feito no trânsito nas ruas, ao caminhar pelo lado direito quem ía e à esquerda quem vinha.

**Eliza:** Eram quatrocentos e oitenta alunos se movimentando nesses corredores?

**Luigy:** Exatamente. E como organizar isso? Em aulas de Educação Física, Matemática e outras a gente aprendia a se locomover: lado direito vai, o outro lado volta. A gente tinha aula de trânsito na escola, parar no cruzamento etc. Cada aluno tinha um armário, não havia lição de casa, não levávamos nada para fazer em casa, tudo era feito na escola, toda pesquisa era feita na escola. Era na escola que tudo se desenvolvia: a pesquisa, a confecção e a apresentação.

**Eliza:** E o material escolar?

**Luigy:** Ah! Sim! No início do ano havia uma lista de material para uso na área de Artes Plásticas como tintas nanquim, ecoline, verniz, carvão, pinceis, goivas, aventais etc. Cada aluno levava para escola e entregava para a professora. O material acabava se misturando com os dos outros alunos onde ficava difícil identificar quem havia trazido o que. Ao que se soube depois havia alunos com dificuldade para comprar, era uma lista cara, nesses casos, havia a cooperativa de associados dos pais que auxiliavam alunos que não poderiam comprar. Nem o aluno e nem os demais ficavam sabendo. Às vezes o aluno perguntava em casa: “Pai, como vou comprar isso?” E ele respondia: “Já está na escola, a sua já está lá”. Isso a gente só descobriu há uns quatro anos, fazendo entrevistas em Batatais, no grupo de Memória da GVive. Outra descoberta: Como é que todos os alunos iam viajar, sendo que alguns eram mais pobres? A Associação de Pais e Amigos cobria essas necessidades sem que ninguém ficasse sem viajar e sem ninguém saber.

Usávamos vários tipos de avental: Para Artes Industriais, era um avental cinza, para Ciências, Educação Doméstica e Artes Plásticas usávamos um avental branco. Havia o uniforme de Educação Física. Todo esse material ficava nos armários.

**Eliza:** Tinha o vestiário também?

**Luigy:** Tinha o vestiário feminino e o masculino no pátio, no ginásio de esportes. Outra coisa: dois horários para o almoço, enquanto uma turma ia almoçar (não me lembro bem como era) uma outra era designada para atuar na formação da fila e arrumação das mesas. Claro havia os cozinheiros e havia uma bancada, igual um bandeijão e uma equipe de alunos ajudavam na organização da entrada e saída do refeitório. Liberando a entrada: “Pode entrar cinco, pode entrar dez, põe sua bandeja ali, limpa a mesa porque tem outra turma que vai entrar e quer encontrar limpo”.

**Eliza:** Os alunos faziam isso?

**Luigy:** Sim, faziam. E se encontrava algo sujo, ele ia lá depois e falava para a equipe organizadora: “Olha, quando a gente entrou minha mesa estava suja, estava uma zona, um chiqueiro e tudo o mais”. Tudo isso era levado para observação depois.

**Eliza:** Faziam rotatividade?



**Luigy:** Ah! Sim! Num bimestre ou semestre, essa turma que havia ajudado na organização, passava para outros turnos, pois já havia completado seu turno ali e passado pelo rodízio. Então uma hora você servia outra hora você era servido. Tinha filho de rico, de pobre. Todo mundo tinha que entrar nessa. Outras maneiras de aprendizado que fazia parte do currículo: tinham as equipes que atuavam servindo na Cantina na hora do intervalo do almoço e do lanche da tarde, fazia parte da área de Práticas Comerciais: vendiam doces, atendiam, faziam o troco etc. O mesmo acontecia com outras equipes que davam plantões nesses intervalos no Banco do Vocacional ou na Cooperativa que cuidava dos uniformes.

Outro fato interessante, na linha mais sócio-cultural: Uma vez por ano havia a Festa da Primavera, geralmente num sábado, em setembro, não me lembro bem. Na parte da tarde a escola se reunia como se fosse um acontecimento social. Era um baile. Cada menino deveria convidar uma colega para levá-la no baile. Fazia parte de preparação social. Ao menino cabia ir à casa da menina e pedir o consentimento ao pai dela. Pelo menos eu tive que ir pedir para o pai da menina para levá-la à festa. Todos deveriam convidar alguém da turma de cento e vinte alunos. Todo ano havia esse aprendizado para a parte social. Ir buscar a menina em sua casa. Primeiro você pedia para o pai dela ou para o responsável, depois você ia levar. Eu fui buscá-la de táxi pela primeira vez (risos).

**Eliza:** Com o compromisso de pegá-la, levá-la ao baile e trazê-la de volta.

**Luigy:** Isso! Não tinha aquela coisa de: “Vamos namorar?” Não. Porque tinha as bonitas e as feias e todos tinham que ir e dançar. Claro, eu convidei quem eu queria! (risos) Quanto ao resto, não posso falar muito. Durante a festa havia a apresentação de um ou dois conjuntos ou bandas de alunos que tocavam. Havia também um conjunto de Jazz, conjunto de música popular, de rock... e ao final um bailinho com disco vinil. Como todos na escola tinham tido aulas de dança em Educação Física, com certeza tinha aprendido dançar. A gente aprendia a dançar músicas folclóricas, músicas contemporâneas, quadrilha... todo mundo tinha que se sacolejar porque, quando chegasse na festa, teria que colocar em prática isso. Creio todo mundo dançava. Todo mundo ia arrumadinho, bem vestido, às vezes até, com terno. Aqueles alunos que tinham qualidades artísticas juntavam-se para compor músicas, era a oportunidade de se mostrar.

**Eliza:** Eram composições dos alunos as músicas?

**Luigy:** Sim, algumas.

**Eliza:** Reproduções e composições? Então Guilherme Arantes começou aí seu talento musical? (risos)

**Luigy:** Eu acho que sim, se não me engano, ele era muito acanhado na época. Houve festivais na escola, me lembro de dois colegas que fizeram uma música e ganharam em 1º lugar. Soube que em 67, 68 havia concurso de corais e bandas. O Primeiro Festival de Coral foi em Rio Claro, onde se juntavam corais, bandas de todas as unidades dos Vocacionais que levavam os seus conjuntos de coral e banda para se apresentar em outras cidades. Eles iam de trem, ônibus carregando pais e familiares. Acabava sendo uma confraternização geral. Havia um coral formados por alunos, pais e professores, que ainda existe até hoje. Então, o fato de viajar juntos, o fato de você sair da escola e de repente você ir para casa de outro colega, os pais se relacionarem, havia essa coisa de reuniões de pais e isso mostrou que a força dos pais era muito grande e forte.

**Eliza:** Como era o relacionamento entre alunos, pais e professores, coordenadores? Parece que havia estavam juntos em vários momentos?

**Luigy:** A gente tá sabendo agora, com o Daniel<sup>14</sup>, a gente “fuçando”, que na cidade de São Paulo era diferente, tinham características diferentes entre as unidades. De São Paulo para as cidades do interior. Por quê? Em São Paulo cada um morava num bairro, algumas professoras eram solteiras, algumas professoras tinham namorado e se casavam. Tinham a sua família. No interior, em Americana, por exemplo, ficamos sabendo depois, que havia o que eles chamavam de “Senzala e Casa Grande”. Tinha uma moradia maior em que moravam as professoras e perto dali moravam a maioria dos professores, como se fosse uma república. Soubemos depois pelos depoimentos, que nos finais de semana eles se reuniam para tocar violão, para dançar, namorar, alguns se casaram. A amizade entre eles se estende até hoje, alguns professores se reúnem a cada dois anos, viajam juntos. Os pais do Daniel, por exemplo, eles se conheceram no Vocacional e se casaram, e com isso vários outros professores que vieram a São Paulo e se conheceram lá, outros namoraram.

**Eliza:** Você se lembra de algum professor, em especial, que, de alguma forma, te marcou?

---

<sup>14</sup> Daniel Ferraz Chiozzini é pesquisador, filho de professores do Vocacional, como dissemos, é um dos depoentes neste nosso estudo.

**Luigy:** Sim, foram dois professores. Sair do Vocacional me chateou muito. Certas coisas eu gostaria de ter continuado. Tinha uma professora de Português, chamada Malu, ela descobriu que eu gostava de escrever, que eu tinha alguma habilidade para escrever poesia e ela me incentivava: “Você escreveu alguma coisa nova? O que você escreveu?” Eu a encontrei mais tarde no cursinho e ela continuou me ajudando nessa direção. E os professores de Educação Física que até então eu... Depois de *velho*, vim descobrir que eu sempre fui uma criança meio hiperativa, não parava quieto, eu gostava de pesquisa, eu estava sempre curioso, gostava de saber das coisas, mas por não parar quieto num lugar isso me acarretava avaliações de comportamento pouco positivas (hoje com certeza a avaliação seria como uma criança hiperativa). Foi na Educação Física, foi o esporte que me possibilitou uma acomodação dessa coisa da hiperatividade que eu desconhecia e eu não sei se os professores do Vocacional sabiam. No Vocacional me mandaram fazer terapia, então fui fazer terapia.

**Eliza:** É? E os professores de matemática, você se lembra de algum, Luigy? Como eram diante do seu temperamento?

**Luigy:** Em outras escolas nunca tive problemas com matemática. Muito mais tarde fiquei sabendo que muitos colegas adoravam os professores de matemática e que os alunos tinham verdadeira paixão por eles.

**Eliza:** Mas e você? Primeiro você.

**Luigy:** Eu não consegui...

**Eliza:** Como era sua relação com os professores e com a matemática?

**Luigy:** Em geral com os professores era muito legal, eu tinha proximidade, tinha interação, gostava muito, me dava bem. Em matemática eu tive problema...

**Eliza:** Com professor ou com a disciplina mesmo?

**Luigy:** Eu acho que foi com o professor e, talvez, acho que também com a disciplina, pois eu era muito irrequieto. No primário eu aprendi aritmética. Há pouco tempo descobri que são coisas diferentes. Aritmética é uma coisa e matemática é outra. Eu tentei de várias maneiras me aproximar da Matemática, mas acabei criando um trauma. Nessa minha passagem pelo Vocacional aconteceu a entrada, a descoberta ou a implantação da Matemática Moderna por Osvaldo Sangiorgi, e até então, vamos dizer, no primário,  $1+1=2$ ,  $2+2$  é 4. Aí eu entrei no Vocacional e era  $a+1+b+3+4+5$ , aquilo me causou certa confusão. Eu tinha uma professora nissei, até

hoje ela é uma pessoa muito estudiosa, muito. No primário eu era campeão de tabuadas.

**Eliza:** Você se lembra do nome dela?

**Luigy:** Sim: Elza Babá<sup>15</sup>. Ela era, vamos dizer, uma boa professora, bem entendida, mas, posteriormente, soube que metade da minha turma teve dificuldade com ela, talvez não conseguisse atrair, não sei se ela não conseguia “passar”, mas ela não conseguia, ela tinha um olhar inflexível... Tinha alguns alunos, colegas que eram maravilhosos, tinham notas altíssimas com ela, mas eu não. Tenho contato com toda a minha turma e eles falam: “Eu sou da turma que odeia matemática.” (risos).

**Eliza:** Então no Vocacional tinha alunos não gostavam de matemática? Odiavam?

**Luigy:** Sim, pelo menos na minha turma. Nas outras turmas nunca ouvi falar isso, por entrevistas descobrimos que muitos alunos tinham uma paixão pelos professores de matemática. Eu não sei qual foi o professor ou quais professores que ao começarem a trabalhar com equação, o professor chamou a classe e falou: “Nós vamos entrar em equação”. Não sei se no primeiro ou segundo ano, mas ele disse: “Quero que vocês pesquisem durante um mês o que é equação”. Então os alunos foram, pesquisaram em biblioteca, em gibis, livrinhos, apostilas: “O que é uma equação?” “É uma mistura de letras com números e o *escambal*...” Isso levou os alunos a buscar a origem antes de aprender, foram pesquisar, se sintonizar com os assunto. Eu não passei por isso. Depois de um mês de pesquisa o professor pergunta: “O que vocês acharam? Para que serve?” “Para isso, para aquilo...”. E os alunos falavam: “A nossa equipe achou isso e isso”. A outra equipe expunha também.

**Eliza:** Com você não aconteceu isso? Como que eram suas aulas? Expositivas?

---

<sup>15</sup> Elza Babá Akama foi professora de Matemática no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” em 1963 a 1964. Faleceu no dia 29 de janeiro de 2017. “*Dona Elza deixará muitas saudades e a lembrança de ser uma pessoa sábia, humana e extremamente ética em suas ações*”, trecho da homenagem feita pela comunidade escolar Centro Educacional Pioneiro, instituição na qual trabalhava desde 1979. Atuou na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) nos 1970 e 1980 participando da organização dos Guias Curriculares de Matemática – área de Geometria.

**Luigy:** Expositivas, olha aqui e tal, lá, lá, lá... Tinha as Baterias<sup>16</sup>, as provas. Façam isso. Eu pensava: “Meu Deus, sou muito prático, onde eu vou usar isso aqui?” Meu pai tinha um comércio que eu ajudava. E tinha outra coisa, o meu pai na época tinha o quarto ano primário, meu pai olhava para uma parede e falava assim: “Isso aqui tem cinquenta metros cúbicos”. O meu pai fazia esse negócio de cubicagem ou “cubagem”<sup>17</sup> “batendo o olho”. E eu: “Porque que eu não aprendo isso?” O meu pai tinha uma qualidade que não me passou e eu ficava na expectativa de aprender e não conseguia. Então ficava uma frustração. Talvez não fosse culpa do professor, talvez fosse minha. Então as aulas expositivas e a prática, eu passava raspando, na média, abaixo da média e tudo o mais. E essa professora, para alguns, era maravilhosa, para outros era demoníaca. (risos)

**Eliza:** Entendi.

**Luigy:** A única disciplina do Vocacional que eu não me realizei foi essa. Em todos os anos.

**Eliza:** Foi o mesmo professor em todos os anos?

**Luigy:** Eu sei que ela ficou lá um ano ou dois, no máximo, pela inflexibilidade. Para mim era como se a Matemática fosse uma menina feia. Eu não quero nem ver. Outra coisa: a gente fazia aplicações. Não sei se foi com essa professora ou outra. “Como utilizar a matemática?” Uma equipe media a quadra de futebol de salão. A gente pegava a trena e ia medir. Aí descobria: tem tantos metros. A pista de atletismo que a gente usava bastante tem cem metros e assim... Então a gente tinha aplicações práticas, mas eu fiquei meio amarrado nesse sentido. Em Educação Doméstica: um quilo de arroz. “Será que dá para quantas pessoas?” “Quantos almoços na semana?”

**Eliza:** Isso era trabalhado nas disciplinas Matemática e Educação Doméstica? Em ambas?

**Luigy:** Exato, também era levado para Matemática, mas também, como tudo, tinha uma interdisciplinaridade. “Um quilo de arroz dá para quantas pessoas?” Era feito um planejamento. Na minha lembrança talvez, fosse mais, nas aulas de Educação Doméstica porque aprendíamos a fazer cardápio e, o que eu chamaria hoje, de um controle de gasto mensal das famílias. “O seu pai ganha quanto?”

---

<sup>16</sup>Bateria era o nome que se dava ao conjunto de atividades, avaliações e testes, por escrito, referentes ao conteúdo trabalhado no bimestre.

<sup>17</sup> Cubagem: trata-se de um método relativamente simples e, muitas vezes, informal, de calcular volumes.

“Tanto.” “Sua mãe trabalha?” “Trabalha.” “Ganham quanto?” “Que porcentagem do salário gastam com alimentação, aluguel, água, energia, etc...” A gente fazia esses cálculos. Tinha ligação com a Matemática? Sim, claro que tinha!

**Eliza:** Sim, mas quando e onde era feito essas coisas? Como?

**Luigy:** Creio que em Educação Doméstica, pois a professora era muito atenciosa e aberta a perguntas, mas acredito que era levado depois para a matemática, sem a gente perceber... De repente, na prova de Matemática, na avaliação de Matemática, aparecia um problema relativo a isso... Ah tá!... Então... não sou tão burro. O aluno chutou a bola percorrendo tantos metros. Quanto percorreu? Então eu acho que se fosse só na disciplina de matemática eu teria “pirado”. Quando trabalhava numa tela de tecelagem de três metros surgiam questões como: “Quanto de juta ou de tecido são necessários?” “Quantos pregos será que a gente vai ter que usar?” A gente preparava. Tinha muitas coisas. Havia também as aulas de Artes Industriais, aí medir madeira, pesar e etc. Havia as aulas de Práticas Comerciais, fazíamos o caixa da Cantina, havia o Banco Vocacional, todos tinham cheques e sua própria conta bancária. A Cooperativa. Com 14 anos eu fazia o controle de cheques dos negócios do meu pai e eu tinha conta no Banco Auxiliar de São Paulo. Eu assinava os cheques pré-datados, cuidava, listava e mantinha tudo sob controle. E, ao mesmo tempo, era da turma que odiava a matemática...

**Eliza:** Interessante. Luigy, você falou rapidamente sobre avaliação. Você se recorda como eram as avaliações? As disciplinas “*conversavam*” entre si?

**Luigy:** Sim. A cada bimestre ou semestre um tema geral era escolhido. Todas as disciplinas tratariam do tema escolhido daquele período. O conteúdo de cada disciplina seria o foco de cada uma delas. Havia a avaliação da disciplina e uma avaliação geral de conhecimento, não me lembro muito bem se eram bimestrais. Então tinha a avaliação da disciplina, se fosse de Matemática, veria no gráfico a média, tinha: ótimo, superior, acima da média, médio, abaixo da média e inferior. Eram assim os gráficos. Tinha Matemática aqui? Tinha porque a gente trabalhava gráficos e tudo o mais, índices. Éramos levados, querendo ou não querendo, a interagir com tudo isso.

**Eliza:** E isso era exposto para vocês?

**Luigy:** Isso era exposto. Tinha a minha avaliação de conhecimentos gerais, do todo e tinha a minha avaliação de turma. “Bom, o Luigy, em matemática, *vai levar*

*bolo...* Em Educação Física, o Luigy carrega a turma em conceito geral, em Ciências mais ou menos..." e assim por diante.

**Eliza:** E eles falavam ou escreviam em relatórios?

**Luigy:** Primeiro cada um dava sua opinião, depois faziam uma síntese do conceito obtido. Recolhia a opinião da equipe, seis alunos. Entravam num consenso e tomavam uma decisão. O formato das equipes variava de quatro a seis alunos em cada sala com trinta. As divisões variavam de acordo com as escolhas. Por exemplo: "Vocês, no Estudo do Meio de Batatais, não produziram nada, os relatórios não foram nada legais, para mim você está abaixo da média, e vocês o que acham? "Ah, para mim não, eu estava com ele." "Ele devia prestar mais atenção." "Ele só não soube explicar." Tinha a minha avaliação, a avaliação do grupo e depois a avaliação do professor. O aluno poderia ser chamado pelo orientador educacional: "Você não está focado, só está pensando em brincar, namorar e tal... Você não está bem aqui, no restante está tudo bem. Vamos chamar seus pais..."

**Eliza:** Essa avaliação do grupo era em relação às atividades propostas e às disciplinas?

**Luigy:** Era mais abrangente. No Vocacional o conteúdo era importante, mas entrava também o comportamento em geral, a postura, a participação, a interação, a submissão e a criatividade, tudo junto e misturado. Você poderia ser ótimo numa coisa ou ruim em outra, mas você tinha que tentar encontrar um equilíbrio dentro de você. Só que a gente às vezes não via a profundidade disso tudo. As avaliações tinham que ser resultado, uma somatória do conteúdo aprendido, do seu comportamento, de sua interação e do esforço em superar as deficiências. Enfim era também uma ação matemática.

**Eliza:** E as equipes? Como eram montadas?

**Luigy:** Soubemos depois que existia o tal de sociograma. Existia um livro, editado SEV, da orientação educacional, da Maria da Glória Pimentel e Áurea Sigrist. Por um tempo o Daniel dava aulas sobre o tema. Em cada sala havia trinta pessoas. Inicialmente era feita uma espécie de escolha sobre a preferência de cada aluno, com quem gostaria de trabalhar em equipe. Cada aluno fazia sua primeira escolha ou opção. No meu caso, por exemplo, escolhi o Manuel que era meu amigo, segunda opção a Edna, terceira opção, o Marco, quarta opção, o João, quinta opção, e assim por diante... Creio que os orientadores educacionais levavam em conta pelo menos uma dessas opções das minhas escolhas e iam montando o resto

de acordo com a técnica utilizada. Cada um fazia várias escolhas, mas apenas algumas seriam atendidas. Soubemos que havia pessoas que não eram escolhidas por ninguém, mas ninguém ficava sabendo; elas eram levadas para uma equipe mais aberta, mais flexível, porque tinham as crianças tímidas. Eles nos diziam que o ideal é que o aluno se abra, despontasse, colocasse “para fora” os seus talentos, pois cada pessoa tem um talento. Era preciso dar tempo, espaço e oportunidade para cada um desabrochar, este era um trabalho para o orientador educacional.

**Eliza:** Daí o nome Vocacional?

**Luigy:** Sim. O que a gente vem percebendo pelas diversas teses e pesquisas tanto do Daniel como do GT Memória da GVive, foi que no início, o Vocacional havia sido criado para cobrir um espaço do mercado de trabalho destinado ao Ensino Industrial. O Vocacional nasceu de uma abertura do Ensino Industrial. A Maria Nilde, muito esperta, acabou engendrando algumas coisas. Naquele tempo, o mercado de trabalho para mulheres praticamente não existia. Um dos objetivos da criação dos Ginásios Vocacionais era dar lugar para que meninas dos anos 50 pudessem sair do pequeno mundo relativo aos trabalhos manuais como bordar e cozinhar e entrar no mundo competitivo masculino. O Vocacional como sempre inovador, já pensava nessa abertura para que as meninas tivessem uma posição de igualdade ao dos meninos.

**Eliza:** Havia atividades no Vocacional que promoviam a igualdade para meninos e meninas. Por exemplo, os meninos tinham aulas de Educação Doméstica assim como as meninas tinham aulas de Artes Industriais.

**Luigy:** Sim. Eram dadas a todos as mesmas oportunidades de martelar, serrar, pregar botões e tudo o mais. Acredito que para a maioria era uma descoberta. Até então, na minha casa eu pegava o martelo do meu pai, mas minhas irmãs, se eu tivesse, não tocariam. E outra: nas equipes poderiam ser coordenadas por uma menina. A presidente poderia ser uma menina. No início a gente, pensava: “Essa menina vai mandar em mim.” Isso teria tido que ser trabalhado... Lembro de uma passagem: quando uma psicóloga fez uma palestra na escola. Ela disse assim: “Vocês percebem que hoje em dia está em marcha uma série de mudanças, aproximações e diferenciações.” Como? Por exemplo: alguns usavam cuecas do tipo samba-canção<sup>18</sup>. Ela perguntou: “Alguém aqui está usando cueca samba

---

<sup>18</sup> Samba-canção eram as antigas cuecas longas feitas com tecido que vinham quase até o joelho.



canção?” “Ah! Eu aqui!” “Alguém está usando cueca, cortada assim?” “Ah! Eu estou...” “Então sua cueca não é meio parecida com uma calcinha de menina?” (risos). Ela falou assim: “As coisas estão se aproximando, há um processo de mudança”. Isso me marcou.

**Eliza:** Luigy, você pode nos falar um pouco sobre a direção, a coordenação e professores de maneira geral? Você teve algum professor que te marcou? Você acha que eles eram sensibilizados por essa proposta, alternativa para a época? Os professores seguiam as orientações pedagógicas vigentes, ou não? Como era o relacionamento entre eles e com os alunos? Como você percebia isso?

**Luigy:** Lembrando agora, havia duas professoras de Estudos Sociais que me marcaram também A Ofélia e a Mariazinha. Eu gostava muito de pesquisar, eu gostava muito de Geografia e História, principalmente sobre trens. Na verdade, sempre fui muito curioso e isso nos aproximava ainda mais, pois elas nos instigavam a pesquisar. Bom, a gente não entendia muito bem como tudo funcionava. Havia uma diretora. Houve um tempo em que o diretor era o Prof. Joel Martins. Mas só tínhamos contato com ele se a gente extrapolava. Tínhamos um contato maior com a Glorinha<sup>19</sup>, orientadora educacional. Encontrávamos com ela nas reuniões, assembleias, mas ninguém brigava com a gente nem nada. Ela fazia o papel de diretora. Havia também a orientadora pedagógica, mas a gente não entendia muito bem a função delas, o foco dela era os professores. Havia também a Profa. Olga Bechara<sup>20</sup> - orientadora educacional que era como se fosse nossa madrinha. Era como se fosse uma mãezona que nos observava de longe: “O que você está fazendo aí? “Quem mandou você sair?” “O que você está fazendo?” “Está andando, passeando, esperando o trem aí?” “Não, tal e tal”. Está com a gente até hoje, vai às nossas festas, é uma criatura maravilhosa, que nos marcou demais. E a gente depois ficou sabendo, através de leituras, pesquisas e tudo o mais, que a Olga tinha muito trato com a gente. “Oh! Você Luigy, você só pensa em namorar, não dá!” “Você vai ficar namorando, o pessoal vai seguir adiante, você vai ficar para trás e a sua namorada não vai querer ficar com você, um cara sem estudo”. “Você já viu as notas dela e comparou com as suas? Ela esta melhor que você! Ela namora você, você vai ser passado para trás!” Entrava em determinadas intimidades com os

---

<sup>19</sup> Maria da Glória Beraldo Pimentel foi orientadora educacional no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha de 1961 a 1969.

<sup>20</sup> Olga Bechara foi orientadora educacional no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, de 1961 a 1969.

alunos. Fiquei sabendo que alunos iam procurar a Olga para conversar: “Olga estou terminando o terceiro, quarto ano, e na minha família todo mundo segue a carreira de medicina. Eu não quero. Meu pai já falou que assim que eu me formar e vou para Piracicaba, que eu vou pra não sei que lá, já está tudo certo... que eu vou estudar medicina e eu não quero! Eu quero ser artista!” (risos) “Eu não consigo dobrar meu pai!” “Meu pai falou que artista não presta!” (risos)... e aí vai. “Me ajuda, Olga!”... E ela falava com os pais: “Olha as observações sobre seu filho mostram que ele não tem muita habilidade para Medicina ou Ciências Exatas, ele é muito mais prático, ele é muito bom, ele daria muito mais para enfermeiro” (risos) Baixar de nível? Então ela trabalhava no sentido de “quebrar” os pais. A mesma coisa também: “Olha, eu gosto de fulana de tal, mas ela não me “dá bola”. Ela dizia: “Olha, faz assim, faz assado...” (risos)...

**Eliza:** Ela orientava mesmo! (risos) E os professores como agiam?

**Luigy:** Cada um tinha a sua afinidade e habilidade. Então, onde a afinidade “pegava”, a pessoa se juntava. “Professora eu não consigo falar com as meninas! Então se aplica no teatro, vamos trabalhar isso e tal, se joga lá!”

**Eliza:** Vocês tinham aulas de Teatro?

**Luigy:** Sim, isso fazia parte do currículo e para desinibição, comportamento etc. Era do terceiro ano para frente. Os professores, em geral, eram levados a trabalhar os alunos para se soltarem e ao autoconhecimento. Uma das principais coisas do Vocacional era o autoconhecimento. Isso me marcou e foi abrindo portas. E eu gostava disso: “Nossa! Que maravilha!” O objetivo era levar os alunos para se descobrirem, não tanto para ser famoso ou isso ou aquilo, mas para sua realização pessoal, para buscar a sua vocação e realização. Claro que havia famílias que diziam: “Ah! Quero que meu filho seja o melhor em tudo e tudo o mais...”, e às vezes a criança não conseguia superar isso.

**Eliza:** Luigy, tentando entender o universo do ensino e aprendizagem da matemática. Quanto às aulas, a disciplina de Matemática. Havia propostas tão inovadoras para as aulas de Matemática assim como parece ter sido as propostas do colégio como um todo?

**Luigy:** Existia... Agora me lembrei de uma coisa interessante. Aos sábados, uma vez por mês, existia uma atividade chamada: “Projetos”. Uma vez por mês juntavam os alunos da primeira, segunda, terceira e quarta série, para participar de atividade de interesse comum em determinada disciplina. Alguns iam para Ciências,

outros para a Música, Artes Plásticas e daí em diante. Eu fui para os esportes... Acabei sendo campeão de tênis de mesa e atletismo. Creio hoje, que era preciso conter essa coisa da hiperatividade dentro de mim, só que eu não sabia. Juntavam-se os alunos em torno de atividades de suas escolhas pessoais fora do currículo comum. Em Português, faziam, por exemplo, um jornal ou jogral. Na Matemática soube que estavam tentando montar um ábaco, jogavam o xadrez, até fizeram uma apresentação de xadrez ao vivo em que os peões eram os próprios alunos. Pintaram no chão o tabuleiro e fizeram a apresentação vestidos de forma caracterizada. O xadrez é um jogo que simula uma espécie de batalha, onde cada uma das partes simula uma guerra entre dois reis. Existem estratégias de avanços e recuos. Agora quanto às propostas inovadoras para as aulas de matemática, bom... eu não participava muito, então tenho pouco a dizer... Soube também que alunos de outras unidades começaram a construir, o que, na época, chamava-se cérebro eletrônico, não sei se chegaram a concluir... A ideia era construir um robzinho, naquele tempo tinha muito aquela coisa de aviãozinho, então juntava um motorzinho de uma coisa como o conhecimento de quem tinha um aviãozinho e tentavam fazer um robô, era preciso conhecimento de várias coisas, às vezes juntava duas ou três disciplinas ao mesmo tempo. Era muito interessante essa atividade de Projetos, que reunia pessoas de interesse comuns uma vez por mês. No final do ano apresentavam seus produtos. Havia também a Feira de Ciências, onde tudo era apresentado e se fazia trocas de experiências entre os alunos de outras unidades. Os pais eram chamados para ver a produção de seus filhos.

**Eliza:** Sabe o que me chama a atenção? Deve ter sido complicado para um aluno que saía do Vocacional frequentar um colégio tradicional. As ideias e conceitos veiculados ali pareciam ser bem diferentes. Seria muito interessante se essa iniciativa tivesse continuado e se expandido.

**Luigy:** Ah! Sim! A ideia era expandir para o estado inteiro.

**Eliza:** Parece utópico, mas penso que esta sensibilização iria acontecendo, contagiando outros e outros. A escola era provocativa e conseqüentemente provocava e provocaria mudanças na sociedade. Mexia com os valores, com as verdades instituídas socialmente, com as formas de pensar e de se comportar da época. Com os conceitos de gênero, com o conceito de equipe, do coletivo. Parece, talvez seja um pouco ingênuo, que cada um tinha o seu papel e havia o incentivo à cooperação, apesar de, claro, haver competição também.

**Luigy:** Com certeza. Lembrei de um fato que não é do Vocacional: eu fui campeão de tabuada no terceiro ano primário, até então aritmética era uma coisa que eu gostava. Também gostava de Astronomia, cálculos de distância em anos luz, aquilo, distâncias quilométricas e etc... No primeiro ano primário quando eu estava aprendendo sobre os números, eles me fascinavam. Queria saber até onde iriam os números e qual seria a sua utilidade. Nas férias de julho, comprei um caderno comecei a escrever os números: 01, 02, três, quatro, cinco e assim por diante... eu fazia uma página por dia ao voltar das brincadeiras da rua. Ao final do mês cheguei até uns 5.000 e pouco... acabei por descobrir o que seria infinito... Então havia alguma coisa com os números que eu gostava. Mas que no futuro acabou me travando... Era bom em aritmética, de tabuada, problemas e curiosidades matemáticas em revistas e almanaques. Às vezes me perguntava: “Será que perdi esse dom?” Depois me falaram que aritmética e matemática eram coisas diferentes. O meu passado com a matemática parece meio nebuloso. Éramos provocados para pesquisar. Lembrei, a Renata Delduque, da turma de 1968, contou: “O professor de Matemática Antonio Zago deu um mês para o pessoal pesquisar o que era equação”. Penso que se você pode pesquisar você vai achar muitas coisas interessantes, em relação a história, a matemática etc. Eu sempre gostei de coisas do poente, do nascente, das pirâmides, o número Pi. Essas coisas eu tinha fora do Vocacional. Em algum momento isso tudo travou. (risos)

**Eliza:** Para irmos finalizando: Luigy, no período de existência dos Vocacionais, o Brasil atravessava um momento histórico político particular. Os Vocacionais eram atingidos, tocados, influenciados por esse contexto? De que modo você percebia isso? Você poderia descrever algumas dessas percepções ou alguma situação específica que pudesse relatar algo em relação a esse momento político, histórico, social da época?

**Luigy:** No tempo que eu estava no Vocacional a gente passou pela crise de 65, uma batida de frente da Maria Nilde com o Governo Estadual<sup>21</sup>.

**Eliza:** Você como aluno percebeu isso ou foi depois?

**Luigy:** Só depois. Até 65, 66 a coisa não estava tão difícil. Creio que isso passava meio nas entrelinhas para nós alunos em termos políticos. Acho que foi em

---

<sup>21</sup> Adhemar Pereira de Barros foi eleito, pela segunda vez, Governador do Estado de São Paulo, em 1962.

68 com o Ato Número 5<sup>22</sup> (AI-5) que as coisas ficaram piores, porque até então o Vocacional, a Direção do Vocacional era meio audaciosa: vamos fazer e fazia. Com o apoio dos pais, que era muito forte e presente, a diretoria do SEV<sup>23</sup> ia e fazia. Esta participação dos pais foi decisiva para que surgisse o Colegial Vocacional, o segundo ciclo. Soubemos depois que os pais se perguntavam: O governo não vai dar verbas para construir o segundo ciclo? E como as soluções não apareciam, eles encontraram suas próprias soluções: um dos pais apresentou a ideia de doar dois carros zero, dois Fuscas, e fazer rifas. Todos saíram para vender. Eu não estava lá, mas... Então essa autonomia do SEV, essa força, essa coesão entre pais e professores juntos, proporcionava e fazia acontecer muita coisa. Praticamente todos se envolviam. Em 1965, quando o Adhemar de Barros destituiu a Maria Nilde, todas as unidades do Vocacional entraram em greve, ficaram um mês e pouco sem aulas, mas todos os alunos iam para a escola e os alunos mais velhos, tomavam as rédeas, me lembro que a Claudia Alencar<sup>24</sup>, hoje atriz, e outros se encarregavam de criar atividades e aulas para os alunos mais novos na tentativa de cobrir o espaço dos professores que estavam em greve. Não é como a greve de hoje em dia que o professor quer aumento de salário e ele “ferra” com a educação e acaba perdendo a mão com os alunos, pois a falta de aulas rompe um ciclo de atividades, rompe uma continuidade, perdendo a motivação dos alunos para seguirem em frente. Os professores estavam lá e interagiam com os alunos mais velhos: “Vocês nos cobrem?” “Sim!” Então tinha essas coisas... Era uma união, era como se fosse um ser vivo com vários tentáculos, como um polvo.

**Eliza:** Interessante metáfora: um ser vivo, assim, uma coisa única, cada um com a sua função e importantes relações entre elas.

**Luigy:** Isso se refletia também nos pais que falavam: “Eu sou engenheiro, eu posso dar aula”, outro pai: “Sou jornalista”... colocavam-se a disposição para “tapar” os vazios dando aulas e atividades aos alunos.

---

<sup>22</sup> O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur Costa da Silva. Autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus.

<sup>23</sup> SEV - Serviço de Ensino Vocacional.

<sup>24</sup> Cláudia Alencar foi da primeira turma do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, em 1962. Mais tarde, já formada em Artes Cênicas, atuou como professora nos Vocacionais no período de 1971-1975 quando o diretor excluiu esta disciplina do currículo dos Ginásios. É atriz e participou de várias telenovelas brasileiras.

**Eliza:** O aluno cobria como?

**Luigy:** Os mais velhos davam aulas ou orientação naquilo que estavam mais aptos, ou seja, nos esportes, em Artes, nos Teatros, nos laboratórios, na oficina etc. Em 65 a Maria Nilde foi destituída...

**Eliza:** Em 65? No governo Adhemar de Barros?

**Luigy:** O governador Adhemar de Barros colocou outra pessoa no lugar dela. Os pais decidiram que iam não aceitar a imposição. “Não aceitamos. Enquanto essa pessoa estiver aí, ninguém dá aula”. Os professores entraram em greve, mas os alunos deveriam ter aula, pelo menos o mínimo possível. Os alunos mais velhos assumiam as aulas e atividades que podiam para a escola não ficar parada.

**Eliza:** Houve uma articulação entre pais e professores para não aceitarem. Daí foram até o governador ou até a Secretaria da Educação? Todos juntos?

**Luigy:** Ah! Foram. Nós entrevistamos seis mães de alunos, pelo GT Memória da GVive. Eram as mães mais atuantes da época. Foi num chá da tarde que uma das mães contou o fato: “Nós fomos ao gabinete do Adhemar de Barros, ele escutou tudo que a gente tinha a dizer, depois chamou a ajudante de ordem e falou: “Oh! Fulana, por favor, traz sorvete, chocolate, mas leva essas mães de alunos do Vocacional, porque não dá mais, não tenho paciência para ouvir esse pessoal!” Então elas também falaram: “Se o governador nos trata dessa forma, nós somos mães de alunos, então nós vamos radicalizar também!”, foi aí que o apoio cresceu mais, tiveram reuniões, os professores se reuniram na quadra da escola, os pais e os alunos lá... E aí, vamos dizer um mês depois ele voltou atrás, demitiu a Terezinha Fram<sup>25</sup>, que era contrária aos Vocacionais. Você a conhece? A gente não gosta dela. (risos)

**Eliza:** Eu a conheço de nome.

**Luigy:** E aí o pessoal queria fazer uma festa para voltar a Maria Nilde...

**Eliza:** Daí você vê o poder político, a união, a força desse pessoal para conseguir fazer com que o governador voltasse atrás de uma decisão já tomada.

**Luigy:** Isso, isso, isso. Os pais se sentiram empoderados: “Nós podemos!” (risos) Havia, vamos dizer um fortalecimento, um crescimento, de certa forma cada vez maior, alguém falou em cinco meses no filme, daí outra pessoa falou que os

---

<sup>25</sup> Terezinha Fram, diretora da Escola Experimental da Lapa, assume o Serviço de Ensino Vocacional em 1969. A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo nomeia primeiramente um interventor que passou a ser coordenador do SEV, o professor Adolfo Pinheiro Machado, que depois foi substituído pela professora Terezinha Fram, a segunda interventora do Serviço de Ensino Vocacional.

professores ficaram oito meses sem receber. E a Associação de Pais e amigos bancava, ajudava. “Olha você ganha cinco mil’, vamos supor... então a gente empresta mil para você, para você quinhentos” e assim por diante para ir mantendo até que as coisas se normalizassem. Então, vamos dizer para quem estava de fora, diziam: “Esse pessoal é comunista”, não é? Isso criou uma força enorme entre eles. O Vocacional acabou, mas os pais, por exemplo, mantiveram o coral de pais e professores por mais de trinta anos.

**Eliza:** E Luigy, hoje vocês se reúnem, então?

**Luigy:** Sim.

**Eliza:** Participam da GVive professores, ex-alunos, pais e mães de alunos daquela época?

**Luigy:** Temos três pais com noventa e três anos.

**Eliza:** Daqui de São Paulo?

**Luigy:** Daqui de São Paulo. A maior parte é daqui de São Paulo.

**Eliza:** Um dia gostaria de ir num desses encontros.

**Luigy:** Sim, com certeza! São mensais, mas é mais social. Temos também um encontro de confraternização anual. O primeiro encontro anual reuniu, em 2005, seiscentas e cinquenta pessoas entre professores, alunos e pais. Foi uma loucura! E sempre aparece gente nova que não compareceu. Pessoas que dizem: “Mas como, em cinquenta anos, eu não descobri ninguém?” Sempre há um que lembra que parecia estar adormecido. A gente sempre descobre um aqui, outro ali...

**Eliza:** Vocês se reúnem todo ano?

**Luigy:** Reunimos de duzentas a trezentas pessoas conforme o local. Temos um grupo de memória, um grupo de eventos, um grupo de educação e um grupo de cadastro.

**Eliza:** Luigy você não é, atualmente, o presidente da GVive? Você falou que mudou de cargo?

**Luigy:** Já fui presidente e vice-presidente duas vezes. Hoje estou como Diretor sócio-cultural.

**Eliza:** Fale-me sobre a GVive. Quando começou seu envolvimento com o GVive, fale um pouquinho dessa trajetória.

**Luigy:** Em 2005 havia um movimento de um espaço na internet chamado Pátio, um sinônimo do local onde, no tempo do Vocacional, os alunos se reuniam nos intervalos das aulas. Nesse local da web ocorriam contatos, mensagens

iniciadas nos anos 90. Eu apareci na GVive em 2005, no mesmo dia de sua fundação: 05 de agosto de 2005. Sempre gostei de trabalho voluntário. Na época era voluntário no Instituto Vive<sup>26</sup> da Brahma Kumaris e da Associação de Alunos do Alves Cruz<sup>27</sup>, onde meus filhos estudaram. Eu e a Imma, minha esposa, prestávamos serviços lá. Tudo começou, em 1998, com um aplicativo da internet, criado por um ex-aluno do Vocacional chamado “Pátio”, ali as pessoas deixavam recados. Em 1999, Maria Nilde defendeu sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo<sup>28</sup> e veio a falecer uma semana após a sua defesa. Isso, de certa forma, fez com que as pessoas se afastassem. Em 2002, um grupo de professores, Esméria Rovai e outras promoveram um encontro comemorativo de 40 anos da criação do SEV – Serviço de Ensino Vocacional - de 1962 a 2002, na Assembleia Legislativa de São Paulo, e esse evento promoveu um novo agrupamento de pessoas. Foi quando começaram a surgir outras teses e trabalhos sobre os Vocacionais aqui e ali. Em 2001, surgiu um livro de autoria de um pai de aluno de Batatais: “Martinho o Velho e o Tempo Novo”, de J. C. Caio Magri<sup>29</sup>. No ano seguinte surgiu a tese da Tamberlini<sup>30</sup>. A Esméria já vinha fazendo, desde a década de 1980, uma centena de entrevistas com professores, ex-alunos e pais. Enfim a tese dela ficou pronta, uma nova aglutinação aconteceu. O Ari Jacobucci, um ex-aluno de 1962, de Americana fez uma tese e dele surgiu um livro: “Revolucionou e Acabou”<sup>31</sup>. Tudo isso serviu para aglutinar pessoas. Em maio de 2005 um ex-aluno da turma de 1965 que morava no Canadá queria vir para o Brasil e se encontrar com boa parte de sua turma. Foi aí que tudo começou! Procura de nomes, pessoas pela internet... Depois da vinda dele, o pessoal pensou: “Poxa! Se pela vinda dele conseguimos reunir umas duzentas pessoas, com um pouco mais de esforço daria para fazer algo maior. Foi com essa premissa e energia que teve início a ideia para se criar uma associação, a GVive, em agosto de 2005. Nesse dia, o pessoal já tinha pronto um

---

<sup>26</sup> O Programa Vive - “Vivendo Valores na educação” é um programa educacional do Instituto Brahma Kumaris.

<sup>27</sup> O antigo Ginásio Estadual Cerqueira César, criado em 1957 teria seu nome alterado para Ginásio Estadual Professor Antonio Alves Cruz. Recebeu a primeira turma em 1959.

<sup>28</sup> Mascellani, M. N. **Uma pedagogia para o trabalhador**: o Ensino Vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT). Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1999.

<sup>29</sup> MAGRI, J. C. C. **Martinho, o velho e o tempo novo**. Itapetininga-SP: Via Sette Editorial, 2002.

<sup>30</sup> TAMBERLINE, Maria Angela. **Os Ginásios Vocacionais**: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador. São Paulo: Annablume, 2001. Pesquisa com o apoio da Fapesp.

<sup>31</sup> JACOBUCCI, A. M. **Revolucionou e acabou?**: breve etnografia do Ginásio Vocacional de Americana. São Carlos: Compacta, 2002.



estatuto e uma série de ideias, grupos foram formados e assim começamos os trabalhos. Foi justamente nesse dia que eu apareci lá pela primeira vez. Pedi para fazer parte do grupo de memórias, por gostar muito de arqueologia, história e tudo mais... Fazendo parte do grupo de memórias desde então partimos para fazer entrevistas com um grande número de pessoas, para entender, na prática e no olhar das pessoas o que foi o Vocacional. Elas que haviam participado da experiência. Havia muita coisa que eu não entendia bem e que eu queria entender. Havia vazios que eu precisava preencher e acabei me jogando nesse grupo para interagir. Em 2005 teve uma gestão, foi uma gestão de um ano, apenas para implantar. Em 2006 teve uma gestão mais democrática. Convidaram-me para ser o vice-presidente, eu falei: “Eu não quero, eu não sei, não gosto, não tenho jeito para essas coisas”. Eu fugi, fugi, fugi, e no final acabei aceitando. Em 2008, queriam acabar com a GVive e o então presidente disse: “Acho que a GVive morreu e isso não vai mais para frente. Vamos parar”. Juntei um grupo e falei: “Acho que não devemos parar, não dá pra parar, não dá pra parar”. Articulei e convidamos uma professora para ser presidente, mas ela não aceitou e o marido dela também não. Aí me lançaram como presidente, eu não queria aceitar. Acabei aceitando e acabei sendo presidente por duas gestões e mais duas como vice. Pelo estatuto não é possível se reeleger mais de duas vezes, aí entrei como vice-presidente de novo. Terminou no ano passado. Atualmente sou

Diretor Cultural e Social.

**Eliza:** E quem é o presidente e o vice-presidente?

**Luigy:** É o Paulo Ângelo Martins Júnior que já foi presidente em 2006, foi da turma de 1968, e o Luiz Osse é o atual vice-presidente, da turma de 1967. A Imma, que era associada, não estudou no Vocacional, mas se dedica bastante, porque ela gosta de educação, ela assimila e entende que seria mais ou menos por aí uma das soluções para a educação.

**Eliza:** Luigy, você gostaria de falar mais alguma coisa? Algo que deseja deixar registrado em relação aos Vocacionais para então encerrarmos?

**Luigy:** Mais uma coisa, em 2005 o pensamento da maioria era assim: “Precisamos trazer o Vocacional de volta”. Com o passar do tempo entendemos que hoje os tempos são outros. Então, não queremos trazer o Vocacional de volta porque não cabe mais, hoje. Ao mesmo tempo começamos a entender que muita coisa do Vocacional ainda é moderna e aplicável. Então, a gente começou a mirar

nesse foco, no sentido de trazer algumas coisas do Vocacional para o momento atual, para novas situações. E assim fomos atendendo as solicitações e demandas do tipo: “Vocês poderiam vir aqui falar como era o Vocacional?” Muito mais por solicitação do que por merecimento. Fizemos seminários, oficinas e cursos e a coisa vem num crescente, crescente, crescente. As pessoas que assistem o filme do Toni Venturi<sup>32</sup> e ficam encantadas. Eu até poderia estar num outro cargo, mas eu falei: “Não! eu não quero mais saber de administração, de ficar correndo atrás de dinheiro, para manter a GVive em movimento e nem nada!”. Eu quero ter tempo de trabalhar e conhecer algumas coisas que não foi possível realizar ainda, porque daqui uns dois anos, pretendo encerrar minha participação em cargos. Quero trabalhar, mas sem compromisso. Continuarei fazendo, trabalhando, mas sem essa coisa de responsabilidade, que não é fácil.

**Eliza:** Tenho certeza que seu trabalho tem sido essencial para a memória dos Vocacionais. Você foi e ainda é parte essencial dessa história. Luigy, eu agradeço demais pela entrevista, pela disponibilidade, por estar aqui mais uma vez colaborando conosco para que essa experiência seja registrada, seja contada. Muito obrigada.

**Luigy:** De nada.

---

<sup>32</sup> Toni Venturi é cineasta e ex-aluno do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha. Dirigiu o filme “Vocacional: uma aventura humana”, um documentário de 77 minutos lançado em janeiro de 2011.

## 1.5 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM LUCILIA BECHARA SANCHEZ

### *“Opostos que se atraem: firmeza e delicadeza por entre espaços masculinos”*

*Lucília Bechara nasceu em 1936. Estava com 78 anos de idade, quando ocorreu esta entrevista no Hotel Obeid de Bauru - SP<sup>1</sup>, onde acontecia o II Enaphem<sup>2</sup>. No período da manhã, havia participado de uma mesa redonda intitulada “Memórias da Educação Matemática” com Renate Watanabe e Maria Ângela Miorim. Em vários momentos desta entrevista, faz referência a sua participação nesta mesa. Seu rosto, seus gestos, sua voz grave, uma beleza elegante. Sentada à minha frente observo, escuto e me inspiro ao dividirmos uma barra de chocolate. Lidamos nestas horas ou instantes com os fantasmas dos esquecimentos.*

Seu rosto, no vívido círculo da lâmpada, era sem dúvida o de um ancião, mas com algo inquebrantável e ainda imortal. Leu com lenta precisão duas versões de um mesmo capítulo épico.

(Jorge Luis Borges)

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Primeiramente eu gostaria de agradecer imensamente pela participação, por você dispor de seu tempo que, sabemos, é curto, para falar e contribuir com suas experiências sobre os Vocacionais. Estamos tentando trazer à tona, conhecer aspectos dessa experiência tão próxima geográfica e temporalmente falando, mas que, pelo menos eu que sou de Ibatinga, estudo em Rio Claro e nasci em Bauru, não conhecia, não sabia dela, porque acredito, estas vozes, por um bom tempo, de certa forma...

**Lucilia:** Foram caladas. Eu fico feliz de dar este tipo de entrevista porque considero fonte de conhecimento muito boa da experiência do Vocacional, permitindo que se mantenha sua memória.

Nasci em Bragança Paulista, perto do sul de Minas, na primeira metade do século passado, 1936. Meu pai é do século retrasado, 1894, e minha mãe de 1908. Em Bragança, fiz o Curso primário e ginásial no Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Filhas de Jesus, que existe até hoje. Bragança é uma cidade de ladeiras e, na época, o Colégio ficava numa descida, a dois quarteirões da Praça. Meu pai não gostava que fôssemos para a escola “*por cima*”, como se dizia, pela Praça; ele queria que fôssemos “*por baixo*”, porque as meninas tinham que ser bem

<sup>1</sup> Bauru-SP é um município do interior do estado de São Paulo, distante 326 Km da capital. População estimada, segundo dados do IBGE, de 2015, em 366.992 habitantes.

<sup>2</sup> Enaphem – Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/enaphem/index.php?pagina=sobre.php>>. Acesso em: 27 maio 2015.

comportadas. Nós éramos sete mulheres e um homem (o penúltimo) e quando uma irmã queria provocar a outra, ameaçava dizer ao pai que *ela foi por cima*.

Quando terminei o Ginásio, Olga, a irmã mais velha, cursava pedagogia e disse a meu pai: “A Lucília é ótima em matemática, ela tem que fazer o científico, eu gostaria ter feito matemática e não fiz porque só tinha o Curso Normal!”. Meu pai ficou sensibilizado, mas ponderava: “Como vou colocar minha filha num Ginásio do Estado, uma escola mista, com meninos e meninas?” Ficou em dúvida, mas acabei cursando o científico no “Ginásio Estadual Cásper Líbero”.

**Eliza:** Você era a mais nova?

**Lucilia:** Não, eu era a quarta de oito irmãos, a do meio. Com a insistência da Olga, meu pai deixou que eu fizesse o científico em escola pública. Apesar de nascido no século retrasado, ele queria que estudássemos e fizéssemos ensino superior, dizia: “Eu não quero que filha nenhuma minha dependa de homem algum”. Éramos sete mulheres. Imagina um homem do século retrasado, pensar assim! Apesar de rigoroso, com normas e disciplina, ele era, ao mesmo tempo, muito aberto. Mas, tinha outra preocupação: “Se ela não continuar como fica só com Científico? Com o Normal, ela tem uma profissão, ela pode fazer alguma coisa!”. E aí, fiz o Científico e o Normal.

**Eliza:** Juntos?

**Lucilia:** Juntos! Eu fazia de manhã o Científico e à tarde o Normal. Na época, quem fazia o primeiro Científico ficava dispensado de fazer o primeiro Normal, então, eu fiz o segundo e o terceiro Científico com o Normal. O Curso Científico acontecia de manhã, no espaço da Escola Técnica de Bragança. As escolas técnicas e comerciais preparavam para o trabalho e funcionavam à noite. O Normal acontecia, à tarde, no Grupo Escolar onde, pela manhã, funcionava o Primário. Lembro-me até hoje onde funcionavam estes Cursos, tenho saudades e boas lembranças.

Sempre fui uma aluna estudiosa e com muito sucesso em Matemática. Já na pré-escola, Madre Maria, minha professora, gostava de exibir minhas conquistas no cálculo. Na época, os inspetores visitavam a escola e faziam avaliações com os alunos; numa destas visitas, Madre Maria me chamou para fazer uma continha de dividir por dois, (pré-escola, seis anos) e o inspetor ficou animadíssimo de ver como uma menina de pré-escola já sabia dividir! Assim, começou minha autoestima pelo desempenho em matemática.

Lembro também outro episódio. Estava no quarto ano primário, o inspetor foi fazer avaliação das alunas e eu tive que fazer uma conta de dividir, com vírgula. No final eu coloquei a vírgula corretamente e continuei a conta com os décimos, centésimos, milésimos até os milionésimos. O inspetor ficou encantado! Esses dois episódios reforçaram meu gosto pela matemática.

No quarto ano ginásial, tive um professor: o Maestro Kipman<sup>3</sup> (a filha dele foi também professora de matemática no Vocacional - Ludmila Kipman). Ele desafiava as alunas: *“Eu quero ver se vocês são capazes de resolver o último exercício do capítulo!”*, o livro era do Jácomo Stávale. Eu aceitava o desafio e queria ver o quanto eu conseguiria. Esta foi a minha história com a matemática.

Fui fazer o bacharelado e a licenciatura em Matemática, em Campinas, porque meu pai temia uma cidade grande como São Paulo para uma jovem de 18 anos. Em Campinas, morava no pensionato das Filhas de Jesus (as freiras do colégio), na Av. Barão de Itapura (perto do agrônomo). Para ir à Universidade, tomava o ônibus ou o bonde Taquaral, vinha almoçar no pensionato e à tarde voltava para estudar na biblioteca. Tinha o hábito de, à tarde, passar a limpo, em caderno, as aulas da manhã (tinha uma letra muito boa, mas com o tempo e o uso de computadores, ficou péssima). Cadernos de Mecânica Celeste, Álgebra Vetorial, Cálculo Numérico, enfim todos os meus cadernos da faculdade que, hoje, fazem parte do acervo do Ghemat<sup>4</sup>.

**Eliza:** Cadernos da graduação?

**Lucilia:** Sim, da graduação em Matemática.

**Eliza:** Era Unicamp<sup>5</sup>?

---

<sup>3</sup> Maestro Demétrio Kipman, imigrante russo, radicado no Brasil. Nasceu em 14 de fevereiro de 1905. Desembarcou em Santos em 1926. Em 1948, é fundador, em Bragança Paulista, o Colégio Estadual “Casper Líbero”, no qual Demétrio se inscreve e passa a ministrar aulas de desenho – primeiramente como professor interino e depois como professor efetivo. Em 10 de novembro de 1961, o maestro recebe das mãos do então prefeito, Sr. José de Lima, o título de Cidadão Honorário Bragantino pelos serviços prestados à cidade no âmbito cultural. Em 1970 aposenta-se como professor do Estado. Em 23 de novembro de 1977 sofreu um enfarte fulminante. Entre as homenagens póstumas que lhe foram feitas constam o seu nome em duas ruas nas cidades de São Paulo e Bragança Paulista. Fonte: Disponível em: <[http://www.osbp.org.br/historia\\_kipman.htm](http://www.osbp.org.br/historia_kipman.htm)>. Acesso em: 27 maio 2015.

<sup>4</sup> Ghemat – Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil foi criado em 2000. O Grupo, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq, tem como líderes os professores Neuza Bertoni Pinto (PUC-PR) e Wagner Rodrigues Valente (Unifesp - Campus de Guarulhos). Desenvolve projetos de pesquisas que têm como tema a história da educação matemática.

<sup>5</sup> A Unicamp - Universidade Estadual de Campinas-SP – fundada em 1962, foi projetada do zero como um sistema integrado de centros de pesquisa, ao contrário de outras universidades brasileiras, geralmente criadas pela consolidação das escolas e institutos anteriormente existentes. Seu foco em pesquisa é significativo: quase metade de seus estudantes são alunos de pós-graduação, a maior proporção entre todas as grandes universidades no Brasil.

**Lucília:** Não existia a Unicamp, era a PUC de Campinas - Universidade Católica de Campinas, única à época, atual Puccamp<sup>6</sup>.

**Eliza:** Você morava no pensionato de freiras?

**Lucilia:** Sim, no Marial, existiam outros. Eu tinha uma colega que morava num pensionato cujas freiras não usavam hábito, eu achava aquilo maravilhoso. As freiras do Marial (Filhas de Jesus), à época, usavam hábito, com “babador” branco. Três irmãs minhas foram Filhas de Jesus, duas delas já faleceram, hoje as Filhas de Jesus também não usam mais hábito.

**Eliza:** Então, de vocês, três são freiras.

**Lucilia:** De nós sete mulheres, três são freiras. O único homem, o sétimo da fila (José Maria) é professor de Física, na FEI<sup>7</sup>. Veja como minha família é de professores! A caçula (depois do Zé), que se chama Maria José, também é professora, de Física e dá aulas na USP<sup>8</sup>.

A Olga (mais velha) foi para a Pedagogia, três foram para Letras: a Lydia e a Edith fizeram línguas neolatinas e deram aulas de Português e Francês, a Odette fez línguas anglo-germânicas e pedagogia. Enfim, uma família de professores. Sete mulheres e um homem, todos professores! (risos)

Em 1958, quando estava no último ano da faculdade, prestei concurso público para o magistério porque queria ter salário e ser independente. Naquela época, o professor de escola pública ganhava muito bem. Em Tanabi<sup>9</sup>, primeira cidade onde trabalhei em 1959 e 1960, dava 36 horas por semana, o máximo permitido, dava aula todas as manhãs e às tardes, menos quarta-feira, quando aproveitava para fazer compras em São José do Rio Preto. Morava num hotel onde também se hospedavam um juiz e um promotor, o primeiro do Rio e o segundo de São Paulo. Lembro que conversando sobre salário, pude constatar que o meu salário era igual

---

<sup>6</sup> Puccamp - Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP. É uma universidade privada, católica, localizada na cidade brasileira de Campinas e a mais antiga universidade do interior de São Paulo.

<sup>7</sup> FEI - Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana "Padre Sabóia de Medeiros", antiga Fundação de Ciências Aplicadas, é um Centro Universitário brasileiro e privado, de caráter comunitário.

<sup>8</sup> A USP - Universidade de São Paulo - é uma das maiores instituições de ensino superior na América Latina. São 42 unidades de ensino e pesquisa, distribuídos em onze campi: São Paulo (3), Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos e São Carlos (2). A instituição está envolvida no ensino, pesquisa e extensão universitária em todas as áreas do conhecimento. Em 2014 a USP ocupava a primeira posição no ranking das melhores universidades do país e a 131ª posição mundial, de acordo com o Center for World University Rankings (CWUR).

<sup>9</sup> Tanabi é um município brasileiro do estado de São Paulo, na região de São José do Rio Preto, distante 477 km da capital.

ao do promotor e um pouco abaixo do juiz. Você pode imaginar isto hoje: professor, ganhando como um promotor?

**Eliza:** Logo que você ingressou?

**Lucilia:** Sim, quando eu ingressei em 1958. Veja como deteriorou a remuneração da Educação pública. É bom contextualizar: a Escola era seletiva e havia exame de admissão para selecionar os alunos para o ginásio, porque não era obrigatório. No Vocacional, por exemplo, eram mais de 200 candidatos para selecionar 90, no primeiro ano, e 120 nos demais anos. Com a Lei Capanema<sup>10</sup>, o então secundário de cinco anos foi dividido em dois ciclos: Ginásio de quatro anos e depois o Curso Normal ou Curso técnico para os que iam trabalhar e o científico ou clássico para os alunos que pretendiam fazer a Universidade. Antes da Lei Capanema, o secundário era de cinco anos e ia-se direto para cursos de licenciatura. A Manhúcia<sup>11</sup> fez secundário de cinco anos e foi direto fazer Matemática, ela foi da última turma que fez cinco anos de secundário. A Lei Capanema vigorou de 1942 a 1961 quando foi promulgada a LDB 4024/61 que abriu espaço para escolas experimentais.

**Eliza:** Professora, o seu pai era professor?

**Lucilia:** Meu pai era comerciante, tinha loja em Bragança. Ele nasceu em São Paulo, mas os meus avós, imigrantes libaneses, tinham um sonho: que os filhos estudassem. Para fazer o secundário, eles o mandaram e o irmão para uma Escola de Maristas, em Beirute. Meu pai queria fazer Engenharia, mas quando ainda estavam no Colégio, estourou a Primeira Guerra<sup>12</sup> e não conseguindo voltar, ficaram lá os quatro anos da Guerra.

**Eliza:** Ele não teve como vir para o Brasil?

---

<sup>10</sup> Reforma Capanema foi o nome dado às transformações projetadas no sistema educacional brasileiro em 1942, durante a Era Vargas, lideradas pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.

<sup>11</sup> Manhúcia Perelberg Liberman “estudou matemática na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde nasceu. Mudou-se para São Paulo depois de se casar com o artista plástico Alfredo Liberman, onde deu aulas em escolas públicas até os anos de 1980. Foi em um curso com em 1961, com o professor Oswaldo Sangiorgi que conheceu a matemática moderna. Fundou com outros pesquisadores o Grupo de Estudos do Ensino da Matemática (GEEM) e ajudou a redigir o “Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo, que norteava o ensino paulista. [...] Morreu no último dia 07, aos 90 anos, por complicações de câncer. Deixa o marido, dois filhos e cinco netos.” **Fonte:** AMANCIO, T. Mortes: mudou o ensino do Brasil. 2017. **Folha de São Paulo**, Cotidiano, São Paulo, 16 abr. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1875920-mortes-mudou-o-ensino-da-matematica-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

<sup>12</sup> A Primeira Guerra Mundial começou em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918.

**Lucilia:** Ele conta que não teve como. A minha mãe que também estava no Líbano, voltou no último navio que saiu antes da guerra.

**Eliza:** Ela também é libanesa?

**Lucília:** Não, ela nasceu no Rio de Janeiro, na Rua da Alfândega. Meu pai nasceu em São Paulo, no Pátio do colégio. Os dois, coincidentemente, foram para o Líbano antes da primeira guerra. Meu avô materno conseguiu voltar (no último navio) com a família, mas meu pai viveu os horrores da 1ª Guerra: passou fome, viu a miséria e a morte e ele contava estas histórias e nós gostávamos de ouvir. A minha avó paterna queria que os filhos estudassem no Líbano, pois achava que a educação no Brasil era fraca. Meus avós paternos eram também comerciantes bem sucedidos e tinham um comércio lá em Bragança. À época, Bragança era um polo distribuidor para o interior de São Paulo e sul de Minas, tinha atacado e varejo. Fui ao Líbano, visitar a terra dos meus avós, conheci o colégio onde o meu pai estudou e fiquei emocionada. Consegui conversar com o reitor do Colégio que falava um pouco de francês. Comecei a gostar de francês por causa do meu pai. Lá, tentei buscar documentos do meu pai, mas com a Guerra muita coisa se perdeu.

Mas, voltando para minha carreira no magistério, ingressei em Tanabi e lá fiquei dois anos. Todo ano, o professor podia fazer novas escolhas (por transferência ou remoção de Escola), assim em 1961, me removi para Conchas (foi o meu terceiro ano de magistério). No primeiro semestre de 1961, li no Diário Oficial chamadas para dois cursos: o de Matemática Moderna que seria dado pelo professor George Springer<sup>13</sup> e o curso para formação e seleção de professores para os Vocacionais. Resolvi me inscrever nos dois. O de Matemática Moderna era no Mackenzie e o dos Vocacionais, no prédio do Instituto Caetano de Campos, na Praça da República. Fiquei num pensionato na Rua Maranhão, em Higienópolis e dali era fácil pegar o bonde até a Praça da República e ir a pé para o Mackenzie.

**Eliza:** Fazia os dois?

**Lucilia:** Sim. O dos Vocacionais, à noite e o de Matemática Moderna, de manhã. Foi no Curso de Matemática Moderna que conheci os professores George Springer, Alésio de Caroli (professor de Teoria dos Conjuntos), Benedito Castrucci (professor de Geometria) e Jacy Monteiro (professor de Álgebra). Manhucia dizia

---

<sup>13</sup> Em 1961 George Springer da Universidade do Kansas, vem ao Brasil, a convite do Prof. Oswaldo Sangiorge para ministrar um curso aos professores na Universidade Presbiteriana Mackenzie na cidade de São Paulo. Nesse mesmo ano acontece o primeiro curso de Matemática Moderna, realizado pelo grupo de professores do Geem (Grupo de Estudos do Ensino de Matemática).



que também o Catunda estava lá, mas eu não me lembro disto. Conheci o Catunda em Curso de férias na Maria Antônia, gostava muito dele.

No Curso para seleção do Vocacional, tinha aulas com Maria Nilde<sup>14</sup>, Olga Bechara<sup>15</sup>, Joel Martins<sup>16</sup> e outros professores.

**Eliza:** Olga, sua irmã?

**Lucilia:** Olga, minha irmã, que me estimulou a fazer o Curso. Se bem me lembro, o Joel Martins dava Psicologia da Educação, a minha irmã dava Didática e Metodologia e a Maria Nilde dava um pouco de legislação e princípios teóricos que fundamentavam a concepção de sujeito, os valores educacionais e as concepções de sociedade e de educação. Aprendi que a escola tinha que fazer seu Projeto Pedagógico (hoje, exigido por lei e que poucos fazem ou fazem burocraticamente). No Vocacional e nas escolas experimentais como o Vera Cruz<sup>17</sup>, o projeto Pedagógico era obrigatório. A primeira coisa que se discutia era a concepção de sujeito, depois os princípios, valores, objetivos e a concepção de ensino e aprendizagem, sempre com fundamentação teórica.

---

<sup>14</sup> Maria Nilde Mascellani (1931-1999) foi Coordenadora Geral do Serviço de Ensino Vocacional – SEV de 1961 a 1969.

<sup>15</sup> Olga Thereza Bechara foi orientadora pedagógica do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha de 1963 a 1969. Participou junto com Maria Nilde das classes experimentais em Socorro – SP.

<sup>16</sup> Joel Martins (1920-1993) foi diretor do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha em 1962-1963. Nasceu em 27 de março de 1920 e faleceu a 2 de maio de 1993 em São Paulo. Formou-se na Escola Normal Caetano de Campos. Graduou-se, Bacharel e Licenciado, em Pedagogia e em Filosofia, pela Universidade de São Paulo. Fez o Mestrado nos Estados Unidos da América do Norte entre 1949-1950 e doutorou-se em Psicologia da Educação entre 1951-1953 pela Universidade de São Paulo. Kursou pós-doutorado na Universidade de Michigan, Ann Arbor, nos Estados Unidos, entre 1953-1954. Foi professor da Rede Pública do Estado de São Paulo. Assistente da Cadeira de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, integrou, em 1965, o grupo que criou os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, tendo sido diretor de Pesquisas do Centro de São Paulo. Entre 1959 e 1961 assumiu importantes cargos em órgãos internacionais. Em 1959, atuou como especialista em currículo junto à UNESCO; em 1960 como especialista em programas educacionais junto à OEA, e por exercer esses cargos trouxe para o Brasil os fundamentos que viriam estruturar os Ginásios Vocacionais no Estado de São Paulo, experiência pioneira no ensino, interrompida pela Ditadura Militar (1964-1984). Em 1993, quando de seu falecimento, ocupava o cargo de Reitor da PUC-SP. Fonte: Disponível em: <[http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/bio\\_joel.html](http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/bio_joel.html)>. Acesso em: 01 jun. 2015.

<sup>17</sup> Colégio Vera Cruz – Instituição educacional fundada em 1963 em São Paulo. A Escola Experimental Vera Cruz iniciou seu projeto educacional com o compromisso de criar uma prática pedagógica voltada para a realidade. Sua criação atendia à demanda de pais que buscavam um espaço escolar leigo, no qual meninos e meninas tivessem acesso a educação pré-escolar e primária. Em 1963, o Vera Cruz era uma pequena escola, com jardim e pré, localizada no bairro Pinheiros. O início do 1º ano do primário foi em 1964. Em 1971 criam o ginásio e o maternal. Em 2003, o credenciamento do Instituto Superior de Educação Vera Cruz (ISE) e autorização para funcionamento do curso Normal Superior com licenciaturas para Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) são publicados no Diário Oficial da União (Decreto 3860/01, resolução CNE nº 10/0 e Pareceres CNE nº 115/99, CNE/CSE nº 970/99 e CNE nº 9/01).

**Eliza:** O Vocacional estava baseado na teoria de Mounier<sup>18</sup>?

**Lucilia:** Sim, Emmanuel Mounier que conceitua pessoa como o indivíduo inserido num tempo, numa história. O *Core Curriculum* do Vocacional baseava-se nessa concepção de sujeito histórico, inserido num tempo e num espaço, daí a História e a Geografia, centro do currículo. A equipe técnica/docente escolhia um tema e promovia a integração entre áreas. O construtivismo veio um pouco depois, com os seis estudos de Piaget. O Joel Martins ensinava as teses americanas de psicologia da aprendizagem, aprendi muito com ele, foi meu inspirador. Ele fazia avaliação dos professores e me ajudou a ver minhas forças e fraquezas e o quanto eu precisava fazer análise porque eu era muito racional. O Joel foi professor no primeiro curso de formação e seleção de professores e orientadores do qual participei e fui avaliada.

**Eliza:** Então você participou do primeiro curso de seleção de professores do Vocacional, no qual estavam a Maria Nilde, a Olga Bechara e o Joel Martins.

**Lucilia:** Tinha também a Maria Cândida Sandoval de Camargo Pereira e outros. Todos os anos o Vocacional convocava professores que quisessem fazer parte, para um curso de formação e seleção. O Curso divulgava a proposta do Vocacional: os princípios educacionais, a metodologia, os trabalhos e fazia também a seleção.

**Eliza:** Nas diversas áreas?

**Lucilia:** Sim, era um curso de quarenta horas. O Vocacional nasceu de uma lei que permitia criar “escolas técnicas” ou Ensino Vocacional. Por outro lado, a Lei 4024/61 permitia abrir Escolas Experimentais e foi nessa brecha que entrou o Vocacional. Outras Escolas Experimentais surgiram na década de sessenta: o Experimental da Lapa<sup>19</sup>, o Vera Cruz e outras. A vantagem de ser Escola

---

<sup>18</sup> Emmanuel Mounier (1905-1950), filósofo francês, foi o fundador da revista *Esprit*, foi um dos principais expoentes do personalismo cristão.

<sup>19</sup> De acordo com Passos, Ferreira e Matte (2013), “os vestígios do que depois viria a constituir a “Escola Experimental da Lapa” se reportam a 1939, a partir de uma experiência de pré-escola ao ar livre no Parque da Água Branca na cidade de São Paulo, chamada D. Pedro I. Criada pelo Interventor Federal no Estado de São Paulo, Dr. Ademar de Barros, a Escola de Aplicação ao Ar Livre teve origem no Decreto Estadual n.º 10.307, de 13/06/1939, servindo como “centro de educação infantil e escola de aplicação para os alunos da Escola Superior de Educação Física e Escolas Normais”. De acordo com essa legislação, a Escola de Aplicação ao Ar Livre foi constituída de duas classes, sendo uma pré-primária e outra primária, destinadas a ambos os sexos. A legislação determinava ainda que suas aulas deveriam ser regidas por professores normalistas, contratados pelo diretor do Departamento de Educação Física. [...] Alguns anos depois, o Governo do Estado de São Paulo criou o Grupo Escolar Experimental por meio da aprovação do Decreto Estadual n.º 24.430, de 23/03/1955, em substituição à Escola de Aplicação ao Ar Livre D. Pedro I. Constituída por 8 classes primárias e 6

Experimental era a autonomia para organizar o Projeto, mas era exigido prestar contas ao Conselho Estadual da Educação<sup>20</sup> que, aliás, completou 50 anos, agora recentemente. Ele foi o órgão público responsável por regular as Escolas Experimentais.

**Eliza:** Não era para a Secretaria da Educação do Estado?

**Lucilia:** O Vocacional, sim, porque era diretamente subordinado ao SEV (Serviço do Ensino Vocacional). O Vera Cruz, por exemplo, foi experimental até a LDB 9394/96<sup>21</sup> que abriu para a elaboração de projeto pedagógico da Escola com o conceito de Projeto Político Pedagógico, acabando com o termo Escolas Experimentais, porque toda escola teria autonomia para construir o seu Projeto Pedagógico.

**Eliza:** Prestavam contas ao Serviço Educacional Vocacional, o SEV, coordenado pela Maria Nilde, com sede em São Paulo. E o SEV prestava conta diretamente ao Secretário da Educação, não era isto?

---

classes pré-primária, regidas por professoras primárias e pré-primárias, o Grupo Escolar Experimental iniciou suas atividades na Rua Tibério, no bairro da Lapa, cidade de São Paulo, local antes sediado pela Escola de Aplicação ao Ar Livre (SÃO PAULO, Decreto Estadual n.º 24.430/55). De acordo com a legislação que deu origem ao Grupo Escolar Experimental, a instalação de escolas experimentais já estava prevista no Decreto n.º 5.884/33ix, para fins de “ensaio de novos tipos de organização escolar e processos de ensino”. Basicamente, o Grupo Escolar Experimental surgiu do desejo do Estado de São Paulo de possuir um estabelecimento piloto no ensino primário, ou seja, uma escola modelo que servisse de campo para experimentação para novas técnicas educacionais, além de servir como campo de prática, observação e experiência para alunos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de Institutos de Educação e cursos de Magistério. No ano de 1963 a escola passou a denominar-se Grupo Escolar Experimental “Dr. Edmundo de Carvalho”, em homenagem ao seu idealizador. Em 1967, passou a ser Grupo Escolar – Ginásio Pluricurricular “Dr. Edmundo de Carvalho”, passando a constituir o Núcleo Experimental da Lapa. [...] Nos anos 1990, a escola perde seu caráter experimental. Por meio da Deliberação n.º 23/97 do Conselho Estadual de Educação, suspendeu a partir de 1998 novas autorizações de funcionamento de escolas em regime de experiência pedagógica. Portanto, as escolas já autorizadas perdem seu caráter experimental, e deverão se enquadrar à Lei 9.394/96. No ano 2000, com o Decreto Estadual n.º 44.691, de 02/02/2000, a escola passa a se chamar Escola Estadual Dr. Edmundo de Carvalho, firmando-se definitivamente o caráter não-experimental. **Fonte:** Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/10-%20PATRIMONIOEDUCATIVO%20E%20CULTURA%20MATERIAL%20ESCOLAR/ESCOLA%20EXPERIMENTAL%20DA%20LAPA.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

<sup>20</sup> O Conselho Estadual de Educação de São Paulo foi criado em sete de junho de 1963. Órgão normativo, deliberativo e consultivo do sistema educacional público e privado paulista, estabelece regras para todas as escolas sejam elas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, profissional, presencial ou à distância e ainda orienta e credencia os cursos das instituições do ensino superior públicas paulistas.

<sup>21</sup> A Lei 9.394/96 disciplina, direciona e vincula a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social. Possui 92 artigos que passaram, a partir de então, a orientar a educação nacional. Representou um novo momento do ensino brasileiro, garantindo uma educação básica gratuita e obrigatória dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade. **Fonte:** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 20 maio 2015.

**Lucilia:** Era exatamente isto! O SEV estava diretamente ligado ao Secretário da Educação. As demais escolas experimentais tinham que prestar contas para o Conselho Estadual de Educação.

No primeiro curso de seleção de 1961, eu e a Elza Babá fomos selecionadas para a área de Matemática, eu fiquei em São Paulo e a Elza em Americana. No ano seguinte, a Elza veio para São Paulo e acompanhou a segunda turma.

A equipe era avaliada por vários quesitos: identidade com o projeto, perfil, competência didática e de conteúdo etc... Elza e eu trabalhamos muito tempo juntas: eu acompanhei a primeira turma (de 62 a 65) e a Elza a segunda turma (de 63 a 66). Ensinávamos Matemática Moderna, não adotávamos livro, usávamos as fichas, chamadas “Baterias”, inspiradas em trabalhos e/ou publicações de matemática moderna e nas nossas criações e observações, integrando a Matemática com os temas do “*Core curriculum*”. Consultávamos livros didáticos e conceituais do Brasil e de outros países (principalmente franceses). Construíamos o material porque era um currículo totalmente novo e não tínhamos uma sequência de atividades pronta, pois trabalhávamos com temas, objetivos de aprendizagem, competências e conteúdos.

**Eliza:** Um tema que vinha dos Estudos Sociais?

**Lucilia:** Sim, o tema de Estudos Sociais. Depois de muita discussão, escolhíamos um tema que fosse significativo para aquela unidade escolar ou para as unidades escolares. No começo, eram três unidades escolares: São Paulo, Americana e Batatais e depois Rio Claro e Barretos. Maria Nilde me designava para coordenar matemática nos treinamentos que aconteciam todos os anos. Além do treinamento, os professores selecionados, a cada ano, tínhamos uma semana (ou mais) de planejamento que reunia professores e orientadores das várias unidades.

**Eliza:** Todas ao mesmo tempo, em São Paulo?

**Lucilia:** Em São Paulo. Tínhamos palestras, discussões, avaliações e encontros por área. Nesses encontros por área, acabei exercendo o papel de coordenação. A partir de 1966, não assumi turma de alunos e fiquei na coordenação de matemática dos cinco Ginásios Vocacionais, fazendo parte de um corpo técnico de supervisores de área curricular, ligado diretamente ao SEV e à Maria Nilde. Eu era a supervisora de Matemática, Cecília De Lara de Português, Newton Balzan de Geografia, Elza de Nadai de História, Nilza Bitencourt de Educação Doméstica, Ângelo Schoenacker de Artes Industriais e outros. Durante quatro anos em sala de aula, tinha o olhar focado no aluno e a preocupação de construir a partir “do zero”.

Como supervisora, o meu olhar estava na formação dos professores, na construção conjunta do trabalho. “Como vamos construir? “Como construir uma proposta de Matemática, um ensino de Matemática Moderna que seja relacionado com as outras matérias e contextualizado?” Produzíamos o que chamávamos “*aula laboratório*”, era uma aula de conteúdo de Matemática, de um conceito ou uma técnica específica, uma aula, não necessariamente ligada ao tema de Estudos Sociais, isto não quer dizer que os conceitos matemáticos específicos são descontextualizados. Todo conteúdo e estrutura matemática é uma construção histórica e está relacionada com o conhecimento historicamente construído e isto era muito claro no Vocacional, mas na aula laboratório podia aparecer descontextualizado.

Quando íamos a uma aula de Práticas Comerciais, por exemplo, onde os alunos faziam planilha de gastos, com receitas e despesas, discutíamos com os alunos a utilização dos números naturais, racionais e as diferentes formas de representar com frações e decimais. Discutíamos o porquê de duas casas decimais na representação da moeda, assim como o sentido da estrutura ensinada, a utilização e o exercício para fixação.

**Eliza:** Como?

**Lucilia:** Às vezes, um problema estava relacionado um conteúdo matemático ou da história da matemática. Outras vezes o problema vinha de outras áreas ou disciplina e chamávamos de “problema gerador”. O “problema gerador” levantava uma pergunta que se desdobrava quando na busca de soluções. Nós professores precisávamos instrumentalizar o aluno para resolvê-lo, desenvolvendo competências. Outras vezes, os alunos já tinham a competência matemática para resolver o problema e ele, então, aprendia a usar o conhecimento para compreender e aplicar o seu conhecimento em novas situações.

Problema Gerador vinha de uma temática de Estudos Sociais. Era a equipe de Estudos Sociais que se reunia para sugerir um tema importante e de interesse dos alunos como: os alunos precisam conhecer sua comunidade; saber como ela é; saber o que acontece no seu entorno; como circula o comércio; que equipamentos são importantes; como é o entretenimento etc. Os professores de Estudos Sociais traziam o tema e a importância dele e nós professores problematizávamos a partir de nossas áreas. Em Matemática, por exemplo: “Qual é a área do Brooklin?”(Bairro do Oswaldo Aranha), “Qual é a distância da escola até minha casa?” Quantos

habitantes tem São Paulo hoje, e o meu bairro? Qual o índice de crescimento? Qual a densidade demográfica?

As questões levantadas exigiam buscar ferramentas matemáticas conhecidas ou desenvolver uma competência matemática para responder aos problemas. É essa interação da qual eu falo. Não é verdade que “eu conheço a matemática e então eu aplico” ou “eu preciso resolver um problema e então vou construir os instrumentos”.

E mais, um problema que é do adulto ou do professor pode não ser um problema para o aluno. Tem que ser gerado também pelo aluno que se acreditava ser protagonista da sua aprendizagem. Isso é uma coisa que eu aprendi no Vocacional: o aluno tem que ser sujeito da sua aprendizagem. Uma questão muito forte no Vocacional era a do desejo de aprender: a motivação, segundo os comportamentalistas e o desejo, segundo os psicanalistas: tenho que querer aprender, tenho que ter paixão pelo conhecimento.

O Vocacional se identificou mais com o Construtivismo e a Psicanálise. Tínhamos certo preconceito com o pragmatismo Americano acentuado com a ditadura militar e toda a situação gerada com a Marcha pela Família<sup>22</sup>...

Assim, Estudos Sociais definia a questão, por exemplo: “precisamos conhecer nossa comunidade.” Como fazer para despertar no aluno o querer conhecer sua comunidade? Que perguntas fazer para eles? Reuniam-se todas as turmas da série com todos os professores e lançava-se a questão. Era a Aula Plataforma. Abríamos para os alunos fazerem perguntas que, estimulados, se posicionavam e questionavam. Nessa interação, o professor orientava o aluno a organizar as perguntas e isso foi uma sabedoria do Vocacional. Todos juntos, constituindo um elenco de perguntas e organizando-as. A partir daí, nas atividades das áreas, os professores diziam, por exemplo, “essa pergunta não vai dar para responder agora, temos que aprender isto ou aquilo”. Em Matemática, organizávamos Aulas Laboratório, em que se aprendiam novos conteúdos e novos instrumentos matemáticos para resolver as questões. Esse é um exemplo de como lidávamos com um tema (problema) gerador e os temas específicos das disciplinas.

---

<sup>22</sup> Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi o nome dado a uma série de manifestações que aconteceram no Brasil entre março e junho de 1964, organizadas, principalmente, por setores do clero e por entidades femininas em resposta a uma suposta ameaça comunista com o discurso do então Presidente João Goulart, no Rio de Janeiro, no dia 13 de março do mesmo ano.

As Baterias eram construídas para compreender, ampliar e fixar os conteúdos com os problemas levantados. O conteúdo era também aplicado em outras áreas, não necessariamente ligado ao tema do *Core Curriculum*. Era o que chamávamos de Problema de Aplicação. Acreditávamos que para fixar um conhecimento, precisávamos de um número grande de situações.

A programação não era linear, recorriamos a situações concretas, para aplicar ou compreender um conteúdo formal e vice versa. Assim, por exemplo, a aprendizagem da leitura de mapas e plantas em Estudos Sociais era utilizada para formalizar as coordenadas cartesianas. Num mapa da cidade de São Paulo, buscávamos o meridiano e os paralelos próximos e depois fazíamos a relação com as coordenadas cartesianas; associávamos o número positivo e negativo à direção leste e oeste: para leste positivo, para oeste negativo ou sentido horário e anti-horário. O meridiano de Greenwich era associado ao ponto zero de um sistema de coordenadas.

O mapa não era colocado na parede, e sim no chão, para evitar a associação norte em cima e sul embaixo. Buscávamos com uma bússola localizar as direções: norte, sul, leste e oeste, com perguntas como: “Onde nasce o sol?”, “Como associar a sombra à direção do sol nascente?” e assim posicionávamos o mapa. A ideia de norte em cima e sul embaixo atravessava uma questão ideológica que nos preocupava e Maria Nilde, que tinha posições revolucionárias, queria fazer compreender que uma convenção pode ser mudada. O Vocacional questionava sempre: por que é assim? Pode ser diferente? Vale a pena mudar? Para quê? Como é que a gente pode interferir para mudar, para transformar?

O Vocacional trabalhava com círculos concêntricos de aprendizagem, assim, na 1ª série ginasial, localizando no mapa o bairro ou vendo no bairro as ruas, associam-se, em matemática, os paralelos e meridianos. Na 2ª série, quando se vai estudar os números negativos, os paralelos e meridianos da localização são retomados para ensinar as coordenadas cartesianas. Assim as questões são recorrentes e ampliadas.

A Guerra Fria, por exemplo, foi o tema gerador, na 3ª série se não me engano. Então, tínhamos que pensar em aplicar conceitos já conhecidos: medidas, localização (de mísseis), formas geométricas planas e espaciais e ao mesmo tempo tínhamos que elaborar ideias novas como: trajetórias, trajetórias parabólicas ou elípticas dos mísseis.

Eu penso que, se tivesse trabalhando no Vocacional hoje, eu seria um pouco mais arrojada. À época eu era jovem, tinha meus 24 anos, e procurava os temas que eu conhecia e que estavam nos programas curriculares. Era muito preocupada com as competências matemáticas esperadas para os alunos e com a didática, então eu me preocupava com os conteúdos tradicionalmente esperados e buscava dar significado a eles. A nossa reflexão era sobre o significado dos conteúdos tradicionais e de como significá-los para os alunos, por exemplo: “Para que serve o máximo divisor comum?” “Por que reduzir ao mesmo denominador?”, entender o que é divisor, o que é múltiplo e trabalhávamos as relações “ser múltiplo de”, “ser divisor de” e o que são relações inversas: assim se 2 é divisor de 4, então 4 é múltiplo de 2, se A é maior que B, então B é menor que A. Trabalhávamos o conjunto dos divisores e múltiplos de um número, a decomposição em fatores primos e sua aplicação na divisibilidade e nas medidas de tempo e espaço. Estávamos assim preocupados com as competências matemáticas básicas para a faixa etária, mas com significado.

Os alunos trabalhavam muito em grupo e dificilmente na sala de Matemática as carteiras estavam arrumadas em “linha e coluna”. Fazíamos grupos de cinco, três ou duplas. Os exercícios de fixação, por exemplo, eram realizados em duplas porque achávamos que o colega era um estímulo e um apoio. Formávamos grupos heterogêneos para um problema mais complexo ou para discutir e negociar um plano de trabalho e os colegas do grupo eram escolhidos ou sorteados depois da explicação do trabalho. Os professores, discutíamos com a coordenação como formar grupos.

**Eliza:** Em que momento os professores discutiam essas coisas?

**Lucilia:** Nós tínhamos 40 horas de contrato na escola para 20/28 aulas. No período em que não dávamos aula, nos reuníamos entre nós. Para se planejar o bimestre e a “Aula Plataforma”, a reunião era com todos: diretor, coordenadores e professores.

**Eliza:** E os pais?

**Lucilia:** Os pais eram envolvidos através de espaços de reuniões, trabalho e convivência, procurando entender o sentido das atividades e como participar e acompanhar a educação do seu filho. Para os pais compreenderem o que era Matemática Moderna e para que mudar, demos um curso com a participação de um pai de aluno que era professor da USP, Carlos Lira. Convidamos também



professores como Leonidas Hegenberg<sup>23</sup> que ministrou algumas aulas de Matemática Moderna. Deve haver no Ghemat, Curso de Matemática Moderna para Pais<sup>24</sup>. Os pais queriam entender o que os filhos estavam aprendendo, ouviam falar em sentença aberta, sentença fechada, conjunto verdade, intersecção etc e ficavam aflitos, então trazíamos os pais para compartilhar e compreender. No Vocacional, o nível socioeconômico dos pais era bem variado, tínhamos pais professores universitários e pais analfabetos e demos o curso de Matemática Moderna para todos.

Como estava relatando acima, discutíamos muito entre nós e desenvolvemos procedimentos interessantes. Sobre a formação de grupos, lembro-me, por exemplo, do sociograma: cada aluno listava quatro nomes com quem gostaria de trabalhar, a partir destas escolhas, o orientador fazia um organograma para organizar as equipes e observava os alunos mais ou menos escolhidos e por quem. Trabalhávamos com estes dados para compreender as relações entre eles e desenvolver a socialização. Os mais escolhidos eram “cabeças de chave” e líderes das redes de alunos, os menos escolhidos eram trabalhados. O Vocacional entendia a escola como espaço de socialização. Acredito ter sido uma das primeiras escolas que entendeu essa função da escola, além de ensinar a ler, escrever, contar e desenvolver as competências acadêmicas. Avaliávamos as dificuldades, a interação entre eles, a colaboração de cada um no grupo. Chegamos a perguntar para o grupo: “quem vocês querem que coordene esse grupo?” Propúnhamos que os alunos escolhessem ou elegessem o coordenador. Os trabalhos coletivos exigiam organização de tarefas e liderança. A competência de cada um era exercida à sua maneira.

Quando se tratava de fixar e desenvolver competências, os grupos eram mais homogêneos; quando se tratava de problematização, os grupos eram heterogêneos para que houvesse interação e negociação entre as várias competências.

**Eliza:** Trabalhavam todas essas coisas?

---

<sup>23</sup> Leonidas Helmuth Baebler Hegenberg (1925-2012) foi um importante divulgador da lógica no Brasil. Dedicou-se à Filosofia da Ciência, difundindo as ideias de Popper no Brasil. Publicou mais de 50 textos em jornais e revistas e traduziu mais de 50 obras em filosofia da ciência, epistemologia e lógica.

<sup>24</sup> Curso de Matemática Moderna para Pais.

**Lucilia:** Tínhamos boas consultorias, porque só uma boa estrutura não é suficiente e só competência também não. Assim tínhamos consultoria com profissionais sobre socialização, trabalho em grupo, liderança.

Os espaços físicos também eram pensados em função da proposta pedagógica. O Oswaldo Aranha, por exemplo, tinha salas grandes para artes plásticas e industriais, espaço adequado para práticas comerciais e educação física. Tínhamos também salas ambientes de Matemática com sólidos geométricos, figuras planas assim como objetos e exposição de trabalho de alunos e outros.

Abordávamos também questões ideológicas, no tema da Guerra Fria surgia a questão: comunismo ou capitalismo? Surgiam questões sobre o risco de uma guerra nuclear, o lançamento de mísseis, a questão das negociações, o risco de uma terceira guerra. E os alunos traziam imagens importantes sobre estas questões.

Entrevistavam os avós, os pais, vizinhos etc sobre o que sabiam e quais suas posições e traziam dados do seu ambiente. Levantou-se em aula a questão do Sputnik e os alunos assistiram a um filme, surgindo a curiosidade de como se lança um foguete.

O conhecimento ia se construindo e ampliando com a integração entre as áreas. Por exemplo, o professor de Ciências tratava de aceleração da gravidade e atração dos corpos no lançamento de um projétil: a força da gravidade o faz cair, mas se se põe muita força, o projétil pode sair da ação da gravidade e girar, atraído por outros corpos. A partir daí, abria-se, em Matemática, espaço para falar de geometrias não Euclidianas, particularmente a geometria de Riemann e levantava-se a questão: “O que seria um segmento de reta na superfície da terra? Depois de muita discussão, os alunos concluíam que quando eu desenho no chão, estou desenhando numa superfície “curva”, mas a vemos como uma superfície plana. Pegávamos então uma bola e começávamos a desenhar triângulos e outras figuras planas na superfície da bola a partir do pressuposto de que o segmento é do “círculo máximo”. “Como fica então um quadrado na superfície de uma bola?” “O que são as paralelas nesta superfície?” Pegávamos também bexigas onde os alunos desenhavam quadrados, triângulos, círculos. “Como são os ângulos? E a soma dos ângulos internos de um triângulo? Como medir o ângulo?” Nem todas as questões eram levantadas e respondidas por todos. Alguns grupos avançavam e entrávamos no universo interplanetário: “Quais são os planetas? Onde eles se localizam?” E fomos a uma sessão no Planetário do Ibirapuera.

**Eliza:** Um problema suscitava várias questões, em diversas áreas, inclusive na área de Matemática. Hoje há dificuldades, inclusive em trabalhar a questão do contexto.

**Lucilia:** Muitas vezes um jogo pode ser um contexto interessante. Por exemplo, trabalhar o sistema de numeração, comparando uma quantidade expressa em diferentes bases num jogo, pode ser um contexto mais significativo para o aluno do que aplicar números na compra de uma televisão. O jogo é uma forma de contextualização, além de incluir o protagonismo do aluno. Muitas vezes o contexto colocado não tem significado para o aluno, é um contexto do adulto. Por isso é sempre bom refletir: de qual contexto estamos falando?

**Eliza:** Existem textos matemáticos e problemas que sugerem a situação de alunos fazendo compras no supermercado, mas, normalmente não é o aluno que vai ao supermercado, normalmente são os pais.

**Lucilia:** Exatamente. Muito mais interessante seria fazer uma Festa Junina e o aluno imaginar fichas em situações como: cada três fichas amarelas podem ser trocadas por uma azul, cada três azuis por uma vermelha etc. É um contexto significativo para o aluno trabalhar a contagem e compreender o sistema de numeração.

**Eliza:** Podemos falar sobre o momento histórico político da época, década de sessenta, 1964, quando se instaura a Ditadura Militar no Brasil?

**Lucilia:** Antes gostaria de falar da avaliação. Fazíamos a avaliação de várias formas e perspectivas, além da prova individual (nem sempre marcada). Por exemplo, na correção e discussão das Baterias, em classe, o professor atribuía também uma nota de participação, observando as perguntas, se facilitavam a compreensão do grupo, se agregavam outras formas de resposta. Era considerada a competência de fazer perguntas e interagir com o grupo.

Havia também a autoavaliação: reuníamos os alunos em grupo e cada um falava de si: “eu participo do grupo ou não, eu confio muito em mim ou não, fico esperando as respostas etc.” e os colegas referendavam, acrescentavam ou divergiam. Entendíamos que a pessoa se constitui num processo de socialização. A avaliação era qualitativa e tinha o objetivo de promover a aprendizagem do aluno e o autoconhecimento. Cada aluno recebia uma ficha descritiva de sua avaliação, ao final de cada bimestre.

**Eliza:** Havia reprovação?

**Lucilia:** Sim, havia reprovação, mas era muito raro. No Conselho de Classe, olhávamos o aluno como um todo nas diferentes áreas. Lembro-me de um aluno que tirou B, apesar das competências acadêmicas serem A, porque não colaborava com o grupo e gostava de desfazer da competência dos colegas; a competência pesava tanto quanto a interação. Aprendi no Vocacional a olhar os alunos de forma integral, alunos que na minha área eram um brilho e nas outras áreas não. Aprendi a lidar com a diversidade, apesar de ser muito exigente.

Um ex-aluno lembrou o dia em que, revoltado com a minha dureza e exigência, teria ouvido de mim o seguinte: “uma pessoa caminhava perto dos trilhos de um trem e de repente alguém chegou por trás e a empurrou; bateu a cabeça na parede, arranhou-se toda e ficou brava com quem fez isso com ela. A pessoa que fez isto então lhe disse: você não estava vendo o trem que ia passar e eu te livre de morrer debaixo dele. Minha bronca com você é para tirá-lo de um perigo maior”.

Nos Conselhos de Classe do Vocacional, aprendi a lidar com a diversidade, a ser menos dura com aluno fraco em Matemática, a ser menos entusiasmada com aluno ótimo. Um dos valores dos Vocacionais era cuidar da formação integral do sujeito que muito se fala e pouco se aplica: olhar o aluno integralmente. A retenção (nós assim chamávamos a reprovação) acontecia quando avaliávamos ser melhor para o aluno mais tempo para aprender e se relacionar ou se precisava de um grupo no qual interagisse mais. Diferentemente de outras escolas, à época, a reprovação era mínima, o que financeiramente compensava para o Estado. Era um argumento para justificar o gasto financeiro do Projeto, era a contrapartida: gastava-se mais no Vocacional, mas o rendimento era maior, portanto economizava-se por outro lado.

**Eliza:** Então podemos falar um pouquinho sobre a questão desta época, em particular, que o Brasil atravessava em 1964 com a ditadura militar? De que forma os Vocacionais eram atingidos, tocados, influenciados por este contexto? A Sr<sup>a</sup> poderia me descrever algumas dessas percepções ou acontecimentos dos quais se lembra, que caracterizaram esse momento histórico político da época?

**Lucilia:** O golpe militar aconteceu no dia 31 de março de 64. Neste ano já tínhamos alunos de primeiro, segundo e terceiro ano ginásial, entre 11 e 14 anos de idade. Alguns professores foram para a rua na Marcha pela Liberdade e conversavam sobre isto com os alunos.

**Eliza:** Inclusive dos Vocacionais?

**Lucilia:** Sim. Foram alunos e professores, do Vocacional, alguns professores eram militantes de esquerda. Particpei de um grupo que se reunia semanalmente para discutir militância política. Deixei o grupo quando foi decidido aderir à luta armada e eu não compartilhei da ideia, achava que deveríamos trabalhar a conscientização, formar lideranças, negociar e vencer pela educação, pelo discurso e pela política. Tivemos colegas que foram para a luta armada, alguns foram presos, um assassinado e outros confrontaram, acreditando ser esta a única saída.

A discussão acontecia em vários espaços, inclusive na sala de aula com os alunos, analisando estratégias diferentes para atacar a ditadura e conquistar a democracia.

Meu marido trabalhava no Vocacional de Americana e o conheci num encontro de “resistência” dos Vocacionais quando o Secretário da Educação de São Paulo quis colocar um aluno no Vocacional, sem passar pelos processos regulares, e Maria Nilde não aceitou. Isso foi em 64, era o início do governo militar. A Maria Nilde resistiu a aceitar a matrícula e convocou os pais (nós tínhamos pais que eram abertos e contra o regime militar e a arbitrariedade). Tivemos uma grande assembleia quando foram convocados professores e coordenadores de todas as unidades para reforçar a posição, os princípios e os valores do Vocacional. Esse foi um momento importante porque reforçou a ideia de que não podíamos ceder. O Vocacional era uma escola de pensamento libertário e vivia-se um clima de desconfiança. Vieram coordenadores e professores de todas as unidades: “Não, o Vocacional tem ética e tem critérios e estamos defendendo o direito de todo cidadão.” À primeira vista, isto poderia parecer ser só benefício pessoal, mas mostrava a força da ditadura.

O Nelson, que era professor de Educação Física em Americana, veio para essa assembleia, foi quando nos conhecemos e nos encontramos pela primeira vez, mas eu pensava: “Não sei se eu quero me casar”. Lembro que quando ele me perguntou: “Você não quer se casar comigo?”, eu falei: “Essa foi a pior coisa que você podia ter falado, casar não está nos meus planos. Quero continuar sendo sua amiga.” Entretanto, nos casamos em maio de 68. Eu já tinha programado participar de um congresso de educação matemática em Gandia<sup>25</sup>, na Espanha, neste ano. Logo que voltei da Europa, em 31 de maio nos casamos, inclusive o tecido para o

---

<sup>25</sup> Gandia é uma cidade da região de Valência.

vestido de noiva foi comprado na Inglaterra. Esta viagem que eu e Ana Maria<sup>26</sup> tínhamos programado pela Europa acabou sendo uma despedida de solteira. Ana Maria era pedagoga e gostava muito de matemática, dava aulas de matemática no primário e trabalhava na formação de professores. Conto sempre com orgulho que Ana e eu estávamos em Paris, num hotel de estudantes no “*quartier latin*” no histórico dia 8 de maio de 1968, e com emoção vimos tudo de perto. 31 de maio de 1968 eu estava casando no Brasil e minha filha nasceu em fevereiro de 1969.

Com a ditadura militar, os governadores eram nomeados (interventores) e a partir do episódio da matrícula, começou um clima tenso no Vocacional. Além dessa relação difícil da Secretaria da Educação com o Vocacional que tinha muita autonomia, começamos a perceber no Vocacional atuações de pessoas tanto de esquerda como de direita (como acontecia em muitas organizações, principalmente nas universidades).

Pessoas se inscreviam para trabalhar como professores, orientadores ou assessores com a intenção de fazer militância política (de esquerda ou direita). Vivemos um período bastante difícil de desconfianças múltiplas e mútuas: quem é quem e a serviço de quê? As reuniões eram tensas. Eu me lembro de colegas do Vocacional que começaram a criar espaço de militância, num tempo em que se começava um movimento de se aliar a uma ou outra tendência, mas não se sabia bem quem era de esquerda e quem era de direita e isso eu só descobri depois.

Minha leitura hoje, difícil de ver na época, é que alguns militantes de direita e/ou anticomunistas envolveram a Maria Nilde. Este grupo, que eu chamo de direita ou que ambicionava o poder, influenciou a Maria Nilde contra alguns supervisores de área, no caso: eu, Nelson Sanchez, Newton Balzan, Cecília De Lara e Luis Orlandi, consideradas pessoas fortes, opinativas e questionadoras. Diziam que com nossos questionamentos, queríamos desautorizar a Maria Nilde e fomos, então, demitidos por “desacato à autoridade”. Eu não acreditava no que estava acontecendo e pensava: “O que aconteceu? Maria Nilde, tão companheira e confiante neste grupo, de repente nos manda embora por desacato à autoridade?” Penso que Maria Nilde ficou um pouco perdida.

O jogo das posições, ou melhor, das oposições políticas foi dividindo internamente o grupo e quando saímos chegamos a dizer: “Maria Nilde você está

---

<sup>26</sup> Ana Maria Prícoli Bueno.

sendo enganada”. O outro grupo provavelmente diria: “Esses profissionais não te respeitam, eles querem mandar!” Um jogo político que só mais tarde se conseguiu ver. Naquele momento ficamos com muita raiva da Maria Nilde e dizíamos: “Que absurdo! a Maria Nilde não nos respeitou!” Afinal ninguém confiava em ninguém e não se sabia quem era amigo e quem era inimigo. Isso aconteceu em vários lugares, não só no Vocacional. Não se sabia quem era quem. Quando saí, me perguntavam: “Como, Lucília, você saiu? Está traindo a Maria Nilde?” e chegaram até dizer que fui “dedar” a Maria Nilde no Dops<sup>27</sup>. Havia muito ruído, uma montagem de guerra.

Assim que saí, no final de 1968, fui chamada pelo Dops para ser interrogada. Estava grávida da minha primeira filha, que nasceu em fevereiro de 1969, confesso que não sei se fui chamada porque achavam que eu era de esquerda ou se para “entregar o jogo”. Alguns me diziam: “Eles a interrogaram por que queriam que você delatasse”, o alvo deles era a Maria Nilde. Hoje, no meu entender, acho que a Maria Nilde não se deu conta e acabou mandando embora os que poderiam apoiá-la. Este talvez tenha sido o jogo: dividir o grupo para reinar. Essa história é longa e valeria outra entrevista, estou sintetizando.

Maria Nilde mandou embora os que eram “braço direito” e poderiam apoiá-la. Ela ficou um pouco sozinha e foi mais fácil a invasão. Essa é a leitura que eu e alguns fizemos depois. A mira era o Vocacional, um projeto com princípios e valores libertários com uma forte liderança - Maria Nilde - católica de esquerda. Com a invasão do Vocacional, os militares entraram literalmente em todas as unidades e Maria Nilde foi presa e torturada. Então veja, no meu entender, tentaram isolar a Maria Nilde para ficar mais fácil a invasão. Esse parece ter sido o jogo. Os anos em que trabalhei no Vocacional, de 1961 a 1968, foram muito produtivos.

Para saber um pouco de como foi fechado o Vocacional vale a pena ver o documentário: “Vocacional, uma aventura humana” de Toni Venturi, ex-aluno. É um filme lindo!

A tática de enfraquecer o grupo, colocando uns contra os outros aconteceu não só em São Paulo, meu marido que trabalhou em Americana conta um pouco como foi esta história lá.

Não cheguei a ser torturada, não sei se porque viram que eu não tinha nada a declarar ou se porque meu marido, quando professor de Educação Física no

---

<sup>27</sup> Dops - Departamento de Ordem Política e Social.

Vocacional de Americana, teve contato com o Exército para os acampamentos com alunos e conseguiu evitar que eu fizesse mais depoimentos com o pretexto de que eu estava grávida. Foram momentos bem difíceis.

No meu entendimento, a perseguição ao Vocacional tem a ver com a proposta educacional de “fazer cabeças mais abertas e reflexivas”, pessoas que pensam, questionam e refletem. Era um projeto perigoso para a ditadura e devia ser destruído. É assim que eu vejo a extinção do Vocacional que tinha profissionais competentes e com diferentes tendências políticas.

**Eliza:** Agora vamos ver algo mais do roteiro, do que deixamos de falar. Quanto às propostas didáticas para o ensino de Matemática, quer dizer o que propunham os Vocacionais? Havia uma legislação específica, existia um currículo? Como essas coisas se davam no Vocacional?

**Lucilia:** O Vocacional tinha autonomia e nos orientávamos pelos princípios e filosofia humanista de Emmanuel Mounier em que o indivíduo se constitui em sociedade e não isoladamente. Em sociedade ele aprende e se transforma.

A programação específica de Matemática levava em conta os conteúdos e competências esperados para o curso ginásial, à luz dos novos conceitos da Matemática Moderna.

No 1º ginásial ensinávamos: números racionais na forma de fração e na forma decimal, geometria e medidas planas. No 2º ginásial: números inteiros (negativos), equações de 1º grau e um pouco de geometria (segmentos de retas e figuras planas), no 3º ano: números racionais negativos, sistemas de equações, polinômios na parte de Álgebra, e a Geometria dedutiva, particularmente a congruência, no 4º ano: números reais, o pi, equações de 2º grau, geometria dedutiva, homotetia e semelhança.

Estes conteúdos eram motivados pelos temas e/ou aplicados a eles e ensinados à luz dos novos conceitos da Matemática Moderna que estavam chegando, à época, com a liderança do Prof. Osvaldo Sangiorgi<sup>28</sup> que acompanhou a experiência do Vocacional. Ele tinha a porta aberta para ver como trabalhávamos e teve a oportunidade de observar o que e como funcionava a matemática moderna

---

<sup>28</sup> Osvaldo Sangiorgi, em 1960, toma a dianteira das propostas de modernização no ensino secundário brasileiro. (VALENTE, 2008)



na sala de aula. Nossa inspiração era Luciene Felix, os grupos americanos: SMSG<sup>29</sup> (forte fonte inspiradora), assim como o grupo de Max Bieberman e particularmente os trabalhos e pesquisas dos Irem<sup>30</sup>.

Buscávamos material fora do Brasil e nos perguntávamos: “Como faz o SMSG?” “Como os Irem fazem?”. Os trabalhos de Max Bieberman, do Irem e do SMSG eram fontes de referência. Do Brasil buscamos os trabalhos do Jacy Monteiro<sup>31</sup> e do Benedito Castrucci<sup>32</sup>. Eu, particularmente, gostava também de consultar os livros russos de geometria e, principalmente, da geometria descritiva. Assim, íamos elaborando o material para uso dos alunos que era mimeografado dia-a-dia revisto e organizado ano a ano com as novas turmas e professores. Discutíamos muito e refletíamos sobre a aprendizagem dos alunos e organizávamos as “baterias” de acordo com os conteúdos. Nós, professores de matemática, sempre nos encontrávamos para refletir. A Elza, por exemplo, gostava de focar as várias representações de um número e eu me dediquei à geometria por transformação.

No primeiro ano de trabalho eu estava um pouco sozinha e recorria ao Geem, aos autores franceses e ao SMSG. A partir do segundo ano, éramos Elza e eu, depois foram agregando outros professores: Telma Schristianini, Reinaldo Salvitti, Luis Barco, Antonio Pedro Zago, Berenice Simoni Mendoza, Ricardo Bacci, Sebastião Faria, Clodoaldo Pereira Leite etc. Trocávamos experiências e íamos produzindo e aperfeiçoando as chamadas “Baterias” e o material do Vocacional. Não

---

<sup>29</sup> SMSG - *School Mathematics Study Group*. Grupo fundado a partir de deliberações em Conferências promovidas pela NSF (*National Science Foundation*) devido à baixa qualidade do ensino elementar e secundário. De acordo com D’Ambrósio (depoimento oral, 2006) o SMSG produziu textos para todos os graus de ensino, traduzidos para as 15 línguas diferentes e tiveram grande aceitação e penetração na América Latina. (MEDINA, 2007, p.37)

<sup>30</sup> Irem - Institut de Recherche sur l’enseignement des Mathématiques. Os IREMs são centros franceses de pesquisa e formas relativas à Educação Matemática.

<sup>31</sup> Luiz Henrique Jacy Monteiro (1921- 1975). Publicou livros didáticos para o ensino secundário e superior. Ativo participante do Movimento da Matemática Moderna (MMM), Jacy Monteiro voltou-se para a pesquisa e ensino de Álgebra Moderna e Álgebra Linear tanto em cursos de pós-graduação quanto em cursos destinados à graduação e à formação de professores. Atuou como secretário geral do Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo e editor do Boletim da Sociedade Brasileira de Matemática.

<sup>32</sup> Professor Castrucci era paulistano. Nasceu em 9 de julho de 1909. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1935, e licenciado em Ciências Matemáticas e Físicas, pela Universidade de São Paulo, em 1939. Em 1942, assumiu o cargo de Professor da Cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva e, no ano seguinte, doutorava-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em Ciências Matemáticas. Atuante na área de ensino e de pesquisa participou das mais diversas instituições científicas em sua especialização e contribuiu, também, para as vertentes acadêmico-administrativas da Universidade. Integrou, em 1978, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão de Serviços à Comunidade (CEPE). Autor de dezenas de livros de matemática. Faleceu em 02 de janeiro de 1995, em São Paulo aos 85 anos. **Fonte:** Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/bib/sala-benedito-castrucci>>. Acesso em: 20 set. 2016.

tínhamos livro didático e não existia nada pronto, era uma construção contínua e uma troca constante. Quando começamos a trabalhar a Geometria das Transformações, me integrei com a Educação Física nos movimentos de rotação e translação e fazíamos atividades com o corpo para o aluno entender o que é simetria. Tenho um artigo publicado na Revista *Educação Hoje*, n. 4 da Editora Brasiliense: “Geometria: uma experiência nos Ginásios Vocacionais” que fala um pouco deste trabalho. Se bem me lembro, neste artigo eu mostro como trabalhávamos as congruências a partir dos movimentos de rotação, translação e das simetrias e como fazíamos o encadeamento com os teoremas e axiomas da congruência. Assim, para provar algo, admitíamos outras verdades e chamávamos de encadeamento lógico. Não tínhamos grande preocupação com o formalismo da geometria Euclidiana. Refletíamos o “Abaixo Euclides!”<sup>33</sup> e não dávamos muito valor à sequência da geometria euclidiana que estava nos livros didáticos da época.

**Eliza:** E o papel do aluno? Como que eram as relações entre o aluno e o professor no Vocacional?

**Lucilia:** Boa pergunta. Eu não falei sobre isso antes. Os alunos trabalhavam em equipe e tinham espaço para questionar e ser protagonista. Na sala de aula, havia muita interação: o professor se empenhava em saber como o aluno aprendia, tinha interesse em que o aluno aprendesse e criasse vínculo afetivo com a aprendizagem. Os alunos sentiam esta preocupação com a motivação e a aprendizagem deles; o entusiasmo do professor era percebido. Havia acolhimento da ignorância do aluno que sem medo buscava as soluções. Havia uma relação intelectual e afetiva e quando tínhamos alguma dificuldade com aluno, recorriamos ao orientador pedagógico ou educacional. A Olga<sup>34</sup>, por exemplo, foi a primeira orientadora pedagógica em Americana e depois veio para São Paulo. A Glória foi a orientadora educacional da turma que acompanhei do 1º ao 4º ano do ginásio.

**Eliza:** Glória?

**Lucilia:** Sim. Maria da Glória Pimentel. Cada turma era acompanhada por uma orientadora que conduzia o grupo, da minha turma foi a Maria da Glória Beraldo

---

<sup>33</sup> Se eu quisesse resumir numa frase todo o programa que tenho em mente, fá-lo-ia como slogan: “Abaixo Euclides!” Frase dita por Jean Dieudonné, em 1959, no Seminário de Royaumont, na França, realizada pela OECE (Organização Européia de Cooperação Econômica) que reuniu representantes de 18 países, para discutir o Movimento Matemática Moderna. (VALENTE, 2008, p. 70)

<sup>34</sup> Olga Bechara foi orientadora pedagógica no Ginásio Vocacional de Americana, em 1962 e depois foi para o Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha onde permaneceu de 1963 a 1969.

Pimentel. Assim, a turma seguia com o mesmo professor e orientador os quatro anos, criando vínculos. Veja como ficou.

**Eliza:** Em relação aos profissionais que atuavam no Vocacional, a senhora poderia falar da equipe que atuava no Vocacional? Há algo que os diferenciava? Há algo que a marcou? Quais eram as posturas desses professores e coordenadores?

**Lucilia:** O profissional que procurava o Vocacional tinha uma disposição para mudança, para o novo e uma identidade com os valores do projeto. Havia compartilhamento e o trabalho em equipe era incentivado. Na Aula Plataforma (como chamávamos o plano inicial de uma unidade de trabalho), os professores de História e Geografia apresentavam as questões e possibilidades, assim como coordenavam; não chegava pronto, todos contribuíamos, trazíamos questões como: “Os jornais estão falando muito sobre o conflito entre americanos e russos, da possibilidade de uma Terceira Guerra, o que acham?” e todos complementavam levantando questões dos jornais, opinando etc. Era uma construção coletiva. Além disso, tínhamos muito contato fora do trabalho com os colegas, saíamos juntos para eventos culturais e baladas.

**Eliza:** Além da seleção dos professores, tinha o Exame de Admissão para os alunos. Como eram esses Exames de Admissão? Você se lembra?

**Lucilia:** Eu não me lembro bem, mas tinha uma prova de Matemática e uma de Português. O número de interessados era grande e as vagas eram poucas, então havia uma seleção em função de vagas.

**Eliza:** Então falamos das disciplinas com que a matemática “conversava”, você falou de Práticas Comerciais, que em São Paulo não tinha Práticas Agrícolas, só em Batatais... Havia um estudo do local antes?

**Lucilia:** Isso é interessante. O Projeto Político Pedagógico era um projeto adaptado a cada região ou comunidade. Já na década de 60, o Vocacional fazia pesquisa com a comunidade para verificar suas demandas e analisar o perfil dos pais e famílias dos alunos. Então, o Projeto Político Pedagógico considerava o contexto do aluno, possibilitando trabalhar o funcional e o estrutural e ter uma linha norteadora de proposta. Era possível, então, fazer uma síntese dialética das demandas da nação, do mundo e da comunidade e podíamos pensar: qual a matemática para todos os alunos, quais competências matemáticas e raciocínio comuns e, também, quais os conteúdos necessários para esta comunidade. Hoje, fala-se muito de inclusão e se se deve ensinar a mesma matemática para todos.

Veja que não se trata de ensinar “uma matemática menor”, essa é que é a diferença: eu não vou dar uma matemática menor, mas uma matemática adequada à comunidade e ao aluno que motive, traga para as competências e conteúdos essenciais. Isso tem a ver com o que chamamos, hoje, de Inclusão.

Hoje se fala em classes multiseriadas. Numa classe multisseriada você pode ter alunos de várias idades e diferentes níveis de competências e o aluno faz seu projeto orientado pelo professor e monitores que trabalham sobre um tema ou questão. Trabalham em equipe ou até individualmente sobre problemas e questões relacionadas ao tema. O Amorim Lima<sup>35</sup>, em São Paulo, trabalha com classes multisseriadas e vale à pena conhecer. São salas grandes com até 100 alunos onde os professores e monitores trabalham juntos e os alunos em grupos com seus projetos pessoais.

Vamos imaginar que se vai trabalhar Geometria, Congruência. Cada grupo trabalha com problemas do tema que vão se desdobrando de acordo com as questões levantadas pelos grupos, utilizando informações digitais ou não.

O *design thinking* é um modelo atual que busca diversas perspectivas para abordar uma questão, priorizando o trabalho colaborativo em equipes multidisciplinares, em busca de soluções inovadoras. Dessa forma, é feito o mapeamento dos contextos, das experiências pessoais e dos processos dos indivíduos para uma visão mais completa e melhor identificação das questões, gerando alternativas. Propõe um olhar mais empático e coloca a pessoa no centro da geração de conhecimentos mais desejáveis para ela. O *designer thinking* é assim chamado porque organiza o pensamento através de projetos ou “desenhos”.

O Vocacional considerou isso no seu Projeto Pedagógico e tivemos uma situação interessante em Matemática quando percebemos que alguns alunos

---

<sup>35</sup> Amorim Lima. Em 1956, nasce a primeira Escola Isolada da Vila Indiana, situada na Rua Corinto, em São Paulo. A partir de 1996, com a chegada de Ana Elisa Siqueira, atual diretora, a escola passou a viver suas transformações mais profundas. Preocupada com a alta evasão a diretoria com o objetivo de manter os alunos na escola durante o maior tempo possível propôs diversas mudanças: Derrubaram-se os alambrados que cerceavam a circulação no pátio, num voto de respeito e confiança. A escola passou a ser aberta nos fins de semana. Melhoraram-se os espaços tornando-os agradáveis e voltados à convivência. Enfim, a escola foi aberta à comunidade. A sala da diretoria deixou de ser o espaço de ameaça ao aluno desviante, e de portas abertas, passou a ser o epicentro de uma transformação radical. Os alunos começaram a frequentar e viver a escola fora de seus horários de aula como monitores em atividades várias. Houve o engajamento crescente dos pais e mães de alunos da comunidade. Instalaram-se Oficinas de Cultura Brasileira, de Capoeira, de Educação Ambiental, de Teatro. Conseguiram apoio pedagógico e financeiro externo que possibilitaram propor diversas atividades e elaborar o Projeto Político Pedagógico da escola. **Fonte:** EMEF Desembargador Amorim Lima. Disponível em: <<http://amorimlima.org.br/institucional/31-2/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

aprendiam através da prática, de construção e de modelos e outros se aproximavam mais dos conceitos, da teoria, das deduções. Agrupamos os alunos em práticos e teóricos. Com os práticos trabalhávamos a Matemática com o olhar na prática, na construção, através de situações reais. Com os teóricos trabalhávamos os mesmos conteúdos através de questões reflexivas, de conceitos, teoremas e deduções. Queríamos que os alunos se envolvessem e se aproximassem da matemática dentro de suas competências e interesses e desenvolvessem suas potencialidades.

**Eliza:** Acredito que conversamos sobre tudo. As perguntas e respostas estão aqui permeadas, se a Senhora quiser colocar mais alguma coisa, fique à vontade.

**Lucilia:** Para finalizar eu queria dizer que trabalhar no Vocacional foi um tempo muito bom e de muita aprendizagem e transformação. Agradeço a você poder falar sobre este trabalho.

O Brasil não estava ainda preparado para os Vocacionais: foi uma “aventura humana”. Foi um celeiro de aprendizagens que estão de alguma forma presentes hoje nas inovações em educação. Conheço colegas do Vocacional que atuaram e estão atuando e intervindo no seu ambiente de trabalho, transformando os ambientes. Então, o Vocacional não morreu, ele se transformou. Podemos dizer que uma parte da educação hoje foi influenciada pelo Vocacional. Talvez eu pudesse dizer que para a maneira como aconteceu o Vocacional, o Brasil não estava preparado, mas o que se construiu, permanece. O Vocacional influenciou muitas organizações e instituições educacionais. As escolas particulares inovadoras da década de 60 acolheram profissionais do Vocacional. O Vera Cruz, por exemplo, acolheu muita gente. O Santa Cruz<sup>36</sup> também teve pessoas do Vocacional. Gostaríamos que uma educação como a do Vocacional fosse para todos, mas infelizmente ainda não chegamos lá. Pessoas do Vocacional influenciaram a PUC e a FEUSP. Eu diria que o Vocacional influenciou, infelizmente, apenas uma pequena parte da educação nesse país e eu gostaria de completar 100 anos vendo o Brasil com uma educação qualificada.

O conhecimento produzido e construído nos Vocacionais está aí, germinando. Então, valeu!

---

<sup>36</sup> O Colégio Santa Cruz é uma instituição de ensino particular localizada no Alto dos Pinheiros em São Paulo fundada em 1952 por padres canadenses da Congregação de Santa Cruz.

## 1.6 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTÔNIO PEDRO ZAGO

### *“De uma clareza rouca, calma e pontual”*

*Chego em Atibaia-SP<sup>1</sup> próximo do meio dia. Almoço num restaurante familiar japonês que meu depoente indicara. Meio dia, há um intenso movimento ao redor de comidas típicas variadas que aprecio. As horas passam. Próximo das 14h com ajuda do GPS entro em uma rua estreita, encontro a casa onde residia Antonio Pedro Zago com a família. O conhecia pelas conversas ao telefone, trocas de e-mail, leituras que fiz de seu depoimento registrado no site da GVive e, ainda, na participação no filme de Toni Venturi. Folheei o livro didático de Matemática que publicou.*

*Ao estacionar em frente à sua casa ele vem me encontrar. Aguardava-me. Estava um pouco mais velho do que nas imagens do filme. Convida-me para entrar e sentar-se. A entrevista deu-se em sua sala de jantar. Rodeavam-nos fitas de vídeo e CDs de sua coleção e quadros com fotos da família.*

*Calmo, de fala suave e pausada me contou suas histórias. Com seriedade e comprometimento parecia feliz em rememorar. Obtive um bom áudio dado o silêncio do lugar.*

*Sua esposa se junta a nós para um café com bolo e guloseimas. Sr. Zago, ao final, mostra algumas relíquias: seu arquivo pessoal de documentos escolares e fotos do Vocacional guardado há quase 50 anos. Saio de sua casa à tardezinha satisfeita com a entrevista: conheci novos recantos do Vocacional.*

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Senhor Pedro, obrigada por me receber em sua casa, abrir esse espaço, disponibilizar o seu tempo para nos contar um pouco da sua experiência com os Ginásios Vocacionais. O senhor prefere que o chame de Antonio ou de Zago?

**Zago:** Pode me chamar de Zago, porque todo mundo me chama de Professor Zago.

**Eliza:** Enviamos o roteiro, para que tenha uma noção das questões que irei abordar e que nos dará um direcionamento nas falas. Faço uma pesquisa na área de Educação Matemática. Vamos olhar para os Ginásios Vocacionais com um enfoque nas questões que envolvem o ensino da matemática nessas escolas. O Senhor foi professor em 1967?

**Zago:** 1968 e 1969 no Vocacional, enquanto ele existia, porque a partir de 70 ele entrou na rede comum, mas eu continuei lá até 1977, no “Oswaldo Aranha”. Nesse período, de 70 a 77, continuamos, ainda por algum tempo, com as práticas do extinto Vocacional. Não mais com aquela estrutura toda que existia. Aquilo acabou

---

<sup>1</sup> Atibaia-SP é um município de Sao Paulo, distante 50 km da capital.

caindo, mas dentro das possibilidades, no “Oswaldo Aranha”, procuramos manter viva a chama o maior tempo possível, e eu acho que isso aconteceu mais ou menos até 74... 73, 74 que foi quando a última turma que ingressou na experiência na primeira série pôde continuar pelo decreto que colocou as escolas experimentais na rede comum. O decreto que colocou as escolas experimentais, inclusive o Vocacional, na rede comum de ensino é de junho de 70. Então quem ingressou em 70 ainda estava, de certa maneira, no Vocacional. A Profª Maria Nilde caiu em junho de 69, a partir daí é que se considera, de certa maneira, a extinção do Vocacional, porque sem cabeça, sem o órgão coordenador, aquilo ali foi se diluindo. Em 69 há a invasão das escolas, no final do ano. Pela segunda vez eu sou cercado pelo Dops<sup>2</sup> (risos)...

**Eliza:** Verdade?

**Zago:** Posso misturar as coisas?

**Eliza:** Pode.

**Zago:** Em 68 eu já estava no Vocacional, mas eu morava no Crusp – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo.

**Eliza:** Você era aluno da USP?

**Zago:** Eu era aluno da USP<sup>3</sup>, e no Crusp, em dezembro, logo após o AI-5<sup>4</sup> (de 13 de dezembro de 1968), fiz uma prova no dia 16, a última prova do ano (ainda bem) e no dia 17 houve a invasão pelo exército, o Dops. Eu sei que acordamos com o som dos tanques, aquela roda dos tanques... *papapapapapa*... A gente ouvia. Havia um movimento estudantil muito ativo e o Crusp era um centro de efervescência na época do movimento estudantil. Lá se realizavam assembleias estudantis. Havia toda uma movimentação e, perante a ditadura militar, aquilo era

<sup>2</sup> Dops - Departamento de Ordem Política e Social, criado para manter o controle do cidadão e vigiar as manifestações políticas na ditadura pós-64 instaurada pelos militares no Brasil. O Dops perseguia, acima de tudo, as atividades intelectuais, sociais, políticas e partidárias de cunho comunista. Exercia função de órgão policial, e deixou documentos como ofícios, relatórios, radiogramas e livros que hoje servem como pesquisa histórica e busca de processos judiciais. As celas do antigo edifício do Dops, em São Paulo, onde vários políticos ficaram detidos, foram torturados e mortos, foram transformadas em locações do Museu Imaginário do Povo Brasileiro.

<sup>3</sup> A Universidade de São Paulo (USP) é uma universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI). É a maior universidade pública brasileira e uma das maiores instituições de ensino superior na América Latina.

<sup>4</sup> O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur Costa da Silva. Autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus..

um centro de subversão. Então, em 17 de dezembro de 68 nós tivemos que descer (todos os alunos) dos prédios e nos agrupar lá embaixo. Era madrugada e ficamos até mais ou menos meio dia lá embaixo sem comer, sem beber, sem nada. Depois fomos todos levados para o Presídio Tiradentes<sup>5</sup>, de ônibus da CMTC, foram vários ônibus...

**Eliza:** Todos os alunos?

**Zago:** Todos. Já havia muita preocupação, porque chegavam notícias muito sérias de torturas, de desaparecimento, de tudo, ficávamos preocupados. Eu fiquei um pouco, mas como estava todo mundo junto... Durante o percurso fizemos aquele “auê” no ônibus: “Abaixo a ditadura!” E aí fomos para o Presídio Tiradentes. Lá passamos por uma triagem e ficamos ali uns três dias (eu acho). Eu fiquei sete dias. O governo me deve. (risos). Eu não entrei, não fiz nada porque afinal de contas foi só uma passagem, digamos assim...

**Eliza:** Mas foi uma violência.

**Zago:** Sem dúvida! Uma violência psicológica. Não fui torturado, não posso dizer que fui torturado fisicamente, mas, psicologicamente, você fica abalado, inclusive diante de certas coisas que você acaba ouvindo lá dentro. Você não sabe o que lhe vai acontecer.

**Eliza:** Vocês foram presos? Colocados nas celas?

**Zago:** Nas celas! Não como presidiário comum: em celas separadas. O grupo de estudantes ficou em várias celas. Uma comida horrorosa. Sebenta.

**Eliza:** E o banho? Roupas?

**Zago:** Banho era num fio de torneira lá em cima, e o vaso sanitário mal separado da... Bom, prisão não é um lugar bom. Nunca. Por melhor que seja. Fiquei lá durante esse período. Vários foram saindo, e eu, nada, fui ficando com o grupo restante. Chegava o policial lá na cela: ‘fulano de tal, não sei o quê’. Aí certa hora eu cheguei e perguntei...

**Eliza:** E você sabia se essas pessoas chamadas eram soltas?

**Zago:** Eu creio que sim. Nós não sabíamos o destino. Eles eram chamados e não voltavam mais. Foram sendo soltas, fichadas, ou iam para o Dops. E nós ficamos... Eu não era ativista, só para entrar num parêntese, nunca fui de carregar

---

<sup>5</sup> O Presídio Tiradentes, na cidade de São Paulo, abrigou presos políticos na Era Vargas e no Regime Militar. Foi inaugurado em 1852 e desativado em 1972, pouco antes que as obras do metrô abalassem sua estrutura e fosse demolido.



bandeira. Eu era estudante da USP, trabalhava no Vocacional, eu estava no olho do furacão: estudava na USP e trabalhava no Vocacional que era já uma escola meio que visada por seu vanguardismo. Eu trabalhava no Vocacional, antes eu trabalhava como bancário, então, eu não tinha muito tempo para me dedicar às assembleias, passeatas etc. Até cheguei a ir a passeatas, correr da polícia, me esconder em prédios no centro de São Paulo (risos). Mas não era ativista. Não posso dizer que era ativista.

**Eliza:** Ser ativista era...

**Zago:** A pessoa que lutava, ía mesmo, enfrentava, participava das assembleias, convocava o pessoal para ir às passeatas, lutava contra a ditadura. Esse era um ativista, uma forma de ativismo. Eu não. Eu era mais tranquilo, até pelas circunstâncias: eu trabalhava o dia inteiro, estudava à noite, então, que tempo eu tinha para fazer essas coisas? Mas fui de roldão junto com todo o pessoal. E outros, como eu, também foram, que não eram ativistas. Julgavam que cada morador do Crusp era um subversivo. Não era isso. Era a visão deles: nós, indiscriminadamente, éramos subversivos, representava um perigo para o governo. Então eu fui ficando, só para contar um detalhezinho da história...

**Eliza:** Por favor, fique tranquilo, considero importante falar desta época - a ditadura.

**Zago:** Então chegou uma hora e falei: “Não! Eu vou falar com esse policial!” Quando ele veio eu falei: “Escuta! E o Antonio Pedro Zago?” Aí ele olhou assim: “Aqui consta que foi preso por pichar muros e paredes com dizeres a respeito de Cuba”. Eu nunca fui preso, nunca. Isso é minha experiência pessoal. Imaginava: tem algum engano aí. “Ah! Não! Está aqui! Nós vamos averiguar.” Bom, passou outro dia, vou lá de novo... Aí chegou uma hora que eu falei: “Escuta! Pelo amor de Deus! É Antonio Pedro”, é Antonio Pedro Zago. Eu falei: “Mas meu nome é Antonio Pedro”. Existia um Antonio Zago que devia ser mais ativista do que eu. Aí chegou uma hora que eu falei: “Escuta! Mas veja a filiação, a filiação. Meu pai é Aldo Zago e minha mãe Ana Rosa Romaro Zago. Como é que pode?” Depois, mais tarde, eu fui até o arquivo do Estado investigar um pouco (até pretendo voltar) peguei um dossiê e vi lá que Antonio Zago (o meu nome é Antonio Pedro Zago) tinha ido até Moscou. Esse Antonio Zago, se não me falha a memória, era um jornalista na época.

**Eliza:** Também era aluno da USP?

**Zago:** Não, creio que não era aluno da USP. Eu nem conheço essa pessoa, mas eu fiquei sabendo que era um jornalista, que pode até ter viajado, eu não sei. Sei que houve essa mistura. Para você ver como a investigação era séria, para culpar pessoa... “Não! Você é culpado disso!” Eu falei: “Mas como? Culpado disso? Primeiro que eu nunca pichei nada, eu sou um cara ‘super` sério, nunca fui ativista, nunca viajei para a Rússia”. Quisera eu. (risos). Olha só! E continuei mofando lá mais alguns dias. A prisão de todo grupo foi no dia 17 de dezembro, e no dia 24 de dezembro nós fomos soltos.

**Eliza:** E sua família não sabia onde você estava?

**Zago:** Estavam todos aqui, em Atibaia. Não tinha telefone celular, não tinha nada, estavam todos em polvorosa. Eles sabiam que eu morava no Crusp, mas não tínhamos como nos comunicar, não tinha acesso ao telefone. Então fiquei mais uns dias ali no Presídio e depois fomos transferidos, os remanescentes, para o Dops, no Largo General Osório, em São Paulo, perto da Estação da Luz, no Dops mesmo, antigo Dops, onde, hoje, é o Museu da Resistência, em São Paulo, no centro de São Paulo, ao lado da Estação da Luz. E lá fomos encaminhados para a cela e ficamos lá mais alguns dias. Ah! E foi interessante também quando saímos do Presídio Tiradentes e fomos para o Dops: nós ficamos num salão, e aí chegou, acho que o delegado, ou um policial. Ele colocou assim: “Fulano de tal desse lado, fulano de tal desse lado!” Não sei qual era o critério, “Fulano de tal desse lado!”, até separar o grupo. Um grupo foi embora e o outro ficou. Olha só o psicológico como fica! E aí esse grupo voltou para a cela.

**Eliza:** E você estava junto?

**Zago:** Sim! Sim, nesse grupo! Fiquei mais uns dias mofando lá. Talvez por obra do espírito natalino, o Doutor José Paulo Bonchristiano, se não me engano, que era um dos delegados do Dops, nos chamou na sala dele, deu uma carraspana em todo mundo, deu uma bronca em todo mundo e colocou nos seguintes termos: que nós seríamos soltos, mas que tomássemos muito cuidado daquele momento em diante, porque eles estariam de olho na gente e recomendou que quando víssemos um policial vindo em nossa direção, que nós mudássemos de direção. E mais: “Fiquem sabendo que nós vamos instituir esquadrão da morte dos estudantes”.

**Eliza:** Que horror!

**Zago:** Eu não tenho como comprovar isso, mas foi falado, assim, “na lata”. Agora, imagine, como é que eu saí de lá? Saí de lá assim... (trêmulo). Peguei a

estação rodoviária pertinho, devolveram os meus pertences e fui embora correndo. Isso me acompanhou durante muito tempo, durante muito tempo... Minha esposa está aí, ela pode comprovar, eu tive pesadelos, eu acordava, toda noite, assustado. Primeiro eu tive pesadelos e claustrofobia, sentia assim, sabe? Acordava... (apavorado). Durante muitos anos, muitos anos. Não por tortura física, como eu lhe falei, não fui torturado fisicamente, não posso dizer que fui, mas psicologicamente abalou muito. Eu só fui superar isso depois de um tempo, quando eu comecei a ler algumas coisas a respeito e percebi que muita gente passou por coisas muito piores, e que eu não estava sozinho nessa. O que eu passei foi uma violência, porque você pegar uma pessoa da sua casa, sem mandado judicial, sem nada, e prender durante uma semana, sem dar satisfação nenhuma... Quer mais violência que isso? Só violência física, tortura. Fiquei sem comunicação, sem nada. Então isso me abalou um pouco. Eu tinha medo realmente. Eu não assumi muitas coisas, eu posso ter sido fraco...

**Eliza:** Só por ser estudante em uma universidade?

**Zago:** Só por ter sido estudante de uma universidade e morar no Crusp. Era um período de agitação? Era um período difícil? Era. Porque existia muita subversão, muita. O pessoal lutava, era considerado subversivo, mas, cadê a justiça? Como é que faz um negócio desses? Eu, durante um tempo, me fechei um pouco. Pode ser até que eu tenha sido fraco, mas eu sentia medo. Depois do que eu vi, depois do que eu senti, falei: “Devo ter cautela”.

**Eliza:** Nos Vocacionais você percebeu alguma mudança?

**Zago:** Isso aconteceu em 68, no dia 17. Eu estava no Vocacional, tanto é que eu perdi os últimos dias de Conselho de fim de ano. Perdi. O pessoal ficou preocupado, sabia que o Crusp tinha sido fechado. Tanto que eu voltei lá no dia 31 de dezembro, encontrei a vice-diretora e ela falou: “Meu Deus do céu! Onde você andou? Nós estávamos preocupados com a prisão de vocês lá no Crusp...”. Aí eu fui dar satisfação do que tinha acontecido e buscar o que restou do meu material lá no Crusp, porque eles não deixaram levar absolutamente nada. Nós fomos apenas com a carteira de identidade que tinha no bolso e acabou.

**Eliza:** Eles entraram nos quartos?

**Zago:** Sim, tiraram tudo, tudo, tudo... Reviraram tudo, os meus objetos estavam lá embaixo. O que restou deles, porque eu perdi uma mala inteira com livros, roupas, título de eleitor, certificado de reservista, tudo. Não consegui mais

achar. O que restou estava lá, tudo amontoado num canto. Eu consegui salvar algumas coisas, algumas anotações, uns livros de matemática...

**Eliza:** Você tinha quantos anos?

**Zago:** Eu tinha, em 68, vinte e quatro anos. Era um garoto, um menino: vinte e quatro anos. Aí voltei. No ano seguinte continuei no Vocacional, não me procuraram mais, mas no fim do ano fui cercado de novo, em 69 todas as escolas do Vocacional...

**Eliza:** E você estava na escola neste dia?

**Zago:** Estava! Imagina com que paúra! Eu me lembro que os alunos, só os alunos, foram dispensados, se não me engano. Todas as pessoas que estavam dentro da escola ficaram e não puderam sair o dia inteiro.

**Eliza:** Foi de repente? Ninguém sabia nada do que ia acontecer?

**Zago:** Sem aviso! Sem aviso, baixou lá, ta, ta, ta! Fecha tudo! Fomos reunidos numa sala, depois que soubemos que estávamos cercados. Nós fomos reunidos numa sala do SEV. SEV é o Serviço de Ensino Vocacional, e lá vieram muitos policiais, não sei se da Polícia Federal, do próprio Dops, do Exército, não sei o quê. Também fizeram uma palestra para a gente no sentido de tomarmos cuidado, pois quem tinha culpa no cartório ia se ver com eles.

**Eliza:** E todos os professores, coordenadores e inspetores foram?

**Zago:** Todos. Coordenadores, diretores, professores, inspetores, serventes, todo mundo. Eles entraram nas nossas salas e colocaram todo mundo junto. Não puderam sair. Nós tivemos direito, acho, que a um telefonema... Um telefonema. Não podia sair, não era permitido, eles só nos liberaram no final da tarde e assim mesmo nós combinamos que sairíamos em grupos de dois, três juntos, jamais sairíamos sozinhos. Eu lembro que saí junto com dois colegas, se não me engano acho que um era de Artes Plásticas. Então foi um período difícil. Foi a segunda vez pela qual fui cercado. Depois não ocorreu mais nada. Só alguns cuidados, cautela, não aparecer muito.

**Eliza:** Vamos agora falar mais um pouco do senhor. Quando e onde o senhor nasceu? Aqui em Atibaia? Fale-me sobre a sua infância, sua faculdade... Quais as suas preferências atuais ou antigas, seus *hobbies*, algo que você gostaria de ressaltar e deixar registrado.

**Zago:** Bom, eu nasci aqui em Atibaia, no dia 02 de fevereiro de 1944, num bairro que tinha uma estação: Estação Caetetuba. Tinha uma linha de trem. Meus

pais, Aldo Zago e Ana Rosa Romaro Zago, eram pessoas simples. Minha mãe era dona de casa, meu pai foi barbeiro e comerciante, mas muito preocupados com a nossa educação. Pessoas que deram tudo de si para que pudéssemos conseguir estudar.

**Eliza:** Você tem irmãos?

**Zago:** Eu tenho um irmão que mora em Campinas. Ele é professor aposentado da Unicamp. Tenho uma irmã que está aqui, depois eu posso apresentá-la, e minha mãe acabou adotando um sobrinho dela, então é quase um irmão da gente também. Somos quatro. Fiz o curso primário em Caetetuba e na época do Ginásio e Colégio vim estudar em Atibaia. Daqui fui embora para São Paulo para fazer o cursinho. Fiz um ano de cursinho. O cursinho Universitário. Ingressei na USP no ano seguinte.

**Eliza:** 19...

**Zago:** 1964. Num ano simbólico, não é? Estava comentando hoje com meus filhos isso, o ano de 1964, porque está se falando em *impeachment* da Dilma, voltar à ditadura militar. Uns querem que volte e não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê... Comentei com eles o seguinte: eu já vi esse filme em 64. Estamos vendo aí algumas coisas que preocupam... Então, eu ingressei na USP em 64, e nós praticamente fomos ter aula só em meados de abril. A partir daí era um tal de desaparecer gente, de professor faltar e de aluno que ontem estava sentado do seu lado, de repente, não aparecia mais. Começaram aí os meus estudos. Eu lembro. Eu estudava à noite e fiquei até 69 na faculdade porque tive algumas dependências. Em 69 me formei. Em 68 eu ingressei no Vocacional e o meu ingresso no Vocacional também foi assim: de repente. Você viu o meu depoimento no site da GVive?

**Eliza:** Sim, inclusive eu imprimi.

**Zago:** É, então isso já está lá. O que aconteceu? Eu morava no Crusp e tinha um colega no mesmo apartamento que vivia comentando sobre o Vocacional. "Vocacional, Vocacional..." Ele era professor de Matemática, José Luiz Corrêa Camargo. Ele queria sair, não sei as razões dele, e como ele viu meu interesse... desde 67 a gente conversava. Quando eu comecei, em 64, o curso de licenciatura era junto com o bacharelado. Com a reforma de 68 eu tive que optar, então fui para a licenciatura. Em 68 aconteceu a Reforma Universitária e eles separaram, aí eu fui

para a licenciatura. Como eu demonstrava interesse pelo Vocacional, ele, o José Luiz, acabou fazendo minha indicação: “Olha eu vou sair, mas tenho uma pessoa”. Então ele me convidou para ir até o Vocacional. Não fiz curso de treinamento. Não fiz.

**Eliza:** Não teve ou não precisou fazer?

**Zago:** Existia o treinamento. Eles fizeram oito ou nove cursos de treinamento. Desde 61, 62 até 68, 69. Em 69 não tenho certeza, porque a Profª Maria Nilde já tinha caído, em junho. Mas eu não fiz esse curso de treinamento. Eu passei por uma entrevista, primeiro, com a Profª Lucilia Bechara, Supervisora da área de Matemática do SEV. Ela me entrevistou diante do professor que estava saindo. Ela fez a entrevista comigo e daí fui encaminhado para outra entrevista (como relatei lá no meu depoimento) com a Profª Maria Cândida Sandoval Pereira, também do SEV e que substituía a Profª Maria Nilde nos momentos em que ela estava em viagem. Neste caso, acho que estava no interior visitando algum ginásio. Depois fui entrevistado (tudo no mesmo dia, em horários diferentes) pela professora Orientadora Pedagógica da 2ª Série (hoje 7º ano), Profª Maria Auxiliadora Albergaria Pereira.

**Eliza:** E você já tinha experiência em sala de aula?

**Zago:** Já! Já tinha lecionado em escola particular, em escolinha particular pequena, ensino tradicional, tanto que para mim foi uma reviravolta.

**Eliza:** Você trabalhava no banco também?

**Zago:** Não, tive que largar o banco. Foi um dilema porque eu trabalhava no Banespa<sup>6</sup>, e o Banespa até que pagava bem. Eu trabalhava no Departamento Financeiro, na matriz do Banespa, na Gerência do Departamento Financeiro. Eu era escriturário da Gerência, tanto que quando eu falei que ia sair, os gerentes tentaram, disseram que não, que eu tinha carreira: “Mas como você vai deixar o banco? Você tem qualidades e aqui você pode ascender.” Eles deixaram claro que eu estava jogando fora uma oportunidade ótima, mas como eu estava fazendo licenciatura em Matemática, queria ser professor, encontrei a escola praticamente dos meus sonhos, conforme meu colega me descrevia, eu não tive dúvidas. Aí deixei o banco, trabalhava seis horas no banco, ganhava ‘X’, e ia para trabalhar oito ou nove horas

---

<sup>6</sup> O Banco do Estado de São Paulo ( Banespa), é uma extinta instituição financeira estatal paulista fundada em 1909. Após sua venda, em novembro de 2000, em leilão público ao Banco Santander, multinacional de origem espanhola, a marca Banespa foi extinta, passando-se a grafar apenas Banco Santander.

no Vocacional, para ganhar três 'X', numa escola que era o meu sonho em termos de ensino. Então eu fiz a entrevista com essas três pessoas e fui encaminhado para a secretaria, deixei meus documentos. Tanto que eu tive um novo encontro com a Orientadora Pedagógica da 2ª série e deixei claro: "Olha, é certeza que vão me contratar aqui? Porque estou deixando um emprego garantidíssimo, no Banespa, fiz concurso para entrar e vou jogar tudo fora". Não havia nenhum comprovante dizendo: "Você foi, vai ser contratado". Ela falou: "Por nós você está contratado, agora vai depender do seu desempenho aqui dentro, de como proceder." Porque todo ano os professores eram avaliados, ano após ano. Não correspondeu, não conseguiu, chamava e, às vezes, dava-se nova oportunidade, mas se não correspondia, era desligado. E assim foi o meu ingresso no "Oswaldo Aranha". E uma semana depois fui para um acantonamento com a 2ª série...

**Eliza:** Acantonamento?

**Zago:** Acantonamento: um acampamento só que em casas, era em casas, numa fazenda em Laranjal Paulista. Aí eu percebi que realmente estava numa escola diferente. Bastante diferente! Nossa! Foram todos os professores da 2ª série.

**Eliza:** De todos os Vocacionais?!

**Zago:** Não, apenas os da 2ª série do "Oswaldo Aranha", daquelas quatro turmas do "Oswaldo Aranha". Foram os alunos das quatro: A, B, C, D. Eram quatro classes 2ª A, B, C, D junto com os professores.

**Eliza:** E você foi dar aula no 2º ano do "Oswaldo"?

**Zago:** 2º ano. Hoje seria o 7º ano do Ensino Fundamental. 2ª série do ginásial na época. Então eu fui junto com o pessoal nesse acantonamento. Então eu observei lá: primeiro a organização, não foi uma excursão, aquilo não era uma excursão. Aquilo era um estudo do meio muito bem planejado, com objetivos claros, sabíamos o que gente queria alcançar com ele, e o que os alunos teriam que observar. Como era acantonamento, era assim: a vivência do aluno longe da família, experimentando situações novas assim de como 'se virar' sem muita supervisão, sem muito aconselhamento próximo do pai, da mãe, do professor. E ficamos, não me lembro se três ou quatro dias em Laranjal Paulista, nessa fazenda (São José), professores, alunos; não estou bem certo se as orientadoras pedagógica e educacional foram, só não foi a diretora.

**Eliza:** E você como professor de matemática, qual o seu papel, sua função?

**Zago:** Bom, existiam os Estudos do Meio, grandes no qual todos os professores iam e aproveitavam o que fosse possível do estudo para sua área. Depois eu posso até falar melhor sobre isso, mas se não houvesse um aproveitamento direto em termos de conteúdo do estudo do meio, nós estávamos ali trabalhando juntos dentro de objetivos comuns do Ensino Vocacional. Então, por exemplo, na integração matemática eu sentia muita dificuldade, integração de conteúdo eu sentia dificuldade, não sei, talvez por inexperiência, eu nunca tinha feito um tipo de ensino como esse, mas eu sentia um pouquinho de dificuldade, sim, para fazer a integração de conteúdos. Era pedido sempre que possível integrar os conhecimentos. Se Estudos Sociais estava falando sobre o Estado de São Paulo, então Matemática tinha que escolher temas relativos a algum aspecto do Estado de São Paulo que fosse ligado à área de Estudos Sociais. Então em Matemática tinha essa integração, digamos assim, era uma área de conhecimento geral que trabalhava dentro das propostas gerais do Ensino Vocacional. Essa era a linha de integração que a gente fazia tranquilamente em termos de objetivos, em termos de atitude, em termos de conceitos. Alguns conceitos fundamentais eram trabalhados e sempre que a Matemática pudesse, também trabalhava. Eu sentia dificuldade em termos de conteúdo, e eles recomendavam que não forçasse a integração com, digamos, probleminhas chochos só para dizer que foi integração. Então a gente evitava mesmo, sem distorcer... Claro, houve casos, por exemplo, na área de Práticas Comerciais, eles levantavam, digamos, alguns dados sobre cooperativas que existiam no Estado de São Paulo. Levantavam uma série de dados. Então a gente aproveitava na área de Matemática, se estivesse trabalhando com gráficos, fazíamos os gráficos daqueles dados. Então, de vez em quando, havia essa possibilidade de integração de conteúdo. Agora, existiam áreas, por exemplo, que tinham uma facilidade enorme de fazer integração, mesmo de conteúdos. Educação Doméstica, por exemplo, Ciências, Artes Industriais, Práticas Comerciais. Estudos Sociais abordava História e Geografia, eram dois professores, um de cada área, e encaixavam-se aí alguns estudos de Sociologia e Antropologia. Eu me lembro de que nos Conselhos Pedagógicos se discutia isso. Então não eram só História e Geografia atual. Existia um trabalho também dos professores. Os professores estudavam. O Vocacional foi uma escola de um tremendo aprendizado para nós, acho que até mais do que para os alunos.



**Eliza:** As coisas parecem que estavam caminhando, as coisas parecem que iam se coordenando, se ajustando, não chegavam prontas 'de cima para baixo', metas que muitas vezes não têm sentido para você, mas temos que cumprir.

**Zago:** Horrível, horrível, eu sentia isso também como professor do Estado.

**Eliza:** Ali, quando eu ouço vocês falarem, eu sinto que, apesar de as coisas estarem já organizadas, já pensadas, havia um envolvimento.

**Zago:** É claro que existia uma coordenação dos Vocacionais. Uma filosofia de educação embasando toda aquela experiência. Eu não sei se vou poder traduzir para você com clareza essa filosofia da educação, porque eu não sou formado em Filosofia e talvez até na época eu não tivesse uma percepção muito clara disso. Hoje, depois de muito tempo lendo algumas coisas a respeito, a gente vai formando... A tese de doutorado<sup>7</sup> da Prof<sup>a</sup> Maria Nilde, por exemplo, na qual ela descreve claramente como se posicionou diante dessa educação, fechou um ciclo de compreensão. Mas a gente percebia que existia um grupo, lá em cima, sustentando o que a gente fazia lá embaixo. Sustentando e orientando, só que nós tínhamos no Vocacional uma completa autonomia administrativa e pedagógica. Então, se o que a gente fazia no momento, não desse certo, reformulava-se e se fazia de outra maneira, examinavam-se os erros e os acertos e, enfim, caminhava-se. Era um contínuo recriar a educação lá dentro. É por isso que ela foi significativa para a gente. Nós nos sentíamos criando a Educação, criando as nossas aulas, não é como hoje que vêm uns folhetinhos que o professor tem que dar na sala de aula. Hoje os professores são meros executores. No Vocacional não éramos meros executores, nós pensávamos Educação diariamente. No dia a dia. Nós tínhamos os Conselhos Pedagógicos semanais por série, duas horas toda semana, obrigatoriamente. Conselho Pedagógico da 3<sup>a</sup> série, Conselho Pedagógico da 4<sup>a</sup> série, claro que 2<sup>a</sup> série A, B, C, D, 3<sup>a</sup> série A, B, C, D, com as classes existentes em cada série. A gente construía no dia a dia...

**Eliza:** E quem participava do Conselho?

**Zago:** Os dois orientadores: o Orientador Pedagógico e o Orientador Educacional, e o grupo de professores. Muitas vezes o professor de Recursos Áudio Visuais também - tinha este setor lá. O RAV com a Esméria Rovai, ela também

---

<sup>7</sup> MASCELLANI, Maria Nilde. **Uma Pedagogia para o Trabalhador:** o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT). Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. USP. 1999.

participava. Ela até me auxiliou uma vez que eu precisava de um recurso visual de retas paralelas com transversais. Ela fez, construiu com madeira, ficou muito bacana, muito.

**Eliza:** Ela fala que não era da área da educação, mas começou a se envolver, porque mesmo ela sendo da parte de recursos, da parte técnica, acompanhava toda a parte pedagógica para entender a necessidade dos professores. É isso?

**Zago:** Às vezes até no Estudo do Meio. Era uma equipe integrada, integradíssima. Existiam diferenças de personalidade, uma briguinta aqui, outra lá. Claro, em qualquer agrupamento humano existe isso, mas eu percebia que nós estávamos todos fazendo educação seriamente. Envolvidos. Nós trabalhávamos das sete e quinze da manhã até às cinco da tarde, e às vezes sem ganhar horas extras, muitas vezes envolvidos no trabalho. Claro, a gente tinha algumas situações privilegiadas como, por exemplo, ficar só na própria escola.

**Eliza:** Almoçavam na escola?

**Zago:** Sim, na escola. Existia o refeitório. Os alunos almoçavam na escola. Nós sentávamos junto com eles. Muitas vezes éramos convidados para almoçar na área de Educação Doméstica, porque tinha uma mini casa.

**Eliza:** No Oswaldo Aranha tinha?

**Zago:** Sim. Tinha uma mini casa com sala, cozinha, quarto. Eles cuidavam de bebês (bonecos), às vezes até com crianças, desde que a mãe autorizasse e estivesse ali presente. Eu tinha foto, me parece de uma criança que estava sendo cuidada ali, trocando fralda e tal. Deve ser alguém que permitiu. Na área de Educação Doméstica eles convidavam. Faziam um almoço e falavam: “Vamos convidar tal professor”. A gente ia almoçar junto com eles. A comida era feita por eles, com supervisão do professor da área.

**Eliza:** Alunos?

**Zago:** Meninos e meninas. Meninos cozinhando, lavando, passando, cuidando da casa. Tudo, não tinha essa distinção. Eu acho que o Vocacional inovou nisso. A gente sabe que existiam escolas com classes de meninos e meninas separados. Mas lá, os gêneros eram integrados. Era uma escola dos sonhos. Nossa!... Então como eu estava te falando: eu ingressei, fui para o acantonamento. (Essas fotos que eu tenho do acantonamento não são minhas, elas foram cedidas

por uma colega, Profa. Isis Garcia Salvestro<sup>8</sup>). Ela tinha uns slides e eu reproduzi em fotografia... Eu participei desse acantonamento, eu me lembro dos alunos... Bom, daí foi como eu coloquei lá no depoimento: foi uma imersão. Eu falei: “Bom, já que entrei sem treinamento, deixa eu aproveitar o máximo que eu puder aqui!” Eu tendo dado aula numa escola super tradicional, de aluno em carteirinha, apertadinho, um do lado do outro... Nossa Senhora! Aí comecei a ler sobre o assunto. Li Pierre Furter<sup>9</sup> “Educação e juventude presente”. Li Piaget. Li todos aqueles livros que na época... “Seis estudos de Psicologia”, do Piaget. Eles tinham muitos textos que usavam nas reuniões. Eles distribuíam e a gente lia, comentava, discutia, perguntava muito para os colegas. O que eu enchia os coitados dos colegas de Matemática e de outras áreas com perguntas do tipo: “Como é isso? Como é aquilo?”

**Eliza:** Quem era o colega lá de Matemática, o senhor lembra?

**Zago:** Uma colega bem próxima foi a Elisabeth Barbosa. Nunca mais voltei a conversar com ela, mas foi uma pessoa que me ajudou bastante. Havia outros também da época. A Elisabeth Barbosa é a que mais ficou para mim. Ela me auxiliou bastante. Porque já fazia algum tempo que ela trabalhava lá. Outros professores também me ajudaram, a Isis, de Estudos Sociais, a Maria Minomo, de Português, a Vilma Eleonora Leal, de Francês, Orlando Longo e Maria do Carmo Lorenzo Castro, de Artes Industriais e tantos outros. Nossa!

**Eliza:** Tinha aulas de Francês?

**Zago:** Francês e Inglês.

**Eliza:** Além de disciplinas como Artes Plásticas, Artes Musicais, não é?

**Zago:** As disciplinas eram: Português, Matemática, Ciências (Física, Química e Biologia), Inglês, Francês, Educação Física. Estudos Sociais (História, Geografia, Antropologia) era o núcleo, a área central. Havia também Artes Plásticas, Práticas Comerciais, Artes Industriais. Isso em São Paulo, porque no interior havia Práticas Agrícolas também. Educação Doméstica, Teatro, Educação Musical e Desenho Geométrico. Acho que não esqueci nenhuma.

**Eliza:** Aulas de teatro?

---

<sup>8</sup> Isis Garcia Salvestro foi professor de Estudos Sociais no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” de 1964 a 1967.

<sup>9</sup> Pierre Furter, educador suíço, veio ao Brasil para estudar o método Paulo Freire e acompanhar o desenvolvimento da Campanha Nacional de Alfabetização.

**Zago:** Sim, teatro. O Jorge Andrade deu aula, o Rui Nogueira, o Arutin<sup>10</sup>. O meu netinho faz teatro. Eu falo para ele: “Faça teatro mesmo, é muito importante”. Eu amo teatro, eu acho que expressão corporal, você se colocar num personagem e executar uma cena... é fundamental. Bom, cinema não precisa nem falar (mostra uma estante repleta de DVDs). Estes são só uma parte, há outra naquele armário. É o meu hobby. Alguns eu realmente gosto e outros comprei porque achei interessante para assistir pelo menos uma vez. São filmes clássicos. Este aqui é Carlitos...

**Eliza:** Morangos Silvestres, Charlie Chaplin... Bela coleção!

**Zago:** Coleção Grandes Livros no Cinema! Há também os Grandes Astros. Tenho livros e DVDs. Não digo que assisti a todos, mas a muitos eu assisti. É pelo prazer de saber que está aqui, se quiser eu pego e vou lá. Essa coleçãozinha está catalogada.

**Eliza:** Também gosto muito de cinema.

**Zago:** A gente gosta muito! Tenho discos clássicos. Eu tenho a coleção toda da Folha<sup>11</sup>. Nós gostamos de música clássica. Gosto de rock, música brasileira. Alguns cantores brasileiros: Elis Regina, Chico Buarque... Essa geração. Não tem como não os apreciar.

(Pausa)

**Eliza:** Então, voltando...

**Zago:** Eu estava falando do acantonamento. Aí que percebi realmente que estava numa escola diferente, como eu relatei no depoimento. E aí? Por que não? Certamente numa escola diferente, porque era tudo aquilo que te expliquei há pouco. Nós sentíamos muito claro isso no Estudo do Meio. As atitudes levantadas pelos próprios alunos, cumpridas e analisadas por eles. O relatório, a convivência, o retorno. Tudo isso mostrou que era uma escola diferente. Não era aquela escola em que você vira uma máquina de dar aulas, como aconteceu depois com a extinção do Vocacional: nós chegamos a dar quarenta e quatro aulas sem um respiro, sem reuniões de Htpc, sem nada. Um horror! Hoje não. Hoje ainda há aula de trabalho livre, há os horários de Htpc, poucos, acho poucos, mas há. Com o fechamento do Vocacional, nós caímos numa dureza: 44 aulas semanais. Os alunos do Vocacional

---

<sup>10</sup> Luis Carlos Arutin foi um ator brasileiro nascido em 19 de janeiro de 1933 em Barretos-SP. Faleceu em 08 de janeiro de 1996 num incêndio em seu apartamento no Rio de Janeiro-RJ. Filho de pai sírio e mãe italiana, começou como ator na sua cidade natal, mudando-se posteriormente para São Paulo, onde cursou a Escola de Arte Dramática da USP.

<sup>11</sup> Coleção Folha Mestres da Música Clássica (2014).

eram respeitosos. Um ou outro problema sempre havia, mas mesmo depois quando eu continuei lecionando no “Oswaldo Aranha”, não sendo mais Vocacional, talvez pelo próprio espírito que ficou ali dentro, no ar que se respirava permaneceu o ideal e não houve muitos problemas de disciplina. Mesmo quando eu vim para o “Major”<sup>12</sup>. Houve apenas o choque de um professor que queria que os alunos pensassem, com aqueles alunos que queriam sempre coisas prontas. Então isso realmente foi um negócio que chocou. Tive aquele impacto. Tive que ir me moldando, embora as coisas aprendidas no Vocacional estivessem impregnadas de tal maneira que você não conseguia mais fazer de outra forma. Perguntava-me: “Qual o caminho?” Eu não tenho mais a estrutura que eu tinha, eu não tenho mais alunos preparados que eu tinha. Porque eles eram preparados. Tudo desmoronou. Mas aquilo em que eu acreditava não podia morrer, não é? Então eu fui fazendo as adaptações possíveis na sala de aula.

**Eliza:** Os alunos eram preparados? Como?

**Zago:** Ah! Desde o ingresso procurávamos formar uma pessoa consciente. Consciente de si, consciente do outro, da presença do outro, do respeito com o outro, consciente das particularidades da sociedade. Quer dizer, era um trabalho que se fazia desde a primeira série. Ele fazia assim que chegava, o Estudo do Meio no próprio Vocacional: conhecendo a escola, conhecendo os colegas, escolhendo os colegas de trabalho, escolhas que eram usadas nas técnicas sociométricas da orientação Vocacional. Então ele desde cedo já convivia com os outros e estava sempre elaborando entre eles as atitudes adequadas para um estudo, para um trabalho, para a sala de aula. Eles mesmos levantavam as atitudes, com a orientação e a supervisão da gente, claro. Mas uma vez levantadas, eles eram mais rigorosos do que nós. Não se fazia lavagem cerebral no aluno. Não era isso. Procurava-se conscientizá-lo de si como pessoa. Essa é a palavra chave, ‘aluno como pessoa’, um ser que pensa e age. Não é um receptáculo de conteúdos despejados por terceiros. O aluno tinha essa consciência nascendo desde a 1ª série, com o Estudo do Meio, na sala de aula, com os coleguinhas, e isso numa linha evolutiva (de 1ª a 4ª série). Eram preparados nesse sentido. Se iam fazer um estudo, eles sabiam por que iam fazer aquele estudo, aonde deveriam chegar, quais atitudes eles deveriam ter. Isso tudo era discutido com eles. Não era: “Você tem que

---

<sup>12</sup> Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Major Juvenal Alvim”, na época (1977). Hoje, Escola Estadual “Major Juvenal Alvim”.

fazer assim, você vai agir assim, tem que ser desse modo.” Aí entram os problemas das regras de disciplina. Existiam? Sim. Existiam as regras básicas, essenciais, que devem ter, essas não eram discutidas, não eram levantadas, eram colocadas e explicadas aos alunos por que deveriam existir. Percebeu a diferença?

**Eliza:** Entendo.

**Zago:** Por exemplo: “Você tem que prestar atenção na aula”. Prestar atenção na aula era uma regra básica? Era. Então vai ser colocada e discutida, mostrava-se o porquê ela precisava existir. Agora existiam outras regras, outras atitudes que podiam ser negociadas. Regras que eles mesmos poderiam levantar. Isso a gente discutia com eles e eles mesmos levantavam. “O que é bom para um trabalho ter efeito?” “Você vai entrar numa equipe, como você acha que deve se conduzir?” “Enquanto o coleguinha está explicando, você pode ficar batendo papo do outro lado?” Eles eram conscientizados nesse sentido de saber quando falar e quando ouvir. Uma vez que você discutia com eles a regra, eles cobravam muito mais rigorosamente do que a gente. Quando já adolescente não sei se permanecia com tanto rigor assim, mas pelo menos nos primeiros momentos, de 5ª série até a 8ª série, uma vez levantadas as regras, elas eram cumpridas. E havia transgressão de regras? Havia. Havia aluno indisciplinado? Havia. Havia problemas com aluno? Havia. Mas o Vocacional ensinou que se não se resolvesse totalmente o problema, poderia haver, pelo menos, caminhos para ele ser amenizado. Muitas vezes a gente solucionava pela conscientização. Eu tive um aluno, não fui eu que impus essa punição, foi outro professor: ele lavou o banheiro da escola. Ele transgrediu qualquer coisa lá, não me lembro o que era, daí ele foi orientado e tal a lavar o banheiro, e lavou. Ele sabia que transgrediu uma regra. Portanto, era nesse sentido que eu quero dizer que eles eram preparados. Não era imposto. Eram regras básicas. Elas eram explicadas, discutidas. Isso vai ser assim, desse modo, por causa disso, se não for assim, olha o que pode acontecer. Agora, existiam regras que eles levantavam? Muitas. O código de armários, por exemplo. Eles tinham armários na escola onde guardavam o material escolar. Quando iam para casa, iam sem nada. Os códigos de Artes Industriais, de Estudos do Meio.

**Eliza:** Código de armário? Código de Artes Industriais?

**Zago:** De cuidado com os armários. Eu acho que eu tenho até um exemplar desse código de armário...

**Eliza:** Depois eu quero ver... Parecia ser bem rígido. Tinha até código de armário!

**Zago:** De armários e código de Artes Industriais!

**Eliza:** E a liberdade?

**Zago:** Liberdade era um valor supremo no Vocacional! Mas, com responsabilidade. Jamais desassociado do outro, da comunidade. Poder transgredir e prejudicar o outro? Não.

**Eliza:** Como era a liberdade?

**Zago:** Bom, por exemplo, em sala de aula, eles tinham a liberdade de perguntar, de questionar, de debater a qualquer momento.

**Eliza:** E eles exercitavam isso?

**Zago:** Sim. E levantavam a mão. É! Eles eram orientados a levantar a mão. Não falavam todo mundo junto. Eles e nós éramos orientados. Quando falavam todos ao mesmo tempo, simplesmente não se respondia. Enquanto não acalmava a bagunça não respondíamos. Eles falavam juntos às vezes? Claro! Falavam! Eram crianças e adolescentes. Eram pessoas normais. Os alunos dos Vocacionais não eram santos, santinhos. Íam à aula e faziam tudo direitinho? Nem sempre. Eles eram alunos. Pessoas normais. Agora, existia uma orientação de conduta? Existia. Então, em aula, por exemplo, se ele queria se manifestar, ele levantava a mão: "Professor?" Ele só falava quando lhe era dada a palavra. Se dois ou três levantavam a mão, você organizava. E eles debatiam. E eles questionavam. O aluno do Vocacional questionava muito. Tudo. Os assuntos que você ia falar ou trabalhar com eles tinham que estar muito bem fundamentados.

**Eliza:** Inclusive nas aulas de matemática eles questionavam?

**Zago:** Sim! Sim! E eles não recebiam as coisas prontas. Ensinava-se o que era essencial. Não como aula expositiva. Havia uma programação. Dentro dessa programação existiam os objetivos do bimestre que eram levantados na Plataforma. A gente participava dessa Plataforma para ver onde podia encaixar os conteúdos. Quando não dava, pelo menos, trabalhávamos as atitudes e os objetivos que poderiam ser trabalhados em Matemática levantados nesta Plataforma. Alguns conceitos os quais pudessem trabalhar nas aulas.

**Eliza:** Como eram as aulas de Matemática?

**Zago:** Eu vou te falar de 68, 69 que eu conheço. Quando eu cheguei lá eram quatro aulas de matemática. Era período integral, então dava para você trabalhar

bem essas aulas. O aluno tinha quatro, mas você, como professor, tinha sete (se não me engano) na mesma sala. Na segunda série A, por exemplo, você tinha uma aula com a classe inteira. Essa aula a gente usava para fazer colocação de problemas, estudos, revisões, sínteses, propostas de trabalho, e às vezes, até uma aula expositiva. Por que não? Não se desprezava a aula expositiva no Vocacional, mas era uma aula expositiva com intensa participação do aluno. Depois nós tínhamos uma aula que era aula simples, não dupla. Simples. Eram divididas as classes. Normalmente havia seis equipes de cinco alunos. Então, nessa aula dividida, três equipes ficavam comigo nessa aula simples e as outras três, por exemplo, iam ter Artes Plásticas. Depois invertia. Os que estavam em Artes Plásticas vinham comigo e os meus iam para Artes Plásticas. Não necessariamente no mesmo dia, na mesma sequência. Com isso completava-se a aula inteira com a classe, só que eu trabalhei duas vezes. Havia aulas duplas. Divididas também, do mesmo modo: três equipes ficavam comigo em Matemática e três equipes iam para, por exemplo, Artes Industriais. Depois invertia. Nessas aulas divididas trabalhava-se com estudos dirigidos, pesquisas ou outra atividade que exigisse atendimento mais próximo ao aluno.

**Eliza:** Olha que diferente!

**Zago:** Em meados de 69 ou 70 acabou isso aí. Antes não sei também, tenho a impressão que essas aulas divididas já existiam antes, não sei. Só que após a extinção isso acabou. Em 69 (como eu te falei) permaneceu... O espírito do Vocacional permaneceu. A gente continuou usando o trabalho em equipes e o Estudo do Meio, na medida do possível. As práticas que a gente podia ainda continuar, mantiveram-se. Isso com grande apoio da Sociedade de Pais, se não nós não teríamos...

**Eliza:** Sociedade de Pais?

**Zago:** Eu coloquei isso no meu depoimento. A Sociedade de Amigos do Vocacional, a Sagvoa – Sociedade de Amigos do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha. Cada colégio tinha a sua Sociedade. Se não fosse o auxílio desse pessoal, desses pais, nós não teríamos sobrevivido. Sobrevida que eu digo é assim: de 1970 a mais ou menos a 1974. Mesmo depois, eles ainda continuaram ajudando. Claro. Mas em termos de Vocacional, foi se diluindo como um castelo de areia... Não tinha mais sentido, não existia mais um órgão coordenador. Então as escolas ficavam isoladas, cada uma fazendo o que podia fazer, salvando o que pudesse salvar,



salvando da derrocada e trabalhando dentro da linha. Mas já não com o sustentáculo todo que existia antes, e já fazendo adaptações. Porque, por exemplo, nós tínhamos planejamentos bimestrais e relatórios bimestrais, nós fazíamos relatórios bimestralmente do nosso trabalho por série, 2ª série, relatório da 2ª série, de cada área. Em 70, por exemplo, já começou planejamento semestral, relatório semestral... e a coisa foi se esvaziando... Mas eu estava te falando da sala de aula... Eles aceitavam estagiários de outras escolas, pessoas interessadas em conhecer a experiência. Eu tive estagiários na minha sala e eu me lembro de um deles que, ao terminar o estágio, com a aula terminada, ele pergunta: “Escuta, mas como é que vocês conseguem isso dos alunos?”

**Eliza:** A que ele se referia?

**Zago:** A essa participação toda. Como conseguíamos esse envolvimento dos alunos na sala de aula? Daí eu expliquei a ele o modo como a gente trabalhava, porque eles realmente participavam da aula. Os alunos participavam, só um ou outro, às vezes, não. As aulas todas eram planejadas. Havia também o Estudo Dirigido.

**Eliza:** O que era o Estudo Dirigido?

**Zago:** Era uma proposta de trabalho bem minuciosa, para o aluno conseguir aprender determinados conceitos. Esse Estudo Dirigido poderia ser feito através de uma pesquisa bibliográfica (que era muito usada) na própria sala de aula, porque nós não adotávamos livros, não seguíamos índice de livro didático, mas usávamos os livros para eventuais pesquisas. Eles eram apenas um apoio às aulas. As salas eram salas ambientes onde havia o armário e alguns livros e depois havia a biblioteca central, ali perto também. Dava para eles trabalharem lá se quisessem. O Estudo Dirigido era uma proposta de trabalho em todas as séries. Até na 4ª série, muitas vezes, acontecia. Mas era uma progressão: começava com o estudo dirigido bem simples com rotinas bem orientadas, bem esquematizadas para o aluno desenvolver, tanto o Estudo Dirigido no meio de uma Bateria de exercícios, por exemplo, como em um trabalho ou pesquisa. Daí partia-se para outro tipo de estudo, na medida em que o aluno ia amadurecendo, que era o Estudo Supervisionado. Tudo isso no horário regular das aulas. Nesse estudo supervisionado, os alunos de várias classes ficavam nessa sala de aula, por exemplo, “estudo supervisionado da 2ª A e B”, às vezes acontecia isso. Então ficava um professor lá que não era necessariamente o professor da disciplina. Nesse momento, os alunos trabalhavam

os Estudos Supervisionados dados pelos seus respectivos professores. Esse Estudo Supervisionado era uma complementação, um reforço, um exercício de fixação, ou de revisão que eles faziam na escola mesmo. Esse exercício retornava ao professor e a gente corrigia e depois discutia com eles em outra aula. Só que não era sob a supervisão direta do professor da área. E depois, além do Estudo Supervisionado, isso já na 4ª série, 3ª, quando eles estavam bastante treinados, é que se propunha, (eu não cheguei a propor isso daí porque só lecionei na 2ª e 3ª, enquanto Vocacional), o Estudo Livre. O Estudo Livre era uma proposta de trabalho (às vezes) levantada pelo próprio aluno que se interessava por aquele assunto ou até pelo próprio professor para o aluno aprofundar melhor em determinados assuntos, mas sem presença de professor nenhum.

**Eliza:** Ele fazia isso na escola?

**Zago:** Era previsto em horários regulares da escola. Eu não cheguei a aplicar muito o Estudo Livre porque eu trabalhei mais com a 2ª e 3ª séries, enquanto Vocacional. Então era assim: esses estudos eram feitos individualmente. Primeiro, obrigatoriamente, existia uma fase individual dentro daquela proposta de trabalho, cada aluno trabalhava sozinho, buscava fazer da melhor forma possível a tarefa, com a gente observando. Nós não parávamos. Nós circulávamos pela sala acompanhando aluno por aluno. E eles perguntando. Às vezes a gente não respondia para não dar a resposta pronta, isso era coisa que se evitava, era um pecado mortal dar a resposta pronta para o aluno. (risos). À medida que ele perguntava, você fazia outra pergunta de tal modo que o encaminhasse a encontrar a resposta.

**Eliza:** Como era a relação dos alunos com a Matemática?

**Zago:** Como sempre, existiam os que gostavam e os que não gostavam, mas faziam direitinho. Uns mais aplicados outros menos, mas tinham consciência disso. A avaliação do aluno era feita por uma avaliação global, não era apenas por: “Ah! Ele é ruim, péssimo em Matemática.” “Imagina não saber Matemática? Reprovado!” Não era assim. Isso em qualquer área, qualquer disciplina. As disciplinas eram tratadas todas no mesmo patamar. Teatro era tão importante quanto Português e Matemática. Educação Física ou Educação Doméstica eram tão importantes quanto Estudos Sociais, Ciências etc. Todo esse quadro geral era analisado, não só nos Conselhos Pedagógicos, mas também nos problemas mais imediatos, como também no Conselho de Promoção. O Conselho de Promoção durava três, até quatro dias.

Ali cada aluno era analisado individualmente, embora o Vocacional tivesse como centro o trabalho em grupo. Os trabalhos no Vocacional eram feitos (isso era uma regra básica) em grupo, desde o planejamento (lá em cima) central, até lá na parte dos serventes, por exemplo. O trabalho em grupo era a técnica central de todo o sistema de Ensino Vocacional. No entanto, na questão da promoção avaliava-se o aluno individualmente. Essa avaliação era uma avaliação global. Sentavam-se todos os professores, às vezes a gente até achava ruim: “Mas como esse aluno vai passar? Pelo amor de Deus, está ruim em Português, em Matemática...”. Mas lá não era assim: promoção automática, como é hoje: passa e “tchau e benção, se vira!” Não! Quando acontecia isso, o aluno, por exemplo, que era bom na maioria das áreas, mas tinha dificuldades, por exemplo, comigo (em Matemática), a gente promovia, mas com compromisso. Nisso o Vocacional inovou também. O compromisso era uma espécie, digamos assim, de dependência, ele ia para a série seguinte com o compromisso de superar as falhas tidas até então. Só que ele não era “solto no pasto” (modo de dizer) (risos). Não era publicada uma lista, friamente, lá na parte externa da escola. Ele era informado dos resultados em sessões com a Orientação Educacional. Chamávamos um a um, e o Orientador falava: “Você foi reprovado, você foi por isso... você foi...” Quase não havia reprovação no Vocacional. E o compromisso, ele assumia. “Você vai para a 3ª série, mas com o compromisso de Matemática da 2ª série. Então, em Matemática você tem que prestar mais atenção, você tem que superar suas falhas.” Não era solto. O professor, dentro das suas oito ou nove horas de seu trabalho, tinha sessões com os alunos compromissados. Verificava as dificuldades, dava exercícios, provas para compensar.

**Eliza:** Aparecia compromisso em Música, por exemplo, também?

**Zago:** Sim, compromisso em Educação Musical, Teatro, Educação Doméstica. Não só por conteúdo, mas também compromisso por atitudes. O aluno era excelente em matemática, mas com atitudes péssimas. Eram compromissados por atitudes muitas vezes. Atitudes. Às vezes o aluno estava razoavelmente bem ou até bem nas várias disciplinas, mas a atitude péssima, não atendeu os objetivos do Ensino Vocacional, não é isso que a gente quer. E havia alunos, pouquíssimos, que não se adequavam. Pode ser que eu esteja no passado, mas não me cabe na cabeça que um rapaz, um menino de vinte e quatro anos, um universitário, tome

trinta doses de vodca<sup>13</sup>. Quer dizer, a formação, onde ficou? O que a escola ensinou para esse menino? Menino não, homem feito... Eu com dezenove anos já me “virava” sozinho em São Paulo. O que falta na educação de hoje é a formação de atitudes, de valores, não é informação. Informação ele tem na banca de jornal, no celular, no Google, na internet, embora tenha muitas coisas erradas na internet... Percebe o papel da escola? No meu entender a escola está no século XIX. O Vocacional, na época, estava no século XXI, estávamos no século XX e o Vocacional já estava no século XXI. E pelo que constato, hoje, no século XXI é que ainda não estamos, nem perto, do que era o Vocacional no século XX. Temos hoje uma escola da Idade Média, do século XIX em alguns aspectos. Não se formam hábitos de estudo. Hoje você fala assim: “O aluno não sabe estudar”, mas você ensinou alguma vez esse aluno a estudar? Eu várias vezes questionei isso. Ele não estuda, ele não sabe estudar, mas você ensinou esse aluno a estudar? Você ensinou esse aluno a fazer pesquisa? Você aceita uma pesquisa que é xerox do livro, que é cópia da internet. Então, eu acho que falta uma escola que forme atitudes. Seres humanos realmente íntegros. E o trabalho em grupo então? Copiaram do Vocacional algumas técnicas, só que desligadas de toda a filosofia e pedagogia que embasava a experiência. O que fizeram com o trabalho em grupo? Um ou dois fazem, todos os do grupo assinam e o professor só corrige um e distribui a mesma nota para todo mundo. Muito pobre.

**Eliza:** No Vocacional o grupo era pensado. Eles não se reuniam conforme queriam, não é?

**Zago:** Existia uma técnica que o Orientador Educacional aplicava. No começo do ano eles faziam a sociometria, isto é, formavam os grupos, para a maior parte dos trabalhos, através das técnicas de sociometria, eu não sei quais eram...

**Eliza:** Sociometria ou sociograma?

**Zago:** Sociograma é o resultado mostrado ao professor. “Essa equipe foi formada assim: esse é líder, esses são liderados, esse é rejeitado, esse só escolheu esse, aqui tem escolhas mútuas”. Grupos formados, a Orientação Educacional mostrava o resultado - o sociograma - que era o que a gente via, e dava todas as explicações necessárias. Então, como é que ela procedia (vou tentar descrever mais ou menos), porque lá se vão tantos anos, mas se não me engano, era mais ou

---

<sup>13</sup> Humberto Moura Fonseca, um estudante universitário, de 23 anos, morreu após ingerir 25 doses de vodca numa festa. O caso, noticiado nacionalmente, aconteceu em 28 de fevereiro de 2015.

menos assim: no início do ano, aliás, após os alunos se conhecerem, antes até de começarem os trabalhos, os alunos indicavam, se não me engano, três pessoas com quem gostariam de trabalhar. Eles entregavam à orientação as suas escolhas e através dessa técnica sociométrica, do sociograma, a orientadora educacional formava as equipes procurando atender as escolhas dos alunos, de preferência as primeiras escolhas, porque era assim: “Escolha com quem você quer trabalhar e coloque em ordem de preferência.” “Assim: eu prefiro esse, depois esse, depois esse...”. Ela formava as equipes por meio desta técnica. Isso era competência da Orientação Educacional do Vocacional, e era feito, cabe dizer, com excelência, porque fazer um negócio desse e conseguir o resultado que conseguiam, só pessoas iluminadas mesmo, porque não tem outro jeito.

**Eliza:** Como era a orientação educacional?

**Zago:** Cada série tinha uma, a da 2ª série era a Profª Olga Salles Brito<sup>14</sup>. A orientadora pedagógica era a Profª Maria Auxiliadora Albergaria Pereira. Então, a Profª. Olga (OE) fazia essa montagem através desses dados. Colocava os alunos líderes primeiro, depois as escolhas deles. Não posso te informar corretamente porque não trabalhei nisso, a gente só sabia, porque ela explicava nos Conselhos Pedagógicos. E com isso se formavam boas equipes. Eventualmente uma ou outra não funcionava direitinho. Quando se percebia que, na prática, não tinha dado certo, ela ia lá e corrigia. Mas eram equipes para o ano inteiro, segurava a equipe o ano inteiro ou um semestre e depois mudava (não sei bem). Só se desse um problema muito sério, às vezes incompatibilidade, que ela não tinha percebido. Era mais ou menos assim. Então, as equipes eram formadas seriamente, não era assim: “Com quem você quer trabalhar?” “Com a amiguinha de esquina, de baile, não sei o quê.” Eram montadas as equipes através do sociograma. Eles até optavam: “Eu gosto de fulano, eu tenho afinidade com ele”, mas não era assim livre. Eu até tentei depois, no ensino tradicional, fazer isso (não pelo sociograma) durante alguns anos. Funciona, mas a gente percebe que há um pouco de deficiência. Eu colocava na lousa, perante a classe toda, os nomes dos alunos melhores em Matemática, porque eu já conhecia. Um em cada equipe, para dar sustentáculo. Aí eu pedia: você escolhe um, escolhia. Você escolhe um, você escolhe um, aí voltava. O segundo escolhia o terceiro, o terceiro escolhia o quarto e assim sucessivamente. Quando eu

---

<sup>14</sup> Olga Salles Brito Pereira foi orientadora educacional no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha de 1966 a 1969.

percebia que ficavam uns dez alunos na classe sem escolher, eu revertia o processo, sem falar nada, porque aí eram os rejeitados. Quando chegava a uns dez, doze na classe, falava para eles: “Agora vamos mudar um pouquinho a regra do jogo”. Prevenia antes que ia fazer as duas formas para que não sofresse um impacto. Porque senão o último ia falar: “E eu professor, não vou escolher nenhum?” Eu falava: “Vamos escolher até tal e depois daí a pessoa escolhe”. Mas não explicava por que, dizendo o porquê você ficou rejeitado. Não! Não! Evitava assim uma situação desconfortável: “eu sozinho, ninguém me escolheu”. Então eu procurava evitar, mesmo porque eu não estava no ensino renovado que me dava amplitude para depois conversar com o aluno. Não tinha nada disso. Fazia dessa maneira, não é sociometria, mas é algo que me veio da experiência, que me permitiu trabalhar um pouco em grupo, ainda. Então, Maria Eliza, eu aprendi no Vocacional a começar no primeiro dia de aula não com o conteúdo, sabe? Entrava em sala de aula, me apresentava, dizia quem eu era, procurava conhecer o aluno pelo nome. Talvez até tenha feito diferente antes de entrar no Vocacional, mas depois, sempre pelo nome: Carlos, Antônio, Fulano, sabe? Às vezes alguns até diziam assim: “Ah! Professor faz a chamada por número, é mais rápido!” Aí eu virava para eles e falava assim: “Escuta, vocês são gados para serem numerados? Vocês são pessoas, gente. Pessoa tem nome.” Só também, parava aí. Então eu deixava muito claro para eles o que eu queria. Ultimamente... quase no fim, chegando na aposentadoria, nos dez últimos anos ou até antes, eu fazia questão de escrever na lousa o meu planejamento com eles, colocar os objetivos, colocar as atitudes desejáveis. Eu deixava claro e explicava o porquê. Aquelas regras básicas, como por exemplo, fazer a lição. Mas eu deixava claro e conversava sobre elas. “Isso vai ser uma regra básica estabelecida aqui, se você não cumprir eu serei obrigado, infelizmente, depois de muita conversa e tentar convencê-lo, a encaminhá-lo à diretoria”. Encaminhei algumas vezes à diretoria; no Vocacional, não tanto. Mas também cheguei a encaminhar. Sempre se tentavam resolver os problemas entre professor e aluno, na sala de aula.

**Eliza:** Inclusive no Vocacional era assim?

**Zago:** No Vocacional era assim também. No Vocacional quase não existia suspensão como hoje se faz suspensão por isso e por aquilo. Lá, o aluno era encaminhado, às vezes, para a Orientação Educacional. Qualquer problema, os pais eram chamados. Os pais eram muito ativos. Eles tinham uma participação intensa

no Vocacional. Não só contribuía monetariamente com a Sagvoa<sup>15</sup>. Eles vinham, participavam das atividades da escola. A escola era aberta para eles se quisessem vir e observar. Eles tinham um interesse muito grande na educação que estava sendo dada aos seus filhos. Não se proibia a entrada da comunidade, jamais.

**Eliza:** Eles participavam como? Nas festas, nos estudos?

**Zago:** Em tudo. Eles eram chamados pela Orientação para discutir os problemas da adolescência, discutir problemas do filho, discutir problemas de aprendizagem, comportamento. Informava-se sobre o Estudo do Meio que se fazia. O pai não só contribuía financeiramente, aliás, tinha pais que às vezes não podiam contribuir financeiramente e outros cobriam, sabe? No Estudo do Meio, por exemplo, era dessa forma: “Ah! O aluno não vai poder pagar?” “Não, não, não, nós pagamos!” A Sociedade de Pais pagava. Então a participação dos pais era muito intensa. O Vocacional se caracterizou, pelo menos que a gente tenha conhecimento, como uma escola comunitária, uma escola inserida numa comunidade. Essa inserção promovia uma reciprocidade entre escola-família-comunidade. Ao mesmo tempo em que se trabalhava para formar o ser - alunos dessa comunidade -, procurava-se promover explicações e palestras para os pais. Por exemplo: eu me lembro, eu não peguei essa fase, mas eu tenho até um roteiro de um curso de Matemática Moderna para os pais. E isso foi se não me engano, em 66. Eu não participei porque eu não estava lá, eu tomei conhecimento depois. A Lucilia Bechara introduziu a Matemática Moderna, uma coisa nova na época, no Vocacional. E ela, eventualmente, deve ter percebido que os pais ficavam meio deslocados com aquela linguagem diferente da Matemática Moderna: conjunto, intersecção, contido, não contido... Antes era uma Matemática mais tradicional, mais cheia de regras. A Matemática Moderna foi adaptada e introduzida no ensino secundário, claro que com as devidas adequações. Pela visão que eu tenho da época, 68, 69, a Matemática Moderna já tinha sido introduzida desde o início no Vocacional. E a gente trabalhava essa Matemática Moderna. Embora abstrata, procurávamos concretizar... Então, fazíamos alguns trabalhos nesta direção. Não era nada jogado para o aluno. Não é, por exemplo: “A está contido em B se e somente se qualquer elemento de A pertence a B.” Não se jogava para o aluno assim, não chegava para ele assim... Inseria, às vezes, numa situação concreta, às vezes, através de desenhos, de jogos, de

---

<sup>15</sup> Sagvoa – Sociedade de Amigos do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”.

manuseio, alguma coisa assim. Caminhava-se para a abstração? Sim, caminhava-se, mas, sempre do concreto para o abstrato. Era a Matemática Moderna adequada ao ensino secundário.

**Eliza:** Havia resolução de problemas?

**Zago:** Resolução de problemas tínhamos bastante. Toda a situação de estudo no Vocacional era situação problema. Toda situação de estudo, por exemplo, (hoje até se faz isso com um pouquinho de frequência) se eu for, por exemplo, trabalhar a equação de 2º grau, na 4ª série. Embora tivesse Matemática Moderna, a gente dava algumas técnicas da Matemática. Não se abandonou isso. Então a gente dava um problema que motivasse o aparecimento de uma equação. “E daí como é que eu resolvo?” “Eu não sei, nunca vi isso aí!” “Então vamos pesquisar.” “Como é que você vai resolver?” Pesquisava o assunto. “Onde aparece equação do 2º grau?” Vai e lê o texto. Liam os textos, orientados pelo professor. Depois a gente sistematizava. Toda vez que a gente propunha um problema para introduzir o assunto, esse problema inicial era resolvido depois. Então, se eu dei um problema que caiu na equação de 2º grau: “Ah! Tá! Nós precisamos então estudar equação de 2º grau!” Faz o estudo e depois, no final, retorna ao problema. “Agora dá para resolver?” Tudo orientado pelo professor, tudo. É claro que existiam momentos que a gente dava nomes. Por exemplo, o aluno não era obrigado a adivinhar que aquilo se chama uma equação de 2º grau. Ele podia até estranhar: “Nossa, professor deu isso aqui!” “Oh! Com esse dois em cima, x dois, x elevado ao quadrado.” Ele nunca tinha resolvido uma equação daquela digamos. É só um exemplo imediato, inventado aqui para ilustrar o que eu quero dizer: que todo problema era colocado, todo estudo era colocado através de um problema. O estudo no Vocacional se dava por resolução de problemas, em qualquer área. Em qualquer área, individual primeiro, tentando resolver sozinho, e depois discutindo seus resultados na equipe para a equipe chegar a uma conclusão a respeito daquilo que foi colocado. Isso nas várias equipes, depois na assembleia de classe em que as equipes discutiam umas com as outras e colocavam ou complementavam o resultado que eles encontraram, e como encontraram. Era um ensino muito dinâmico. Mas existia todo um planejamento da área de Matemática, lá no SEV, que era colocado aos professores em reuniões. Então existia um planejamento inicial do que estudar em Matemática e aí se discutia com os professores. Às vezes fazia-se uma adequação como eu te falei: tudo no Vocacional era feito em grupo. Eu não me lembro de nenhum momento



assim que algo tenha sido imposto, pelo menos na minha experiência pessoal, os dois anos que estive lá, não sei em outros anos, não sei o que ocorreu, mas nós éramos participantes, ativos no processo. Nós não fazíamos uma “*repetição*” do que o outro pensou e executou o que ocorre hoje. Eu me sentiria extremamente mal em fazer um negócio desses. Eu acho que eu nem cumpriria porque uma das coisas que eu sempre privilegiei foi a minha liberdade de executar, de “bolar”, de criar, de elaborar uma aula, de conduzir o aluno para um determinado assunto, dentro do planejamento obviamente, mas eu criando aquele momento. Não alguém que criou lá atrás para mim, de gabinete, e diz que eu tenho que fazer nessa minha sala de aula que esse outro nem conhece, que é o que ocorre hoje. Por mais que a Secretaria de Educação, por exemplo, coloque que não é obrigatório, a gente ouve (eu tenho uma filha que é professora do Estado) que tem que cumprir aquilo ali. Então é difícil.

**Eliza:** O Sr. poderia falar um pouquinho desta época: a década de sessenta, o espírito da época...

**Zago:** O Vocacional estava inserido na década de 60. Em 1961 começou a elaboração, em 62 a instalação dos três primeiros ginásios vocacionais (São Paulo, Batatais e Americana), em 63 os outros dois (Rio Claro e Barretos), em 68 (São Caetano do Sul) e foi até 69, quer dizer, praticamente a década de 60. Foi uma década de busca, de alterações de valores, de tudo. Era toda uma efervescência... Em termos do Vocacional era muito bom! Nossa!

**Eliza:** O Sr. poderia falar sobre a estrutura do Vocacional? Como era?

**Zago:** Eu tenho uma foto da Escola. Quanto à estrutura física do Oswaldo Aranha era assim: era um “U”. Eram dois andares: na parte de baixo, do lado esquerdo de quem olha para a entrada do prédio, era o SEV – Serviço de Ensino Vocacional – mal acomodado, apertadinho. Coitados. Depois eles tiveram um prédio próprio ao lado, um prédio bem bonito... que também durou o quê? Um ano, no máximo. No SEV ficava a Profª Maria Nilde, os coordenadores, os supervisores. Vamos começar com o Oswaldo Aranha de que maneira? Vamos começar por cima: em cima, olhando para escola, à direita, ao fundo, era a sala de Artes Plásticas, uma sala grande, depois tinha a sala de Artes Industriais. Ainda nesse ramo, a sala de Educação Musical e lá no fim desse braço, na parte frontal do U, vinha a sala de Ciências e o laboratório de Ciências, depois, a sala de Francês e Inglês, porque os professores de cada área tinham cada um a sua sala. Eu, por exemplo, tinha a

minha sala de Matemática junto com os professores só de Matemática e Desenho Geométrico. Então tinha a sala de Francês e Inglês, depois tinham as salas de aula, depois tinha a sala de Estudos Sociais (dos professores de Estudos Sociais) e geralmente era assim: do lado ficava a sala ambiente, para evitar muita movimentação. E, depois, a sala de Matemática, dos professores de Matemática e Desenho Geométrico. Virando, no outro ramo, como tinha saída embaixo, para o lado direito, a escada que descia era tampada com tapume (depois retiraram quando o SEV foi para o prédio novo). Do lado esquerdo, nesse braço, tinha a sala de Português, dos professores de Português e as salas de aula. Que eu me lembre era isso.

**Eliza:** Então cada professor tinha a sala dele e do lado era a sala de aula?

**Zago:** A sala ambiente de preferência, às vezes não dava, mas ficava sempre o mais próximo possível, às vezes havia uma ou duas salas ambiente para a disciplina. Eu me lembro de que Matemática tinha duas salas de aula ambiente, uma para primeira e segunda, outra para terceira e quarta séries. Embaixo da sala de Artes Plásticas, no térreo, voltando então naquele esquema anterior, tinha o refeitório, uma cozinha grande e um refeitório grande. Em seguida, no final do corredor, era a sala de Educação Doméstica (a casinha que eu já falei para você). Virando, tinha outro laboratório de Ciências, uma sala de aula, daí tinha uma porta fechando o corredor e era a parte administrativa, isso na parte de baixo. Quando o SEV saiu dali ficou a área de Práticas Comerciais e a Biblioteca do colégio. Eu não lembro onde ficava a Práticas Comerciais enquanto o SEV estava ali. Era uma escola grande.

**Eliza:** Existe esse prédio ainda no Brooklin?

**Zago:** Existe, só que hoje está tudo com grade, parece uma prisão. Continua sendo “Oswaldo Aranha”. A de Rio Claro era belíssima! E a de Barretos também.

**Eliza:** Hoje você passa em Rio Claro, chega a ser triste de olhar, parece um prédio abandonado, em uma parte funciona a escola e a outra fechada, sem uso.

**Zago:** Dá até dor no coração, judiação! A arquitetura daquele prédio foi feita por um pai de aluno da época.

**Eliza:** O arquiteto Pedro Torrano.

**Zago:** Fez todo o projeto gratuitamente e doou o projeto para o SEV. O SEV tinha muito auxílio dos pais de alunos. Os Vocacionais sobreviviam não tanto com as verbas do Estado, porque, muitas vezes, atrasavam a verba. Professor ficava sem

receber, suspendia-se o pagamento, então, a sobrevivência do Vocacional deve-se bastante à Sociedade de Pais e a ajudas externas, até de igrejas. É. Teve uma das igrejas que fez uma doação grande para a escola em termos de aparelhagem (se não me engano). Então não era só o Estado que sustentava o Vocacional.

**Eliza:** Mas falavam sobre a escola ser uma escola cara. Havia muito gasto, muito investimento.

**Zago:** E o investimento que se faz na juventude não se conta? Investimento para o futuro. Não se conta? A escola foi atacada do início até o fim... Foi atacada de todos os lados.

**Eliza:** Não foi só no final?

**Zago:** Depois tomei conhecimento, na época não. Depois, lendo alguns textos, algumas anotações. Luciano de Carvalho criou o Vocacional na gestão dele e no ano seguinte ele sai. O novo secretário entrou (eu não me lembro quem era) e já começou a colocar barreiras para a instalação. Na própria instalação, o Ginásio Vocacional já começou a sofrer barreiras e perseguições. Foram nove Secretários de Educação (se não me engano). Você imagina a resistência. Imagina a resistência da Prof<sup>a</sup> Maria Nilde, porque ela acreditava nisso! Para mim foi uma experiência imensamente significativa. Nossa! Tanto para vida profissional quanto pessoal. O que eu cresci no Vocacional não está escrito. Eu era uma pessoa calada, tímida. E lá não se podia ser isso porque você era questionado a todo o momento. (Risos). Então você tinha que se superar e se desenvolver. Superar suas limitações. Naturalmente ia acontecendo com você... Não só no aspecto profissional, mas pessoal. O Vocacional teve uma importância muito grande na minha vida, muito grande... Eu entrei sem treinamento e nos últimos anos conforme os Vocacionais iam crescendo, porque eles começaram em três, depois mais dois, então houve algumas mudanças de professores, alguns entraram sem treinamento. A própria Prof<sup>a</sup> Maria Nilde reconheceu isso depois. Não foram muitos, mas acontecia de um ou outro entrar. E como ela corrigia isso? Através dos cursos de férias. Em fevereiro ou julho. Eu mesmo participei de um deles. Eram cursos de uma semana ou quinze dias, com palestras que tratavam de assuntos do Vocacional, de Educação e Cultura Geral. Havia orientações.

**Eliza:** As férias eram em janeiro?

**Zago:** As férias eram em janeiro, mas nós tínhamos férias durante o ano, férias curtas. Deixe-me ver se me lembro: acho que em cada bimestre havia uma

semana de férias para os alunos e para nós também. Eu sei que tinha umas férias parceladas durante o ano, eu não me lembro exatamente. Daí o aluno podia sair junto com os pais sem perder aulas. Além disso, o currículo era flexível. Você tinha as aulas de Matemática e isso não significava que obrigatoriamente você tinha que cumprir essas horas na sala de aula de Matemática, você podia cumprir no Estudo do Meio. As aulas de Matemática eram consideradas aulas no Estudo do Meio. Não existia uma estrutura rígida nesse sentido. Podem questionar: “Mas não havia prejuízo de conteúdo?” Bom, em termos de atitudes, de conhecimentos, de conceitos, novos crescimentos? Quantas vezes nós ensinamos coisas que são supérfluas na verdade? Às vezes coisas que não têm muito sentido, não têm muita duração, não têm... O que é mais importante? Cumprir o número de horas, o número de dias ou desenvolver no aluno um pensamento, um raciocínio lógico-dedutivo? Desenvolver estudos experimentais? E a sociabilidade deles, onde fica? O conhecimento do meio, de sua realidade?

**Eliza:** Eles participavam muito? Sabemos que elaboravam as atitudes antes de um Estudo do Meio, discutiam formas de comportamento, não é? Quando retornavam perguntavam-se: “E aí, como foi?”

**Zago:** Faziam estas análises, exatamente. A autoavaliação. Eles se autoavaliavam a cada período de estudo, de aula, de sequências. Eles se avaliavam, com a orientação da gente. Todos os professores na sua área realizavam.

**Eliza:** E os professores?

**Zago:** Nós fazíamos autoavaliação para entregar ao SEV. Lembro que fiz uma no final de 68, se não me falha a memória.

**Eliza:** Professor, nesta época, no final da experiência, você coloca no início da entrevista que você era estudante da USP e professor do Vocacional e isto o deixava...

**Zago:** No olho do furacão.

**Eliza:** Isso. (risos) No Vocacional percebiam-se mudanças?

**Zago:** Bom, nos anos anteriores eu não sei. O regime militar era um regime duro e certamente o Vocacional sentia alguma coisa, mas não me ocorre de ter tido um enfrentamento muito grande. Não me lembro. Não tenho conhecimento. Talvez eles participassem de alguma forma. 68 e 69 foram anos terríveis. 68 com grandes movimentos, greves, passeatas... O Vocacional foi assim tocado, digamos assim. Eu

me lembro de que havia reuniões, por exemplo, para decidir se íamos participar ou não dos movimentos, das passeatas. Houve uma reunião que foi feita na casa de um pai de aluno. Eu, como morador no Crusp, fui encarregado de dar a notícia no Crusp de que o Vocacional participaria daquela passeata. Fazia isso com muito medo.

**Eliza:** Eu imagino...

**Zago:** Sim. O Vocacional sofreu evoluções. Eu acho que no início ele estava bem centrado na parte pedagógica, na formação, com ligação com a comunidade e tal. Mas em 68, 69 já deu para perceber um aspecto mais ideológico, de você ter que tomar uma posição no sentido assim de: “Isso tudo acontecendo e nós aqui?” Podemos ficar alheios ao que está acontecendo? Olha que difícil que foi. Para todo mundo, principalmente, acredito, para a Prof<sup>a</sup> Maria Nilde. Eu me lembro de uma reunião que ela fez com a gente lá e que ela até disse nestes termos: “Eu não irei à passeata por uma questão física. Eu não tenho condições.” Porque ela tinha, eu acho, artrose, muita artrose. Então, lembro-me perfeitamente de que ela falou isso: “Mas estão liberados todos que quiserem ir”. Ela tinha esse espírito democrático, no sentido de não impor nada: “Você vai seguir nessa cartilha.” Eu sentia isso. Ficou muito claro a mim naquele momento, quando cada um respondia por si nesse momento. Eu vou como pessoa, então eu sou responsável. Ela não disse: “se for vai ser demitido”, “se for não sei o quê”. Ela nos deixou claro que não iria por uma questão física, mas não proibiria.

**Eliza:** Qual passeata foi essa?

**Zago:** Uma delas de 68. Houve tantas! Não me lembro qual foi. Eu sei que eu fui... Acho que foi naquela que todo mundo combinou de ir com a revista Veja na mão. Quem estivesse com a revista Veja na mão é porque iria participar da passeata. Então nós combinamos um símbolo para reconhecimento e identificação, “para não dar muita bandeira”. Então vamos juntos. Eu fui com uma colega nessa passeata. Teve cavalaria? Sim. Tinha um monte de coisas: cavalos, bombas. E corremos. Escondemos-nos num prédio. Gás lacrimogênio entrando pelo nariz. Sei que foi uma das poucas a que fui. Como eu te falei, não fui muito ativista, mas nessa eu fui e marquei presença lá. Foi até engraçado.

**Eliza:** Você lembra algo mais da Maria Nilde professor?

**Zago:** Eu não tive muito contato com a Maria Nilde porque ela era coordenadora do SEV. Ela ficava lá. Havia as reuniões com os supervisores. Eu me

lembro de que as reuniões propostas pelo SEV ocorriam no “Oswaldo Aranha”, então vinha todo o pessoal do Estado para o “Oswaldo Aranha”.

**Eliza:** Você comentou que visitou outros Ginásios.

**Zago:** Eu visitei Barretos: Ginásio Embaixador Macedo Soares. Eu acho que o de Barretos tem muita história para contar, assim como outros Vocacionais. Tinha um prédio belíssimo, muito moderno para a época. Se não me engano foi a Sociedade de Pais que organizou, ou o próprio Vocacional, uma festa do peão de boiadeiro. Teve um intercâmbio ou um Estudo do Meio de uma das séries, no qual conheci o prédio. Ficamos lá alojados dois dias. Era um regime de praticamente dedicação exclusiva.

**Eliza:** Fale-me um pouco sobre os materiais didáticos.

**Zago:** Materiais didáticos nós não tínhamos muito não. Era giz, apagador, quadro negro, mimeógrafo, livro didático, enciclopédias, alguns dispositivos da época, como slides, retroprojektor. Vale frisar que o material era construído pela gente. Era mimeografado. Os textos eram mimeografados no mimeógrafo com álcool.

**Eliza:** E a sala de aula de Matemática?

**Zago:** Partíamos sempre de um problema para introduzir os assuntos e o objetivo maior era o desenvolvimento dos esquemas mentais, do raciocínio lógico dedutivo, da capacidade de definir, de fazer pequenos encadeamentos lógicos, deduções. Era nessa direção. Os conteúdos eram os números, geometria plana, álgebra moderna, um pouco de conjuntos, relações, funções. Sempre com a preocupação de que os conceitos se tornassem significativos ao aluno. Isto não significava, necessariamente, estar ligado a uma realidade física, mas ser significativo no momento em que você via sentido naquilo que você está fazendo. Até poderia acontecer de ser para resolver um problema prático, era um cuidado que se tinha, um dos objetivos era mostrar a Matemática na aplicação da vida prática sempre que possível, mas era importante que aquilo que estava sendo desenvolvido tivesse significado para o aluno. O significado ia surgindo à medida que o aluno se envolvia com o assunto. Porque só aí vai haver significado. Não adianta você querer ensinar uma coisa se o aluno não quer aprender, se aquilo não tem significado para ele nem para o seu desenvolvimento mental, intelectual, quanto mais pessoal.

**Eliza:** Significativo não porque haverá uma aplicação prática, pode até haver, mas não necessariamente. O sentido está em ser significativo por haver um envolvimento.

**Zago:** E o aluno se envolvia! Aquilo era um desafio sempre.

**Eliza:** Esse é um dos equívocos que se tem em relação a ensinar matemática hoje. Contextualizar sempre. Há momentos de aprender matemática pela matemática e o envolvimento pode acontecer no próprio desencadeamento lógico...

**Zago:** Com essa preocupação excessiva na contextualização pode ocorrer um erro grave, uma coisa meio superficial, falsa. E o aluno percebe quando aquilo está meio chocho.

**Eliza:** Quanto ao currículo e aos projetos na área de Matemática?

**Zago:** Nós tínhamos projetos de Matemática. Assim que entrei tinha o de xadrez. Existia um grupo de alunos interessados em xadrez. Isso era anexo à área de Matemática. A gente promovia encontros, reuniões, para estudar o xadrez. Às vezes até fazia algum campeonato interno entre classes. O aluno trazia da própria casa, muitos deles tinham o jogo. Até me ensinaram, me deram um livro de xadrez de presente. Eu aprendi xadrez no Vocacional! Esse era um projeto de que me lembro, depois acabou.

**Eliza:** Professor, você poderia me falar um pouco de como era envolvimento dos professores com a proposta educacional do Vocacional? Além do cumprimento da carga horária parece-me que havia um envolvimento desses profissionais com a proposta. Eles eram sensibilizados em relação a essa proposta? Como?

**Zago:** A Prof<sup>a</sup> Maria Nilde era uma líder nata, digamos assim, ela sabia te colocar as coisas, te conduzir e explicar. Ela deixava muito claro tudo. Havia toda uma liderança dela. Há pessoas que são assim e de repente... você acaba concordando, seguindo e tal. Talvez pelo vasto conhecimento que ela tinha não só de Educação. Era uma pessoa que tinha um conhecimento muito, muito grande. Talvez houvesse alguns questionamentos, como em qualquer lugar, mas eu creio que as coisas se resolviam pelo diálogo, pelo debate, pelo próprio questionamento. Já no SEV não sei o que acontecia, porque nunca fui Supervisor de Área. Às vezes tinha um ou outro professor que não concordava, falava alguma coisa, mas em relação à proposta eu acho que todos os professores, pelo menos os que eu conheci, eles arregaçavam as mangas, mesmo porque quem não tivesse muito

envolvimento ou não acreditasse naquilo não ficava. Não ficava, porque era um sistema exigente.

**Eliza:** Não se engajava?

**Zago:** Exigente para nós. Era muito exigente, muito! Normalmente eram classes de trinta e tínhamos aulas diferentes. Você tinha quinze alunos na classe, às vezes, naquele sistema que te expliquei, só que nós éramos obrigados a observar o aluno, o grande instrumento da avaliação no Vocacional era a observação. A observação do aluno. Nesse sentido o Vocacional foi inovador. Estabeleceu uma avaliação subjetiva. Era uma avaliação subjetiva porque era baseada na observação do aluno de forma criteriosa. Era uma observação objetiva. Tudo era relatado nos “selinhos”. “Selinhos”! Depois eu te mostro um material que tenho sobre isso. Então era relatado nesses “selinhos” o que observávamos. Esses “selinhos” eram desse tamanho mais ou menos, mas você poderia usar vários para o aluno. Grampeava e entregava para a Orientação Educacional. A Orientação Educacional reunia todos os “selinhos” num mapa grande que eu tenho ali também um exemplo para te mostrar, onde tinha cada lugar, de cada área, com as características que o professor descrevia de cada aluno. E o Orientador ao ler tudo aquilo fazia uma síntese do aluno na primeira, na segunda série, na terceira e depois na quarta série para poder orientar vocacionalmente o aluno.

**Eliza:** Iam arquivando?

**Zago:** Arquivando, isso. Bimestralmente. Eles sabiam tudo do aluno. Era uma das técnicas de avaliação e éramos orientados. Era uma técnica básica da avaliação baseada na observação do aluno em todos os momentos, desde a entrada na escola, na sala de aula, nos Estudos do Meio, no Estudo Dirigido. Em todos os momentos da escola. Trabalhava-se muito no Vocacional a autodisciplina.

**Eliza:** Professor é isso. Acho que tenho um bom material já gravado.

**Zago:** Você é que sabe. Talvez eu tenha até mais histórias para contar. A memória vai reavivando...

**Eliza:** É interessante como vão surgindo fatos...

**Zago:** Deixa eu te contar mais uma. Eu tive uma turma em 68, de segunda série, e os acompanhei só até a terceira. Depois eu fui reencontrá-los no 3º colegial. Era o fim do Vocacional e no ensino tradicional não seguíamos com a série. Então no ano seguinte, em 69, eu os peguei de novo, em 1970 não. Por causa da escolha de aulas, muitas vezes, o professor não acompanhava a mesma turma. Houve uma



turma (a que iniciou em 1968) que acompanhei por cinco anos, no mínimo três eu acompanhei, com certeza, foi na segunda, terceira e quarta séries. Depois eles foram para o colegial, alguns saíram e foram para outras escolas e a gente continuou, mas com o ensino tradicional, mas ainda era um tradicional com aquele espírito do Vocacional no primeiro e segundo ano colegial. Então houve uma turma que eu acompanhei por cinco anos, outra que acompanhei por três e, é claro, outras turmas. Desses alunos da segunda série que foram comigo até a quarta série, eles tiveram um desenvolvimento tão grande que na quarta série eu propus um estudo da função do segundo grau através do painel integrado. O painel integrado é aquele que cada equipe prepara um assunto diferente, aí você pega todos os alunos "A" de cada equipe e forma outra equipe, pega todos os alunos "B" de cada equipe e forma outra equipe de tal maneira que essa nova equipe tenha um representante de cada grupo e, portanto, de cada assunto. Isso é o que a gente chamava de painel integrado. Depois das conclusões de cada uma dessas novas equipes, os alunos voltavam às equipes iniciais, levando os resultados de todos os assuntos, discutiam as conclusões a que chegaram e cada equipe apresentava à classe o seu trabalho, para a síntese final daquele estudo. As equipes preparavam um assunto que a gente determinava dentro daquela problemática toda. Por exemplo: a função do segundo grau. Cada equipe inicial respondeu questões a respeito das características da função do segundo grau: uma equipe com "a" positivo e delta positivo, outra equipe com "a" negativo e delta positivo, outra com delta negativo e "a" positivo, e assim por diante, que eram as várias situações da função do segundo grau que vai fazer variar o gráfico e as raízes. Todos estes conceitos. Nesse estudo dava para fazer seis equipes. Então cada equipe estudou as características de um tipo de gráfico: através de um estudo dirigido no painel integrado, dirigíamos as questões para eles responderem. Depois fizeram o painel integrado. Houve falhas? Houve, mas eles desenvolveram, apresentaram e o resultado final foi muito bom. O interessante é que eles praticamente fizeram todo o trabalho sozinhos, com minha supervisão e orientação. O professor não sentava, circulava pela classe. Houve problemas? Houve. Algumas dificuldades iniciais? Houve. Mas foi um trabalho muito bonito. Com o tempo foi ficando cada vez mais difícil fazer trabalhos assim, porque cada classe tinha de quarenta e cinco a cinquenta alunos. Você vai ter dez equipes de cinco? Não tem controle, desculpe-me, mas não tem. Depois se fazia a Síntese do estudo. As Sínteses Bimestrais aconteciam no final de cada bimestre, e com todas as áreas,

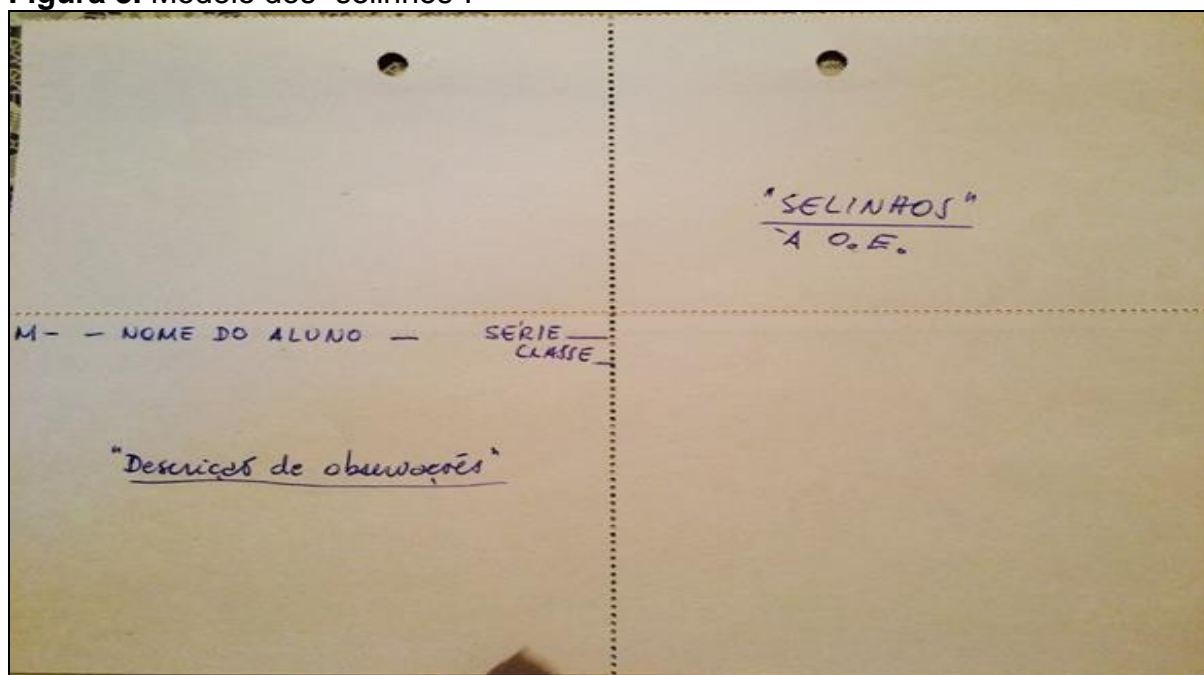
para responder à questão formulada na Aula Plataforma. As pequenas sínteses eram na sala de aula quando concluíam um determinado estudo. Havia, ainda, a Síntese Gráfica no final do ano: uma exposição aberta à comunidade, onde os alunos apresentavam de várias formas, o trabalho realizado naquele ano.

**Eliza:** Você tem notícias dos alunos?

**Zago:** De alguns. O Vocacional teve vários alunos que se destacaram depois. Nós temos o Ministro da Justiça que foi aluno do Vocacional: Eduardo Cardozo<sup>16</sup>. O William Waack<sup>17</sup>, jornalista da rede Globo. Marcos Frota, João Signorelli, Cláudia Alencar, atores. Laura Baptista Capriglione, jornalista. José Roberto Pini, Antonio Augusto Melo de Figueiredo Ferraz e tantos outros... homens e mulheres bem sucedidos. E, nos encontros que a GVive promove, encontramos muitos deles.

**Zago:** Quer ver as fotos? E o material do Vocacional que eu tenho? Olha o “selinho” daquela época.

**Figura 8.** Modelo dos “selinhos”.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Prof. Antonio Pedro Zago.

<sup>16</sup> José Eduardo Martins Cardozo foi nomeado pela Presidenta Dilma Rousseff Ministro da Justiça do Brasil em 03 de dezembro de 2010. É Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP.

<sup>17</sup> Willian Waack é jornalista, professor e ex-handbolista brasileiro. Formado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo e em Ciência Política, Sociologia e Comunicação na Universidade de Mainz, na Alemanha. Nasceu em 30 de agosto de 1952 na cidade São Paulo. Fez mestrado em Relações Internacionais e trabalhou em algumas das principais redações do Brasil, como o *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo*, na revista *Veja* e na TV Cultura.

Colocávamos, por exemplo: Matemática, o número do aluno, o nome, a série, a classe e a descrição das observações de cada aluno, no seu cotidiano, nas várias atividades propostas. Eram os “selinhos” da Orientação Educacional (OE). Formavam, junto com os “selinhos” de todas as áreas (disciplinas), a Ficha de Observação do Aluno – FOA – por bimestre. Esta ficha grande aqui. Isso era para a orientação vocacional. Na verdade, era uma ficha de escolaridade, com todos os aspectos de atitudes dos alunos no bimestre. E, no verso, a Orientadora Educacional lançava as suas apreciações e fazia a síntese parcial ou geral daquele aluno. Havia outra Ficha de Observação do Aluno – FOA, para o lançamento dos conceitos e respectivas porcentagens em cada categoria de trabalho. Era esta aqui:

**Figura 9.** Modelo de Ficha de Observação do Aluno – FOA.

BINÁSIO ESTADUAL VOCACIONAL "OSWALDO ARANHA"												
FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ALUNO - FOA												
Aluno: .....												
Área: .....				Série: .....				Ano: .....				
CATEGORIA DE TRAB.	março-abril		maio-junho		agosto-setembro		outubro-novembro					
	%	C	%	C	%	C	%	C				
1 - Aula												
2 - Estudo dirigido												
3 - Est. supervisionado												
4 - Estudo do meio												
5 - Documentação												
6 - Outras atividades												
7 -												
8 -												
9 -												
	%	I	G	%	I	G	%	I	G	%	I	G
<b>TOTAL</b>												
Nota da prova objetiva												
Observações: .....												
.....												

Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Antonio Pedro Zago.

Para a Secretaria da Escola era enviado o conjunto das FOA dos alunos da classe e a folha com os resultados da escolaridade (total) e da prova objetiva dos alunos dessa classe. Nessa FOA eram lançados os conceitos que a gente dava e a porcentagem dentro do peso que cada categoria de trabalho tinha. Depois punha o total. A nota da prova objetiva era separada, percebeu? A escolaridade englobava a aula, o estudo dirigido, o estudo supervisionado, o estudo do meio, a documentação (tudo que o aluno produzia) e outras atividades que fossem desenvolvidas no bimestre.

**Eliza:** Mas como atribuía essa nota aqui? Essa porcentagem?

**Zago:** Dos 100% de todas as categorias, por exemplo, eu atribuía para aula e as atitudes, 20%. O Estudo do Meio que era uma coisa importante, por exemplo, 40% e assim por diante. A gente trabalhava com conceito.

**Eliza:** O conceito? Como?

**Zago:** Conceitos como: inferior (I), abaixo da média (ABM), médio (M), acima da média (ACM) e superior (S). Para cada um desses cinco tinha um + (mais) e um - (menos), inferior menos (I-) era o extremo menor, superior mais (S+) era o máximo, e tinha ACM+, ACM-, M+ e assim por diante. Isso para aproveitar determinadas nuances. Um aluno era ACM, por exemplo, na minha matéria por várias razões, mas havia outro ali que também era ACM, só que, às vezes, havia um pequeno detalhe, eu não podia dar o mesmo conceito, então você dava ACM+ para um e ACM para outro. Eram pequenas nuances. Difícil, difícil.

**Eliza:** Sim, me parece.

**Zago:** Não era fácil, não era nada fácil trabalhar dessa maneira. Nós precisávamos tomar muitos cuidados. Por isso a gente ouvia o aluno também. Eles se autoavaliavam (sobretudo para irem se conhecendo e tomarem consciência de suas habilidades, atitudes, interesses e outros aspectos). A autoavaliação do aluno era um trabalho contínuo, portanto eles eram conscientes de seus conceitos. Quando aparecia uma discrepância gritante, o aluno tinha o direito de questionar, discutir ou recorrer à orientação. Havia esses detalhes. A nota da prova objetiva era separada porque ela era simplesmente um dado a mais para a visão do aluno, o que importava era a ficha de escolaridade, as atitudes, os conceitos adquiridos, a avaliação feita pela observação do professor.

**Eliza:** O que importava era a observação que o professor fazia desses critérios e informações colocadas nesta ficha, muito mais do que a prova objetiva?

**Zago:** Isso! Muito mais. Os Estudos Dirigidos eram corrigidos e atribuídos conceitos para eles. O aluno sabia que a prova objetiva era apenas um trabalho a mais, ela não decidia a vida escolar do aluno. Era um dado a mais que o aluno deveria encarar com a mesma seriedade com que havia encarado os outros trabalhos.

**Eliza:** Com relação às disciplinas: Educação Musical, Português, Artes Industriais, todas tinham sua relevância na formação do aluno?

**Zago:** Sim, todas as áreas eram consideradas da mesma maneira. Voltando à FOA, nela colocavam-se observações, se houvesse. Essa FOA é de 67, mas em 68 e em 69 continuamos usando, e até depois. Era feito, também, o gráfico de escolaridade dele, por bimestre e por área. No boletim dele, cada área tinha a sua abreviação: P, M, AI, PC... Na 3ª e 4ª séries ele podia deixar de cursar duas disciplinas técnicas. O aluno fazia uma escolha dentro das quatro áreas técnicas: AP, AI, ED e PC. Ele podia optar por duas delas e na 3ª e 4ª séries, ele aprofundava os conhecimentos nessas duas áreas.

**Eliza:** Eles tinham Contabilidade também, não é? Independente da sua profissão escolhida ele teria uma formação básica para “se virar” no dia-a-dia. Por exemplo, conseguir administrar uma casa, administrar seu orçamento... Buscava a formação do cidadão, uma pessoa que respeita o outro, por exemplo, andando de trem, de ônibus ou no metrô...

**Zago:** Era nesse sentido a formação. E a própria escolha profissional dele se iniciava ali. Vocacional no sentido do descobrir-se como ser humano, com suas potencialidades, com seus limites. Uma escola que formava valores e atitudes positivas diante da vida. E os pais eram conscientizados, havia o esclarecimento aos pais. A Orientadora Educacional fazia o encaminhamento do aluno com concordância dele e da família. Era assim: “Seu filho tem facilidade na área de exatas. Observamos que em qualquer carreira em Exatas, ele pode fazer opção se ele quiser. Ele vai muito bem em Exatas.” “Seu filho, olha, tem tendência às artes plásticas, desenho, alguma coisa ligada a esta área.” E assim por diante.

**Eliza:** Houve uma quebra muito grande de paradigma, não é? Percebe-se por estas fichas que a avaliação era feita buscando uma visão geral, global do aluno, analisando as suas tendências. Era a voz de um conjunto no tempo.

**Zago:** E sempre que a Orientadora não entendesse, vamos supor, se ela não entendeu o que foi escrito aqui (no “selinho”), ela nos chamava e perguntava: “O que

você quis dizer com isso?” A gente procurava pelas características da área em cada aluno, isso que era mais difícil. Raciocina bem, não raciocina bem, tem facilidade em álgebra, em geometria, conclui, deduz, não deduz... As folhas de cada classe, com os conceitos e notas de cada aluno, individualmente e no grupo-classe, junto com as FOA eram encaminhadas à Orientadora Pedagógica da série e à Secretaria da Escola, depois de um tratamento estatístico. Tinha que tirar a média, o desvio-padrão, depois situava o aluno no grupo, além de situá-lo individualmente. Por exemplo: a porcentagem que o Adalberto adquiriu, ele teve, por exemplo, em matemática 50%, então individualmente ele era um aluno médio (M), mas a classe tinha um resultado muito baixo, então ele passa a ser, no grupo, por exemplo, acima da média (ACM). Ou seja, situava o aluno individualmente e no grupo. Como é que ele está no grupo? Então era um lado da folha para a escolaridade e outro lado para a prova objetiva, de todos os alunos da classe.

**Eliza:** Interessante, apesar de a avaliação ser subjetiva no final eles faziam cálculos.

**Zago:** Para situar o aluno individualmente - o conceito dele, e no grupo, ele em função do resultado do grupo. Em função do resultado do grupo ele era requalificado em outra faixa. Era meio complicado, sabe? Calculava o desvio-padrão e situava o aluno, por exemplo: onde ele se enquadrou?

**Eliza:** Gostaria de encontrar documentos desses no Cedic, por exemplo. Mas lá as caixas ainda não estão catalogadas e quando retorno não tenho condições de saber antes de abrir quais caixas eu já pesquisei.

**Zago:** Eu acho que com a Prof<sup>a</sup> Maria Nilde viva andou mais rápido, agora ficou meio devagar. Isso aqui era usado em todas as áreas. Essa era a ficha de escolaridade (FOA), está vendo? Então, se a aula valia, por exemplo, 20%, e o conceito do aluno era abaixo da média nessa categoria, então eu punha aqui nos pontos. Vinte abaixo da média daria aqui seis, então naquele item o aluno teria seis pontos, entendeu? Depois, somavam-se os resultados de cada categoria de trabalho e fazia-se uma conversão, resultando o conceito final do aluno naquele bimestre, individualmente e no grupo.

\*\*\*\*\*

*O Professor Zago, neste final, expõe seu acervo pessoal do Vocacional com fotos, planejamentos, relatórios, provas aplicadas, estudos dirigidos, estudos supervisionados, significados de estudos dirigidos, pesquisas, autoavaliação,*

*painel, baterias de fixação, fichas de observação, gráficos, documentos com as fórmulas para o tratamento estatístico dos conceitos, critérios para os conselhos de promoção, tabela de pontos da ficha de escolaridade, significado dos “selinhos”; documentos que o Sr. Antonio Pedro Zago guarda até hoje por, segundo ele, terem um significado emotivo muito grande.*

*Afirma ainda que os critérios adotados para o conselho de promoção eram em função do trabalho realizado. Antes do Conselho levantavam-se os critérios. Não era algo fixo, ou seja, a partir dos trabalhos desenvolvidos se criavam os critérios de promoção daquele ano, para aqueles alunos.*

## 1.7 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM NEWTON CESAR BALZAN E BERENICE SIMONI MENDOZA

*“Certas cidades antigas onde a beleza prevalece e... se faz contemplar e admirar”*

*No dia 07 de março de 2015, às 15 horas, iniciamos a entrevista com a Prof<sup>a</sup>. Berenice Simone Mendoza e o Prof. Dr. Newton Cesar Balzan, na cidade de Campinas-SP, ambos ex-professores do Ginásio Vocacional “Papa João XXIII”, de Americana, SP. Ela, ex-professora de Matemática e ele, de Estudos Sociais, posteriormente Supervisor da mesma área junto ao SEV (Serviço do Ensino Vocacional), na Capital.*

*O encontro, promovido pela Professora Berenice, ocorreu no apartamento do professor. Chegamos ao endereço e fomos recebidas, já no hall do prédio, pelo Prof. Newton. Sentimo-nos acolhidas já de início.*

*Os dois entrevistados foram colegas de trabalho no Vocacional de Americana e desde então permanecem amigos. Como disseram, são 50 anos de amizade.*

*O Professor Newton nos relata que foi professor do Vocacional desde o primeiro dia em que a primeira turma de estudantes ingressou na unidade de Americana, no início de março de 1962. A Professora Berenice vinculou-se um pouco mais tarde, em 1964. Cursava o último ano de Matemática na PUC-Campinas, permanecendo no Vocacional até o final da experiência, em 1969. O Professor Newton era professor concursado da rede pública, deixando seu cargo em Bariri, no centro do Estado, a fim de participar do primeiro curso de treinamento para professores que assumiriam as diferentes disciplinas dos três Ginásios Vocacionais cujas atividades teriam início em 1962: na Capital, Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, em Americana, Ginásio Vocacional “João XXIII” e em Batatais, Ginásio Vocacional “Cândido Portinari”.*

*Professor Newton tem uma expressão austera e um olhar que inspira respeito e admiração. A Professora Berenice, descendente de espanhóis, é uma pessoa comunicativa, alegre, prática, direta e muito brincalhona.*

*Senhor Newton opta por conversarmos em uma sala do apartamento que, segundo ele, é o lugar em que passa a maior parte do tempo com a família. Lembranças, uma TV antiga e muitos livros o rodeiam e preenchem a estante.*

*Acomodamo-nos ali. Eles combinaram entre si a ordem e como iriam falar: primeiro o Professor Newton e depois, a Professora Berenice. E assim aconteceu.*

*O Professor Newton, invariavelmente, ao falar mantinha uma postura séria, introspectiva, e ao ouvir sua amiga, voltava seu olhar de modo calmo, no que eu percebia haver, ali, uma cumplicidade ao se lembrarem dos momentos em que ela relatava com alegria, energia e entusiasmo. Ela demonstrava a todo o momento sua admiração pelo professor Newton, um grande mestre, como ela fez questão de ressaltar a mim várias vezes, antes e depois da entrevista. Sim, um mestre.*

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Primeiramente eu gostaria de agradecer aos dois professores por estarem aqui hoje disponibilizando do tempo de cada um para falar sobre coisas



passadas. Eu e meu orientador, Prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica, decidimos estudar os Ginásios Vocacionais. Não temos a intenção, como comentei com a Prof<sup>a</sup>. Berenice, de reconstruir o Vocacional e trazê-lo para nossos dias. Pretendemos propor um registro de algo que aconteceu no Estado de São Paulo e que poucas pessoas conhecem. Um registro histórico-científico do que foi esse Projeto. Não temos nenhuma pretensão de escrever o que o Vocacional foi realmente. Buscamos por alguns lampejos, alguns *flashes*. Queremos ouvir histórias que vocês podem nos contar a respeito destes ginásios. Para começar a entrevista costumo pedir que o depoente apresente-se contando um pouco sobre sua infância, família, *hobbies*, que falem das características que gostariam de deixar aqui registradas para um possível futuro leitor. Professor, fale-me um pouco do Senhor.

**Newton:** Sim. É... aprecio entrevistas uma vez que trabalho com análise de discurso e já prevejo resultados muito positivos para sua pesquisa. Como você certamente já sabe, o ponto mais interessante da análise de discurso consiste em a gente ler o que o sujeito disse e também aquilo que ele não disse. Transcrição das entrevistas, leituras e releituras, agrupamento de frases ou tópicos por categorias, novo reagrupamento por categorias cada vez mais amplas e no final, já se ultrapassa a voz do sujeito que se expressou.

Bom, meu nome é Newton com N e W. Newton Cesar Balzan. Eu tenho hoje 82 anos. Nasci em Jundiaí. Meu pai trabalhava em estrada de ferro. Era operário, trabalhava em baixo de máquinas a vapor. Minha mãe só fez o primário, mas ela tinha muita cultura geral. Eu levei uma infância feliz e uma adolescência muito triste, muito dura. Só no secundário estudei em uma escola paga, em Jundiaí. Escola Normal, nós não podíamos pagar. O primeiro desafio na minha vida foi fazer o tal do exame de admissão. Naquele tempo, havia mais de 200 candidatos por vaga e eu tinha que passar num dos primeiros lugares para ganhar uma bolsa de estudos da prefeitura. E eu passei em segundo lugar. Então, eu fiz o ginásio na antiga Escola Normal. Depois se transformou em Ginásio do Estado. Para você ter uma ideia - isso vai sair no livro que eu vou publicar<sup>1</sup> - a escola de antigamente, que falavam que era tão boa: nós entramos na 1<sup>a</sup> série do ginásio, hoje 5<sup>a</sup> série, formando uma classe masculina de 41 alunos. Desses, apenas seis terminaram a 4<sup>a</sup> série. O resto desapareceu. Depois eu fiz o Científico. Trabalhei numa indústria de produto de

---

<sup>1</sup> BALZAN, Newton Cesar. **Conversa com professores:** do fundamental à pós-graduação. São Paulo: Cortez, 2015.

beleza, depois trabalhei na Cia. Paulista de Estradas de Ferro durante dez anos, cursando o Científico e, a seguir, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Todo fim de tarde eu viajava de Jundiaí a São Paulo. Saía do trabalho, ia para casa, tomava um lanche assim: era boca, nariz. Pegava o ônibus, ia para a estação, ali pegava um trem e ia até a Estação da Luz. Dali andava a pé até a Rua Maria Antonia, onde ficava a Faculdade, hoje sede da SBPC.

**Eliza:** SBPC é a Sociedade...

**Newton:** Sim, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Então retomando: na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras funcionavam os cursos de Letras - neo-latinas, anglo-germânicas e clássicas - Geografia e História, Ciências Sociais, Matemática, Física e Pedagogia. Eu fiz Geografia e História. Permita-me, Eliza, um pequeno detalhe: éramos 37 alunos no primeiro dia de aula e desses, somente 7 se formaram. O número era maior, mas tinham vindo alunos do diurno, outros reprovados. Posso acrescentar um dado que hoje me parece ser de ordem sociológica?

**Eliza:** Claro...

**Newton:** Eu saía das aulas antes do término a fim de pegar o último trem que ia de São Paulo a Jundiaí. Da Faculdade à Estação eu percorria a chamada “boca do lixo”, zona de prostituição, marginais... Quando eu chegava a Jundiaí, percorria três quilômetros até minha casa, por ruas desertas. E, veja bem Eliza, nunca – repito, nunca – fui assaltado, ameaçado, objeto de abuso de qualquer ordem. Eu te pergunto: como seria hoje, numa noite e mesmo já numa madrugada qualquer, a vida de um jovem de 20 anos que percorresse essas mesmas ruas? Claro, não é preciso responder.

Terminando a Faculdade, prestei concurso de ingresso no magistério secundário, naquele tempo, curso ginásial e colegial, este oferecendo três modalidades: científico, clássico e normal. Concurso difícilíssimo, bastando dizer que dos 156 candidatos para professor efetivo de Geografia, 100 foram reprovados no primeiro exame, sobraram 56, dos quais só restaram 28. Eu assumi uma cadeira no ginásio na cidade de Bariri, no centro do Estado de São Paulo. Isso foi em 1960. Aos 27 anos eu era o “senhor professor”, sim, o “senhor professor”. O professor, nesta época, tinha *status*, eu diria que acima de mim estavam o prefeito, o juiz, eu estava junto, em relação ao *status*, com alguns médicos. O salário nunca foi alto, mas dava para me manter num hotel e ainda sustentar minha família em Jundiaí. Bem, eu

estava em Bariri quando surgiu a ideia do Vocacional. Falaram-me a respeito, eu não sabia muito bem do que se tratava, e passei por um processo de seleção. Aprovado, fui trabalhar no Vocacional de Americana. Então eu fiquei afastado do meu cargo efetivo e fui trabalhar no Vocacional de Americana e lá eu conheci a Berenice. Então eu fui professor da primeira turma que estava entrando, em março de 1962. Recebi os alunos no primeiro dia de aula, em março de 1962. Foi o primeiro dia de aula em Americana, em São Paulo e em Batatais. No ano seguinte é que surgiram os Vocacionais de Rio Claro, Barretos e mais tarde, o de São Caetano do Sul.

Em 2012, nos 50 anos de aniversário, os ex-alunos do Oswaldo Aranha se reuniram para dar um abraço no antigo prédio, não sei se você sabe disso. Eu dei risada sozinho pensando no que haveriam de pensar quem passasse por ali e visse aqueles velhinhos abraçando o prédio. Hoje existe uma associação chamada GVive, não sei se você sabe.

**Eliza:** Sim.

**Newton:** E em novembro deste ano os ex-alunos da primeira turma de Americana farão um evento para comemorar os 50 anos de formatura. Tinham 14, 15, 16 anos. Hoje, senhores e senhoras de 65, 66 anos, a maioria, já avós. Lindo, não é mesmo?

**Eliza:** Sim... difícil de se acreditar. Fatos assim são raros.

**Newton:** O antigo Ginásio Oswaldo Aranha, que hoje é uma escola comum, está caindo aos pedaços. Era uma maravilha. Hoje todas as janelas estão quebradas, os tacos do antigo refeitório estão soltos, uma calamidade, uma pena, podre. Eliza, sim, infelizmente a melhor expressão para qualificá-lo, hoje, é podre. A GVive está em plena atividade. É coordenada por um ex-aluno, o Luigy.

**Eliza:** Sim, e ele é muito atuante.

**Newton:** Você já assistiu o filme<sup>2</sup>?

**Eliza:** Sim.

**Newton:** Filme lindo.

**Eliza:** Sim, gostei muito.

**Berenice:** Filme do Toni Venturi.

---

<sup>2</sup> Filme: "Vocacional: uma aventura humana" (2011). Do cineasta e ex-aluno do Vocacional "Oswaldo Aranha", Toni Venturi.

**Eliza:** O Senhor está no filme, lembro-me bem de sua fala: “Eu me considerava um bom professor, mas só fui me tornar um educador no Vocacional”.

**Newton:** Bem, eu trabalhei no Vocacional de Americana, acompanhei uma turma do começo ao fim e eu quis acompanhar mais uma. Mas, em 1963 houve uma greve que contou com o apoio de todo o corpo docente do Estado. Eram aproximadamente 80 mil professores. De todos os Vocacionais, somente nós, de Americana, participamos da greve. A Coordenadora Geral, Maria Nilde Mascellani, inteligentíssima, líder nata, mas extremamente autoritária, mandou 18 professores embora. Eu não fui demitido, mas solicitei demissão em apoio aos colegas. A demissão não foi aceita, os antigos colegas se reuniram apoiando minha volta a fim de dar continuidade ao trabalho e assim eu continuei até o final das duas primeiras turmas. Depois de Americana eu atuei no SEV, o Serviço de Ensino Vocacional, com sede no Brooklin, onde também funcionava o Ginásio Oswaldo Aranha. Trabalhei três anos lá como Supervisor de Estudos Sociais. Bem, depois houve outra crise muito grande, no fim de 1968. A Prof<sup>a</sup> Maria Nilde Mascellani, a quem eu dedico meu livro, tinha uma energia fantástica, embora doente, sempre sentindo fortes dores, era muito dura, dura demais, autoritária ao extremo. E você, Eliza, certamente conhece como foi 1968 no Brasil e no mundo. O livro do Zuenir Ventura que assumiu ontem a cadeira da Academia Brasileira de Letras deve ser lido por nós todos: **1968: o ano que não terminou**<sup>3</sup>. Depois leia, se puder, é bem atual. Então, 68 foi o ano de explosão no mundo. Começou em Berlim e Paris. Estudantes do mundo inteiro saindo pelas ruas. O mundo ia acabar. E nós na rua lutando contra a ditadura. Nós chegamos à conclusão de que, dentro do Vocacional havia uma ditadura da Prof<sup>a</sup> Maria Nilde. Nós não queríamos tirá-la do cargo, nós queríamos democratizar o espaço. Resultado: ela despediu todos os supervisores, inclusive eu. Então houve muita confusão porque, junto com essa demissão dos supervisores, outro grupo foi mandado embora. Neste grupo havia dois de Americana. Um deles era um sujeito baixinho, pequenininho, chamado Cid. Esse sujeito era o que mais tinha facilidade para falar em público dentre nós. Por exemplo, ele já tinha falado para oito mil pessoas, era pastor de uma igreja. Ele foi mandado embora por incompetência, então não tinha nada a ver com a nossa demissão. Sabe o que ele fez? Ele pegou

---

<sup>3</sup> VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. 3. ed. Apresentação de Heloisa Buarque de Hollanda. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

todos os documentos do Vocacional de Americana (a Berenice sabe disso) e levou até o quartel.

**Berenice:** No 5º Gecam<sup>4</sup> de Campinas.

**Newton:** Ele levou até o quartel e disse: “É isso que vocês estão procurando?” e entregou todo o material.

**Berenice:** Entregou os documentos e nos denunciou como subversivos...

**Newton:** Resultado: eu escapei junto com alguns outros colegas porque a Prof<sup>a</sup> Maria Nilde tinha me mandado embora um pouco antes. A partir desta denúncia a polícia foi atrás e prendeu cerca de 40 pessoas no dia 12 de dezembro de 1969.

**Berenice:** Exatamente. Juntamente com o comandante um pelotão de soldados com armas em punho invadiram uma escola onde só havia professores e alunos. Prenderam todos os professores no refeitório, dispensaram os alunos e aí começaram os depoimentos. Você se lembra Newton?

**Newton:** Eu já estava em São Paulo.

**Berenice:** Houve depoimentos de muitos e os que não conseguiram depor no colégio, vieram para Campinas. Aqui eles ficaram presos três dias no batalhão da polícia militar, incomunicáveis, pessoas influentes da sociedade, inclusive o arcebispo de Campinas, tomou providências. Movimentaram-se para conseguir libertá-los.

**Newton:** Foi no fim de 69. Como já disse, escapei porque eu já tinha sido mandado embora junto com os supervisores. Mas, apesar disso a polícia foi atrás de mim no colégio estadual onde tinha meu cargo de professor efetivo. Quero dizer, voltei para a rede pública, em Jundiaí. Por sorte e azar, ao mesmo tempo, o diretor da escola, era um sujeito meio velho, de caráter bem discutível. Ele era muito esperto e cedeu um espaço nobre da escola para o funcionamento da sede da Adesg - Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, ou seja, esse diretor da escola abriu o estabelecimento para o quartel se instalar lá. Com a escola à disposição da Adesg, ele era muito próximo do general.

**Berenice:** Próximo demais dos militares.

**Newton:** E foi a polícia me procurar lá no Instituto de Educação Experimental de Jundiaí, como era o nome da escola. Ele, simplesmente, pegou o telefone e ligou

---

<sup>4</sup> 5º Gecam – 5º. Grupamento do Exército em Campinas-SP.

para o general e falou: “Fora daqui! Eu não admito isso!”. Me contaram, eu não sabia. E o general: “O Senhor me desculpe é que não...”. Contaram-me. Ele não contou para mim. Lamentavelmente eu fiquei devedor dele. Com outro professor, de Desenho, também aconteceu isso. Esse professor era muito culto e declaradamente de esquerda. Mas ele não aguentou essa situação e foi embora para Botucatu.

Então, quando eu fui embora do Vocacional eu voltei para minha cadeira em Jundiaí. Fui coordenador pedagógico atuando junto a dezenas de professores. Como eu já vinha fazendo pós-graduação na USP, ainda no tempo do Vocacional, fui chamado para lecionar nessa universidade, na área da educação. Foi o maior choque da minha vida: eu saí do Vocacional, veja bem, de um Ginásio, e fui para a USP. Eu me senti como tivesse saído do século XXI, que ainda demoraria a chegar e entrei na Idade Média. A USP, para mim foi um horror. Eu estudei na USP, me apaixonei pela USP enquanto estudante, mas na época, já no início dos anos de chumbo, enquanto professor era horrível. O Vocacional estava há anos luz na frente da Faculdade de Educação da USP, muito à frente. Trabalhei lá durante sete anos.

**Eliza:** E o seu doutorado?

**Newton:** Defendi a tese de doutorado sobre o Vocacional, mas naquele tempo duas coisas aconteceram, ou melhor, me pressionaram: primeiro eu não poderia defender uma tese sobre o Vocacional. A polícia estava atrás, então eu tinha que esconder as coisas; segundo, naquele tempo acreditava-se que somente era considerado como realmente científico aquilo que deveria ser passível de mensuração. Cientificamente comprovado, estatisticamente comprovado. Então minha tese (hoje eu nunca faria isso) foi uma tese, sobre o Vocacional, com 181 páginas, 100 delas de estatística pura. Eu fui fazer pós-graduação em Estatística para fazê-la. Para minha tese, procurei os 118 alunos das duas primeiras turmas, ingressantes em Americana em 1962 e 1963. Já haviam decorrido oito anos. Eu fui atrás dos 118 e achei 117. 117 responderam a um questionário que encaminhei a eles, veja só! Hoje provavelmente seria uma tese maravilhosa sobre uma parte da grande experiência dos Vocacionais, mas na época... não foi, foi puramente matemática, estatística. Então defendi o doutorado e dois anos depois eu consegui vir para a Unicamp.

A USP para mim foi intragável. Eu lecionava na USP, na PUC de São Paulo e em Jundiaí, lembro-me de que nas terças-feiras eu dava 13 aulas, de manhã e à tarde na USP e à noite na PUC.

**Eliza:** E a Unicamp?

**Newton:** Foi uma das melhores coisas que me aconteceram na vida. Reencontrei o Vocacional. Ponha aspas nisso, sim? Abertura, novas cabeças, pessoas inteligentes. Fiz a Livre Docência e concurso para Professor Adjunto<sup>5</sup>. Só não cheguei a Titular por motivo pessoal: não suportava mais papéis e além disso, a PUC-Campinas me convidou para atividades extras, tipo consultoria, convite que eu não pude negar.

Eliza, só terminando esta parte do relato... daqui a pouco eu volto ao Vocacional. Fiz o pós-doutorado durante 2 anos na B.U. - Boston University, e em Harvard. Eu fui com bolsa para a Universidade de Boston, continuei lá, mas depois do 1º ano, passava a maior parte do tempo em Harvard. Achei que havia esgotado a B.U. e fui para Harvard, era só pegar o metrô e chegar lá. Foi uma maravilha! Hoje eu li no jornal que lá estava 20 graus abaixo de zero. Eu peguei - 23. Um dia eu saí do campus de Harvard com guarda-chuva, ventava, nevava e chovia tudo ao mesmo tempo. Virou o guarda chuva do avesso, era 30 de janeiro, eu iniciava um excelente curso com a Prof.<sup>a</sup> Mary White. Um excelente curso sobre desenvolvimento humano.

Bem, depois do pós-doutorado, voltei para Unicamp e a PUC-Campinas. Dei aula na Universidade Católica do Chile, em Villa Rica do Sul, durante seis anos, nos meses de janeiro e julho. Depois dei aula na Unama, a Universidade da Amazônia, durante alguns anos, também no período de férias. Finalmente, também fiz carreira no CNPq, algo que considero mais difícil e exigente do que as carreiras nas universidades em geral. Você começa a carreira no CNPq no nível C3, faz uma boa pesquisa, a pesquisa é julgada depois de dois anos passa por uma comissão, se aprovada você vai para C2, depois C1, depois B3, B2, B1, A3, A2, A. Eu ainda cheguei a um nível mais alto, sou pesquisador Sênior<sup>6</sup>. Durante 20 e poucos anos eu

---

<sup>5</sup> A estruturação da Carreira Docente após as Leis nº 12.772 de 28.12.2012 e nº 12.863 de 24.09.2013 foram estabelecidas com as seguintes denominações de acordo com a titulação do ocupante do cargo: Classe A com as seguintes denominações de: Professor Adjunto A, se portador de título de doutor; Professor Assistente A, se portador de título de mestre; Professor Auxiliar A, se graduado ou portador de título de especialista; Classe B, com a denominação de professor Assistente; Classe C, com a denominação de professor Adjunto; Classe D, com a denominação de professor Associado; Classe E, com a denominação de professor Titular. **Fonte:** Disponível em: <<http://www.cppd.univasf.edu.br/?p=estruturacao>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

<sup>6</sup> Pesquisador Sênior é o pesquisador que se destaca entre seus pares como líder e paradigma na sua área de atuação, valorizando sua produção científica e/ou tecnológica. Para receber uma bolsa PQ – SR, o pesquisador deverá ter permanecido no sistema por pelo menos 15 (quinze) anos na categoria 1 níveis A ou B, consecutivos ou não, e continuar ativo no desenvolvimento de pesquisas científicas e/ou tecnológicas e na formação de pesquisadores em diversos níveis. **Fonte:** Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/pesquisador-senior>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

fiz pesquisas e mais pesquisas para o CNPQ principalmente na área de Avaliação Institucional do Ensino Superior. Na PUC de Campinas eu fiquei trabalhando de 1987 até agora, em novembro passado. Eu fui professor da pós-graduação da PUC e depois, nos últimos anos, assessor da Pró-Reitoria de Graduação. No fim do ano eu me demiti e pela primeira vez desde os 14 anos de idade eu estou desempregado. Pela primeira vez na vida.

**Berenice:** Desempregado em termos, não?

**Newton:** Bom, Berê, quer falar da sua vida também e depois eu falo do Vocacional?

**Berenice:** A minha é tão curtinha, não tem problema nenhum.

**Eliza:** Mas considero importante a Sra. falar.

**Berenice:** Eu nasci aqui em Campinas, sou filha de imigrantes. Tive uma infância normal, tranquila, gostosa. Eu estudei sempre em escolas públicas.

**Newton:** Que bom... escola pública.

**Berenice:** Do 6º ao 9º ano fiz no Instituto de Educação Carlos Gomes. Eram poucas escolas públicas e nós precisávamos fazer o Exame de Admissão<sup>7</sup> ao ginásio. Para entrar a gente fazia o exame de admissão. Entrei em terceiro lugar. No Culto à Ciência que, na época era um dos melhores colégios de Campinas, fiz o Curso Científico.

**Newton:** Do Brasil.

**Berenice:** Sim, do Brasil. Os alunos do Carlos Gomes não precisavam fazer vestibulinho, saíam do Carlos Gomes e iam direto para o Culto a Ciência. Lá fiz um Científico muito bom. Era realmente prazeroso estudar no Culto a Ciência. Formei-me e aí prestei o vestibular para o curso de Matemática na PUC de Campinas.

**Newton:** Não tinha Unicamp ainda, não é?

**Berenice:** Não, a Unicamp veio depois.

**Newton:** Unicamp foi fundada em 1965 e nós já estávamos no Vocacional.

**Berenice:** Graças ao meu histórico escolar, a Prefeitura de Campinas me concedeu uma bolsa de estudos e consegui estudar na PUC de Campinas. No primeiro ano o reitor da Faculdade, Monsenhor Emílio José Salim, me convidou para ser monitora de Cálculo Integral e Diferencial. E foi assim: fui monitora no primeiro,

---

<sup>7</sup> Os Exames de Admissão eram obrigatórios à época para o ensino secundário, era considerado difícil e poucos alunos conseguiam garantir uma vaga no ginásio. Havia inclusive cursos preparatórios para estes exames. Podem ser comparados ao vestibular nos dias atuais.



segundo e terceiros anos do curso de Matemática, até junho de 64, quando eu ingressei no Vocacional. Em 08 de junho de 1964 recebi um telefonema do Professor Ricardo Bacci<sup>8</sup> me convidando para trabalhar no Vocacional. Eu não tinha nem noção do que era o Vocacional. Fiz uma entrevista no Hotel Cacique com a Profa. Olguita<sup>9</sup>, a professora de Português. Naquela época, me perguntava: “Mas o que essa professora de português vai querer saber de mim como professora de matemática?” Acho que, por falta de tempo, ou por urgência, não sei, eu não fiz o curso de treinamento que era exigido no Vocacional.

Entre sem treinamento. Não sabia nem onde eu estava, mas tinha muitos sonhos. Para começar eu precisava descobrir o que era PC<sup>10</sup>, o que era ED, siglas e mais siglas... Bom, então, eu fui formada no Vocacional, aprendi a dar aula no Vocacional. Aprendi no Vocacional o que é uma escola, privilégio muito grande, porque não precisei me adaptar para trabalhar no Vocacional. Eu aprendi tudo lá, fui formada lá. Em 65 prestei um concurso de ingresso e me efetivei aqui em Campinas e fiquei à disposição da Secretaria da Educação do Governo do Estado para trabalhar no Vocacional até 1970. Até 1969 era Vocacional, em 1970 ele já estava morto, então foi só uma questão de tempo para encerrar o processo. Foi no Vocacional que me realizei. Estou em sala de aula há 53 anos, e, quando acabou, em 71, assumi meu lugar na escola Anibal de Freitas, onde me aposentei em 1990. Anos depois prestei concurso para a Prefeitura de Campinas e trabalhei no ensino fundamental até 2011. Uma experiência muito gratificante foi com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ali, mais do que um professor, você precisa ser um orientador, um companheiro para a turma. Eles precisavam de tudo. Inclusive uma experiência que me marcou muito foi um aluno da 6ª série - EJA, ele não conseguia pegar no lápis porque trabalhava durante o dia como pedreiro e com aquelas mãos calejadas e endurecidas queria aprender a escrever e, aprender a contar, e, nós tínhamos que segurar na mão dele, literalmente, para ajudá-lo a escrever. Como professora, ao longo de minha carreira, tive experiências muito gratificantes. Em

---

<sup>8</sup> Ricardo Apparicio Bacci foi professor de Matemática no Vocacional de Americana de 1962 a 1968.

<sup>9</sup> Olga Martins - Professora de Português.

<sup>10</sup> PC e ED eram uma das abreviaturas utilizadas no Ensino Vocacional e significavam, respectivamente: Práticas Comerciais e Educação Doméstica.

2002, comecei a trabalhar no Colégio Lumen<sup>11</sup>, da professora Áurea Sigrist<sup>12</sup>. Estou lá até agora e faço a supervisão de Matemática.

**Newton:** É, eu também estava pensando quantos anos eu passei em sala de aula... 50 anos.

**Berenice:** É uma coisa que está no sangue. Não sei fazer outra coisa. A experiência aluno-professor, para mim, é gratificante. Penso que nós somos privilegiados porque nós recebemos mais do que damos. Sabe aquela força da juventude? Aquela coisa, aquela briga dentro da sala de aula: “Estuda!” “Presta atenção!” “Faz isso!” “Faz aquilo!” Mas é tudo por amor. Optei pelo trabalho na sala de aula. Enquanto eu puder eu vou lecionar. Trabalho e gosto muito do que faço. Um aluno nosso obteve o primeiro lugar na Olimpíada da Unicamp, Newton, você sabia?

**Newton:** Opa!

**Eliza:** Parabéns, professora!

**Newton:** Aluno da escola da Áurea?

**Berenice:** É. Eu fiz o 7º, 8º e 9º com ele, o acompanhei e ele fez a Olimpíada de Matemática e obteve a primeira medalha de ouro... medalha de ouro. Dos 120 pontos que era o total estabelecido na Olimpíada, ele alcançou 116. Nunca na história das Olimpíadas de Matemática da Unicamp um aluno teve uma pontuação dessas. Nono ano. Não é um trabalho só meu. É um trabalho de uma equipe. Porque educação não se faz sozinho, é trabalho de equipe. Fiquei muito feliz porque foi na matemática que ele conseguiu. Tanto é que o colégio Etapa<sup>13</sup> ofereceu uma bolsa integral para ele. Hoje ele faz ensino médio com bolsa integral no Etapa de Valinhos que é um dos colégios mais importantes do Estado. Então é prazeroso ver os frutos do nosso trabalho.

**Newton:** Muito bem. Vamos ao Vocacional então.

**Eliza:** É. Vamos ao Vocacional. Vou levantar as questões expostas no roteiro, ok? Qual foi o envolvimento do Professor Newton e da Professora Berenice com essa experiência? Em que período? Vocês poderiam falar das características da

---

<sup>11</sup> O Colégio Lumen Vitae (Luz da Vida) foi criado há mais de três décadas. A filosofia educacional do Colégio Lumen Vitae está expressa nos princípios humanistas cristãos e em uma visão progressista de educação, na qual é priorizado o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

<sup>12</sup> Áurea Sigrist foi diretora do Ginásio Vocacional de Americana de 1967 a 1969.

<sup>13</sup> Colégio Etapa é uma instituição particular de ensino que se ocupa do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Conta com duas unidades, uma em São Paulo e outra em Valinhos, cidade do interior de São Paulo.

unidade na qual atuaram? Do ponto de vista de cada um de vocês, o que foram os Ginásios Vocacionais? O que os caracterizava, o que os diferenciava? Como o Senhor e a Senhora inscrevem sua experiência nos Vocacionais em suas histórias de formação e atuação?

E ainda: Como eram esses espaços? Havia alguma particularidade na estrutura física ou no funcionamento cotidiano dos Vocacionais em comparação a outros estabelecimentos de ensino na época? Havia algo de diferente? Do ponto de vista de vocês a intenção dos Vocacionais chegou a provocar algumas das transformações esperadas? Quais? No que se apoiam para chegar a essas conclusões?

**Newton:** Bom, vamos fazer assim. Eu posso cronometrar o tempo. Eu vou usar de 4 a 5 minutos para cada questão e passo para a Berenice, depois ela passa para mim.

**Eliza:** Fiquem à vontade.

**Newton:** O Vocacional foi o lugar onde eu passei, modestia à parte, de professor a educador. Foi uma experiência fantástica. Foi a maior experiência do Brasil no século XX, eu diria que provavelmente, até do mundo. Por que do mundo? Porque anos depois do Vocacional, vários anos depois, quando eu saí, o Vocacional tinha acabado e eu estava fazendo pós-doutorado em Harvard e lá eu me deparei com uma tese de doutorado da Universidade Harvard dos anos 70, não me lembro bem, ainda era datilografada, e o título da tese me chamou atenção, não esqueço até hoje, a tese tinha 501 páginas, o título era mais ou menos assim, traduzindo do inglês: "Avaliando uma experiência educacional desenvolvida em sete Estados dos Estados Unidos". Falei: "Poxa vou ler isso aí!". Eu fui à biblioteca de Harvard e peguei a tese. Para você ter uma ideia a tese estava em inglês e eu sentei e li as 501 páginas o dia inteirinho, só fui até a lanchonete buscar um lanche, e continuei lendo e comendo. E essa tese, se eu não me engano, falava de uma grande inovação da Universidade Harvard em sete Estados, conduzida por um psicólogo americano, um dos mais famosos na época, do nível do Piaget (penso que era o Bruner). Esse psicólogo de Harvard era o coordenador. Foi uma experiência bem maior que o Vocacional. Nós tínhamos três, depois cinco ginásios, eles tinham em sete estados. Eu li tudo. Foi uma experiência educacional em sete estados americanos. Aqui quem acabou com o Vocacional foi a ditadura militar, lá quem acabou com a experiência foi a Igreja. Aqui o quartel, o exército, considerou nossa

experiência subversiva, e lá foi à igreja que considerou a experiência subversiva, ou seja, achavam que estavam criando jovens críticos, avançados, que colocavam em dúvida a religião, colocavam em dúvida tudo, então a Igreja Batista, se eu não me engano foi a Igreja Batista, acabou com o projeto. Bom, mas eu concluí que esta experiência não chegou aos pés do Vocacional, de jeito nenhum. Ela durou menos tempo que o Vocacional, de 1961 a 1969 - 1970. Quase dez anos. O Projeto deles durou apenas três ou quatro. Foi uma experiência séria, mas muito mais pobre que o Vocacional. Eu acho que no mundo inteiro não teve outra experiência como a nossa. Há aquela da qual o Prof. Rubem Alves fala tanto, em Portugal. A meu ver, nem se compara com o Vocacional.

**Berenice:** Escola da Ponte<sup>14</sup>.

**Newton:** Isso, Berê. Mas nem se compara com o Vocacional. Nós tínhamos todas as disciplinas integradas num núcleo, eu me lembro bem de um deles, chamava-se assim: “Por que o brasileiro vive apenas 55 anos em média?”. Hoje é 74 anos, naquele tempo era 55. Para responder a esta pergunta, todas as disciplinas participaram e os nossos alunos fizeram uma pesquisa na região mais pobre do Estado de São Paulo que foi a região de Registro<sup>15</sup>, Pariquera-Açu<sup>16</sup>. Depois eles fizeram um Estudo do Meio em Belo Horizonte, Ouro Preto, com o tema; “Advento de uma nação”. Era tudo integrado. Você foi junto para Belo Horizonte, Berê?

**Berenice:** Fui.

**Newton:** Foi. Você lembra o que eles fizeram? Eles calcularam o valor do ônibus, o quanto gastaria de gasolina na ida e na volta. Depois ela conta da experiência deles pagarem o conserto do ônibus, eles calcularam a velocidade média descontando as paradas. Observaram e estudaram o relevo, a topografia e a altitude da região que era relativo à minha área: Estudos Sociais.

**Eliza:** Saíram de Americana para Registro?

**Newton:** De Americana à Registro foi uma turma e no outro ano foi Belo Horizonte, Ouro Preto, aquela região toda ali. Conheceram a Gruta de Maquiné.

---

<sup>14</sup> A Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino localizada em Portugal, no distrito do Porto, e dirigida, inicialmente pelo educador, especialista em música, em leitura e escrita, José Pacheco, desde 1976. Atende alunos entre 5 e 13 anos de idade que se agrupam de acordo com a área de interesse. A escola não possui paredes internas para separar os alunos. O método de ensino está alicerçado nas ideias pedagógicas do francês Celestin Freinet. Apesar da excelência comprovada por todas as inspeções e estudos, mesmo a nível mundial, o seu método de ensino, que valoriza a cidadania, tardou a ser aprovado e reconhecido pelo Ministério da Educação do país.

<sup>15</sup> Registro é uma cidade do Vale do Ribeira, no estado de São Paulo.

<sup>16</sup> Pariquera-Açu é um município do interior do estado de São Paulo, no Vale do Ribeira.

Também conheceram a região de Pariquera-Açu. Todas as disciplinas se integravam. Então, não conheço outra coisa igual. Eu prestei concurso e passei para professor do Colégio de Aplicação da USP, não assumi, eu preferi ficar no Vocacional que também nem se compara com o Vocacional. Sem dúvida foi a maior experiência do século XX. Não tem outra igual. Hoje, naturalmente, poderia haver uma experiência parecida, usando tecnologias avançadas, do modo correto, não essa bobagem: “Procure na internet e tragam amanhã.” Não. Tem que ser mais sério. E, só para terminar: quando nós começamos em Americana muitos pais da classe alta não queriam colocar os filhos lá, porque inicialmente aquela escola estava reservada para o Senai<sup>17</sup>, estavam confundindo Senai com escola. E nós começamos a dar aula em uma escola em construção. Eu cheguei a dar aula numa escada de pedreiro, em cima da escada, sentado na escada, no quarto degrau, e dando aula para os alunos. Como era o sinal para entrar em aula? A professora de Música chamada Hélia<sup>18</sup> organizou conjunto de garrafas de água penduradas e fez de um jeito que uma garrafa fosse Dó, a outra Ré, Mi, Sol, Lá, Sí. Os alunos aprenderam e, na hora do sinal, eles tocavam uma música nas garrafas de água penduradas na frente do prédio. Tudo vindo absolutamente do zero. Sem recursos materiais. Nós fazíamos os Estudos do Meio em Americana indo, por exemplo, para Silos, um bairro de Santa Bárbara. Ali chegaram os imigrantes americanos no fim da Guerra Civil Americana<sup>19</sup>, uma parte foi para lá, perto de Americana, por isso chamava Vila dos Americanos, depois ficou o nome de Americana e havia um cemitério lá perto, Silos, onde estavam enterrados esses pioneiros americanos. Então eles visitaram esse lugar e entrevistaram uma das descendentes dos pioneiros. Na primeira série ginásial eles tinham um problema que era definir qual seria a zona de influência de Americana e qual a influência de outros municípios sobre Americana. Daí eu trabalhei com o Professor Sebastião<sup>20</sup> a seguinte pergunta: “Americana é uma área centrípeta que atrai pessoas de fora, ou é uma área que necessita de agentes de fora?” Então eles fizeram pesquisa no comércio, na indústria, na companhia telefônica, na central telefônica. E a conclusão de todo o

---

<sup>17</sup> Senai – Serviço Nacional de aprendizagem Industrial, instituição de ensino técnico e profissionalizante mantida por empresas privadas.

<sup>18</sup> Hélia Café Siqueira atuou como professora de Educação Musical no Ginásio Vocacional João XXIII – Unidade de Americana, em 1962.

<sup>19</sup> Entre 1861 e 1865 ocorreu o conflito entre os estados do Norte, cosmopolita e do Sul, escravocrata, dos Estados Unidos da América, no episódio conhecido como Guerra da Secessão.

<sup>20</sup> Sebastião Pereira de Faria atuou como professor de Matemática no Ginásio Vocacional ‘Papa João XXIII’, unidade de Americana, em 1962.

trabalho foi que Santa Bárbara e Nova Odessa dependiam de Americana em 75% das atividades e 25% das atividades Americana dependiam de Campinas. Todas as informações coletadas no estudo foram transformadas exploradas por matemática, entrando em Estatística – gráficos e tabelas.

**Berenice:** Ao invés de fazermos um trabalho estatístico baseado em fatos distantes, trabalhávamos com fatos reais que vinham das pesquisas que Estudos Sociais nos oferecia. Trabalhava-se principalmente estatística através de gráficos e tudo se relacionava a cidade de Americana ou ao Estado de São Paulo ou ao Brasil, dependendo do nível e tema da pesquisa. Os dados matemáticos eram usados para confeccionar os gráficos. Na área de matemática o que fazíamos era manipular problemas envolvendo os dados concretos que os alunos já tinham conhecimento. Então eu penso que isso ajudava os alunos.

Outra coisa que me causou espanto quando eu cheguei no Vocacional foi a estrutura física do Vocacional. Na sala de aula não havia mesa para o professor. No Culto à Ciência nós tínhamos a cátedra. Então o professor ficava bem no alto, olhando de cima para os alunos. O professor, no ensino tradicional, não chegava até o aluno, e lá, no Vocacional nós não tínhamos mesa na frente da sala e, quando tínhamos, era no fundo da sala, apenas para colocar algum material. As mesas e as carteiras eram soltas. Os alunos tinham facilidade para movimentar as carteiras porque o trabalho do Vocacional era feito em sua maior parte em equipe. Esse aspecto físico me causou muita surpresa. Havia outra coisa também, os alunos mudavam de sala, o professor não circulava, o professor ficava na sua sala e os alunos é que circulavam pela escola entre as aulas. Aliás, quando cheguei, tudo me chamou atenção. Eu me considerava a aluna mais velha do colégio (risos). Todas as ações, todos os comprometimentos eram pensados em conjunto com alunos e professores. Não havia problemas de disciplina e quando sim, era um ou outro. Geralmente, estava relacionado a um problema mais sério, ligado à família. Isso tudo me encantou muito. Nós trabalhávamos no mesmo nível, professores e alunos. Trabalhávamos em círculos abertos ou em grupos. E eles tinham um respeito profundo por nós.

**Newton:** Sim. Muito respeito.

**Berenice:** Mesmo com toda essa intimidade, mesmo estando no mesmo nível físico o respeito era muito grande. Agora, na minha opinião, o Vocacional foi altamente subversivo.

**Newton:** Foi.

**Berenice:** Nós éramos subversivos na essência. Porque um colégio que propõe uma educação para a liberdade, em que você promove a cultura para que ele possa ser o agente modificador dentro de um meio que não era satisfatório... Fazer cultura no seu meio? O que você acha? Interessava aos militares? Naquela época? Nós éramos altamente subversivos mesmo e eles sabiam disso. Trabalhávamos com análise e síntese. Havia um processo contínuo de análise e síntese. Isto levava ao desenvolvimento do senso crítico, o aluno ia saber “criteriar” sobre as coisas. Isso interessava aos militares? Não interessava. E o que nós fazíamos? Provocávamos uma mudança de comportamento através dos conteúdos, e uma pessoa só pode mudar seu comportamento se ela tiver uma bagagem intelectual, se ela tiver o conhecimento e um conhecimento não segmentado. E nós tínhamos um conhecimento complexo... como posso falar?

**Newton:** Unitário, unificado, global, conectado, global, interconectado?

**Berenice:** Unificado. Coeso. Eram Artes Industriais de um lado, Práticas Comerciais do outro, Práticas Agrícolas, Matemática, Português. E todos nós trabalhávamos no mesmo sentido. A união era muito grande. Não união física. Era uma união de objetivos. Era um trabalho de equipe, de objetivos. Estudos Sociais disparava uma unidade e todas as áreas se encaixavam.

**Eliza:** Como acontecia a sensibilização, a adesão à proposta?

**Berenice:** Bom, nós tínhamos que nos sensibilizar porque, se não, você não ficava na equipe. Não é Newton? Todos nós tínhamos que estar unidos nos objetivos de trabalho, a Professora Maria Nilde era uma especialista em detectar quem tinha capacidade para integrar a equipe. Era um trabalho muito bom, que começava pela supervisora do refeitório (nossa querida Edna<sup>21</sup>) até o professor Newton e a professora Miwako<sup>22</sup> que encabeçavam todo o trabalho. Nós tínhamos que estar muito atentos, ligados, unidos, porque facilmente se detectava um professor que se separava e se isolava da equipe.

**Newton:** Agora veja a diferença: no Vocacional havia um núcleo. Um núcleo era sempre um problema da realidade sócio cultural, por isso que Estudos Sociais, História, Geografia, Antropologia eram as matérias centrais. Então eles eram

---

<sup>21</sup> Edna Vieira de Oliveira Pinto foi supervisora do refeitório do Ginásio Vocacional de Americana (Gevoa).

<sup>22</sup> Miwako Uemura, professora de História, em 1962, no Gevoa.

convidados a refletir e trabalhar em Matemática, Português. Por exemplo, a música de Chico Buarque: Morte e Vida Severina. Ouvia a música em Educação Musical, liam o poema em Português a partir do problema: “Porque o brasileiro vive apenas 55 anos em média?” Então Morte e Vida Severina estava dentro desse tema. Em 66, 67 o Vocacional ainda não tinha sido sequer avaliado e o governo cria uma nova experiência chamada GOT - Ginásios Orientados para o Trabalho. Eram os ginásios pluricurriculares, um Projeto financiado pelo acordo MEC-USAID<sup>23</sup>. Antes dos Vocacionais serem avaliados eles fundaram 55 novos Ginásios no Estado de São Paulo. Aqui, o centro não estava em Estudos Sociais, com toda a problematização daí decorrente, mas sim em Artes Industriais. Então veja como o pensamento foi embora.

**Berenice:** A única inovação no pluricurricular foi a instalação de uma oficina de Artes Industriais.

**Newton:** A única inovação! Nasceu morto. Nasceu e morreu. Muitos professores tiveram bolsas de estudo permanente para se prepararem para dar aula neste ginásio. O centro do Vocacional eram problemas sociais, políticos, culturais, econômicos, antropológicos. O dos pluricurriculares era oficina. Não deu certo.

**Berenice:** Era orientação para o trabalho.

**Newton:** Era só oficina e não preparava para mais nada.

**Eliza:** Financiados pelo MEC-Usaid?

**Berenice:** MEC-Usaid.

**Newton:** Agora... O que marcou muito os alunos até hoje foram os Estudos do Meio, onde todas as matérias tomavam parte. Por exemplo, o Rio de Janeiro. Foram 10 dias no Rio de Janeiro, 7ª série, sem nenhum problema comportamental. Todos foram. Ninguém ficou de fora. Os que não puderam pagar tiveram as despesas custeadas por outros, de classes mais abastadas. E ninguém nunca soube quem não pode pagar. No caminho para o Rio visitaram a Cia. Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Tiveram História do Brasil completa visitando o museu da Colônia, o museu da República, o museu Imperial em Petrópolis e o Palácio do Catete.

**Berenice:** Olha que maravilha!

---

<sup>23</sup> O acordo MEC-Usaid incluiu uma série de convênios entre o Ministério da Educação e a USAID durante o regime militar brasileiro, com o objetivo de realizar uma profunda reforma no ensino e a implantação do modelo norte americano nas universidades.



**Newton:** Visitamos os dez museus da História do Brasil. Visitaram o estaleiro Ishikawajima<sup>24</sup>. Ficamos hospedados na Casa do Estudante, que depois foi incendiada, no final de 68, por causa da história daquele estudante no restaurante Calabouço<sup>25</sup>. Nós comíamos lá e a hospedagem era na Zona do Meretrício, onde de manhã nós tomávamos café e as damas da noite estavam tomando café para ir para casa. Não aconteceu nenhum problema. Nunca.

**Eliza:** E quem organizava tudo isso?

**Newton:** Todos nós, a equipe todinha, todos nós.

**Berenice:** Nós. Não dava problema porque todas as ações eram pensadas em conjunto com os alunos. Nós não impúnhamos nada, nós justificávamos os porquês. Nunca se impôs nada. Eles tinham o código de ética, e a preparação para o estudo do meio era muito séria. Era trabalhado o conteúdo muito bem preparado e ainda a parte comportamental, junto com a orientação educacional, que atuava nessa parte, trabalhando para estabelecer o código: “O que nós vamos poder fazer? O que nós não vamos poder fazer?” Não havia necessidade de você ficar bravo ou impor punições para o aluno. Eles se cobravam mais do que nós a eles.

**Newton:** Muitos choravam quando entravam de férias. Choravam copiosamente.

**Berenice:** Não queriam entrar em férias.

**Eliza:** Eu tenho o depoimento de um aluno em que ele fala que não queria ir embora de jeito nenhum.

**Newton:** Do Vocacional?

**Eliza:** Do Vocacional de Rio Claro. Relata que não queria ir embora para casa.

**Newton:** Não iam. Não iam.

---

<sup>24</sup> O Ishikawajima, nos anos 60, no Rio de Janeiro foi o maior e mais moderno estaleiro do hemisfério sul, trazido por Juscelino Kubitschek como parte de sua política de compensação industrial à transferência da capital federal para Brasília. Se São Paulo ganhou a indústria automobilística, o Rio, por sua vez, ficaria com a indústria naval.

<sup>25</sup> O Restaurante Central dos Estudantes, conhecido como Calabouço, foi, durante as décadas de 1950 e 60, um restaurante estudantil que oferecia comida a baixo custo para estudantes de baixa renda no Rio de Janeiro. Pela grande concentração de estudantes, era também palco de várias manifestações por melhorias na educação e contra o regime militar. Em 28 de março de 1968 ocorre o assassinato do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, paraense de 18 anos, no restaurante, episódio que marcou a resistência estudantil contra o regime militar. A morte de Edson Luís e Benedito Frazão Dutra, outro estudante, causou o fechamento definitivo do restaurante pela ditadura militar, mas também deflagrou o ciclo de manifestações populares de 1968 pela redemocratização do Brasil.

**Berenice:** Nós almoçávamos juntos. E o almoço era sempre um professor numa mesa com os alunos, às vezes, dois professores. Dificilmente nós almoçávamos sozinhos. Se havia uma fila esperando para o almoço, o professor entrava na fila e ficava esperando como todos. Nós não usávamos do privilégio, da nossa posição de professor para dizer: “Sou professor, eu vou passar na frente”. Não tinha isso.

**Newton:** Não, não, nunca.

**Berenice:** Era muito gostoso. De vez em quando eu furava fila. Na brincadeira. Você sabe que eu brincava muito, não é Newton? Eu era muito brincalhona porque eu me achava a aluna mais velha (como eu já falei), mas nunca... no momento em que eu estava em sala de aula para trabalhar - ensinar matemática - acabava a brincadeira. Sabe, havia aquele respeito, aquele entusiasmo, aquele querer aprender. Era muito bom, muito, muito bom... É... Dói um pouquinho falar do Vocacional. Foi uma experiência marcante em nossas vidas e nós, em termos de educação, retroagimos.

**Newton:** Ah, sim!

**Berenice:** O Vocacional foi uma escola para o século XXI, como você falou Newton.

**Newton:** Quer dizer, trazendo para hoje seria uma escola que abalaria completamente o Renan Calheiros<sup>26</sup> (eu não gosto nem de falar esse nome, sujar seu gravador). Renan Calheiros, Eduardo Cunha<sup>27</sup>, seriam contra tudo isso.

**Eliza:** Hoje não existe a ditadura, mas existe muita coisa “por debaixo dos panos” o que é horrível também.

**Newton:** Uma coisa horrível, quer dizer, hoje é outra coisa. É uma coisa podre.

**Berenice:** Eu não sei não se nós teríamos um Vocacional hoje. Com essa impunidade, com essa política. Seria muito inconveniente. O Vocacional hoje não seria bem vindo.

**Newton:** Não, não.

---

<sup>26</sup> José Renan Vasconcelos Calheiros nasceu em Murici, Alagoas, em 1955, é um advogado e político brasileiro, atualmente cumpre seu terceiro mandato como presidente do Senado Federal do Brasil.

<sup>27</sup> Eduardo Cosentino da Cunha nasceu no Rio de Janeiro, em 1958, é um economista, radialista e político brasileiro. Evangélico, é membro da igreja neopentecostal Sara Nossa Terra. Atualmente é deputado federal pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro pelo Rio de Janeiro.

**Eliza:** A década anterior à ditadura colaborou para a que experiência do Vocacional acontecesse?

**Newton:** Nós sobrevivemos à primeira fase da ditadura. De 64 a 68. Em 68 apertou com o Ato Institucional Número 5<sup>28</sup>. Lembra bem disso? O AI-5 saiu publicado dia 13 de dezembro de 68, foi aí que a ditadura, até então vamos dizer, tolerável, se tornou duríssima. Foram chamados anos de chumbo. Daí veio 69. 70 foi horrível.

**Berenice:** Então, foi nessa época que fomos denunciados.

**Newton:** Foi nessa época que o Vocacional foi denunciado.

**Berenice:** E... voltando ao começo, quando aquele professor foi demitido<sup>29</sup> porque não servia para o Ensino Vocacional.

**Newton:** Ele era fraco, preguiçoso, era vagabundo.

**Berenice:** Tivemos problemas sérios com ele em relação aos alunos. Não é? Ele não servia e foi dada uma chance para ele se reformular.

**Newton:** Foi.

**Berenice:** A Professora Maria Nilde o chamou, conversou com ele em São Paulo e deu mais um ano para ele se reformular, para ele melhorar, e ele piorou! Aí ele denunciou juntamente com os outros professores que estavam na lista para serem demitidos. Agora não vem ao caso nem citar os nomes daqueles professores que se juntaram ao Professor Cid para fazer a denúncia.

**Newton:** Foi o Wladir, a Maria Antonieta, não foi?

**Berenice:** Maria Antonieta, Wladir dos Santos, Joel, marido da Antonieta, Prof. Rubens, de Práticas Agrícolas e outros. Fizeram um documento Maria Eliza, e entregaram para o coronel do 5º GECam de Campinas. 5º GECam. Exército. Quartel. Sem dúvida, no dia seguinte os militares estavam lá.

**Newton:** Pensei que fossem só os dois. Nunca pensei...

**Berenice:** Não, não... houve mais gente.

**Newton:** A Professora Antonieta morreu há pouco tempo.

<sup>28</sup> AI-5 – o Ato Institucional Número 5 decretado em 13 de dezembro de 1968 pela ditadura militar, aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do *habeas-corpus* e aumentou ainda mais a repressão militar e policial.

<sup>29</sup> Sr. Newton se refere ao Professor de Artes Industriais, Francisco Cid e outros que iriam ser demitidos por Maria Nilde, mas antes disso levaram uma pasta contendo documentos do Ginásio Vocacional de Americana e realizaram a denúncia ao 5º. Gecam de Campinas-SP que culminou com a posterior invasão dos Ginásios.

**Berenice:** O Professor Cid, inclusive, causou problemas sérios no acampamento ou Estudo do Meio, uma coisa assim.

**Newton:** Esse que deu parte depois foi morar na Argentina. Foi ser pastor protestante. Se não me engano hoje está em Nova Odessa. Não sei não ao certo, também não quero saber. Mas foi ele que levou a documentação para o quartel e disse: “É isso que vocês estão procurando?”

**Eliza:** E o que era?

**Berenice:** Provas.

**Eliza:** Provas de quê?

**Berenice:** Por exemplo, qualquer material de Estudos Sociais, planos de ensino, relatórios, eram provas para eles. Um trabalho, uma avaliação ou uma bateria, principalmente, de Estudos Sociais. Eles julgavam História e Geografia disciplinas subversivas por conta da filosofia.

**Newton:** É. Por exemplo, quando eles entraram na sala dos professores de Artes Plásticas encontraram pinturas, esculturas, arquitetura, história da arte. Na sala do Prof. Alcio e da Prof<sup>a</sup> Ana Maria<sup>30</sup> havia um livro chamado Geografia da Fome<sup>31</sup>, de Josué de Castro. E o livro “Geografia da Fome” estava na sala de Artes Plásticas. Aí o sujeito do exército perguntou: “O que esse livro está fazendo aqui na sua sala?” O Alcio, que era de Jundiá, meu colega, muito ingênuo, disse: “Esse livro está aqui porque se trata do Brasil, dos problemas brasileiros”. Ele poderia ter dito: “Puxa vida! Eu não sei o que esse livro está fazendo aqui!” Ele quis justificar. Ele deu todo o serviço sem querer.

**Berenice:** Eu tinha a Revista da Civilização Brasileira, do Carlos Heitor Cony: “O ato e o fato”. O livro do David Nasser: “A revolução que se perdeu a si mesma”<sup>32</sup> e vários outros trabalhos. Fui procurada na minha casa. A polícia foi me buscar, mas

---

<sup>30</sup> Alcio Rocha e Ana Maria Nogueira foram professores de Educação Artística no Ginásio Vocacional de Americana.

<sup>31</sup> Aos 38 anos de idade, Josué de Castro publica sua obra de maior repercussão, “Geografia da fome”, que veio a ser traduzida em mais de 25 idiomas. Este livro, de 1946, é uma referência fundamental no estudo do tema, e logo foi reconhecido com o Prêmio Pandiá Calógeras, da Associação Brasileira dos Escritores, e com o Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras. Josué de Castro introduz os conceitos de áreas alimentares, áreas de fome endêmica, áreas de fome epidêmica, áreas de subnutrição, mosaico alimentar brasileiro e, por consequência, traça o primeiro mapa da fome no país. Defendia a adoção de um modelo de desenvolvimento econômico sustentável e uma sociedade sem miséria e sem fome. Maiores detalhes ler: VASCONCELOS, F. A.G. de. Josué de Castro e a Geografia da Fome no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, nov. 2008.

<sup>32</sup> NASSER, David. **A revolução que se perdeu a si mesma**: diário de um repórter. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965. 424 p.

eu havia saído. Eles entraram. Não havia porta que os segurasse. A minha casa era uma daquelas casas antigas, compridas. Eles subiram no forro e vistoriaram tudo. Escondi meus livros no forno de um fogão a carvão que tinha no quintal da minha casa. Minha mãe queria que eu queimasse tudo. Ela falava: “Você vai ser presa ainda por causa disso!” Respondi: “Não. Eu vou ser presa por outras coisas, por eu estar no sistema de ensino vocacional.” Tínhamos muito medo.

**Newton:** Claro que tínhamos.

**Berenice:** Tinha muito medo porque o terror e a tortura eram coisas sérias. Levei meus livros no quintal para queimar. Ao olhar o fogo pensei: “Ah... eu vou ser presa, mas eu vou ser presa com meus livros!” Apaguei o fogo. Tenho inclusive, até hoje, o do Carlos Heitor Cony todo queimado em volta... mas dá pra ler. Até a Revista da Civilização Brasileira foi taxada de comunista.

**Newton:** Sim. Caio Prado Júnior foi preso.

**Berenice:** Tudo era sinal de comunismo, de subversão.

**Newton:** Eu com a minha mulher enterramos no quintal de casa em Jundiaí. Fizemos uma cova no quintal bem grande e pusemos tudo dentro de um saco plástico e cobrimos com terra e com a grama. Depois me deu uma depressão, um mal estar por fazer isso.

**Berenice:** Uma tristeza. Os livros fazem parte do que somos.

**Newton:** Agora eu saio do Vocacional, ou seja, acaba o Ensino Vocacional e eu vou dar aulas na USP. Lá eu me sentia péssimo. Minha mãe, coitada, dizia assim: “Mas você está na USP, a maior universidade do Brasil, como você não está contente?” Eu dava aula na USP para uma turma de 118 alunos em 1969. Eles olhavam pra mim pensando: “Chegou o novo professor dedo duro”, e eu olhava pra eles e pensava: “Qual deles é o dedo duro?” Porque em todas as classes havia um militar fazendo curso. No meu caso, por exemplo, para você ter uma ideia, eu dava aula de manhã e havia um aluno que era linha dura, se não me engano ele era capitão da polícia militar e fazia o curso de História. Mas por que ele fazia História? Para ficar lá no meio dos alunos.

**Berenice:** Infiltrado.

**Newton:** E o pior é que ele fazia questão de me levar para a rodoviária. O que eu ia falar com ele no caminho? Havia outro que era tenente. Eu fui descobrindo. Quer dizer, era um horror porque os alunos olhavam para nós professores pensando: “Dedo duro” e nós olhávamos para eles pensando: “Quem

daqui vai me delatar?”. Do Vocacional, de tudo que a Berê falou, se eu usasse Paulo Freire na USP eu perdia o emprego. Nem isso podia, por que eu perderia o emprego na hora. Eu me lembro de uma noite na USP, um casal de cor, meio mulato, que havia sido reprovado por faltas, veio falar comigo na minha sala. Disseram assim: “Professor nós estamos desaparecidos, nós vamos partir para a ação armada... por favor, o senhor pode nos salvar dando nota para nós, dando presença até o dia de hoje, ou nós vamos sair daqui sem diploma, sem nada”. Eu falei: “Mas vocês não assistem aula desde outubro!” Eles: “Pois é, nós estamos circulando por aí, estamos aqui agora, se vamos sair vivos daqui nós não sabemos, mas vamos partir...” Eu falei: “Deus os abençoe, vão.” E aprovei os dois. Não sei se dei dez para os dois, acho que dei. Isso foi no fim de 69.

**Eliza:** Que tempos, não?

**Newton:** É. Tinha professor tão horrível na USP que para você ter uma ideia vou contar um fato amargo. Eu nunca mais vou esquecer disso: não sei se você já ouviu falar no Vladimir Herzog<sup>33</sup>. Certamente que sim.

**Eliza e Berenice:** Sim.

**Newton:** O Vladimir Herzog foi morto na dependência do DOI-Codi<sup>34</sup> e no jornal do dia seguinte a notícia dada foi que ele se suicidou. Ele aparecia enforcado na prisão.

**Berenice:** Saiu essa foto no jornal da época.

**Newton:** Montaram uma foto porque, na verdade, ele foi morto. Vladimir Herzog era escritor. A mulher dele está, até hoje, procurando por justiça. Isto aconteceu num sábado. Logo depois eu fui dar aula na USP e um colega meu, professor de Prática de Ensino, chegou para mim e disse: “Que coisa triste, não?” Eu falei: “Triste mesmo, puxa vida!” Quer dizer, para mim: “Que coisa triste, mataram

---

<sup>33</sup> Vlado, como era conhecido, era diretor de jornalismo da TV Cultura. Profissional com experiência internacional e apaixonado por teatro, ele militava no partido PCB, mas, segundo amigos, não exercia atividades clandestinas, nem poderia ser apontado como um quadro fixo do partido, que àquela altura já considerava a luta armada um grande erro. Na sexta, 24 de outubro de 1975, Vlado foi procurado por agentes da repressão em casa e no trabalho. Decidiu se apresentar espontaneamente no DOI-Codi na manhã seguinte. Nas sete horas em que esteve detido na Rua Tutoia, no Paraíso, onde ficava o centro do Exército, o jornalista prestou depoimento e passou por acareações. Segundo testemunhas, morreu após ser barbaramente torturado. /.../ O “Jornal do Brasil” foi o primeiro veículo da imprensa a publica, ainda em 1975, a foto do corpo do jornalista Vladimir Herzog pendurado por uma corda no pescoço, numa cela de um dos principais órgãos da repressão. **Fonte:** Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/02/homem-que-fotografou-vladimir-herzog-enforcado-confessa-a-farsa-do-suicidio.html>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

<sup>34</sup> DOI-CODI: Destacamento de Operações de Informações e Centro de Operações de Defesa Interna.

o Vladimir Herzog”. Sabe o que ele respondeu? Ele falou: “Triste. Além de comunista, era nosso colega aqui na USP.” Porque o Vladimir Herzog era professor do Instituto de Artes e Letras, eu não sei bem. Olha a interpretação dele! Triste porque era comunista e nosso colega. Esse era meu colega, dava aula comigo. Isso era a USP, depois dos belíssimos anos do Vocacional... Eu dizia: saí do século XXI e entrei na Idade Média e só fui recobrar o meu eu, meu bem estar, quando larguei a USP, quando o Professor Joel Martins – o maior psicólogo da educação do Brasil - me convidou a ir para a Unicamp. Eu estava na USP fazia sete anos e na PUC de São Paulo oito anos. Falei tchau para nunca mais. E vim para a Unicamp.

**Berenice:** Aqui no roteiro você diz: Segundo seu ponto de vista a intenção dos Vocacionais chegou a provocar algumas das transformações esperadas, quais? No que a senhora se apóia para chegar a estas compreensões? Fiz esta pergunta para o Arnaldo Sigrist, um ex-aluno do Vocacional, hoje é engenheiro agrônomo aposentado e assessor de empresas.

**Newton:** Ele vinha de Limeira para cá.

**Berenice:** Ele me respondeu: “Professora sabe o que mais me marcou no Vocacional? Foram os Estudos do Meio. Outra coisa foi aprender a analisar, relacionar, sintetizar e tirar as conclusões”. Falou: “Hoje os meus alunos, onde eu dou aula para formar empresários, eles não sabem ler, eles não sabem grifar, eles não sabem tirar o essencial do texto.” Disse ainda: “Percebo que eles não sabem trabalhar em equipe, eles brigam na equipe, um entra na área do outro, não se respeitam”. No Vocacional trabalhávamos muito esses fatos.

**Newton:** Eliza quem é seu orientador lá?

**Eliza:** Então o senhor falou do Prof. Joel Martins e me lembrei dos meus tempos de estudos com a Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Ela foi orientanda do Dr. Joel Martins. Ela falava sempre dele. Líamos seus livros. Hoje sou orientanda do Professor Antonio Vicente Marafioti Garnica, da Unesp de Bauru, que também conheci muito jovem. Ele foi orientando da Dra. Maria Bicudo no mestrado e no doutorado. Ele fez o pós-doutorado nos Estados Unidos.

**Newton:** Da Professora Maria Bicudo? E ele trabalha em Bauru?

**Eliza:** Bauru e Rio Claro, ele é professor da pós-graduação da Unesp de Rio Claro e na pós e na graduação em Bauru.

**Newton:** E seu curso de matemática foi feito onde?

**Eliza:** Eu fiz matemática em Bauru, na Unesp. Tive aulas com o Professor Vicente, inclusive. Curso noturno de Licenciatura em Matemática. Até 1990 o curso era Ciências com habilitação em Matemática. Quando ingressei, em 1991 era Licenciatura Plena em Matemática. Em seguida fiz a Especialização em Ensino de Ciências e Matemática, ainda na Unesp de Bauru, e depois fui para Rio Claro fazer o mestrado em Educação Matemática.

**Newton:** Com ele?

**Eliza:** Não, com outra professora, a Professora Altair Poletini. Ela veio a falecer numa circunstância muito triste e eu também me desliguei por um tempo, casei, voltei a dar aulas, tive filhos, mas sempre estive ligada à Unesp de Rio Claro. Fiz várias disciplinas do doutorado como aluna especial e comecei a participar do Grupo História Oral e Educação Matemática o Ghoem.

**Newton:** Você mora em Ibitinga?

**Eliza:** Moro atualmente em Ibitinga, mas nunca me desliguei de Rio Claro.

**Berenice:** Eu assisti a várias palestras com o Professor Ubiratan D'Ambrósio.

**Newton:** O Prof. Ubiratan trabalhou comigo na Unicamp. Eu trabalhei com ele num projeto, orientando uma professora. Qual é o título provisório da sua tese?

**Eliza:** Os Ginásios Vocacionais uma proposta da educação paulista na década de 1960.

**Newton:** Bom. Olha, uma pessoa boa para você entrevistar é um professor da linguística da Unicamp, chamado Edson França<sup>35</sup>. Ele é professor de Linguística, mas fez o doutorado em Medicina.

**Berenice:** Meu Deus!

**Newton:** É. Por aí você vê a cabeça dos alunos que passaram pelo Vocacional. Ele acabou fazendo Letras na Unicamp, mestrado em Neurologia, Neurociência, algo assim. Trabalhava com pessoas que tiveram derrame e ficaram com problemas de Linguagem. Depois ele fez o Doutorado na Faculdade de Medicina, mas ele é da área de Letras. O Arthur Castro Leite também seria interessante. Ele foi da primeira turma. Fez algo na área de Economia, trabalhou na Espanha durante muito tempo, num banco.

**Berenice:** Olha lá, Maria Eliza, olhe os estudos, olhe as projeções. E na época nós éramos muito criticados principalmente pela escola tradicional. Diziam

---

<sup>35</sup> Edson França é professor do IEL – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.



que os alunos não seriam bem sucedidos. Uma das críticas ferrenhas da sociedade era essa.

**Newton:** Isso me lembra a Diretora Aparecida Paioli. Grandalhona, bem masculinizada. Diretora do Instituto Kennedy<sup>36</sup>. Quando nossos alunos foram para lá ela fez a cabeça deles dizendo: “Vocês que vêm de uma escola mais fraca vão ficar aqui”.

**Berenice:** Ela inclusive montou uma classe só para alunos do Vocacional no Ensino Médio. Na época era Colegial. Dizia: “Vocês são fracos, por isso vão ficar nessa classe, separados, porque vocês não competem com os nossos alunos.”

**Newton:** Eles quase se destruíram e se reconstruíram depois. Ela, no entanto, mandou a vice dela fazer o curso de treinamento do Vocacional para aproveitar e implementar as ideias do Vocacional na escola dela.

**Berenice:** Bom, Maria Eliza, vamos continuar.

**Eliza:** Vou convidá-los para entrar na sala de aula dos Vocacionais para que eu possa entender a experiência de vocês nessa instituição. Como era, do ponto de vista de vocês, a sala de aula? Havia algo que a diferenciava das outras salas de aula onde vocês atuaram? Quais as diferenças, quais as proximidades com outras muitas salas de aula do sistema educacional da época? Por favor, fale um pouco sobre os processos de avaliação do aluno, do professor e da escola, como isso acontecia? E quanto às metodologias de ensino, o que poderiam falar? Quanto às propostas didáticas para o ensino de matemática, o que propunham os Vocacionais? Como eram negociadas essas ações, havia reuniões, havia legislações ou textos-guia específicos? Segundo a perspectiva de vocês as ações eram coesas ou havia diferenciações marcantes de um colégio para outro, de uma sala para outra ou de um professor para outro? E a sala de aula de matemática vocês poderiam descrevê-la? Poderiam falar um pouco sobre os professores de matemática dos Vocacionais.

**Newton:** Na sala de aula havia mesinhas que eles podiam juntar e formar grupos. Nós não tínhamos recursos modernos. Nenhum. Havia projeção de alguma coisa, mas muito pouco. A avaliação era feita por atitudes, havia a autoavaliação e a prova. Muitas vezes havia uma prova unificada com todas as matérias em uma prova só. Também havia isso. Os alunos eram avaliados pelo professor, pelo orientador educacional e orientador pedagógico. Ele era avaliado globalmente. Era

---

<sup>36</sup> Na entrevista com o Sr. Pompeo e a Sra. Renata, também depoentes deste nosso trabalho, a diretora Aparecida Paioli também é citada.

calculada a média da classe, o desvio padrão, as notas eram transformadas e então se calculava a posição dele na classe através da Sociometria. Tudo era feito dessa forma.

**Berenice:** Não se valorizava muito a nota. Nós tínhamos a prova como um diagnóstico, principalmente para nós professores, de como o trabalho estava sendo desenvolvido em sala de aula. Através dos Conselhos de Professores, das reuniões de professores, nós tínhamos a avaliação de aluno por aluno tanto no aspecto físico como motor, intelectual, social, emocional. Avaliava-se também através das fichas de observações que eram folhas tipo selo, onde se escreviam as observações que nós tínhamos sobre todos esses aspectos (físico, motor, intelectual, social). A orientadora educacional reunia todas essas observações dos professores e fazia um relatório individual de cada aluno e passava para nós. Então essas avaliações eram diagnósticas, avaliação do desenvolvimento das potencialidades dos alunos nos seus vários aspectos. Não havia razão para você dar nota baixa para o aluno.

**Eliza:** Engraçado, os jovens estudam para passar no vestibular, não para a vida. O Professor Ubiratan nos falava que fazer um sorteio do vestibular talvez fosse mais justo do que essa forma que está aí hoje. E eu falava: “Nossa, mas o que ele está dizendo?” O Vocacional tinha uma pretensão de ensinar para a vida?

**Newton:** Sim.

**Berenice:** Exatamente. E não se comparava. Porque nós avaliávamos o desenvolvimento integral do aluno. E a prova não era o ponto principal para nós. Quando se pensa no desenvolvimento do aluno, se ele muda, se ele cresce, se ele teve um progresso, esse progresso não pode ser abandonado nem menosprezado. Hoje, infelizmente, nós temos que fazer a prova. Dar uma prova igual para todos.

**Newton:** E o aluno podia consultar o que ele quisesse.

**Berenice:** Sim, às vezes eram dadas provas com consulta.

**Newton:** Faziam provas com consultas em livros, tabelas, atlas... Eu lembro que uma vez eu dei uma prova para a 8ª série (que num curso de Geografia acho que hoje os alunos não passariam) eu forneci informações sobre um lugar do mundo, a temperatura mais alta em janeiro, a média mais alta e média mais baixa em janeiro, fevereiro até dezembro e a distribuição das chuvas, de vários lugares do mundo, e perguntei onde poderia estar esse lugar, talvez fosse mais de um lugar. Haveria uma, duas ou três repostas. Uma era Quito, no Equador, com uma temperatura constante, de 12°C, em média baixa, e ao mesmo tempo chuva. Tudo

levava a crer que era Quito, uma cidade do Equador muito alta, com uma temperatura como a de Campos do Jordão, mais baixa. A outra não me lembro se foi Nova York..., quer dizer, eu acho que os alunos de hoje, de Geografia, não responderiam essa questão.

**Berenice:** Não responderiam.

**Newton:** História eu me lembro da Professora Odete<sup>37</sup>. Uma vez ela deu uma frase em francês para os alunos escrita assim: “Durante toda a minha vida só vi peste, miséria e guerra” - João Sem-Terra<sup>38</sup> da Idade Média. “Leia essa frase e levante os principais traços da vida na Idade Média.” Era um estudo livre, não era aula. Ela disse: “Pesquisem!”. Por essa frase em francês eles foram até a Idade Média. Sem e-mail, sem *Google*, sem nada.

**Berenice:** Isso era Estudo Livre. O Estudo Dirigido era quando o professor os dirigia para que eles tirassem as conclusões, davam algumas informações e faziam algumas perguntas para que chegassem às conclusões. O Estudo Supervisionado já não era tão dirigido, era um pouquinho mais aberto, e o livre podia ser uma frase que desencadeasse o trabalho. Matemática, o Estudo Livre já era mais difícil por conta da sequência lógica, mas seguindo a proposta era possível, por exemplo, dar um texto matemático para os alunos lerem, tirarem as conclusões, fazerem os exercícios. Depois você arrematava. Então era isso o que se fazia. No estudo através de Baterias, o grande trunfo do Vocacional era o Estudo Dirigido. Hoje o povo faz, mas não sabe nem o que faz. Pensam que o estudo em equipe é você juntar três, quatro pessoas, fisicamente, em volta de uma mesa, em volta de algumas cadeiras e conversar sem roteiro, sem orientações. A importância da contribuição pessoal num grupo era muito trabalhada.

**Eliza:** Como?

**Berenice:** Nós, professores, tínhamos planejamento na primeira semana de fevereiro e 15 dias em julho, onde se discutia, entre outros assuntos, como trabalhar em grupos com os alunos.

**Eliza:** Podemos falar mais um pouco sobre o contexto histórico-político dos Vocacionais? O país entrava numa ditadura, ou seja, foi um momento bastante particular no país. Os Vocacionais eram atingidos, tocados e influenciados por este

---

<sup>37</sup> Odete Dib João foi professora de Estudos Sociais no Gevoa.

<sup>38</sup> João Sem-Terra foi rei na Idade Média (1199-1216), na Inglaterra, e ficou conhecido por este nome devido ao fato de não ter herdado nenhuma propriedade após a morte do seu pai, Henrique II.

contexto? Vocês poderiam descrever algumas dessas percepções ou algum acontecimento que caracteriza esse momento político?

**Newton:** Olha, em 1964, quando houve o Golpe Militar, no dia 31 de março ele não mexeu conosco até 1968, quando houve o AI-5<sup>39</sup>. Nesse primeiro período tivemos uma ditadura leve, branda. O pior viria depois, a partir de 13 de dezembro de 68, com o Ato Institucional Número 5. A partir daí apertou para os Vocacionais, apertou para a USP, apertou para a PUC. Eu estava dando aula à noite na PUC de São Paulo em 1977 quando houve a invasão militar da Universidade<sup>40</sup>. Eu só escutei: “Corre!”. E todos nós, professores e alunos saímos correndo. Queimaram tudo. Era tiro para todo lado, fogo, bombas, na frente do prédio. Nós saímos pelos fundos. Todos correndo.

Esta invasão ficou famosa. A PUC de São Paulo era um baluarte de flor, um ambiente de liberdade, dentro da ditadura militar e houve a invasão. O coronel que comandou morava em Jundiaí. Queimaram tudo. Pessoas ficaram feridas, uma moça com queimaduras nas pernas.

**Berenice:** Em 69 houve a invasão dos Vocacionais, foi uma ação conjunta. O exército entrou em todas as unidades dos Vocacionais. O exército entrou e confiscou todos os papéis, todos os documentos, lacrou a sala de orientação pedagógica e levou todo o material dos Vocacionais para o quartel.

**Newton:** É. Anos depois eles estavam invadindo a PUC.

**Berenice:** O golpe em 64 não afetou muito o Vocacional, foi só depois do AI-5.

**Newton:** Certamente eles já os tinham na mira. Os chamados Anos de Chumbo foram os anos de 69, 70 até 79, 80. Morreu muita gente. A Dilma Rousseff sofreu também. Eu depositava uma confiança enorme nela e ela fracassou, do meu ponto de vista. Eu posso estar enganado, mas acho que ela fracassou, ela se tornou refém do que há de pior no Congresso. Mas ela tem uma história de vida

---

<sup>39</sup> O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur Costa da Silva. Autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus.

<sup>40</sup> Na noite de 22 de setembro de 1977, 500 homens da tropa de choque e agentes do DOPS invadiram o campus da PUC e prenderam 700 estudantes, arrastados a golpes de cassetete e pontapés. Foi a mais truculenta ofensiva policial contra a autonomia universidade durante todo o regime militar (1964-1985).

significativa. Ela foi militante, foi presa, foi torturada. Foi torturada de todo jeito. Ela tem uma história de vida bonita. Foi uma pena jogar fora tudo fora. Eles vão fazer uma passeata<sup>41</sup> domingo que vem pedindo o *impeachment* da Dilma. E não vão pedir *impeachment* do Renan Calheiros<sup>42</sup> e do Eduardo Cunha<sup>43</sup>? Da Dona Roseana Sarney<sup>44</sup>? A Dilma nunca roubou nada de ninguém. A Dilma tem uma moral infinitamente superior a eles. Pena que fracassou. Fracassou. Mas o que está aí é pior do que ela. Outro é o José Genuíno. Ele foi preso, torturado na selva na Amazônia.

**Eliza:** Deixa-me ver se há mais coisas para falarmos. Havia propostas tão inovadoras para as aulas de matemática como parece ter sido a proposta pedagógica como um todo?

**Berenice:** Não. Propostas inovadoras não havia. O que estava no auge era a Matemática Moderna. Trabalhávamos com Matemática Moderna sob a supervisão da Prof<sup>a</sup>. Lucilia Bechara. Trabalhávamos com conjuntos. Aquela parte toda da teoria dos conjuntos da matemática moderna, mas também não deixávamos de lado a parte tradicional.

**Eliza:** Interessante, porque o ensino tradicional, para mim, inclui a Matemática Moderna.

**Berenice:** No tradicional nós não trabalhávamos com Teoria dos Conjuntos...

**Newton:** Acho que a Berenice foi uma das precursoras que colocou em dúvida o ensino da Matemática Moderna.

**Berenice:** Quando comecei a entrar formalmente na Matemática Moderna eu coloquei em dúvida sim, tanto é que eu não deixei o ensino tradicional de lado e

---

<sup>41</sup> Brasileiros foram às ruas em todos os 26 estados, no Distrito Federal no domingo, dia 15 de março, em protesto contra a corrupção e o governo da presidente Dilma Rousseff (PT). Grande parte dos manifestantes pedia a saída ou o *impeachment* da presidente Dilma e protestava contra a corrupção.

<sup>42</sup> José Renan Vasconcelos Calheiros, nascido no estado de Alagoas, em 1955, é um político brasileiro. Filiado ao PMDB, é Senador por Alagoas, ex-presidente do Senado Federal e, atualmente (2017), líder do Partido na Casa. Um conjunto de denúncias de corrupção atingindo Renan Calheiros ocupou as manchetes da imprensa brasileira desde 2007.

<sup>43</sup> Eduardo Cosentino da Cunha nasceu em em 29 de setembro de 1958, é um economista, radialista e político brasileiro, filiado ao PMDB. Exerceu o cargo de deputado federal entre fevereiro de 2003 e setembro de 2016, quando teve o mandato cassado pelo plenário da Câmara dos Deputados. Foi presidente da Casa de 1º de fevereiro de 2015 até renunciar ao cargo em 7 de julho de 2016. Em 19 de outubro de 2016 foi preso preventivamente pela Polícia Federal na Lava Jato, e em março de 2017 foi condenado a 15 anos e 4 meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas.

<sup>44</sup> Roseana Macieira Ferreira Araújo da Costa Sarney Murad, nascida em 1 de junho de 1953, no estado do Maranhão, é uma socióloga e política brasileira, filiada ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Filha do ex-presidente José Sarney. Foi acusada de participação em esquemas de superfaturamento.

mesmo a Prof<sup>a</sup> Lucilia, também não. Nós tínhamos muita afinidade de ideias. O que eu achava muito bom era a liberdade que o professor tinha de fazer o seu plano de trabalho. Nós não seguíamos o roteiro de livros. Matemática não abre mão da lógica linear. Você não vai poder ensinar fração se você não sabe número inteiro, concorda comigo? Então nós mantínhamos essa lógica, mas variávamos muito a abordagem, a técnica. Eu fui muito feliz no Vocacional porque eu tinha dois companheiros excelentes, o Clodoaldo Pereira Leite e o Professor Ricardo Bacci.

**Newton:** Esse nunca mais eu vi.

**Berenice:** Colegas excelentes: Clodoaldo Pereira Leite e Ricardo Bacci. Nós formávamos uma equipe, e era muito bom porque um completava o outro, e não tinha essa: “Eu sou melhor do que você.” Inclusive me lembro de várias vezes em que a Coordenadora Geral, Maria Nilde, chamava um professor ou outro para ir a São Paulo e nós cobríamos as aulas. Cada ano ia um professor. Era uma equipe muito boa, quer dizer, nós não deixamos a linha conteudista, nós trabalhávamos com as baterias. Agora, o trabalho com bateria era um trabalho mais demorado porque era o aluno quem trabalhava... Não se deixava a linha conteudista. O trabalho com as Baterias de Estudo e Estudo Dirigido demoravam. Demoravam no sentido de que você não corria com o conteúdo, porque o aluno tinha que chegar à conclusão. A conclusão do trabalho demorava um pouco. Por isso nós tínhamos a liberdade de trabalhar com planos de ensino diferentes. Mas no 9º ano hoje, (que era a 8ª série e o 4º. ano do ginásio), chegávamos ao mesmo ponto por vários outros caminhos. A sala de aula de matemática não tinha diferença. Nós tínhamos pouca coisa nas salas, pouco material concreto. Alguma coisa de sólidos geométricos. Alguns livros. Trabalhávamos muito no concreto. Eu me lembro muito bem de uma aula, essa foi uma que me marcou muito, Maria Eliza. Eu estava trabalhando com os conceitos de reta, ponto, plano na Geometria Euclidiana e fiz uma pergunta assim: “Se você fosse trabalhar só na superfície de uma esfera, como seriam as retas?” Perguntei visando entrar nas Geometrias não Euclidianas: Riemann e Lobachevsky<sup>45</sup>. Começamos a trabalhar um pouco na esfera e no hiperbolóide de uma folha (sela) que é o espaço do Lobachevsk. Qual foi a minha

---

<sup>45</sup> Os matemáticos Nikolai Lobachevsky e Bernhard Riemann aprofundaram os estudos do Quinto Postulado de Euclides (o postulado das paralelas) o que implicou resultados muito importantes para a Matemática e a Física. Diante do desafio de provar o quinto postulado de Euclides a partir dos anteriores, vários matemáticos construíram diferentes tipos de geometrias. Atualmente a Geometria Euclidiana é raramente trabalhada tanto nas escolas de Ensino Médio quanto nos cursos que formam professores de Matemática.

surpresa? Os alunos concluíram: “Professora, então nós vamos chegar que (eles não falavam em Geometria Euclidiana) na nossa geometria, a soma dos ângulos internos do triângulo tem  $180^\circ$ , agora na geometria de Riemann, (eu havia dado a esfera para pensarem como esse matemático trabalhou na esfera) o triângulo tem mais que  $180^\circ$ . Depois pedi: “Vocês vão me desenhar o triângulo no espaço de Lobachevsky”. “Como é que ficaria o triângulo?” Eles disseram: Está bem, se na geometria de Riemann fica com arcos para “dentro”, na de Lobachevsky fica com os arcos para “fora”, é menor que  $180^\circ$ . Observe o nível de abstração dos alunos!

**Eliza:** Surpreendente.

**Berenice:** Trabalhávamos também com a educação espiritual. “Tudo isso é obra nossa ou obra de um ser superior que está lá no espaço?” “Aquele ser que organiza tudo no espaço e nos mundos e essa ordem maravilhosa que existe no universo e todas essas conclusões a que o homem chega e vocês chegaram agora, só pode ter um nome: Deus.” Eles ficaram extasiados.

**Newton:** Impressionante.

**Berenice:** Tudo isso partiu de uma aula sobre área de retângulo no campinho, atrás do refeitório. Havia um piso cimentado e fui dar aula de áreas lá. Formávamos o metro quadrado com o jornal e, colocando o jornal no chão, perguntávamos: “Quantas vezes cabe o jornal aqui?” Tudo saiu por que eu fiz a pergunta: “E se você não estivesse aqui?”

**Eliza:** Qual era a relação entre o aluno e o professor? Hoje, em muitas escolas essa é uma relação desgastada.

**Newton:** Era uma relação de muito respeito.

**Berenice:** De amor e afetividade.

**Newton:** Havia uma relação afetiva grande. Antes do Vocacional eu já era professor, mas a parte afetiva não existia. No Vocacional havia afetividade, mas com muito respeito.

\*\*\*\*\*

*Neste momento, nos juntamos a Sra. Cecília, esposa do Sr. Newton. Ela foi professora de Inglês do Ginásio Vocacional, em Rio Claro. Continuamos a conversa, sem o gravador, à mesa do café. Uma chuva torrencial caía lá fora. Após o café, despedi-me deles. Foi uma longa e pensativa viagem de volta. Meses mais tarde presenteia-me com o seu novo livro ao qual faço referência, por vezes, nesta tese.*

## 1.8 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM JOSÉ ÂNGELO POMPEO E RENATA ROSA PANTANA RANGEL

### *“Laços e enlaces num encontro de gerações”*

*Após algumas conversas ao telefone, eu e Sr. Pompeo pudemos nos encontrar em sua residência na cidade de Americana-SP. Às 9 horas estou na casa do Professor de Práticas Comerciais do Ginásio Vocacional de Americana, “Papa João Papa XXIII”, Sr. José Ângelo Pompeo.*

*Ele me espera no portão. Apresentamo-nos, e como aconteceu em entrevistas anteriores se surpreendeu por eu não ser oriental.*

*Como o Sr. Pompeo mantém, até hoje, contato com seus ex-alunos do Vocacional, a meu pedido ele convida uma ex-aluna, Renata, para participar da entrevista. Renata é atualmente professora de matemática na rede estadual de ensino.*

*A textualização abaixo apresenta, inicialmente, a entrevista com a Profa. Renata, com algumas intervenções/complementações do Professor Pompeo, que acompanhou toda a entrevista. Ao final, permanecemos apenas eu e ele.*

*Finalizada a entrevista, almoçamos em sua casa junto à sua esposa. E, na despedida me presenteia com um pé de jaboticabeira, que agora, cresce em meu jardim.*

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Primeiro eu gostaria de agradecer, principalmente o Sr. Pompeo por ter aberto as portas da sua casa, se disponibilizado, e ainda convidado uma ex-aluna a pedido meu.

**Pompeo:** Exato, por isso escolhi a Renata.

**Eliza:** Eu agradeço muito por isso. Renata, por favor, gostaria que você falasse um pouco de você, sobre a sua vida, quem você é, seus pais, sua história, ou seja, aquilo que se sentir a vontade para registrar nesta entrevista.

**Renata:** Eu sou professora de matemática. Estou atuando no Estado há 20 anos. Parei por 15 anos para cuidar das minhas filhas. Eu sou casada com Francisco, também aluno do Vocacional, temos quatro filhas e quatro netos. Voltei a dar aula e agora estou esperando minha aposentadoria (risos). Eu me realizo no que faço, mas hoje é muito diferente estar em uma sala de aula... Infelizmente, ainda mais de matemática. Hoje você não vê mais aquela vontade que nós tínhamos de querer aprender. Na nossa época, o que era a escola? Era um meio de você conseguir toda cultura. Aprender realmente. Ver coisas novas. Hoje a escola, infelizmente, é a coisa que menos interessa ao aluno. O que a gente sente na sala



de aula é o desinteresse do aluno em aprender. Tudo é mais atrativo, o computador, é o celular, a internet, etc.

Eles vão para a escola por obrigação, não pelo querer aprender. Eles não vêem os colegas como uma família, como a gente via no Vocacional (tanto é que nós fizemos uma confraternização faz dez anos, não é, Pompeo?)

**Pompeo:** Mais ou menos.

**Renata:** Há dez anos. Os professores sabem o nome e sobrenome de todos os alunos até hoje, coisa que eu não sei de todos os meus alunos. Eu sei o nome de todos, mas eu não sei nome e sobrenome, por que no Vocacional convivíamos o dia todo, inclusive almoçávamos com os professores. Na 4ª série (na nossa época era série) o período não era mais integral, mas arrumávamos alguma coisa para fazer na escola, para voltar no período da tarde, pois estávamos acostumados. Nos tínhamos uma convivência de família realmente, então era muito gostoso. Você tinha aquele interesse de ir para a escola. Hoje em dia não. Hoje eles vão por causa dos amigos. Aqui, por exemplo, no Estado, tem alunos que frequentam pela bolsa família, para se alimentar, ou mesmo para ter onde ficar enquanto os pais trabalham. Você começa a conversar e percebe que não há um interesse em aprender. Nos professores não estamos ali para ensinar uma disciplina ou a viver em sociedade, estamos pra tomar conta dessa criança. Temos também que lidar com as inclusões, sem termos tido curso e preparação para tal.

Logo quando eu comecei era diferente. Eu me formei em 1982 e comecei a dar aula e você via que eles ainda tinham interesse.

**Eliza:** Você se formou onde?

**Renata:** Em Piracicaba, na Unimep<sup>1</sup>. Fiz Ciências Físicas e Biológicas e Licenciatura Plena em Matemática e logo que me formei comecei a dar aulas de Matemática.

**Eliza:** Você já percebia diferenças entre a escola que começou a atuar e os Vocacionais?

**Renata:** Ah sim! No Vocacional as disciplinas eram interligadas, Estudo Sociais (História e Geografia) lançava o tema e as demais se encaixavam, trabalhando a interdisciplinaridade. O Estado está começando a querer fazer todo aquele trabalho de interdisciplinaridade. Agora o Estado está começando, a falar em

---

<sup>1</sup> Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba - localizada em Piracicaba-SP, município do interior paulista distante cerca de 164 Km da capital.

interdisciplinaridade, mas é uma coisa jogada. Não é feito todo aquele estudo como nós fazíamos, nós participávamos.

Em cada série nos estudávamos um tema/contexto:

- 5ª série a cidade;
- 6ª série o estado;
- 7ª série o país;
- 8ª série o mundo.

**Eliza:** O que vocês estudavam? Você se lembra?

**Renata:** Os Vocacionais foram distribuídos por regiões. Americana - centro industrial têxtil, Barretos - pecuária, Rio Claro - ferroviária, Araçatuba - agrícola, São Paulo - capital do estado. Então estudávamos desde relevo, localização, mão de obra, cultura, desenvolvimento, forma de transporte, tudo através dos Estudos do Meio nos locais mais importantes e depois fazíamos relatórios e após concluído todo o estudo no final de cada bimestre apresentávamos para a escola e pais. Todas as matérias giravam em torno daquilo. O aprendizado era realmente sobre um tema, então a gente tinha toda interdisciplinaridade.

**Pompeo:** Estudos Sociais era a “cabeça”, o centro. Estudos Sociais estabelecia e as outras áreas se integravam dentro do contexto, do tema a ser desenvolvido.

**Eliza:** Matemática também?

**Renata:** Eu tive o Professor Clodoaldo e depois a Professora Berenice. A Berenice é fora de série!

**Eliza:** Entrevistei a Professora Berenice.

**Pompeo:** Ela está atuando até hoje.

**Renata:** A minha paixão por Matemática se desenvolveu por causa da Bere. Eu brinco com meus alunos, contando as façanhas dela, quando nos ameaçava com o seu tamanco quando estávamos conversando com o colega e atrapalhando sua aula. Era brincadeira, uma forma de nos advertir. Ela era brincalhona, mas firme. Realmente ela é fabulosa. Que me desculpem os outros, mas ela foi a minha melhor professora. Eu hoje quero que eles gostem de Matemática, pois só gostamos de uma disciplina quando dominamos. A fala dos alunos hoje é: “Detesto Matemática.” Em uma classe de 35 alunos, encontramos apenas 20% com facilidade em resolver os problemas. Você só gosta de uma coisa quando você aprende, quando você sabe.

No Vocacional todo mundo queria aprender. Se tinha dois ou três que estavam fora do esquema era muito. Todo mundo estava ali concentrado. O trabalho em equipe era uma coisa que desenvolviam muito e hoje em dia você não sabe fazer, você não sabe ensinar. Todo mundo tenta, mas o que é o trabalho em equipe, hoje? É unir as carteiras e cada um faz o seu, não tem aquela troca. Você não vê aquela troca de ideias até chegar a uma única conclusão. Você tenta colocar, mas são dois três que fazem e o restante copia. Por mais que você queira desenvolver, que você tente trabalhar, você não consegue.

**Eliza:** E as equipes no Vocacional? Você poderia descrever um pouco?

**Renata:** Funcionavam. Não funcionava, Pompeo? Você tinha aquela coisa de se reunir. A gente fazia o trabalho na escola, porque era tempo integral, era tudo feito lá, em sala de aula.

**Pompeo:** Além de tudo tinha aula para fazer as tarefas de casa. O estudo supervisionado. Tinha um professor escalado para ficar com a classe.

**Eliza:** Os alunos não levavam as tarefas para casa?

**Pompeo:** Não levava nada para casa.

**Eliza:** E o material escolar?

**Pompeo:** Cada aluno tinha sua pasta. Cada matéria tinha sua pasta e ficava no armário. Cada aluno tinha o seu armário. Quando o exército chegou ele viu as pastas de PC e achou que era tudo do Partido Comunista.

**Renata:** Sim.

**Eliza:** E PC era a abreviação de Práticas Comerciais...

**Pompeo:** Exatamente. Esta é uma lembrança que tenho dessa época.

**Renata:** No Vocacional tudo era em siglas. Artes Industriais (AI), Práticas Agrícolas (PA), Educação Doméstica (ED). Nós tínhamos a horta onde a gente plantava, colhia e depois comia no refeitório. Nós almoçávamos com os professores. Era todo mundo integrado.

**Pompeo:** Todo dia os professores supervisionavam os alunos no refeitório. Havia uma escala para ver como estavam comendo, para ensinar a usar os talheres, para verificar a limpeza da mesa. Eles deixavam tudo arrumadinho, lavavam os pratos.

**Renata:** Aprendiam a se alimentar. Aprendiam a comer a verdura... Até bucho tinha. Esse era o que menos o pessoal comia, mas de vez em quando tinha. Eles

falavam: “Ao menos você vai experimentar!” Era para tentar levar a criança a aprender a comer.

**Pompeo:** Tudo era supervisionado por professores escalados para aquele turno. Depois a gente almoçava, ou almoçava antes e depois supervisionava.

**Renata:** Os professores almoçavam junto com a gente.

**Pompeo:** Sentavam a mesa junto com os alunos também. Alguns sentavam.

**Renata:** Tinha o prazer de estar ali. Os Estudos do Meio eram muito gostosos, porque viajávamos para os locais a serem estudados. Como quando nós fomos para São Paulo e ficamos hospedados no Pacaembu. No centro, no próprio estádio. Nós assistimos uma partida de futebol, para conhecer realmente tudo aquilo. A minha turma foi para Urubupungá. Conhecer a Usina de Urubupungá...

**Eliza:** Onde fica Urubupungá?

**Pompeo:** Na divisa de São Paulo e Mato Grosso. Depois de Araçatuba.

**Eliza:** E iam como?

**Renata e Pompeo:** De ônibus.

**Renata:** Muitas vezes nós fomos de trem. Tinha os festivais de música. Tinha os campeonatos de basquete, de vôlei. Reunia todos os Vocacionais. Cada vez era num centro para ter a participação, para aprender como é que se posicionava em tudo. Então sempre tinha. O de música era muito gostoso. Eu fazia parte da flauta. Tinha o festival de corais em Barretos. Tinha dança. Na Educação Física nós tínhamos ginástica de solo, ginástica artística. Não era bola e quadra, isso era uma das etapas. Tinha danças folclóricas que a gente apresentava na Festa Junina. Tudo isso fazia parte de Educação Física. Tínhamos todos os procedimentos, todas as regras para cada tipo de atividade, para cada tipo de esporte. Tinha handebol, vôlei, basquete, futebol de salão, futebol de campo. Aprendíamos todas as regras para depois ir aplicar na quadra, ou seja, conhecia toda a parte teórica para depois aplicar na prática. Eu tocava flauta, jogava vôlei e jogava basquete.

**Eliza:** Que bom!

**Renata:** Com todo esse tamanho! Mas eu jogava. Era muito gostoso. É uma vivência que eu gostaria muito de ter tido para as minhas filhas.

**Eliza:** Quando assisto o filme tenho essa sensação.

**Renata:** Agora em São Paulo eles estão montando um acervo de todo o Vocacional. Tanto é que todas as minhas coisas eles levaram na última vez que nós viemos aqui. Ele levou e ainda não me devolveu.

**Eliza:** Quem levou?

**Renata:** O Daniel, filho da Irene, e o Luigy. Ele levou todo meu acervo. Eu tenho todos os nomes dos professores que vieram na última reunião que nós tivemos, então eu fiz um livro que todo mundo assinou com endereço, telefone, muitos já estão defasados porque é de dez anos atrás, mas com nome e sobrenome... Os professores iam todos uniformizados.

**Eliza:** Os alunos iam todos uniformizados? Como eram os uniformes?

**Renata:** Todos iam uniformizados, não entrava sem o uniforme. Era uma saia cinza, com duas pregas macho, camiseta branca e tinha a blusa de frio que era cinza com vermelho. A nossa estava escrito Geva: Ginásio Estadual Vocacional de Americana.

**Eliza:** Tem alguma foto sua? Dessa época, com o uniforme?

**Renata:** Eu tenho o uniforme guardado até hoje. Tenho a blusa do uniforme. Apesar de estar toda assinada no final do ano. Na 4ª série nós fazíamos os Acampamentos para os alunos aprenderem “a se virar” no campo. Por sinal era na fazenda da família do Prof. Pompeo, na divisa com Limeira. Nós íamos e o exército trazia e montavam as barracas, nós ajudávamos. Fazíamos uma reunião no começo da noite, nós acendíamos a fogueira. Aí a gente conversava, discutia como tinha sido o dia, porque tínhamos patrulhas femininas e masculinas e cada patrulha tinha uma tarefa para fazer: uma ia montar uma ponte para atravessar o riozinho, outra ia fazer as fossas, cada uma tinha uma obrigação, e no final do dia a gente expunha o que tinha sido feito, quais foram as dificuldades, se tinha sido bem sucedido.

Dormíamos em barracas, cada patrulha preparava o seu almoço, então era muito gostoso, tudo que a gente tinha aprendido nos quatro anos a gente tinha que aplicar ali. Educação Doméstica a gente aprendia a cozinhar, Práticas Agrícolas ia limpar terreno, tirar mato, tudo para deixar o ambiente adequado para aquela semana que ficávamos ali. Quatro ou cinco dias pelo menos. Era aquele frio tremendo, dormindo em saco de dormir e tudo mais...

**Eliza:** E os pais? Concordavam?

**Renata:** Tranquilamente...

**Eliza:** E os professores acompanhavam?

**Renata:** Acompanhavam: cada patrulha tinha um professor responsável, inclusive para ir avaliando as equipes. Contava na avaliação do bimestre.

**Pompeo:** Essa é uma foto de um Acampamento. Dona Cecília<sup>2</sup> era a diretora. Estava havendo uma eleição, com urna e tudo para votação.

**Eliza:** Eleição?

**Pompeo:** Do primeiro Governador.

**Renata:** É uma coisa que a gente tinha também.

**Pompeo:** Para aprender a votar.

**Renata:** Então tinha as urnas, aprendíamos a votar. Fazia toda uma campanha com cartazes pela escola toda e depois tinha votação...

**Eliza:** Havia chapas e os respectivos candidatos?

**Renata:** É, chapa. A gente aprendia a votar, a escolher. Depois tinha toda a contagem de votos, aquela coisa toda. A gente fazia mesmo um auê.

**Eliza:** Depois a chapa vencedora era responsável pelo que?

**Renata:** Era como se fosse hoje em dia um Grêmio Estudantil. Se tinha um problema na escola...

**Pompeo:** Eles se reuniam, discutiam o problema e depois apresentavam para a diretoria.

**Renata:** Os alunos davam, por exemplo, sugestões a serem feitas na escola, melhorias, alguma coisa que não estavam de acordo, passava para eles e eles levavam para a diretoria. Por exemplo, nós queremos fazer uma festa, nós queremos fazer um rádio. Tinha a rádio e eles tocavam umas músicas, apresentavam, por exemplo, os aniversariantes da semana de toda a escola. A rádio tocava na hora do intervalo. Era uma rádio interna da escola. Davam as notícias. A gente fazia os murais com todos os acontecimentos da semana e dos acontecimentos futuros. Tínhamos um jornal impresso. Por exemplo, a área do Pompeo, que era Práticas Comerciais, tinha uma cantina e a loja dos uniformes...

**Pompeo:** Era uma Cooperativa dentro da escola.

**Renata:** Era a área do Pompeo. Então tinha a caixa registradora. Era uma lojinha mesmo. O aluno ia lá e comprava o seu uniforme. Tínhamos o talão de cheques. Por exemplo: você fazia um depósito com uma determinada quantia de dinheiro e depois você ia dando cheques conforme seu saldo. Assim íamos aprendendo a trabalhar com cheques. Quando acabava o dinheiro você ia lá e

---

<sup>2</sup> Maria Cecília Lacerda Vasconcellos Guaraná, uma das depoentes desta pesquisa. Foi diretora do Vocacional de Batatais em 1962 e do Vocacional de Americana no período de 1963 a 1967.

depositava mais um tanto por semana ou por mês, não me lembro ao certo quanto. Tudo que você pagava na Cantina era com esse cheque, não era com dinheiro vivo.

**Pompeo:** Eu tinha o talão de cheque e dei tudo para o Daniel, foi tudo pra fazer esse museu...

**Renata:** Em São Paulo eles fazem uma reunião mensal, uma reunião dos ex-alunos, geralmente os de São Paulo são os que mais participam. Eles estão montando esse acervo, estão resgatando tudo o que você tem do Vocacional. De todos os Vocacionais.

**Eliza:** Interessante.

**Renata:** É muito gostoso. Eu fiquei de ir, mas acabei não indo. No sábado as filhas vêm com meus netos e você acaba se acomodando e acaba não indo. Mas precisava fazer alguma coisa desse tipo. Eles estão resgatando e começando a trabalhar nas escolas de São Paulo. Eles dão palestra e estão levando um pouquinho desse conhecimento para as escolas. Vamos ver se a gente consegue resgatar tudo isso, não é?

**Eliza:** É.

**Renata:** É gostoso, mas infelizmente o tempo está passando e a gente não... Isso deveria ter sido feito bem antes, pois acaba se perdendo muita coisa.

**Eliza:** É um prazer ouvir falar do Vocacional, das muitas vivências e experiências, principalmente por perceber o grande envolvimento que vocês tinham com a escola.

**Renata:** Infelizmente acabou por causa de uma briga boba de um professor que perdeu espaço. Não estava dentro desse contexto e quis jogar... uma coisa que realmente não existia.

**Pompeo:** Os professores eram avaliados todo ano, certo? E havia aqueles que não se adaptavam ao sistema. Eu estou interrompendo você não sei se posso.

**Eliza:** Não, por favor, fique à vontade Professor Pompeo.

**Pompeo:** Houve uma avaliação no final do ano e alguns professores iam ser transferidos e esses professores fizeram um movimento para evitar essa transferência e culminou, no fim numa denúncia ao Exército e, depois, com o fim do Vocacional.

**Eliza:** Eles não queriam ser transferidos?

**Pompeo:** Não.

**Eliza:** E por isso fizeram essa denúncia?

**Pompeo:** E a culpa foi da diretoria.

**Eliza:** Diretoria?

**Pompeo:** Da Dona Áurea, que era a diretora na época. Áurea Cândida Sigrist<sup>3</sup>.

**Eliza:** Mas ela apoiou isso?

**Pompeo:** Não, ela era a diretora. E aí puseram o exército no meio e tudo acabou. Aí veio o exército, os tanques de guerra, as metralhadoras.

**Eliza:** Você estava numa sala de aula nessa época, Renata?

**Renata:** Nós estávamos. Estávamos ensaiando para a formatura e saímos com metralhadoras nas costas.

**Eliza:** Como assim?

**Pompeo:** Depois que eles entraram na escola, chegaram os tanques...

**Eliza:** Tanques?

**Pompeo e Renata:** Tanques...

**Renata:** Foi uma coisa de arrepiar...

**Pompeo:** Eu cheguei atrasado. Eu não tinha aula cedo. Quando vi aquilo eu quis voltar pra trás, mas eles não deixaram. Fizeram-me ir para o refeitório. Lá estavam todos os professores junto com o Coronel Árgos explicando e dando uma “prensa” em todo mundo. Eu não me esqueço, até hoje, o que era o trabalho em equipe para ele.

**Eliza:** O que era o trabalho em equipe para ele?

**Pompeo:** Em equipe é: ele tomava a decisão e punha a turma para ver se chegava onde ele queria. Nunca me esqueço disso.

**Renata:** Foi bravo, foi bravo, porque, de repente, apareceram.

**Pompeo:** E um “dos cabeças” foi o... O exército, a gente jogava bola junto com eles, montava as barracas do acampamento.

**Renata:** É, as barracas! No acampamento eles traziam as barracas e nos ajudavam a montar.

**Pompeo:** Nós íamos buscar no Gecam<sup>4</sup> em Campinas.

**Eliza:** No Gecam?

**Pompeo:** Gecam é um grupo de combate. Fica na entrada de Campinas. O Gecam que coordena. Eles, na época, forneciam e montavam as barracas.

---

<sup>3</sup> Áurea Sigrist foi diretora do Vocacional de Americana – GEVA – no período de 1967 a 1969.

<sup>4</sup> Gecam- Grupamento do Exército de Campinas.



Jogávamos futebol junto com o pessoal do Gecam. Fomos visitar todo o exército. Mas na época da ditadura.

**Renata:** Ditadura...

**Pompeo:** Em 68. Eu acho que 69 foi a...

**Renata:** 69 foi quando nós saímos.

**Pompeo:** Reviraram as coisas, os armários, abriram e jogaram todas as pastas no chão...

**Renata:** Abriram tudo.

**Pompeo:** Tudo jogado! Foi terrível!

**Eliza:** E os alunos?

**Renata:** Os alunos foram convocados depois para depor no Gecam.

**Pompeo:** Levaram vários presos. A Dona Áurea foi presa, alguns professores foram juntos presos. Ficaram detidos no Gecam.

**Renata:** Até o pessoal do Liberal que é um jornal de Americana foi envolvido também.

**Pompeo:** Isso! Alguns repórteres que gostavam muito do Vocacional... infelizmente...

**Renata:** Então foi uma coisa muito marcante para nós. Como uma coisa tão bem feita, tão bem planejada, acabar daquele jeito? Não tinha lógica naquilo. Por causa de dois ou três professores que não aceitaram uma avaliação. E estava correta a avaliação, mas como estavam mexendo com eles, então puseram tudo em risco, jogaram tudo fora, tanto é que nós saímos. Na hora que saímos da escola um desses professores avaliados, que morava na esquina da escola, na frente da escola, conforme nós saímos ele colocou a música: "Glória, Glória, Aleluia! Glória, Glória, Aleluia!" No último tom da vitrola. Aquela época era vitrola, com um disco tocando aquilo e ele na janela sorrindo...

**Eliza:** Quem?

**Pompeo:** Francisco Cid.

**Renata:** Francisco Cid.

**Eliza:** Estava sorrindo?

**Renata:** Sim, sorrindo na janela...

**Pompeo:** Ele fazia parte do grupo dos que estavam...

**Renata:** Do grupo que tinha sido mal avaliado e seria transferido. Porque o nosso ensino era mostrar a realidade e a gente tinha o conhecimento de tudo que

estava acontecendo no país. A gente lia os jornais, revistas, a gente fazia comentários, a gente tinha o conhecimento da situação no país e isso para os outros, que eram a favor do regime, era o comunismo que estava se implantando. Era como se fosse um comunismo. Não, nós estávamos tendo a realidade no papel, tudo que estava acontecendo a gente discutia, e não era admissível, na época, isso. Como uma criança precisa saber dessas coisas! Porque nós éramos criados para ser críticos, para ser atuantes numa cidade. Era toda uma vivência, coisa que hoje em dia não tem, não existe mais isso. Hoje sabemos por que: está tudo aí, na televisão... Mas naquela época, não. Naquela época eram poucos os que tinham televisão. Eram poucas as residências que tinham. Ali nós tínhamos tudo. Ali nós estávamos sabendo, estávamos lendo jornal, você era obrigado a ler jornal em casa e trazer para a escola, ou mesmo ler na escola, fazer recortes, discutir as notícias que estavam sendo veiculadas. Discutir o que estava acontecendo no momento. Entendeu? E isso incomodou.

**Pompeo:** Em Estudos Sociais tinha as aulas de Atualidades, que mostrava o momento...

**Renata:** A realidade.

**Pompeo:** Um dos objetivos maiores do Vocacional sempre foi esse: mostrar ao aluno a realidade em que ele vive. E inserir ele no meio, para ele poder modificá-lo, por isso ele conhecia primeiro a cidade, via o que a cidade tinha, o que ela oferecia, para ir instruindo e depois poder se manifestar, tentar modificar ou melhorar, ou...

**Eliza:** Aprendia em situações práticas.

**Renata:** Havia a parte teórica e a prática.

**Pompeo:** Além de tudo, era para ele também ter uma visão de um campo profissional futuro.

**Renata:** Onde ele iria atuar.

**Pompeo:** Onde ele podia despertar para o campo, para a música, para as artes, para o comércio: esse era um dos objetivos da escola.

**Eliza:** Havia o Governo Estudantil.

**Pompeo:** Politicamente para ele também se posicionar...

**Eliza:** Saber da importância do voto.

**Renata:** Em quem votar e como cobrar, depois, as atitudes dele. Tudo isso era incentivado e tudo coordenado pelos professores, sempre tinha um professor, de Artes Industriais, por exemplo: nós tínhamos até torno na escola...

**Eliza:** Como era o prédio da escola?

**Renata:** Grande. Eram salas enormes. Eram salas normais, mas adaptadas.

**Pompeo:** Era um antigo Ginásio Industrial que não foi nada adaptado. Simplesmente a escola mudou, entrou o Vocacional e permaneceu a oficina de Artes Industriais. Havia uma quadra pequena de basquete no meio. Havia o refeitório porque todos os alunos passavam o dia todo na escola e almoçavam lá. Tinha a horta num canto e a cozinha. Horta e criação de animais. Para a Educação Doméstica tinha uma sala, uma cozinha montadinha, geladeira, máquina de tudo.

**Renata:** Máquina de lavar para você aprender a lavar. Aprendia a passar roupa, aprendia a cozinhar.

**Eliza:** E Educação Musical? Tinha?

**Renata:** Tinha a sala de música, com um piano, flautas, reco-reco, chocalhos, marimba.

**Renata:** Eram todas salas ambientes.

**Pompeo:** Eles mudavam de sala, saíam de Práticas Comerciais, ali a sala de datilografia, onde aprendiam datilografar, e dali saía e ia para outra matéria.

**Renata:** Educação Física tinha o vestiário onde você se trocava. Tínhamos o uniforme de educação física. Não é como hoje que faz do jeito que vem para a escola. Tinha o shorts, a saia, a camiseta, a meia e o tênis. Sem o uniforme completo você não entrava na quadra, tinha que estar em ordem. Tínhamos uma sacolinha onde a gente levava o material de Educação Física. No dia da aula entrava no vestiário e se trocava, depois voltava. Tomava uma chuveirada quem quisesse e se trocava. Daí ia para a sala de aula normal. Nas Artes Plásticas nós tínhamos toda a parte de pintura, desenho, xilografias, todas as técnicas a gente aprendia. Na parte de Ciências, tinha o laboratório onde a fazíamos as experiências. Até dessecar sapo. Nós tínhamos um tamanduá na escola. A gente tratava do tamanduá. Ele abraçava todo mundo, todo mundo corria quando ele escapava, era muito gostoso. A gente tinha toda essa vivência e cuidava de cada coisa, de cada detalhe. Nós éramos uma família.

**Eliza:** E quanto à indisciplina?

**Pompeo:** Dentro da escola havia os orientadores educacionais que tratavam desses assuntos com os alunos que apresentavam alguns problemas de não acolhimento. Os professores tinham os orientadores pedagógicos que os orientavam em como fazer na aula. Tinha os orientadores pedagógicos e orientadores educacionais.

**Renata:** No final de semana eles tinham, geralmente, os cursos.

**Pompeo:** Íamos todo ano para São Paulo nas férias, fazer os cursos. Eles chamavam de aperfeiçoamento ou treinamento. Havia palestras com o pessoal renomado da Educação. Eu me lembro de que nós fizemos o teatro. Teve um episódio: quando acabou o Vocacional, quando foram encerradas as atividades, a França quis comprar o ensino vocacional com a Dona Maria Nilde.

**Renata:** E ela falou: não, que se não pudesse desenvolver tudo aquilo que tinha criado no seu país, não iria passar todo esse conhecimento para outro país, ela queria que desse certo aqui. Ou seja, houve interesse externo. Outros enxergaram as potencialidades desse ensino, o que, infelizmente, o nosso governo, na época, não enxergou.

**Eliza:** E quem falou do interesse francês sobre esse sistema educacional?

**Renata:** Não sei dizer...

**Pompeo:** É, não me lembro, só lembro que tínhamos uma ligação com Piaget que fazia parte dos nossos estudos... O único professor que participou da montagem dos Vocacionais foi o professor Modesto<sup>5</sup>, de Português, ele trabalhou em Socorro-SP, quando as classes experimentais se iniciaram.

**Eliza:** E depois ele veio para o Vocacional?

**Renata e Pompeo:** Veio para Americana.

**Renata:** Nós tivemos ótimos professores. O Sr. Pompeo conhecia a parte técnica, como as pessoas que estavam no ramo sabiam. Então ele não era apenas um professor, eles tinham toda uma vivência naquilo. O professor de Artes Industriais, Práticas Comerciais, Artes Domésticas, faziam um aperfeiçoamento na matéria, não era, simplesmente, um professor formado. Ele realmente sabia cozinhar, ele tinha todo um aperfeiçoamento para dirigir aquilo. Imagine: as máquinas de Artes Industriais, um torno, por exemplo, pegar uma mão ali. Éramos crianças de 11 a 14 anos. E a gente montava as peças, fazia pé de abajur, trabalho

---

<sup>5</sup> Professor Modesto Vasques Ayres no Ginásio Vocacional de Americana-Sp desde 1962.

em couro, xilografia... depois expunha e cada um levava o seu para casa. No final de cada bimestre tinha a reunião de pais, participavam pais e filhos, e tinha toda uma apresentação. Minha mãe participava de tudo, meu pai já era mais... eles eram bem mais velhos. Eles casaram tarde e eu sou filha única. Meu pai não teve muita instrução, estudou até o segundo ano, era um homem do campo, trabalhava com gado, fazia compra e venda de gado, era uma pessoa mais rústica.

**Pompeo:** Lembro-me do seu pai andando a cavalo. Não esqueço mais.

**Eliza:** E como eles levaram você para o Vocacional?

**Renata:** Eu entrei na quarta turma, em 1965. Fiz o exame de admissão para poder entrar no Vocacional, não era qualquer um que se matriculava. Eram poucas vagas.

**Eliza:** Como foi esse exame, você se lembra?

**Renata:** Eu sei que eu fiz uma preparação... fiz uns seis meses de cursinho para poder prestar. Teve prova e entrevista. Na verdade, o Vocacional veio para Americana e o prefeito era o meu tio, Cid Marques<sup>6</sup>, ele que fez toda a tramitação, ele conseguiu trazer o Vocacional. Ele tinha todo um conhecimento do que era este ensino, então, é lógico, nós fomos induzido por ele para entrar nesta escola.

**Pompeo:** Os alunos fizeram uma capa de caderno de couro própria para guardar coisas dentro. Eu até presentei minha esposa com uma delas, em 1967. Trabalho de Artes Industriais.

**Renata:** Fazíamos no papel e depois passávamos para o couro. As coisas eram muito bem feitas, desde pazinhas de lixo a gente fazia.

**Eliza:** E quanto aos livros didáticos?

**Pompeo:** Eram textos, apostilas preparadas pelos professores e distribuídos aos alunos.

**Eliza:** Fale-me um pouco sobre os Estudos do Meio.

**Renata:** Tínhamos que fazer um planejamento e depois apresentar relatório de tudo. A viagem toda a gente ia observando o relevo, as árvores, os rios. Havia um roteiro de cada área. Todos os professores participavam, depois feito os relatórios apresentávamos para toda a escola e os pais, no final de cada bimestre no refeitório.

---

<sup>6</sup> Cid de Azevedo Marques foi prefeito da cidade de Americana-SP nos anos de 1960 a 1963.

**Eliza:** Renata, a Berenice, foi segundo sua fala, um desses professores, um dos professores que te marcou. Fale um pouco das aulas de Matemática. Você tem lembrança de mais algum professor? Se houver, você poderia falar um pouco sobre ele?

**Renata:** A gente desenvolvia toda a Matemática, todas as fórmulas, havia todo um desenvolvimento das fórmulas matemáticas. Muito concreto, também. Tudo íamos ver, medir. Por exemplo: o pátio, a quadra. Fazíamos cálculos de área, de perímetro, a gente media a escola, em volta da escola, os quarteirões. A gente fazia todas as pesquisas possíveis. Media em casa, na escola. Então era muito concreto, e mesmo fora de sala de aula, na convivência, no refeitório, tudo a gente estava aplicando, havia toda uma troca de ideias mesmo fora da sala de aula. A professora Delma<sup>7</sup> também era outra que me marcou. Adorava as aulas dela.

**Pompeo:** Ela faleceu agora.

**Renata:** Era outra pessoa fabulosa que me marcou demais. A Delma era mais velha do que os demais professores dali, mas tinha uma vivacidade, uma coisa que contagiava todo mundo. Ela estava sempre no meio da meninada fazendo “artes”. Eu acho que quem mais fazia arte ali era ela. Então a gente lembra deles e fica emocionada.

**Pompeo:** Era uma convivência diária, o dia todo, até no refeitório. Nas aulas de Estudo Dirigido, o professor ficava junto do aluno.

**Renata:** Eles eram amigos. Eles não eram apenas professores. Era uma convivência, mas existia muito respeito. A gente sabia o lugar da gente e sabia o lugar dos professores. Eu não me lembro de nenhum caso, da minha turma, de desrespeito com professor. De ter tido alguma agressão com professor, ou do professor para com o aluno. Eu não me lembro. Você não via isso. Hoje você vê isso em sala de aula: os alunos chegam, estufam o peito e vêm tirar satisfação. Hoje, tenho uma turma de 6º ano assim.

E ainda, hoje em dia, os pais vão à escola e falam: “Que que você fez para o meu filho ter essa atitude?”. Olha a diferença! Inverteu. O professor fez alguma coisa para o aluno ter agredido. E é muito normal, hoje em dia, uma agressão de aluno para o professor. Gratuitamente. Se você chamar atenção, se você falar para ele desligar um celular já é um motivo. O respeito não existe. Então, de repente, passa-

---

<sup>7</sup> Delma Mangili foi professora de Educação Física no Ginásio Vocacional de Americana.

se muito a “mão na cabeça” dos alunos. Infelizmente esse ECA<sup>8</sup> veio para piorar a situação, não veio para ajudar. O aluno sabe de todos os direitos dele, mas não sabe os deveres. Os deveres ficaram para o professor e os direitos para os alunos. Porque eu tenho meus deveres e meus direitos, como ele também tem seus direitos e seus deveres. O professor erra, sim, como o aluno também erra, mas eu acho que estamos sempre direcionando a culpa para o professor. Não existe um respeito à hierarquia. Eles não entendem isso. A hierarquia é o contrário para eles: eles sempre estão em primeiro plano, nada pode atingi-los. Não pode ser assim.

**Pompeo:** O Vocacional tinha uma coisa muito interessante: a participação dos pais. Qualquer problema que houvesse com o aluno, os pais eram chamados junto com a diretora, com o orientador educacional e com o professor para resolver e discutir o problema. Vários pais não saíam da escola, e ficaram amigos da escola por causa disso. A Renata também foi reprovada por imaturidade e houve toda uma conversa com os pais. A avaliação era feita diariamente. No final do mês tinha a reunião dos professores para fazer avaliação do aluno e no final do ano também. Todo mês. E no final do ano todos os professores se reuniam e avaliavam para ver a situação e o que ia acontecer com o aluno.

**Renata:** Antes da avaliação dos professores tinha a autoavaliação. O aluno fazia a autoavaliação. Cada aluno fazia a sua avaliação na sala de aula, perante toda a classe, num meio círculo. Eram raras as matérias em que a gente se sentava em fileira. Era todo mundo olhando para todo mundo. Na autoavaliação cada um tinha que se posicionar sobre o que tinha aprendido, quais foram as suas dúvidas, o que você não tinha aprendido, sobre seu comportamento e atitudes. Tudo. Aprendia a fazer a autoavaliação. Daí o professor dizia o que ele concordava o que discordava, o que estava correto ou não. Depois eles passavam na reunião de professores.

**Pompeo:** A autoavaliação era um dos objetivos da escola. Para o aluno poder crescer, discernir as coisas certas das erradas. Você devia enxergar o que você fez de errado o que você fez de certo...

**Eliza:** E funcionava?

**Renata:** Opa! Funcionava muito. Era tudo anotadinho, tudo que você falava ficava anotado, tudo que você fazia era avaliado. Desde um intervalo passou achou

---

<sup>8</sup> ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

um papel no chão, daí você pegar e por no lixo. Chupou a bala, jogou no chão? O colega vinha e: “Oh! Você jogou o papel no chão, você não vai recolher?”. Então tudo isso, todas essas coisas a gente tinha. No Vocacional tinha uma coisa também: na admissão dos alunos eram selecionados alunos de todos os níveis socioeconômicos. Inclusive pobres.

**Pompeo:** Que vinham mal asseados, com a roupa meio suja, mas eram aceitos do mesmo jeito.

**Eliza:** Como o Vocacional lidava com isso?

**Pompeo:** A orientadora educacional chamava separadamente e explicava.

**Renata:** Na aula de Educação Doméstica ensinava a lavar roupa. “Você pode fazer isso, não precisa esperar o pai ou a mãe fazerem, então você vai pegar, por no tanque, esfregar a roupa, por para secar e no dia seguinte sua roupa vai estar limpa para vir”. Orientações de higiene, na Educação Física tinha tudo isso. Tinha a Educação Sexual com os meninos separados das meninas. Tinha e era muito bom. Era primeiro separado e depois era global. Colocavam as meninas e os meninos para discutir os assuntos e cada um expunha o que achava. Tinha as aulas de Educação Musical, as danças. Aprendíamos todo tipo de dança, desde dança dois a dois (risos), dançar junto, dançar separado. Desenvolvia e tirava aquela coisa de ter vergonha. Tinha os bailinhos.

**Pompeo:** A escola visava sempre a educação integral. Todos os aspectos. Pretendia-se formar um cidadão consciente, participativo. Era o que eles queriam.

**Renata:** Havia uma estrutura toda para acolher os alunos. Hoje, aqui, numa das escolas de período integral, nos primeiros anos, os alunos chegaram a ser dispensados na hora do almoço porque não tinha alimentação, não tinha estrutura para atender aqueles alunos, não tinha professor especializado para o período da tarde em que eles teriam apenas atividades práticas. O nosso era todo integrado. Nós tínhamos aulas práticas à tarde como pela manhã. Educação Física era melhor no período da manhã por causa do sol. Então tudo isso era pensado anteriormente. Tudo isso era planejado.

**Pompeo:** E tem outra coisa: ninguém ficava sabendo do que se passava com aqueles alunos que não podiam nem comprar o uniforme. Tudo era tratado na diretoria com orientação. Vinham os que compravam, traziam dinheiro e compravam o material, ao que não podia, entregava-se do mesmo jeito. Ninguém ficava sabendo que aquele aluno não pôde comprar.



**Renata:** Era dado um talão de cheque, por exemplo, para ele, da mesma forma.

**Pompeo:** Ninguém ficava sem participar do Estudo do Meio se não tivesse dinheiro. Quando faziam o orçamento isso era previsto. A escola tinha um fundo que pagava o Estudo do Meio para todos que precisavam. Nunca ninguém ficou sem ir a nenhum estudo por falta disso. E olha, chegou a ter estudo até para o exterior. Fomos para a Bolívia, Santa Cruz de La Sierra. Eles foram de trem. Aquele trem da morte, que passava em Corumbá e ia até Santa Cruz de La Sierra. Era no último ano e então eles estudavam o nosso continente e o mundo. Foi a única turma foi para fora do país. A primeira turma foi para o Rio de Janeiro, nunca me esqueço disso.

**Eliza:** Era só de um Vocacional, ou de todos?

**Renata e Pompeo:** Não. Cada um fazia o seu. Cada um tinha o seu planejamento.

**Pompeo:** A minha turma foi para Belo Horizonte. Fomos visitar as cidades históricas.

**Renata:** Eu fui para Iguape, Registro, Cananeia<sup>9</sup> e depois nós fomos para Minas.

**Pompeo:** Passamos em Cordisburgo, cidade Natal do escritor João Guimarães Rosa. Uma cidadezinha bem pacata. Não me esqueço. Fomos para Ouro Preto, Sabará, Congonhas do Campo. Fomos conhecer Maquiné<sup>10</sup>. Nós fomos à Gruta de Maquiné, nunca me esqueço.

**Renata:** Nós estávamos em São Paulo quando estourou toda aquela coisa de revolução, todo mundo ficou sem saber se ia voltar pra escola, se ia continuar ali, terminando o estudo do meio, você lembra disso? Acho que estávamos em São Paulo. Acho que foi. Fomos para Iguape, Registro.

**Pompeo:** Isso. Nós fomos ver o instituto oceanográfico. Ver o barco que faziam pesquisa. Uma turma foi para São Sebastião. A gente usava muito o trem e o ônibus.

---

<sup>9</sup> Iguape é uma cidade histórica do Vale do Ribeira no litoral sul do estado de São Paulo. Registro é um município do Litoral Sul Paulista e Cananéia um município no litoral do estado de São Paulo.

<sup>10</sup> Gruta do Maquiné localizada na cidade de Cordisburgo, a 120 km de Belo Horizonte. A caverna descoberta em 1825 pelo fazendeiro “Seu Maquiné” é considerada o berço da paleontologia brasileira.

**Renata:** É. E dependendo da cidade a gente ficava em casas de alunos de outros Vocacionais. Eles nos recebiam e a gente ficava alojado, e quando eles vinham, a gente recebia. Ficava um aluno por casa, às vezes dois. Era uma troca.

**Pompeo:** E era tudo estudado tão metodicamente. Por exemplo, para o aluno rico não acolher o pobre, para o outro também não se sentir...

**Renata:** Deslumbrado ou ao contrário. Isto é uma coisa que eu admiro até hoje. Elas avaliavam tudo.

**Pompeo:** Tudo isso era minuciosamente estudado com as orientadoras. A gente ganhava por 44 aulas, mas dava x de aulas e o resto eram reuniões. Tinham muitas reuniões e muito planejamento. Tudo contava como hora aula. Às vezes, ficávamos de oito a nove horas na escola. Tínhamos cinco ou seis aulas e duas ou três aulas eram para o planejamento. Tinha esse horário de sentar todo mundo junto e planejar tudo o que ia se fazer. Você recebia por aquilo, mas você estava participando. Muitos não se adaptavam.

**Eliza:** É?

**Pompeo:** É, mas também não era nada exagerado. Houve muita interferência dessa parte, desse ponto que chegou, e por...

**Renata:** Por bobeira. Para você ver, o negócio foi uma discordância realmente desses professores porque isso só ocorreu em Americana. Nas outras escolas não teve.

**Eliza:** Nos outros Vocacionais?

**Pompeo:** Não sei se São Paulo teve alguma coisa... Parece que São Paulo teve alguma coisa.

**Eliza:** Todos foram fechados ao mesmo tempo?

**Pompeo:** Na verdade em nenhum lugar foi fechado. Nenhuma escola foi extinta. Foi extinto o Sistema Vocacional. Eles o transformaram em escolas normais. As escolas continuaram, vieram os outros diretores. Aqui a nossa diretora foi presa, o seu Wladir que foi um dos que articularam toda a revolta voltou como diretor.

**Eliza:** Qual o nome?

**Pompeo:** Wladir dos Santos<sup>11</sup>.

**Renata:** Wladir.

---

<sup>11</sup> Wladir dos Santos foi orientador educacional no Ginásio Vocacional de Americana em 1968 e diretor em 1970.

**Pompeo:** É, ele foi “o cabeça” da turma. Ele era o orientador educacional de Americana. Ele voltou como diretor.

**Eliza:** Teve professores que saíram também?

**Renata:** A maioria saiu. Alguns ficaram.

**Eliza:** Eram professores concursados, não eram?

**Pompeo:** Eles eram concursados do Estado e cedidos para o Vocacional. A maioria voltou para sua origem como o pessoal de Campinas. Eu fiquei aqui em Americana, porque meu cargo era aqui. Eu fui efetivado aqui. O Cid ficou aqui. O Rubens ficou. O Wladir. Alguns ficaram e no ano seguinte foram embora.

**Renata:** É. Foram cinco professores que deram esse problema.

**Pompeo:** Voltaram para suas cadeiras. Eu me aposentei lá. Práticas Comerciais terminou. Extinguiu tudo. Fiquei na secretaria e na biblioteca. Eu fiquei muito tempo na biblioteca e depois um tempo na secretaria. Ajudando na biblioteca, entregando livros, arrumando... Não tinha outra alternativa, eu já estava no final da minha carreira e eu fiquei porque continuei dando aula até ser extinta a matéria pelo Estado, no meu caso Práticas Comerciais. Eu passei a lecionar no Colégio Kennedy<sup>12</sup>, aqui em Americana, Práticas Comerciais. Algumas matérias existiam também no Estado. Como não tinha muitas aulas para pegar no João XXIII<sup>13</sup>, eu trabalhei no Kennedy um tempo.

**Eliza:** Então no final o Sr. foi para a biblioteca?

**Pompeo:** É, no fim. Quando a matéria foi extinta em todo o sistema e saiu da grade curricular comecei a trabalhar à noite também.

**Eliza:** A inovação dos ginásios começava pelos currículos, existiam as disciplinas de Artes Industriais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica. Existiam projetos a serem desenvolvidos durante o ano letivo? Como se dava a participação dos alunos, dos pais e da comunidade nesses projetos? Vocês se lembram de algum desses projetos? Como a matemática se relacionava a eles?

**Pompeo:** A matemática entrava para ver os custos... O uso dos talões de cheque e controle de seu saldo e contas. Fazíamos o orçamento para os estudos do meio, para as viagens. O que é um orçamento? Os alunos aprendiam a fazer um

---

<sup>12</sup> Instituto de Educação Presidente Kennedy. Pela lei 5692/71 passou a se denominar “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Presidente Kennedy” na cidade de Americana-SP.

<sup>13</sup> O nome completo do Ginásio Vocacional de Americana era Ginásio Estadual Vocacional “Papa João XXIII”.

orçamento. O que é fazer um orçamento na sua vida? Você sabe o quanto você ganha e o quanto você gasta para você ter um equilíbrio das contas.

**Renata:** O que você pode gastar, o quanto que você acha que vai gastar, você vai comprar um lanche, você vai comprar uma pipoca...

**Pompeo:** A gente fazia muita pesquisa de preço, saía no supermercado, saía nas papelarias ver quanto custava um livro, quanto custava o caderno para poder aprender a calcular. Pesquisas. Quer dizer, você desenvolvia um conteúdo nesse sentido. Deixa eu te contar: aqui na cidade existia uma rivalidade grande entre a nossa escola que era o Vocacional e o Kennedy que era a principal escola da cidade. A mais tradicional da cidade. Tinha disputa até de jogos, de tudo. Só que tinha uma coisa: todos tinham que cair nela depois, a maioria, porque nós não tínhamos Ensino Médio. Não tinha o colegial.

**Eliza:** E o Kennedy era um colégio estadual também?

**Pompeo:** Muito tradicional e mantido por uma diretora mão de ferro: Aparecida Paioli<sup>14</sup>.

**Renata:** Ela era daquelas que ficava no portão da escola olhando o comprimento da saia das meninas.

**Pompeo:** Usava um vestido enorme com aquela cinta do mesmo pano. Sempre com a caneta na mão. Eu fui aluno dela também.

**Renata:** Eu me lembro que uma vez eu fui entregar um cartaz de uma Festa Junina do Vocacional. Então a gente fazia a impressão dos cartazes e distribuía nas escolas para convidar o povo para a festa. As nossas festas eram muito gostosas. Eram muito boas, bem familiar. Então eu fui entregar. Cheguei lá fiquei uma hora sentada esperando. Isso era de praxe dela. Ela falava: “Esse povinho do Vocacional trata de separar.” Ela era assim. A gente tinha que passar por ela. Tinha que entregar para ela e fui entregar. E a Sra. Paioli tinha (isso eu vi) uma arma na gaveta dela. Eu vi. Na hora em que eu cheguei, (não me lembro quem era a amiga que estava comigo), nós estávamos em duas e ficamos naquele banco uma hora marcada no relógio. Passada uma hora eu falei: “Olha, eu tenho que voltar para escola, eu preciso saber se ela vai poder nos atender ou não”. Daí a secretária foi lá e ela falou: “Tá bom, então manda entrar!” Ela falava sempre assim, em altos

---

<sup>14</sup> Aparecida Paioli foi diretora do Instituto de Educação Presidente Kennedy que, pela lei 5692/71 passou a se denominar “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Presidente Kennedy”, na cidade de Americana-SP.

brados. Ela nunca falou baixo com alguém. Daí entramos tremendo de medo com o envelopinho em baixo do braço. “Sra. Paioli nós somos do Vocacional...” Ela: “Já sei!” “E nós queríamos saber se a senhora autoriza a colocação dos cartazes para divulgação da nossa Festa Junina” “Quando vai ser?” Passei os dados, mostrei, abri o cartaz muito bem feito, e ela passou a mão e botou no canto da mesa para querer intimidar. Eu falei “Se a senhora permitir, se a senhora quiser, nós colocamos no mural ou então a gente deixa aqui para senhora pedir para alguém colocar”. Tremia que não conseguia nem falar direito. Imagina.

**Pompeo:** Ela era o próprio coronel.

**Renata:** “Tá bom, deixa essa coisa aí e vê se não traz tanta tranqueira para a nossa escola. Dessa vez pode colocar!” “Tá bom, muito obrigada, desculpa estar tomando seu tempo.” A gente já era bem instruída para chegar com educação, sempre. Saímos tremendo de lá. Assustadas. Duas meninas de 12, 13 anos. Não havia necessidade de tudo isso. Ela era “mão de ferro”, sim, e quando a gente ia para lá tinha toda aquela discrepância, mas sempre nos sobressaíamos nas atividades.

**Pompeo:** Lá tinha tanto o colegial como a Escola Normal. Formava as professoras daquele tempo.

**Renata:** Ela tinha desde o primário.

**Eliza:** Então você saiu do Vocacional e foi para o Kennedy?

**Renata:** Do Vocacional fui para o Kennedy. Eu lembro tão bem uma vez... Ela separava a gente. No Kennedy tinha um anfiteatro muito grande, então tudo que ia fazer era ali, o recebimento dos alunos tudo era sempre essa entrada.

**Pompeo:** E é lógico que a turminha se agrupava.

**Renata:** No Vocacional nunca existiu aquela coisa de menina de um lado e menino do outro, mesmo nos desfiles de Sete de Setembro...

**Pompeo:** As equipes de estudo eram mistas.

**Renata:** Tudo era misto. No desfile também os pelotões eram mistos, a fanfarra era mista. Tudo. Lá não era menino de um lado menina do outro. E o Vocacional chegava querendo... Então ficava todo mundo junto. E essa diretora fazia separar. “Eu já sei quem é do grupo do Vocacional.” E a turma do Vocacional sempre estava em destaque, sempre. No teatro, em tudo. Ia bem mesmo.

**Eliza:** Porque o sistema era completamente diferente.

**Renata:** Mas a gente aprendia tudo. Quer dizer, lógico que você podia “ir mal” em uma ou outra matéria. Eu, por exemplo, nunca gostei de Português, então sempre levei “no rasiño”. Havia o trabalho em equipe.

**Pompeo:** E também o Estudo Dirigido.

**Eliza:** Então os alunos do Vocacional chegavam no Kennedy “arrasando”?

**Renata:** Eles ficavam possessos com isso.

**Pompeo:** Nossos alunos tinham uma bagagem grande. O aluno do Vocacional sabia “se virar”, era muito diferente do outro que ficava sentado na cadeira dele e o professor dando aula, quer dizer, o Vocacional “não dava a vara para ele, eles aprendiam a pescar”.

**Renata:** Isso incomodava muito. Na época todo mundo ia para lá, porque não tinha outro lugar para estudar.

**Pompeo:** Os alunos de posse iam estudar fora, mas foram poucos.

**Renata:** Mesmo os alunos de Santa Bárbara, a maioria veio para cá. Outros ficavam lá porque já não tinha mais o ônibus que trazia. Porque no Vocacional tinha isso: alunos de Nova Odessa, Sumaré, Santa Bárbara. Tivemos até de Limeira e de Campinas. Vinham num ônibus especial. Depois, no colegial, cada um tinha que “se virar” por conta própria, o que se tornava mais difícil.

Mas, olha, foi uma experiência que marcou minha vida. Acho difícil encontrar um aluno do Vocacional que possa dizer alguma coisa contra. Não existe, não. Pelo menos, eu não conheço. A primeira reunião aqui em Americana de professores e ex-alunos fizemos só com a nossa turma. A segunda nós fizemos com todo mundo. Foram poucos os que não conseguimos contactar e que não vieram. Foram muito poucos. Uma minoria. Uma reunião de 30 e outra de 40 anos de Vocacional.

**Eliza:** Renata, sintetizando: O que representou o Vocacional para você?

**Renata:** Não consigo me imaginar sem o Vocacional...

**Eliza:** Quais diferenças você percebe em você, se é que existem, se você não tivesse essa formação?

**Renata:** Difícil. (risos)

**Pompeo:** Não. Não é difícil não! Está na ponta da língua para responder para você. A minha vida foi outra. Eu perdi até meus amigos que eu tinha aqui na cidade, porque era dia e noite no Vocacional, a gente respirava, a gente comia Vocacional, porque aquilo era cativante, era festa, era reunião, era escola. Não tinha mais tempo para ninguém. Ali era uma família que você ia todo o dia com o maior prazer, eu

nunca faltei na escola. Eu fui trabalhar de muleta. Eu fiz uma operação e não tirei licença médica. Eu não tinha vontade de faltar, porque aquilo era a minha vida. E foi minha vida de 1964 até 1970.

**Renata:** Eu também. Eu não consigo me imaginar sem toda essa vivência. Por exemplo, eu não teria condições de ter conhecido, na época, tudo que eu conheci através do Vocacional. Meus pais eram mais velhos e não teria condições financeiras de ir para todos esses lugares que citamos. Essa vivência que tivemos a gente não tinha e as famílias de Americana, no geral, eram pouquíssimas as que tinham condições. Da minha turma, por exemplo, eram muito poucos os ricos, era classe média e classe baixa. Então você via que tinha toda uma estrutura.

**Pompeo:** É, tinham os ricos como sempre teve em toda a cidade. Você vai, tiraria ali na sua classe a Silvana Dollo. Os Dollo eram uma família importante naquela época. A Denise Abraham, os De Lucca. Mas também não era mais tanto assim. A maioria era de classe média, tinha classe média baixa também. Era bem distribuído, pois era feita a seleção.

**Eliza:** E as equipes eram todas misturadas?

**Renata:** Misturadas e mistas. Meninos, meninas. E sabe, gozado, tinha um respeito muito grande, não tinha aquela coisa de um querer se aproveitar do outro. Era todo mundo ali, um defendendo o outro, um ajudando o outro. Havia um clima de aconchego.

**Eliza:** Vocês acham que há uma relação com o Projeto Pedagógico da escola?

**Pompeo:** É, não tenho dúvida nenhuma. Ninguém ia por obrigação. Para assinar o ponto. E ninguém ganhava pelos extras que fazia, de jeito nenhum. Era outra despesa de vida. Como veio a maioria de fora, todo mundo morava em república. Tinha a república dos homens, das mulheres. As mulheres formaram duas ou três repúblicas. No começo ficavam no hotel por uns tempos, depois algumas foram morar no pensionato e outras se ajeitaram em casa.

**Eliza:** Todos faziam um curso preparatório?

**Pompeo:** No início houve. No meu caso eu fui fazer uma entrevista em São Paulo. Fui entrevistado pela Maria Cândida<sup>15</sup> e depois pela Maria Nilde<sup>16</sup> que eu só

---

<sup>15</sup> Maria Cândida Sandoval Camargo fazia parte da Equipe Técnica do Serviço Vocacional (SEV) e atuou no Treinamento do Pessoal do Magistério de 1964 a 1969.

<sup>16</sup> Maria Nilde Mascellani foi a coordenadora geral do Serviço de Ensino Vocacional (SEV).

fiquei conhecendo no dia em que fui para São Paulo. Ela vinha aqui, às vezes. No meu casamento ela mandou telegrama.

**Renata:** Para você ter uma noção, nós fomos ao casamento do Pompeo.

**Pompeo:** (Risos).

**Eliza:** Todos os alunos?

**Renata:** Todos não, mas tinha a “panelinha”.

**Pompeo:** Em 1983, meu filho faleceu e a Maria Nilde mandou um telegrama também. Já não éramos mais nada. Tinha acabado tudo. Mas ela sempre foi... Nossa! Eu tenho uma carta dela.

**Renata:** Nessa reunião dos 30 anos ela só não veio porque estava ruim e veio a falecer.

**Pompeo:** Ela tinha uns problemas de saúde. Mancava muito. Era muito magra, mas uma lutadora. Firme, decidida. Não tinha meio termo com ela não. Ela sabia convencer. Não impunha nada. Convencia com palavras e com um método. Com conhecimento. Ela era uma pessoa carismática. No projeto do Vocacional que ela encabeçou, havia a preocupação com a formação de cidadãos conscientes e participativos. Disso não tínhamos dúvida nenhuma. Todos os estudos, todas as orientações, os conteúdos, a vivência contribuíam para a formação do ser humano.

**Renata:** Algumas escolas em São Paulo buscam essa formação hoje.

**Pompeo:** Tem o famoso colégio da USP onde o Newton trabalhou, o Prof. Newton Balzan<sup>17</sup>. Não lembro o nome agora. Hoje se discute educação, mas enquanto não tiver alguma coisa à frente, que forme cidadãos conscientes participativos para poder atuar no seu meio, é difícil.

**Renata:** Eu tenho alunos de 7º ano que não sabem ler, não sabem escrever, não sabem montar uma conta de matemática. Se puser na horizontal  $4+12+6$ , ele não monta a conta, está no 7º ano. Ele teve aprovação no 2º e no 4º ano, anos em que pode ser reprovado, e não foi porque não interessa para o sistema que ele aprenda. Hoje eles querem números. Você não pode dar, não deve dar uma nota vermelha para o aluno e se você deu, então, taxam você de bruxa. A bruxa lá na escola sou eu, além de tudo. Eu proponho cinco atividades, mais trabalho, mais pesquisa, avalio o aluno na lousa, na sala de aula e se com tudo isso o aluno não

---

<sup>17</sup> Newton Cesar Balzan foi professor de Estudos Sociais no Ginásio Vocacional de Americana-SP de 1962 a 1964 e, Supervisor de Área no SEV de 1965 a 1968. Foi um dos entrevistados nesta pesquisa.



conseguiu uma nota, foi porque ele não quis, eles deixam a mochila nas costas. Não abrem o caderno e você não pode exigir do aluno que ele abra o caderno. Ele vira para você e fala: “Porque eu vou passar de ano mesmo.” Ele está mentindo? Não. Ele está certo. A progressão continuada da qual eu sou contra. Eu fui reprovada e estou aqui dando aulas. Isso nunca me deixou traumatizada, que é o termo que eles usam hoje. “Não pode reprovar se não o aluno vai ficar traumatizado.” Então espera um pouco. Como se avalia um aluno desse jeito? Você não usa hoje mais a média de uma nota, você tem que escolher a melhor nota dele e colocar aquela como média final. Então porque vou perder meu tempo em dar tantas atividades se eu não posso tirar uma média nesse bimestre? É tanta briga! “Onde vai usar isso?” “Onde vai aplicar isso?” Daí você não dá uma nota vermelha no bimestre inteiro e ele vai fazer um Saresp<sup>18</sup> ou um Enem<sup>19</sup> que não temos retorno da nota desses alunos. Nós estamos enganando quem? Quem eles querem que a gente engane? O quinto conceito o aluno não vai com nota vermelha. Se tem 1,1,1 e 1, ele vai com 5, porque o sistema aprovou. E não aparece no currículo dele aquelas notas. Aparece a média cinco. Agora é assim. Então a minha briga maior é justamente essa. Falo: “Gente, como você vai incentivar um aluno a estudar se ele não sente a necessidade?” Eu brinco com eles: “O que você vai ser quando sair da escola?” “Ajudante de pedreiro?” “Você pode até ser no primeiro muro porque a hora em que chover e a chuva derrubar esse muro porque você não soube calcular quanto você tinha que por de cimento e de tijolo, você não vai ter o segundo emprego, não vai ter uma segunda contratação. Até para você ser lixeiro você precisa fazer concurso. Não desmerecendo a função. Hoje para cortar cana tem que apresentar o certificado de Ensino Fundamental, o nono ano. E aí? Como você vai fazer isso? Você reclama do seu pai, da sua mãe, que eles não têm condição de te dar o melhor celular. No mínimo você vai ter que ter a condição que eles estão te dando hoje. Você só está estudando, não tem que trabalhar e estudar. Muitos pais estão voltando agora para a escola para manter o emprego que eles têm, certo? Vocês estão podendo só estudar, mas do jeito que estão construindo a vida, vocês não vão ter essas

---

<sup>18</sup> Saresp – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. É aplicado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo a alunos do 2º, 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio têm seus conhecimentos avaliados por meio de provas com questões de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e redação.

<sup>19</sup> Enem – Exame Nacional do Ensino Médio. É uma prova elaborada pelo Ministério da Educação para verificar as competências e habilidades dos alunos concluintes do Ensino Médio.

indagações. Daí eles param para pensar. Os bons entendem, assimilam, os outros vão levar do mesmo jeito. Uma época eu dei aula em uma escola da cidade, ali é um bairro complicado. Alunos que vinham da Febem<sup>20</sup> e que tinham educação assistida iam para lá. Você chega na sala de aula e o aluno está na porta, “Dona, a Sra. sabe quem eu sou? Eu sou fulano de tal, eu tô em educação assistida. Eu acabei de sair da Febem”. Ali ele já deu o recado dele. “Você não se meta comigo”. Como trabalhar com um aluno desses? Como você chega num aluno desse? Trata-se de um menino de 6º ano me intimidando. Veja a fala de um aluno de 5º ano frente a mim, e a diretora: “Você acha que eu vou ser professor? Para ganhar o que você ganha? O meu pai está preso, mas sou eu que vou tomar conta da ‘boca’ dele quando tiver 14 anos e sair daqui.” “Ganha muito mais que você viu professora? Eu vou ser professor? Eu não preciso estudar, eu já tenho o meu “ganha pão”! Um aluno de 12 anos pensa e age assim. Temos alunos de 5º ano, 6º ano fazendo tráfico em sala de aula. Você chama a polícia mas você não tem prova. Eu não posso fazer nada. Daí quando você fala “Eu não vejo a hora de me aposentar...” O que estamos vivendo hoje é uma judiação. E é complicado. Mas você não tem muito o que fazer. Você não tem o respaldo da escola. Teve uma coordenadora dessa mesma escola que precisou pedir transferência porque eles estavam ameaçando: “Eu sei onde você mora, eu sei onde seus filhos ficam. Então você pensa bem antes de fazer qualquer coisa comigo”. E eu tenho quatro filhas e netos.

Eu sou casada com o Francisco Carlos Rangel, também aluno do Vocacional, temos 4 filhas e 4 netos. A Gabriela fez Odontologia, a Milena e a Maine fizeram Marketing e a Maisa cursou Direito até o terceiro ano e não se formou. São escolhas. As mais novas são gêmeas.

**Eliza:** Qual a sua idade? Você tinha quantos anos quando entrou no Vocacional?

**Renata:** Eu tenho sessenta e um. Entrei com onze anos, em 1965.

**Eliza:** Acho que é isso, Renata. Tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

**Renata:** Eu gostaria que ele voltasse. Ao menos para os meus netos.

**Pompeo:** A Renata é uma das alunas casadas com ex-aluno também.

---

<sup>20</sup> Febem – Fundação Estadual do Bem Estar do Menor. Hoje foi substituída pela Fundação CASA – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Uma autarquia cuja função é aplicar as medidas socioeducativas determinadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade entre 12 e 18 anos incompletos.

**Eliza:** Seu marido também estudou no Vocacional?

**Renata:** Sim. Hoje ele é administrador. Ele fez Propaganda e Marketing, tem um escritório de Propaganda e Marketing e é assessor do prefeito. Ele fez a campanha toda do prefeito atual.

**Eliza:** Ele era da sua turma no Vocacional?

**Renata:** Entrou comigo, mas foi reprovado na 4ª série.

**Pompeo:** Também? O Chico não sabia não.

**Renata:** Foi ele e o Eros, os dois foram reprovados.

**Pompeo:** Eros Amaral Gurgel.

**Eliza:** E o motivo?

**Renata:** O Chico foi reprovado por imaturidade. O Chico não tinha problema de notas.

**Pompeo:** Imaturidade.

**Renata:** Eu gostaria que o Vocacional voltasse. Todo aquele sistema. A forma como eram preparados os professores, as orientações. Não mudaria absolutamente nada no sistema em si com aquela estrutura. Porque eu acho que só assim a educação no país vai para frente. É a minha visão hoje em dia. Hoje o estado está começando a falar em interdisciplinaridade, mas ninguém sabe definir o que é e ninguém sabe como trabalhar. Coisa que a gente fazia há 50 anos atrás. Não adianta colocar o termo sem ter base, sem saber como fazer isso. A minha turma do Vocacional está todo mundo aposentado, eu não estou aposentada porque eu parei 15 anos.

**Pompeo:** Todos hoje com sessenta e poucos anos. A maioria aposentados, lógico.

**Renata:** Então é preciso acabar com a progressão continuada. Outra coisa que eles jogaram e ninguém sabe exatamente o foco disso. Ninguém sabe dar uma resposta.

**Pompeo:** No João XXIII a escola integral voltou. Em Americana temos duas ou três escolas com refeitório.

**Renata:** Lá os professores fazem um projeto, entregam, e este professor ganhava em torno de 70% a mais do que um professor comum. No início foi 70% agora já estão baixando para 50%, mas, mesmo assim, o professor não tem direito à licença, não tem direito a ficar doente, ele não pode ter falta de espécie alguma. Essa é umas das coisas que tem que conquistar e não impor. O professor que tinha

dois cargos achou mais interessante dar apenas 40 aulas semanais. O professor fica na mesma escola. Porque nós temos professores que estão em cinco, seis escolas diferentes... Então, ele não “veste a camisa” de nenhuma delas, porque ele fica “pulando de galho em galho” para conseguir sobreviver. Como ele vai ter condições de dar o máximo dele ali? Não tem. Então muitos professores aderiram, mas não estão conseguindo ficar, pois há muita cobrança. Não está sendo dado o respaldo necessário para ter tanta cobrança. Está complicado. Muitos professores já saíram...

**Eliza:** Uma experiência nova deve ir sendo gestada. Esse registro torna-se ainda mais relevante quando ouvimos relatos da situação das escolas estaduais hoje. Os Vocacionais deveriam ser amplamente divulgados.

**Pompeo:** Você está fazendo como filho da Irene? Ele também está fazendo o doutorado, não é?

**Eliza:** O filho da Irene<sup>21</sup>, Daniel<sup>22</sup>, já terminou. Fez o mestrado e o doutorado na Unicamp. Eu também o entrevistei.

**Renata:** O pai e a mãe eram professores no Vocacional. Eu não o conhecia, fiquei conhecendo aqui na casa do Pompeo. Achei ele fabuloso. Gente, eu preciso ir... são dez para o meio dia<sup>23</sup>.

**Eliza:** Muito obrigada Renata. Vou continuar falando um pouquinho mais com o Sr. Pompeo.

**Renata:** Quero ver se realizamos outro encontro aqui. Agora eu preciso pegar o meu material com o Luigy. Ele levou e não me devolveu e não me deu mais retorno. Tem a pasta dos professores com endereço, os nomes e endereços dos alunos. Tinha fotos...

\*\*\*\*\*

**Pompeo:** Meu nome é José Ângelo Pompeo. Eu nasci dia 08 de setembro de 1941. Meu pai e minha mãe já são falecidos. Meu pai era agricultor, depois mecânico, e minha mãe filha de sitiante. Eu nasci em Limeira, num sítio aqui pertinho de Americana, na divisa de Americana. Meu hobby principal hoje é cuidar de plantas, de flores e jaboticabas. Morei no sítio até os cinco anos de idade e vim para a cidade de Americana em 1946. São quase 70 anos, praticamente, morando

---

<sup>21</sup> Irene Ferraz Chiozzini foi professora de Inglês no Ginásio Vocacional de Americana-SP.

<sup>22</sup> Daniel Ferraz Chiozzini, filho de professores do Vocacional, foi um dos entrevistados desta pesquisa.

<sup>23</sup> Renata havia dito que tinha um compromisso. Eu apenas estava avisando-a do horário devido a isso.

em Americana. Assim que cheguei fui morar no centro da cidade. Eu conhecia todo mundo. Em 1954 eu já trabalhava de contínuo num escritório. Dali fui trabalhar nas casas Pernambucanas, depois numa farmácia de ajudante e depois fui trabalhar nos Irmãos Duarte como entregador de avisos telefônicos. Irmãos Duarte eram os maiores capitalistas de Americana, eles tinham uma empresa grande de tinturaria, estampanaria, cerâmica, banco, telefônica. Eu entregava 1000 avisos telefônicos na cidade e passei a conhecer todo mundo em Americana. Quem tinha telefone naquele tempo ou era gente rica, do comércio ou da indústria. Por isso eu conheci a cidade inteira, eu andava para os quatro cantos da cidade. Depois dos Irmãos Duarte fui trabalhar na tipografia e papelaria São Benedito. Em 58 saí dos Irmãos Duarte e fui trabalhar no cartório eleitoral de Americana. Continuei a conhecer todo mundo porque começou aquela época da renovação do título de eleitor. Eu fiz todos os títulos de eleitores de Americana. Entre 58 e 64 eu estava trabalhando no cartório. Nessa época, 1962, eu conheci o Roberto Mangeli, meu compadre. Foi padrinho de meu casamento. O Mangeli veio para Americana e foi morar no Hotel Cacique. Ele montou seu consultório em frente à casa da minha tia (eu morava com ela porque meu pai foi morar no sítio). No hotel ele conheceu as professoras do Ginásio Vocacional. Numa de nossas saídas à noite, em frente ao pátio da igreja, estava eu, Delma, Margarida, Teresinha Couto e Irene<sup>24</sup> (mãe do Daniel) e conversa vai conversa vem elas perguntaram o que eu fazia. Falei que trabalhava no cartório, mas era formado em contabilidade e elas disseram: “O Vocacional está precisando de um professor de Práticas Comerciais”, e ali mesmo me deram um papelzinho. No outro dia peguei o ônibus e fui para São Paulo. Fui entrevistado pela Maria Cândida, assessora da Maria Nilde. Ela queria saber o que eu sabia do Vocacional, aí ela chamou a Maria Nilde, que ficou contente. Fiz exame médico e entrei no Vocacional.

Sou formado em Contabilidade aqui em Americana, na escola de Comércio Dom Pedro II. Nunca exerci minha atividade específica de contador. Logo depois que entrei no Vocacional fui fazer um curso de curta duração na USP de formação. Fiquei seis meses morando em São Paulo. Em 71 fui efetivado, pois quem trabalhava mais de 5 anos se efetivava no Estado. Não era concursado, mas tinha estabilidade. Eu me efetivei ali. Fiquei estável. Não podia ser mandado embora. Por isso fiquei como professor. Eu trabalhava à noite no Ginásio e durante o dia na

---

<sup>24</sup> Delma Mangili foi professora de Educação Física; Margarida Helena Elme foi professora de Educação Musical; Teresinha Couto, Irene Ferraz Chiozzini.

indústria. Fui trabalhar como gerente na Distral<sup>25</sup>. Voltando um pouco: estudei no Grupo Escolar Heitor Penteado no centro da cidade, depois meu pai quis que eu estudasse no Dom Bosco, o 3º e 4º anos no Dom Bosco. Depois fui para o Ginásio da Dona Paioli, funcionava o ginásio durante o dia e escola de Comércio à noite. Muitos se formaram contador em Americana por causa da Escola de Comércio. O Vocacional surgiu em minha vida porque conheci esse pessoal. As meninas moravam no pensionato e a igreja era do lado do pensionato. Um dia fomos levá-las embora e ficamos conversando sentados naqueles bancos em frente a uma árvore. Ali surgiu a ideia do Vocacional. Elas falaram que precisava de um professor e fui para São Paulo.

O Vocacional foi uma experiência pedagógica nova, praticamente revolucionária. Primeiro por ser integral. Isto não existia. O que caracterizava o Vocacional era o período integral. Os alunos entravam pela manhã, almoçavam, faziam as tarefas e à tarde iam embora para casa. Segundo pelo modo de ensino: era revolucionário para a época. Totalmente diferente do que se tinha, principalmente o trabalho em equipe. Tinha também a orientação pedagógica, a orientação educacional. Ensinava liberdade, mostrava o que era democracia. Os alunos participavam de todas as atividades. Trabalhavam a autodisciplina, quer dizer, eles mesmos se impunham a disciplina porque havia toda uma orientação. Um dos destaques era o trabalho em equipe. Não eram carteiras fixas nas cadeiras. Eram soltas. Os alunos juntavam quatro carteiras com quatro alunos no meio da classe e o professor circulava por eles. Usávamos muito pouco o quadro negro. Havia muito recurso. Já existia o retroprojeto. Usava-se muito mimeógrafo, onde imprimíamos os textos que eram distribuídos para os alunos que trabalhavam tanto em equipe como em círculo: ficavam todos de frente, todos se olhando e olhando o professor à frente, desenvolvendo o que tinha para desenvolver na classe. Era o quadro negro grande e o círculo dos alunos, principalmente em Estudos Sociais, quando trabalhavam dois professores juntos: um de Geografia e outro de História. Desenvolvi os estudos do meio. Íamos conhecer a cidade: o jornal da cidade, conhecer outras escolas, o campo, as indústrias (como eram os teares, como faziam o pano, o que era uma estampanaria, uma tinturaria). As Práticas Comerciais entravam

---

<sup>25</sup> Distral – Indústria Têxtil de Americana fundada nos anos 50.

neste contexto: o custo do pano, nós tínhamos a Cooperativa que vendia o material escolar e o tecido dos uniformes dos alunos.

Outra coisa interessante, não sei se alguém contou para você: o aluno vinha para a escola no primeiro dia e eles eram recebidos na porta com todos os outros alunos. Tinha um quadro como o símbolo do Ginásio. Um elo, uma argola. Cada turma nova que entrava punha uma. Ia juntando esses elos para simbolizar a união. Existiu até acabar. Essa era uma das coisas que eu senti muito por não conseguir trazer para mim. Jogaram fora. Então, nesse primeiro dia, cada aluno pegava um aluno novo e o levava para conhecer a escola. De sala em sala. Ia conhecer o refeitório, as salas de recursos áudio visuais. Todo o material de recursos áudio visuais era preparado pela Odila<sup>26</sup>. “Preciso de um mapa”. Ela preparava o mapa para você. Ela tirava as fotografias. Toda atividade era fotografada e depois faziam uma exposição com todas as fotografias. Eu tinha umas duas mil fotografias. Dei todas para o Daniel<sup>27</sup>. Fiquei com as que tinham coisas minhas, pessoais. O resto, eu dei tudo para este museu. Quer dizer, a integração começava ali, no início do ano. Um aluno recebia o outro. Pegava na mão e levava para conhecer a escola. Uma das particularidades era essa: o trabalho em equipe. As aulas eram totalmente diferentes porque eram explanatórias: os alunos colocavam os cartazes que eles confeccionavam a partir dos trabalhos que tinham desenvolvido. Faziam o Estudo do Meio e tudo que elaboravam a partir do estudo colocava nos cartazes para expor e fazer a síntese e a explanação de tudo o que foi feito, sempre coordenado por Estudos Sociais.

**Eliza:** Quem eram os professores de Estudos Sociais na época?

**Pompeo:** O Newton<sup>28</sup> e a japonesinha Miwako<sup>29</sup>. Depois ficou o Newton e a Odete<sup>30</sup>, depois foi Odila<sup>31</sup> e Odete e depois vieram outros professores. Lembro-me mais da Miwako e do Newton. Quanto à estrutura física, era a mesma coisa. O cotidiano era a entrada de manhã cedo: os alunos chegavam e ia cada um para a sua sala. Tinha sempre um quadro que expunha os horários, as atividades a serem desenvolvidas. As aulas, às vezes, eram duplas. No horário do almoço todo mundo

---

<sup>26</sup> Odila Folegati era responsável pelos Recursos Audiovisuais do Vocacional de Americana (RAV).

<sup>27</sup> Daniel Ferraz Chiozzini.

<sup>28</sup> Newton Balzan foi professor de Geografia no Vocacional de Americana de 1962 a 1965 e é um dos colaboradores de nossa pesquisa.

<sup>29</sup> Miwako Uemura – Professora de História no Vocacional de Americana em 1962.

<sup>30</sup> Odete Dib João.

<sup>31</sup> Odila Folegati responsável pelo setor de Recursos audio Visuais (RAV) do Ginásio Vocacional de Americana.

se dirigia para o refeitório por turma, por escala. Não ia todo mundo ao mesmo tempo. Não cabia todo mundo.

**Eliza:** O professor ia com a sua turma?

**Pompeo:** Cada professor era escalado para trabalhar um dia com os alunos supervisionando o almoço. Ver se estavam comendo direitinho, usando talher, garfo, guardanapo. Verificando a limpeza, se lavou o prato direitinho. E cada aluno pegava o seu prato, passava na mesa e ia servindo. Os alunos ajudavam a servir também. Tinha uma escala para isso tudo. Muito interessante!

**Eliza:** Quem preparava o almoço?

**Pompeo:** As cozinheiras. Era uma equipe. Dona Edna<sup>32</sup> era supervisora do refeitório. Ela elaborava o cardápio junto com as cozinheiras. Ela era a responsável pelo refeitório, tudo partia dela, o custo, tudo, desde o cardápio, era como se fosse uma professora, mas só cuidava do refeitório. Era formada em Nutrição, nutricionista. Ela fazia toda a supervisão e controle da comida desde o alojamento do material na geladeira, nas prateleiras. Tudo era a Dona Edna que fazia. Ela está viva, ficou doente de uns tempos para cá. Ela se formou em Psicologia. É psicóloga. Seria interessante você conversar com ela.

Bom, cada escola tinha o seu supervisor de refeitório. A Dona Edna trabalhou no Sesi. O Sesi, uma época, montou uma cozinha industrial em Americana, como tinha muitos operários que não iam para casa, então forneciam a refeição. Minha irmã também trabalhou lá.

Retornando ao Vocacional: Todas as festas que preparavam, por exemplo, a Festa Junina, sempre envolvia a cozinha. A gente fazia o orçamento. Tínhamos uma horta, não era nada, nada industrializado, nada. Tudo que se plantava ia para a comida. Alface, rúcula, cebolinha, salsinha. Os alunos adquiriam a noção de como se prepara um canteiro, plantavam as mudinhas. Eles estudavam em Práticas Agrícolas.

Na cidade a escola não era novidade, mas era um negócio que chamava atenção, porque a gente sempre estava presente na comunidade, não só nas pesquisas, mas nos desfiles de 7 de setembro, nas comemorações...

Então a diferença no ensino era o trabalho em equipe, o Estudo Dirigido, as matérias optativas como Práticas Comerciais, Educação Doméstica, Artes

---

<sup>32</sup> Edna Vieira de Oliveira Pinto era a supervisora de Refeitório do Ginásio Vocacional de Americana.



Industriais, e principalmente, o currículo voltado para a realidade do aluno e da sua cidade. Havia as orientações tanto pedagógica, quanto educacional.

**Eliza:** Para o professor: orientação pedagógica, com o aluno orientação educacional?

**Pompeo:** Sim. Havia a integração entre escola e família. A Dona Áurea<sup>33</sup> orientadora educacional, depois foi diretora, ela formava grupos heterogêneos: pobre, médio, rico na mesma classe. Depois cuidava da manutenção desses alunos.

**Eliza:** Como ela fazia isso?

**Pompeo:** O aluno não entrava porque tirava a melhor nota. Quando eles vinham se matricular ela subdividia as classes.

Bom, quanto ao período: antes e durante a revolução de 64 nós éramos aliados do Exército. De 1962 (a primeira turma) até 1965. Nós fizemos o primeiro acampamento com a ajuda do Gecam. O pessoal do Gecam vinha jogar bola com a gente. O primeiro acampamento foi na divisa com o sítio do meu pai. Emprestamos as barracas do Gecam. O Gecam veio, trouxe e montou as primeiras barracas. Em 1962, 63, 64 e 65. A gente era ligado ao Exército, mais tem coisas que te conto depois, se você se interessar.

**Eliza:** Sim, me interessa.

**Pompeo:** Então, eu sempre fui apolítico. Nunca gostei. Não me manifestava. Mas no momento que começou a Dona Áurea fez uma palestra para os pais e professores e atingiu os militares. Foi uma palestra na qual ficou alguma coisa “meio”... Isso foi depois do acampamento. Nesta palestra ela se posicionou contra a ditadura. A Dona Áurea era muito esclarecida e falava mesmo, não tinha “papas” na língua.

**Eliza:** O que ela falou? O Senhor se recorda?

**Pompeo:** Não vou lembrar de mais nada. É difícil. Eu não me lembro se fui nessa palestra. Eu sei que ela fez essa palestra, mas não me lembro se foi em Americana ou se foi em Campinas. Ficou perdido na memória. Bom, mas aconteceu isso. Houve um problema com a palestra. O contexto maior que houve e fomos atingidos foi quando a Dona Cecília<sup>34</sup> foi embora de Americana e a Dona Áurea assumiu a direção. A Dona Cecília foi para São Paulo e já estava havendo um

---

<sup>33</sup> Áurea Sigrist foi Diretora do Vocacional de Americana de 1967 a 1969. Antes foi orientadora educacional na mesma unidade.

<sup>34</sup>Cecília Lacerda Vasconcellos Guaraná, diretora do Vocacional de Batatais em 1962 e do Vocacional de Americana de 1963 a 1967.

clima... professores saindo de um lado, se isolando, formando grupinhos. Aí esse grupo se manifestou contra essa avaliação e contra a transferência de professor daqui para outra unidade. Fazia-se muito isso. Eles se isolaram e não aceitaram isso e denunciaram para o exército dizendo que a escola era comunista. O próprio professor que falava que a Amazônia estava sendo invadida pelos americanos e estava sendo loteada foi quem fez a denúncia. Ele virou a casaca. Ele era casado com uma professora do Vocacional: Antonieta Cordenonce e Joel Gerson Lopes<sup>35</sup>. Ela de Ciências e ele de Estudos Sociais - História. “Vamos assumir a Amazônia antes que os americanos tomem conta”. Quer dizer, na verdade, era o contrário, ele se juntou com a sua turma: Antonieta Cordenonce, Joel Gerson Lopes, Francisco Cid, Rubens, Sr.Wladir, a Olguita e o Dion<sup>36</sup>. Olguita de Português e Dion Estudos Sociais também. A Professora Antonieta ia ser transferida para Rio Claro (algo nesse sentido) e aí a coisa se formou. Tivemos reunião. Nessa reunião, um dos pais, que era Delegado de Polícia, falou: “Cuidado que o teto é de vidro.” Aí eles foram e denunciaram um grupo de professores ao Gecam, disseram que os professores eram comunistas. Quer dizer, ele próprio, que era um deles, virou a casaca e foi. A minha versão, mais ou menos por alto, é essa. Aí houve a invasão no Vocacional em 68, 69. Não me lembro mais. Eles vieram e fizeram a coisa toda. Levou preso todo mundo. A Dona Áurea, a Dona Edna do refeitório. Disseram que ela roubava dinheiro do refeitório. Ficaram presas vários dias no Gecam. O Modesto, o Ricardo<sup>37</sup>. E no fim ele voltou “por cima” e foi ser o diretor do João XXIII. O Modesto e o Ricardo perderam o cargo de professor em Campinas. Foram lecionar em escola particular, depois recuperaram o cargo, voltaram para as cadeiras deles e se aposentaram em Campinas. O Modesto começou nas classes experimentais em Socorro e veio para Americana, era professor de Português. Um espanhol firme. Ele nos ensinou a falar.

**Eliza:** É? Como assim?

**Pompeo:** É uma história: montamos uma república na minha casa. Virou minha casa depois. Eu morava com a minha irmã e esse pessoal viajava, então montamos uma república. Eu aluguei a casa e depois eu comprei essa casa. O

---

<sup>35</sup> Não encontramos registro destes nomes.

<sup>36</sup> Francisco Cid – professor de Artes Industriais; Rubens Fonseca Ferraz – professor de Práticas Agrícolas; Wladir dos Santos – orientador educacional; Olga Martins- professora de Português. Dion não foi encontrado registros e informações adicionais.

<sup>37</sup> Modesto Vasques Aires, professor de Português e Ricardo Apparicio Bacci, professor de Matemática.

Modesto morou com a gente e fez uma proposta: “Vou ensinar os que querem aprender a falar corretamente. Eu vou corrigir, mas não achem ruim”. Era de manhã, à tarde e à noite ele nos corrigindo. Ele era muito sério. Muito firme, enérgico. Eu melhorei muito com o Modesto. Muito, muito, muito. Devo tudo a ele. Falo sempre para ele. Ele mora em Campinas. Ultimamente ele andava fazendo correção de livros, de textos. Ele vai corrigir o texto do Newton.

Bom, as salas de aula eram adaptadas. Eu tinha a minha sala de aula e minha sala de datilografia. Tinham vinte e poucas máquinas de datilografia. Uma turma tinha aula e a outra turma datilograva. A maioria dos alunos aprendeu bem a datilografia. Além disso meus alunos vendiam, no horário do almoço, na cooperativa, cadernos, livros, canetas, papel almaço, tecido. Aprendiam a medir e a calcular os valores das compras. Havia uma escala para estes alunos trabalharem na Cooperativa. Nunca houve distribuição de lucro. Era simplesmente para vender a preço de custo para os alunos. Era uma função pedagógica. Eu fazia a compra do material tanto aqui em Americana como em São Paulo. Muitas vezes eu ia com algum aluno. Pegava o meu carro e saía comprar. Depois eu e os alunos víamos quanto custava para depois vender. Isto fazia parte da didática: eles participarem de todas as etapas. O tecido era para a confecção dos uniformes. A gente pegava o pano de camisa e da calça no Tomás Fortunato uma loja da mãe de um aluno. Ela vendia o tecido e os alunos aprendiam a cortar, a medir. Cortavam, embrulhavam e entregavam o pano no começo do ano.

**Eliza:** E a Cantina?

**Pompeo:** A Cantina era outra coisa: eles arrecadavam fundos para o Estudo do Meio. Os alunos vendiam suco, guaraná. O Sr. Barsotti<sup>38</sup> montou um banco. Ele era o professor da primeira turma de Práticas Comerciais. No banco os alunos abriam uma conta, com cartão de assinatura. Punha o nome no cartão de assinatura e cada um depositava um dinheiro e recebia um talão de cheques e pagavam com os cheques as compras na Cooperativa e na Cantina. No horário do almoço os alunos faziam o lançamento dos cheques na conta corrente. Isto fazia parte da aprendizagem de Contabilidade.

**Eliza:** Cada aluno tinha uma conta no banco?

---

<sup>38</sup> Não encontramos registros do Professor Barsotti.

**Pompeo:** Com número e saldo. No horário do almoço tinham um intervalo maior então eles cuidavam da cooperativa, iam à cantina, iam ao banco. Era uma coisa simples. Depois nas aulas eles aproveitavam para fazer a conferência, os acertos da contabilidade, o lançamento nas fichas dos valores dos cheques, calculavam o saldo direitinho com os débitos e créditos. Eu tinha foto deles preenchendo o cheque. A Odila<sup>39</sup>, de Recursos Áudio visuais, gravava e fotografava esses momentos.

No final do ano eles tinham meio período de aula para cuidar das coisas da formatura. Você vai esquecendo, tem algumas coisas que vão se perdendo... mas a gente vivia a vida dentro da escola: dia e noite, sábado e domingo. Quando não tinha a escola fazíamos um almoço na casa de um ou de outro, um churrasquinho. Fazíamos festas. Na festa Junina a gente se caracterizava como os alunos. Era uma convivência grande. Vários professores namoraram e casaram. A Ana Maria, de Artes Plásticas casou-se com o Rui<sup>40</sup> professor de teatro. Ele vinha esporadicamente. Nós tínhamos aula de teatro. Na formatura no final do ano o Rui vinha. Ele era professor de teatro e fazia o auto de formatura. Eu tinha guardado um auto de formatura. O auto era uma peça na qual aparecia a sequência da formatura, onde os alunos falavam, apresentavam um jogral.

Agora a parte específica de Matemática você vai me desculpar mas...

**Eliza:** O senhor conhecia professores de Matemática? Eles se envolviam nestes projetos?

**Pompeo:** Sempre se envolviam em tudo. O Ricardo e o Clodoaldo<sup>41</sup> moraram comigo. Depois o Ricardo se casou e foi para Campinas. O Clodoaldo também casou e veio morar em Americana, depois foi embora. Fiquei muito chateado com ele: veio para Americana e nem falou comigo, foi embora.

Olha as fotos: essa era a minha casa, chamava-se Senzala. Este dia era um churrasco. Aqui está a Olguita<sup>42</sup>, a Margarida<sup>43</sup>, o pai do Daniel<sup>44</sup>, o Alcio Rocha que morreu, eu e o Cid. O famoso, que acabou com a escola. A gente almoçava na casa dele. Ele fazia jantar para gente e tudo! Fazíamos muita, muita reunião, festas.

---

<sup>39</sup> Odila Folegati responsável pelo setor de Recursos Audiovisuais (RAV) do Ginásio Vocacional de Americana.

<sup>40</sup> Ana Maria e Rui Nogueira, professor de Teatro.

<sup>41</sup> Ricardo Apparicio Bacci e Clodoaldo Pereira Leite foram professores de Matemática.

<sup>42</sup> Olga Martins foi professora de Português.

<sup>43</sup> Margarida Helena Elme foi professora de Educação Musical.

<sup>44</sup> Clézio Chiozzini, professor de Educação Física, pai de Daniel Ferraz Chiozzini.

Fizemos uma noite de gala, com convites, todos com traje de gala, mulheres e homens. O meu amigo foi porteiro. Estendemos um tapete vermelho, chegava de carro e abria a porta. Na minha casa. Tinha uma vespa. Num salãozinho pusemos as cadeiras para o pessoal sentar e ouvir o violão. Coloquei uns holofotes em cima da vespa que eu tinha. No meio da sala. Nunca me esqueço disso. Fizemos o noivado da Olguita com o Dion. Tinha uma bacia cheia de Ki-Suco. A nossa república chamava Senzala e a das mulheres Casa Grande. As mulheres moravam na rua 12 de novembro. Então, nesses anos todos, eu me esqueci o que era a cidade de Americana. Para mim não tinha mais ninguém. Os meus amigos daqui, perdi todos. Eu só vivia o Vocacional. Íamos ao meu sítio e fazíamos pamonha. Olha eu aí, meu pai, minha mãe e a Delma<sup>45</sup> sentadas. Fomos à praia<sup>46</sup>.

Em casa, à noite, a conversa era sobre o Vocacional: sobre os alunos, estudo do meio, acampamento. Tudo era motivo para estarmos juntos.

**Eliza:** Era uma dedicação grande.

**Pompeo:** Uma dedicação de 24 horas por dia praticamente. Era o ensaio do Coral à noite. Reunião de pais. Todos os professores tinham que comparecer na reunião de pais para tirar as dúvidas dos pais que vinham conversar com a gente depois da reunião. No dia dos professores a gente ficava na quadra e os alunos iam entregar os presentes.

Olha uma foto do Newton e eu num churrasco, em uma chácara de aluno. Aqui é a Delma comigo. Esperávamos o Governador, se não me engano eu acho que foi o Carvalho Pinto.

Olha uma foto do refeitório. Aí os professores estão sentados. A Dona Edna está aí. Todo ano tinha um seminário de Práticas Comerciais, um seminário de Práticas Agrícolas, um seminário de Estudos Sociais em alguma das unidades e lá iam todos os professores.

Lembro que o tema central sempre partia de Estudos Sociais, que coordenava, e cada área se integrava a este tema.

**Eliza:** Para finalizar, o que foi o Vocacional para o Senhor?

**Pompeo:** Foi uma das maiores experiências que eu tive na minha vida de estudo. Eu não tenho Pedagogia, eu não tinha nada com escola, com o magistério e me tornei professor, posso dizer, por acaso. Foi por ter conhecido esse pessoal. Eu

---

<sup>45</sup> Delma Mangilli.

<sup>46</sup> Fala isso enquanto mostra suas fotos.

já tinha prestado um concurso para o cartório, era escrevente habilitado, mas queria mudar e surgiu esta oportunidade e estou até hoje aí. E deixa eu contar uma coisa: éramos muito unidos, não tínhamos problema com ninguém, não tinha animosidade com ninguém, a gente recebia os professores das outras unidades que vinham fazer estudo do meio, eles traziam os alunos para cá.

**Eliza:** E depois da invasão e extinção do Vocacional?

**Pompeo:** Olha, aí é que tá. Eu fui um dos professores que ficou. Mas não posso reclamar de nada, nem uma vírgula, do professor Wladir. No dia que vieram mexer comigo lá dentro ele foi o primeiro a me defender: “Com o professor Pompeo ninguém mexe”. Nunca criei animosidade com ele. Ele era um sujeito fechado. Entrava na sala dele e ficava o dia todo trancado lá dentro.

**Eliza:** Ele passou a ser o diretor?

**Pompeo:** Mesmo antes, como orientador. E como diretor foi a mesma coisa. Ele era muito lunático. Ele fez uma cápsula do tempo. Enterrou dentro da escola. Está lá. Não sei quando alguém vai abrir. Se já abriram não sei de nada. Ele se aposentou. Ele morava na escola. Na época do Vocacional construíram uma casa para o caseiro e ele assumiu depois, quando diretor e ficou lá. Eu não posso dizer nada por que pouco eu via o Wladir. Eu cumpria meu horário e ninguém mexia comigo. Nem comigo e nem com os outros professores. Os outros foram embora mais cedo do que eu. Eu fui um dos últimos a sair de lá. Fiquei até 1994 quando me aposentei. Nunca tive animosidade com ninguém. Eu respeitava todo mundo e todos me respeitavam, então não foi difícil, para mim, levar. Ele organizou meu horário, me deixou vir só à noite. Eu ficava lá pelo menos 3 horas por noite, isto em 1977. Ele foi na festa de 50 anos do Vocacional. Chamaram a Dona Áurea. Ela descascou a mandioca prá cima dele e ele ficou quieto. O Wladir não abriu a boca, não falou nada. Ficou um pouco na festa tomou uma bebida e foi embora. Não ficou. Ele mora atrás da escola até hoje.

**Eliza:** E o pessoal? Como o tratou?

**Pompeo:** Não cumprimentam, não conversam. A Dona Áurea não o cumprimenta. Eu cheguei e cumprimentei. Outros vieram e o cumprimentaram. Não veio muita gente. Alguns professores. Funcionárias tinham duas ou três. Foi no anfiteatro da escola. Cabem 200 pessoas ou mais e nunca foi usado. Hoje está lá, abandonado.

A escola funciona e está bem. O arquivo morto que está abandonado. Está tudo jogado pelo chão. Tudo molhado. Tem material de professor desde 1962. Eu tinha a coisa mais bonita da escola: a placa de quando inaugurou a escola. Daí, nesta última festa que teve eu a levei e a roubaram. Era uma placa de bronze. Eu levei na festa e sumiu. Sumiu. Uma palca de bronze muito pesada. Algumas coisas eu trazia de vez em quando, deste arquivo, punha dentro da roupa e vinha embora. E assim fui roubando, fui trazendo. Isto porque iam jogar fora, ia estragar lá. Está tudo lá abandonado. Eu tinha uma máquina de escrever...

**Eliza:** Fica aberto a visitação ou não?

**Pompeo:** Não. Fica tudo num quartinho. Tudo jogado. Não sei o que fizeram, se limparam, se jogaram tudo fora. Não sei. Tinha um quarto com todas essas coisas. Até o primeiro quadro com o símbolo da escola. Aquele do desenho da camiseta dos alunos. Tinha os elos das turmas que entraram escola até 1970. Tinha os mimeógrafos. Depois disso foi quando o Wladir entrou e acabou com tudo. Foi jogado tudo nesse canto. Eu trouxe uma máquina de calcular, aquelas antigas da Facit.

**Eliza:** Professor, estou satisfeita.

**Pompeo:** Não sei se você tem mais alguma coisa, pergunte. Mais uma coisa: algumas olimpíadas de matemática foram feitas, mas pouca coisa, não me lembro muito dos projetos desenvolvidos de matemática. As salas, por exemplo, de Estudos Sociais, tinham os mapas em todas as paredes, os globos. Na Educação Musical tinha o cantinho com todos os instrumentos: flauta que era o que mais se desenvolvia. Práticas Agrícolas tinha o setor de ferramentas. Artes Industriais era uma oficina com bancadas, serras, torno de madeira. A sala de matemática era uma sala comum. Não tinha nada de diferente. Usava-se a lousa, os materiais didáticos, quando precisavam, a área de recursos áudio visuais dava o apoio para todas as matérias. Os alunos faziam as pesquisas de mercado para saber o preço das coisas pra depois comprarmos. Em janeiro a gente ia para São Paulo para o planejamento. No planejamento geral participavam todos os professores. Tínhamos palestras com pessoas envolvidas em Educação. Só coisa moderna. Tivemos uma palestra com o Darci Ribeiro<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Darci Ribeiro foi ministro da Educação no período de 1962 a 1963 e Presidente da Casa Civil de 1963 a 1964. Durante a Ditadura Militar teve seus direitos cassados e foi exilado. Viveu no Uruguai durante alguns anos.

**Eliza:** Obrigada Sr. Pompeo, está excelente. Fico muito grata.



## 1.9 TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM CECÍLIA LACERDA GUARANÁ E LYGIA TIBIRIÇÁ HÜLLE

*“Num café entre velhas amigas: aberturas e fechamentos, contos de uma trajetória educacional”*

*As Professoras Cecília e Lygia, ambas pedagogas me receberam numa tarde de quarta-feira no apartamento da Sra. Lygia, na cidade de São Paulo, depois de termos nos encontrado na cidade Jaboticabal, interior de São Paulo, ocasião em que participamos juntas de um evento no Senac da cidade. No evento seus participantes discutiam iniciativas de ensino no estado de São Paulo que tratavam do alinhamento de conteúdos práticos a conteúdos teóricos. Combinamos que ali mesmo faríamos a entrevista para esta pesquisa, mas como o evento se estendeu e o tempo tornou-se curto, agendamos a entrevista para outro dia. Então, fui até São Paulo, onde residiam e nos encontramos no local e horário combinados: o apartamento da Sra Lygia. Muito bem recebida, após uma conversa trivial, iniciamos a entrevista da qual resultou o texto abaixo. Ambas, como irão perceber, permanecem amigas desde o antigo encontro no Vocacional.*

\*\*\*\*\*

**Eliza:** Começando a gravação.

**Cecília:** Meu nome é Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná. Eu nasci em São Paulo no dia dez de dezembro de 1931. Em casa, somos em quatro irmãos: três mulheres e um homem. As três mulheres fizeram Pedagogia. Meu irmão é engenheiro. Morei sempre em Perdizes e estudei no Colégio Santa Marcelina: primário, ginásio e o curso Normal. A faculdade eu comecei na PUC, que era bem pertinho, já tinha ingressado no magistério como professora e já tinha feito o curso Normal. Depois fiz uma especialização em Educação Infantil no Padre Anchieta. Comecei a trabalhar no Estado, substituindo primeiro, depois entrei por concurso e fui trabalhar na cidade de São Manuel, na Educação Infantil. Fiquei um ano e pouco lá. Depois vim para São Paulo, trabalhei no Jaçanã e fui para o primário. Logo fui convidada para trabalhar na Escola Experimental da Lapa<sup>1</sup> - uma escola interessante que continuou experimental por bastante tempo. Fui trabalhar lá como professora de primário, depois vagou a Educação Infantil. Enquanto eu estava trabalhando lá, fiz Pedagogia. Eu achava importante fazer o curso de Pedagogia enquanto estivesse trabalhando, daí você pode refletir sobre o seu trabalho a partir do curso. Fiz o primeiro ano na PUC, mas como eu trabalhava num período, eu

---

<sup>1</sup> Seus vestígios e história reportam a 1939, mas foi na década de sessenta que o Estado de São Paulo encampa a iniciativa, estabelecendo-a como uma das escolas experimentais do período. Foi fechada pela ditadura militar em 1972.

resolvi fazer o curso noturno e fui para a USP, que funcionava na Maria Antônia. Então concluí o curso noturno em Pedagogia, depois fiz o curso de Especialização em Psicologia Educacional. Nesse ínterim eu estava trabalhando no Experimental e fui convidada a participar do Vocacional. No curso de Pedagogia, eu e a Maria Yvonne Rabelo<sup>2</sup>, que era minha colega de classe, fomos convidadas para trabalhar no Vocacional. Nesse curso também tinha a Maria José, uma grande amiga nossa, da Maria Nilde e da Heloisa Monzoni, professora de Psicologia... A Maria José, que fazia o curso noturno conosco, no período da manhã, ia à casa da Profa. Heloisa - ela tinha uma casa grande no Jardim América - e a Heloisa tinha uma biblioteca enorme aberta aos alunos, para quem quisesse. Tinha um monte de livros na casa dela. A Maria José e a Maria Nilde conheciam muito a Heloisa. A Maria Nilde conversou com a Heloisa, falando sobre isso, e nós fomos conversar com a Maria Nilde. A Maria José Barbosa foi, mais tarde, trabalhar no Chile. Trabalhou com o Paulo Freire, e quando voltou, foi para Americana e foi orientadora do curso noturno. Então a Maria Yvonne e eu fomos, a convite da Maria José e da Maria Nilde, conversar com a Maria Nilde. Daí fomos selecionadas e começamos a fazer o treinamento. Eu acho horrível o nome "treinamento", mas era como chamávamos. Eram seis meses de curso antes de começar. Como seria a primeira turma, ia abrir o ginásio, a seleção era muito importante. Lygia, você participou da primeira seleção ou você entrou depois?

**Lygia:** Eu entrei na primeira mesmo.

**Cecília:** Foi interessante. Meio período durante seis meses. No fim do ano fomos selecionadas. No ano seguinte, 1962, estavam abrindo as três primeiras unidades: São Paulo, Americana e Batatais. São Paulo: o centro cosmopolita; Americana: industrial; Batatais: agrícola. Então foi um trabalho interessantíssimo, porque depois de selecionados os professores e a equipe de direção nós permanecemos ainda mais o mês de janeiro, o mês inteirinho, trabalhando juntos: Todos os que foram selecionados trabalharam juntos. Então os diretores, a equipe de orientação e os professores. Esse período foi fundamental. Tinha uma pessoa muito importante no início que foi o Professor Joel Martins. Você deve conhecer. O Joel tinha sido meu professor de Psicologia no Padre Anchieta. O Joel era uma pessoa que já era doutor, ele era muito importante, sabia tudo. Sobre planejamento

---

<sup>2</sup> Maria Yvonne Jacobina Rabello foi orientadora pedagógica, de 1963 a 1967, no Ginásio Estadual Vocacional "Candido Portinari", em Batatais.

nos falou assim: “*Importantíssimo fazermos o plano para saber o que a gente quer*”. Tinha a história dos objetivos filosóficos, pedagógicos, sociológicos e educacionais. Então a gente trabalhou em conjunto, o Joel avaliando e a Maria Nilde... Então aquele grupo que ia assumir as escolas definiram o que pretendiam fazer com o curso, com o Vocacional. Eu achei muito importante para a gente. As turmas seguintes, no treinamento, estudavam esses objetivos e visitavam as escolas, mas a primeira turma construiu todos aqueles objetivos, todos juntos. Muito interessante porque no começo a Maria Nilde selecionou as pessoas que iam para as unidades, mas não tinha definido os cargos, se iria ser a diretora ou orientadora. Foi bem interessante!

Nós fomos com o Joel até o Rio de Janeiro participar de um encontro de currículo, não me lembro bem o nome, mas ficou muito claro para todos nós que teria alguma coisa com o coração do currículo - o “*Core Curriculum*”. Isso era o central de nossa proposta. O homem como um ser social que vive num tempo e no espaço e é capaz de transformar a sociedade. Um agente de transformação da sociedade. Isso estava na própria proposta: um homem como um ser social, agente transformador da sociedade junto com todos aqueles objetivos. E foi muito bom porque depois de todo aquele trabalho de grupo, de reunir as equipes das unidades nós fomos designadas para Americana, Batatais e São Paulo. Em Batatais, eu fui para a Direção, a Yvonne na orientação pedagógica e a Lygia na orientação educacional. Nós três recém-formadas. Eu tinha muita preocupação e falei: “*Meu Deus! O Joel é uma potência, ele vai dirigir São Paulo, fica difícil assim para gente, não é?*”. Mas com essa dúvida, essa insegurança, nós nos unimos e construímos um trabalho de equipe verdadeiro. Então nós discutíamos o que fazer, como fazer e foi um bom trabalho. A Nilde chamava a equipe de: “*O trio de ouro*”. Então foi bom porque criamos um clima muito bom na escola, o pessoal todo era amigo, a gente tinha uma atuação e integração com a comunidade muito grande, com os pais, com os professores. Então, foi um trabalho muito gostoso em todo aquele período. Chegando lá nós recebemos a pesquisa da comunidade. Então nós tínhamos que, a partir dos objetivos gerais que a gente traçou lá no treinamento, como é que a gente vai fazer para ajustar esses objetivos para a realidade de Batatais? Então, analisando o edital, o pessoal, não me lembro bem, mas tinha algumas características. Em geral eles não saíam muito, tinham atividades culturais, mas não eram muitas... conforme a problemática e as expectativas, a gente propunha

atividades desse ou daquele tipo. A Educação Artística era forte naquela região. O Portinari morava em Brodowski, pertinho de Batatais. E a gente foi conseguindo trabalhar como equipe e tudo era, também, discutido com os professores. Havia reunião nas quartas-feiras: as aulas terminavam às duas horas da tarde e então íamos para a reunião das duas às quatro horas. Era sagrada. Tudo era muito discutido e conversado com os professores. E foi num clima assim, bom, que a gente conseguiu fazer uma porção de coisas lá. Eu quero fazer um parêntese sobre a Heloisa Monzoni. Maria Nilde uma vez recebeu um prêmio como professora educadora do ano, foi muito importante. Então ela foi levar o prêmio para a Heloisa. A Heloisa era muito querida. Então isso a gente conseguiu fazer. Nós tínhamos muitas reuniões: reunião de diretores, reunião dos orientadores com acompanhamento, aquele tempo ainda não tinha a supervisão, mas os diretores se encontravam, os orientadores pedagógicos, educacionais e os professores também. Então eu achei que foi um período, eu diria, de uma educação permanente. A gente se preparava, estudava e punha em prática.

**Lygia:** Discutia tudo juntos.

**Cecília:** Discutia e punha em prática, como é que a gente vai por em prática isso? Então foi um trabalho nesse sentido.

**Eliza:** Sra. Lygia fale um pouco de sua história.

**Lygia:** Minha história é diferente da Cecília. Eu nasci no litoral paulista, em São Vicente, no dia sete de maio de 1936. Morei no litoral até os sete anos, depois morei em São Paulo durante três anos, em seguida fui para Campinas, morei lá três anos, retornei a São Paulo e daqui não saí mais. Então, agora sou praticamente paulistana. Minha infância é muito ligada a nadar na praia, a família toda ia nos domingos nadar, ver golfinho no mar... ainda existia isso, lá em São Vicente. Foi uma infância muito voltada para o litoral. Foi muito gostoso, eu me lembro. Todas as minhas tias eram educadoras, tanto pelo lado do meu pai como pelo lado da minha mãe. Então ir para a educação foi uma coisa meio natural em minha vida, porque sempre fiz parte dela... Sempre estudei em escola pública. Naquele tempo as escolas públicas eram onde a gente estudava, porque as escolas particulares eram para os que não estudavam. O primário eu fiz em escola particular, mas desde a primeira série, hoje quinta série, fiz em escola pública. Fiz o Normal em escola pública, a faculdade eu fiz na Faculdade Católica, fiz Pedagogia. Foi muito legal todo

esse processo, esse período da escola. E depois comecei trabalhar, primeiro dando aula, depois fui trabalhar na Colmeia onde conheci a Maria da Glória Pimentel...

**Eliza:** Colmeia?

**Lygia:** Colmeia era uma instituição de atendimento aos jovens, dava cursos de recreação para jovens naquela época.

**Cecilia:** Continua até hoje...

**Lygia:** Acho que ainda existe, não é Cecília? Quando eu estava trabalhando na Colmeia começou a surgir toda essa busca de pessoas para o Vocacional. Então, a Glorinha, que estava inscrita, me chamou para fazer parte também.

**Eliza:** Glorinha?

**Lygia:** Maria da Glória Beraldo Pimentel<sup>3</sup>. Hoje é falecida. Ela me chamou para fazer o curso para ver se seria selecionada. Nós fizemos toda essa parte, inclusive, ficar janeiro todo estudando para depois a gente saber que tinha sido escolhida para Batatais, como a Cecília falou: eu como Orientadora, ela como Diretora e a Maria Yvonne como Orientadora Pedagógica. Em termos de formação para a educação, acho que o Vocacional foi uma base para a gente. A Cecília tem todo um jeito para aglutinar pessoas. Trabalhamos muito junto, cada um com a sua especificidade. O meu foco maior era nos alunos e no conhecimento das famílias. A Maria Yvonne focava mais no atendimento aos professores, era o papel da Orientação Pedagógica, a Cecília coordenava essa equipe de direção formada pelo Diretor, Orientador Pedagógico, Orientador Educacional e todo o trabalho com a comunidade. Então, nós três discutíamos tudo, a gente nunca tomava uma atitude intempestiva, e se tinha que tomar alguma atitude mais individualizada, era discutido depois porque tomou, se foi o melhor, se poderia ter sido de outro jeito. Então foi um período muito feliz da minha vida profissional. A cidade era muito antiga, tradicional, de fazendeiros, então a gente tinha que estar muito unido para poder propor o trabalho, e a gente conseguiu, graças a Deus! Tinha elementos de Batatais também na equipe, o professor de matemática era de Batatais e eles nos ajudavam.

**Eliza:** Como era o nome dele?

**Lygia:** Roberto Siena Tofeti.

**Eliza:** Roberto Tofeti... busquei o contato dele, mas não consegui falar com ele. Uma pena.

---

<sup>3</sup> Maria da Glória Beraldo Pimentel foi orientadora educacional a partir de 1961, no Ginásio Vocacional "Oswaldo Aranha".

**Lygia:** Ele mora em Batatais ainda?

**Eliza:** Pelas informações que tive, sim. A esposa também era professora?

**Lygia:** Ela foi depois, acho que bem depois. Nos primeiros anos não.

**Cecília:** Nos primeiros anos ele era solteiro.

**Lygia:** É, depois ele se casou. Mas então, foi um período muito rico em termos de aprendizagem. A gente levantou os objetivos todos juntos, depois estudou como ia aplicar aquilo naquela comunidade. Foi uma coisa muito rica e acho que todo esse processo de trabalho nos enriquecia muito, porque aprendíamos não apenas sobre a nossa área específica, a gente discutia muito nas reuniões de quarta feira. Essas reuniões eram com todos os professores e a equipe de direção. Verificávamos como estava o planejamento, o que estava sendo feito, como que estavam os alunos, se tinha algum aluno com alguma dificuldade, o que nós íamos fazer com eles, enfim, a gente discutia como estava ocorrendo o trabalho.

**Cecília:** O próprio sociograma a gente ajudava a discutir.

**Lygia:** Naquela época a orientação educacional aplicava a Sociometria de Levy Moreno<sup>4</sup> para compor as equipes dos alunos, e isso tudo era discutido no Conselho Pedagógico, para ver como, quais as equipes que estavam funcionando e quais não estavam, qual classe estava melhor. O que fazer? Todas as coisas eram sempre discutidas na equipe, para juntos, buscar a solução. E com os alunos também a gente discutia o regulamento da escola. Como iam fazer? Como é que íamos preparar para o acampamento? Para ir ao estudo do meio, o que eles tinham e podiam fazer? O que nós tínhamos que fazer? Tudo era discutido...

**Eliza:** Vocês ficaram quanto tempo em Batatais?

**Cecília:** Eu fiquei um ano, no ano seguinte fui para Americana. Você ficou não é?

---

<sup>4</sup> A Sociometria é uma ferramenta analítica para o estudo de interações entre grupos, ela explora, mapeia e mensura relações ou vínculos estabelecidos socialmente. Parte da ideia de que todos vivem em grupos, desde que nascemos, e nossos problemas provêm desse mundo. Foi desenvolvida por Jacob Levy Moreno, nascido na Romênia em 1889. Em 1917 Moreno recebe seu diploma de Doutor em Medicina pela Universidade de Viena. De 1917 até 1920 colaborou com a Daimon Magazine, importante revista existencialista e expressionista, na qual colaboravam também Martin Buber, Max Scheller, Jakob Wasserman e Kafka, entre outros. Em 1925, muda-se para Nova York. Nos anos da Segunda Guerra Mundial cria a sociometria, a terapia em grupo e o psicodrama, que tiveram aplicações práticas e um importante reconhecimento, por exemplo, nas Forças Armadas britânicas, bem como na Cruz Vermelha, que recebia treinamento para tornar mais humano seu atendimento. Em 1931 introduziu o termo Psicoterapia de Grupo e este ficou sendo considerado o início da Psicoterapia de Grupo científica, embora as fundamentações e experiências tenham se iniciado em Viena. Moreno morreu em em 14 de maio de 1974, aos 85 anos de idade. Fonte: Disponível em: <<http://www.saskiapsicodrama.com.br/JacobLevy-Moreno/jacobavida.html>>. e <<http://www.febrap.org.br/psicodrama/Default.aspx?idm=84>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

**Lygia:** Eu fiquei dois anos em Batatais e dois anos e meio aqui em São Paulo, ou seja, bem na fase de implantação. Foi muito rico e eu acho que o Vocacional foi uma base na minha formação como educadora e também para buscas futuras. Todo o meu interesse por trabalhos em grupos. Depois eu fiz especialização em Psicologia Social; além da Psicologia eu fui estudar Psicologia Social e a base foi nosso trabalho no Vocacional, que nos despertou para essa área, como funciona um grupo, como funciona uma instituição, daí fui me aprofundar nesse campo.

**Eliza:** O trabalho em grupo desenvolvido no Vocacional era feito com embasamento, não era feito aleatoriamente: era discutida a formação e a permanência das equipes.

**Lygia:** É!

**Cecília:** O grupo permanecia, Lygia, em todo o bimestre?

**Lygia:** É, um bimestre, a gente fazia quando o aluno chegava.

**Cecília:** Eram trinta alunos, por classe, não é Lygia?

**Lygia:** Cada classe era composta por trinta alunos. Num primeiro momento os dados para a formação da classe era o desenvolvimento físico, depois de uns vinte dias, um mês, dava para eles se conhecerem um pouco, daí fazíamos o sociograma, e as equipes eram formadas de acordo com as escolhas dos alunos.

**Cecília:** Você sabe como é o sociograma? Eles escolhem.

**Lygia:** Eles escolhiam entre três pessoas que eles gostariam de trabalhar. “Quais os colegas com que você gostaria de trabalhar?” Então eles punham.

**Cecília:** E com quem não queria também.

**Lygia:** É, às vezes a gente punha com quem não queria, mas achamos que se a gente pusesse “com quem eu não quero trabalhar”, focalizava muito no negativo, então deixamos de colocar. Acho que a gente colocou com quem não gostaria só no primeiro sociograma, mas achamos que era uma coisa muito forte. Sem esse dado, sem precisar fazer essa pergunta, aqueles que não apareciam nas escolhas a gente já sabia que eram os rejeitados. Agora, tudo isso, esse mapa da classe era discutido com os professores, com a direção e com a orientadora pedagógica para gente ver o que fazer. Não era um mapa só para ficar bonitinho, era para funcionar, era a primeira base de conhecimento.

**Cecília:** Daí montavam-se as equipes.

**Lygia:** Montadas as equipes, depois a gente observava cada equipe e via se estava funcionando.

**Cecília:** Teria que ficar pelo menos durante dois meses. Era sagrado, se quisesse mudar, não podia.

**Lygia:** Normalmente escolhiam aqueles que eles mais gostavam e, às vezes, se arrependiam. Isso era comum acontecer, e daí a gente mostrava: “Não. Você escolheu. Porque você escolheu?” “Ah! Eu gosto de brincar com ele!” “Mas você escolheu para brincar ou para trabalhar?” A gente ia analisando e realizando esse trabalho, e eles percebiam, muitas vezes, que não tinham feito boas escolhas.

**Cecília:** A questão da escolha era importante.

**Lygia:** Eles queriam que mudasse e a gente não deixava: “Agora como é que nós vamos resolver isso? O que que vocês podem fazer? Por que ele está brincando? Em quê ele está atrapalhando? O que vocês podem fazer?” Fazíamos um trabalho conjunto também. “O que você está fazendo, você está atrapalhando, por quê?” Tudo isso era analisado junto com eles, porque tinha a seção de orientação de grupo. Em Batatais eram noventa alunos. Aqui em São Paulo eram cento e vinte.

**Cecília:** Era conforme o tamanho do prédio. Em São Paulo foi cento e vinte.

**Eliza:** Três salas de trinta em Batatais?

**Lygia:** Três salas de trinta com seis equipes cada. As salas eram divididas. O estudo dirigido não era feito com os trinta. Dificilmente, não é Cecília? O professor trabalhava com os trinta alunos. Ele apresentava o problema, depois dividia em duas turmas de quinze. Um professor ficava com uma turma e outro com a outra turma.

**Cecília:** Duas horas seguidas para um Estudo Dirigido.

**Lygia:** Isso permitia que eles pudessem olhar melhor os alunos, perceber quem e como cada um estava trabalhando. Porque o fato de trabalhar em grupo não significava que não precisava ver o trabalho individual. Isso era muito trabalhado: que cada um tinha que ter sua responsabilidade na equipe para conseguir atingir os objetivos: resolver os problemas apresentados. Não era como é hoje. Trabalho em grupo não era um estudo feito em casa, era um estudo feito na escola, com a supervisão de um professor que acompanhava como estava indo esse trabalho em equipe. Não era dar tarefa para casa, não é Cecília?

**Cecília:** E na hora de dividir as turmas, eram três equipes de um lado e três do outro. O Estudo Dirigido era com metade da turma em três equipes.



**Eliza:** A mesma equipe para todas as disciplinas, todos os professores em todas as atividades do bimestre?

**Lygia:** Todas as disciplinas. Depois novo sociograma, novas escolhas, certo? Nova organização das equipes. E eles iam aprendendo a escolher, a ouvir o outro, como fazer as tarefas, como e o que cada um iria fazer, era uma forma de aprendizado. E tudo isso era muito discutido. A equipe se mantinha em todas as áreas, todos os professores observavam porque, às vezes, não funcionava na área de Matemática, mas funcionava em Artes Industriais, na aula Artes Plásticas ou Português, e tudo isso era visto e discutido com o professor. Muitas vezes o professor perguntava: “Por que na minha área não vai? É dificuldade dele ou minha? Será a forma de abordar o problema na minha área que não está sendo adequada para essa turma?” Tudo isso era muito pensado e discutido. Esse foi o princípio de tudo e acho que essa experiência de grupo eu levei para minha vida toda. Uma formação para minha vida. Fui diretora de abrigo, como já coloquei, e eu sempre utilizei essa abordagem em grupo. Porque eu achava que diretor nenhum consegue realizar o trabalho sozinho, tem que trabalhar com a cozinheira, com a faxineira, com os técnicos, com os educadores, com todos, porque senão fica um trabalho vazio. Essa é uma coisa muito importante que permaneceu.

**Eliza:** Trabalho em grupo não se refere só aos alunos numa instituição: a parte administrativa deve ser pensada em grupo, no coletivo.

**Lygia:** Tudo junto, no coletivo. A gente não trabalha sozinho. Nunca trabalhei sem equipe. Em cada lugar que fui, seja em escola, no abrigo, eu sempre formava, procurava formar uma equipe, porque assim, mesmo quando a gente sai, o trabalho continua. E isso é uma alegria, saber que o trabalho continua. E esse aprendizado foi a base foi no Vocacional.

**Cecília:** Esse trabalho coletivo, eu acho que dá condições para escola assumir como um todo. A forma de conduzir, as soluções, os problemas, na medida em que as pessoas estão discutindo, os encaminhamentos eram próximos, ou seja, não tem ninguém que destoe, quando tem um professor diferente e tal, ele era chamado, conversava com os orientadores educacional e pedagógico e com a direção. “O que está acontecendo?”

**Eliza:** O orientador pedagógico atuava junto aos professores?

**Cecília:** Sim, junto aos professores. Então ele ajudava. O diretor e o orientador pedagógico coordenavam o Conselho, porque as propostas e os temas

que eram escolhidos e abordados eram feitos no conjunto, mas a coordenação daquele trabalho era feita por nós.

**Lygia:** É. Nós planejávamos o global. A Yvonne, a orientadora pedagógica, ia ver, que formas, que técnicas os professores poderiam utilizar em cada matéria para a abordagem do tema ter mais resultado. Eu via a parte dos alunos, e a Cecília a parte da comunidade. Daí a gente discutia tudo isso e começava o trabalho para não ser cada um fazendo o que queria, todos faziam em função do *Core Curriculum*. Mesmo a orientação educacional, quando fazia, era em grupo com os alunos, procurando integrar na Unidade Pedagógica. Por exemplo, quando estava estudando a Independência, eles estudavam em termos históricos o que era independência... e nós íamos estudando assim, junto: “O que seria ‘independência’ na equipe?” “O que seria independência na escola?” Para que não ficasse com um conceito vazio de dependência e independência. Como isso era vivido? O que é ser autoritário? E o que não é? Isso baseado no que estava acontecendo, não era, assim, uma teoria. Ouça os outros, não seja autoritário, porque sempre aparecia alguém que queria mandar em todo mundo? Este aluno precisava aprender que tinha que ouvir os outros também. Então, essa era a nossa forma de trabalhar, não é Cecília?

**Cecília:** O tema, os conceitos e as atitudes sempre havia uma coerência entre essas coisas.

**Lygia:** É! Não era só uma coisa ou outra.

**Cecília:** No teórico, mas eu tenho que agir conforme o que estou pensando.

**Lygia:** É! Não adianta dizer que eu escuto o outro e, ao mesmo tempo, mando-o calar a boca quando começa a falar.

**Eliza:** Deixe-me ver se consigo seguir o roteiro. (nunca consigo segui-lo)... Segundo o ponto de vista das senhoras, o Vocacional chegou a provocar algumas das transformações esperadas inicialmente? O que vocês poderiam falar a respeito dessas transformações? Depois podem falar um pouco sobre o Vocacional de Batatais, e de Americana. Como era a estrutura física destes ginásios? O que tinham de diferente, ou não?

**Lygia:** Eu acho que trouxe modificações. A forma de atuar dos Vocacionais era muito diferente das outras escolas. Trabalho em equipe não era muito utilizada, e a gente utilizava, não é Cecília? Eu vejo que no âmbito de cada Ginásio Vocacional eu acho que trouxe transformações não só naquele momento. Eu acho

que as transformações que ocorreram foram nos alunos, nos educadores e isso permaneceu. Agora, em termos de estrutura do ensino, eu acho que não conseguiu porque teve muita pressão, não é, Cecília?

**Cecília:** É! A grande mudança foi, por exemplo, nos alunos, porque a meta era ter um aluno consciente. A gente percebia que, no decorrer dos quatro anos, quando terminava o curso, eles estavam preparados para escolher, já estavam muito mais autônomos para desenvolver o planejamento. Então eu acho que houve mudanças, sim.

Agora em relação à cidade houve mudança, inclusive, pela aceitação da própria escola. Imagine, eram acostumados com o Instituto de Educação, que era famoso. Em Batatais nós tivemos muita sorte porque o presidente da Associação dos Pais era um professor de Português, do Instituto. Ele se tornou um grande amigo nosso, tinha uma Kombi<sup>5</sup> e ele nos levava. Então ele era um elemento importante de integração com a comunidade.

**Eliza:** Ele era presidente da Associação dos Pais?

**Cecília:** Era, e era professor de Português do Instituto de Educação.

**Eliza:** Ele tinha filho estudando no Vocacional?

**Cecília:** Sim, um filho estudando na nossa escola.

**Lygia:** Não, porque ele não tinha filho da idade...

**Cecília:** Eram bem pequeninhos. Mas ele foi um grande amigo. Então, acho que isso ajudou muito a reduzir os desencontros. Mas muitos pais, quando o filho entrava no ginásio, viam no caderninho de matemática cheio, enche de expressão, passa lição de casa, quando os nossos alunos trabalhavam e estudavam lá mesmo. A gente queria que entendessem e formassem os conceitos e os pais falavam: “Mas o irmão dele que tá no Instituto tem o caderno cheio de textos, de história, de não sei o quê...”

**Eliza:** Todo cheio de conta de matemática...

**Cecília:** É, de matemática. Aqui não tem quase nada. Então no começo eles achavam que não ia dar em nada, mas depois foram percebendo que a coisa era diferente, que eles iam construindo esse conhecimento e daí deslanchavam.

**Lygia:** Em Batatais teve uma coisa interessante: a primeira turma foram alunos que tinham tido dificuldade e que não tinham sido aceitos em outras escolas,

---

<sup>5</sup> A Volkswagen Kombi foi um automóvel utilitário produzido pela empresa automotiva alemã Volkswagen, entre 1950 e 2013.

daí restara o Vocacional e essa turma foi bem, não teve nenhuma reprovação no primeiro ano. Eu acho que eles tiveram um aproveitamento muito grande, que permaneceu, e hoje a gente vê, por exemplo, político falando da gente. A gente vai para Batatais e vemos os alunos: um tem concessionária de carros, outro é médico, outro é prefeito, o outro é advogado, outro tem um comércio de construção, cada um conseguiu se realizar do seu jeito, da sua forma, no que ele gosta, muitos vêm, conversam, contam da vida e parece que todos, pelo menos o que a gente conhece, aproveitaram muito o ensino que tiveram.

**Cecília:** O próprio conceito, a própria orientação Vocacional era construída durante os quatro períodos, porque eles tinham que se conhecer. Isso é a sua parte: fala um pouquinho, Lygia.

**Lygia:** Eu acho que todo o processo de conhecimento dos alunos, quais as áreas de que eles gostavam, de quais eles não gostavam, com é que trabalhavam, se entendiam mais quando a abordagem era mais teórica ou quando era uma vivência mais prática, tudo isso era observado pelos professores e anotado. Eles tinham uma ficha de observação do aluno, cada área tinha uma de cada aluno. Ali dizia como o aluno estava, como ele fazia, o que ele fazia naquela aula, o que ele não fazia, o que demonstrava interesse, o que ele se desinteressava, como se relacionava com os colegas e com os professores. Cada área preenchia essa ficha com esses dados. Era discutido o roteiro de observação com os professores. Depois o orientador educacional juntava todas as fichas.

**Cecília:** Era uma etiquetinha, não é?

**Lygia:** Sim, uma etiquetinha.

**Eliza:** Ele juntava cada ficha de avaliação de cada professor de cada aluno? Cada aluno tinha um mapa, digamos assim?

**Lygia:** É isso!

**Eliza:** Com todas as informações de todas as disciplinas?

**Lygia:** E o orientador educacional olhava para cada um deles e fazia uma síntese daquilo. A gente ia observando se era isso mesmo, se não era. Se havia discordância, por que havia? O que podia ser feito por esse aluno? Tudo isso era trabalhado com eles, como é que ele tava indo? Por quê? Como ele fazia? O que ele estava fazendo nos grupos? Do que ele gostava? Do que não gostava? Daí, a partir

da terceira série, agora é a atual sétima série<sup>6</sup>, eles eram organizados em classes como teóricos, teórico-práticos e práticos. E não é que o professor iria dar uma abordagem mais teórica, não é que ia dar o conteúdo mais fraquinho para os práticos, e conteúdo “mais forte” para os teóricos, não era isso, mudava a forma de abordagem. Os alunos que tinham uma forma de se aproximar do conteúdo de maneira mais prática, a abordagem era feita desse jeito, mas o conteúdo que eles tinham que aprender era o mesmo.

**Lygia:** Isso tudo era para descobrir do que eles mais gostavam e do que não gostavam. Quais cursos eles gostariam de fazer? Tudo isso era utilizado.

**Cecília:** Eles iam se conhecendo no processo, naquilo que iam bem, aquilo que eles gostavam. Então quando chegasse o momento da escolha... a gente levava profissionais das diversas áreas para a escola, levava também os alunos para entrevistar pessoas de diversas áreas para que, no momento de fazer a escolha, eles tivessem muitos elementos, muitas referências.

**Lygia:** Havia os Estudos do Meio que era muito utilizado para conhecerem isso. Eles não apenas ouviam o advogado falar sobre o que fazia, mas iam ver a sua atuação, por exemplo. Eles iam para uma metalúrgica, não era um metalúrgico falando o que ele fazia, eles iam observar como é que funcionava na prática. Isso acontecia em todas as áreas. Não era só ouvir o engenheiro, mas era também ver onde e como atuava. E não era uma coisa assim “de boca”, eles tinham que ir e observar o que acontecia realmente.

**Eliza:** E como eram trabalhados os conteúdos em sala de aula? Porque fico pensando em matemática.

**Cecília:** Tinham as disciplinas que preparavam aquele profissional, qual a relação de disciplinas? O que eles precisariam conhecer para serem bons profissionais naquele campo? O papel da matemática, por exemplo, na parte dos engenheiros. Então... tudo isso também me leva a pensar nos esquemas de avaliação e promoção que aconteciam no fim do ano. Na avaliação eles começavam vivenciar a auto avaliação, a discussão do que iam fazer na equipe.

**Lygia:** Isso era feito bimestralmente.

---

<sup>6</sup> Hoje corresponde ao oitavo ano do Ensino Fundamental.

**Cecília:** Os resultados eram expressos em gráficos que eles mesmos preparavam e discutiam. Primeiramente era discutido com o professor em cada disciplina.

**Cecília:** O que eu dei, o que a equipe deu, mas às vezes eu falo assim: “eu sou ótimo”, e o colega fala assim: “Você é ótimo?”

**Eliza:** Entendi. Tinha a autoavaliação, ele avaliava a si mesmo, mas a equipe também o avaliava e, às vezes, a equipe falava o mesmo que ele tinha dito, mas, às vezes, a equipe falava o contrário.

**Cecília:** E fazia entender o porquê, e a professora avaliava.

**Eliza:** O professor também avaliava?

**Cecília:** Então, muitas vezes, eles tinham a liberdade de argumentar: “Olha, mas a senhora acha que eu fui médio? Eu me esforcei tanto!” Então a gente discutia também, não pessoalmente, mas no coletivo, e a classe dizia: “Não professora, realmente...” E a professora ajustava, às vezes, a avaliação. Então essa avaliação era consciente. Chegando ao fim do ano, mediante as avaliações bimestrais, se ele tinha progresso, se ele tinha mais dificuldade, mas se esforçava, foi crescendo, então mesmo que não fosse considerado ótimo naquela área, ele poderia até ser promovido se ele tivesse a intenção de melhorar, desde que ele tivesse um compromisso nesse sentido. Então uma reprovação era rara, mas era discutido bem com ele. Também chamávamos os pais...

**Eliza:** Hoje, muitas vezes, coloca-se o aluno no mesmo patamar, e são inteligências muito diferenciadas, muito individuais. Isso era interessante no Vocacional: trabalhava-se no coletivo sempre, mas a avaliação era, também, individual.

**Cecília:** E esse autoconhecimento que ia acontecendo ao longo do tempo.

**Lygia:** Ele percebia, ele ia vendo, isso a gente trabalhava muito.

**Cecília:** Eu quero uma bolachinha agora.

**Lygia:** Qual que você quer: de chocolate ou de morango?

**Cecília:** Essa daqui.

**Lygia:** Eu acho que o que tinha de bom no Vocacional era isso: eles iam se conhecendo. Não era eu que chegava para ele e dizia: “Olha, você não dá para isso, não dá para aquilo”, eles iam descobrindo, e a gente não trabalhava naquilo que ele não dava, não que não disséssemos que ele tinha dificuldades, ele até percebia que tinha e a gente o ajudava a perceber que estava com dificuldade, por exemplo, em

Português, que estava com dificuldade em Ciências, mas, por outro lado ia muito bem em Artes Plásticas, em Música. Nós buscávamos fortalecer o aquilo no que ele ia bem. A gente dizia: “Você está se desenvolvendo muito em Artes Plásticas. O que você pode fazer para desenvolver mais essa matéria?” Nunca era no sentido de estar medindo onde ele não ia bem.

**Cecília:** Não dizíamos: “Você não dá pra isso”.

**Lygia:** É. Você tem jeito para outras coisas e focalizava o que ele estava conquistando, e não o que ele não estava fazendo, porque acho que é o que hoje em dia fazem.

**Eliza:** Na verdade, mistura todo mundo e “bate no liquidificador” e consideram-se todos iguais.

**Lygia:** Precisamos das diferenças para o trabalho andar. Acho que esse é o ponto, e acho que tem uma coisa com relação à matemática que eu acho muito importante: tinha todos os conceitos de matemática, era tudo trabalhado, mas eles viam (e isso não ficava só na matemática), eles utilizavam os conceitos da aula de Matemática quando eles iam fazer um projeto em Artes Industriais, porque eles tinham que medir, comparar, ver, calcular, sabe?

**Eliza:** Quais projetos, por exemplo, a Sra. se lembra de algum específico?

**Cecília:** Claro! Tinha trabalho de madeira, e tinha que fazer o desenho e executar aquilo. Tinha o trabalho com argila, madeira, metal.

**Lygia:** É, nesses tinham que usar matemática.

**Eliza:** As oficinas?

**Cecília:** Tinha! Eram cinco áreas técnicas. Eram cinco grupos fazendo fora do currículo. Tinham as matérias de cultura geral: Matemática, História e Geografia que eram fundidas, eram dois professores na sala, um de História, um de Geografia, Estudos Sociais, Ciências, Português e tinha duas línguas estrangeiras, tinha o Inglês e o Francês, em séries diferentes. Depois começamos com Teatro também. Depois iniciação técnica: Artes Industriais, Artes Plásticas, Educação Musical, Economia Doméstica, Práticas Agrícolas...

**Lygia:** Práticas Comerciais.

**Cecília:** Práticas Comerciais. Então, nas duas primeiras séries era conhecimento mais amplo. Essas cinco áreas eles passavam nas oficinas, por exemplo, dentro de Artes Industriais. Então, num bimestre, eles iam desenvolvendo num ano as cinco áreas, nos primeiros anos. O professor distribuía lá um pouco na

primeira série, um pouco na segunda, depois eles passavam por todas, eles tinham que escolher. Então dessas áreas técnicas, eu vou escolher Artes Industriais e Práticas Agrícolas. Práticas Agrícolas foi bem trabalhado em Batatais.

**Lygia:** Sim, porque o currículo podia ser diferente. Práticas Agrícolas, praticamente, era só Batatais, não era Cecília? Porque era de acordo com a comunidade.

**Cecília:** Então eles faziam a escolha. Na terceira e quarta série eles trabalhavam e aprofundavam isso, então realiza um trabalho mais completo, faz banquinho, faz um armarinho, tudo simples, mas tinham as máquinas. Agora, em Práticas Comerciais, a gente chegou criar um banco, uma cooperativa, e funcionava! Nossa! Americana eles ficavam lá, os que tinham optado por isso, ficavam até na hora do recreio trabalhando.

**Lygia:** Eles vendiam o lanche.

**Cecília:** Nós tínhamos o talãozinho de cheque impresso com nome da gente e eles vendiam material escolar por um preço mais em conta, acho que não pagava em dinheiro, o dinheiro não corria lá dentro.

**Lygia:** Só lá dentro.

**Cecília:** Então eles recebiam o dinheiro, faziam as compras e então eles executavam. Eles tinham a prática do trabalho bancário.

**Lygia:** E nisso também entrava a matemática, não é Cecília? Eu acho que no preço das coisas, a diferença, como é que ia calcular o lucro, como é que não ia, como é que eles iam vender aquilo, por qual preço? Em todos esses cálculos e decisões a matemática entrava.

**Eliza:** Eles precisavam do conhecimento matemático para realizar adequadamente essas funções.

**Lygia:** Em Economia Doméstica, eles tinham que fazer o orçamento familiar, tinham que fazer o levantamento do custo. Por exemplo: quando eles iam fazer um prato, tinham que comprar as coisas, em tudo isso eles aplicavam a matemática.

**Cecília:** Eles chamavam Educação Doméstica, e lá eles aprendiam. Tinha um cantinho, era uma casinha.

**Eliza:** Em Batatais?

**Lygia:** Em todas as unidades.



**Cecília:** Depois os prédios foram reformados, por isso que São Paulo, Americana tinham as áreas, por exemplo, de Educação Doméstica como se fosse uma casinha, mas no começo era uma sala dividida em duas salas.

**Lygia:** É, era ajeitada no começo.

**Cecília:** É, ajeitada. Depois fez a reforma e tinha o campo de Estudos Sociais, de Matemática. Em São Paulo a construção ficou bem ampla.

**Lygia:** É! Eram salas ambiente, mesmo em Batatais, que o prédio não era, tinha a sala de Educação Musical...

**Eliza:** Eram prédios inicialmente adaptados aos Ginásios Vocacionais?

**Lygia:** É, mas tinha a sala ambiente, em todos. De oficina, de Artes Industriais, a da Educação Musical, Artes Plásticas, Economia Doméstica, Práticas Comerciais. Eles tinham também que aprender datilografia, não é Cecília?

**Cecília:** Mexer no caixa.

**Eliza:** Que interessante a vivência deles nas mais diversas áreas, tanto na área mais técnica quanto na mais humana, porque tinha música, artes. Fico pensando na formação destes alunos...

**Cecília:** Como um todo.

**Lygia:** Não era assim: o técnico, o artista ou o teórico. Tudo isso fazia parte do desenvolvimento dele.

**Cecília:** Tínhamos, por exemplo, na terceira série. Práticas Comerciais ia começar um trabalho diferente. Então, às vezes, precisava da ajuda do professor de matemática. No planejamento ele dizia: "Olha, nós estamos precisando, vai ser muito difícil, acho importante sua ajuda". Lá, por exemplo, num banco, o pessoal fazia uma visita planejada e depois era trabalhado na outra sala também.

**Eliza:** E esse planejamento ia acontecendo no decorrer do ano?

**Lygia:** Era discutida na equipe de direção, daí era discutido com os professores e depois para o bimestre todo. As reuniões de quarta-feira eram para a gente trabalhar todas essas questões, e o que estava difícil, o que precisava ajeitar, o que não deu muito certo, "Olha, essa forma não atingiu os alunos, como é que a gente pode fazer? Eles não estão conseguindo aqui, entende?, como é que nós vamos fazer?" Tudo isso era discutido.

**Eliza:** Estudos Sociais lançava um tema?

**Cecília:** É. O carro chefe era Estudos Sociais. Só para completar aqui o quadro inicial: cultura geral, educação, práticas educativas, iniciação técnica.

Iniciação técnica, a gente falou das cinco práticas educativas, Educação Musical e Educação Física. O pessoal de Educação Física era muito bom nos casos de problemas de desentendimento, de agressividade. Daí eles trabalhavam com esses alunos, por exemplo, problemas de educação sexual. Às vezes, apareciam umas coisas meio estranhas, então pedíamos a colaboração deles, e eles desenvolviam atividades, como na questão de liderança.

**Lygia:** Eu acho que isso funcionava bem, porque não ficava uma coisa isolada da outra, todos contribuía para que sua especificidade contribuísse com a formação do aluno. Nós temos alunos que estão já aposentados da Unicamp, nas diversas áreas. Não é uma coisa que ficou focada no tempo, nós temos muito aluno voltado para o campo das Artes, Guilherme Arantes<sup>7</sup> foi nosso aluno, aqui em São Paulo, Willian Waack, apresentador e repórter da Rede Globo, foi nosso aluno, muita gente assim...

**Cecília:** Aquele do filme, um maestro...

**Lygia:** Tem vários artistas que estão até hoje atuando, muitos foram alunos nossos. Tem muita gente na Educação, por exemplo, a Ana Dulce Toste, de Batatais, foi para a área da Educação, trabalha na Diretoria de Ensino de Barrinha, pequena cidade próxima de Ribeirão Preto - SP.

**Eliza:** Muitos falam no Vocacional como se fosse uma segunda família.

**Lygia:** Eu acho que tem uma coisa que o trabalho em grupo ajudou, os alunos formavam um elo não só dentro da escola, eles formavam um grupo de amigos. Por exemplo, eu tenho um primo que estudou no Vocacional. Os amigos dele hoje são os amigos do Vocacional. Quando vamos aos aniversários em Batatais percebemos que tem um grupo de alunos que são amigos até hoje. Eu acho que o trabalho em grupo criava estes laços. Isso foi um ponto importante do trabalho.

**Cecília:** Quanto à proposta pedagógica, acho bom dizer. Então, a gente estudava o que é mais próximo na primeira série. Em geral a gente começava conhecendo o ginásio. Para isso, chegando lá, o aluno ia conhecer os espaços, conhecer as pessoas com quem ia conviver, os funcionários, se valorizava a importância das pessoas na vida deles, que eles estavam para cuidar dali e tal. Então, conhecer as pessoas, os espaços e a própria orientação: norte, sul da escola

---

<sup>7</sup> Guilherme Arantes é um famoso cantor e compositor brasileiro, nascido em 1953. Começou sua carreira como tecladista e vocalista num grupo rock dos anos 1970.

para poderem se situar. Cada escola fazia, no início, atividades com propostas bem concretas. Então, primeiro o ginásio, depois ia crescendo, inclusive alguns conceitos, por exemplo, aqui tem alguém que coordena, dentro do município tem alguém que coordena esse município que é o prefeito, trabalhava o conceito de autoridade e a relação com os outros.

**Eliza:** Eles tinham o Governo Estudantil, não tinham?

**Cecília:** Ah! Sim! O Governo Estudantil. Então, o professor procurava trabalhar com o tema. Por que aquele tema? Os objetivos de cada tema eram planejados. Então, quando eles diziam, no caso da cidade que era o município que eles iam investigar, então tinham os poderes, e dentro de uma democracia nós temos os três poderes. Então, em cada bimestre, a gente tinha um grande estudo do meio da série. Depois, por exemplo, tinha a primeira, segunda, terceira e quarta, a equipe que estava na primeira e segunda continuava, e os professores ficavam trabalhando naquelas séries e nós tínhamos ao mesmo tempo duas reuniões pedagógicas na quarta-feira porque ali era um planejamento e aqui era outro com outra série. Em alguns momentos, juntava a escola inteira quando era, por exemplo, uma proposta da Semana da Pátria.

**Lygia:** Mas o orientador educacional, ele não atendia os quatro anos juntos, não, ele tinha noventa alunos. Não me lembro bem se era na terceira ou quarta.

**Cecília:** Eu acho que eram duas turmas.

**Lygia:** Isso eu não me lembro exatamente, mas a gente não atendia mais do que duas turmas.

**Cecília:** Se tinham três classes, o grande Estudo do Meio era planejado em conjunto por todos. Tem uma coisa que eu aprendi no Vocacional e continuei assim: sempre, antes, tem que ver os porquês. O que a gente vai fazer e por quê? O que a gente vai conhecer? Por quê? Podia ser dois, três objetivos, mas tinha que ficar claro para todos os professores.

**Eliza:** Mas Sra. Cecília, quando a senhora fala: “Olha, a gente ia ver o prefeito, a gente tinha o Governo Estudantil, tínhamos que conhecer no tempo e no espaço esses conceitos, o que significava independência, minha independência, independência do Brasil, independência do país...” Isto significa que esses conceitos, iam sendo formados, as visitas e pesquisas feitas na comunidade, essa aproximação de conversar, de olhar como é que uma indústria funcionava, ou como funcionava a parte agrícola, ou como eram as profissões. Eu fico pensando que era

uma escola inserida na sua comunidade e que, ao mesmo tempo, só para pensar nesse próximo tópico, era uma escola que, diferente de outras, se fazia muito presente. E uma escola que vai trazendo e aglutinando diferentes pessoas, formando um aluno, na prática. Não era a escola que baixava simplesmente as normas e regras e dizia: “Olha, é assim porque é assim!”. Ao contrário, propunha a discussão e o entendimento das coisas. Bom, daí, eu acho que, nesse aspecto, esse diferente, é aceito por essa comunidade. Mas ao mesmo tempo também vai incomodar essa comunidade, não é? Vai começar incomodar por diversos motivos. Nesse aspecto, gostaria de entender porque uma experiência que parecia estar dando tão certo... Ao menos, todas as pessoas, como a Sra. Lygia colocou, ex-alunos, que quando você conversa falam bem do Vocacional e tem elos até hoje, e, em geral, foram bem sucedidas. Muitas das pessoas que conversei falam: “Como era bom o trabalho!” Eu não sei se alguém esconde debaixo do tapete alguma coisa, mas o que a gente percebe nas falas da grande maioria é que era um trabalho muito bom e que estava dando certo. Queremos entender porque essa experiência foi extinta. Por quê? Será que foi o momento? O contexto da época que fez com que essa escola fosse extinta? Por que ela não foi compreendida? Por que ela não continuou? Isso para a gente é muito importante, buscar entender não apenas para a minha pesquisa, mas como cidadãos, por que será que ela não continuou?

**Cecília:** Então, eu vou chegar até aí. Tanto a primeira série, estou falando de conhecer a comunidade, ver como é que era a indústria. O que ela tem? Eles planejavam ir para a indústria, eram três turmas e a gente misturava as equipes, formavam novas equipes misturando as três séries, as três classes, porque no retorno eles tinham representantes em cada equipe. Por exemplo, não foram todos ver o prefeito, apenas um grupo, o outro foi ver o legislativo. Então quando voltavam, tinha sempre, na classe, um representante de cada lugar e tudo era visto pela classe.

**Eliza:** Eles retornavam com os resultados das observações.

**Cecília:** Colhiam tudo e faziam relatório, o dia seguinte estavam lá escrevendo tudo, tudo e faziam desenhos, não tinha muito máquina fotográfica, então ilustravam aquilo que tinham feito. O planejamento como era feito, eles decidiam quem fazia as perguntas, quem iria entrevistar o prefeito, e o professor: “O que perguntar? “O que ele costuma fazer?” Preparava, planejava. “O que vocês gostariam de saber, como é que ele administra a cidade? Quais suas dificuldades?”

A própria entrevista e visita era muito bem preparada para na hora não precisar, o professor ficar falando isso, eles assumiam as atividades já planejadas.

**Lygia:** E acho que tinha outra coisa além dessa preparação do que ver, quer dizer, eles também discutiam, na orientação, o que eles iam observar, o que eles iam fazer... vai todo mundo perguntar a mesma coisa ao mesmo tempo? Então, eles faziam as regras para todo estudo do meio. Se ia ter um acampamento, eles discutiam o que ia fazer no acampamento, cada um tinha suas partes específicas.

**Eliza:** O antes e o depois, quando voltavam do acampamento, por exemplo.

**Lygia:** Sim, porque, por exemplo, eles tinham que apresentar o que eles fizeram, o que eles viram para os que não viram o relatório. Era uma forma de eles saberem se organizar, escrever de forma que pudesse passar para o outro. Eles tinham que analisar como foi a atividade deles, como se comportaram. Isso tudo era discutido antes e depois.

**Cecília:** A orientação educacional analisava as atitudes.

**Lygia:** Isso era muito comum, a gente discutia muito isso.

**Cecília:** Eu me lembro que num dos estudos na firma, na indústria, as pessoas mostravam só o lado positivo. Então eles iam tentando perguntar aqui e ali, perguntar, às vezes, diretamente. Então nós sempre tínhamos aquela preocupação de ver e estar atentos a tudo. Crianças de dez a quatorze anos.

**Lygia:** Eles não eram como você falou, crianças que ficavam bobinhas. Eles tinham voz ativa, eles questionavam... Esse era um ponto que posteriormente incomodava: como vamos escutar adolescente? Pais que questionam o que é feito, os pais também, eles discutiam conosco, vinham, discutiam o que e por que estava fazendo, eles podiam dizer o que não estavam gostando, ninguém, por exemplo, tocava pai da escola...

**Cecília:** Por exemplo, nas sínteses, eles eram convidados.

**Eliza:** E eles compareciam?

**Cecília:** Vinham. Eles se sentiam importantes, o filho ia contar, ia apresentar o trabalho. Imagine! Todos vinham!

**Lygia:** Vinham e participavam muito, porque a gente fazia entrevista com os pais também. Eles eram chamados para a escola, não para levar "pito", mas para dizer que seus filhos eram importantes. Então eles gostavam e acompanhavam tudo isso. Para eles também era tudo novo. Então era uma coisa muito rica, mesmo, viu?

**Cecília:** Eu tinha uma relação de temas que eram trabalhados, tinha de São Paulo, de Americana... Eu pedi para a Esméria ontem, porque não encontrei os meus, que eu tinha anotado. É só para você ter uma noção, por exemplo, na primeira série, aqui de São Paulo em 1966, segundo bimestre: “Como vivem as famílias da comunidade?” Então, primeiro a escola, depois a comunidade: “Como vivem as famílias da comunidade onde se localiza o Vocacional?” Isso eles pesquisavam e no fim os alunos apresentavam, juntavam três ou quatro turmas do colégio de São Paulo e eles coordenavam. Eles eram treinados em assembleias para apresentar e para ouvir. Então eles elaboravam e nós professores íamos assistir, a classe toda ali e os pais que eram convidados. Então veja o terceiro bimestre: “O metrô”, veja como era atual, “O metrô resolveria todas as necessidades de São Paulo?” Acho que estava começando aqui o metrô. Quarto semestre – “Somente a indústria explica o desenvolvimento de São Paulo?” Veja! De segunda série! O último: “Por que está havendo um desenvolvimento grande em São Paulo?” Quer dizer, são temas pesados e atuais e com isso então eles se organizavam, todas as matérias. No fundo eles iam aprendendo e se atualizavam. “Pode São Paulo viver sozinho?” “Como essa transformação conseguiu para o homem condições ideais de vida?” “Esse progresso trouxe condições ideais de vida à população?”

**Lygia:** Essa daí está difícil de responder até hoje.

**Cecília:** Até hoje. Então não é o progresso material que resolve, mas por quê? E eles percebiam, falavam: “Por que existiam moradores de rua?” Eles viam e questionavam tudo isso. O quarto não foi encontrado. Veja a terceira série: “São Paulo e os Estados Meridionais lideram realmente o Brasil? O que é essa liderança? Por quê? Onde se refletem as diferenças culturais no Brasil?” Veja agora a quarta série, alunos de quatorze anos: “A explosão demográfica e os problemas de sobrevivência do mundo atual.” Esse, em Americana, teve um bem parecido. O crescimento populacional em consequência e a sobrevivência do mundo atual. Segundo: “A era espacial.” Então a gente procurava em cada bimestre, em um, por exemplo, desenvolver mais o lado científico, em outro mais o lado econômico, em outro o lado educacional, para tentar aprofundar mais. Então “A Era espacial” e “A rivalidade das nações no panorama da Guerra Fria.”

**Lygia:** Que estava no auge na época...

**Cecília:** Aquele período conflituoso entre Estados Unidos e Rússia. “A posição dos valores ocidentais em relação ao mundo oriental.” A gente vê que eram temas bem assim...

**Eliza:** Atuais e profundos.

**Cecília:** Então, hoje, se forem estudados dá para aprofundar, e olhe lá... Uma coisa que existia no Vocacional, por exemplo, para levantar um tema desse...

**Eliza:** Começava onde?

**Cecília:** Começava no Conselho Pedagógico.

**Lygia:** Até antes não é Cecília? Entre direção e orientação pedagógica. Detalhadamente era com os professores.

**Cecília:** Estudos Sociais estava sempre na frente numa linha social, política. Na Plataforma dizia como é que a gente vai, por exemplo, trabalhar essa explosão demográfica, por exemplo, cada professor em cada área pensava: quais perguntas eu posso levantar? Como que eu faço? Então, passavam um filme que projetava aquele negócio da explosão demográfica, a questão populacional... Então joga e mostra o morador de rua etc. A preparação era feita com muito cuidado e com muito entusiasmo. Cada um trazia algo. Nós tínhamos o RAV - Recursos Audiovisuais, e a Esméria trabalhava também nisso. E o professor conversava e o Recurso Audiovisual pesquisava quais filmes tratam desse assunto, fazia o levantamento de revistas, iam aos consulados...

**Lygia:** Quais recursos o professor poderia utilizar para apresentar isso de uma forma dinâmica, que chamasse os alunos.

**Cecília:** Então era um negócio muito bem preparado. Então, como tudo era discutido no coletivo, todo mundo crescia, então, por exemplo, Educação Doméstica falava: “Meu Deus do céu!” Quer dizer, coisas que ela nunca tinha visto: “Ah! Eu posso ver?” O Nelson fala do livro: “Geografia da Fome” que fala da desigualdade do país, então quando foi...

**Eliza:** Nelson?

**Cecília:** Da Educação Física, ele fala no filme<sup>8</sup>, Nelson Sanchez<sup>9</sup>, marido da Lucilia<sup>10</sup>. Então ele coloca a questão abordada. Imagine! Foram lá e pegaram!

---

<sup>8</sup> O filme a que se refere Cecilia Guaraná foi intitulado de “Vocacional: uma aventura humana”, documentário com 77 minutos, do cineasta e ex-aluno, Toni Venturi. Apoio da GVive. Produção: Mamute Filmes e Olhar Imaginário.

<sup>9</sup> Nelson Freire Sanchez foi professor de Educação Física em no Geva e Supervisor de área no SEV de 1965 a 1969.

Imagine esse livro com essas crianças, o que tem a ver? Então ele falou, mas isso o Nelson diz no filme: “Mas isso todas as bibliotecas têm, a geografia, isto é um mapa aqui do Brasil.”

**Eliza:** Como assim?

**Cecília:** Por que crianças dessa idade vão querer ver esse livro? O que eles vão querer vendo esse livro? Realmente isso é um desafio para quem estava na ditadura. Tudo ficou proibido, tudo. Proibiram qualquer reuniãozinha. Você nem era nascida, você soube que nos jornais foi instalada a censura? Então, por exemplo, no Estadão, na Folha, tinha a censura. No começo eles punham, por exemplo, no lugar do que foi censurado, uma receita de bolo, pão, depois deixaram esses espaços vazios.

**Lygia:** É, mas a receita de bolo demorou bastante tempo.

**Cecília:** Demorou bastante tempo. Depois também nem dava para encher tanto com foto, quem recebeu o jornal tinha uma noção da quantidade de censuras feitas. De fato, tudo ficou proibido, não podíamos ter grupos...

**Lygia:** Já era crime.

**Cecília:** Crime político. Em 1968, com o AI-5<sup>11</sup>, foi terrível. A gente continuou trabalhando, mas as coisas começaram a ficar difíceis a partir daí.

**Eliza:** No Vocacional dava para sentir isso? Mudou alguma coisa? Vocês se recordam de fatos nesta direção?

**Cecília:** A gente foi tendo um pouquinho mais de cuidado nas coisas.

**Lygia:** No que falava. No auge da ditadura eu tinha me casado. Então eu não estava, mas eu acompanhava de longe, quer dizer, a preocupação que a gente tinha era, por exemplo, com a Glorinha: ela ia viajar para a Europa e, de repente, ela foi tirar o passaporte, disseram que ela não podia ir porque ela estava fichada no Dops. Foi uma das coisas que não esqueço. Cheguei para o meu marido e disse: “Precisamos trazer ela aqui pra casa.” Ele disse: “Pode trazê-la amanhã se você quiser.” Não era atuação política, nada disso, mas ela era muito amiga da gente. Mas no fim não precisou. Mas quando ela foi tirar o passaporte estava lá: não pode

---

<sup>10</sup> Lucília Bechara Sanchez professora e supervisora de Matemática e colaboradora desse nosso trabalho.

<sup>11</sup> O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur Costa da Silva. Autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus.



sair do país porque está fichada, certo? Então era uma coisa assim que a gente tinha uma preocupação muito grande... Tem um colega de Batatais que quando meu marido ia me visitar ele ficava na casa dele, mas ele, durante a ditadura, sumiu. Era mais ativo, era militante ativo, não sei nem bem do que, mas nós nunca soubemos o que aconteceu.

**Cecília:** Novinho, eu me lembro dele... era de Práticas Agrícolas.

**Lygia:** Não tinha nem trinta anos.

**Eliza:** Como ele se chamava?

**Lygia:** Ari Rocha Miranda<sup>12</sup>.

**Cecília:** O Ari trabalhou uns dois anos lá não é?

**Lygia:** Acho que até mais.

**Eliza:** Ao procurar por profissionais dos Vocacionais, apareceu, entre os mortos e desaparecidos políticos este nome, se eu não me engane.

**Lygia:** Nunca mais soube...

**Cecília:** Mesmo durante a ditadura.

**Lygia:** Ari Rocha Miranda.

**Cecília:** Ele era professor de Práticas Agrícolas. Tinha feito curso em Minas, era de Viçosa. Para ele poder entrar, precisou de uma licença especial, ele tinha dezoito anos apenas.

**Lygia:** Ele trabalhava bem na área dele, ele gostava do que fazia. Isso foi uma das coisas assim... mesmo a gente que não estava atuando no Vocacional tinha uma preocupação com quem estava porque a gente sabia que foi um período muito difícil, eu acho. Para vocês ainda mais, não é, Cecília? Vocês estavam lá.

**Cecília:** Mas procurávamos desenvolver as coisas de uma forma científica. A Era Espacial como é que foi feito? Tentando mostrar os dados, objetivamente falando. Ninguém iria dizer alguma coisa. Nunca se falava muito abertamente, mas você ia trazendo os dados e as pessoas iam percebendo e formando os conceitos.

**Lygia:** Os dados não eram formados a partir do que a gente falava.

**Cecília:** Igualdade das nações: o mundo está dividido em duas partes: Estados Unidos e Rússia e há um desentendimento, há questões de ideologia, então

---

<sup>12</sup> Ari Rocha Miranda, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), seu nome consta da listagem dos mortos e desaparecidos políticos. Teve um fim trágico: foi morto por um companheiro militante de esquerda por querer sair da Organização – ALN.

há dificuldades nessas relações, mas a gente procurava mostrar o folclore, as diferenças no Brasil, trazendo os dados de uma forma científica e objetiva.

**Lygia:** Queríamos que eles conhecessem o país onde viviam, não para ser de um lado ou de outro, mas que eles tivessem argumentos para conhecer a realidade.

**Cecília:** Nas minhas argumentações, quando fui chamada e tal, eu usava o recurso pedagógico. Pedagogicamente é importante, e a gente apresentava isso, aquilo...

**Eliza:** E a senhora foi chamada para prestar depoimento?

**Cecília:** Houve um IPM - Inquérito Policial Militar. Muitos de nós fomos. Então, nas argumentações, eu entrava na questão pedagógica. A gente tomava muito cuidado, não era uma coisa “porra louca”. Tínhamos responsabilidade com aquelas crianças.

**Lygia:** E nem cabia, pois se tínhamos uma visão democrática não era para nós dizermos: “Você deve ter tal visão.” A escola tem que apresentar, mas não dizer.

**Eliza:** Não tem que ser católico, protestante ou do candomblé. São escolhas.

**Lygia:** Nem fazer você escolher, você tem que saber escolher, você é quem sabe.

**Cecília:** Estou pensando numa coisa: o Governo Estudantil de Americana, eu acompanhei de perto, já no período da ditadura, mas foi eleito o governo, nunca houve questionamento disto. Tinham o prefeito da cidade e o governador do estado no governo estudantil e tinha também um grupo que era eleito, que fazia as leis: o legislativo. Não me lembro bem como era, mas existiu dentro de um período de ditadura. Então, a gente procurava mostrar o que eles tinham que ser, como eles já tinham discutido a questão da prefeitura, do Estado, da relação da democracia, a gente trabalhava com o processo democrático, mas nunca assim: “Então vocês...”. Os valores eram trabalhados.

**Lygia:** O Governo Estudantil surgiu depois dos Estudos do Meio. Desde a primeira série, quando, por exemplo, se comemorava a Independência do Brasil (as datas cívicas eram comemoradas na escola com os alunos) eles tinham que saber o que era, porque era um feriado, como era. Por exemplo, em Batatais tinha o desfile da cidade, o desfile de “Sete de Setembro”, tinha o porta bandeira... Então se trabalhava: “O que é o porta bandeira? Quais requisitos são necessários para um aluno representar um porta bandeira? Às vezes escolhiam o mais bagunceiro. Daí

perguntávamos: “O que está representando?” “O que significa a bandeira do país?” “O porta bandeira é alguém que está fazendo bagunça, não respeita o direito do outro, como é?” Isso era trabalhado. Depois eles escolheriam o porta bandeira. “Quem ia ser?”. Ou seja, depois que eles levantavam os pré-requisitos para ser o porta bandeira escolhiam quem seria, naquele ano, o representante. Então isso era uma coisa que a gente considerava importante: aprender a escolher e eles vivenciavam inúmeras situações para isso. Era importante eles saberem o que gostavam, o que não gostavam e o que significava, tinha que saber o porquê estava escolhendo e para quê. O Governo Estudantil era o final do processo.

**Cecília:** Então quando fazemos aquela pergunta: “São Paulo pode viver sozinho? Como é que o Brasil com essas diferenças regionais?” Eu lembro que Americana sempre procurava um tema que desse para trabalhar com a questão da democracia, da justiça, da verdade, e o conteúdo levava à formação e à prática que desencadeava na Semana da Pátria, Sete de Setembro.

**Eliza:** Tenho no roteiro uma pergunta assim: como os professores eram sensibilizados para efetivar a proposta pedagógica do Vocacional, tão alternativa no panorama das escolas da época? Eles realizam um treinamento antes e depois?

**Cecília:** Na parte prática do curso eles visitavam as escolas e já conheciam como é que funcionava.

**Eliza:** Antes de assumir a sua escola?

**Cecília:** Antes de ser selecionado, durante o treinamento inicial. A primeira turma visitou Socorro, onde originou o trabalho.

**Lygia:** É! Onde surgiu a ideia...

**Cecília:** ...a ideia do trabalho da Maria Nilde.

**Eliza:** As classes experimentais de Socorro.

**Lygia:** Foram seis meses de preparação para os que se interessaram. Depois que foram escolhidos os professores tinham esse estágio ou passavam por todos?

**Cecília:** Foi durante o curso.

**Lygia:** Antes da escolha. Mas da segunda turma em diante, quando já tinha os Vocacionais de Americana, Batatais e São Paulo instalados, eles faziam parte, continuou tendo um curso para os interessados, aí eles faziam estágio, eles passavam uma semana em cada unidade em São Paulo, Americana e Batatais. Daí ia uma equipe que estava fazendo o curso para Americana, outra para Batatais e a

outra ficava em São Paulo, depois trocavam. Mas eles faziam estágio de uma semana nas unidades.

**Eliza:** Depois de contratados eles faziam outros cursos? Havia cursos nas férias de julho ou de janeiro? Os professores vinham para São Paulo? Existia uma formação contínua?

**Cecília:** Eles recebiam a parte teórica, depois a prática. Eles eram selecionados a partir disso, quer dizer, alguns que já não se interessassem, e se tivessem mais dificuldade já desistiam...

**Lygia:** E a gente que estava trabalhando observava os estagiários.

**Cecília:** Alguns eram muito mais dedicados, outros a gente ajudava a dar informações.

**Lygia:** Então tudo isso era observado no curso.

**Cecília:** Eles entravam sabendo onde iam trabalhar. Eliza, você falou sala de aula...

**Eliza:** A ideia era começar olhando para o Vocacional e depois para a sala de aula, o cotidiano dos professores.

**Lygia:** A sala de aula tinha uma estrutura diferente. Já falamos.

**Eliza:** Sim. Como funcionavam? Eram salas ambientes?

**Cecília:** No começo, na precariedade daquelas salas simples, tínhamos as salas ambientes. Em Rio Claro, tiveram aulas no Horto até o prédio ficar pronto. Eles ficaram um tempo lá. Mas quando tinha possibilidade, como em Batatais, Americana, antes de construir o prédio, tinha um espaço maior, tinham as salas específicas. História, por exemplo, não falam muito mais nisso, não é recomendável, mas nós tínhamos a “frisa histórica”, ou seja, tinha uma faixa com os séculos na sala e à medida que eles iam estudando alguma coisa que tivesse alguma ocorrência na Grécia, por exemplo, a democracia na Grécia. “Quando foi isso?” “Foi antes.” Então as coisas eram colocadas constantemente e você tinha uma visão, porque o difícil para gente é ver a concomitância dos fatos. “Isso aconteceu aqui e o que estava acontecendo no resto do mundo quando isto aconteceu?” Estudos Sociais eu achava muito interessante: eles iam estudando as conclusões, de algumas coisas importantes e preenchiam.

**Lygia:** Na “frisa do tempo”.

**Cecília:** Na “frisa do tempo”. Iam escrevendo e deixando, ficava na sala de Estudos Sociais. Português, por exemplo, tinha o espaço dos autores, a sala se organizava em painéis, o que iam estudando colocavam em painéis.

**Eliza:** E a sala de matemática, vocês se lembram como era?

**Cecília:** De matemática...

**Lygia:** Olha matemática nunca foi meu forte, mas matemática, o que eu lembro bem, era um entrosamento com as outras matérias.

**Cecília:** Perguntavam: “Como Matemática pode trabalhar nesse tema?”

**Lygia:** Não ficava uma coisa árida.

**Cecília:** E, muitas vezes, os colegas ajudavam a ver a importância da matemática no tema, por exemplo, o crescimento demográfico. A Era Espacial, matemática está por trás de tudo isso. “Em que a matemática pode contribuir?” “Por quê?” “Esses cálculos da velocidade da luz, das distâncias.” Então o pessoal entrava ao lado do desenvolvimento daqueles conteúdos básicos da sua disciplina, procurando a integração entre eles...

**Lygia:** A população como era distribuída...

**Cecília:** Estou pensando na sala ambiente de Matemática...

**Lygia:** É, isso eu não consigo lembrar...

**Cecília:** De Estudos Sociais é que ficou mais gravado, mas você sabe muito bem, algumas coisas podiam ficar se ajudassem em algumas conclusões e que pudessem ser retomados em outras ocasiões: nomes importantes, descobertas. “Como é que conseguem construir um prédio desse?” “Antigamente, vamos comparar o tempo, o que aconteceu?” “Como evoluiu?”

**Eliza:** A questão do metrô, por exemplo, fico pensando quais questões podiam levantar em Matemática?

**Cecília:** Gente, como é que faz um buraco na terra?

**Eliza:** A velocidade nas linhas, quantas pessoas comportam, qual o fluxo, quanto se arrecada? A gente não consegue sair disso, o nosso mundo lida com cálculos matemáticos diariamente. E mais, estão vinculados à realidade, não está um mundo separado, ele está inserido...

**Cecília:** E muitas vezes pode começar: como construir um metrô? Começa de um lado, começa do outro lado e vão se encontrar. Meu Deus, que precisão que tem que ter!

**Lygia:** Eu acho que tem uma coisa bonita na matemática.

**Eliza:** É muito bonito sabe por quê? Mas eu falo assim para os meus alunos: “Ao acordar de manhã, você já pensa: “Qual trajeto que eu vou fazer? “Eu estou pensando especialmente, por qual caminho chego no menor tempo ou tenho o menor gasto de gasolina mensal?” Vivemos fazendo esses cálculos. Na Economia Doméstica, como vocês falaram. Sem dúvida, quase sem querer, temos um pensamento lógico-matemático.

**Cecília:** Em tudo. É só trazer para a reflexão. Porque fazemos mecanicamente.

**Eliza:** E a nossa escola, muitas vezes, não tem feito o exercício da reflexão.

**Cecília:** É... as nossas escolas não trazem.

**Eliza:** A tecnologia, por exemplo, trouxe muitas coisas consideradas boas, benéficas, mas também trouxe muitas coisas que devemos questionar.

**Lygia:** Agora, o professor de hoje, é difícil ele poder refletir porque são quarenta, cinquenta alunos numa classe. Esse é um ponto que devemos olhar. A gente, no Vocacional, conseguiu fazer muita coisa porque tinha toda uma estrutura que favorecia isso, eu acho que com quarenta, cinquenta alunos numa classe, dificilmente, muitas das atividades que praticávamos seriam possíveis.

**Eliza:** Um professor que pode ter até sessenta aulas semanais em variadas escolas, como irá se envolver com o projeto pedagógico de uma escola?

**Lygia:** A gente ficava oito horas na escola, a gente tinha essa vantagem. Agora o professor dá quatro horas aqui, mais quatro horas ali, num corre-corre e ainda com toda uma pressão.

**Eliza:** Sem ganhar bem.

**Cecília:** E, muitas vezes, tem uma formação precária. As escolas públicas podiam formar melhor, muitos dos que estão hoje trabalhando na Educação não tiveram condições de fazer bons cursos.

**Eliza:** Daí a importância desses relatos, dessa história. Sabe por quê? Quando a gente conhece, pensamos: existiu uma escola e foi aqui, no estado de São Paulo. Realmente existiu, não foi idealizada.

**Lygia:** E olha, por exemplo, nós tínhamos a formação em serviço.

**Eliza:** Como?

**Cecília:** No próprio planejamento.

**Lygia:** O Estudo do Meio, se for bem planejado, você pode fazer.

**Cecília:** Fazíamos pesquisas, ouvíamos outro falar aquilo que pesquisou, quer dizer, você vai junto com o outro, você vai crescendo, vai aprendendo, cada um vai crescendo... Há uma formação em serviço.

**Lygia:** Isso era constante. Os professores não ficavam abandonados. Se eles tivessem um problema, eles iam conversar com a orientação pedagógica que podia chamar os recursos audiovisuais. Se era uma coisa da comunidade, discutia com a diretora como poderia desenvolver, se tinha aluno dando trabalho, o orientador educacional estava lá, não para chamar o pai e falar: “O seu filho é malcriado”. Pensávamos: “Como é que vamos lidar com isso dentro dessa proposta toda?”

**Cecília:** Isso é uma coisa que dá para fazer, se você valorizar a Educação.

**Lygia:** Ter um horário para os professores conversarem, ter menos alunos em cada classe e ter mais classes. É preciso ter menos alunos para o professor poder trabalhar com qualidade.

**Eliza:** Se não tivesse sido fechado, vocês acham que seria possível continuar e expandir a estrutura do Vocacional para a rede comum?

**Cecília:** Então, antes disso eu quero dizer uma coisa sobre o currículo. Eu fiquei em Batatais um ano, e quatro anos Americana, lá eu quis estar os quatro anos para poder acompanhar uma turma; ver entrar e sair. Na segunda turma, em 1966, a escola já estava muito conhecida. Por isso nós recebíamos visitas constantemente das universidades, pessoal de Campinas, da Universidade Católica. Aqui em São Paulo, nós tivemos algumas experiências interessantes, por exemplo, o Colégio São Paulo.

**Lygia:** Qual? Da USP?

**Cecília:** Sim, o Colégio de Aplicação da USP<sup>13</sup>. O Colégio de Aplicação também desenvolvia um trabalho interessante e a gente trabalhava meio junto com eles. O pessoal aqui de São Paulo, a gente entendia, eles iam lá, a gente vinha conversar com eles. Havia muita troca. A escola estava aberta, eu recebia muito este pessoal. Eu me lembro que, numa dessas visitas, tinha uns painéis com coisas. Eu passava lá e olhava tudo e depois os levava para conhecer tudo. As visitas eram

---

<sup>13</sup> A Escola de Aplicação da USP nasceu em 1956 como classe experimental de primeiro ano primário associada ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo Professor Queiroz Filho (CRPE-SP). Em 1958 tornou-se Escola Experimental com o objetivo de realizar ensaios de técnicas de ensino e oferecer cursos de formação para professores. É, até hoje, reconhecida por suas experiências e propostas pedagógicas diferenciadas no ensino fundamental público. Em 1973 vinculou-se à Faculdade de Educação (FE), passando a se chamar Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – EAFEUSP.

comuns. Em Campinas, o coordenador do Gecam era o Coronel Cerqueira Lima, e antes dele era o Coronel Hélio, ele era um carioca e a esposa dele era professora. Ele ia para o Vocacional e falava assim: “Queria que minha mulher viesse aqui para conhecer esse trabalho de vocês e tal”, então ficamos amigos. E ele ia fazer sempre algum serviço lá, isso em 1965, mais em 1966. Sempre levava algum grupo para conhecer o Vocacional, sempre nos visitava. Então ele era o nosso admirador e nós também gostávamos muito dele. Ele saiu do Gecam, daí veio o Coronel Cerqueira Lima que já era do SNI.

**Eliza:** SNI?

**Lygia:** Serviço Nacional de Informação.

**Cecília:** De Informações do Exército. Então ele vinha nos visitar e já tinha outra postura: foi querendo encontrar as coisas. Então o Coronel Cerqueira Lima, ao invés de enxergar como o outro que via a importância da proposta na sala de aula, a liberdade (tanto é que quando ele foi sair, ele reuniu todo o pessoal conhecido de Americana no próprio ginásio). Isso o Coronel Hélio. Observava e tinha uma visão diferente... não sei se vale a pena ser colocado isso...

**Eliza:** Sim, claro que vale.

**Cecília:** Então, ele foi lá e tinha o tal do painel. Alguém disse que fez o mapa mundi. Ele viu e ficou impressionado e me chamou para perguntar por que o Vietnã era notícia? No painel tinha recortes da Guerra do Vietnã. Perguntou para mim: “Por que isso?” “Que aluno dessa idade estuda essas coisas?” Ele também ia para Rio Claro. A Edineth<sup>14</sup>, na época, diretora lá, o recebeu para fazer uma palestra. Neste dia visitou Rio Claro e depois Americana. Para o meu azar ele sentou – a gente não tinha espaço, não tinha auditório, por isso a gente fazia as palestras no refeitório - colocava as cadeiras para pais, alunos, professores. Começou a faltar luz, apagou umas três ou quatro vezes. Eu fiquei apavorada. Pensei: “Meu Deus do céu!” As coisas, naquela época, já estavam começando a esquentar. Daí ele conseguiu fazer a palestra, nem me lembro mais, apenas lembro que eu fiquei muito preocupada até que conseguíssemos resolver as coisas.

**Lygia:** Iam achar que você que estava desligando de propósito (risos)...

**Cecília:** Sim! Boicotando a fala dele! Mas aí, com isso, ele voltava, às vezes, fazia os comentários, mas então deu tudo certo.

---

<sup>14</sup> Edneth Ferrite Sanches foi diretora do Ginásio Vocacional de Rio Claro de 1967 a 1969.



**Eliza:** Sabemos que o Gecam, o exército, no início, eram parceiros, amigos do Vocacional de Americana. Eles ajudavam, inclusive, nos acampamentos, e ao final participaram da invasão do dia 12 de dezembro, não é?

**Cecília:** Porque mudou o comando, mudou a forma de olhar. Como é importante o olhar! O papel do diretor é muito importante também, o papel daqueles que estão ali, conforme seu jeito de olhar, você dá uma cara para aqueles...

**Lygia:** É! E você interpreta os fatos de acordo com o seu olhar: uma coisa que pode significar crescimento para uns, para outros pode ser uma coisa vista como prejudicial aos outros.

**Cecília:** Você me fez uma perguntinha que eu não sei, eu falei espera um pouquinho. Você me perguntou por que fechou?

**Eliza:** Sim.

**Cecília:** Porque, por exemplo, a formação dos alunos a gente procurava dar numa linha bem objetiva. O importante para a gente era coletar os dados e trazê-los para refletir. Eles refletiam sobre os dados. “Vamos procurar saber por que está acontecendo isso?” Então eles percebiam a diferença de um lugar para outro. Trazer a realidade para o interior da escola, teoricamente, era proibido, mas a gente, apoiado na metodologia, trazia as informações, objetivamente. Então acho que a metodologia nunca foi proibida, viu? A gente conseguia aplicar, acho que até o fim.

**Lygia:** E tinha uma coisa, não é, Cecília? Tinha uma representatividade da comunidade na escola, não era uma escola de elite. Eram selecionados alunos das várias classes sociais. Tinha 10% de classe C, tinha 10% de classe B... Então era uma escola representativa da comunidade, não era uma escola de elite, onde só estudava um grupo homogêneo.

**Cecília:** Eles conviviam com as diferenças, isso era importante. Quer dizer, o rico e o pobre estavam juntos e se conheciam, não eram inimigos.

**Lygia:** Não tinha essa coisa, não era ameaçador.

**Eliza:** Por que não tivemos continuidade? Muitas coisas poderiam ser diferentes hoje.

**Cecília:** Quem fechou? O exército. Porque não podia falar, daí começaram levantar as coisas...

**Eliza:** Em Americana houve uma denúncia formal de um professor do Vocacional...

**Lygia:** Mas a denúncia formal, quando há uma denúncia, você tem que verificar, por que não é?

**Eliza:** A validade dessa denúncia.

**Lygia:** E quem denunciou é porque não estava conseguindo, na sua área, desenvolver um planejamento adequado. Então ele foi chamado, como todos eram chamados (os professores eram avaliados constantemente) ele foi chamado e foi dito: “Olha, você precisa melhorar a apresentação desses aspectos do seu trabalho”.

**Cecília:** Em Americana havia muita estamperia. Os colegas também ajudavam: o Ângelo<sup>15</sup> falava: “Você tem que preparar estamperia, vai até a fábrica, estuda isso aqui para você trabalhar com seus alunos”.

**Lygia:** Ele ficou ofendido. Por isso fez a denúncia. Eu acho que quando a gente quer achar, a gente acha. Agora, um ponto importante é a gente trabalhar com os fatos, porque quando analisamos os fatos. Você não pode, por exemplo, dizer, distorcer a realidade. Se o fato está baseado num fato real, num estudo real, quer dizer, esse estudo está revelando este dado que pode, precisa ser desenvolvido, então você não está perseguindo, você está mostrando para poder trabalhar. Agora, se eu quero viver no mundo da fantasia, a realidade, este trabalho é muito ameaçador. Eu acho que esse é ponto.

**Eliza:** Sim.

**Lygia:** Eu acho que isso é uma coisa. E olha quanto mais você convive com as diferenças, com as realidades diferentes, com os valores diferentes, a gente vai percebendo cada vez mais o quanto cada um é importante no projeto. Que não tem um que seja o melhor. É claro que tem alguns que têm mais conhecimento numa determinada área, mas se tivermos um outro que tenha um conhecimento diferente que complete, a riqueza vai ser maior do que se eu juntar todo mundo que tenha uma coisa em comum e trabalhe em função daquilo, porque daí eu deixo de ver a realidade como um todo.

**Eliza:** Na multiplicidade.

**Lygia:** Além da minha família (aprendi muito com minha família, que tinha essa visão) uma coisa que o Vocacional me formou para ver isso, como cada um era importante, sabe? O quanto cada um é importante... E o quanto você tem que ouvir o outro.

---

<sup>15</sup> Sr. Ângelo Pompeo, professor de Práticas Comerciais no Ginásio Vocacional de Americana é depoente neste nosso trabalho.

**Cecília:** Ninguém ouve o outro hoje.

**Lygia:** Ouvir o outro, isso é muito importante, porque quando eu cheguei no Abrigo, eu tinha toda uma experiência de vida, mas não conhecia o Abrigo, mas eu consegui fazer um trabalho, graças a Deus. Porque eu ouvia as pessoas, eu ouvi o médico que estava lá há não sei quanto tempo, eu ouvia aqueles que cuidavam das crianças...

**Cecília:** Quando não conhecemos o aluno, qualquer atitude dele, meio diferente já...

**Eliza:** O professor muitas vezes está sempre na defensiva.

**Cecília:** Na defensiva. Então ele não cria laço, ele cria hostilidade.

**Lygia:** É, não consegue ver o que está acontecendo realmente, e tem o outro lado, eu acho que hoje em dia as crianças, os pais, estão mais difíceis, a gente não pode deixar. Difíceis porque ninguém foi preparado para ouvir o outro. Eu recebia mãe em crise quando trabalhava em Abrigo e a gente dava um jeito de contornar até que ela pudesse falar.

**Eliza:** Lembrei de uma pergunta: O mundo foi e é muito competitivo. Como o Vocacional, como vocês trabalhavam a competitividade? Ela “existia” no Vocacional?

**Lygia:** A gente trabalhava assim: cada um era importante para resolver o problema. Se cada um ficasse resolvendo sozinho seria difícil e complicado, ia faltar dados, e esses dados, todos, eram importantes. Mas isso, eles vivenciavam, não é Cecilia, na prática? Eles não tinham: “Eu posso fazer sozinho!” Quer dizer, o próprio trabalho levava os alunos a perceberem que sozinhos eles teriam um dado incompleto, que o dado que o outro pesquisou se não contasse para solução do problema, iria complementar.

**Eliza:** Gostaria de falar um pouco sobre a Maria Nilde. Ela foi uma pessoa tão importante para o Vocacional, não é?

**Cecília:** Eu escrevi um texto sobre Maria Nilde, queria que você o lesse.

**Eliza:** Ah! Eu gostaria muito, por que em algum momento de meu trabalho, se for possível, pretendo falar da Maria Nilde.

**Cecília:** Depois mando para você.

**Eliza:** Obrigada.

**Lygia:** Ela era linda!

**Cecília:** Eu me lembrei de uma coisa que eu tinha escrito aqui quando li o roteiro. Com o correr do tempo a gente ia “inventando moda” nova. Uma delas foi o Projeto Livre Escolha. Um sábado por mês, nem me lembro de que ano, mas foi em Americana, trabalhamos com esse projeto uns dois anos. Então, o que acontecia nesses sábados? Cada professor ou cada grupo se juntava e oferecia tais e tais projetos, às vezes de um professor ou de um grupo. Eram projetos no qual os alunos de todas as séries, da escola inteira, poderiam se inscrever e participar. Por isso eram projetos de livre escolha. E aconteciam uma vez por mês, alguns ligados à matemática...

**Eliza:** A senhora lembra algum?

**Cecília:** Lembro-me de um que eu propus: Cinema. Eu trabalhei na comissão de cinema, tinha feito um curso de cinema. Então, abri um curso de Cinema, alguns alunos se inscreveram, inclusive o presidente do Governo Estudantil, Gilberto Caron. Ele se inscreveu neste projeto e hoje trabalha com cinema.

**Eliza:** Gostaria de falar e conhecer muitas outras pessoas!

**Cecília:** Acho engraçado... nós tínhamos de tudo... Tinha Artes, tinha Educação Sexual. As pessoas se inscreviam independente da idade e tinha o trabalho prático e o teórico. Não era só discussão e era de livre escolha. Depois, recebíamos visitas. O pessoal ficava encantado. Diziam: “Como vocês conseguem?” No filme (do Toni Venturi) até a aluna fala: “Eles ganhavam bem”. Não. Nós recebíamos tanto quanto todos os outros professores de outras escolas recebiam, quarenta e quatro horas. Mas, tinha um diferencial: a permanência nos lugares.

**Lygia:** O salário. Eu tinha a ideia de que a gente ganhava mais, mas não, como a gente ficava só num lugar, a despesa era menor.

**Cecília:** Em 68 foi feita a proposta do curso noturno. O noturno foi criado em São Paulo, Americana, Rio Claro, Barretos. Batatais acho que não teve. Na tese da Maria Nilde<sup>16</sup>, o quarto capítulo é sobre isso, do Vocacional. Pela tese você pode conhecer o perfil da Maria Nilde.

**Lygia:** A Maria Nilde ela tinha uma clareza em termos de educação, uma base teórica fora de série.

**Cecília:** E uma inteligência muito aguda.

---

<sup>16</sup> Mascellani, M. N. **Uma pedagogia para o trabalhador:** o Ensino Vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT). Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1999.

**Lygia:** E uma sensibilidade...

**Cecília:** Ela captava...

**Lygia:** Captava as coisas. Ela tinha essa capacidade. Ela sabia coordenar e também sabia buscar as pessoas importantes para o trabalho se desenvolver e fazer a formação, para desenvolver os projetos. Ela tinha uma capacidade assim.

**Cecília:** Em 1968, 1967, isso não me lembro bem, foi instalada a experiência em meio período e também iam tentar em período noturno. Eu estou ajudando o Neto a catar e ir procurando as pessoas. Ele quer fazer um documentário sobre o noturno. Todo mundo está pedindo e a gente não tem.

**Eliza:** Tem o material dos Vocacionais no Cedec<sup>17</sup> - cem caixas de material do Vocacional.

**Cecília:** No Cedec?

**Eliza:** Sim, aqui do lado da PUC.

**Lygia:** Não sabia!

**Eliza:** Pena que os documentos não estão catalogados.

**Lygia:** Cecília, a gente podia ir uma tarde por semana, poderíamos ajudar a organizar.

**Cecília:** Hoje o Daniel deixou na minha casa uma caixa de um material do noturno.

**Lygia:** Oh! Se você quiser, você combina, traz aqui, ajudo a separar.

**Cecília:** Ótimo! Não chegou ainda, mas, na semana que vem a gente vê isso.

**Lygia:** Se você quiser, vou lá ou você vem aqui.

**Eliza:** Bom, acho que conversamos muita coisa. Vocês gostariam de falar mais alguma coisa? Sra. Cecília, Sra. Lygia, gostariam acrescentar algo para finalizarmos?

**Lygia:** Eu acho até que nós falamos demais...

**Eliza:** Nem um pouco, achei muito bom.

**Cecília:** Fugimos muito dela?

**Eliza:** Fugiram? Do quê? Do roteiro?

**Cecília:** Da sua entrevista.

**Lygia:** Deu para você ter uma ideia?

---

<sup>17</sup> Cedec- Centro de Documentação e Informação Científica "Prof. Casemiro dos Reis Filho".

**Cecília:** Para você ter uma visão? Então, por exemplo, eu acho que foi instalado, mas durou pouco, porque não deu para acompanhar, porque foram praticamente dois anos, pois infelizmente a experiência foi cortada.

**Eliza:** Ceifada mesmo.

**Cecília:** E depois como foi ceifada houve um período de muito medo, ninguém queria falar do assunto.

**Eliza:** Eu imagino.

**Cecília:** Tínhamos muito medo porque alguns estavam detidos, havia interrogatórios. Mas o que aconteceu? Aqueles que saíram, cada um voltou para sua escola, da qual estava afastado, aqueles que estavam comissionados no Vocacional. Tinham prestado o concurso. Eu estava efetiva na direção da escola em Santos. Então voltamos para as nossas escolas. E o que fizemos? Quero dizer, quem saiu do Vocacional como professor levou isso para a vida inteira. Como os alunos falam. Então o que a gente fez? Fizemos um grupo com reuniões semanais. Nisso, a Heloisa Monzoni nos ajudava. Então fazíamos reuniões e perguntávamos: “O que a gente pode fazer dessa escola?” Tentamos fazer planejamento integrado e até conseguimos levar os alunos para o Rio de Janeiro. Foi uma loucura! Hoje não dá mais para fazer isso. Fizemos o plano, o que visitar e tal e os levamos. Isso foi em 1972, 1973. Apesar de tudo, a gente conseguiu e levou. Então, eu acho que o Vocacional foi um centro irradiador. A Yvonne<sup>18</sup> e eu, a gente discutia: “Olha, vamos fazer isso?” Então a gente trocava informações. A Ernesta Zamboni<sup>19</sup>, de História, trabalhou comigo. A Nobuko<sup>20</sup> também. Então com alguns professores eu consegui fazer esse planejamento integrado, porque eles foram trabalhar com a gente.

**Eliza:** Vocês buscaram se reagrupar? “Ir juntando os cacos”...

**Cecília:** Eles iam se removendo e a gente falava: “Olha, tem vaga aqui! Vem!” E com isso a gente procurava melhorar outras escolas.

**Lygia:** Acho que isso a gente levou mesmo para outros campos. Eu não fui trabalhar em escolas, mas eu fiz o que aprendi, nos Abrigos e depois fui aprofundar o que era grupo, como era a instituição. Olha, a única coisa que eu gostaria de falar,

---

<sup>18</sup> Maria Yvonne Jacobina Rabello foi orientadora pedagógica, de 1963 a 1967, no Ginásio Estadual Vocacional “Candido Portinari”, em Batatais.

<sup>19</sup> Ernesta Zamboni, orientadora das pesquisas de mestrado e doutorado do Prof. Dr. Daniel Chiozzini e foi professora de História no Ginásio Vocacional de Batatais.

<sup>20</sup> Nobuko Kawashita foi orientadora educacional no Vocacional de Rio Claro-SP.

para finalizar, é que existem hoje escolas de tempo integral, por exemplo o CEUs<sup>21</sup>. Tinham uma programação muito boa. Agora, continua o CEU em tempo integral, mas a programação modificou-se. Eles tentaram acabar, não conseguiram, modificou, não é a mesma coisa. O CEU original não era igual ao Vocacional, mas tinha uma proposta parecida...

**Cecília:** Era um centro de cultura.

**Lygia:** Eles queriam acabar, mas não conseguiram porque a população que o utilizava o conhecia e começou a fazer um movimento pela sua manutenção, mas não conseguiram. Mantiveram o tempo integral, só que eles não entenderam que tempo integral não é para deixar aluno, segurar o aluno no pátio. Tem que ter atividade. Deve haver planejamento. Não é ocupar o aluno. É trabalhar com o aluno em tempo integral. Eu acho que essa é uma diferença que precisa ser evidenciada. Tem que ter um conjunto de coisas.

**Lygia:** A Esméria<sup>22</sup> conta que ela foi para uma cidade do interior e chegando lá a sobrinha dela comentou: “O meu filho tem que voltar para a escola de tempo integral!” Quando ela chegou lá, o tempo integral era ficar fazendo a lição com o inspetor de aluno em volta. Esse era o tempo integral proposto por aquela escola.

**Cecília:** Só para encerrar. Não queríamos falar e agora não paramos mais. O CEU de São Mateus, aqui em São Paulo, um bairro enorme na zona leste, o diretor tinha trabalhado com a Maria Nilde no projeto integrado. Então ele propôs o nome do CEU São Mateus Maria Nilde. Convidou-nos para irmos lá. Fomos e passamos o filme. O Luigy<sup>23</sup> foi também. A Esméria não me lembro se foi. Fomos lá e discutimos com a população e ele estava encaminhando o pedido para colocar o nome “CEU Maria Nilde Mascellani”.

**Eliza:** Muito merecido! Obrigada às senhoras pela entrevista.

---

<sup>21</sup> Projeto implantado pela Prefeitura de São Paulo em 2001. Inspirado nas escolas Parque o Centro Educacional Unificado (CEU) é um complexo educacional, esportivo e cultural caracterizado como espaço público múltiplo. A cidade de São Paulo conta hoje com 45 CEUs e o Centro de Convivência Educativo e Cultural de Heliópolis.

<sup>22</sup> Esméria Rovai, supervisora de Recursos Audiovisuais, é uma das entrevistadas nesta pesquisa.

<sup>23</sup> Luiz Carlos Marques, conhecido como Luigy, ex-aluno do Ginásio Vocacional de São Paulo, foi um dos entrevistados nesta pesquisa.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura

**Ginásios Vocacionais:** um estudo narrativo sobre uma proposta  
educacional da década de 1960

**PARTE II**

RIO CLARO/SP  
2017



## 2 SOBRE METODOLOGIA, HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS

Mas este entrelaçamento de percursos, embora longe de constituir uma clausura, prepara, assim o espero, nossos caminhos para se perderem na multidão. (CERTEAU, 1994, p.36)

### 2.1 HISTÓRIA ORAL: aspectos metodológicos

O indivíduo pode se ver livre das provas impressas, mas não da memória. Assim, as narrativas de veteranos utilizam um sem-número de dispositivos, fórmulas e metáforas para lidar com aquelas imagens, delimitar suas diferenças com aquilo que se tornaram, e tentar absolver a si mesmos pelo que fizeram. (PORTELLI, 2010, p. 202)

A História Oral em Educação Matemática que temos praticado e estudado será mobilizada nesta pesquisa. Trata-se de uma metodologia que vem se constituindo, se reformulando, com a própria prática de pesquisar, num processo que tem se dado nas mais variadas atividades acadêmicas e pesquisas desenvolvidas no Ghoem - Grupo de História Oral e Educação Matemática - em sua opção por construir uma metodologia em trajetória.

Tomamos a História Oral como um método de pesquisa multifacetado que tem como elemento essencial as memórias de atores sociais que muitas vezes são negligenciados pelas abordagens oficiais, um método que ressalta a importância da memória, da oralidade, da vida das pessoas julgadas essenciais para compreender um fenômeno que se deseja focar. Como outras modalidades de pesquisa qualitativa, a História Oral possibilita criar um “outro texto na procissão de textos possíveis, sem a pretensão de uma significação singular.” (GARNICA, 2010, p. 46)

Muitas vezes, no decorrer desta empreitada, fui surpreendida com a pergunta: “Qual sua linha de pesquisa?” Resistia a uma resposta pronta. Causava-me certo incômodo, pois uma resposta, qualquer que ela fosse, remeteria a um fechamento que, na verdade, inexistia. A instabilidade de não ter passos e caminhos pré-determinados gera uma insegurança difícil de controlar quando estamos em processo, mas é uma estratégia criadora. Isso não significa, no entanto, que seguimos a esmo. Isso quer dizer que nos deixamos contaminar pelo objeto, numa comunicação fluida entre aquele que interroga e aquilo que é interrogado. As interferências são mútuas.

Os trabalhos historiográficos em História Oral desenvolvidos no Ghoem, de uma forma geral, não se vinculam a uma ou outra categoria específica (História Cultural, História Social, História das Mentalidades etc), mas namoram com todas elas sem fixar ou se preocupar em alinhar-se a uma ou outra. Pelo menos nenhum

dos nossos trabalhos assume explicitamente trabalhar com uma visão ou outra, embora os autores que usamos como apoio tenham suas opções específicas que podem ou não casar certas nomenclaturas.

Quando usamos História Oral para fazer historiografia, temos um cuidado com as cercanias culturais dos objetos dos quais tratamos e tentamos vê-los por vários prismas. Ao cartografar<sup>1</sup> não temos preconceito (ou tentamos não ter preconceito) quanto a fontes, teorias e procedimentos: tudo é bom se permitir compreensão, se for plausível e se sua mobilização se der a partir de uma crítica bem fundamentada.

Se o mapa representa imagens, a cartografia cria imagens, sendo, portanto, sempre processo. Uma cartografia simbólica, interessada em espaços outros que não apenas os físicos, se diferenciará da cartografia geográfica [...] a cartografia simbólica defenderá que todo mapa é presença e ausência, traduz um esquecimento coerente, expressa um ponto de vista, pressupõe um contexto em que se enraíza, e defenderá também que todo mapa é um mapa de relevâncias. A cartografia [...] dinamizará esse sistema de referência, priorizando o momento do traçado, sua trama ao ser tramada e não, meramente, o traço registrado, planejado e fixo. [...] No limite, um mapeamento simbólico é um projeto fracassado se se pretende que ele seja completo a ponto de determinar, de forma coordenada, completa, consistente e inequívoca, a realidade que pretende representar. Todo mapa é presença e ausência, é registro de relevos que o cartógrafo decide ora registrar ora desconsiderar. Todo mapa que permite a busca e o encontro também permite que, nele e a partir dele, o leitor se perca [...] perder-se também é um caminho. Todo mapa é um convite. (GARNICA, 2014, p. 42-43)

A linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagem-e-salvação: ela é criação de mundos manifestada em memoriais, autobiografias, entrevistas, corporeidades... Pouco importa a esses cartógrafos se seus procedimentos estão previamente assegurados: ele pode e deve inventá-los de forma plausível e legitimá-los numa fundamentação também criada segundo uma série de argumentações que se impõem e se diluem. Não há protocolo *normatizado* a seguir: tudo é construído e desconstruído e aproveitado em suas estabilidades, ainda que sejam efêmeras. Esses cartógrafos são professores de Matemática. Não são historiadores de ofício, filósofos de ofício, sociólogos ou antropólogos de ofício, mas se apropriam como podem desses tantos ofícios para compreender o seu próprio ofício. (GARNICA, 2014, p.60-61)

A historiografia praticada no grupo vai assumir alguns pressupostos nem sempre compartilhados por outros pesquisadores do campo da História.

A maioria dos textos é unânime em traçar uma trajetória que vai da rejeição à gradual aceitação, pela academia, do uso da história oral. Também são registradas diferenças nesse percurso, em função das diferentes disciplinas das ciências humanas. Dentro da história, a história oral teria encontrado as maiores resistências, enquanto que a sociologia e principalmente a antropologia já a teriam incorporado de longa data aos métodos de pesquisa. (ALBERTI, 1997, p.5-6)

---

<sup>1</sup> O termo cartografar é mobilizado de acordo com Rolnik (2007).

Assumimos que historiografia é uma “invenção do passado feita por alguém cujos pés estão fincados no presente, registro também dos inúmeros futuros que um passado comportava.” (GARNICA, 2015)

Somos pesquisadores imersos num contexto específico entrecortado por espaço e tempo. Lançamos nosso olhar ao passado, para uma época e lugar em que não estivemos, mas que construímos a todo o momento. Interrogamos os vestígios, as memórias, os rastros, os silêncios de experiências e como elas foram possíveis, quais mecanismos permitiram sua permanência, o que motivou ou forçou alterações num determinado cenário.

Não fazemos história de sujeitos e objetos já dados, pré-existentes: como pesquisadores nós os produzimos, os fazemos existir. Os objetos e os sujeitos não estão meramente disponíveis no mundo, cabendo ao pesquisador se aproximar deles tanto quanto possível. Eu, pesquisadora, os produzo à medida que os interrogo, em que me lanço, e minhas criações são fundamentalmente históricas.

Ao historiografar produzimos novas imagens, novos mundos, narrativas que podem nos permitir pensar um futuro diferente. Queremos mostrar a partir deste passado, que invento o quão diferentes já fomos e o quão diferentes poderemos ser. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 139)

Trata-se de olhar para um movimento, um tempo, uma prática em suas diversas formas de se manifestar, de se presentificar, nos variados modos com que ela foi apropriada pelos sujeitos e pela história. Não é mais o passado como algo dado, mas o passado construído, inventado no presente e que está grávido dos inúmeros futuros que lhe cabem.

É relevante assumir

que o passado se presentifica de vários modos, a partir de vários olhares; de apostar na perspectiva de que o passado é uma leitura (e uma leitura do presente, uma criação/ invenção do presente), mas uma leitura e uma criação tornadas possíveis a partir de múltiplas perspectivas que devem vir à cena como que para esboçar um jogo entre perspectivas que têm duração, o que leva tempo”. (GARNICA, 2011, p.225)

Alguns dos lastros que subsidiam esses procedimentos, como nos chama a atenção Garnica, não são recentes, elas existem há muito tempo, desde os gregos, que assumiram as várias facetas pelas quais podemos observar e compreender a realidade. Assim,

Aparece na historiografia grega um poderoso elemento que a História Oral reconduzirá para o centro do debate contemporâneo, seja ele travado ou não no campo da historiografia: os gregos assumiram que o mundo que temos é usualmente considerado sobre um infinito número de ângulos, aos quais correspondem os mais diversos pontos de vista, e aprenderam a olhar sobre 'o mesmo mundo' a partir do ponto de vista do outro, a ver o 'mesmo' em aspectos diferentes e frequentemente opostos. Assim, a defesa da viabilidade e da pertinência da História Oral e das narrativas para a pesquisa em Educação Matemática, ainda que essa defesa possa ser vista como uma insubordinação a um certo estado de coisas e mesmo como uma novidade em relação a esse estado de coisas, é uma perspectiva que se sustenta em modos bem antigos de ver o mundo. (GARNICA, 2015, p. 186-187)

Ao assumir os procedimentos da História Oral questionamos métodos que são uma mera enunciação de passos e regras a serem seguidos. Prezamos por uma metodologia em exercício, que expõe e se expõe a críticas, considerando que não há procedimentos prontos, fechados e definitivos: a metodologia se define e ganha contornos durante o caminhar. Ao caminhar, traça-se o caminho.

Segundo Martins-Salandim (2012, p. 51),

A metodologia de pesquisa é sempre um exercício, um fazer em trajetória e não uma mera e simples aplicação linearizada que nos permite passar por etapas em procedimentos mecanicamente implementados. Os referenciais que amparam a opção pelos procedimentos, que amparam o acesso inicial ao campo que a pesquisa pretende explorar e amparam as análises, não se apartam: completam-se e potencializam-se.

Vale ressaltar que tanto as fontes orais quanto as fontes escritas são mobilizadas nesta pesquisa considerando suas naturezas distintas, sem atribuir graus de valoração ou classificação entre elas: há uma opção pela não hierarquização entre fontes, o pesquisador cuida para que não haja julgamentos de valor; procuramos insistentemente questionar nossos pré-conceitos; “pouco importa a origem ou a suposta nobreza de algumas referências teóricas” (GARNICA, 2014, p. 43), servimo-nos de variadas fontes desde que, segundo nosso olhar, elas nos possibilitem gerar compreensões, interpretações, criações. A História Oral salienta não haver preconceito com a procedência das diversas fontes mobilizadas, sejam elas de natureza oral ou escrita, desde que potencializem e possibilitem compreender e avançar no processo de compreensão do objeto investigado, neste nosso caso, os Ginásios Vocacionais.

Ao adentrar nestas searas não buscamos “fazer a história de uma experiência”, a história da experiência educacional - os Ginásios Vocacionais -, mas procurar vestígios que nos dizem sobre como ela foi constituída, como ela foi

possível, como chegou até nós, e a partir de quais interesses ela foi “documentada” (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p.138). Buscamos não por uma fundamentação, uma explicação desta experiência, mas versões possíveis que possam nos ajudar a desnaturalizá-la, desfamiliarizá-la, dispersá-la para, assim, elaborarmos outras possíveis histórias que nos possibilitem pensar um futuro fundamentalmente diferente do nosso passado (ALBUQUERQUE Jr., 2007) e, ainda, constituir e divulgar um modelo de educação alternativo e possível que, ao final, retrata também possibilidades que a pesquisadora vê para a Educação Matemática.

Entendemos a experiência dos Ginásios Vocacionais não como uma experiência educacional esquecida que precisa ser salva, reproduzida, refeita, reaplicada. Entendemos a experiência como “uma fissura no silêncio, silêncio a que está condenada a maior parte dos seres humanos e de suas experiências neste mundo”. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p.139). Queremos perguntar, romper com alguns destes silêncios<sup>2</sup> e, por outro lado, perguntar quais condições históricas permitiram que esta experiência não permanecesse sepultada num passado próximo e de certa forma familiar.

O Vocacional possui, hoje, um centro ativo de memória. Esta necessidade aparente de lembrança aflora com força após anos de hibernação, como já sugeria Rovai (1996) ao intitular sua tese de “As cinzas e a brasa...”. Essa experiência, como tantas outras desconhecidas ou pouco conhecidas, esteve fadada a se perder no tempo não fosse o imperativo pungente – autoimposto por grupos e pessoas que se viam, de alguma forma, ligados ao Sistema Vocacional – de manter acesa a chama dessa história. Foi após a abertura política do país que espaços foram sendo conquistados, abertos, desbravados para o registro, organização e exposição dessas memórias. Esse movimento vai acontecer principalmente ao final dos anos oitenta, quando surgem diversos trabalhos e pesquisas nesta direção<sup>3</sup>. Muitos daqueles que vivenciaram ou conheceram a experiência Vocacional principiam um processo de exposição destes dias, há um desejo de falar sobre as experiências

---

<sup>2</sup> Queremos mostrar que apesar de muito já ter sido dito sobre o tema – Ginásios Vocacionais – outros silêncios e falas podem ser registrados. Mesmo que nossos depoentes, como se verá no decorrer da pesquisa, já tenham tido espaço para contar suas histórias sobre os Vocacionais, não deixamos de acreditar e propor novas denúncias, novos modos de olhar e tratar o tema, novas histórias. Trata-se, muitas vezes, de um re-dizer criador.

<sup>3</sup> Na bibliografia deste trabalho há diversas referências de materiais em distintos suportes – como *sites*, *blogs*, vídeos e textos escritos – sobre os Ginásios Vocacionais.

vividas nesses tempos e espaços, de fundar lugares, centros de memória. A GVive<sup>4</sup>, criada em 2005, do que trataremos em seguida, tem sido um desses espaços.

Esta pesquisa, dado o movimento acima citado, é mais uma investigação, dentre outras, sobre o tema “Vocacionais”, o que não compromete sua singularidade, ainda que isso nos faça refletir sobre o que esta pesquisa diz, produz, cria para além das histórias já contadas e pesquisas já realizadas. Tomamos como ponto de partida que cada pesquisa é única e singular, mas vale destacar que outras pesquisas tiveram outros objetivos, outros enfoques metodológicos, outros teóricos de suporte, outros focos que, circulando em outros contextos acadêmicos ou não, produzem modos diferenciados de dizer dos Vocacionais, de produzir novas cenas e histórias. Esta pesquisa, por exemplo, volta-se para o ensino e aprendizagem da Matemática, buscando contribuir para a História da Educação e da Educação Matemática no Brasil ao analisar as narrativas que registra.

Não pretendemos estabelecer a verdade sobre a história dos Vocacionais, nem a verdade sobre o ensino e aprendizagem da Matemática, mas questionar o próprio conceito de verdade, muitas vezes cristalizado e aceito como se fosse unívoco. Nesta direção buscamos lançar novos olhares sobre supostas verdades que são ditas e se mostram em experiências singularmente registradas e, neste processo, duvidar, quem sabe, de conceitos estereotipados, cristalizados em nós mesmos, acerca de nós mesmos que por vezes nos intimidam, impedindo novas criações. Não atribuímos juízos de valor às fontes: acreditamos que elas são criadas por nós sempre. Há uma busca por aberturas, por novas lentes, olhares e ângulos que nos permitam instaurar, inventar, criar, fabricar. Buscar conceitos que resignifiquem problemas, um caminho por vielas.

Não pretendemos recuperar um episódio que se perdeu para o conhecimento histórico. Não tomamos a experiência como um “já dado”, como um ponto de partida, um referente do qual se parte para construir um discurso historiográfico que muitas vezes pode parecer superior ao conhecimento dos contemporâneos de então. Não almejamos superar o caráter fragmentário desta experiência, posto que ela só chega até nós por fragmentos. Não pretendemos fixar uma visão unitária dos Ginásios Vocacionais, ou trazer o que nelas tenham “sido essencial” em sua época, ou o que parece ter sido essencial aos nossos olhos, segundo nossos pontos de

---

<sup>4</sup> GVive – Associação dos Ex-alunos e Amigos do Vocacional.

vista. Esta distância que nos separa nos faz pensar nossas diferenças numa relação fúgida: daí os cuidados entre o que se deve considerar ou deixar para trás. Pretendemos tratar de experiências vividas, refletidas, analisadas, reconstruídas pelos sujeitos que fazem parte desta nossa narrativa que só pode ser tecida a partir das narrativas de outros. Sujeitos aos quais podemos atribuir nomes, datas, lugares, funções, ocupações, atuações, ainda que essas características tenham surgido em longas conversas que bem podem, na maior parte das vezes terem sido apenas imaginadas, e, em certo sentido, serem enganadoras, injustas, emocionadas: ainda assim, são enunciações de homens e mulheres que viveram com seus sofrimentos, suas alegrias, frustrações, ciúmes, realizações ou vociferações. Registradas essas perspectivas, caberá ao fazer historiográfico buscar essas plausibilidades para constituir, a partir desses registros, uma história. Elaboramos textos a partir de narrativas que podem estar pautadas em inexatidão, em ênfases, em expurgos, fragmentos de um discurso, que nos levam a fragmentos de uma realidade da qual fizeram parte nossos colaboradores e da qual cabe à história se ocupar. Vidas foram marcadas nestes textos. Isto não quer dizer que foram retratadas. Impossível reaver a experiência em si mesma. (ALBUQUERQUE Jr., 2007)

Sabemos nossos depoentes, pelas posições que ocuparam e/ou ocupam, pelas possibilidades que têm/tiveram de fazer suas vozes ressoar, puderam, de variadas formas, acadêmicas ou não, deixar marcas, registros no tempo, após o encontro com o poder nos anos de forçado silêncio. Entendemos esta pesquisa como mais uma forma possível de configurar, narrar, registrar a experiência Vocacional a partir dessas vozes já ouvidas. Produzimos, a partir e junto com nossos depoentes e documentos, discursos no presente, acreditando ser possível inventar modos de produzir novos amanhã e, talvez, outros “Vocacionais”, potencializar pensares sobre modelos alternativos de educação e superar uma passividade perante o mundo. A História Oral talvez possibilite que essa profusão de vozes reverbere, registrando, sempre de modo inaugural, marcas de uma experiência educacional.

Nossos depoentes – como qualquer depoente – têm suas peculiaridades, mas todos são atravessados por algumas linhas comuns. Uma delas é estarem todos, hoje, ocupando posições de destaque em nossa sociedade, o que pode parecer paradoxal se considerarmos que por muito tempo a História Oral dedicou-se quase que exclusivamente ao registro de vozes excluídas do vozerio social mais

destacado. Hoje não mais. A tarefa da História Oral, nos nossos dias, é captar e registrar vozes que nos ajudem a falar, tenham essas vozes os timbres que tiverem. Nossos depoentes são professores e pesquisadores que, ao longo de suas vidas, conquistaram espaços para a divulgação de suas obras, pesquisas ou trabalhos em diferentes instituições. Em sua maioria, professores da década de 1960. Outros, vinculados a esses professores, hoje também são professores, personagens que, de certa forma, apesar da extinção do Vocacional, permaneceram e se destacaram em seus passados e presentes por essa vinculação com os Vocacionais. Aparecem em filmes, são autores de livros, se destacaram em concursos, participam e/ou participaram direta ou indiretamente da construção histórica dos Ginásios Vocacionais.

Fazem parte dos que, segundo Chiozzini, constituem uma memória coletiva dos Vocacionais, atores que prezam por essa memória e, ao final, mantêm e promovem uma memória sobre esses Ginásios.

*[...] você está tratando de um grupo, da identidade de um grupo, de uma memória que uniformiza, que dá coesão, porque a memória coletiva ela dá essa coesão a um grupo, ela implica apagar os conflitos, as dissonâncias [...]*

**Eliza:** *Há um sentimento dessas pessoas que estão envolvidas, a gente percebe quando essas pessoas falam, elas estão emocionalmente envolvidas com a causa.*

**Daniel:** *Então, exatamente. E quanto mais emocionalmente envolvidas com uma causa elas constroem um discurso defensivo homogêneo, e que apaga essas outras questões internas. Eu cheguei, no meu processo de pesquisa, a entrevistar algumas pessoas, ter contato com alguns ex-participantes que depois de conversa vai e conversa vem... não queriam falar, chegavam para mim e falavam: “Olha, a história do Vocacional já está escrita”. (Daniel Chiozzini)*

Isto nos levou a tomar cuidados ainda maiores com alguns aspectos, principalmente com as relações que se criavam ao redor do Vocacional, como que criando uma rede de proteção. Irremediavelmente tocados e tomados pelas memórias que nos foram narradas, tornou-se um esforço considerável – mas necessário a todo pesquisador – buscar distanciamentos, fugas e emersões. No movimento de pesquisa qualitativa assumimos que o pesquisador não é imparcial ao criar fontes, ao criar histórias, mas buscamos, mesmo cientes de no limite estarmos fadados ao fracasso, nos situar além das nossas paixões, conceitos e pré-conceitos. As investidas nos documentos corroboram não para dar mais veracidade à história ou aos “fatos”, mas para estabelecer conexões entre elementos que nos permitam afrontar discursos naturalizados. Os documentos nos deram pistas, reafirmaram,



destoaram, afrontaram ou corroboraram os relatos registrados nas entrevistas. A relação entre documentos e depoimentos é como aquela entre peças flexíveis que se moldam, transformando-se em outras formas que, muitas vezes, suscitam novas perguntas. Mais interessantes do que as possíveis respostas assertivas, nos eram caras as perguntas – as nossas e as que víamos aflorar, explicitamente ou não, no discurso dos próprios depoentes.

Criar narrativas de um passado diz-nos do passado, do presente e do futuro. As narrativas são vetores de criação que produzem realidades e instauram mundos.

Neste movimento de pesquisar, alguns procedimentos se deram tal como planejados no projeto inicial, outros não. A esse tema dedicaremos os próximos parágrafos.

## 2.2 DEPOENTES E DEPOIMENTOS: especificidades

E eis que naquele dia a folhinha marcava uma data em  
[caracteres desconhecidos,  
Uma data ilegível e maravilhosa.  
Quem viria bater à minha porta?  
Ai, agora era um outro dançar, outros os sonhos  
[e incertezas,  
Outro...  
E o terror de construir mitologias novas!  
(Mundo, Mario Quintana)

Os contatos com nossos colaboradores se deram no decorrer do processo de pesquisa, ao longo de três anos, em encontros informais – como, por exemplo, em eventos relativos ao Vocacional –, por leituras ou, ainda, a partir do acesso a membros da GVive.

Desde março de 2005, ex-alunos, inicialmente apenas os vinculados ao Gevoa (Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha), têm se encontrado no primeiro sábado de cada mês na cidade de São Paulo. Hoje, a Associação possui mais de 700 associados entre ex-alunos, professores, pais de alunos, amigos, parceiros e simpatizantes: trata-se da GVive, a Associação de Ex-alunos e Amigos do Vocacional. Eventos, publicações, estudos, teses, artigos, notícias, memórias, documentos, filmes e documentários são organizados pelos integrantes de seu Conselho e disponibilizados no *site* gvive.org.br. A Associação trabalha atualmente em três frentes: cuida da documentação e registro da história do Ensino Vocacional; apoia ações de melhoria em escolas (públicas e particulares) e, por fim, realizam atividades educacionais complementares em sintonia com os educadores dessas

escolas. A GVive divulga a experiência dos Ginásios Vocacionais em variadas instituições, escolares ou não, buscando promover discussões sobre a escola que temos e a que poderíamos ter, inspirados no modelo Vocacional.

O primeiro contato aconteceu via e-mail com Luis Carlos Marques, o presidente, à época, da GVive, conhecido como Luigy, que imediatamente se prontificou a colaborar com a pesquisa nos fornecendo uma lista de nomes de professores de Matemática dos antigos Vocacionais. Uma segunda aproximação com outros atores do Vocacional deu-se ao participarmos do evento “50 anos do Ginásio Vocacional de Rio Claro”, realizado na Unesp, câmpus de Rio Claro, no ano de 2013. Neste dia conhecemos pessoalmente Luigy, Eduardo Amos, Esméria Rovai e Daniel Chiozzini, entre outros. Presenciamos desde discussões acaloradas sobre os Ginásios Vocacionais no que se refere a visões distintas sobre aspectos de suas histórias e participação no Vocacional, quanto momentos mais descontraídos, num almoço com vários desses atores. Estes momentos não só nos permitiram estabelecer contatos, mas também disparar algumas reflexões iniciais sobre como diferentes pontos de vista sobre os Vocacionais convivem entre essa comunidade de memória.

Pudemos, então, contatar, agendar e confirmar posteriormente as quatro primeiras entrevistas que se deram na seguinte ordem: Eduardo Amos, Daniel Chiozzini, Esméria Rovai e Luigy. Outros nomes, a partir deste encontro, foram buscados e não foram encontrados, por exemplo, o professor de matemática Roberto Tofetti, de Batatais.

Para a escolha dos demais depoentes utilizamos a estratégia de rede, um dos procedimentos usuais em História Oral. Ele permite que a escolha dos depoentes se dê à medida que realizamos as entrevistas: nomes surgem nas (e das) narrativas, e os depoentes, normalmente, facilitam e promovem o acesso a estes e outros atores do Vocacional dos quais se recordam ao contar suas histórias.

Este processo de rede é um dos movimentos possíveis. Se por um lado ele abre perspectivas, por outro ele pode direcioná-las demais, nos levando a colaboradores com características semelhantes, a posicionamentos compartilhados, de mesma matiz. Isto pode tornar-se um problema? Sim. Seria possível encontrar outros depoentes? Gerar outras entrevistas? Sim. Em todas essas opções destaca-se a decisão do pesquisador e do grupo que o apóia. Poderíamos entrevistar outros personagens como o vereador de Rio Claro, o jardineiro da Unesp, a primeira

motorista de táxi em São Paulo, o professor Roberto Tofeti de Batatais, o professor da Unicamp conhecido e citado por Newton Balzan e Berenice Mendoza, aproveitar entrevistas já gravadas... Houve várias opções, inúmeras possibilidades. O que nos foi possível está sendo apresentado aqui. As opções deixadas para trás se mantêm como opções legítimas para outros momentos e outras pesquisas.

Na medida em que decidíamos pelos depoentes também realizávamos entrevistas.

A quase obviedade da utilização das entrevistas nos procedimentos metodológicos das pesquisas em História Oral não minimiza a necessidade de entendê-la e justificá-la. Aliás, buscamos estar atentos em relação às obviedades e naturalizações. Assim, acreditamos na pertinência de descrever e, ao mesmo tempo, justificar claramente as nossas opções e seus porquês.

A partir de leituras prévias e um conhecimento inicial sobre a história do Vocacional, elaboramos um roteiro de questões norteadoras para as entrevistas. Este roteiro primeiramente procurou nos dar um panorama do depoente como ser único, histórico, socialmente situado, seus gostos, preferências, aptidões, profissão, família e *hobbies*. Em seguida, elencamos questões numa sequência que propiciasse um movimento que partia de uma visão externa e estrutural dos Vocacionais, suas instalações físicas, a relação escola-comunidade para, aos poucos, adentrar as salas de aula, abordando aspectos da relação que conectava professores, diretores, estratégias didáticas, matemática e avaliação. Essa foi a intenção inicial, proposta pelo roteiro enviado a todos os depoentes. A forma final deste roteiro, incorporadas e excluídas algumas questões que se mostraram pouco significativas já nas primeiras entrevistas, segue anexado a um dos apêndices deste trabalho<sup>5</sup>.

Enviamos por e-mail ou pelo Correio a proposta metodológica da pesquisa explicitando, em linhas gerais, todos os passos e procedimentos da História Oral, inclusive a necessidade da Carta de Cessão de Direitos, procedimento final que nos permite disponibilizar a entrevista e/ou seus resultados advindos das análises realizadas pela pesquisadora e/ou pelo Ghoem. Anexamos ao trabalho um modelo dessa mensagem de contato inicial<sup>6</sup>, ainda que tenha havido pequenas variações nos textos encaminhados a cada depoente.

---

<sup>5</sup> O Roteiro de Questões para a entrevista se encontra, na íntegra, no Apêndice B.

<sup>6</sup> Ver Apêndice A.

Como parte de um dos procedimentos da História Oral que praticamos, após o aceite, a partir desses esclarecimentos iniciais, enviamos o roteiro a fim de que os colaboradores pudessem estudá-lo ou se preparar para o momento da entrevista, se assim o desejassem. O roteiro foi também enviado por e-mail ou pelo correio regular a cada um deles. O resultado final desse processo – as entrevistas textualizadas – foi composto junto aos pequenos imprevistos e improvisos que ocorreram em cada um dos encontros – que o leitor pode perceber nas textualizações – e foram registrados por explicitarem, a seu modo, a singularidade de cada um dos momentos, de cada narrativa e de cada depoente, como apontamos anteriormente.

Por e-mail ou telefone acertamos as datas, horários e locais para a realização das entrevistas que foram gravadas e transcritas na íntegra. O áudio e posterior registro escrito inscrevem estas narrativas no tempo, expondo-as a interpretações.

Para realização dos encontros entre pesquisador e colaboradores foi necessário, conforme previsto, viajar por vários espaços, lugares e paisagens da capital e do interior paulistas. Conhecemos algumas novas e velhas cidades, passamos por luas, sóis e temporais. A cada entrevista, uma nova experiência; a cada entrevista, a pesquisadora se modificava. Variados sentimentos afloraram nestas tantas idas e vindas...

Houve um espaço temporal de um ano e cinco meses entre a primeira e a última entrevista. Com isso – resultado não de decisões conscientemente planejadas, mas das circunstâncias – houve tempo para maturar, transformar, conhecer e entender os Vocacionais de diferentes modos. A cada momento de entrevista éramos um. Fomos vários, tanto quanto foram diversos os momentos em que a entrevistadora/pesquisadora teceu essa sua história junto a uma perspectiva histórica sobre os Vocacionais. Daí o roteiro ser dinâmico, se reestruturar continuamente. Daí o roteiro ser um norte inicial. Daí os diferentes modos de se comportar ao entrevistar, textualizar... Assumimos e reconhecemos, neste aspecto, uma não uniformidade nos diversos momentos pelo qual as experiências atravessaram a pesquisadora, transformando-a.

As entrevistas permitiram não apenas gravar e registrar vivências: possibilitaram gerar narrativas de atores do Vocacional que presenciaram, sentiram, viveram, estudaram ou analisaram esta experiência. Produzimos textos que registram diversos ângulos e diferentes pontos de vista acerca dos Ginásios Vocacionais.

Como apresentado na Parte I dessa pesquisa, entrevistamos 12 pessoas cujo vínculo com os Vocacionais deu-se em situações variadas. Foram eles: Eduardo Amos – aluno; Esméria Rovai – supervisora de Recursos Audiovisuais; Daniel Chiozzini – filho de professores do Vocacional e pesquisador do tema; Luiz Carlos Marques (Luigy) – aluno e presidente da GVive; Lucilia Bechara – supervisora da área de Matemática; Newton Balzan- supervisor de área e professor de Estudos Sociais; Berenice Simoni Mendonza – professora de Matemática; Antonio Pedro Zago – professor de Matemática; José Ângelo Pompeo – professor de Prática Comerciais; Renata Pantana Rosa Rangel – ex-aluna do Vocacional; Cecília de Lacerda Vasconcellos Guaraná – diretora do Vocacional de Batatais e Americana; e Lygia Tibiriçá Hülle – orientadora educacional.

Segue uma breve descrição dos colaboradores e respectivos momentos de entrevistas:

**Eduardo Amos**, nascido em 1951, foi aluno da segunda turma do Vocacional de Rio Claro, tendo nele ingressado em 1963. Hoje é escritor de livros didáticos de Língua Inglesa e Literatura Infantil. A entrevista, com 2h50, aconteceu na cidade de Rio Claro e é rica em detalhes de suas vivências como aluno do Vocacional. Fala sobre o Código de Atitudes, o Estudo do Meio, projetos comunitários, participação dos pais, Exame de Admissão, professores marcantes e sobre o espaço físico da escola, no caso, o Horto Florestal de Rio Claro.

**Esméria Rovai** iniciou em 1962 suas atividades no Ginásio Vocacional de Batatais. Logo foi convidada pela coordenadora geral do Serviço de Ensino Vocacional para trabalhar como supervisora de área do RAV - Recursos Áudio Visuais. Nascida em 1939, é pesquisadora e autora de livros sobre os Vocacionais, tendo sido o último publicado em 2015. Fez parte da experiência desde sua implantação até a sua extinção em 1968. Ministra palestras em escolas e outras instituições. Sua entrevista, com 2h30, aconteceu em seu apartamento na cidade de São Paulo.

**Daniel Ferraz Chiozzini** é pesquisador em História. Desenvolveu suas pesquisas de monografia, mestrado e doutorado sobre o tema “Vocacionais”. Filho de ex-professores do Vocacional de Americana, atualmente é professor no Departamento de História da Educação da PUC-SP. Participa, junto à GVive, de

atividades de preservação e recuperação de arquivos. Procurou compreender, em suas pesquisas, os fundamentos teóricos dos Ginásios e como o projeto político-pedagógico das escolas foi historicamente construído e modificado ao longo de sua existência, a partir de fontes de naturezas distintas. Sua entrevista, com 1h54, ocorreu na PUC de São Paulo, e foca os conflitos internos dos Ginásios Vocacionais e do SEV no decorrer dos anos.

O quarto colaborador da pesquisa, **Luiz Carlos Marques**, nascido em 1950, é conhecido como Luigy e foi aluno do Vocacional de São Paulo – o Gevoa. É ex-Presidente do GVive. Atualmente faz um trabalho de recuperação, divulgação e rememoração dos Vocacionais em instituições escolares, promove e participa de encontros e palestras que abordam ou se relacionam com o tema. Ele nos forneceu documentos e indicou outros depoentes. Contou-nos, por exemplo, como era feita a recepção aos novos alunos do Vocacional. Emocionou-se ao nos conceder a entrevista que aconteceu no SESI-Pompéia, em São Paulo, numa tarde fria de agosto. O encontro teve duração de 2h10.

**Lucilia Bechara Sanchez**, nascida em 1936, foi professora e supervisora da área de Matemática. É autora de livros didáticos de matemática. Participou do grupo Geem e foi uma das precursoras os estudos e introdução da Matemática Moderna no Brasil. Hoje é uma das diretoras de Colégio Vera Cruz, em São Paulo. Esteve envolvida com a experiência dos Vocacionais desde a sua implantação, cuidando especialmente das questões do ensino e aprendizagem da Matemática. Introduz a Matemática Moderna nesses ginásios. Concede-nos uma rica entrevista na qual relata aspectos referentes ao contexto da época, aspectos em relação aos conteúdos e metodologias de ensino nos Vocacionais; fala das técnicas de Estudo Dirigido, Estudo Supervisionado e Estudo Livre; sobre as “Baterias” nas aulas de matemática, a Ficha de Observação do Aluno (FOA), a participação dos pais e a relação da matemática com as demais disciplinas, principalmente Estudos Sociais. Sua entrevista foi feita no Hotel Obeid, na cidade de Bauru/SP. A professora Lucília foi também entrevistada para uma outra pesquisa realizada no Ghoem, a de Silva (2006), por ser uma das fundadoras do CEM – Centro de Educação Matemática.

**Antonio Pedro Zago**, ex-professor de matemática do Vocacional de São Paulo – “Gevoa” - de 1968 e 1969, atualmente é professor aposentado da rede estadual de ensino e reside em Atibaia/SP. É autor (com Ludmila Chnee) do livro didático “Matemática: um processo de criação”, da Companhia Editora Nacional, de

1978. O professor Zago nos recebeu numa tarde de março, em sua casa. A entrevista, com detalhes minuciosos, teve 3h05 de duração. Ele nos mostrou e nos emprestou alguns documentos sobre os Vocacionais, como provas de alunos, modelos de fichas de avaliação e baterias de exercícios de matemática.

**Berenice Simoni Mendoza**, nascida em 1942, professora de matemática, inicia sua carreira aos 21 anos de idade no Vocacional de Americana. Foi a nós indicada pelo Prof. Dr. Daniel Chiozzini. Concedeu-nos uma entrevista de 1h58, junto com o Prof. Newton, na cidade de Campinas, onde residem, numa tarde de sábado, em março de 2015. Professora aposentada pela rede estadual de ensino. Atualmente ministra aulas no Colégio particular Lumen, da ex-diretora do Vocacional de Americana, Profa. Áurea Sigrist. Sua narrativa pauta-se no ensino da matemática e nos conteúdos ministrados, nos efeitos do regime militar e nas crises internas no Vocacional de Americana, na relação entre professores e alunos e no cotidiano do Vocacional.

Nosso contato com o professor **Newton Cesar Balzan**, nascido em 1933, se deu por intermédio da Profa. Berenice. Sr. Newton foi professor de Estudos Sociais no Ginásio Vocacional de Americana e também supervisor da área de Estudos Sociais no SEV (Serviço de Ensino Vocacional). Participou da experiência “Vocacional” desde o primeiro dia de aula até o seu fechamento e extinção. Conta uma história detalhada sobre os acontecimentos internos e externos relativos às crises no Vocacional e ao contexto sócio-político e histórico da época; fala sobre o ensino primário e secundário no Brasil. Fez pós-doutorado na *Boston University* e *Harvard University*. É pesquisador Senior do Cnpq. Trabalhou como professor e pesquisador na USP, PUC e Unicamp desde a sua saída do Vocacional. Aposentou-se há pouco tempo. Sua obra “Conversa com professores”, lançada em 2015, é mobilizada nesta pesquisa como referência.

Professor **José Ângelo Pompeo**, nascido em 1941, ex-professor de Práticas Comerciais no Ginásio Vocacional de Americana, nos concedeu uma entrevista no dia 08 de maio de 2015, às 9 horas, com duração de 3h02, em sua casa, junto a sua ex-aluna Renata Rangel. Atualmente é professor aposentado pela rede estadual de ensino e reside em Americana. Conta dos projetos que desenvolvia junto à Cantina da escola, o Escritório de Contabilidade, o Banco Escolar, as visitas às indústrias de tecido de Americana. Relata, emocionado, que sua vida, na época, se resumia ao Ginásio Vocacional.

A ex-aluna **Renata Rosa Pantano Rangel** ingressou em 1965 no Ginásio Vocacional de Americana. Atualmente é professora de matemática na rede estadual de ensino em Americana, cidade em que ainda reside. Casada com um ex-aluno do Vocacional, emociona-se ao lembrar-se dos tempos de aluna no Geva. Entre inúmeras histórias conta-nos como o Vocacional era visto pelas outras escolas e como foram recebidos em outro colégio quando terminado o ginásio.

Ex-Diretora, **Cecília Vasconcellos de Lacerda Guaraná** trabalhou no Ginásio Vocacional de Batatais e de Americana. Fez o primeiro curso de treinamento e seleção, e permaneceu vinculada a esta experiência educacional de 1961 a 1969. Reside em São Paulo, cidade onde nasceu em 1931. Nos concedeu sua entrevista na residência da Sra. Lygia. Sempre atuou na área da Educação. Fez Graduação em Pedagogia e Especialização em Psicologia Educacional. Falou-nos da estrutura pedagógica e do trabalho integrado da Direção em Batatais e Americana junto às orientadoras educacional e pedagógica. Destaca a prática do trabalho em grupo, como, segundo seu olhar, ocorria no Vocacional.

Ex-orientadora educacional, **Lygia Tibiriçá Hülle** nasceu em 1936. Atuou no Ginásio Vocacional de Batatais e, depois, no Ginásio Vocacional em São Paulo. Nos foi apresentada pela Sra. Cecília que agendou a entrevista com ambas para o dia 22 de setembro de 2015, na cidade de São Paulo, onde residem. Graduada em Pedagogia com Especialização em Psicologia Social, desde o Vocacional esteve ligada ao trabalho com pessoas e grupos. Nos forneceu detalhes de como eram organizadas as equipes de alunos e como, com elas, o trabalho se dava.

As entrevistas foram encontros únicos, singulares, e nos propiciaram criar narrativas a partir dos relatos das experiências que os depoentes decidiram compartilhar e produzir conosco. Elas nos permitiram criar nossas próprias histórias, inventadas a partir daqueles depoimentos e de outras tantas fontes. Mediamos temporalidades tentando perceber naquele que narra suas interrogações sobre um passado que é parte inalienável do presente de cada um dos depoentes. Construimos histórias.

Cuidamos para estar atentos, neste processo, a algumas crenças arraigadas e a formas de pensar a História:

A voz e o olhar do pesquisador que organiza, pensa, dirige e, portanto conceitua toda a ação do registro se mistificam ao se alçar ele à condição de alguém que dá voz ao outro, que permite ao outro se mostrar tal como ele foi ou é, que permite que o passado ainda viva no presente, através



daquelas pessoas que seriam, assim, fora do tempo, a-históricas, suspensas num tempo, também mítico, e testemunhas vivas do tempo que se foi. O pesquisador constrói uma dada leitura da memória dizendo deixar a memória falar, alegando resgatar uma dada memória que, ao invés de ser também uma elaboração a partir do presente, mesmo entre as camadas populares, aparece como sendo uma memória anterior ao presente, quase atemporal. Não se resgatam memórias, constroem-se memórias. [...] a relação do presente com o passado não é uma relação de identidade, continuidade e espelhamento. [...] quando uma atividade de passado é reencenada no presente ela não vem à cena tal como foi, ela vem à cena, conforme as condições e o contexto do presente que a fazem ser, de saída, distinta. O reencenar não é encenar tal como era anteriormente, mas é trazer uma nova cena, pois se nada mais tiver mudado, pelo menos o tempo será outro. (ALBURQUERQUE Jr., 2013, p. 227-230)

A partir destes pressupostos, entendemos que a entrevista é um dos modos de registro. A entrevista e sua posterior transcrição e textualização constroem uma história, não a resgatam, não a retratam. Não intencionamos trazer de volta um passado, mas reencená-lo a partir de outra ou nova interpretação, outra ou nova leitura dos dados a que tivemos acesso.

Segundo Martins-Salandim,

[...] uma entrevista pode ser um momento para denúncias, para reflexão, para análise de situações vivenciadas, para a rememoração saudosista, para a purgação, para a homenagem, para a expressão de ressentimentos e realizações etc. A entrevista não é um momento de mera narração descritiva de episódios. (2012, p. 54)

Alem disso, a entrevista em História Oral não é conduzida só pelo entrevistador e seu roteiro. O entrevistado, seu modo de narrar e suas experiências interferem diretamente na entrevista proposta pelo entrevistador. Apesar das temáticas e questões de interesse terem sido discutidas, apresentadas e disponibilizadas a todos os depoentes, o eixo condutor é determinado por aquele que narra. Percebemos nesta pesquisa algumas diferentes formas de abordar, de levar em conta, de seguir os temas propostos. Os diversos modos de tratamento de determinado assunto, dando a ele maior ou menor tempo e atenção, ou simplesmente ignorando-o, podem nos mostrar a preponderância do depoente sobre o que ele julga que há para ser dito.

A entrevista trata distintamente de cada um dos depoentes, permitindo a eles que se apresentem, se autoanalise, rememorem... Concordamos com Martins-Salandim (2012) quando ela afirma que, apesar do roteiro enviado ser o mesmo para todos os entrevistados, a forma de eleger suas partes, o patamar e o valor dado às questões e enfoques variam de depoente a depoente. O “tom” durante a

entrevista é dado pelo entrevistado, não pelo entrevistador. Mesmo que tenhamos inserido perguntas diretas, que tenhamos reestruturado temas quando elaborando as textualizações, o tom vital de cada narrador manteve-se, ainda que esta pesquisa insira-se em um viés mais temático, voltado para um momento específico da vida dos depoentes: suas experiências em relação aos Ginásios Vocacionais e suas histórias de vida dos colaboradores entrelaçaram-se.

Nesta pesquisa tomamos a decisão de, após a realização da primeira entrevista, transcrevê-la e textualizá-la logo em seguida. Esta postura teve a intenção de detectar e evitar possíveis erros ou problemas nas próximas edições, já que esta seria a primeira experiência efetiva da pesquisadora com os procedimentos da História Oral.

Assim, como já dissemos, realizamos a primeira entrevista com Eduardo Amos, ex-aluno do Vocacional de Rio Claro. Ela aconteceu em uma das salas do Departamento de Matemática da Unesp, campus de Rio Claro. A gravação da entrevista foi feita em dois gravadores. Logo demos início à sua transcrição, processo que levou um tempo maior que o previsto devido às minhas inabilidades com transcrições. Finalizada esta etapa, iniciamos a primeira textualização. Nesta etapa tivemos um aprendizado paulatino, apesar das inúmeras leituras sobre o tema: “aprendemos” efetivamente a textualizar ao aliarmos esta prática às conversas com o orientador e trocas com colegas do Grupo. Este aprendizado não se deu apenas nesta textualização, mas durante toda a elaboração do trabalho, que conta com nove textualizações. Uma maior familiarização e segurança ao textualizar deu-se apenas em nossa última entrevista. Daí, talvez, o leitor notar diferenças estruturais entre elas, nuances que acabam por reforçar a perspectiva desta pesquisa como movimento. A busca do equilíbrio entre tentar manter o tom do depoente e, ao mesmo tempo, elaborar um texto coeso, livre das “imperfeições” advindas da oralidade, deu-se num processo longo. A pertinência da manutenção ou não de inúmeras, longas e, às vezes, até desnecessárias notas de rodapé, que mais pareciam pertencer às análises e ainda rompiam com a leitura fluida que pretendíamos, foi outro ponto muito discutido e amadurecido por meio de diversas orientações.

As entrevistas seguintes ocorreram em dias subsequentes, na cidade de São Paulo, com o Prof. Daniel, a Sra. Esméria e o Sr. Luigy. Os encontros aconteceram nos locais escolhidos e agendados pelos entrevistados. Estivemos na universidade,

na residência e num espaço público, respectivamente. A formalidade inerente à técnica de toda e qualquer entrevista foi quebrada pelo clima cordial que se estabeleceu na interação entre pesquisadora e colaboradores. As entrevistas foram seguidas ou antecedidas por um café ou um chocolate e por conversas informais.

O roteiro, disponibilizado com antecedência, como descrevemos, foi acessado sempre que julgamos necessário, durante a entrevista. As respostas, comentários ou temas não estiveram presos à sequência de questões descritas no roteiro. Este, pontuamos, não teve a função de atuar como uma “camisa de força”, mas nortear os diálogos conectados ao plano inicial, ainda que mantendo a flexibilidade necessária à dinâmica de um encontro que queríamos significativo. Daí não haver, em todas as entrevistas, perguntas e respostas fiéis ao roteiro: os diálogos ocorreram num movimento ditado pelo ritmo de cada conversa. Consultas feitas em tempo real foram relevantes por nos permitir rever e eleger temas que pudessem ser esquecidos ou passar despercebidos naquele momento dinâmico, fluido e único. Apesar da busca por contemplar todo o nosso plano, reiteramos que o entrevistado decide sobre o que e como falar. O narrador conduz, “toma o leme da viagem”, define o teor da conversa ao, invariavelmente, eleger e iluminar determinados eixos que se atrelam aos seus modos típicos e particulares de ser e de narrar sua história.

Durante o processo de entrevistas, como já dissemos, revisamos e reformulamos o roteiro com o objetivo de trazer novos elementos à cena e, ainda, facilitar o modo como buscaríamos dialogar com os depoentes. O roteiro inicial foi assim, continuamente composto e, nesse movimento, foi sendo composta também nossa experiência como pesquisadora e entrevistadora, um aprendizado constante e caótico, com diferentes intensidades, que enfatizou a sensibilidade, o cuidado no modo de falar e perguntar. Foi necessário fazer um exercício de aprender a ouvir, não interromper, a respeitar os tempos dos diálogos e seus fluxos. Os tempos e espaços das conversas foram muito específicos e diferenciados, assim como os tempos da pesquisadora, como dissemos, foram se alterando num movimento de objetividade e subjetividade inerentes ao ato investigativo.

Ressaltamos, dessa forma, a importância do ouvir, do estar atento às diferentes vozes e nuances de sons, do estar atento às múltiplas perspectivas e modos de interpretar o dito durante as entrevistas e, posteriormente, durante as transcrições e textualizações.

Concomitantemente à realização das entrevistas tivemos acesso aos documentos mobilizados para constituirmos nossa narrativa. O andamento das conversas, o ritmo e o tom das entrevistas e as posteriores textualizações apresentam diferenças dado o tempo da pesquisadora e seu envolvimento com a trama – a pesquisadora na primeira entrevista já não seria a mesma das demais, há perceptíveis diferenças entre elas.

Ao transcrever uma entrevista pode-se ter a ilusão de que transportaremos aqueles instantes, aqueles momentos vividos, tal qual como aconteceram. Os sons, a voz, os timbres, a gravidade, os agudos e graves, os silêncios, respiros, espirros ficaram registrados no áudio, mas se perdem na transcrição. Seria, quiçá, interessante apreendê-los. Há ruídos de segundo plano: o sobrevoo de um avião, um telefone que toca, uma pessoa que passa. Reconhecemos que outros potenciais elementos ficam no ato da entrevista e só são possíveis de observar, detectar e apreender, ainda que parcialmente na memória do pesquisador: sorrisos, silêncios múltiplos, olhares, expressões, lágrimas... lances que o gravador e os esforços do pesquisador não abarcam.

Assim, ao transformarmos a linguagem falada em escrita, a transcrição já será, assumidamente, um vestígio daquele momento evanescente e único. Conscientes desses aspectos inerentes a estes processos, criamos um outro registro, um outro vestígio junto à marcas possíveis de serem conservadas e descritas. A transcrição diz da experiência, transformando-a. Esta descrição nos coloca atentos ao processo e aos mecanismos com os quais lida a História Oral. Os textos transcritos nos fornecem elementos essenciais para a interpretação e futuras análises num processo de compreensão e interpretação pelo qual o pesquisador se responsabiliza do início ao fim. O entrevistador vivencia e experiencia o momento vivido, e deve ter a disposição de, sempre, “ouvir” o depoente.

Dando continuidade aos procedimentos praticados pelo Ghoem, iniciamos as textualizações das entrevistas. A forma de elaborá-las foi a de compor perguntas e respostas, criando um texto em parceria com o depoente, procurando, tanto quanto possível, aproximar-se do momento (evanescente) das entrevistas. É relevante que o depoente, neste texto, se reconheça. Alteramos e ajustamos as entrevistas para que sua leitura fosse mais fluente: houve uma limpeza de excessos e repetições, buscando, entretanto, manter a especificidade de cada narrativa, com o compromisso de não transformar o registro em algo artificialmente objetivo e

racional. Tivemos cuidado para que, num limite possível, determinado pela elaboração acadêmica, o depoente se conservasse neste registro, mesmo que sua voz, olhar, gestos e trejeitos já não mais ali estivessem.

Dessa forma, a narrativa particular de cada entrevistado, neste processo, foi registrada pela pesquisadora. Estas narrativas foram enviadas para cada um dos colaboradores que a leram, sugeriram e/ou efetuaram toda e qualquer alteração que julgaram necessárias. Terminadas essas negociações, os depoentes assinaram uma Carta de Cessão<sup>7</sup> permitindo o uso e a publicação da textualização de sua entrevista com os nomes reais de cada um. Como afirma Borges (2001, p.141), quem constitui as histórias são pessoas, e a peça encenada se dá nas relações entre um conjunto de atores com seus papéis secundários ou principais na trama. Centenas de atores colaboram com o protagonista; o papel de alguns é complexo; o de outros, momentâneo. E é esse fluxo e por esse fluxo – afirmamos – que nos foi possível criar a narrativa sobre os Vocacionais que apresentaremos aos nossos leitores.

Pensamos que, ao manter os aspectos singulares de cada depoimento, talvez pudéssemos estar sendo mais honestos com nossa proposta inicial, já que, como afirmamos, cada depoimento é um mundo único e parcialmente privado, no qual o som de cada voz, o modo particular de cada um se expor, de narrar, de se mostrar, de denunciar, de camuflar, de (se) esconder, de (se) permitir, de memorar, de sorrir, de chorar... estão, de certo modo, registrados.

As análises foram realizadas num processo de convergências: buscamos agrupar temas que consideramos comuns<sup>8</sup> às entrevistas apostando que, de alguma forma, estes grupos, funcionando como disparadores, poderiam nos levar a compreensões. Essa organização, segundo entendemos, permite a exposição/criação de um Vocacional a partir de um jogo pautado na busca pela correlação entre pontos, linhas e regiões de conexões entre e nas narrativas, segundo um olhar que transmuta, um olhar carregado de teorias, de experiências e vozes que autorizam o pesquisador a dizer desse jeito, nesse momento, o que julga plausível e pertinente dizer.

Ao mesmo tempo em que procedemos buscando convergências entre os vários depoimentos, tentamos também ressaltar as singularidades de cada um

---

<sup>7</sup> As Cartas de Cessão podem ser consultadas nos Anexos desse trabalho.

<sup>8</sup> Vale salientar que estes elementos não são necessariamente comuns a todos os depoimentos, mas se revelam como temas insistentes num grupo de narrativas, que o pesquisador julga significativo explorar.

deles. São procedimentos distintos, mas complementares, que ancoram a criação de uma narrativa.

### 2.3 FONTES DISTINTAS: orais, escritas, iconográficas

Dizer, como fazem alguns colegas, que a historiografia não possui uma teoria, que não demanda uso de conceitos, é ignorar que até mesmo aquilo que se chama de documento, de evento, de fato, só existiu no passado e só é possível nos chegar, através de qualquer forma de registro, mediante conceitos, portanto a realidade já é conceitual, é a empiria organizada e articulada mediante conceitos. Desse modo, fazer história dos conceitos não é fazer uma história que não seria da realidade, mas é fazer a história daquilo que possibilita mesmo que a realidade exista, que ela possa ser vista e dita pelos homens de dadas maneiras, e não de outras, em determinados tempos e lugares. (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p.233)

As fontes escritas aqui mobilizadas vieram principalmente do Cedic<sup>9</sup>, do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro – SP, e dos materiais cedidos pelos próprios entrevistados.

Cabe então, ainda que de forma breve, explicitar, os porquês da produção de outros dados a partir da análise de outras fontes - não orais - como os documentos, tendo o cuidado de não dicotomizar, negligenciar ou hierarquizar um documento em detrimento de outro: “Os documentos são formas de enunciação e, portanto, de construção de evidências e realidades.” (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p.25)

Consideramos que fontes de natureza distintas têm, cada qual, o seu valor na elaboração da trama que pretendemos criar. Buscamos chamá-las à cena na

---

<sup>9</sup> Cedic- Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” – PUC – SP, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/SP e arquivos pessoais. O Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” - CEDIC - possui mais de cem caixas em seu arquivo que, infelizmente, passaram mais de 50 anos da extinção dos Ginásios Vocacionais, ainda não se encontram organizadas e/ou catalogadas. Neste material encontram-se textos, relatórios, provas, impressos, em sua maioria, em papéis tatuados pela máquina de escrever, escritos à mão ou mimeografados. Cada uma dessas cem caixas possui várias pastas pretas ou folhas acomodadas em embalagens plásticas que guardam alguns dos vestígios dos Ginásios Vocacionais. Nas visitas ao Cedic coletamos registros de provas, relatórios de matemática, relatórios de Estudos Sociais, relatórios dos Colégios Vocacionais, entre outros materiais. Neles há informações acerca dos conteúdos ministrados, sobre as chamadas baterias de estudo, indicações didático pedagógicas, técnicas de trabalho em grupo, modelos de estudos dirigidos, estudos supervisionados e estudos livres, relatórios de professores e coordenadores. Vale registrar a dificuldade que tivemos para fazer estas consultas. Vasculhar as mais de cem caixas dos Vocacionais seria um trabalho, podemos afirmar, insano... quantos dias de permanência teríamos que ter em São Paulo? A cada retorno não tínhamos condições de saber quais caixas haviam sido abertas na visita anterior, o que tornava a atividade sempre iniciada do zero. Dessas condições resultou que nossas visitas ao acervo foram esporádicas. De cada material selecionado pagávamos por página a cópia do documento, o que tornou acesso bastante oneroso. Essas dificuldades seriam sanadas facilmente se este material fosse catalogado e organizado dado que hoje se encontra num local seguro e adequado. Apesar destas dificuldades obtivemos, em nossas visitas, um conjunto de fontes que, junto às textualizações, apoiaram significativamente a narrativa que pudemos criar sobre os Vocacionais. O Arquivo Público Municipal de Rio Claro, outro acervo a que tivemos acesso, mantém atividades constantes. Possui um acervo com teses, livros e outros documentos relacionados ao Ginásio Vocacional de Rio Claro “Chanceler Raul Fernandes”.

medida em que se relacionavam com aquilo que as análises das narrativas nos pediam, nos incitavam no movimento interpretativo, constituído de idas e vindas, ao pressentir, ao buscar relações justificáveis e plausíveis.

Entendemos que fontes de diferentes naturezas podem tanto se complementar, quanto podem fazer surgir divergências e versões outras que, em seu conjunto, operam para que a experiência do Vocacional possa ser, por isso, inventada plausivelmente no presente, levando a compreensões acerca do objeto de pesquisa.

Frisamos a necessidade de estarmos sensivelmente atentos ao movimento no qual colaboradores e pesquisadora se dispõem a compartilhar histórias. Esse é um momento como que de entrega à melodia, aos sons das várias e complexas vozes, aos *insights* durante o processo de escuta e escrita. A produção dessa pesquisa baseia-se principalmente nas entrevistas, mas não se basta a elas: também nos valem fortemente de documentos de outras naturezas por entendermos que “nenhuma operação historiográfica, como a que aqui propusemos realizar, pode negligenciar fontes disponíveis, ainda que seja possível tomar algumas fontes como prioritárias (pela natureza das informações que elas nos trazem) e secundarizar – mas nunca desprezar – outras.” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 51)

Toda fonte guarda em si características da subjetividade de quem a constituiu, mas a constituição das fontes pelos parâmetros da História Oral permite que o pesquisador participe de modo vital desse registro da subjetividade, que compartilhe com os interlocutores as condições da produção dos registros e que por isso possa explicitar, a seus possíveis leitores, as negociações, idas e vindas, circunstâncias, familiaridades e afastamentos desse momento de captar e prender, pela escrita, aspectos de sua subjetividade que o narrador julgou adequado compartilhar. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.61)

Assim, tivemos num primeiro plano, as fontes orais, registros de entrevistas, mas também as fontes escritas, documentos do Cedic, documentos pessoais, fotos, desenhos, papéis, documentos do acervo da GVive. Num segundo – mas não menos importante – plano, houve fontes que aqui não são reproduzidas para o leitor. São elas fontes iconográficas, mapas, fotos, plantas de arquitetura etc que nos levaram a reconstituir um cenário, com os trajés, veículos, uniformes, posturas de um local e uma época que nos nos dizem dos modos de ser dos atores desse contexto e do próprio contexto. Desse modo, fontes orais, escritas, iconográficas

complementam-se e têm como função tornar o objeto de estudo mais acessível ao consideramos todas as fontes legítimas, sem hierarquização entre as legitimidades.

Procuramos resíduos em arquivos e documentos que, ao longo do tempo, foram transportados, dispersos, aglutinados, transformados, produzidos<sup>10</sup>. “Mais do que testemunhos de uma vida, estes documentos são testemunhos de uma morte, de um esmagamento pelo poder.” (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 146)

Ao estabelecer relações entre fontes, agimos como um detetive à procura de pistas. Buscamos olhar para além das evidências que se mostram num primeiro contato: procuramos nas entrelinhas dos ditos pelos personagens, nos seus modos particulares de contar suas histórias, nos ditos e não ditos pelos documentos, elaborados que foram num tempo e lugar. Sempre nos perguntávamos sobre sua durabilidade e estabilidade, o que os fizeram e o que permitiu que eles se mantivessem, resistissem e, ainda, o que os fez surgir.

Olhar para as textualizações em conjunto e individualmente, ao mesmo e em diferentes tempos, produzi-las em parceria com diferentes pessoas, de diferentes lugares, com diferentes histórias é um árduo processo: longo, tortuoso, atento, artesanal (GARNICA, 2014, p. 39). Os textos foram analisados e interpretados em sua completude única; nas relações e convergências que o pesquisador detecta entre eles; nas possíveis brechas e fissuras por entre os resíduos das falas, que ao serem interpretadas, ganham novos significados atribuídos pelo pesquisador; estes, aliados aos documentos provocam a abertura de novos pensares e, então, nos possibilitam elaborar um conjunto de textos, interrelacionados, que, conectados a esta trama, culminam nas narrativas propostas neste trabalho. “Esses conjuntos de relações, contudo, não são imanentes aos próprios eventos, existem apenas na mente do historiador que reflete sobre eles” (WHITE, 2001, p.111). Existindo na mente do pesquisador, que atribui sentidos a partir de leituras, de vivências e reflexões, um conjunto de relações é, então, criado e inventado intencionando pensar, de novas formas, problemas antigos.

Deste assunto trataremos a seguir, mas esta postura, que defendemos, de certa forma, será continuamente retomada até o fim nessa empreitada.

---

<sup>10</sup> Na primeira visita ao Cedec fomos alertados para os processos que sofreram os documentos ali armazenados. Eles passaram por várias mãos e serviram a diferentes propósitos, como quando, por exemplo, estiveram disponíveis no escritório da Profa. Maria Nilde Mascellani, uma das idealizadoras do projeto dos Ginásios Vocacionais.



## 2.4 NARRATIVAS E MODOS DE NARRAR

Até aqui, a história poderia se enquadrar no padrão de muitas narrativas picarescas. Se Mark Twain a tivesse contado, ela acabaria soando como as aventuras do duque e do rei em *Huckleberry Finn*. Se tivesse saído da pena de Voltaire, teria se transformado numa 'serie de insultos – apóstata, lacaio, ladrão, gigolô, vigarista – encadeados em parênteses rimadas, como em "Le pauvre diable". Mas na versão de Rousseau a história tem um caráter poético e estranho. É um idílio da inocência perdida. E possui uma dimensão social que escapou à atenção da maioria dos estudiosos. (DARNTON, 2005, p. 128-129)

Esta pesquisa pauta-se, como a maioria dos trabalhos realizados no Ghoem, essencialmente em narrativas. Este tem sido um tema corrente das discussões efetuadas no grupo, que, como já o dissemos, constitui-se em trajetória ao formular e reformular conceitos e procedimentos, avaliando-os constantemente. Os conceitos expostos pretendem expressar os sentidos atribuídos à narrativa, e estão intimamente atrelados ao modo como o Ghoem tem mobilizado, entendido, discutido, apresentado, interpretado, construído sobre e a partir de outros referenciais estas compreensões.

Nas linhas que se seguem procuramos, assim, expor alguns conceitos e compreensões sobre o que temos assumido quando dizemos "narrativas". Buscamos estabelecer um diálogo com autores que nos têm ajudado a dizer aquilo que pretendemos dizer, que funcionam como suporte teórico, mas além disso, são interlocutores que nos possibilitam avançar nas discussões, fazer inserções e teorizações.

Tomamos o conhecimento, a história, assim como as narrativas, não como espelhos e imagens fiéis deste mundo, mas chaves que nos abrem portas para possíveis mundos.

Temos mobilizado as narrativas em nossas pesquisas entendendo-as tanto como formas de expressão quanto como método de exploração para a produção de significados. Buscamos, com as narrativas, explorar diversos olhares sobre situações históricas e, a partir delas, ampliar os significados sobre elas. (CURY, SOUZA, SILVA, 2014)

Ao realizar as entrevistas produzimos significado, já que narrar é um exercício de criação em várias dimensões, pois cria narrativas e narradores: "Solicitar a alguém que nos conte sua história de vida é o mesmo que solicitar a ela que se constitua a nós naquele momento. Narrando-se o depoente constitui o seu 'si mesmo'." (GARNICA; ROLKOUSKI, 2014, p.93)

Foram nove momentos de entrevistas com 12 entrevistados, gerando nove textualizações.

Garnica (2015, p. 183) afirma que narrativa é “discurso, forma originária vinculada à possibilidade de ser, e sua manifestação é um emaranhado de sensações e enunciados nos quais personagens circulam em meio a cenários perpassados por alguma temporalidade.”

Podemos dizer que os seres humanos, em sua relação com os outros e com eles mesmos, não fazem mais que contar, imaginar histórias, ou seja, narrativas. Trata-se, então, de um modo básico de pensamento, de organização do conhecimento e da realidade. As próprias culturas são configuradas e expressas por meio de narrativas que, há tempos têm servido para dar uma identidade aos seus membros. (BOLÍVAR; DOMINGOS; FERNANDES, 2001, p. 04, tradução nossa)

Apesar de todas as histórias, como enfatiza Bakhtin, terem um caráter interativo dialógico elas estão imersas em um mundo recheado de outros discursos, constituídos por uma "intertextualidade" ou comunidade de outros textos, e uma "polifonia" ou pluralidade de vozes. Isso possibilita à história narrativa se integrar a diversos pontos de vista, num diálogo com outros textos/vozes. (BOLÍVAR, DOMINGOS; FERNANDÉZ, 2001, p. 05, tradução nossa)

O “conhecimento narrativo, em paralelo a outras ciências sociais, pressupõe que a linguagem não se limita a representar a realidade, mas constrói os modos pelos quais os humanos dão sentido a suas vidas e ao mundo.” (BOLÍVAR; DOMINGOS; FERNANDÉZ, 2001, p. 07, tradução nossa)

Estruturas narrativas constituem, portanto, o marco pelo qual os seres humanos dão sentido ao seu mundo. A narrativa tem, segundo Bolívar, Domingos e Fernandéz (2001), duas grandes funções: fornecer formas de interpretação e proporcionar orientações para a ação.

Tomando as funções enunciadas por Bolívar pudemos interpretar e criar novas histórias a partir das nove histórias criadas e elaboradas em parceria com os depoentes.

A possibilidade de fabricar/inventar histórias encontra ressonância nas concepções de mundo, conhecimento e realidade que defendemos. Os termos “inventar” e “invenção”, no meio acadêmico e científico, parecem opor-se diretamente aos conceitos rigorosos da ciência moderna, pautadas na razão, nas verdades que, via de regra, devem ser verificadas, provadas, jamais inventadas. Há, segundo essa disposição, uma verdade, um fato, um “algo” do qual, por meio de

inúmeros esforços, com um método comprovadamente rigoroso, eu posso me aproximar seguramente.

Inventar e fabricar são verbos utilizados por alguns autores nos quais nos apoiamos e com os quais temos dialogado.

Inspirados na Filosofia, buscamos por uma prática análoga ao do filósofo no seu ofício de filosofar:

*“A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...]. O golpe que Deleuze e Guattari desfere contra as noções correntes de filosofia é certo. A filosofia tem uma ação criadora (de conceitos) e não é uma mera passividade frente ao mundo. Os dois franceses discordam frontalmente da famosa XI Tese de Feuerbach, de Marx: “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo.” Para eles, a criação de conceitos é necessariamente uma intervenção no mundo, ela é a própria criação de um mundo.[...] Poderíamos, aqui, lembrar a célebre afirmação de Merleau-Ponty: “a verdadeira filosofia consiste em reaprender a ver o mundo”. Parece ser disso que falam Deleuze e Guattari quando exprimem a ação do conceito: um reaprendizado do vivido, uma ressignificação do mundo. [...] o conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. Todo conceito é, pois, sempre, um acontecimento.” (GALLO, 2000, p.52, 54, 56)*

Almejamos, como o filósofo, uma ação criadora, um reaprender a ver o mundo, ressignificá-lo, reinventá-lo, pois entendemos o mundo como “eterna criação e eterna mutação” (GARNICA, 2014, p. 44).

Estes termos podem ainda causar certas dificuldades quando tratadas nos meios mais ortodoxos e tradicionais de produzir historiografia. A verdadeira historiografia, proclamam, é aquela pautada nos documentos e fontes confiáveis, muitas vezes, uma história sem vida, na qual personagens são tratados como objetos.

*Não deveríamos minimizar o poder das histórias para moldar a experiência cotidiana como, simplesmente, mais um erro em meio ao esforço humano para encontrar sentido no mundo, coisa que os cientistas cognitivos vez por outra costumam fazer. [...] a narrativa, incluindo a ficcional, dá forma para as coisas do mundo real e, muitas vezes, oferece credenciais de acesso à realidade. (BRUNER, 2014, p.17-18)*

E para a História Oral, o que significam as narrativas? Por quais caminhos podem nos levar? Quais suas potencialidades? Como podem nos permitir avançar para compreender este projeto educacional alternativo que pretendemos estudar? O que criam as narrativas?

Elas não são testemunhos no sentido daquilo que se viu ou presenciou (do fato “tal como aconteceu”), mas um registro daquilo que se percebe, no presente, de algo que se vivenciou. Diante disso, é necessário aceitar teoricamente que um fato é aquilo que dele se percebe. Uma preocupação daqueles que não dão credibilidade à memória ou desconfiam dela, tendo-a por algo lacunar, insatisfatório, deficiente face à magistralidade e à perenidade dos registros fixados em suportes rígidos como o papel e a pedra, é demarcá-la como fantasiosa, sonhadora, inventiva além dos limites desejáveis. Dessa posição decorre a desconfiança em relação às narrativas e a exclusão dessas narrativas dos domínios da historiografia julgada séria e legítima. Com veemência, alguns desprezam o que em História Oral, concebemos como fonte legítima: os registros de memória feitos a partir de relatos orais. Isso, entretanto, não significa que a mera coleção de entrevistas constitua, em si, uma operação historiográfica em sua integralidade. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.57)

Nesta direção, realizamos entrevistas e registramos narrativas para que, juntamente com outras fontes, de outras naturezas, pudéssemos compreender e registrar histórias acerca de experiências vividas nos Ginásios Vocacionais.

Trazemos e disponibilizamos histórias narradas por cidadãos e cidadãs comuns, com nome e sobrenome, entrevistados em dia, data, hora e local determinados, com funções determinadas e explicitadas nestes espaços escolares que hoje estudamos. Sabe-se que vários destes depoentes estiveram, por um longo período, afastados, calados, proibidos, explícita ou implicitamente de falar, de se exporem, estiveram hibernados durante aproximadamente vinte anos e nesta pesquisa, como em outras que antecederam a esta, se dispuseram a contar, registrar alguns lampejos desta experiência.

A GVive e vários pesquisadores, dentre eles alguns dos nossos depoentes, têm colocado em pauta discussões em torno do que representaram e representam os Ginásios Vocacionais e de como essa experiência pode inspirar modelos educacionais. Nós, além da importância de estudar este modelo de escola alternativa, focamos também discussões acerca das questões relativas ao ensino e à aprendizagem da matemática. Ao ouvir personagens vinculados ao Vocacional podemos compartilhar, no presente, experiências vividas nestas escolas sob diversas posições e olhares, seja nas narrativas de alunos, seja na de professores, diretores e orientadores que nos expuseram seus medos, fizeram suas denúncias, compartilharam suas vivências. Pretendemos, então, apresentar esta história inspirados por essas narrativas: esta é a intenção quando mobilizamos a História Oral em projetos, sejam eles de natureza historiográfica, como o nosso, ou não.

Ao prosseguir e praticar historiografia nesta direção estivemos alerta a alguns possíveis perigos e armadilhas. Bruner (2014) nos alerta acerca do “perigo” que as narrativas representam, e este perigo, talvez, justifique o porquê de certas narrativas terem sido, ao longo do tempo, negligenciadas e esquecidas, por exemplo, nas escolas. Bruner (2014, p. 15) questiona: “Por que será que empurramos Pitágoras aos nossos alunos do oitavo ano, mas nunca lhes bafejamos uma só palavra a respeito de Aristóteles e de suas ideias sobre narrativas?” Por que a dificuldade em se aceitar a prática de narrativas, os dados coletados a partir da oralidade?

A memória é falha e lacunar, afirmam alguns. A memória, porque caótica e sujeita a interferências, não seria crível? “Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível. Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, re-atualizo o passado, vejo, historio o que outros viram e testemunharam.” (BOSI, 1992, p.28)

Documentos teriam credibilidade total e unilateral? Não são afetados e não estão vinculados a sua forma e local de produção? Documentos escritos, impressos e produzidos numa determinada época e lugar podem nos dizer a verdade? No fundo, tanto quanto as narrativas, as fontes escritas trazem novos elementos e devem ser questionadas na tentativa de desnudar os porquês e os para quê foram produzidas e, ainda, o que permitiu ou não que circulassem e chegassem até nós.

O depoimento oral passa a ser um documento escrito, digitalizado, autorizado, assinado. Depoimentos transformam-se em narrativas que expressam modos de vida, crenças, modos de criar, ver e dialogar com o mundo e a realidade. São fontes historiográficas e, tanto quanto as fontes escritas devem pautar o trabalho do historiador.

Narrativas orais e escritas são carregadas de intenções. Isto nos leva a pensar novamente nas tentativas de desnaturalizar, de desmistificar e dispersar conceitos. Chama-nos a atenção o fato da aparentemente leveza e ingenuidade no ato de narrar, de contar histórias, algo tão comum em nossas práticas cotidianas. Narrativas não são apenas práticas cotidianas inocentes, narrativas não são do campo literário apenas, narrativas são discursos constituintes.

Não é uma pretensa verdade de uma experiência passada que almejamos quando produzimos narrativas. Aliás, muitas vezes, devemos instaurar o distanciamento e o esquecimento deste passado que nos assombra e se cristaliza em formas aceitas e que estão ainda, insistentemente, entre nós.

As narrativas, sejam ou não escritas, espalham histórias nem sempre inocentes e são capazes de carregar mensagens implícitas, camufladas, que podem incitar a possibilidade de se criarem novos mundos, outras realidades. As histórias compartilhadas criam ramificações, adentram no imaginário, no pensamento, instituem e inauguram realidades num movimento rizomático – parafraseando um conceito deleuziano - como novas moléculas de um perfume que se interligam a outras que já existiam e promovem outras possibilidades de odores, de sensações, de expectativas e reações.

Questionamos uma realidade e mundo já dados. Os conceitos e o mundo não são algo pronto, não preexistem, eles precisam ser e estão constantemente sendo criados. As narrativas se relacionam às circunstâncias. “Disso não decorre que as coisas inexistem, mas que as coisas só têm sentido quando costuradas por uma narrativa. Assim, a narrativa é um discurso constituinte e não mera forma de comunicação de realidades preexistentes.” (GARNICA, 2015, p. 182)

É, portanto, desse modo que vemos a vinculação entre história, narrativas e história oral: caberá ao historiador, intérprete, valer-se de fontes das mais variadas naturezas, narrativas das mais variadas procedências, e buscar, a partir delas, formar um quadro, argumentado e coerente, no qual se fabrica um passado crivado de subjetividades e intenções, “convertendo o passado em um acontecimento do presente”<sup>11</sup>...

---

<sup>11</sup> Essa é uma afirmação de Filipe Fernandes, apoiado em Jorge Larrosa Bondía, surgida durante o exame de qualificação deste trabalho.

### 3 DA ARQUITETURA DO TEXTO

Não há uma análise, mas várias análises: há (im)possibilidades. (GARNICA, 2014, p. 125)

Apresentamos um texto para o Exame de Qualificação que se assumia como inacabado em muitos pontos. A principal tarefa após essa avaliação foi pensar uma estrutura para os textos analíticos que compunham, em suma, essa narrativa apresentada como tese de doutorado. Qual a forma final “ideal” de apresentá-la? Como costurar, numa única trama, todas as narrativas que a possibilitaram? Como alinhar esse quadro que “totaliza seus componentes ao constituir-se, mas é sempre um todo fragmentado, como um caleidoscópio onde a multiplicidade gera novas totalidades provisórias a cada golpe de mão” (GALLO, 2000, p.55).

Metaforicamente, tratava-se de elaborar uma colcha de retalhos que, quando vista, é uma peça aparentemente completa e estática, mas cujos componentes, se detidamente observados, têm no caótico sua beleza, têm no movimento sua contribuição para aquele conjunto (aparentemente) tão uniforme. Tínhamos isto em mente, faltava-nos expor e materializar essa produção, certos de que nos iriam escapar muitos elementos, certos de que uma experiência só pode ser comunicada em fragmentos. Precisávamos arquitetar um fluxo, uma coesão ao texto. Tínhamos a tarefa de criar um todo que na mente do pesquisador já existia como ideia idealizada, mas que ainda seria necessário tomar consistência física, exposto em documento, marcado pelas palavras, timbrado em papel.

Assim, após o Exame de Qualificação pensamos em uma arquitetura para a tese partindo de um olhar atento para os apontamentos e sugestões da banca examinadora. Um desses apontamentos, sugerido pelo Professor Filipe Fernandes, nos pareceu ser uma alternativa que vinha ao encontro de nossas possibilidades e expectativas em relação ao que e como estruturar e apresentar ao leitor os textos analíticos que, até então, não apresentavam organicidade. Embora respondessem a muitas das perguntas propostas, embora neles ressoassem os objetivos iniciais, era ainda necessário ligá-los, dar-lhes acabamento. Este movimento, não destoa de outros processos de construção, de maturação do conhecimento, fazem parte da ação pesquisadora, mas, em geral, não são explicitados.

E optamos pela Frisa do Tempo<sup>12</sup>.

Essa proposta, ainda que perigosa por poder evocar uma concepção de História progressiva, contínua, sem lacunas e desvãos, nos pareceu poderosa tanto por evocar uma prática usual nos Vocacionais quanto pelos conflitos que ela fazia surgir. Tais conflitos estão radicados na necessidade de tornar linear algo obviamente caótico, feito de idas e vindas, sem engessar o fluxo que pulsa nas entrelinhas de toda narrativa.

Esses conflitos – sejam os conceituais, relacionados às concepções de historiografia que defendemos, sejam os técnicos, que dizem da necessidade de dominar a linguagem de modo a permitir que o texto implique criação e problematização, cativando o leitor – pautaram esse procedimento aparentemente simples e trivial (deixar-se guiar pela temporalidade do relógio, como na História guiada pela cronologia) que, em sua execução, não foi nada simples e nada trivial: valer-se da temporalidade do relógio, da cronologia estática, tirando proveito dela, sem, entretanto render-se a ela. Os tempos e vozes não puderam, numa primeira visada, de sobrevoo, ser simplesmente hierarquizados. Definitivamente, nossos tempos, os tempos dos colaboradores, os tempos das e nas narrativas, os modos de narrar não se apoiam na temporalidade do relógio, na dimensão *Chronos*<sup>13</sup>, no tempo privilegiado pela ciência moderna, regido por uma lógica formal. Os tempos da memória, cujas raízes estão fincadas nas narrativas, são caóticos, compostos por *flashes*, vãos e desvãos, lacunas, inconsistências, descontinuidades.

Como tratar dessa ambiguidade teórica? Como inventar uma história, seguindo o cronológico, que não apagasse os rastros incertos do tempo da memória, dos modos de dizer? Como reencenar e reencantar “a história, múltipla, heterogênea, contraditória, como os desvãos e largos batentes onde as criaturas se abrigam e se escondem, permanecendo, contudo, no aberto das ruas ...ou quem sabe, para poder ficar nas ruas...”? (BOSI, 1994, p.30)

---

<sup>12</sup> A Frisa do Tempo, como a sequência deste trabalho mostrará, é um dentre os vários recursos didáticos usados nos Ginásios Vocacionais. Trata-se, em resumo, de linearizar o tempo, registrando, numa linha contínua, eventos julgados significativos.

<sup>13</sup> *Chronos* é o tempo como mais comumente concebido: um tempo linear, uma sucessão de eventos numa linha. Nossas compreensões, com o desenvolvimento desta pesquisa, ocorreram de modo descontínuo, sofreram avanços, revezes, retrocessos, vazios. Mesmo cientes de estarmos num movimento ditado por um tempo *kairos* – o da memória de nossos depoentes, “aquele da percepção da experiência, da experiencição, do tempo descontínuo, sensual, vertiginoso da memória” – , optamos por obedecer, aqui, a um tempo *Chronos*, “preestabelecido pela civilização do relógio” (GARNICA, 2015, p. 182-3).



A expressão “Frisa do Tempo” surgiu no depoimento das senhoras Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá. Elas contam como, no Ginásio Vocacional de Americana, usavam essa estratégia didática para estudar História e Geografia: era confeccionado e exposto na parede da sala de aula de Estudos Sociais um painel, uma linha, na qual professores e alunos inseriam as datas e acontecimentos, em ordem cronológica, e à medida que se aprofundavam num determinado tema, acrescentavam detalhes e informações no painel permanentemente exposto.

*História, por exemplo, não falam muito mais nisso, não é recomendável, mas nós tínhamos a “frisa histórica”, ou seja, tinha uma faixa com os séculos na sala e à medida que eles iam estudando alguma coisa que tivesse alguma ocorrência na Grécia, por exemplo, a democracia na Grécia. “Quando foi isso?” “Foi antes.” Então as coisas eram colocadas constantemente e você tinha uma visão, porque o difícil para gente é ver a concomitância dos fatos. “Isso aconteceu aqui e o que estava acontecendo no resto do mundo quando isto aconteceu?” Estudos Sociais eu achava muito interessante: eles iam estudando as conclusões, de algumas coisas importantes e preenchi.*

**Lygia:** Na “frisa do tempo”.

**Cecília:** Na “frisa do tempo”. Iam escrevendo e deixando, ficava na sala de Estudos Sociais. Português, por exemplo, tinha o espaço dos autores, a sala se organizava em painéis, o que iam estudando colocavam em painéis. (Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá)

Descrevemos, a seguir, o modo como, neste trabalho, tentamos nos apropriar dessa estratégia e algumas das ideias que sustentam essa nossa tentativa somando as ideias apresentadas e mobilizadas no parecer apresentado por Filipe Fernandes na ocasião da Defesa da tese. Optamos, dado considerarmos significativo, compartilhar e disponibilizar esse exercício neste documento.

*Gostaria chamar a atenção para a palavra frisa. Por um lado, frisa é uma flexão do verbo frisar, que significa acentuar, marcar, salientar, citar a propósito. Por outro, a palavra frisa tem relações com friso ou frisado que – especialmente o último, um adjetivo – diz de algo crespo, eriçado e, quando no cabelo, fora do penteado. (Filipe Fernandes)*

Em nossas análises buscamos percorrer esses dois sentidos:

*Do lado do verbo, frisando acontecimentos e práticas que são fundamentais para compreender os Vocacionais em uma dimensão histórica. Do lado do adjetivo, buscamos promover uma operação historiográfica que não está preocupada apenas com a ideia de “fazer um penteado do tempo”, linearizando e organizando acontecimentos como fazemos com os fios do cabelo, mas com os frisos inevitáveis que qualquer penteado traz. (Filipe Fernandes)*

Foi possível então mobilizar e propor uma nova metáfora para as nossas produções históricas:

*No lugar de pensar a cronologia como uma linha na qual marcamos acontecimentos, penso-a agora como um grande cabeleira, sendo o ofício do historiador preparar penteados. Alguns optam por penteados mais organizados e abusam de fixadores para deixar os fios bem ordenados, sem qualquer friso. Outros gostam de cabelos bem bagunçados, embaraçados, deixando evidentes verdadeiros nós e vendo nisso um penteado. Mas há também aqueles que preferem fazer penteados sem se incomodar com a necessidade de desembaraçar alguns nós ou de ver, no final de todo o trabalho, alguns frisos, os rebeldes da fixação. Acho que você, Maria Eliza, opta pela último modo. Se me permite usar a metáfora, você faz um penteado dos Vocacionais mostrando para nós os momentos de embaraço e deixando vários fios que parecem não aceitar seus fixadores. Sua proposta, talvez, se aproxime da de Walter Benjamin de praticar uma história a contrapelo, passar a mão nos fios que desenham a história e fazer ver outros fios ou os mesmos em novas posições. Assim a Frisa do Tempo permitiu lidar com as nuances e elaborar uma narrativa “plausível, justa e honesta” com a sua metodologia, com o seu modo de pensar a produção da história e, principalmente, com os seus colaboradores. (Filipe Fernandes)*

Procuramos, assim, entender o Vocacional não como uma mera iniciativa educacional diferenciada, criada num determinado tempo e cenário, mas como uma trama de eventos e elementos que tornaram possível essa iniciativa. Não entendemos esta experiência desvinculada de seu tempo, seu lugar, suas práticas e seu destino. Por isso não temos a pretensão de reconstituir a “experiência dos Vocacionais”, de abarcar a realidade em sua totalidade, já que tentativas nesse sentido sempre resultarão em reducionismos e determinismos. Sempre haverá pontos de vista a serem contemplados, outros ângulos de visão: sempre será possível criar outros Ginásios Vocacionais.

Algumas premissas fundam essa nossa tentativa de análise: não entendemos as coisas do mundo como preexistentes, elas só existem à medida que as interrogamos e nos voltamos a elas, desejando conhecê-las. Na procura por respostas construo interpretações e compreensões, instaurando realidades. Não concebemos o passado como algo dado, mas como algo inventado num presente grávido dos vários futuros que lhe cabem, tanto quanto foram grávidos de futuros vários os passados que vivemos. Ousadamente almeja-se a criação de mundos.

Espaço e tempo são inerentes à experiência, estão imbricados apesar de serem comumente tratados e definidos como entes distintos e separados. Consideramos ser “preciso fundá-los para compreender a vida, ao mesmo tempo em que a vida dá elementos para que espaço e tempo sejam fundados e refundados.” (GARNICA, 2015, p.17)

Tratamos de olhar para diversas formas de manifestação, para diversas práticas e modos pelos quais podemos produzir outros vocacionais a partir dos

relatos de experiências vivenciadas pelos sujeitos e expressas em uma narrativa. Além das entrevistas com nossos depoentes, enveredamos por outros caminhos realizando visitas, estudando e analisando materiais, dentre os quais os mais classicamente acadêmicos como teses, dissertações, monografias e livros sobre o assunto, e outros tantos, como relatórios, notícias, vídeos, depoimentos e gravações dos mais variados. Participamos de eventos e buscamos conversar com pessoas cujas experiências nos pareciam significativas à luz de nossa questão de pesquisa, e estabelecer contatos presenciais ou por e-mail com várias pessoas além das que chamamos para colaborar formalmente, como depoentes, neste estudo. Fontes de natureza distintas, portanto, foram utilizadas e nos permitiram gerar compreensões acerca do objeto fluido que nos propusemos olhar.

Reiteramos que a tarefa de elaborar essa Frisa do Tempo não foi fácil, dado o grande número de informações, as nuances, lacunas e diferenciações que nos chegaram dos vários textos com os quais tomamos contato, dos diversos discursos sobre os quais nos debruçamos. Não abandonamos, com isso, o desejo de construção de uma narrativa plausível, justa, “honesta”, que nos deixasse estar, até certo ponto, comprometidos com aqueles que viveram e experienciaram essa experiência de maneira singular em suas vidas. Mediamos temporalidades. Eu, pesquisadora, narro com pés fincados no presente, com olhos e atenção voltados ao passado. Esta é a uma maneira, singular, única, uma tentativa de compreender-interpretar a história dos Vocacionais no que tange à sua idealização, à sua implantação e à sua extinção. Nesta imersão, descobrimos variados caminhos, bifurcações possíveis, elos, vertentes, significações, diversos elementos foram considerados relevantes, seja por mim, seja por outros que já estudaram o tema e que mereceram, segundo nosso ponto de vista, destaque. Especial relevância tiveram, para nós, não os discursos que imperam pela insistência com que são repetidos, mas aqueles cujo sentido nos possibilitou desnaturalizar narrativas cristalizadas, fabricadas, construídas pela memória coletiva ao longo do tempo.

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Quando sentimos necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido, recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que os conheceram. O grupo de colegas mal pode constituir um apoio para sua lembrança, pois se dispersou e cada um se integrou num meio diverso daqueles que

conheceu. Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ele, fixando assim seus traços cada vez mais fugidios? (BOSI, 1994, p. 408 - 411)

Perguntamos, junto à Ecléa Bosi (1994, p. 406): “Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados, muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória?”

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo nossas ideias não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. (BOSI, 1994, p. 407)

Perguntamos ainda, insistentemente, sem muitas vezes encontrar respostas convincentes, o que permitiu que os documentos a que tivemos acesso se apresentassem, sobrevivessem e chegassem até nós. O que os manteve até nossos dias? Quais forças os fazem/fizeram circular?

Há, neste texto, uma tentativa de compreensão e apreensão dos indícios e rastros deixados para a constituição desta trama e suas ramificações.

Destacamos mais uma vez que esta narrativa não deve ser vista como apartada dos modos como pensamos pesquisa, ainda que possam estar contaminados com preconceitos insistentes dos quais tentamos incessantemente nos desvencilhar: tentamos deixar os “quês” e “porquês” imbricados aos “como”. Nessa busca para constituir textos sobre elementos que nos pareceram importantes para entender os Vocacionais, também ficaram fortalecidos os procedimentos metodológicos de análise que decidimos enfrentar, ainda que eles sempre solicitem revisões ou complementações.

Um passeio inicial por algumas expressões artísticas da época em que funcionaram os Vocacionais nos conduziram a algumas direções e puderam nos ajudar a compor uma narrativa ou, talvez, torná-la menos árida. Há um desejo da inserção de “vida” nas linhas que seguem. Queríamos instigar, injetar cor, pintar uma imagem que nos permitisse olhar para centros e margens, evitando preconceitos, aproveitando tudo o que acreditávamos poder criar sentidos e, com isso, constituir um registro histórico plausível sobre os Ginásios Vocacionais e exercitar, talvez, “uma sensibilidade que tem estado ausente em nosso meio de pesquisa.” (GARNICA, 2015, p.12)

O que realizamos condiz com esse discurso? Caberá ao leitor dizer. Quanto a nós, acreditamos que este foi um exercício: buscar uma simbiose entre teoria e prática, na qual aspectos metodológicos imbricam-se e surgem no processo e não apenas num capítulo à parte, estanque, no qual se enunciam todos os passos e procedimentos para logo em seguida ser descartado. Foram inspiradoras as pesquisas que praticam isto com maestria, como as de Fernandes (2014), Martins-Salandim (2012), Miarka (2011), Souza (2011), Cury (2011), Rolkouski (2006), Silva (2006), Clareto (2003). Vianna (2000) nos causou um primeiro impacto, com o que fomos desafiados a nos despir de alguns cânones comuns ao meio acadêmico.

#### 4 OS GINÁSIOS VOCACIONAIS: idealização, implantação e desenvolvimento

O pajé fez a reza, jogou, acabou com todos os ratos. O rato tornou-se rato de vez, bicho mesmo, o local onde estavam sumiu. O filho morto, que era o marido, que queimara o corpo da mulher, o pajé fez virar raposa. A mulher, a cabeça, virou também raposa, Watiri-Kokoré. O bacurau morreu. A invenção do bacurau ficou, mas ela era mandada pela *Djkontxerô*. Continua existindo bacurau.

É a pele que fica, uma coisa vira outra, como a lagarta vira borboleta. A casca fica. Metamorfoseou-se. Cai a casca. É assim, essa história.

(MINDLIN, 2014, p. 196)

A história, como toda atividade de pensamento, opera com descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar<sup>14</sup> o que se passou”. (ALBERTI, 2004, 13-14). Numa viagem que conecta e mistura tempos e espaços interrogamos o passado com um corpo do presente, parte constitutiva do próprio presente. Buscamos interpretar realidades produzidas, discursos, documentos fabricados, razões e sentimentos, sonhos, desejos e frustrações a fim de criar possíveis conexões com a vida e abrir possíveis novos horizontes para um futuro outro.

Que elementos possibilitaram esta experiência do Vocacional se constituir, aparecer, deixar rastros, sentimentos que se manifestam num saudosismo inerente aos muitos que atravessaram e foram atravessados por esta experiência? Quais elos os e nos mantêm ligados a este passado que sobrevive com marcas e restos que não querem desaparecer? Que elementos circundaram essa experiência, a formaram, a destruíram, a transformaram ou a fizeram? Sentimos a desilusão ao perceber que nunca correspondemos à imagem primeira: há sempre construções, elementos que se esvaem e se mantêm, se esfacelam, se constroem, se reconstroem neste movimento de lembrar, num jogo de esconde-aparece-esconde. Sentimos a derrota, inerente ao viver, pela impossibilidade de compor a experiência passada como um todo, mas, em contrapartida, encontramos fragmentos multifacetados que se reconfiguram a cada olhar, a cada vez que busco apreendê-la. Isto traz o inesperado, o inusitado, o novo e o frescor. Sempre haverá outras interpretações possíveis, carregadas de (im)possibilidades de compreender. Sob perspectivas variadas, o objeto escapa e se manifesta, paradoxalmente.

---

<sup>14</sup> Ainda que Alberti use o termo “explicar” e que essa ação seja, já, uma das orientações para compreender o verbo “interpretar”, em nosso texto preferimos usar o termo “interpretar” e/ou “compreender”.

## 4.1 DA DÉCADA DE 1960

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. (LARROSA, 2002, p.21)

Na década de 1960, no Brasil, os Ginásios Vocacionais.

Na década de sessenta, no Brasil e no mundo, a sociedade vivia uma efervescência que emergia de – e se manifestava em – novas experiências, representando o início das realizações de projetos socioculturais e ideológicos, muitos deles concebidos nos anos 1950.

A cultura, a arte, a música, o cinema, a política, as ciências, a tecnologia, a educação sofriam transformações. A crença no desenvolvimento e no progresso se fazia presente.

O movimento *hippie* ganha força. Em 1961, o russo Yuri Gagarin torna-se o primeiro homem a entrar no espaço. Em 1967, na África do Sul, ocorre o primeiro transplante de coração. O homem chega à lua em 20 de julho de 1969, na missão Apollo 11. Em 01 de maio de 1963 a TV Tupi faz a primeira transmissão em cores da televisão brasileira. Em 1961 constroem o Muro de Berlim. O Presidente Jânio Quadros renuncia em 06 de abril de 1961; em 1963 o Presidente John F. Kennedy é assassinado numa visita a Dallas. Inaugura-se o MASP – Museu de Arte Moderna de São Paulo - em 07 de novembro de 1968. Em 1969 decidem implantar a primeira usina termonuclear no Brasil. Em 21 de abril de 1960 é inaugurada Brasília, a nova capital do Brasil. Em 1961 os Estados Unidos rompem as relações diplomáticas com Cuba. Em 1968, Martin Luther King Jr. é assassinado nos Estados Unidos; em 1967, Che Guevara é assassinado na Bolívia. Surgem os movimentos feministas e outros movimentos civis em favor dos negros e homossexuais. A televisão começa a se tornar um meio de comunicação de massa. A TV Record lança o programa musical “Jovem Guarda”, que durou de 1965 a 1968. No I Festival de MPB – Música Popular Brasileira - em 1965, com a canção *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, Elis Regina desponta no cenário musical brasileiro. Outros nomes, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Jobim, Edu Lobo, Nara Leão, Geraldo Vandré e Jair Rodrigues se destacam.

*Caminhando e cantando e seguindo a canção /.../ Vem vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora não espera acontecer. /.../ Pelas ruas marchando indecisos cordões./.../ Há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas nas mãos. Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição de morrer pela Pátria e viver sem razão.*

**Para não dizer que não falei das flores** – Geraldo Vandré (1968)

*Pai, afasta de mim este cálice.*

**Cálice** - Chico Buarque

Ao assistir o vídeo de um destes grandes festivais vemos a *efervescência* se manifestando nos corpos. Há homens, mulheres, crianças. A família de classe média brasileira representava-se. Uma pequena parcela, uma elite, ali nos festivais, com seus trajes e cabelos. O “Brasil”, em casa, assistia. Cada família com sua tela em preto e branco. Os festivais marcaram época, a comoção que instauraram e as discussões que, mesmo em meio à Ditadura, disparavam. A música popular brasileira, o cinema e o teatro escancaravam as mazelas do país, questionando-as.

*Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar. Aprendi a dizer não. Ver a morte sem chorar. A morte e o destino, tudo. Eu vivo para consertar.*

**Disparada** – Jair Rodrigues, 1967.

*/.../ A minha gente sofrida despediu-se da dor para ver a banda passar cantando coisas de amor. O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou que inda era moço para sair no terraço e dançou, a moça feia debruçou na janela pensando que a banda tocava pra ela. /.../ Mas para meu desencanto o que era doce acabou, tudo tomou seu lugar depois que a banda passou. E cada qual no seu canto, em cada canto uma dor depois da banda passar cantando coisas de amor.*

**A banda** – Chico Buarque (1966)

*Juliana seu sonho, sua ilusão. /.../ Olha o sangue na mão. Juliana no chão. /.../ Amanhã não tem feira. Não tem mais construção. Não tem mais brincadeira. Não tem mais confusão.*

**Domingo no Parque** - Gilberto Gil (1967)

*Caminhando contra o vento/ Sem lenço, sem documento/ No sol de quase dezembro/ Eu vou./ O sol se reparte em crimes,/ Espaçonaves, guerrilhas/ Em cardinales bonitas/ Eu vou./ Em caras de presidentes/ Em grandes beijos de amor/ Em dentes, pernas, bandeiras/ Bomba e Brigitte Bardot./ O sol nas bancas de revista/ Me enche de alegria e preguiça/ Quem lê tanta notícia?/ Eu vou/ Por entre fotos e nomes/ Os olhos cheios de cores/ O peito cheio de amores vãos/ Eu vou./ Por que não, por que não/ Ela pensa em casamento/ E eu nunca mais fui à escola/ Sem lenço, sem documento./ Eu vou/ Eu tomo uma coca-cola/ Ela pensa em casamento/ E uma canção me consola/ Eu vou/ Por entre fotos e nomes/ Sem livros e sem fuzil/ Sem fome sem telefone/ No coração do Brasil/ Ela nem sabe até pensei/ Em cantar na televisão/ O sol é tão bonito/ Eu vou/ Sem lenço, sem documento/ Nada no bolso ou nas mãos/ Eu quero seguir vivendo, amor/ Eu vou/ Por que não, por que não...*

Caetano Veloso, em 1967<sup>15</sup>, sob vaias, no Festival da Record

<sup>15</sup> **Alegria, Alegria**, letra e música de Caetano Veloso.



Músicas da década de 1960 e ouvidas por anos a fio. Caetano Veloso, como muitos outros artistas, políticos e intelectuais, em breve estará exilado.

Em meio a esse contexto, os Vocacionais.

## 4.2 VOCACIONAIS: gestação e implantação

[...] o passado nunca passa, nem sequer é – como disse Faulkner – realmente passado; o passado é apenas uma dimensão do presente. (CERCAS, 2015, p.114)

### *Antes do início*

No período pós-guerra<sup>16</sup> o sistema educacional brasileiro sofria pelo imobilismo. A década de 1950 caracterizou-se por intensos debates na área, visto que a modernização do país era uma exigência para o processo de industrialização<sup>17</sup>. Como consequência, a década de 1960 implantaria muitos dos projetos idealizados na década anterior. Um desses projetos idealizadores de uma transformação, desejoso de mudanças, foi o do Ensino Vocacional, uma experiência educacional pública do Estado de São Paulo.

Apresentamos neste tópico uma visão panorâmica do contexto de suas idealização e implantação, e dos trâmites políticos e ideológicos que possibilitaram o surgimento deste projeto alternativo que introduziu mudanças no cenário educacional paulista e é, até hoje, avaliado, por muitos, como vanguardista em relação ao seu tempo.

Carlos Alberto de Carvalho Pinto vence as eleições em outubro de 1958 e assume o governo do Estado de São Paulo com o apoio de Jânio Quadros, que

---

<sup>16</sup> A Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, é assim chamada por ter se tratado de um conflito que extrapolou o espaço da Europa, continente dos principais países envolvidos. Além do norte da África e a Ásia, o Havaí, território estadunidense, com o ataque japonês a Pearl Harbor, foi também palco de disputas territoriais e ataques inimigos.

<sup>17</sup> O sentido da industrialização brasileira foi o de expansão acelerada das indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital, particularmente nas fases de expansão 1957-62 e 1967-72. A expansão das empresas multinacionais também fica evidenciada principalmente nos ramos mais dinâmicos da indústria. A industrialização iniciou basicamente no eixo São Paulo-Rio, em virtude da proximidade dos maiores mercados consumidores, que aí se localizavam, da infra-estrutura de comércio, transporte e serviços urbanos legada pelo café e também do fato de que uma parcela dos capitais aplicados nas industriais provinha dos antigos cafeicultores. Concomitantemente ao processo de industrialização, o Estado aumentou a sua intervenção na economia, tanto em termos qualitativos como quantitativos, assim a política econômica teve importantes efeitos de indução ao crescimento industrial. As empresas estrangeiras passaram a participar mais ativamente da indústria brasileira a partir de meados da década de 50, quando receberam incentivos favoráveis à sua implantação no país. (VICECONTE, 1977).

também tem uma candidatura vitoriosa nas eleições presidenciais de outubro de 1960.

Anos 50:

Se, como foi visto, no cenário político, o país vivia um novo clima que propiciou toda uma abertura para as ideias oriundas do debate intelectual que se promovia na Europa e na França, criando, no plano cultural, uma movimentação que fez da década de 50 um período de intensa mobilização social em prol da retomada do processo democrático e de um ajustamento no setor educacional, na prática concreta, a educação continuava atrelada a legislação decorrente do bloco monolítico constituído pelas Leis Orgânicas do tempo da ditadura Vargas, vigorando a uniformização do ensino secundário: os mesmos materiais didáticos, os mesmos métodos, conteúdos e provas de avaliação eram encontrados do Oiapoque ao Chuí – realidade que só viria a se transformar com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1962. Sob o aspecto legislativo, portanto, a educação no país vivia sob o peso de um quadro rígido de regulamentações, que não acompanhavam as transformações do contexto socioeconômico e cultural. Nele, tornavam-se cada vez mais prementes as demandas sociais por uma educação que melhor atendesse não só ao aumento demográfico, sobretudo nas zonas urbanas, mas também as exigências de um novo padrão de desenvolvimento tecnológico e científico que resultavam do avanço no processo de industrialização do país. (MASCELLANI, 2010, p. 81)

A vida cultural brasileira também se agitou em meio à agenda reformista sugerida pelo presidente Jango, adensando uma série de iniciativas culturais, artísticas e intelectuais que vinham dos anos 1950 e apontavam para a necessidade de reinventar o país, construí-lo sob o signo do nacionalismo inspirado na cultura popular e no modernismo, a um só tempo. O governo Jango aglutinou uma nova agenda cultural para o Brasil. (NAPOLITANO, 2014, p.18).

Naqueles anos mágicos, a produção cultural, artística e filosófica era intensa e rica e a juventude da época, caracterizada por uma extrema generosidade, almejava a construção de um novo mundo, justo e solidário. /.../ Vale lembrar que os anos 1960 se caracterizavam pela riqueza, diversidade e fertilidade no que se refere à produção intelectual e cultural e à luta por transformações políticas e na esfera dos costumes. (TAMBERLINE, 2005, p. 30- 32)

Os anos 60, denominados pela mídia de “Anos Rebeldes”, na verdade apontam para dois momentos distintos que irão marcar decisivamente o seu perfil. Em primeiro lugar, é preciso registrar um momento de certa euforia, representada pelo movimento democrático que lutava pelas reformas de base. De fato, os primeiros anos da década foram marcados pela eleição de Janio Quadros para a Presidência da República, o que, no contexto, significava a vitória de um candidato popular, de linha populista, contra um militar apoiado pelos conservadores. Seu curto governo foi pautado por uma tentativa de independência e de afirmação da autodeterminação dos povos, sinalizada por gestos radicais como a condecoração do líder guerrilheiro Che Guevara, o que lhe valeu o aumento das pressões que sofria por parte do Governo norte-americano, em razão das diretrizes econômicas e políticas que anunciava. (MASCELLANI, 2010, p. 72)

O Ensino Vocacional foi o resultado de experiências educacionais e debates intelectuais e políticos que, ao longo de toda a década anterior, a de 1950, tinham tido lugar no país.

Nos anos de 1957 e 1958, em São Paulo, houve a ampliação das redes de ensino. Cerca de 90 ginásios foram criados em razão da inexistência de escolas secundárias públicas e também particulares, o que levou parte da população a reivindicar a criação de um “ginásio estadual para a sua cidade”. (FERREIRA, 2007, p. 43)

Em 1959, ocorreu a campanha em favor da escola pública, também conhecida como “Manifesto dos Pioneiros”, elaborado por Fernando de Azevedo. Este documento defendia princípios como o ensino laico, gratuito e obrigatório e um Plano Nacional de Educação. (FERREIRA, 2007, p. 43)

Mediante pressão da população, que já constituía, nesta época, uma força a ser levada em conta, a expansão do ensino secundário torna-se obrigatória para atender às pressões populares e o desenvolvimento econômico do país, que exigia a formação de profissionais que suprissem as demandas instigadas pela industrialização. A abertura para a transformação do ginásio em continuidade ao ensino primário estava sendo, também, incentivada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep).

No final dos anos 50, a expansão do ensino secundário no país havia criado uma situação irreversível que exigia uma intervenção mais decisiva dos poderes públicos. Na cidade de São Paulo, uma das mais importantes do país, a primeira Jornada de Diretores de Ensino Secundário, realizada em 1957 sob os auspícios da Inspetoria Seccional local, solicitava o funcionamento de classes experimentais, o que viria a ser concretizado dois anos mais tarde. Ao final de 1958 o perfil da instrução secundária nessa cidade estava significativamente alterado. (NUNES, 2000, p.49-50)

E ainda,

Nas décadas de 50 e 60, a insatisfação com o ensino secundário existente e a camisa de força representada pela Lei Orgânica em vigor propiciaram movimentos no sentido de quebrar a rigidez curricular da escola secundária, dotando-a com a flexibilidade necessária à introdução de disciplinas práticas e vocacionais. /.../ O primeiro passo registrado na direção da quebra da rigidez curricular pela história da educação brasileira é a criação das classes experimentais, que surgiram na gestão de Gildásio Amado na Diretoria do Ensino Secundário, em 1959. Baseada no modelo francês a das classes *nouvelles*, elas apresentavam como objetivo o ensaio de novos currículos, métodos e processos de ensino. Foram instaladas em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, no Ceará, no Espírito Santo, em Pernambuco e na Guanabara entre a data de sua criação e o ano de 1962. (NUNES, 2000, p.52)

Mas o que seriam e o que significariam, neste contexto, as classes experimentais? Como se relacionam aos Ginásios Vocacionais?

Ferreira (2007, p. 04) aponta que o que mais influenciou a criação dos Ginásios Vocacionais no Estado de São Paulo foi a criação das Classes Experimentais. A ideia desse trabalho pedagógico inicia-se no Congresso de Educadores, realizado na França, em 1950. A ideia, ao que tudo indica, foi gestada por Luiz Contier<sup>18</sup> e por um grupo de educadores brasileiros após um período de permanência e estudos nas classes *nouvelles*<sup>19</sup> francesas - classes experimentais. Após dois anos de estudos na França, o professor Luiz Contier idealizou um projeto experimental que implantaria, na escola na qual exercia o cargo de Diretor, o Instituto de Educação Alberto Conte, em Santo Amaro-SP, um projeto semelhante aos das classes experimentais que havia conhecido quando do seu estágio francês. Neste período de experiência, Contier recebeu no Instituto a visita de autoridades educacionais interessadas nas especificidades da cultura escolar praticada ali e foi convidado, então, por Marina Cintra, delegada no MEC (Ministério da Educação e

---

<sup>18</sup> Luiz Augusto Contier foi professor primário, diretor do Instituto de Educação Alberto Conte (1956), diretor do Departamento Municipal de Ensino (1970) de Santo Amaro e quem, pela primeira vez no Brasil, aplicou, no Instituto Alberto Conte a experiência adquirida na França sobre as “*Classes Nouvelles*”.

<sup>19</sup> As *Classes Nouvelles* inspiraram educadores brasileiros na criação das classes secundárias experimentais. [...] Gustave Monod, nascido em 1885, é convidado, em 1911, para lecionar Filosofia na École des Roches, instituição privada e laica, fundada em 1899 na Normandia por Edmond Demolins com a intenção de formar a futura elite francesa, apropriando-se de uma experiência inglesa que utilizava os métodos experimentais da Escola Nova. Gustave Monod permanece na École des Roches até 1914. Convocado a participar da guerra, Gustave Monod é enviado ao front, inicialmente como soldado de segunda classe, o mais próximo da linha de artilharia e depois como enfermeiro. No total foram 44 meses no front de batalha. Em 1918, Monod foi atingido gravemente enquanto auxiliava um soldado ferido e teve sua perna direita amputada, permanecendo nove meses em recuperação no hospital. As lembranças do front marcaram profundamente Monod, não se limitando à esfera pessoal, mas também como educador. Sua conclusão dessas experiências todas era que, para não cometer os mesmos erros que culminaram na Primeira Guerra, o ensino deveria ser reformulado. Monod torna-se então o precursor das classes *nouvelles francesas*. [...] Idealizadas na França do pós-guerra, as classes nouvelles de la Libération foram a resposta para um período de esperança e renovação. Em 1945, o Ministro da Educação Nacional do Governo Provisório, René Capitant, formou um grupo composto por educadores e psicólogos para o desenvolvimento de um novo modelo educativo que seria instituído na rede pública. Destaca-se o nome de Monod como um dos principais agentes para a criação dessas classes. Monod criou o Centre International d'Études Pédagogiques (CIEP) na cidade de Sèvres, como meio de divulgação, cooperação e intercâmbio entre educadores e suas obras. O Centro tornou-se rapidamente uma referência mundial e pesquisadores de todas as partes do mundo realizaram estágios para conhecer em minúcias a nova experiência. O local também acolheu reuniões da UNESCO. Edmée Hatinguais, pedagoga e inspetora geral da Educação Pública francesa, foi a primeira diretora da instituição (1945-1966) e teve o importante papel de divulgar as ideias do Centro ao redor do mundo. Através de um convite feito pelo governo federal brasileiro, Madame Hatinguais criou um elo entre o CIEP e os educadores brasileiros, entre eles Luis Contier. No Brasil, após mais de uma década da iniciativa francesa, os pareceres n.º 31/58 do Conselho Nacional da Educação (CNE) e o n.º 77/58 da Consultoria Jurídica do Ministério da Educação e Cultura, homologaram a organização das classes experimentais secundária a partir de 1959, uma apropriação das *classes nouvelles*. (STEINDEL; DALLABRIDA; ARAÚJO, 2013)

Cultura) no Estado de São Paulo – a divulgar os resultados obtidos no colégio que dirigia, na Jornada de Diretores, em 1956.

A comunicação e apresentação desta experiência agradou o então Diretor de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura (MEC) o Prof. Gildásio Amado, que a partir do contato com a proposta, na referida Jornada de Diretores do Ensino Secundário, passou a incentivar a ampliação do modelo para, posteriormente, possibilitar a criação das classes experimentais em todo o país.

Dentre as Classes Experimentais criadas, estavam as de Socorro-SP. Um grupo de pessoas que atuava nesta unidade faria, mais tarde, parte de todo o processo histórico dos Ginásios Vocacionais.

Com a posse de Carlos Alberto de Carvalho Pinto, como governador do estado de São Paulo, em 1958, são criadas as condições para que, em 1959, fossem concretizadas e instaladas as Classes Experimentais. Um dos grandes responsáveis por esse feito foi o Professor Luís Contier, que integrou a Comissão de Técnicos do Departamento de Ensino Profissional e encaminhou à Diretoria do Ensino Secundário do MEC um “Plano para a Organização das Classes Experimentais”, desenvolvido em nove estabelecimentos da Capital e do interior. Tratava-se apenas de um elenco de alterações a serem introduzidas nas escolas secundárias. (GVive - História do SEV)

Na rede pública, [as Classes Experimentais] funcionaram em cinco estabelecimentos: Instituto de Educação de Jundiá, Instituto de Educação Culto à Ciência, de Campinas, e Instituto de Educação Narciso Pieroni, de Socorro e, na capital, nos Institutos de Educação Alberto Conte e Macedo Soares. Interessa-nos aqui, particularmente, as Classes Experimentais de Socorro. Desde 1957, lecionávamos neste município no Curso Normal, de formação de professores primários. Nosso interesse pela renovação educacional datava de muitos anos. (MASCELLANI, 2010, p. 83)

Neste contexto, Luciano Vasconcellos de Carvalho, o então Secretário Estadual da Educação de São Paulo, em suas viagens pela Europa, também conhece experiências educacionais diferenciadas, como as *classes nouvelles* na França e a Escola Compreensiva Inglesa. De volta ao Brasil, partindo dessas ideias, vai buscar novas propostas educacionais, com escolas mais arrojadas e que atendessem às necessidades de formação adequadas ao momento histórico, social e econômico e, conseqüentemente, promovessem o desenvolvimento do país.

Luciano de Carvalho visita a escola para conhecer o trabalho desenvolvido nas Classes Experimentais de Socorro-SP. Nesta visita conhece a então diretora, Lígia Furquim Sim, Olga Bechara e Maria Nilde Mascellani, esta última, na ocasião, coordenadora pedagógica da equipe de professores e que, mais tarde, viria a ser a coordenadora geral e idealizadora do SEV – Serviço de Ensino Vocacional.

O Secretário desde então passa a trabalhar pela expansão desta experiência. Organiza, em 1961, uma comissão de educadores e especialistas do Ensino Secundário e do Ensino Industrial para apresentar um projeto de estudo que pudesse, ao ser concretizado, acompanhar o ritmo das descobertas científicas e do desenvolvimento econômico e social que ocorriam no Brasil, uma escola que atendesse aos apelos de uma sociedade que buscava o fortalecimento da democracia e desejava avançar rumo às transformações sociais. A Coordenação da Comissão coube ao Professor Oswaldo de Barros Santos, Técnico em Educação do Departamento de Ensino Profissional. Pelo Ensino Secundário foram convidados os professores Luiz Contier, Diretor do Colégio Alberto Comte, da Capital, e Professora Maria Nilde Mascellani, do Instituto de Educação Narciso Pieroni, da cidade de Socorro. (GVive - História do SEV)

“Era evidente nesse processo, nesse momento, a convergência de dois movimentos em direção a reformas educacionais, promovida pelo interesse das autoridades educacionais, em particular do próprio Secretário da Educação.” (NEVES, 2010, p.77), além do apoio do governo federal, que à época investia mais na educação, com Jango na presidência. (GHIRALDELLI Jr., 2006).

Neste processo, numa jogada política, o Secretário Luciano de Carvalho aproveita o processo de tramitação da Lei Estadual nº 6.052, conhecida como Lei Industrial, de 03 de fevereiro de 1961, que reestrutura o Ensino Industrial e o de Economia Doméstica, e insere quatro novos artigos neste projeto, criando, legalmente, os Ginásios Vocacionais, implantados e coordenados pelo Serviço de Ensino Vocacional. (CHIOZZINI, 2014, p.21)

Apenas nos interessa destacar que, nesse jogo, a Diretoria do Ensino Industrial procurava estender sua influência a Diretoria do Ensino Secundário, solapando gradativamente o poder dos setores conservadores do Ministério da Educação. /.../ Os momentos decisivos desse jogo, porém, ocorreriam entre 1961 e 1964, quando foram concebidos e criados os ginásios industriais e os ginásios modernos na versão de Gildásio Amado e ainda idealizados os ginásios populares de base profissional por Lauro de Oliveira Lima. (NUNES, 2000, p.53)

Tanto o ensino secundário quanto o ensino profissional enfrentavam uma problemática comum: encontravam-se defasados e havia a necessidade de reverter a situação de frustração vivenciada pela maioria dos jovens frente aos estudos. O trabalho dessa comissão vai resultar na criação do novo sistema de ensino experimental. (NEVES, 2010, p. 78-79)

A proposta pedagógica dos Ginásios Vocacionais utilizava estratégias de integração curricular, como os estudos do meio e os projetos de intervenção na comunidade e planejamento curricular por meio da pesquisa na comunidade — um meio de trazer a realidade social para o interior da escola. Suas linhas diretrizes na condução da prática pedagógica eram a apreensão integrada do conhecimento, o valor do trabalho em grupo, o desenvolvimento de condições de maturidade intelectual e social, o exercício consciente do trabalho, a definição de opções de estudo e ocupações, a disposição para atuação no próprio meio e a descoberta da responsabilidade social. (GVive - História do SEV)

O Serviço do Ensino Vocacional foi criado, então, pelo Decreto Estadual nº 38.643, de 27 de junho de 1961, Art. 302, como órgão especializado, diretamente subordinado ao gabinete do Secretário Estadual da Educação, para coordenar as unidades de Ginásios Vocacionais, conforme estabelecia o Art. 25 da Lei Estadual nº 6.052, de 03 de fevereiro de 1961. “O SEV [seria] composto por professores, especialistas, assistentes sociais e psicólogos, formados em curso universitário, em cursos de especialização e pós-graduação.” (MARQUES, 1985, p. 49)

Das informações fornecidas pelo Diretor do Ensino Secundário decorreu o parecer 104 do Conselho Nacional de Educação, favorável ao enquadramento dos cursos vocacionais, previstos na Lei nº 6.052 e respectivo regulamento (decreto estadual nº 38.643) no regime de classes experimentais. /.../ Em dezembro de 1961, a nova Lei nº 4.024, que estabelecia as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assegurava, em seu artigo 104, a implantação de escolas experimentais no país. O Sistema Público de Ensino Vocacional de São Paulo a ser organizado, orientado e coordenado pelo Serviço de Ensino Vocacional, se instalou, portanto, com plena legalidade. (NEVES, 2010, p.85)

Em 1961, a Profª Maria Nilde Mascellani, que já fazia parte da comissão de educadores, foi designada Coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional.

Em 1962 o projeto foi implantado, inicialmente, em três unidades escolares: Ginásio Estadual Vocacional do Brooklin, na Capital, posterior GEV "Oswaldo Aranha"; Ginásio Estadual Vocacional de Americana<sup>20</sup>, posterior GEV "Papa João XXIII"; Ginásio Estadual Vocacional de Batatais<sup>21</sup>, posterior GEV "Cândido Portinari".

No ano seguinte implantam-se mais duas unidades: o Ginásio Estadual Vocacional de Rio Claro<sup>22</sup>, posterior GEV "Chanceler Raul Fernandes", e o Ginásio Estadual Vocacional de Barretos<sup>23</sup>, posterior GEV "Embaixador Macedo Soares".

<sup>20</sup> Americana-SP, município da região de Campinas, distante 126 km da capital.

<sup>21</sup> Batatais-SP, município da região de Ribeirão Preto, distante 355 km da capital.

<sup>22</sup> Rio Claro-SP, município distante 173 Km da capital.

<sup>23</sup> Barretos-SP, município da região de Ribeirão Preto, distante 421 Km da capital.

Estavam então criadas e instaladas, em 1963, cinco das seis unidades dos Ginásios Vocacionais no estado de São Paulo. Em 1968 implanta-se o Ginásio Estadual Vocacional de São Caetano do Sul que já não contava mais com período integral.

No ano de implantação das três primeiras unidades do Ensino Vocacional, no rastro do dinamismo da década de 1960, inúmeros acontecimentos marcavam a realidade educacional, cultural e artística brasileira.

O ano de 1962, particularmente, foi rico para a vida cultural brasileira, com a confirmação da Bossa Nova como modelo da nossa moderna canção engajada, e a formalização do Cinema Novo como grupo e com a formação do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). No Nordeste, o Movimento de Cultura Popular do Recife era o modelo de ação cultural das elites reformistas junto às classes populares, inspirando, sobretudo, os jovens de outras regiões na sua “ida do povo”. As campanhas de alfabetização de adultos calcadas no método Paulo Freire, que propunha uma alfabetização conscientizada, e não meramente tecnicista, mobilizavam vários setores de esquerda, desde 1961, com a criação do Movimento de Base que tinha apoio da Igreja Católica. (NAPOLITANO, 2014, p. 20)

Este breve relato histórico que leva à criação dos Ginásios Vocacionais em São Paulo nos permite perceber que essa proposta educacional foi gestada atrelada a forças locais, estaduais, nacionais e também mundiais. Trata-se de uma proposta que, inspirada inicialmente nos modelos franceses, foi efetivada na capital e no interior do estado de São Paulo e atendeu, em sua quase uma década de vigência, mais de 10.000 alunos.

*[...] o Vocacional nasceu num momento livre, em que a mudança educacional era uma coisa desejável, era uma coisa aceitável. (Esméria Rovai)*

#### **4.3 ENTRE 1962 e 1968: visitando os Ginásios e o Serviço de Ensino Vocacional**

O tom de afirmativa vai surgir, mas atente-se “a verdade não está em um ou outro lugar /.../ se uma verdade existe, ela se dá na multiplicidade de versões que um fato, estória ou pessoa podem fazer ecoar. A ficção é este jogo.” (CLARISSE FUKELMAN, p.15, In: A hora da Estrela de Clarice Lispector)

Uma imersão nas práticas, nos aspectos físicos, estruturais, pedagógicos, didáticos e políticos farão parte da continuidade desta narrativa. Procuramos trazer um panorama e, ainda, constituir aspectos referentes ao interior destes Ginásios. Para isso julgou-se necessário trazer à cena diversas áreas do conhecimento, suas abordagens, seu fraseado, seus autores, posto que um traçado tal pressupõe a



conjugação de diferentes perspectivas e enfoques, ouvindo ex-professores, ex-alunos, ex-funcionários, ex-administradores, pessoas, documentos, objetos e outros textos que, de alguma forma, nos dizem da experiência e do contexto da época. (GARNICA, 2015, p. 191)

Os Ginásios Vocacionais são instituições criadas num certo tempo e lugar específicos – um conjunto de escolas de ensino secundário do Estado de São Paulo. Quais suas características? Qual seu formato? Qual sua equipe gestora? Falaremos sobre os professores, sobre as instalações, sobre a estrutura pedagógica. Como entendiam e praticavam o currículo? Que técnicas de ensino foram propagadas e empregadas? Falamos sobre formas de avaliação. Como eram admitidos esses alunos e contratados professores? Em quais cidades se estabeleceram e por quê? Como se davam as relações entre o SEV e as unidades vocacionais espalhadas pelo interior? Falamos sobre possíveis peculiaridades e particularidades dessas unidades.

## **O Ensino Vocacional**

Os idealizadores da proposta de Ensino Vocacional abraçam a proposta do ensino renovado.

O Ensino Vocacional não foi o único da época que abarcou as propostas do ensino renovado. No pós-guerra o *Liceu de Sévres*, na França, já o fizera, adotando os métodos ativos e comprometendo-se fortemente com a democracia, cabendo salientar que os educadores que implantaram esse modelo haviam participado da resistência francesa ao nazismo. A interação com a história e a formação de valores como a defesa da democracia e o compromisso social, fundados em concepções existencialistas eram pontos de destaque deste projeto educacional que fugia às concepções tradicionais. (TAMBERLINE, 2005, p. 34)

Os Ginásios Vocacionais foram estabelecimentos de ensino público, em período integral, destinados a alunos de 1ª a 4ª séries do ensino ginásial que, segundo as atuais diretrizes educacionais, compreendem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Eram direcionados a jovens de ambos os sexos, com idade entre 11 e 13 anos quando do ingresso. Na cidade de Batatais, por exemplo, houve uma resistência inicial à natureza de escola mista, o que se pôde observar no pequeno número de matrículas de meninas no Vocacional. As famílias tinham receio de colocarem suas filhas para estudar com meninos. Isto foi corrigido astutamente pela equipe pedagógica, que manteve o equilíbrio da representatividade entre os gêneros

nas classes. Na época havia um preconceito muito grande quanto ao trabalho conjunto de meninos e meninas, tanto nos estudos quanto em atividades sociais, educação física, acampamentos, trabalhos artísticos, estudos do meio. (MASCELLANI, 1988, *apud* CHIOZZINI, 2010, p.296)

Os alunos tinham, além das matérias convencionais, disciplinas que, para a época, eram novidade: Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Musical, Teatro, juntamente com Educação Física e Artes Plásticas.

*Eram cinco áreas técnicas. Tinham as matérias de cultura geral: Matemática, História e Geografia que eram fundidas, eram dois professores na sala, um de História, um de Geografia- Estudos Sociais, Ciências, Português e tinha duas línguas estrangeiras, tinha o Inglês e o Francês, em séries diferentes. Depois começamos com Teatro também. Depois iniciação técnica: Artes Industriais, Artes Plásticas, Educação Musical, Economia Doméstica, Práticas Agrícolas... (Cecília Guaraná)*

**Lygia:** Práticas Comerciais.

Desde 1962, em São Paulo, no Brooklin, em todo o início de ano eram abertas 120 vagas aos alunos da primeira série do ginásio que seriam divididos em quatro salas. O Ginásio Vocacional de Batatais oferecia 90 vagas e os alunos eram, então, divididos em três salas. “Era conforme o tamanho do prédio.”(Cecília Guaraná)

No Ensino Vocacional o número de alunos era, normalmente, limitado a 30 alunos por sala. Este número era também estratégia didática para a composição de equipes. Formavam-se, em cada sala, em geral, seis equipes de cinco alunos, para desenvolver as mais diversas atividades propostas durante os anos de escolaridade no Vocacional em cada uma das disciplinas propostas no programa – eram equipes fixas, formadas a partir de técnicas específicas. A técnica de trabalho em grupos será descrita mais adiante.

A matrícula de um aluno no Ensino Vocacional só poderia dar-se após a aprovação nos exames classificatórios, os chamados Exames de Admissão. Todos os jovens nessa faixa etária se preparavam para esses Exames que, segundo veremos brevemente, deixaram marcas e muitas histórias naqueles que vivenciaram essa prática vigente em todas as escolas estaduais no período.

## Exames de Admissão no Ensino Secundário

Ao contrário do que podemos inicial ou ingenuamente pensar, dado nosso contexto atual, o curso ginásial não era para todos. Neste período ele representava uma das únicas alternativas para ascensão social para muitas famílias brasileiras. Este perfil mudaria ao longo dos anos, posto que o desenvolvimento econômico, social e cultural do país impulsionava e gerava novas demandas à educação, principalmente para atender às classes populares.

Apesar do movimento de expansão e criação de novas escolas estar em franca ascensão, o número de vagas para o ensino secundário era ainda insuficiente para suprir a demanda.

Muitos dos jovens aspirantes ao ensino secundário eram barrados na seleção imposta pelos Exames de Admissão. Passar nas provas representava, para muitos, a porta de entrada para uma mudança significativa na vida do jovem e de suas famílias. No entanto, vale ressaltar que passar nos exames não garantia o sucesso no curso secundário: era elevada a quantidade de evasões durante esses anos escolares, realidade esta também detectada nas séries anteriores, no ensino primário.

[...] grande parte dos adolescentes ainda permanecia fora da escola secundária, tanto na zona rural quanto nas zonas urbanas. Esse problema no campo era acentuado pela pobreza das populações rurais e pela falta de acesso à escola. Nas zonas urbanas, grandes contingentes da população não suportavam as pressões da inflação e do congelamento salarial, constituindo os setores marginais que se ampliavam ao mesmo tempo em que a industrialização se consolidava. Em 1957, de 100 alunos que frequentavam o nível primário apenas 14 chegavam ao nível subsequente e, dentre esses, apenas 1% dos indivíduos era proveniente das classes populares, que correspondiam a mais de 50% da população brasileira. (NUNES, 2000, p. 48)

O acesso à educação, à época, no Brasil, era restrito a uma elite. As escolas secundárias possuíam um alto nível de reprovação e evasão. Em contrapartida, a escola secundária representava um dos únicos caminhos para conquistar a tão almejada ascensão social na época, daí os estudantes e suas famílias se esforçarem tanto. O Exame de Admissão, guardadas as devidas proporções, era muito similar aos exames vestibulares atuais. Contava, inclusive, com cursos preparatórios específicos para que o candidato pudesse ter mais sucesso nas provas que se diferenciavam de escola para escola. O jovem aspirante a uma vaga

desconhecia o nível de exigência das provas, aumentando ainda mais a dificuldade de sucesso.

O exame de admissão [só] foi unificado no estado a partir de 1/6/1967 e regulamentado por portaria de 28/6 do mesmo ano e a eliminação da disputa de vagas nos ginásios estaduais ocorria mediante a matrícula de todos os candidatos habilitados pelas provas de seleção. (NUNES, 2000, p.50)

Estratégias foram então criadas para contornar as dificuldades. Assim, por exemplo, havia publicações de livros que ficaram famosos e, conseqüentemente, caros, destinados aos exames específicos. Isto implicava inúmeros sacrifícios às famílias menos abastadas para a preparação dos seus filhos para os exames.

*O primeiro desafio na minha vida foi fazer o tal do exame de admissão. Naquele tempo, havia mais de 200 candidatos por vaga e eu tinha que passar num dos primeiros lugares para ganhar uma bolsa de estudos da prefeitura. E eu passei em segundo lugar. Então, eu fiz o ginásio na antiga Escola Normal. Depois se transformou em Ginásio do Estado. (Newton Balzan)*

O fracasso quanto à admissão, no entanto, era uma constante, daí a disseminação dos cursos de admissão particulares, que preparavam para o processo seletivo.

O exame de admissão foi por algumas décadas a linha divisória decisiva entre a escola primária e a escola secundária. Funcionou como um rito de passagem cercado de significados e simbolismos, carregado de conflitos para os adolescentes ainda incapazes de lidar com fracassos. /.../ Era uma espécie de senha para a ascensão social. (NUNES, 2000, p. 45)

Há diversos estudos referentes aos Exames de Admissão. Esse momento da vida escolar ocorre em vários depoimentos, refletindo a importância que essa avaliação representou para os nossos depoentes e para a sociedade da época. Há relatos de colaboradores dizendo do exame e do quanto almejavam, estudaram e se preparavam para a seleção, das expectativas, dos modelos, modos e medos relativos aos processos de seleção: era, afinal, o futuro das famílias que estava em jogo.

Nos Vocacionais esta prática foi marcada por novas nuances.

*Então no final de 1963 abriu a inscrição para a segunda turma do Vocacional e eu fui correndo fazer a inscrição e eu lembro que nem cheguei a fazer a inscrição para o exame do outro colégio. Porque o Vocacional tinha o processo dele, existia um processo de seleção do Vocacional e*

*existia o Exame de Admissão de todas as outras escolas e eu nem fui fazer este exame das outras escolas. (Eduardo Amos)*

O número de inscritos nos GVs para os exames de seleção no início era muito pequeno. Esméria Rovai cita que os Vocacionais foram inicialmente confundidos com escolas industriais, e por isso, frequentados, em sua maioria, por crianças da classe trabalhadora, ao contrário do que ocorria nos Institutos de Educação, que recebiam crianças da classe média e alta. Aos poucos os ginásios foram ganhando notoriedade e essa situação alterou-se, evidentemente com diferenciações entre as unidades, como observaremos ao longo desta narrativa<sup>24</sup>.

*Para entrar o aluno tinha que passar por uma prova de conhecimentos gerais por escrito, seguido de uma entrevista acompanhada de um desenho livre e por fim uma entrevista com os pais de cada candidato. Isso era o diferencial das escolas da época. (Luigy)*

O Ensino Vocacional, no que tange aos exames de admissão, implementa uma perspectiva nova: além das provas de Matemática, Português, História e Geografia (das quais, segundo Maria Nilde Mascellani, os Vocacionais não conseguiram se desvencilhar dadas as imposições legais da Secretaria da Educação introduziram a entrevista aos candidatos.

O exame de seleção ao ginásio constituía o entrave para o ingresso de crianças oriundas de classes sociais menos favorecidas. A elas caberiam as escolas ditas profissionalizantes /.../ o Ensino Vocacional rompe com essa tradição e inova o processo seletivo com a introdução da entrevista. Esse instrumento possibilitou uma escola diversificada da clientela escolar, pois fazia parte do seu projeto de educação transformar a escola em um microcosmo da realidade social em que viviam os alunos [...]. (ROVAI, 2005, p. 16)<sup>25</sup>

As provas de admissão eram diferentes em cada unidade do Vocacional, resultavam das pesquisas de comunidade anteriormente realizadas na cidade e no interior da comunidade na qual se localizava a escola. Estas pesquisas se interessavam, inclusive, pelos currículos, programas e aulas desenvolvidas pelos

---

<sup>24</sup> *Cada unidade é um universo particular com suas características ligadas à realidade da cidade, do ginásio, inclusive devido às atuações políticas, históricas e outras existentes nestes micros e macro espaços. (Daniel Chiozzini)*

<sup>25</sup> Vale ressaltar que, ainda assim, os alunos que cursavam o ensino secundário faziam parte de uma elite, já que poucos, naquela época, terminavam o ensino primário. (GHIRALDELLI Jr., 2006, p. 103-104)

professores nos Grupos Escolares<sup>26</sup> – dos quais vinha boa parte dos candidatos aos Vocacionais –, e acabavam por permitir que os candidatos tivessem melhores condições de realizar as provas elaboradas e preparadas a partir dessas observações *in loco*. Os conteúdos abordados se aproximavam dos conteúdos aprendidos pelos jovens candidatos durante o curso primário.

Naquelas pesquisas de comunidade, clientela e tal, quando a gente ia ver os programas dos professores, o que efetivamente eles desenvolviam, a gente esperava fazer as provas de admissão numa aproximação muito grande com aquele limite, e não partir de pressupostos que um aluno que entrasse na primeira série deveria saber tais coisas que talvez nunca tivesse estudado. (MASCELLANI apud CHIOZZINI, 2010, p. 308)

O Ginásio Vocacional introduz a entrevista para “sentir a potencialidade da criança, obter mais dados referentes à família, perspectiva de estudo, por que isso orientaria [...] o planejamento do currículo.” (MASCELLANI apud CHIOZZINI, 2010, p.308) da escola.

*E fui fazer o exame! Nas outras escolas o exame de admissão era o exame escrito e pronto. A seleção do Vocacional foi uma coisa esquisita pra mim. Eu tive que fazer entrevista com uma mulher que me perguntava umas coisas, que eu falava, “Mas o que tem isso a ver com escola?” Ela me perguntava... “Você dorme bem?” “Durmo”... criança dorme, eu falei... “Eu durmo bem” (risos) e eu não conseguia entender. Fiz uma entrevista individual, daí fiz uma entrevista em grupo que fazia umas coisas com as crianças, umas brincadeiras. Eu dizia, “Nós estamos brincando aqui ou é exame?” Tinha também uma prova escrita. Bom, o resultado é que eu acabei passando neste exame e lá fui eu para o Vocacional que ficava do outro lado da cidade... Capitãias Hereditárias! Eu lembro que no quarto ano eu tinha que decorar todas as Capitãias Hereditárias e seus donatários... e eu sabia todas! Eu sabia do Pará até o Rio Grande do Sul e depois falava de trás para frente as capitãias e seus donatários. No Vocacional, não precisava nada disso! Lá eles perguntavam da minha vida!... Bom! Então eu fui para o Vocacional e daí a minha vida tomou outro rumo... (Eduardo Amos)*

---

<sup>26</sup> A implementação dessas instituições foi parte importante do projeto republicano que visava à formação de almas e mentes para intervirem junto à população, disseminando os ideais do movimento e ligando-o a perspectivas de modernidade. Considerando que o instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno é a ideologia, utilizar a organização educacional para disseminar os ideais republicanos mostrava-se como uma medida promissora. Os Grupos Escolares, criados a partir de 1890, representam, para educadores como Saviani, o início da escola pública no Brasil. Com a implantação desses Grupos, surgiram classes que passaram a funcionar em um mesmo prédio, havendo divisões de sala por série, com um professor responsável por cada sala. A criação de um espaço comum para o trabalho dos professores primários da época levou à criação da figura responsável pela direção. Com o intuito de gerenciar o trabalho desenvolvido por todos os professores ligados ao Grupo (tanto os que ministravam aulas no prédio da instituição, quanto os que continuavam lecionando nas escolas isoladas – estruturas que conviveram durante muito tempo) o diretor era o contato mais imediato (no prédio do Grupo) do inspetor de ensino, responsável pela fiscalização e avaliação do andamento das atividades escolares. (SOUZA, 2011, p.12)

No decorrer do processo, os critérios de seleção iriam se diferenciar no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” em relação às unidades do interior, que não apresentaram dificuldades com a entrevista.

Em São Paulo, no ginásio do Brooklin, nós tivemos que tirar a entrevista como critério de seleção, por que a entrevista, pelo seu resultado, contrabalanceava com o resultado da prova. Quer dizer, o resultado de uma entrevista, comparado aos resultados objetivos da prova de conhecimentos eram compensadores muitas vezes. Então a média<sup>27</sup> desse aluno era aumentada e ele se classificava. (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 308)

Na capital, a “experiência começou a ganhar fama e muita notícia no jornal, então vieram os filhos dos intelectuais, jornalistas, dos artistas, dos cientistas sociais, dos filósofos, dos professores da USP.” (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p.310) gerando grande disputa por uma vaga.

*Isso aí foi o desenvolvimento do processo seletivo. No começo ainda era uma coisa, no começo nem tinha aluno não é... não era todo mundo que queria se matricular num projeto novo. Mas, com o passar do tempo, quando passou a ser conhecido, ganhando notoriedade, eles desenvolveram esse sistema de seleção. (Daniel Chiozzini)*

Para as 120 ou 150 vagas abertas anualmente para o Ginásio Vocacional do Brooklin concorriam cerca de oitocentos a mil candidatos. Faziam as provas escritas, “e depois a gente verificava a situação dos alunos” classificando-os ou não para a entrevista. Nessa segunda etapa da seleção, a entrevista, eram chamados de quinhentos a seiscentos alunos. (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 309).

Mascellani acrescenta que, devido à competição, professoras primárias começaram a preparar alunos para essa entrevista. “Precisamos frear este mercado e o único jeito foi acabar com a entrevista. Mantivemos somente as provas escritas”. (MASCELLANI, *apud* CHIOZZINI, 2010, p.309)

A decisão de Maria Nilde por abolir as entrevistas, inferimos, resultou de variados conflitos. Em 1965, a recusa de uma matrícula, solicitada pelo então governador Adhemar de Barros, acarreta uma das principais crises<sup>28</sup> entre o SEV e a Secretaria da Educação. Impasses como esse e outros, descritos a seguir, podem ter gerado a necessidade de estabelecer critérios “mais objetivos” em relação aos Exames de Admissão no Ensino Vocacional.

<sup>27</sup> A classificação dos candidatos nos Exames de Admissão era resultado das provas de conhecimentos gerais obtidos por uma média aritmética e das entrevistas, avaliadas por conceitos.

<sup>28</sup> Esta crise, entre outras, é tratada com detalhes no texto “A ditadura nos Ginásios Vocacionais”.

Vale ressaltar que esta era uma característica do Vocacional implantado na capital. As demais unidades do interior nunca tiveram demanda exagerada. Muitas vezes, inclusive, a equipe do Vocacional percorria os Grupos Escolares para divulgação e informação sobre o Ensino Vocacional, que não raras vezes eram atacados com anúncios sobre seu fechamento e outras notícias negativas. (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 311).

A novidade de um segundo momento nos Exames de Admissão estava em consonância com os objetivos estabelecidos na proposta educacional dos Ginásios Vocacionais, que procuravam atender a diferentes classes sociais das diferentes cidades em que funcionavam. Segundo alguns autores, por exemplo, Lima e Rovai (2015, p.122), a seleção nos Vocacionais tinha por base critérios sociológicos e não ideológicos.

A escola seria uma “microrrepresentação” da comunidade na qual se inseria. Procurava-se manter, nela, algo como uma amostragem, com um número de alunos proporcional à população da cidade e seus estratos sociais. Os dados eram obtidos em consultas às informações disponibilizadas pelo IBGE (a equipe do SEV fazia um levantamento de dados antes da abertura e implantação de cada unidade dos Ginásios).

A prática da entrevista nos Exames de Admissão abriu novas possibilidades e perspectivas ao garantir o ingresso de alunos de outras classes sociais que, via de regra, não conseguiriam passar nas provas formais do Exame de Admissão.

Segundo Maria Nilde Mascellani (*apud* CHIOZZINI, 2010, p. 310) para garantir essa representatividade das crianças advindas dos grupos escolares, havia uma reserva de vagas distribuídas percentualmente pelo níveis sócios econômico alto, médio e baixo.

**Eliza:** *E misturavam todas as classes sociais?*

**Eduardo:** *Eu não tinha essa percepção, mas eu sabia. Eu estudava com o filho de um importante médico da cidade, com o filho de pessoas da família Cartolano, com o Quinco<sup>29</sup> que era uma família tradicionalíssima na cidade! Família Penteado! Inclusive pelas pesquisas que fiz, eles tinham uma Associação de Pais que ajudavam os alunos que não podiam comprar os materiais da escola. (Eduardo Amos)*

Muitas controvérsias, inclusive revisão de provas, aconteceram em São Paulo, já que crianças vistas como péssimas pelos seus professores muitas vezes

---

<sup>29</sup> O nome completo de Quinco é Francisco Penteado Neto.



passavam nos exames de admissão do Vocacional. As notas altas não eram tão valorizadas. Procuravam, por exemplo, alunos críticos, que demonstravam certa insatisfação com o ensino tradicional. Além de professores, pais de alunos pertencentes a um nível socioeconômico mais baixo ficavam surpresos com a notícia da aprovação que garantiria a tão almejada vaga no ensino secundário. (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 310). Ou seja, os critérios tradicionais vigentes à época quanto aos Exames de Admissão não eram reproduzidos e aceitos no Ensino Vocacional. Havia uma insubordinação e subversão que agredia e escandalizava várias instâncias, principalmente políticas.

Resultados e exemplos dessa prática podem ser constatados no trecho da narrativa apresentada abaixo na qual um ex-aluno do Ginásio Vocacional de Americana, Aureliano Biancharelli, retrata aspectos referentes à seleção no Vocacional e a importante conquista de uma vaga no Ensino Secundário, à época, no Brasil, com implicações em sua vida profissional futura.

No início, teve mais medo do que festa. Sem os colegas do bairro e do grupo escolar, eu me via assustado diante de um grupo novo onde muitos não tinham a ver com minhas origens. Os alunos vinham de todas as classes sociais. Só mais tarde compreendi que meu perfil de filho de trabalhadores fazia parte da própria proposta pedagógica. Na mesma classe, havia filhos de empresários, de pequenos comerciantes, de profissionais liberais da classe média, e colegas de origem ainda mais humilde que a minha. O filho de minha patroa para quem minha mãe lavava e passava roupa era meu colega de classe. (BIANCHARELLI, 2005, p.156)

A mudança para São Paulo, e as aulas na ECA só aconteceriam em 1970. Depois dos anos “pobres” do científico, o curso na Escola de Comunicações da USP foi uma espécie de reencontro com as ferramentas que tinha aprendido a usar no Vocacional. /.../ Saí da ECA para a revista *Veja* numa época em que o censor tinha uma salinha na redação e lia cada texto antes de autorizar a publicação. Muitos eram jogados no cesto. Depois veio um estágio na Europa, anos de *Jornal da Tarde* e mais uma década de reportagens na *Folha de São Paulo*. (BIANCHARELLI, 2005, 162-163)

Lima e Rovai destacam ainda que a entrevista possibilitou a admissão e presença de negros e crianças com limitações físicas entre os alunos do Vocacional.

Com relação aos alunos de diferentes raças, é bom lembrar que, na época, pouquíssimas eram as chances de estudo para a clientela negra. No entanto o Vocacional, em suas diferentes unidades de ensino, acolheu esses alunos. Em Batatais, onde trabalhei, tivemos vários. Na unidade de São Paulo, também. E no tocante às crianças deficientes, a ciência desse tempo não via alguns tipos de deficiência como passíveis de recuperação ou de melhoria pela educação./.../ No Vocacional tivemos casos de alunos com limitações físicas, todos bem trabalhados pela Educação Física em integração com Educação Musical e demais áreas que podiam contribuir. (LIMA; ROVAI, 2015, p. 124)

Os Exames de Admissão foram oficialmente abolidos com a Lei 5.692 de 1971, que reformularia o ensino de primeiro e segundo graus do país. O primeiro ciclo do ensino secundário seria definitivamente incorporado ao ensino de primeiro grau, ampliando a obrigatoriedade escolar para oito anos na faixa etária dos sete aos 14 anos<sup>30</sup>. (NUNES, 2000, p. 58).

### **Cidades, prédios e instalações**

Para a escolha e futura instalação das unidades do Vocacional na capital e nas cidades do interior do Estado de São Paulo foram feitos estudos de campo que fornecessem dados das características socioeconômicas destes lugares. Fazia-se um planejamento minucioso antes da instalação das unidades e antes do início de cada ano letivo.

As características das unidades escolares estavam diretamente relacionadas às características das cidades selecionadas, suas particularidades e localização geográfica.

Essas peculiaridades iriam ser transportadas para o interior de cada uma das unidades criadas dos Ginásios, também e principalmente em relação aos aspectos curriculares e pedagógicos.

*Os espaços físicos também eram pensados em função da proposta pedagógica. O Oswaldo Aranha, por exemplo, tinha salas grandes para Artes Plásticas e Industriais, espaço adequado para Práticas Comerciais e Educação Física. Tínhamos também salas ambientes de Matemática com sólidos geométricos, figuras planas assim como objetos e exposição de trabalho de alunos e outros. (Lucilia Bechara)*

A unidade de São Paulo, no Brooklin, seria destaque por ser polo industrial e metropolitana; a cidade de Americana, por ser polo industrial têxtil do interior; a cidade de Rio Claro caracterizava-se pelas ferrovias e pelo setor ferroviário, de

---

<sup>30</sup> “A mudança política ocorrida no Brasil com o golpe militar de 1964 exigiu adequações no campo educacional, implicando ajustes na legislação do ensino. Em decorrência, foi aprovada em 28 de novembro de 1968 a Lei n. 5.540/68 (BRASIL, 1968), que reformulou o ensino superior e, em 11 de agosto de 1971, a Lei n. 5.692/71 (BRASIL, 1971), que modificou os ensinos primário e médio, alterando sua denominação respectivamente para primeiro grau e segundo grau. Dessa legislação emergiu uma nova estrutura: em lugar de um curso primário com a duração de quatro anos, seguido de um ensino médio subdividido verticalmente em um curso ginásial de quatro séries e um curso colegial de três, organizou-se um ensino de primeiro grau com a duração de oito anos e um ensino de segundo grau de três a quatro anos. Em lugar de um ensino médio subdividido horizontalmente em ramos, instituiu-se um curso de segundo grau unificado, de caráter profissionalizante, albergando, ao menos como possibilidade, um leque amplo de habilitações profissionais”.(SAVIANI, 2005)

modo geral; Barretos era polo agropecuário; e Batatais, além de polo agrícola, tinha histórico de vínculo às artes<sup>31</sup>.

*O Vocacional de São Paulo era uma escola com melhores condições do que as que estavam em fase de implantação. Então a gente tinha aula durante o dia com eles, a gente almoçava com eles e depois ia conhecer a comunidade. Tinham: indústrias, arte, cultura, cinemas, museus, clubes, alguma característica interessante da cidade. Em Americana o forte era a tecelagem. Em Rio Claro, o forte era a ferrovia. Em Barretos era a pecuária. Fomos conhecer um frigorífico que chamava Frigorífico Anglo. Era um dos frigoríficos famosos que visitamos. Na época estava se iniciando os primeiros passos da “Festa do Peão de Boiadeiro”<sup>32</sup> em Barretos. Visitamos fazendas para conhecer como faziam a marcação de gado, a curtição de couro. Tudo o que tínhamos feito em São Paulo, estudando a nossa comunidade, clubes, tipos de igreja, tipos de religiões, bibliotecas, cinemas, clubes, fazíamos nestas cidades. (Luigy)*

*Existia o refeitório. Os alunos almoçavam na escola. Nós sentávamos junto com eles. Muitas vezes éramos convidados para almoçar na área de Educação Doméstica, porque tinha uma mini casa.*

**Eliza:** *No Oswaldo Aranha tinha?*

**Zago:** *Sim. Tinha uma mini casa com sala, cozinha, quarto. Eles cuidavam de bebês (bonecos), às vezes até com crianças, desde que a mãe autorizasse e estivesse ali presente. (Antonio Pedro Zago)*

*[...] nós tínhamos que, a partir dos objetivos gerais que a gente traçou lá no treinamento, como é que a gente vai fazer para ajustar esses objetivos para a realidade de Batatais? Então, analisando o edital, o pessoal, não me lembro bem, mas tinha algumas características. Em geral eles não saíam muito, tinham atividades culturais, mas não eram muitas... conforme a problemática e as expectativas, a gente propunha atividades desse ou daquele tipo. A Educação Artística era forte naquela região. O Portinari morava em Brodowski, pertinho de Batatais. (Cecília Guaraná)*

Nossos estudos apontam que vários outros fatores foram levados em conta para a definição do local de instalação dos Ginásios, ou seja, os requisitos para a instalação de uma nova unidade não se restringiam apenas às características sociais e econômicas das cidades, como apontam a maioria dos textos e estudos. Um dos critérios complementares era a disponibilidade, no local, de um prédio com condições de alocar o Ginásio, ainda que fossem necessárias reformas e ampliações. Isto responde, também, aos discursos das políticas públicas educacionais neste período, conforme descreve Nunes (2000, p. 48):

*Uma das características importantes da expansão do ensino secundário público em São Paulo, sobretudo entre 1957 e 1958, é que ele não ocorreu*

<sup>31</sup> Deve-se lembrar que Batatais-SP dista pouco mais de 10 km de Brodowski-SP, conhecida como a cidade de Portinari. Consta que Batatais-SP e Brodowski-SP foram grandes inspiradoras da produção de Portinari.

<sup>32</sup> Em 1960, a Festa do Peão de Boiadeiro, que ocorre anualmente até hoje em Barretos-SP, já era conhecida em todo país.

apenas pela construção de novas unidades escolares, mas principalmente pelo aproveitamento mais intenso dos estabelecimentos existentes, através dos cursos noturnos e da abertura de secções. As secções eram desdobramentos de certas escolas, que eram instaladas em outros estabelecimentos. Essa prática subordinou-se a objetivos diferentes, pois além de permitir a disseminação de novos ginásios contornando dificuldades de ordem legal, facultou ao Poder Executivo maior poder de expansão de unidades de ensino secundário, até então prerrogativa da Assembléia Legislativa Paulista.

Na entrevista concedida em 1988 à Elisabeth Rondeli, do *Jornal Liberal de Americana*-SP, Maria Nilde Mascellani é questionada, por exemplo, sobre o Vocacional ser uma escola cara ao estado. Sua resposta aborda o aproveitamento de prédios já existentes.

Você vê, isso tem a ver com qualidade do ensino. Quanto à questão do prédio, instalação, equipamento, materiais, eu acho que é totalmente improcedente, porque nós aproveitamos prédios de antigas escolas artesanais, como é o caso aqui de Americana. O prédio depois foi ampliado, os equipamentos foram bastante aproveitados de outras escolas, o quanto se pode aproveitar. Se trabalhava muito com material de sucata. (MASCCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 302-303)

Jacobucci (2002), bem como o depoimento de Renata Rangel, revela que a instalação do Ginásio Vocacional de Americana deveu-se principalmente ao empenho político do prefeito empossado à época, que tinha grande proximidade com o Governador do Estado de São Paulo, Carvalho Pinto, possibilitando que a cidade de Americana fosse contemplada com um dos Vocacionais.

*Na verdade, o Vocacional veio para Americana e o prefeito era o meu tio, Cid Marques<sup>33</sup>, ele que fez toda a tramitação, ele conseguiu trazer o Vocacional. Ele tinha todo um conhecimento do que era este ensino, então, é lógico, nós fomos induzidos por ele a entrar nesta escola. (Renata Rangel)*

O Ginásio Vocacional de Americana foi adaptado de um antigo prédio de uma escola existente na cidade que contemplava vários aspectos requeridos pelo Sistema Vocacional quanto à estrutura, tendo sofrido reformas no final da vigência dos Vocacionais.

**Eliza:** Como era o prédio da escola?

**Renata:** Grande. Eram salas enormes. Eram salas normais, mas adaptadas.

**Pompeo:** Era um antigo Ginásio Industrial que não foi nada adaptado. Simplesmente a escola mudou, entrou o Vocacional e permaneceu a oficina de Artes Industriais. Havia uma quadra pequena de basquete no meio. Havia o refeitório porque todos os alunos passavam o dia todo na escola e

---

<sup>33</sup> Cid de Azevedo Marques foi prefeito da cidade de Americana nos anos de 1960 a 1963.

*almoçavam lá. Tinha a horta num canto e a cozinha. Horta e criação de animais. Para a Educação Doméstica tinha uma sala, uma cozinha montadinha, geladeira, máquina de tudo.*

**Renata:** *Máquina de lavar para você aprender a lavar. Aprendia a passar roupa, aprendia a cozinhar.*

**Eliza:** *E Educação Musical? Tinha?*

**Renata:** *Tinha a sala de música, com um piano, flautas, reco-reco, chocalhos, marimba.*

**Renata:** *Eram todas salas ambientes.*

*Outra coisa que me causou espanto quando eu cheguei no Vocacional foi a estrutura física do Vocacional. Na sala de aula não havia mesa para o professor. No Culto à Ciência nós tínhamos a cátedra. Então o professor ficava bem no alto, olhando de cima para os alunos. O professor, no ensino tradicional, não chegava até o aluno, e lá, no Vocacional nós não tínhamos mesa na frente da sala e, quando tínhamos, era no fundo da sala, apenas para colocar algum material. As mesas e as carteiras eram soltas. (Berenice Mendoza)*

*No anfiteatro da escola [cabia] 200 pessoas ou mais e nunca foi usado. Hoje está lá, abandonado. (Ângelo Pompeo)*

Os Vocacionais de Barretos e de Rio Claro funcionaram em prédios provisórios até 1966 e 1967, respectivamente. O de Rio Claro funcionou temporariamente, em 1963, no “Grupo Escolar Vila Operária” (que posteriormente passou a se chamar Escola Municipal Monsenhor Martins) devido à falta de condições físicas, sendo transferido, em 1965, para o Horto Florestal “Edmundo Navarro de Andrade”, permanecendo ali até o término da construção do novo prédio, em 1967. Este novo prédio projetado para o Vocacional foi considerado adequado, moderno e arrojado. Visitamos este prédio, onde atualmente funciona uma escola estadual, em 2015, e logo o admiramos pela sua estrutura e magnitude, ao mesmo tempo em que nos surpreendeu seu estado atual e a forma como foi reaproveitado: apenas 1/3 das suas instalações são utilizadas e estão abertas aos alunos e profissionais. Entre as paredes em tons verde-claro encontram-se grades e cadeados. O restante encontra-se fechado e tomado pela vegetação que nasce aleatoriamente.

*Rio Claro acabou tendo a construção de prédio retardada. Isto nos obrigou a funcionar primeiro num prédio emprestado (Vila Operária), depois na Casa da Fazenda da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. (MARQUES, 1985, p.78)*

*Então, eu me lembro de que tudo era muito precário no casarão. Era tudo muito improvisado, como eu te falei, a aula de Ciências era na cozinha. (Eduardo Amos)*

*A gente corria no barro, a gente corria no meio da mata. (Eduardo Amos)*

No Horto Florestal os alunos tinham aulas ao ar livre, à sombra de árvores, como nos mostra o depoimento e a imagem cedida por Eduardo Amos<sup>34</sup>; as aulas de Educação Física eram realizadas à beira do rio que existia no local, assim como as aulas de Artes Industriais aconteciam num galpão adaptado; realizavam-se projetos como, por exemplo, o “Vamos caçar insetos?”, adaptados à realidade do Horto; aproveitavam sótão, porões e vagões de trem. Essas condições representavam um desafio à criatividade dos profissionais vinculados aos Vocacionais, criando, devido ao ambiente físico diferenciado e às necessidades intrínsecas a esse meio, relações amistosas e solidárias entre pais e mestres. Por outro lado, essa condição, em especial, contribuiu para o isolamento do Ginásio, posto que alunos, professores e direção permaneciam o dia todo no Horto devido ao tempo integral, situação a que alguns não se adaptaram. (MARQUES, 1985, p.139)

No início, os Vocacionais ocuparam espaços marginais, periféricos, condição que aos poucos vai se reconfigurando. Invadem os centros, adquirem nova arquitetura e estrutura.

*No início dos anos 1960, mancha urbana de Rio Claro, quer dizer, o asfalto, chegava até a Avenida 38. O Grupo Escolar da Vila Operária ficava na Avenida 40 e já era terra, terra. O Horto, então, ficava fora da mancha urbana, lá na periferia. Posso dizer que era uma escola marginalizada geograficamente. Só depois, em 1968, é que a escola se muda para o prédio próprio na Rua 2 entre as Avenidas 34 e 40. (Eduardo Amos)*

Eduardo não identifica a estrutura e capacidade física do Vocacional como preponderante ao que considera essencial ao aprendizado – seu aspecto precário, segundo seu ponto de vista, não tornava a escola menos atraente ou menos significativa.

Em 1963, a cidade de Barretos foi escolhida para a instalação da unidade Vocacional. Foi improvisada suas instalações até que o novo espaço fosse inaugurado.

*Eu visitei Barretos: Ginásio Embaixador Macedo Soares. Eu acho que o de Barretos tem muita história para contar, assim como outros Vocacionais. Tinha um prédio bellissimo, muito moderno para a época. Se não me engano foi a Sociedade de Pais que organizou, ou o próprio Vocacional, uma Festa do Peão de Boiadeiro. Teve um intercâmbio ou um Estudo do Meio de uma das séries, no qual conheci o prédio. Ficamos lá alojados dois dias. (Antonio Pedro Zago)*

---

<sup>34</sup> A foto em questão está anexada à narrativa de Eduardo Amos, neste trabalho.

Ocorre que por questões políticas estaduais e locais, favoráveis ou desfavoráveis, o prédio de Barretos acabou sendo aprovado e construído, e Barretos tem um monumental prédio, que nem precisaria ser tão grande, nem tão custoso para servir ao Vocacional. (MARQUES, 1985, p.78)

Como já afirmado, o Ginásio Vocacional de Batatais, no momento em que foi criado, não funcionou em prédio próprio, específico para sua utilização. Foi inaugurado em março de 1962 no edifício onde funcionaria a Escola Industrial de Batatais<sup>35</sup>. Contava com uma área mínima de 15 mil metros quadrados, com um espaço amplo para atividades externas. Em 1966 iniciam-se os estudos para a ampliação, adaptação e conclusão do prédio para atender ao Ensino Vocacional: a construção de novas salas de aulas, o refeitório, um novo setor administrativo, sala de estudos, e outras mudanças. (FERREIRA, 2007, p. 83)

*Em Batatais já tinha uma estrutura, a escola já tinha sido mais ou menos adaptada para isso. A Educação Física, por exemplo, muitas das aulas de Educação Física eram dadas ao ar livre, num terreno vazio que tinha ali. Eu me lembro que jogávamos vôlei nesse espaço vazio. (Esméria Rovai)*

No Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, em São Paulo, os alunos conviveram com o barulho do prédio em reformas no período de aulas. Luigy, um de nossos colaboradores, que havia passado por diversas escolas até chegar ao Vocacional, relata ter ficado maravilhado com a recepção dos futuros colegas que o levaram a conhecer a estrutura e as instalações desta unidade no primeiro dia de aula. Cada aluno novo ficava sob a responsabilidade de um veterano. Ele nos descreve em pormenores os corredores, as divisões das salas de aula teóricas e práticas, o laboratório, a biblioteca, o refeitório, dentre outros aspectos.

*Luigy: Eram quatro turmas. Cada turma tinha trinta alunos. Cento e vinte alunos. No primeiro dia não houve aula. A escola estava em festa para receber os novos alunos. “Aqui é a sala de Português, ao lado da sala de estudos. Havia duas salas para a disciplina de Português, uma que seria da turma dos veteranos e a outra da turma que estava entrando. E entre as duas, bem no meio, ficava a sala dos professores daquela disciplina. Era comum procurar o professor nos intervalos ou na hora do almoço. As turmas iam passando de sala em sala: “Aqui é a sala de Matemática”. Ali tinham coisas diferentes: tabuadas, triângulos, esquadros de madeiras e tudo mais. E em cada das salas eles nos davam detalhes do que era feito. Uma delas era novidade, a sala de Estudos Sociais, que eram na verdade eram duas disciplinas juntas Geografia e História. O grupo seguia em frente observando coisas que nunca tinha visto ou ouvido falar... Sala de Ciências, que tinha uma sala comum e uma com um laboratório bem equipado. Depois fomos conhecer a sala de Educação Doméstica que na verdade era*

<sup>35</sup> Essa escola foi criada, segundo Ferreira (2007) pela Lei no. 2438, em 22 de dezembro de 1953.

*um modelo de casa comum dentro da escola. A sala de Educação Doméstica ficava na parte térrea e era uma casa montada com cozinha, sala, lavanderia, hall de entrada, só não tinha quartos, o resto tinha tudo. E depois, na parte de baixo, havia uma sala muito grande, enorme, três vezes o tamanho das salas comuns, a sala de Artes Industriais, na parte de cima havia sala de igual tamanho, outra sala de Artes Industriais, com uma série de equipamentos como bancadas, tornos, serras, ferramentas, com acesso para as turmas mais adiantadas, os veteranos. No segundo piso ficava a sala de Educação Musical, que tinha quase três vezes o tamanho das salas comuns, tinham mesas comuns dos alunos, espaço para a banda, um piano de calda, um aparelho de som estereofônico, um armário para pasta de partituras e equipamentos construídos pelos alunos. Depois fomos para a enorme sala de Artes Plásticas, dividida ao meio por armários para atender duas turmas. Era em formato de estúdio de Artes, com peças de madeira sendo esculpidas, peças em argilas sendo trabalhadas, telas em processo de pintura, madeiras em processo de entalhes para virar serigrafia. Havia uma mistura de cheiros diversos de tintas que criavam um odor no ambiente. Embaixo da sala de Artes Plásticas era o refeitório, que era enorme. Ali ficava a cozinha e o refeitório. As refeições eram servidas em bandeirão. Além para do pátio ou ginásio de esporte havia outra quadra de esporte e também uma pista de atletismo saltos em distância e salto em altura. Neste dia, fomos apresentados a tudo o que havia por lá e isso enchia nossos olhos. O prédio da escola fora adaptado, mas vamos dizer, muito bem adaptado. O centro nervoso da escola era a biblioteca, que era enorme, pegava umas três salas mais ou menos. O Vocacional não adotava livro por disciplina. Não havia livros de Português e nem de Matemática a ser comprado pelos alunos como era normal em outras escolas. Mas havia muitos livros para consulta na biblioteca. A visita deixou todos embasbacados com tanta coisa. (Luigy)*

Entre os depoimentos de ex-alunos, disponíveis no site da GVive, encontramos o relato de Paulo Ricardo Simon sobre o Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha que, como vimos, ao contrário do que ocorreu no início dos Vocacionais de Rio Claro e de Batatais, contava com uma estrutura moderna.

*Passei a frequentar um ambiente com arquitetura moderna, paredes claras, largas janelas, boa iluminação e ventilação, professoras e professores jovens (a grande maioria), um clima de cordialidade e companheirismo entre todos./.../ A circulação nos corredores era intensa, pela troca de salas ao final de cada aula. Por isso, todos deviam andar pela direita, como no trânsito das ruas, de modo a evitar congestionamentos e aglomerações. Até hoje, ao andar pela cidade ou em corredores de edifícios e *shopping centers*, costumo andar pela direita, dando “trombadas” com gente que, evidentemente, não estudou no GV. (SIMON, 2005, p.166,168)*

No mesmo prédio do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” funcionava o Serviço de Ensino Vocacional (SEV) e o Conselho Pedagógico – aparato gestor que acompanhava todas as ações do trabalho pedagógico nos diferentes níveis e nos vários Ginásios Vocacionais, responsável pela seleção e preparação da equipe de educadores que iriam atuar nas escolas e também pela avaliação contínua destes profissionais e das unidades escolares.



*Quanto à estrutura física do Oswaldo Aranha era assim: era um “U”. Eram dois andares: na parte de baixo, do lado esquerdo de quem olha para a entrada do prédio, era o SEV – Serviço de Ensino Vocacional – mal acomodado, apertadinho. Coitados. Depois eles tiveram um prédio próprio ao lado, um prédio bem bonito... que também durou o quê? Um ano, no máximo. No SEV ficava a Profª Maria Nilde, os coordenadores, os supervisores. (Antonio Pedro Zago)*

O SEV possuía grande autonomia, garantida por lei, e estava diretamente subordinado ao gabinete do Secretário da Educação, aspecto que diferenciava o Vocacional das demais escolas públicas da época, estas subordinadas a uma hierarquia e, conseqüentemente, mais expostas à burocratização do ensino. No SEV trabalhavam a coordenadora geral, Maria Nilde Mascellani, a assessoria da coordenação, o supervisor geral, os supervisores de área, o supervisor e técnicos do setor de Recursos Audiovisuais (RAV). Ali funcionavam, entre outros, os Departamentos de Contabilidade e de Relações Públicas.

O SEV se estruturou durante oito anos e na sua fase final contava com os setores de: Pesquisa Sociológica: Cida Shoenacker; Setor Administrativo; Tomyres Alves; Setor de Pesquisa Psicopedagógica: Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná; Setor de Treinamento do Pessoal do Magistério: Maria Cândida Sandoval Camargo; Setor de Projetos de Prédios Escolares: Dr. Pedro Torrano; Setor de Materiais de Apoio Pedagógico; Setor de Recursos Audiovisuais e Biblioteca: Rita Brasil, Suely Pinotti e Esméria Rovai; Setor de Supervisores: Ângelo Schoenacker. (GVive - História do SEV)

## **O Vocacional em sua comunidade**

*A cidade era muito antiga, tradicional, de fazendeiros, então a gente tinha que estar muito unido para poder propor o trabalho, e a gente conseguiu, graças a Deus! Tinha elementos de Batatais também na equipe, o professor de Matemática era de Batatais e eles nos ajudavam. (Lygia Tibiriçá)*

*Agora em relação à cidade houve mudança, inclusive, pela aceitação da própria escola. Imagine, eram acostumados com o Instituto de Educação, que era famoso. Em Batatais nós tivemos muita sorte porque o presidente da Associação dos Pais era um professor de Português, do Instituto. Ele se tornou um grande amigo nosso, tinha uma Kombi e ele nos levava. Então ele era um elemento importante de integração com a comunidade. (Cecília Guaraná)*

As cidades do interior tinham perfis específicos e, em geral, eram fechadas e conservadoras. O Vocacional sofreu julgamentos. Os seus professores e professoras eram, em geral, jovens, solteiros, bem remunerados, autônomos, vinham “de fora”, residiam e se reuniam em suas repúblicas, faziam festas, recebiam alunos em suas casas. Essa situação não era bem vista e aceita pela sociedade conservadora dessas cidades à época. Daí a Sra. Cecília Guaraná apontar que ter

peças amigas da cidade facilitava o acesso e conseqüente aceitação do Vocacional nesses espaços, o que não foi tarefa fácil.

*No Vocacional de Batatais era aquela coisa assim, vamos dizer, mais calma, a gente tinha tempo para terminar a aula e jogar vôlei com os alunos, depois do horário da aula, que terminava sempre as quatro e meia, então até as cinco e meia seis horas a gente ficava jogando vôlei com os alunos. Aquela coisa de cidade do interior e tal. Como eu morava em Batatais, no começo, no primeiro ano, a gente morou no hotel, todos os colegas moravam no hotel, então aquela convivência diária com os colegas foi muito rica. Mais tarde a gente passou a morar em república.*

**Eliza:** Quantos anos você tinha?

**Esméria:** Eu tinha vinte e quatro anos, e para mim, essa coisa de conviver em grupo, voltou àquela coisa do meu tempo de Laranjal. Aquela coisa de fazer parte de um grupo, de ir ao cinema, de viajar. (Esméria Rovai)

*Por exemplo, a gente saía da escola e, às vezes, ia à noite para a casa dos professores. Passava o dia inteiro com eles e à noite ia para a casa deles estudar, trocar ideias, ajudar num projeto. Eles abriam as casas e recebiam a gente! Lógico que isto era mal visto pela sociedade, não “pegava bem” em Rio Claro. Rio Claro é uma cidade extremamente conservadora, muito conservadora. O Vocacional não era bem visto na cidade. (Eduardo Amos)*

Eduardo Amos diz de uma relação contraditória de ódio e admiração da comunidade pelos Vocacionais. Em comemorações cívicas de Sete de Setembro e aniversário da cidade geravam expectativas e, muitas vezes, surpreendiam pela criatividade nas apresentações.

*A gente tinha esta percepção: que éramos marginalizados. Mas, por outro lado, a gente tinha certeza absoluta que nós éramos os melhores. Nós éramos os melhores! Por exemplo, a cidade aguardava com expectativa o Desfile de 24 de Junho que é o dia do aniversário da cidade e o Desfile de Sete de Setembro para ver o que o Vocacional ia mostrar. E os nossos desfiles eram muito criativos. Daí juntava o pessoal de Artes Industriais com Artes Plásticas e saía umas coisas muito legais. Eu lembro que teve um desfile no dia da cidade em que Artes Industriais, junto com Educação Artística e Artes Plásticas, fez uma maquete do obelisco que existe na Praça da Liberdade em Rio Claro. Bem no centro da praça tem um obelisco. O obelisco foi reproduzido em madeira, e quando estava bem na frente do palanque das autoridades, o obelisco abriu e saíram pombas brancas voando. Nunca a cidade tinha visto aquilo! Meninos de ginásio fazendo aquilo! Então o Vocacional tinha essa coisa. Ao mesmo tempo em que ele era excluído, ele era olhado com muito respeito, era uma coisa de amor e ódio, uma coisa de amor e ódio, na verdade, em relação à escola que era uma escola diferenciada. (Eduardo Amos)*

Luigy, Eduardo Amos e Renata Rangel dizem das dificuldades de adaptação após concluírem o Ginásio. O Instituto de Americana recebia os ex-alunos advindos do Vocacional com restrições.

**Newton:** Isso me lembra a Diretora Aparecida Paioli. Grandalhona, bem masculinizada. Diretora do Instituto Kennedy<sup>36</sup>. Quando nossos alunos foram para lá ela fez a cabeça deles dizendo: “Vocês que vêm de uma escola mais fraca vão ficar aqui”.

**Berenice:** Ela inclusive montou uma classe só para alunos do Vocacional no Ensino Médio. Na época era Colegial. Dizia: “Vocês são fracos, por isso vão ficar nessa classe, separados, porque vocês não competem com os nossos alunos.”

**Newton:** Eles quase se destruíram e se reconstruíram depois. Ela, no entanto, mandou a vice dela fazer o curso de treinamento do Vocacional para aproveitar e implementar as ideias do Vocacional na escola dela. (Berenice Mendoza e Newton Balzan)

No desfile também os pelotões eram mistos, a fanfarra era mista. Tudo. Lá não era menino de um lado menina do outro. E o Vocacional chegava querendo... Então ficava todo mundo junto. E essa diretora fazia separar. “Eu já sei quem é do grupo do Vocacional.” E a turma do Vocacional sempre estava em destaque, sempre. No teatro, em tudo. Ia bem mesmo. (Renata Rangel)

Continuaram sendo marginalizados: ao estudarem no Vocacional, ao saírem do Vocacional para os Institutos de Educação. Os alunos saíram de um local em que tinham liberdade, eram incentivados a falar, a expor suas opiniões, para espaços onde prevalecia o ouvir, o estar em silêncio, sentar-se em carteiras enfileiradas, com avaliações formais que exigiam memorização. Ou seja, as mudanças foram inúmeras. Alguns, como Luigy, não conseguiram se adaptar.

*Liberdade era um valor supremo no Vocacional! Mas, com responsabilidade. Jamais desassociado do outro, da comunidade. Poder transgredir e prejudicar o outro? Não. (Antonio Pedro Zago)*

### **Aspectos pedagógicos dos Ginásios Vocacionais**

O currículo dos Ginásios Vocacionais visava proporcionar aos alunos, segundo as disposições dos documentos que consultamos, conteúdos curriculares teóricos associados à prática. A vivência na escola possibilitaria a aprendizagem dos conceitos e atitudes necessárias para a vida. Objetivavam promover a inserção do aluno/pessoa na comunidade da qual faziam parte, trabalhavam para que, ao longo do curso, o jovem fosse, paulatinamente, descobrindo-se, delineando assim o campo no qual futuramente poderia atuar. Chegada certa altura do curso os estudantes escolhiam as disciplinas que mais se adequavam ao seu perfil.

Segundo critérios da escola estas escolhas e perfis os dividiam em práticos, teórico-práticos e teóricos.

---

<sup>36</sup> Na entrevista com o Sr. Ângelo Pompeo e a Sra. Renata Rangel, depoentes deste nosso trabalho, a diretora Aparecida Paioli também é citada.

*Agrupamos os alunos em práticos e teóricos. Com os práticos trabalhávamos a matemática com o olhar na prática, na construção, através de situações reais. Com os teóricos trabalhávamos os mesmos conteúdos através de questões reflexivas, de conceitos, teoremas e deduções. Queríamos que os alunos se envolvessem e se aproximassem da matemática dentro de suas competências e interesses e desenvolvessem suas potencialidades. (Lucilia Bechara)*

*Professor Milton sim, porque o Milton tinha dois metros de altura, o cara era enorme, um gigante e rigorosíssimo e cobrava as coisas, porque tinha um calendário de produção, você tinha que produzir. Artes Industriais tinha que fazer um motor elétrico, você tinha que saber fazer um motor elétrico. Você tinha que fazer o motor elétrico funcionar, você ia colocar a pilha e a coisinha tinha que girar, e nós já tínhamos estudado por que ia girar - a questão de polaridade. E ele, porque tem que terminar em tal dia, porque a produção de uma fábrica tem data. Então ele trazia o rigor dessa coisa da fábrica para a sala de aula. Mas por outro lado... No acampamento... todo último ano do curso tinha um acampamento. A turma saía pra acampar. Iam os professores que dormiam nas barracas com os alunos. O acampamento era uma atividade pedagógica. O Professor Milton sentado no chão, encostado no fusca, com os alunos em volta, todo mundo comendo, aquele professor que a gente morria de medo! (Eduardo Amos)*

Isto era possível por terem, além das matérias convencionais, disciplinas que, para a época, eram novidade, como Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Musical, Teatro, Educação Física e Artes Plásticas; com diferenciações específicas em cada uma das unidades em que funcionavam os Vocacionais. “Naqueles anos não havia Educação Física nos Grupos Escolares, não havia Artes Plásticas.” (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p.297)

Dos sons da escola havia um que não se ouve mais, som que se tornou obsoleto: o da máquina de Datilografia. Em Práticas Comerciais, demos as primeiras dedilhadas – plac, plac... O Prof. Carlos era legal, nos ensinou a preencher cheques, a fazer livro-caixa. E com estes ensinamentos nós, catataus de 12, 13 anos, nos revezávamos em equipes para administrar a Cantina da escola, o Almoxarifado onde eram vendidos o material escolar e o tergal dos uniformes e o Banco Escolar. Nós tínhamos um Banco! Com direito a cheque! Gerido por nós (e até desfalcado por nós, o que rendeu um julgamento, um tribunal, uma espécie de CPI para apurar os fatos). A teoria e a prática integradas. (DELDUQUE, Depoimento-Gvive)

As oficinas de Artes Industriais (AI), os ateliês de Artes Plásticas (AP), a casa de Economia Doméstica (ED), as salas de Práticas Comerciais (PC), os laboratórios de Ciências e a sala de Educação Musical (EM) eram ambientes muito bem equipados e supridos. Para as aulas de teatro não havia um espaço apropriado, mas eram ótimas. Minha preferência eram as aulas de AI, nas quais podia praticar habilidades já aprendidas em casa. Não tinha muito gosto pelas aulas de datilografia de PC/.../ Costurar bairhas de pano de prato, pregar botões e varrer o chão também não me agradavam /.../ mas adorava as aulas de culinária, comilão que sou. Não gostava muito das aulas de flauta /.../ mas adorava as de canto e fazia parte do coral da escola. Ainda tenho um disco que foi gravado por esse grupo, regido pela professora Helena Freire, com capa do professor Evandro

Carlos Martins e que traz, entre outras músicas, a música “Abolição”, composta por Eduardo Dreyfuss e Paulo Ferreira. (SIMON, 2005, p. 169)

Percebe-se que as aulas práticas tanto quanto os Estudos do Meio permanecem entre as experiências mais lembradas pelos alunos dos Ginásios.

Os profissionais envolvidos nessa empreitada recebiam salários dignos que permitiam, por exemplo, que o professor trabalhasse em uma única unidade escolar: eles eram contratados por 40 horas semanais (mais tarde, 44 horas semanais), em regime integral, sendo 20 horas reservadas para as atividades de planejamento, avaliação, preparação, reuniões e trabalhos em equipe, e as 20 horas restantes para a sala de aula. (CHIOZZINI, 2014, p.93)

*A gente ganhava por 44 aulas, mas dava x de aulas e o resto eram reuniões. Tinham muitas reuniões e muito planejamento. Tudo contava como hora aula. Às vezes, ficávamos de oito a nove horas na escola. Tínhamos cinco ou seis aulas e duas ou três aulas eram para o planejamento. Tinha esse horário de sentar todo mundo junto e planejar tudo o que ia se fazer. Você recebia por aquilo, mas você estava participando. Muitos não se adaptavam. (Ângelo Pompeo)*

Professor Ângelo Pompeo conta sobre a dedicação integral à escola, daí a afirmação que muitos “muitos não se adaptavam”. A professora Berenice afirma que nos dias de hoje dificilmente a dedicação a uma escola, tal qual tinham pelo Vocacional, aconteceria.

A possibilidade do professor ter em sua sala de aula um número máximo de 30 alunos, permanecer numa mesma unidade e dedicar-se integralmente contribuía para que o professor se envolvesse, tal como a proposta exigia, ao desenvolvimento e avaliação constante da proposta pedagógica. Era preciso engajar-se para continuar e, nesse processo, houve tanto adesão quanto desistências. Nos relatos, as memórias destacam os que não se adaptaram ou desistiram e, nestes casos, instauram-se tensões<sup>37</sup>.

**Lygia:** *A gente, no Vocacional, conseguiu fazer muita coisa porque tinha toda uma estrutura que favorecia isso, eu acho que com quarenta, cinquenta alunos numa classe, dificilmente, muitas das atividades que praticávamos seriam possíveis.*

**Eliza:** *Um professor que pode ter até sessenta aulas semanais em variadas escolas, como irá se envolver com o projeto pedagógico de uma escola?*

**Lygia:** *A gente ficava oito horas na escola, a gente tinha essa vantagem. Agora o professor dá quatro horas aqui, mais quatro horas ali, num corre-corre e ainda com toda uma pressão.*

**Eliza:** *Sem ganhar bem.*

---

<sup>37</sup> Tensões e crises no Vocacional serão tratadas no decorrer dessa narrativa.

**Cecília:** *E, muitas vezes, tem uma formação precária. As escolas públicas podiam formar melhor, muitos dos que estão hoje trabalhando na Educação não tiveram condições de fazer bons cursos. (Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá)*

O tempo de permanência na mesma unidade parece permitir a formação em serviço:

*E a formação em serviço? O Vocacional instituiu a prática da formação em serviço! Agora, a formação em serviço no Vocacional não ficava dando curso para o professor: estava na dinâmica do dia a dia, estava no planejamento, estava nas trocas entre professores. (Esméria Rovai)*

**Lygia:** *E olha, por exemplo, nós tínhamos a formação em serviço.*

**Eliza:** *Como?*

**Cecília:** *No próprio planejamento. /.../ Fazíamos pesquisas, ouvíamos outro falar aquilo que pesquisou, quer dizer, você vai junto com o outro, você vai crescendo, vai aprendendo, cada um vai crescendo... Há uma formação em serviço.*

**Lygia:** *Isso era constante. Os professores não ficavam abandonados. Se eles tivessem um problema, eles iam conversar com a orientação pedagógica que podia chamar os Recursos Audiovisuais. Se era uma coisa da comunidade, discutia com a diretora como poderia desenvolver, se tinha aluno dando trabalho, o orientador educacional estava lá, não para chamar o pai e falar: “O seu filho é malcriado”. Pensávamos: “Como é que vamos lidar com isso dentro dessa proposta toda?”*

**Cecília:** *Isso é uma coisa que dá para fazer, se você valorizar a educação.*

**Lygia:** *Ter um horário para os professores conversarem, ter menos alunos em cada classe e ter mais classes. É preciso ter menos alunos para o professor poder trabalhar com qualidade. (Lygia Tibiriçá e Cecília Guaraná)*

Em função da carga horária e do regime de dedicação exclusiva, tem-se, à primeira vista, que o salário desses professores se diferenciava em relação aos demais professores da rede regular de ensino da época. No entanto, identificamos em depoimentos e registros controvérsias sobre este ponto. Lygia Tibiriçá e Cecília Guaraná, por exemplo, relatam:

**Cecília:** *No filme (do Toni Venturi) até a aluna fala: “Eles ganhavam bem”. Não. Nós recebíamos tanto quanto todos os outros professores de outras escolas recebiam, quarenta e quatro horas. Mas, tinha um diferencial: a permanência nos lugares.*

**Lygia:** *O salário. Eu tinha a ideia de que a gente ganhava mais, mas não, como a gente ficava só num lugar, a despesa era menor. (Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá)*

O salário parecia não se diferenciar aos demais da rede pública, mas havia outros aspectos que, por muitos professores, eram tidos como privilégios: permaneciam numa única unidade, tinham pequenas férias durante o ano, realizavam cursos frequentes em São Paulo, viajavam para os Estudos do Meio, acampavam etc. Esses “privilégios” inspiravam ciúmes em outras escolas e

professores, e a elas, mais tarde, se agregariam outras críticas da comunidade ao Vocacional.

Vale a pena ressaltar que, em relação aos dias atuais, há diferenças gritantes, um abismo, no que se refere à posição social do professor.

*Aos 27 anos eu era o “senhor professor”, sim, o “senhor professor”. O professor, nesta época, tinha status, eu diria que acima de mim estavam o prefeito, o juiz, eu estava junto, em relação ao status, com alguns médicos. O salário nunca foi alto, mas dava para me manter num hotel e ainda sustentar minha família em Jundiá. (Newton Balzan)*

*Morava num hotel onde também se hospedavam um juiz e um promotor, o primeiro do Rio e o segundo de São Paulo. Lembro que conversando sobre salário, pude constatar que o meu salário era igual ao do promotor e um pouco abaixo do juiz. Você pode imaginar isto hoje: professor, ganhando como um promotor? (Lucilia Bechara)*

*Toninha é uma professora que me marcou muito pela postura dela, e assim... várias coisas me marcaram na Toninha. Ela tinha um Karman-Guia, um automóvel da Volkswagen, era um esportivo da Volkswagen, que era um sonho de consumo de todo jovem.*

**Eliza:** *Eles ganhavam bem?*

**Eduardo:** *Ganhavam. Eles tinham uma vida bastante decente. Tinham uma vida decente, que dava para viajar. Eles consumiam cultura. Você sabia que eles iam a concertos em São Paulo? Você sabia que eles liam livros que não eram livros didáticos de formação de professor? Porque eles contavam pra gente, ou você pegava conversa de um com o outro. Eles assistiam a filmes e não eram filmes que passavam em Rio Claro, porque os filmes que eles assistiam não passavam em Rio Claro. Nós os admirávamos por tudo isso, porque tudo que a gente queria era um bom exemplo, uma coisa para se espelhar, e o melhor espelho eram aqueles caras! Os nossos professores. (Eduardo Amos)*

Os professores contratados para integrar a equipe vocacional, eram, em geral, muito jovens, recém-formados, e mantinham uma proximidade com os alunos registrada em diversos relatos, como os de Eduardo Amos e da professora Berenice Mendoza. O professor Pompeo recorda-se, emocionado, desses tempos. Nos mostra fotos da casa onde moravam juntos e realizavam festas – uma república de jovens onde também se reuniam para cantar, conversar... Residiam não apenas nos hotéis das cidades, mas em casas, transformadas em repúblicas, como fazem até hoje os jovens universitários. A convivência levou a fortes laços de amizade, namoros e casamentos.

*[...] na cidade de São Paulo era diferente, tinha características diferentes entre as unidades. De São Paulo para as cidades do interior. Por quê? Em São Paulo cada um morava num bairro, algumas professoras eram solteiras, algumas professoras tinham namorado e se casavam. Tinham a sua família. No interior, em Americana, por exemplo, ficamos sabendo*

*depois, que havia o que eles chamavam de “Senzala e Casa Grande”.  
(Luigy)*

Em algumas áreas, houve dificuldades para encontrar e contratar professores, principalmente profissionais para áreas específicas como Práticas Agrícolas, Práticas Comerciais e Práticas Industriais. A necessidade de contratações emergenciais acarretava dificuldades de engajamento à proposta de ensino Vocacional, pois a formação tecnicista de alguns desses professores muitas vezes se sobrepujava aos objetivos e anseios da proposta da escola.

### **Sobre contratação, seleção e sensibilização à proposta do Ensino Vocacional**

O Projeto Político Pedagógico<sup>38</sup> do Vocacional implicava preparar os professores e, conseqüentemente engajá-los na proposta.

Os candidatos à docência nessas escolas passariam por um curso preparatório com duração de um semestre letivo – de agosto a dezembro – que serviria também de instância classificatória para a admissão e contratação. O curso, chamado treinamento, tinha a função de, além da preparação, selecionar os profissionais a serem posteriormente contratados para atuar numa das seis unidades dos Ginásios Vocacionais.

*No Curso para seleção do Vocacional, tinha aulas com Maria Nilde<sup>39</sup>, Olga Bechara<sup>40</sup>, Joel Martins<sup>41</sup> e outros professores.*

**Eliza:** *Olga, sua irmã?*

**Lucília:** *Olga, minha irmã, que me estimulou a fazer o Curso. Se bem me lembro, o Joel Martins dava Psicologia da Educação, a minha irmã dava Didática e Metodologia e a Maria Nilde dava um pouco de legislação e princípios teóricos que fundamentavam a concepção de sujeito, os valores educacionais e as concepções de sociedade e de educação. Aprendi que a escola tinha que fazer seu Projeto Pedagógico (hoje, exigido por lei e que poucos fazem ou fazem burocraticamente). No Vocacional e nas escolas*

<sup>38</sup> Segundo Lima e Rovai (2015), no Ensino Vocacional não era comum ouvir a expressão “Projeto Político Pedagógico” (PPP). Na época utilizava-se mais comumente a expressão “Planos Pedagógicos Administrativos” (PPA). “O Projeto Político Pedagógico era um projeto adaptado a cada região ou comunidade. Já na década de 60, o Vocacional fazia pesquisa com a comunidade para verificar suas demandas e analisar o perfil dos pais e famílias dos alunos. Então, o Projeto Político Pedagógico considerava o contexto do aluno, possibilitando trabalhar o funcional e o estrutural e ter uma linha norteadora de proposta. Era possível, então, fazer uma síntese dialética das demandas da nação, do mundo e da comunidade e podíamos pensar: qual a matemática para todos os alunos, quais competências matemáticas e raciocínio comuns e, também, quais os conteúdos necessários para esta comunidade”. (Lucília Bechara)

<sup>39</sup> Maria Nilde Mascellani (1931-1999) foi Coordenadora Geral do Serviço de Ensino Vocacional – SEV de 1961 a 1969.

<sup>40</sup> Olga Thereza Bechara foi orientadora pedagógica do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha de 1963 a 1969. Participou junto com Maria Nilde das classes experimentais em Socorro-SP.

<sup>41</sup> Joel Martins (1920-1993) foi diretor do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha em 1962-1963.



*experimentais como o Vera Cruz<sup>42</sup>, o projeto Pedagógico era obrigatório. (Lucília Bechara)*

O requisito para se candidatar ao processo classificatório era ser licenciado em uma especialidade e os candidatos deveriam “aceitar as condições e exigências do trabalho, em termos de compromisso com o estudo, reuniões pedagógicas, períodos intensivos de planejamento no início e meio do ano, e saberem que seriam avaliados ao final de cada período.” (MASCELLANI *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 305)

O curso preparatório, classificatório e seletivo do pessoal que seria efetivamente contratado tinha o objetivo ainda maior de sensibilizar professores para adesão à proposta pedagógica Vocacional.

O treinamento era preponderantemente prático, instrumentando os professores em técnicas de trabalho docente, assim como em técnica de pesquisa de comunidade. /.../ Recebia-se também informações do Prof. Joel Martins acerca do ginásio voltado para a comunidade, experiência que viveu nos Estados Unidos. (MARQUES, 1985, p. 111)

O primeiro curso foi realizado com visitas às classes experimentais da cidade de Socorro-SP. A partir da implantação dos Ginásios Vocacionais de Americana, São Paulo e Batatais, os professores que se candidatavam ao curso faziam um estágio nas escolas já implantadas antes da sua possível admissão.

*[...] da segunda turma em diante, quando já tinha os Vocacionais de Americana, Batatais e São Paulo instalados, eles faziam parte, continuou tendo um curso para os interessados, aí eles faziam estágio, eles passavam uma semana em cada unidade em São Paulo, Americana e Batatais. Daí ia uma equipe que estava fazendo o curso para Americana, outra para Batatais e a outra ficava em São Paulo, depois trocavam. Mas eles faziam estágio de uma semana nas unidades. (Lygia Tibiriçá)*

Percebemos, entretanto, que este treinamento de quatro meses, anterior à contratação, nem sempre foi efetivado para todos os professores, nem ocorreu em todos os anos de vigência da proposta, dada a carência de professores e as urgências comuns ao setor educacional da época, que certamente afetavam não apenas as escolas regulares, mas também o Sistema de Ensino Vocacional. Além disso, precisavam de professores de áreas específicas para as disciplinas práticas, e para estas áreas não se encontrava profissionais com facilidade.

---

<sup>42</sup> Colégio Vera Cruz – Instituição educacional fundada em 1963 em São Paulo.

Professor Ângelo Pompeo, Berenice Mendoza e Antonio Pedro Zago foram profissionais contratados em regime emergencial, daí não terem passado pelo treinamento exigido inicialmente no Vocacional.

**Eliza:** Os professores passavam por um curso de preparação antes...

**Daniel:** Isso era o procedimento padrão, mas quando havia a carência de algum professor, em alguma área, ele entrava sem fazer curso mesmo. É o caso da minha mãe, de Inglês, ou do professor Pompeo, de Práticas Comerciais. Era difícil encontrar professor, então eles não fizeram o curso preparatório, mas participavam do planejamento, que envolvia leitura, discussão de textos. Então, a formação, no caso da minha mãe, ela entrou dando aula, no caso do meu pai, ele fez uma atividade de preparação, foi avaliado. Havia algumas áreas que precisava selecionar, tinha muito professor. (Daniel Chiozzini)

Existia o treinamento. Eles fizeram oito ou nove cursos de treinamento. Desde 61, 62 até 68, 69. Em 69 não tenho certeza, porque a Profª Maria Nilde já tinha caído, em junho. Mas eu não fiz esse curso de treinamento. Eu passei por uma entrevista, primeiro, com a Profª Lucília Bechara, Supervisora da área de Matemática do SEV. Ela me entrevistou diante do professor que estava saindo. Ela fez a entrevista comigo e daí fui encaminhado para outra entrevista com a Profª Maria Cândida Sandoval Pereira, também do SEV e que substituí a Profª Maria Nilde nos momentos em que ela estava em viagem. Neste caso, acho que estava no interior visitando algum ginásio. Depois fui entrevistado (tudo no mesmo dia, em horários diferentes) pela professora Orientadora Pedagógica da 2ª Série (hoje 7º ano), Profª Maria Auxiliadora Albergaria Pereira. (Antonio Pedro Zago)

**Eliza:** Todos faziam um curso preparatório?

**Pompeo:** No início houve. No meu caso eu fui fazer uma entrevista em São Paulo. Fui entrevistado pela Maria Cândida<sup>43</sup> e depois pela Maria Nilde que eu só fiquei conhecendo no dia em que fui para São Paulo. Ela vinha aqui, às vezes. No meu casamento ela mandou telegrama. (Ângelo Pompeo)

### **Relações entre contexto e disciplinas do currículo**

O rol de disciplinas que viria a compor o currículo no Ensino Vocacional dependia das especificidades do contexto do local no qual foram instaladas cada unidade, suas características econômicas, sociais, históricas, políticas, e podemos, dizer, num sentido mais amplo, incluindo costumes e valores.

Sabemos, por exemplo, que Rio Claro não tinha aulas de Teatro, nem foi instalado ali o Governo Estudantil. Eduardo Amos, em seu depoimento, comenta que Rio Claro, por ser uma cidade “fechada” e de certa forma antiquada, não suportaria essas inovações.

---

<sup>43</sup> Maria Cândida Sandoval Camargo fazia parte da Equipe Técnica do Serviço Vocacional (SEV) e atuou no Treinamento do Pessoal do Magistério de 1964 a 1969.

*Rio Claro nunca teve aula de Teatro, São Paulo tinha aula de Teatro. Por que será que Rio Claro não tinha? O Ginásio Vocacional de São Paulo, a unidade de São Paulo, tinha Teatro. A gente não tinha. O Vocacional de Americana tinha o Governo Estudantil, com o governador, com prefeitos, com secretários de saúde, secretário de transporte. Toda a estrutura de um governo, o Governo Estudantil. Rio Claro não tinha. Eu imagino que a cidade não suportaria. A cidade era, e é, até hoje, extremamente quadrada, retrógada, com uma cabeça muito fechada... Então, por que será que não teve o Governo Estudantil em Rio Claro? Por quê? (Eduardo Amos)*

Eduardo Amos afirma que o Ginásio Vocacional de Rio Claro sempre foi uma escola marginalizada na cidade de Rio Claro, até geograficamente.

A flexibilidade e contextualização do currículo vão fazer com que São Paulo e Rio Claro não tivessem Práticas Agrícolas em suas grades de disciplinas.

*Práticas Agrícolas, praticamente, era só Batatais, não era Cecília? Porque era de acordo com a comunidade. (Lygia Tibiriçá)*

A cidade de Batatais, apesar de dita conservadora, implantou o Governo Estudantil e tinha aulas de Teatro. A aproximação da escola com a comunidade e, especialmente, com alguns personagens com força política, pareceu acontecer logo de início, abrindo brechas para que o Ginásio Vocacional não fosse tão marginalizado.

*A cidade era muito antiga, tradicional, de fazendeiros, então a gente tinha que estar muito unido para poder propor o trabalho, e a gente conseguiu, graças a Deus! Tinha elementos de Batatais também na equipe, o professor de Matemática era de Batatais e eles nos ajudavam. (Lygia Tibiriçá)*

*[...] em relação à cidade houve mudança, inclusive, pela aceitação da própria escola. Imagine, eram acostumados com o Instituto de Educação, que era famoso. Em Batatais nós tivemos muita sorte porque o presidente da Associação dos Pais era um professor de Português, do Instituto. Ele se tornou um grande amigo nosso, tinha uma Kombi e ele nos levava. Então ele era um elemento importante de integração com a comunidade.*

**Eliza:** *Ele era presidente da Associação dos Pais?*

**Cecília:** *Era, e era professor de Português do Instituto de Educação. (Cecília Guaraná)*

A disciplina de Estudos Sociais assumia importância central no currículo e estabelecia um sistema de relações entre as demais disciplinas no contexto. A realidade da comunidade, a cidade, o Estado e o mundo, numa ordem crescente nos graus de escolaridade, eram estudadas a partir de temas elaborados pelos professores de Estudos Sociais.

*Na Aula Plataforma (como chamávamos o plano inicial de uma unidade de trabalho), os professores de História e Geografia apresentavam as questões*

*e possibilidades, assim como coordenavam; não chegava pronto, todos contribuíamos, trazíamos questões como: “Os jornais estão falando muito sobre o conflito entre americanos e russos, da possibilidade de uma Terceira Guerra, o que acham?” e todos complementavam levantando questões dos jornais, opinando etc. Era uma construção coletiva. Além disso, tínhamos muito contato fora do trabalho com os colegas, saíamos juntos para eventos culturais e baladas. (Lucília Bechara)*

*Era a Aula Plataforma. Abríamos para os alunos fazerem perguntas que, estimulados, se posicionavam e questionavam. Nessa interação, o professor orientava o aluno a organizar as perguntas e isso foi uma sabedoria do Vocacional. Todos juntos, constituindo um elenco de perguntas e organizando-as. A partir daí, nas atividades das áreas, os professores diziam, por exemplo, “essa pergunta não vai dar para responder agora, temos que aprender isto ou aquilo”. (Lucília Bechara)*

Os temas eram propostos pelos dois professores responsáveis por Estudos Sociais, sendo um deles formado em História e o outro em Geografia. Como lembra Chiozzini, em seu depoimento, Estudos Sociais tinha um enfoque completamente diferente daquele que os Estudos Sociais teriam, por exemplo, na década de 1980. Nos anos oitenta, a disciplina Estudos Sociais voltar-se-ia à manutenção do poder, da ordem e da estrutura vigente no país. Já não havia espaço para problematizações da realidade e integração entre áreas como ocorria nos Estudos Sociais desenvolvidos nos Vocacionais.

*Currículo integrado eram todas as disciplinas trabalhando em torno de um problema, mostrando como cada disciplina era a expressão daquela realidade, certo? Nós não chamávamos de projeto, nós chamávamos de Unidade Pedagógica. A Unidade Pedagógica<sup>44</sup> era um segmento, um problema que, durante um bimestre, o aluno estudava e que suscitava novos problemas que seriam objetos de pesquisa e estudo durante os outros bimestres, e assim sucessivamente, dentro da temática da série (na primeira série era comunidade local, na segunda série era o Estado, na terceira série era o Brasil e o continente Latino Americano, e na quarta série era o mundo), certo?*

**Eliza:** *As Unidades Pedagógicas era o que cada disciplina iria tratar sobre um tema relacionado à comunidade, à cidade, ou Estado naquele bimestre ou naquele semestre.*

**Esméria:** *Certo. Então dentro daquela temática, por exemplo, a comunidade local, eles começavam desde o estudo da família, a escola, o bairro, o município. “Do que vive o homem na minha comunidade, ou como vive o homem na minha comunidade?” Então ele vai ver a parte da indústria, do comércio, da agricultura, das artes, da cultura, na música, na área das artes plásticas, na área do teatro, no cinema. O que é a Educação Física? O que, na minha comunidade, o que é característico da educação física (essa é uma coisa que eu chamo até muito a atenção, dá a impressão*

---

<sup>44</sup> As Unidades Pedagógicas constituem-se de questões ou problemas em torno dos quais se organiza toda a experiência educacional do aluno, num determinado período de tempo. Então, para serem atingidos aqueles conceitos contidos no núcleo do currículo, os problemas propostos para a análise dos alunos devem ser de real interesse, de grande atualidade e devem ter, entre si, uma íntima relação, de modo que cada um deles seja, de certa forma, suscitado pelo anterior e se abra num outro mais amplo. (SEV, 1969, p.14)

*que educação física não tem nada a ver com a comunidade, mas tem). Tem folclore, tem as unidades recreativas, de recreação, tem os clubes, tem clubes esportivos, e então ele vai conhecer a comunidade do ponto de vista das ocupações com o corpo, com a educação física. (Esméria Rovai)*

Os temas a partir dos quais as atividades escolares eram elaboradas consistiam de tópicos gerais a serem estudados. Sugeridos no início do ano, estavam relacionados à realidade histórica e/ou ao contexto da comunidade na qual a escola se inseria. Entendiam que esse tema deveria estar vinculado a uma preocupação que afetasse os alunos. Temas gerais seriam desenvolvidos, em cada série, em equipes de alunos, e em diferentes salas, com diferentes enfoques, nas diversas disciplinas no decorrer do ano letivo. Os resultados das pesquisas sobre a comunidade, que precediam o planejamento curricular, seriam importantes fontes para detectar problemas e fenômenos específicos a serem tematizados.

Segundo as fontes consultadas – documentos e narrativas dos nossos depoentes –, o Vocacional buscava associar disciplina com liberdade. Assim, ao contrário do que muitos acreditam, os temas propostos eram colocados como problemas aos alunos, mas não eram, via de regra, escolhidos pelos alunos. Os professores apresentavam os temas e os alunos poderiam opinar sobre eles, escolher entre vários, quando fosse o caso, e teriam a última palavra sobre o tema escolhido. (NEVES, 2010). Ainda assim, complementavam ou reconfiguravam um tema previamente acordado entre os professores e coordenadores pedagógicos.

Lucilia Bechara nos conta, em seu depoimento, como os temas eram escolhidos e propostos em sala de aula. Eram lançadas questões e alguns direcionamentos, previamente elaborados, aos alunos. Os professores, segundo ela, instigavam os alunos a problematizar certos assuntos. Os alunos, depois desse exercício, opinavam e elegiam determinados temas de interesse para trabalharem, junto aos professores e suas respectivas disciplinas, durante um tempo determinado, nas possíveis ramificações dos (e implicações decorrentes dos) temas.

Variados exemplos de temas e dessa dinâmica surgem dispersos nos depoimentos deste nosso trabalho, como neste trecho:

*[...] só para você ter uma noção, por exemplo, na primeira série, aqui de São Paulo em 1966, segundo bimestre: “Como vivem as famílias da comunidade?” Então, primeiro a escola, depois a comunidade: “Como vivem as famílias da comunidade onde se localiza o Vocacional?” Isso eles pesquisavam e no fim os alunos apresentavam, juntavam três ou quatro turmas do colégio de São Paulo e eles coordenavam. Eles eram treinados em assembleias para apresentar e para ouvir. Então eles elaboravam e nós*

*professores íamos assistir, a classe toda ali e os pais que eram convidados. Então veja o terceiro bimestre: “O metrô”, veja como era atual, “O metrô resolveria todas as necessidades de São Paulo?” Acho que estava começando aqui o metrô. Quarto semestre – “Somente a indústria explica o desenvolvimento de São Paulo?” Veja! De segunda série! O último: “Por que está havendo um desenvolvimento grande em São Paulo?” Quer dizer, são temas pesados e atuais e com isso então eles se organizavam, todas as matérias. No fundo eles iam aprendendo e se atualizavam. “Pode São Paulo viver sozinho?” “Como essa transformação conseguiu para o homem condições ideais de vida?” “Esse progresso trouxe condições ideais de vida à população?”*

**Lygia:** *Essa daí está difícil de responder até hoje.*

**Cecília:** *Até hoje. Então não é o progresso material que resolve, mas por quê? E eles percebiam, falavam: “Por que existiam moradores de rua?” Eles viam e questionavam tudo isso. O quarto não foi encontrado. Veja a terceira série: “São Paulo e os Estados Meridionais lideram realmente o Brasil? O que é essa liderança? Por quê? Onde se refletem as diferenças culturais no Brasil?” Veja agora a quarta série, alunos de quatorze anos: “A explosão demográfica e os problemas de sobrevivência do mundo atual.” Esse, em Americana, teve um bem parecido. O crescimento populacional em consequência e a sobrevivência do mundo atual. Segundo: “A era espacial.” Então a gente procurava em cada bimestre, em um, por exemplo, desenvolver mais o lado científico, em outro mais o lado econômico, em outro o lado educacional, para tentar aprofundar mais. Então “A Era espacial” e “A rivalidade das nações no panorama da Guerra Fria.” (Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá)*

Percebemos pelo relato acima que os temas, as chamadas Unidades Pedagógicas, relacionavam-se diretamente às problemáticas da cidade de São Paulo, e por serem contemporâneos incitavam questionamentos e reflexões de alunos e pais que acabavam por entender e conhecer mais sobre a realidade à sua volta, produzindo, muitas vezes, críticas a essa realidade, e numa próxima etapa poderiam propor e/ou exigir soluções. Conhecer a realidade cria a possibilidade de um pensar mais direcionado e claro sobre ela.

Esméria Rovai traz, em seu depoimento, a necessidade da escolha dos temas e nos diz que esse exercício não era praticado de qualquer forma, apenas perguntando aos alunos o que gostariam de estudar, “*como acontece hoje*” – sugere a professora – quando essa prática não tem um significado abrangente, um sentido didático e pedagógico, nem provoca um ensino atrativo ao aluno.

*Não é o que o aluno quer, é o que o aluno precisa. Ele precisa se interessar por aquilo, aí é onde a escola está pecando. Por trás de tudo havia um planejamento, mas o aluno era convidado, estimulado a participar do planejamento através da descoberta dos problemas que poderiam fazer parte do estudo daquela temática, entendeu? Então, por exemplo, a escola hoje, “Ah! O que vocês querem estudar?” Tem um caso de uma aluna minha que contou pra mim: “Ah! Dona, nós queremos fazer, escolheram lá, puseram vários temas e escolheram sexualidade”. No Vocacional Sexualidade só iria entrar no estudo do homem na comunidade, como é que o homem se reproduz, e aí seria um tema da área de ciências, na área de*

*história, da área de educação doméstica, tinha que estar focando isso aí. Estudos Sociais, certo? E aí, a aluna conta: chegando no fim de uma semana, os alunos não aguentavam mais ouvir falar em sexualidade. Então, ficam tratando os temas como objeto de interesse imediato. (Esméria Rovai)*

*E mais, um problema que é do adulto ou do professor pode não ser um problema para o aluno. Tem que ser gerado também pelo aluno que se acreditava ser protagonista da sua aprendizagem. Isso é uma coisa que eu aprendi no Vocacional: o aluno tem que ser sujeito da sua aprendizagem. Uma questão muito forte no Vocacional era a do desejo de aprender: a motivação, segundo os comportamentalistas e o desejo, segundo os psicanalistas: tenho que querer aprender, tenho que ter paixão pelo conhecimento. (Esméria Rovai)*

Segundo nossas análises percebemos que a motivação era um aspecto valorizado no Ensino Vocacional. A motivação iria permear a prática Vocacional no que diz respeito a alunos e professores. Eles nos dizem veementemente: nos sentíamos produzindo, “fazendo educação”, não éramos apenas repetidores de teorias educacionais pensadas pelo outro, não tínhamos que reproduzir e transmitir, tínhamos que construir, e construímos num trabalho conjunto, num processo constantemente avaliado. Esse processo, é claro, apresenta dificuldades...

### **Vertentes teóricas no Ensino Vocacional**

Diversas matizes teóricas transitam pelos Vocacionais.

O Ensino Vocacional identificava-se com os princípios do ensino renovado, um ensino de cunho transformador que objetivava formar o educando integralmente, desenvolvendo nele aptidões tanto teóricas quanto práticas. Com forte inspiração humanista, adotava-se a democracia como prática pedagógica. A formação humanista caracterizava a proposta pedagógica do Ensino Vocacional que encerrava um sentido filosófico: pretendia formar o homem comprometido com a história, com o seu meio e com a transformação social.

A proposta pedagógica apoiava-se na filosofia de Emmanuel Mounier, fundada nas ideias centrais de pessoa e comunidade. Mounier é crítico do idealismo por considerá-lo uma corrente de pensamento que se refugia na abstração, desconsiderando a temporalidade e o enraizamento do homem. Para Mounier, a atenção atribuída à história constitui a mais fecunda lição do marxismo, que resgatou uma acurada análise do homem situado, desvendando a alienação reinante sob o regime capitalista e recuperando a ideia do gênero humano. O pensamento de Mounier nega o individualismo afirmando a necessidade de

estruturas coletivas, comunitárias. Ele acredita que o homem é histórico, mas tem essência, ultrapassa a si mesmo: “É preciso ser pessoa e ser pessoa é engajar-se”. (TAMBERLINE, 2005, p. 42)

*O Vocacional tinha autonomia e nos orientávamos pelos princípios e filosofia humanista de Emmanuel Mounier em que o indivíduo se constitui em sociedade e não isoladamente. Em sociedade ele aprende e se transforma. (Lucília Bechara)*

“O destaque a essa referência se faz necessário porque a obra desse autor é apontada, em parte da bibliografia sobre os Ginásios Vocacionais, como um dos seus principais referenciais teóricos” (CHIOZZINI, 2014, p. 141).

“Acreditamos, com Mounier, que a comunicação é a experiência fundamental do ser humano.” (SEV, 1968, p. 497 *apud* CHIOZZINI, 2014, p. 141)

Neves (2010, p.115) aponta que:

*Ao iniciar o seu trabalho ou estudo, em um Ginásio Vocacional, nem os professores nem os alunos encontravam alguma espécie de arcabouço teórico sob o qual suas respectivas atividades deveriam se desenvolver. Existia uma orientação teórica que emanava do SEV, não só da sua coordenação, mas de todas as equipes especialistas que o compunham. Mas toda a orientação teórica era feita passo a passo com as diversas atividades didático pedagógicas impregnando a prática e não se sobrepondo a ela. (NEVES, 2010, p.115)*

Segundo Tamberline (2005), a proposta pedagógica do Ensino Vocacional assumiu contribuições de variadas vertentes teóricas e filosóficas: Sartre, Piaget, Dewey, Bruner. Dentre os pensadores brasileiros a referência mais forte foi Paulo Freire. De acordo com o depoimento de Cecília Guaraná, Maria José Barbosa, orientadora do curso noturno de Americana, por exemplo, trabalhou com Paulo Freire no Chile antes de atuar no Ensino Vocacional.

Os referenciais teóricos que guiarão as propostas vocacionais eram estudados, primeiramente, pelos supervisores de área no SEV, que ficavam responsáveis pela triagem do material bibliográfico. Esses estudos e análises eram levados às unidades do Vocacional para serem trabalhados pela equipe pedagógica das escolas.

*Estudávamos alguns textos. Lembro-me de que Piaget era um deles. Jerome Bruner, também Hans Aebli... (Esméria Rovai)*



As senhoras Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá vão nos dizer do quanto se consideravam jovens e incipientes, e que todas as resoluções e decisões pedagógicas eram discutidas enquanto aconteciam e, via de regra, tomadas em conjunto. Nas inúmeras conversas que tivemos com pessoas vinculadas aos Vocacionais, não percebemos uma divisão hierárquica rígida na prática de suas funções quanto às tomadas de decisão. Até onde entendemos, todos estavam, constantemente, criando estratégias para a solução dos problemas que apareciam, e isso exigiu muito mais do que as habilidades que inicialmente julgavam ter, apesar da formação prévia de cada um e do treinamento pelo qual passaram no processo de seleção. A formação em serviço era uma prerrogativa. Dessa maneira realizavam discussões pedagógicas em torno das problemáticas que surgiam nas escolas bem como era comum as escolas realizarem quinzenalmente estudos teóricos sobre textos de pesquisadores brasileiros e mesmo franceses ou ingleses, obras que as professoras de Inglês e Francês do próprio Vocacional traduziam.

*E de repente comecei a prestar atenção mais na questão histórica, no contexto que estava vivendo. O Vocacional surge das influências que vinham da Europa, para o pensamento brasileiro, a influência da Maria Nilde Mascellani... A Maria Nilde teve muita influência do Florestan Fernandes, na área da Sociologia. Ela teve também muita influência dos Beneditinos, dos freis beneditinos<sup>45</sup>. Maria Nilde tinha uma influência que levava ela a ter uma visão de homem, de mundo, muito diferente. Ela foi passando aquilo pra gente, fomos incorporando aquela outra visão de mundo. As leituras que fazíamos no Vocacional foram nos levando a ter uma outra percepção da história. O Vocacional começa exatamente num período que eu chamo de um período no qual eu estava me sentindo muito livre, muito à vontade com a libertação da ditadura de Getúlio Vargas. Quer dizer, nós éramos recém-saídos de uma ditadura, a do Getúlio Vargas e estávamos vivendo um período de abertura que estava acontecendo em todos os setores da sociedade. Até mesmo a Igreja começou a mudar. Lembro que nessa época, no final dos anos 50, quando me formei na Escola Normal, já tinha o JEC, o JUC, o JOC<sup>46</sup>. Na igreja da minha cidade de Laranjal Paulista eu passei a fazer parte da JEC que era “Juventude Estudantil Católica”. Então já começava ter todo esse movimento, as ideias de Paulo Freire já*

<sup>45</sup> A Ordem de São Bento ou Ordem Beneditina, em latim, *Ordo Sancti Benedicti*, é uma ordem religiosa católica de clausura monástica que se baseia na observância dos preceitos destinados a regular a convivência comunitária.

<sup>46</sup> JEC - Juventude Estudantil Católica. JUC - Juventude Universitária Católica. JOC - Juventude Operária Católica. No final dos anos 50, um clamor por reformas ocorreu, de forma particular, na Europa, com a instituição pelo Papa, da Ação Católica. Os desdobramentos da AC (Ação Católica) foram organizações específicas ou movimentos também chamados de Pastorais, tais como a Juventude Agrária Católica/JAC, a Juventude Operária Católica/JOC, a Juventude Estudantil Católica/JEC, a Juventude Universitária Católica/JUC. A Juventude Feminina Católica/JFC e a Juventude independente Católica/JIC que reuniu os militantes não pertencentes às áreas sociais das demais organizações. Delas, a JAC, a JEC, a JOC e a JUC tiveram uma atuação destacada na resistência aos civis e militares golpistas de 1964/1985. Originou-se, por exemplo, da JUC, a AP/Ação Popular, que teve entre seus fundadores e militantes, Herbert de Souza, o Betinho, a figura mais representativa, no Brasil, dos cristãos engajados na luta contra o Estado de exceção. **Fonte:** Revista Carta Maior (2013).

*começavam a se manifestar no Vocacional. Nasce neste momento um período de efervescência em que o desejo por mudanças era muito grande não só na educação, na sociedade de um modo geral. Então a ideia da renovação da escola era uma ideia muito presente na época. Quando apareceu a ideia do Vocacional ela foi muito confundida, na ocasião, com uma Escola Industrial, com uma Escola Técnica, com uma escola profissionalizante destinada aos filhos da classe média-baixa e baixa. (Esméria Rovai)*

O Vocacional vai receber influências de diversas matizes teóricas que borbulhavam no contexto da década de 1960, um reflexo do fervor cultural vivido também em outras instâncias: a música, a religião, o cinema, o teatro, a literatura, as artes, de modo geral, advindos, principalmente dos movimentos sociais e políticos da sociedade da época.

### **Currículo, Core Curriculum:** definições, inconstâncias e variações

*A ideia de currículo se prende ao próprio conceito de currículo. (SEV, 1969, p.12)*

Para adentrarmos em algumas compreensões e interpretações sobre o conceito de currículo no Ensino Vocacional, traremos, inicialmente, trechos de um documento elaborado pelo SEV, não assinado, datado de 1969.

O documento define currículo como:

Um conjunto de experiências proposto pela escola visando ao atendimento dos objetivos e incluindo os meios de avaliação. O currículo deve funcionar como um todo dinâmico onde as menores experiências apresentadas tem o significado profundo de definições filosóficas. Sendo o currículo definido como um todo, desaparece forçosamente a divisão estanque entre as matérias e a programação isolada de cada uma delas. Isto porque o processo educativo, pela sua especialidade, apresenta situações globais e integradas e exige que os conceitos sejam trabalhados na sua universalidade.

[...]

O currículo deve levar a uma visão antropológica da cultura, núcleo do currículo será uma idéia ou um grande conceito que sintetiza a linha essencial dos objetivos na apreensão desta cultura, que dinamiza todos os recursos do processo educativo e que significa a seqüência de problemas, dando-lhes a unidade desejada.

Essa idéia deverá estar presente em todos os momentos da ação educativa. Deverá ter implicações universais, mas estará vinculada à realidade próxima em que vivem os educandos, pois, somente assim, cada um deles, poderá treinar a condição de 'ser universal'.

[...]

O núcleo do currículo é um instrumento de direção interpretativa da cultura e conseqüentemente compreensão da historicidade do homem. Da definição de um determinado núcleo de um currículo surgirão as unidades pedagógicas, os conteúdos de aprendizagem, as experiências e vivências para o jovem. Supõe também uma dimensão de técnicas pedagógicas já

conhecidas e a criação de outras. E todo o processo de avaliação deve convergir para o núcleo do currículo.

O planejamento da avaliação, a sistematização e as técnicas educativas são as últimas etapas na elaboração de um planejamento de currículo.

No currículo do Ginásio Vocacional, dada a definição de seus objetivos, esta posição tem sido assumida por Estudos Sociais. (SEV, 1969, p.12-13)

O texto traz orientações sobre como desenvolver a noção de currículo na prática do ensino vocacional ao planejar as Unidades Pedagógicas:

Uma vez organizado o currículo, integralmente, em função do núcleo do currículo, que é a ideia geratriz do processo educativo, o mesmo é desenvolvido através de Unidades Pedagógicas.

As Unidades Pedagógicas constituem-se de questões ou problemas em torno dos quais se organiza toda a experiência educacional do aluno, num determinado período de tempo.

Então para serem atingidos aqueles conceitos contidos no núcleo do currículo, os problemas propostos para a análise dos alunos devem ser de real interesse, de grande atualidade e devem ter, entre si, uma íntima relação, de modo que cada um deles seja de certa forma, suscitado pelo anterior e se abra num outro mais amplo. (SEV, 1969, p.14)

As orientações para o planejamento de uma Unidade Pedagógica são minuciosamente indicadas na sequência do texto. Deveriam considerar:

- Os objetivos a atingir, em torno dos quais se faz a integração do trabalho.
- Os conceitos a serem elaborados, dependendo das diversas áreas e prevendo as vivências pelas quais os alunos devem passar.
- A seleção dos conteúdos das diferentes áreas vem atender aos objetivos e respondem ao tema da Unidade Pedagógica.
- As técnicas de trabalho são instrumentos que, desenvolvendo o conteúdo, levam o aluno a formar conceitos e atitudes.
- As instituições didático-pedagógicas, ligada a uma área, oportunizam as mais diferentes vivências.
- As formas de avaliação do processo em execução devem possibilitar uma verdadeira verificação do quanto e de como conseguiu realizar os objetivos propostos. (SEV, 1969, p.15-16)

Outro aspecto relevante da proposta educacional das escolas, presente na segunda parte do documento, é a reafirmação do currículo como um conjunto de experiências proporcionadas pela escola, não limitado aos conteúdos disciplinares, atrelado à definição de *Core Curriculum* – ainda que neste documento não ocorra a expressão *Core Curriculum* – já que apoiado na noção de que às estratégias formativas subjaz um “núcleo” curricular.

Segundo Cecília Guaraná, este conceito aparece logo no início dos Vocacionais:

*Com o Joel [Martins] nós fomos até o Rio de Janeiro participar de um encontro de currículo, não me lembro bem o nome, mas ficou muito claro*

*para todos nós que teria alguma coisa com o coração do currículo, que era o “Core Curriculum”. Isso era o central de nossa proposta. O homem como um ser social que vive num tempo e num espaço e é capaz de transformar a sociedade. Um agente de transformação da sociedade. Então com todos aqueles objetivos, isso estava na própria proposta: um homem como um ser social, agente transformador da sociedade. (Cecília Guaraná)*

A expressão *Core Curriculum* vai se alterar, no decorrer do tempo, nos Vocacionais. “Há momentos em que o *Core Curriculum* é nitidamente um tema e não um ‘comprometimento com a transformação social’”, afirma Chiozzini (2010, p.113). Este autor explicita que, após ter estudado e analisado diferentes documentos, percebeu diferenças e “brechas” nas definições apresentadas.

*Uma análise da proposta educacional das escolas transmite a ideia de que a definição de core curriculum é bastante vaga e constitui-se apenas uma defesa da coerência e sintonia das diversas práticas educativas /.../ a definição de core curriculum se desprende de seu sentido original e se sobrepõe à definição de currículo. (CHIOZZINI, 2010, p.111)*

*Alguns documentos e alguns remanescentes falam que Estudos Sociais era o Core Curriculum, mas na verdade era um problema, (isso lá em 67/69), derivado da área de Estudos Sociais. (Daniel Chiozzini)*

Em outros momentos, entende-se “*Core Curriculum*” como um instrumento de direção na interpretação da cultura, permitindo interpretar, também, o processo histórico ao trazer para o presente a contribuição de fatos passados. “As recorrências ao passado não devem ser entendidas como apelo à chamada ‘cultura geral ou clássica’, mas como condição indispensável para compreensão do processo histórico.” (CHIOZZINI, 2010, p.112)

Percebe-se que uma noção concêntrica, vinculada à ideia de currículo, está cristalizada na memória de muitos ex-participantes, ocorrendo também, via de regra, em trabalhos de pesquisa sobre os Vocacionais. (CHIOZZINI, 2014, p.121)

Outras leituras acerca do currículo do Ensino Vocacional apontam novas direções e assumem novas nomenclaturas, como é o caso da concepção de um currículo em espiral, descrita em Lima e Rovai (2015, p. 166):

*A complexa ideia de currículo em espiral concebida pelo EV<sup>47</sup> com sua linha ascendente que, no avanço para a expansão, cuida também do aprofundamento dos conceitos sempre pelo retorno ao conceito anteriormente aprendido. É essa dinâmica do fluir e refluir de ideias próximas e distantes sobre um dado conceito, que se faz necessário para a conexão do presente com o passado com vistas ao futuro, na perspectiva de que esses tempos não são ordenados linearmente, mas circulam entre si no aqui e agora.*

---

<sup>47</sup> Ensino Vocacional.

Neves (2010) destaca que o Ensino Vocacional ensinava o pensar, o refletir e o agir; a lidar com o conhecimento como um processo de construção que só tem sentido quando quem aprende constrói o conhecimento. Almejava-se um “aluno perfeitamente integrado no seu tempo, no seu mundo, na sua sociedade, sendo capaz de responder com o melhor de si, de acordo com a sua capacidade, com aquilo que ele for capaz, e cada vez mais preparado para dar respostas às necessidades do mundo.” (NEVES, 2010)

Observamos, nos textos acima, que a própria noção de currículo vai se alterar durante os oito anos de existência do Vocacional.

Em síntese, no Vocacional, o currículo era tido como um conjunto de experiências proporcionadas e vividas pela e na escola, mas não limitadas aos conteúdos disciplinares. Privilegiava-se a ideia de um currículo integrado atrelado à noção de uma sequência evolutiva dos problemas, tendo como objetivo acompanhar o dinamismo da realidade social.

### **A integração de áreas: uma meta e muitas controvérsias**

A integração surge, então, não como uma forma de aproximar áreas do currículo, mas como um princípio que se impõe pela realidade cultural a ser apreendida, pela estrutura do processo de aprendizagem que norteia todo o trabalho da Unidade Pedagógica. Para a execução deste programa, deve haver uma equipe de professores que planeja, executa e avalia o trabalho. (SEV, 1969, p. 16)

“Área de Estudo” significava, no Serviço de Ensino Vocacional, “um grupo de professores especialistas nas suas respectivas disciplinas, trabalhando de forma integrada e interdisciplinar, em tempo integral.” (NEVES *apud* CHIOZZINI, 2014, p. 142)

Os Ginásios Vocacionais mantinham certa autonomia em relação ao SEV, podendo alterar aspectos das áreas inicialmente estabelecidas - Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, uma língua estrangeira, Artes Industriais, Artes Plásticas, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Economia Doméstica, Educação Musical, Educação Física e Teatro - desde que se mantivessem os princípios norteadores da proposta.

O documento do SEV a que tivemos acesso traz uma definição e algumas orientações relativas ao conceito de integração entre áreas. Prática de relevância no

Ensino Vocacional, essa integração dar-se-ia em torno de um tema central e seria efetivada nas Unidades Pedagógicas. Este conceito vai tornar-se uma das metas centrais a serem alcançadas pela proposta educacional do Vocacional.

*Resumidamente, para você entender a questão da dinâmica do currículo integrado, da metodologia, para poder falar da Matemática nesse contexto. O Vocacional trabalhava com currículo integrado. O que era trabalhar com currículo integrado? Pressupõe-se que as disciplinas entre si, as disciplinas são expressões da realidade. Elas não são saberes dicotomizados, elas são expressões de uma totalidade que é a realidade vista como um todo. Essa visão do universo como organismo vivo. Essa visão ecológica do universo. No universo tudo está conectado, tudo está relacionado, tudo se liga com tudo, então não tem razão a Matemática estar separada de Física, de Português, de Artes Industriais, porque tudo se liga com tudo. Então essa visão de o conhecimento ser um todo e que as disciplinas são expressões desse todo, é que fazia com que o Vocacional tratasse as disciplinas como partes de um todo “maior”. (Esméria Rovai)*

As diversas áreas do conhecimento, por meio de suas disciplinas e professores, deveriam, junto às equipes de alunos, desenvolver atividades junto à comunidade, incentivando a inserção e atuação social do aluno numa realidade entendida como conectada e complexa. A visão do todo, da unidade e da não separação entre as partes, numa concepção, digamos, “holística” de mundo, permeia as narrativas dos depoentes bem como perpassa todo esse documento. Essa concepção vai direcionar e dar sentido às práticas propostas e realizadas nas Unidades Pedagógicas (ou Unidades Didáticas), favorecendo a integração. Renata Rangel e Esméria Rovai, a partir de suas atuações e observações em escolas, trazem críticas ao atual ensino tradicional por, em geral, ainda hoje, privilegiar uma concepção do conhecimento dividido em partes estanques, por meio de disciplinas que raramente se conectam, sustentando uma prática pedagógica compartimentada, sem privilegiar o diálogo entre as disciplinas e a realidade, apesar das inúmeras tentativas propagadas pelo discurso educacional vigente.

*A proposta do Vocacional era trabalhar com um currículo integrado. Foi extremamente inovador na época e continua inovador até hoje, porque na verdade a escola ainda não sabe trabalhar dessa forma, ainda não entendeu o que é trabalhar assim. (Esméria Rovai)*

*O Vocacional trabalhava com a ideia de currículo integrado, integrando teoria e prática, integrando os saberes das diferentes disciplinas. Para isso, integrava os professores, os elementos atuantes do processo para um pensamento integrado que eu chamaria hoje de um pensamento complexo, como fala Edgar Morin. Integrava inclusive os funcionários. Os funcionários tinham que conhecer a proposta. O professor tinha que valorizar o aluno, mas o funcionário também. Nunca me esqueço de uma vez em que eu fui fazer um trabalho de assessoria numa escola pública em que os*

*funcionários tratavam os alunos bravos, xingando: “Vai pra fora!”... e tal. No Vocacional isso não era possível, porque no Vocacional tinha que respeitar e valorizar o aluno como o professor também, mas a gente tinha que saber por que estava respeitando e valorizando... (Esméria Rovai)*

Ao almejar a integração, Rovai aponta que o Vocacional procura romper com propostas conservadoras e reducionistas ao buscar alternativas que superassem a divisão estanque entre as disciplinas propostas. Propõe uma dinâmica na qual o conhecimento perpassasse as disciplinas. Recomenda fortemente práticas de integração a fim de se alcançar os objetivos da proposta pedagógica. Partiam da observação, reflexão e atuação sobre a realidade na qual vivia e estava inserido o aluno, o que observamos claramente na proposição exposta no trecho abaixo:

Importa dar ao aluno a visão do mundo em que ele vive, uma visão antropológica da cultura e condições para a sua participação social. Isto significa ter a capacidade para interpretar, objetivamente, os fatos da natureza e da cultura, pois existe uma unidade profunda na natureza e no conjunto das criações humanas. É impossível trabalhar com os alunos por matérias compartimentadas sem fazê-los entender essa unidade da natureza e da cultura, sem levá-los a perceber a interpretação dos fatos e universalidade dos conceitos. A integração das áreas do currículo ou das “matérias” transformou-se num princípio fundamental do processo educativo e, em vista disso, trabalha-se, no Ginásio Vocacional, pelo processo de Unidades Pedagógicas. (SEV, 1969, p.14)

*Ouviam a música em Educação Musical, liam o poema em Português a partir do problema: “Porque o brasileiro vive apenas 55 anos em média?” Então Morte e Vida Severina estava dentro desse tema. (Newton Balzan)*

O mesmo documento vai ainda discutir o conceito de integração dizendo das formas de aprender, de como se dá a aprendizagem e a “assimilação do conhecimento”, trazendo os conceitos de “esquemas assimilatórios” e de “desequilíbrio interno para buscar um novo equilíbrio”. “[É] A Unidade Pedagógica que, proposta sob a forma de um problema ou uma questão, vai gerar o desequilíbrio interno e estimular o pensamento na busca de um novo equilíbrio, através das operações que desencadeia”. (SEV, 1969, p. 15)

Os termos e concepções utilizadas por Esméria Rovai se contrapõem aos termos expressos no documento do SEV. Rovai fala de concepções holísticas, enquanto o documento do SEV baliza-se por concepções estruturalistas ligadas à teoria piagetiana. Lucilia Bechara nos dá indicações desse processo:

*Emmanuel Mounier que conceitua pessoa como o indivíduo inserido num tempo, numa história. O Core Curriculum do Vocacional baseava-se nessa concepção de sujeito histórico, inserido num tempo e num espaço, daí a*

*História e a Geografia, centro do currículo. A equipe técnica/docente escolhia um tema e promovia a integração entre áreas. O construtivismo veio um pouco depois, com os seis estudos de Piaget. O Joel Martins ensinava as teses americanas de psicologia da aprendizagem, aprendi muito com ele, foi meu inspirador. (Lucília Bechara)*

Isso remete às diversas vertentes teóricas que borbulhavam naquele contexto do Vocacional e sociedade da época. Tamberlini fala desta efervescência. Por outro lado entendemos a leitura da Professora Esméria Rovai, ao dar indícios de suas concepções holísticas baseadas na teoria da complexidade de Edgar Morin, expressas também nas suas opções por tratamentos de saúde como a Homeopatia, pela prática do Tai Chi Chuan etc. A partir desse referencial teórico e vivencial Rovai projeta um Vocacional a partir destas lentes destacando, por exemplo, pontos nos quais o Vocacional praticava a integração e o pensamento complexo.

As falas estão permeadas pelas lembranças e perspectivas de presente e futuro, daquilo que o depoente acredita, almeja como aspectos essenciais no ensino e na aprendizagem ao posicionarem-se, como faz Esméria, em relação a um modelo de escola necessária atualmente no Brasil, inspirada nas práticas pedagógicas que acreditava funcionar no Vocacional. Não nos valem os graus de valoração de possíveis rótulos, da busca de “verdades” em torno do Vocacional, não nos importa se esses discursos revelam um Vocacional dos sonhos e dos desejos: nos importam as falas e as formas com que essas professoras memorizam, contam, nos falam de uma proposta de futuro, de uma escola na qual se projetam valores e aspectos considerados significativos hoje e, principalmente, nos falam das falhas, das lacunas de muitas nossas instituições educadoras atuais. São falas permeadas pela luta, que acreditam, que, por mais apaixonadas, redundantes e apeladoras que possam nos parecer, podem nortear e fixar linhas no horizonte.

É o que somos: um intercâmbio de temporalidades e multiplicidade de conceitos – estamos constantemente nesse fluxo.

Construímos Ginásios Vocacionais.

Vale salientar que este documento ao qual aqui fazemos referência neste tópico, datado de 1969, traz indícios de que estes conceitos também foram se transformando ao longo do tempo. Nele, afirma-se, por exemplo, que a integração “tornou-se um conceito fundamental do processo educativo” no Vocacional, do que podemos inferir que nem sempre a integração foi assim considerada. Esta afirmação ainda pode ter sido reconsiderada devido às resistências e/ou dificuldades sentidas



por diversos professores e gestores do Vocacional – como percebemos nos depoimentos desse estudo. Insistentemente os professores eram chamados a integrar as matérias e vincular teoria e prática. A proposta pedagógica do Ensino Vocacional diferia muito do ensino tradicional, ambiente ao qual os professores estavam habituados por serem, muitos deles recém graduados e terem tido uma formação tradicional e clássica em seus cursos de graduação.

Algumas situações que dizem respeito a este aspecto permeiam a memória de professores do Vocacional, e muitas vezes são revisitadas nos depoimentos por nós construídos e em outras narrativas a que tivemos acesso.

A manifestação de um ex-professor de Educação Física do Vocacional, presente no 73º. Bate Papo Cultural<sup>48</sup> em Rio Claro, também explicita as dificuldades por ele sentidas ao buscar aliar teoria e prática, ao tentar compreender o que dele exigiam, como, por exemplo, quando era instado a pensar sobre questões teóricas e práticas referentes ao ensino e a aprendizagem da Educação Física de maneira mais ampla: O Vocacional relaciona a Educação Física aos cuidados com a saúde e com o corpo.

Como vimos, o processo de integração atrelava-se à disciplina Estudos Sociais, responsáveis por lançar/propor temas e problematizações a fim de serem trabalhados nas diversas disciplinas práticas ou teóricas do currículo vinculado ao contexto de cada cidade e região que se localizava o Vocacional.

*Então essa visão de o conhecimento ser um todo e que as disciplinas são expressões desse todo, é que fazia com que o Vocacional tratasse as disciplinas como partes de um todo “maior”. De um todo do qual elas faziam parte, então essa dinâmica entre todo e parte fazia essa dinâmica do currículo integrado, certo? Como é que você fazia com que o aluno percebesse essa totalidade? Aí é que vinha a metodologia do Estudo de Problemas. O problema é: para você conhecer, por exemplo: “Do que vive a nossa comunidade?”, que era uma das primeiras unidades que os alunos viam na primeira série, primeiro era o estudo da escola, “Como é que é a nossa escola?”... Então vamos conhecer a escola, então vamos conhecer a escola em Português, em Matemática, em Ciências, em Física, em Química, em Biologia. O aluno via todas as dimensões da escola representada nas disciplinas. (Esméria Rovai)*

---

<sup>48</sup> O 73º. Bate-Papo Cultural aconteceu no dia 29 de julho de 2014, às 20 horas, no Arquivo Público Municipal de Rio Claro, com a presença do Prof. Dr. Daniel Chiozzini discutindo o tema: “A educação no regime militar, projetos educacionais experimentais e ginásios vocacionais” e o lançamento de livro de sua autoria: “História e Inovação Educacional do Brasil: o caso dos ginásios vocacionais (1961-1969)”. Neste momento convidei-o para participar dessa nossa pesquisa. Sua entrevista foi realizada no mês seguinte.

Apesar desta proposta ser, sob nosso ponto de vista, relevante e interessante, inclusive para os nossos dias atuais, acreditamos ser importante descrever algumas das dificuldades sentidas por esses professores segundo outras pesquisas das quais temos notícias. Isto possibilita que tenhamos maior amplitude de visão sobre essas práticas. O que se percebe de antemão é a dificuldade que o professor tinha para se adequar à proposta diante de uma formação conteudista, e disciplinar a que muitos estavam sujeitos. Os professores não possuíam uma formação cuja prática pautava-se no conceito de integração. Isto gera impasses.

A concretização deste conceito, na prática, era considerada, por muitos professores, tarefa difícil e árdua, exigindo dedicação e reflexão constantes. Segundo Neves (2010), a integração era um grande desafio intelectual, cultural e pedagógico. Não era tarefa simples e banal, desenvolvida com facilidade. Para muitos professores, essa face da proposta tornou-se uma grande vilã.

*[...] na integração matemática eu sentia muita dificuldade, integração de conteúdo eu sentia dificuldade, não sei, talvez por inexperiência, eu nunca tinha feito um tipo de ensino como esse, mas eu sentia um pouquinho de dificuldade, sim, para fazer a integração de conteúdos. Era pedido sempre que possível integrar os conhecimentos. (Antonio Pedro Zago)*

A integração entre as disciplinas e entre elas e os Estudos Sociais se torna um dos pontos essenciais e mais cuidados nos discursos acerca das atividades pedagógicas nos Vocacionais, e um dos problemas que, apesar de surgir de forma amena em nossos depoimentos, foi considerado traumático para muitos professores, segundo a fala de Joana Neves durante o 33º. Bate Papo Cultural organizado pelo Arquivo Municipal de Rio Claro, em setembro de 2010. Ela relata que fazer a integração das disciplinas na prática, atrelada a Estudos Sociais, era um desafio constante e muito difícil, um grande desafio intelectual, cultural e pedagógico. Daí a necessidade dos Conselhos, dos inúmeros planejamentos diários. Havia um trabalho gradativo entre os professores para que a integração de áreas pudesse acontecer tal como se almejava.

Estudos Sociais era o “grande coordenador”, o organizador axial dos temas a serem estudados, e eram também, a partir dele, avaliados os resultados obtidos, porque “tudo deveria convergir na Síntese para Estudos Sociais”. (NEVES, 2010)

Neves relembra a apresentação musical, num coral improvisado, dos professores do Ginásio Vocacional de Barretos, numa festa de confraternização, em

1966. Inspirados na canção “*Quero que vá tudo pro inferno*”<sup>49</sup>, criou-se uma paródia na qual os docentes expressavam todos os sentimentos e opiniões resultantes da dificuldade que sentiam no processo de integração das disciplinas. A paródia, mais do que dizer, expressava um descontentamento.

*De que vale o céu azul  
E o sol sempre a brilhar  
Se estou no GV<sup>50</sup>  
O dia inteiro a planejar*

*Só tenho CP<sup>51</sup> no meu pensamento,  
Onde quer que ande  
Só ouço lamento  
E a integração é todo o meu tormento*

*Quero que termine  
Esse CP eterno  
E que Estudos Sociais  
Vá pro inferno.*

Essa paródia, segundo Neves, explicita os grandes embates pedagógicos vividos pelos professores, com ênfase no trabalho em tempo integral e incessante dos planejamentos diários. Segundo ela, tudo o que se fazia no Vocacional era planejado nos mínimos detalhes, e isso, é claro, não era algo fácil na prática. Ela afirma, ainda, que hoje é fácil dizer que todo o trabalho era integrado a partir dos temas propostos por Estudos Sociais, que a centralização ocorria a partir dos Estudos Sociais, mas pontua que fazer isso, na prática, era um enorme desafio em relação ao qual, muitas vezes, os professores se rebelavam.

O *status* dado à Integração de áreas ocupava grande parte do tempo destinado às reuniões, planejamentos e conselhos. Planejava-se diariamente, posto que os professores permaneciam, em geral, 20 horas semanais em sala de aula e as demais eram reservadas às atividades pedagógicas de planejamento, avaliação, preparação de aulas, leituras, formação etc.

Observamos, a partir dos depoimentos, que essas dificuldades sentidas pelos professores muitas vezes não chegavam a ser percebidas pelos alunos. Em seu depoimento, o ex-aluno Paulo Ricardo Simon, do Gevoa, turma de 1966, por

---

<sup>49</sup> “*Quero Que Vá Tudo Pro Inferno*” é uma canção de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, gravada e lançada em 1965, a primeira faixa do álbum *Jovem Guarda*, de Roberto Carlos.

<sup>50</sup> GV - Ginásio Vocacional.

<sup>51</sup> CP - Conselho Pedagógico.

exemplo, entre suas lembranças, traz aspectos positivos acerca das práticas de Integração.

Aprendemos o prazer de ler e, muito além dos autores brasileiros tradicionais (pelos quais também passamos), líamos e discutíamos Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo), George Orwell (1984, A revolução dos bichos) e outros. E a integração entre as Áreas fazia com que o assunto abordado por uma fosse desenvolvido pelas outras, o que dava unidade à compreensão e à aprendizagem. Resumindo: nós aprendíamos a PENSAR! E muito contribuiu para isso o trabalho em grupo. As equipes eram fixas para todos os trabalhos de todas as Áreas, com os membros se revezando, periodicamente, entre os cargos de Coordenador, Redator e Relator. (SIMON, 2005, p. 167)

Eduardo Amos, por sua vez, diz que *“a impressão que se tinha é que ‘os caras’ sabiam tudo sobre a gente, não tínhamos como escapar!”*, tal era a abrangência e a pertinência das atividades promovidas a partir da intenção de integrar disciplinas, práticas e conceitos.

### **Dos contos, um encanto:** os Estudos do Meio

Rovai (2005, p. 17) diz que um dos principais objetivos da proposta de ensino vocacional “era formar jovens conhecedores da realidade em que viviam para assumirem o papel de transformadores de sua própria ação”, e a técnica do “estudo do meio” corroborava significativamente nesta direção.

Estudo do Meio é uma das expressões mais comuns às narrativas de ex-alunos e professores do Vocacional, tanto nos depoimentos elaborados para esta pesquisa, quanto em outros a que tivemos acesso em acervos dos mais variados. É parte da memória daqueles que vivenciaram a experiência Vocacional. Talvez essa tenha sido, principalmente aos alunos, até onde percebemos, uma das marcas mais indeléveis da proposta educacional do Ensino Vocacional. O Estudo do Meio permitia ao aluno um contato direto com a realidade social, geográfica e humana, sobretudo da comunidade na qual ele estava inserido, e uma reflexão individual e conjunta sobre esta realidade por meio de atividades coordenadas.

O primeiro e mais elementar Estudo do Meio se dava num primeiro momento – conhecer a sua escola, a comunidade escolar, seu prédio e seus arredores. Em geral, os alunos saíam, para as visitas programadas, por séries, divididas em grupos. Essas viagens exigiam planejamento minucioso como percebemos ao longo das análises.

Vejamos o relato, disponível no site da GVive, do Sr. Expedito de Oliveira, ex-professor do Ginásio Vocacional de Batatais e ex- supervisor de Estudos Sociais do SEV, em 1962, sobre os Estudos do Meio:

[...] Permitia que fôssemos aos locais onde podíamos encontrar as respostas e soluções para todos os nossos problemas e questionamentos, como “O Pau de Arara” é um trabalhador preguiçoso, indolente, que vive embriagado, em busca de uma resposta, nada como ir com eles, trabalhar juntos, passar todo um dia, verificando suas condições de trabalho, de sua família, o que levava para comer... No retorno, em sala de aula, todos chegavam à conclusão; não são preguiçosos, mas sim mal alimentados, subnutridos e com a saúde em péssimo estado. Era a única forma de se obter uma resposta concreta, real de um trabalhador, indispensável para a nossa economia e em especial para nossa comunidade. (OLIVEIRA<sup>52</sup>, Depoimento - GVive)

Professores e alunos iam a campo, vivenciavam diversas situações “reais” nos âmbitos político, histórico, geográfico e social e, durante o contato com o meio, observavam, coletavam dados e registravam informações das mais variadas formas: anotando, fotografando, desenhando. De posse desse material e de volta à escola, organizavam e estruturavam os dados coletados pelas equipes e ao final desta etapa apresentavam o trabalho desenvolvido, inicialmente, em pequenos grupos, para a sua classe e depois, realizada uma síntese dessas apresentações, realizavam uma nova apresentação, agora de toda a classe para as demais séries, ou seja, para a escola – inclusive para pais – numa reunião chamada Aula Síntese. Neste processo buscavam problematizar, discutir, interpretar, apontar soluções, além de elaborarem materiais “pedagógicos” que ficavam nos arquivos da escola, para consultas futuras.

*Então nós íamos em equipe. Para cada equipe foi sorteado uma rua. A mim, coube a Avenida 3 entre as Ruas 4 e 5, a rua do jardim. Eu tinha que entrevistar uma família daquela rua, então nós elaborávamos um roteiro e tínhamos que entrevistar a família. Tocamos a campainha e falamos, “Olha nós somos alunos do vocacional, precisamos entrevistar, fazer umas perguntas”. A família recebia e a gente fazia umas perguntas e outros tomavam notas. Então conhecia a cidade. Fizemos Estudos do Meio da Companhia Paulista da Estrada de Ferro<sup>53</sup>, numa siderúrgica, na cervejaria. No segundo ano mudou: era o Estado de São Paulo, ampliou. Eu estudei, por exemplo, o Ciclo do Café, por onde chegou o café no Estado de São Paulo? Pelo Vale do Paraíba, e cresceu foi, foi... Daí eu vejo o impacto disto na minha cidade. Porque a estrada de ferro chega a Rio Claro? Por causa da expansão do café. Então daí eu volto a estudar a cidade de Rio Claro*

<sup>52</sup> Professor Expedito de Oliveira foi supervisor de Estudos Sociais no Ginásio Vocacional de Batatais em 1962.

<sup>53</sup> A Companhia Paulista de Estradas de Ferro foi uma companhia ferroviária brasileira situada no estado de São Paulo. Ela ficou conhecida pelo seu alto padrão de qualidade no atendimento ao público.

*como uma cidade que um dia foi ponta de linha, a estrada de ferro chegava até Rio Claro.*

*Como o currículo do 6º ano<sup>54</sup> era focado na comunidade, a primeira coisa que a gente tinha de fazer era conhecer a comunidade.*

**Eliza:** *Vocês pesquisavam e vocês depois partilhavam esses resultados de pesquisa, equipes pequenas que depois juntavam com equipes maiores e no final do ano também tinha uma maior ainda ou não?*

**Eduardo:** *Isso era pesquisado o tempo inteiro. Tinha a síntese do ano, tinha a síntese do ano para os pais... Tinha isso. Eu tinha que prestar conta, mostrar para os meus colegas. Mas a gente não tinha essa noção de prestar conta, para nós era a Aula Síntese. Na verdade era uma prestação de conta, o nosso grupo achou isso, vimos isso... (Eduardo Amos)*

Balzan (2015), em sua narrativa, convida o leitor a uma viagem ao passado. Promove a simulação de um passeio (quase virtual – já que faz o leitor criar as imagens) por um dos Ginásios Vocacionais num dia letivo comum. Numa dessas experiências, narra:

Nas paredes, desenhos feitos pelos alunos, cartões postais, objetos diversos e muitas fotografias tomadas pelo especialista em Recursos Audio Visuais durante o Estudo do Meio. Um dos professores de Estudos Sociais que coordena a Assembléia, em deferência a nós, solicita que um dos estudantes relate os principais tópicos já abordados na primeira metade das atividades. Antes de dar a palavra aos alunos, lembra-nos que esse estudo é parte integrante do tema do bimestre: O advento de uma nação. Uma das alunas enumera-os: a gruta de Maquiné, em Cordisburgo, a origem do nome, seu histórico, destacando a presença do naturalista dinamarquês Peter Lund e a forte presença de carbonato de cálcio na formação da gruta. Lembra os enormes salões em seu interior e destaca a beleza das estalactites e estalagmites. Outro estudante pede a palavra e lembra tópicos relacionados à matemática e a Práticas Comerciais, lendo em voz alta suas anotações sobre a velocidade média dos ônibus na ida e na volta e nos mostra gráficos em barras sobre os gastos com combustível durante todo o percurso. Um aluno levanta a mão, assinalando que pretende falar e destaca alguns aspectos da cidade de Belo Horizonte: sua fundação, relativamente recente – 1897 -, o Palácio da Liberdade, a Lagoa Artificial – Pampulha -, com a presença marcante da igreja de São Francisco de Assis. (BALZAN, 2015, p. 44)

Os Estudos do Meio eram programados como parte da proposta pedagógica, seguindo uma crescente amplitude espacial. Ao propor uma sequência de acordo com as séries organizavam e direcionavam os temas de interesse dos alunos para uma realidade mais próxima a uma realidade mais distante, relacionando-as. A sequência: na primeira série estudavam a escola, a comunidade e cidade; na segunda série, o Estado; na terceira série, o país; e na quarta, o mundo surge fortemente tanto nas narrativas quanto nas fontes escritas, sugerindo que esta

---

<sup>54</sup> O ex-aluno Eduardo Amos refere-se à primeira série do Ginásio, na época.

técnica conseguiu ser efetivamente implantada e praticada entre as propostas do Vocacional.

Da 1ª. a 4ª. série, estudando o próprio Ginásio, a Comunidade, o Estado, o Brasil e o Mundo, de forma dinâmica, encontra o aluno um grande número de oportunidades de sair da própria sala de aula, entrando em contato direto com a realidade através de uma experiência vivida. (SEV, 1969, p.18)

No estudo da comunidade os alunos entravam em contato direto, pelo Estudo do Meio, com os profissionais, no exercício das profissões e faziam o levantamento dos dados necessários a serem elaborados e trabalhados pelo Orientador Educacional. (LIMA; ROVAI, 2015, p.165)

*Eles não apenas ouviam o advogado falar sobre o que fazia, mas iam ver a sua atuação, por exemplo. Eles iam para uma metalúrgica, não era um metalúrgico falando o que ele fazia, eles iam observar como é que funcionava na prática. Isso acontecia em todas as áreas. Não era só ouvir o engenheiro, mas era também ver onde e como atuava. E não era uma coisa assim “de boca”, eles tinham que ir e observar o que acontecia realmente. (Cecília Guaraná)*

As pesquisas de comunidade realizadas para a instalação das unidades escolares tornavam-se verdadeiros diagnósticos sociológicos. As características do contexto econômico, social e artístico de cada lugar serviriam, posteriormente, também como referenciais para cada uma das unidades no que diz respeito à estruturação dos temas e conteúdos a serem desenvolvidos no currículo durante os quatro anos do ginásio. Já as pesquisas de comunidade, realizadas periodicamente, forneciam informações para que as propostas didáticas fossem aprimoradas e adequadas aos diferentes contextos bem como para a realização e decisões acerca dos Estudos do Meio.

Assim, o contexto de cada unidade era estudado por meio das pesquisas de comunidade e a partir da observação e estudo, em geral, feitas pelos professores de Estudos Sociais, que detectavam problemas ou características, inicialmente num contexto mais próximo. Definiam os temas e os locais a serem visitados. Os Estudos do Meio permitiam o contato com a realidade, ao estudarem a geografia e a história desses locais. Essas observações traziam informações e suscitavam um conjunto de relações e questões posteriormente organizadas pelos grupos de alunos que se dividiam para estudar os diferentes espaços e situações. Vale ressaltar que todas as disciplinas do currículo deveriam se envolver com os temas e estudos realizados numa proposta integradora. A troca era feita posteriormente, e muitos dos materiais disponibilizados aos alunos eram resultados das pesquisas realizadas nessas atividades.

Os estudos do meio não cabiam num gabarito único pela simples razão de que o meio varia a cada região, a cada bairro. Em Americana, os alunos do primeiro ano estudaram a industrialização rápida da cidade. Já os de Batatais concentraram-se nos problemas de um município agrícola. Quanto aos de São Paulo, no Brooklin, analisaram as múltiplas faces de um bairro de classe média metropolitano. No segundo ano, o objeto de estudo foi o Estado. No terceiro, o país. Grupos de estudantes viajaram para o Rio, num percurso que incluía a pesquisa do Vale do Paraíba e a siderúrgica de Volta Redonda. Outros foram para as cidades históricas de Minas.

O cenário do quarto ano era o mundo, ou as fronteiras mais próximas dos vizinhos sul-americanos. De todos os colégios, só uma turma chegou a ir até a Bolívia. Os projetos de contato com outros países foram impedidos ou dificultados pelos militares. (BIANCHARELLI, 2002)

Para a concretização da proposta faziam visitas e viagens planejadas ao longo do ano letivo. Como vimos, Professor Newton Balzan relata que essas viagens eram delineadas em relação aos objetivos pretendidos para cada série e estavam vinculadas aos temas geradores de pesquisa – às Unidades Pedagógicas. Eram planejadas detalhadamente com antecedência pela equipe responsável. O Vocacional mantinha um relacionamento com diversos órgãos e entidades, internos e externos à escola, que acabavam por colaborar na efetivação de atividades pedagógicas como essa.

A viagem implicou, claro, despesas bastante grandes: transporte, refeições e lanches. Você certamente me lembraria também das acomodações em Belo Horizonte, cidade-pião, de onde partiam e chegavam professores e alunos durante todos esses dias. Sim teve custos, porém menores do que se supõe a primeira vista. Senão, vejamos: alojamento gratuito foi conseguido a ACM (Associação Cristã de Moços), em Belo Horizonte. /.../ Dois professores, equipe precursora – de Vocacionais diferentes – havia ido a Minas Gerais bem antes de o Estudo do Meio ser realizado, com o objetivo de planejar cada detalhe da viagem. Despesas com refeições. Junto às prefeituras e indústrias das cidades visitadas, os dois professores – ou equipe precursora – conseguiram reduzi-las ao máximo, a partir de solicitações, sempre atendidas, de almoços e lanches para todo o grupo. O restante da despesa, isto é, a maior parte, foi coberta pelo caixa disponível da Associação de pais e principalmente pelos próprios alunos. Várias famílias puderam arcar com parte, somente, das despesas cobradas dos alunos e outras não dispunham de condições sequer de custear o mínimo necessário. A Associação de Pais encontrou a solução: as famílias de maior poder aquisitivo – industriais, por exemplo – contribuíam para cobrir aquilo que estava faltando. Nenhuma aluno deixou de participar. /.../ Nenhum aluno ficou sabendo [...] (BALZAN, 2015, p. 47-48)

Neste curto período de existência os alunos do Vocacional chegaram a realizar viagens de Estudo do Meio tanto locais – a cidade, a comunidade e cidades vizinhas



–, quanto a outros estados e até mesmo a outro país<sup>55</sup> de acordo com depoimentos. Nos depoimentos destacam que nenhum aluno ficava fora das viagens por não terem condições de arcar com as despesas das viagens: havia um fundo que se destinava à ajuda de alunos carentes, para a compra de material escolar, uniformes, estudos do meio e viagens, por exemplo.

Esse modelo propicia a essa escola pública oferecer condições para que todos os alunos, independente da classe social a que pertençam, usufrua das variadas vivências escolares propostas. Nos contam nossos depoentes que os alunos com menor poder aquisitivo iam às viagens, recebiam todo o material escolar e uniformes. As despesas ficavam a cargo desse fundo criado pela Sociedade de Pais e Amigos do Vocacional.

*A escola tinha um fundo que pagava o Estudo do Meio para todos que precisavam. Nunca ninguém ficou sem ir a nenhum Estudo [do Meio] por falta disso. E olha, chegou a ter Estudo até para o exterior. Fomos para a Bolívia, Santa Cruz de La Sierra. Eles foram de trem. Aquele trem da morte, que passava em Corumbá e ia até Santa Cruz de La Sierra. Era no último ano e então eles estudavam o nosso continente e o mundo. Foi a única turma foi para fora do país. A primeira turma foi para o Rio de Janeiro, nunca me esqueço disso. (Ângelo Pompeo)*

O estudo do meio, hoje em voga em vários colégios particulares, estava presente em todas as séries. Num dos anos, alunos da unidade de Americana ficaram durante quase um mês vivendo em alojamentos nas cidades históricas de Minas Gerais. Outros, de São Paulo, foram conhecer a cultura cafeeira da região de Batatais, onde se hospedaram em casas das famílias dos alunos do Vocacional da cidade. (BARROS, 2011)

Esta prática implicava um poder de crítica que, segundo alguns, também causava um ciúme muito grande por parte dos demais professores e diretores das escolas regulares. Havia críticas quanto aos gastos da escola, considerados exagerados, críticas aos professores que não davam aulas tanto quanto os professores na rede comum e que ficavam uma boa parte do tempo viajando...

A coisa que mais escandalizava na época é que os nossos alunos não tinham aulas regulares, havia uma crítica – principalmente nas cidades do interior – que os alunos viviam na rua, viviam observando coisas, desenhando na praça, fazendo entrevistas e que não se levava o estudo a sério. E ficava difícil explicar para toda essa comunidade viciada numa imagem errônea de educação, de que o que se estava fazendo era

---

<sup>55</sup> Não foram encontrados registros, documentos de estudos do meio fora do país, mas ouvimos ao longo da pesquisa relatos em conversas, como também em outras fontes, como a citada acima, do ex-aluno Aureliano Biancarelli (2002) num artigo de jornal. No documentário de Toni Venturi: “Vocacional – uma aventura humana” o Prof. Nelson Sanchez, ex-supervisor de Educação Física no SEV e esposo da Profa. Lucília Sanchez Bechara, depoente neste estudo, relata uma experiência de estudo do meio realizada na Bolívia com os alunos do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha.

educação, até de forma mais profunda, de forma mais engajada. (MASCCELLANI, 1988, *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 296)

## **Trabalho em equipe e as instituições didático-pedagógicas no Ensino Vocacional**

*O trabalho em grupo era a técnica central de todo o sistema de Ensino Vocacional. (Antonio Pedro Zago)*

Durante as atividades de treinamento os candidatos eram exaustivamente avaliados em situações formais e informais, considerando não apenas o domínio dos novos conhecimentos (Psicologia do Adolescente, Sociologia, Metodologia, Relações Humanas na Escola, Pesquisa Educacional, Técnicas de Planejamento Didático e pedagógico, Técnicas de Construção do Currículo e Sociometria), mas principalmente a capacidade de trabalhar em grupo. (MARQUES, 1985, p.60)

A prática do trabalho em equipe tem um papel relevante no Ensino Vocacional. Era usada tanto por alunos quanto por professores para alcançar e atender as etapas e fases das atividades escolares de planejamento, execução e avaliação.

O trabalho em grupo, no sistema de Ensino Vocacional, assume uma posição bastante significativa e, à medida que envolve entre si professores e alunos, professores entre si e pais, faz da escola, realmente um grupo social vivo e atuante, consciente de sua função social numa sociedade em mudança. (SEV, 1969, p. 18)

*O Vocacional entendia a escola como espaço de socialização. Acredito ter sido uma das primeiras escolas que entendeu essa função da escola, além de ensinar a ler, escrever, contar e desenvolver as competências acadêmicas. Avaliávamos as dificuldades, a interação entre eles, a colaboração de cada um no grupo. Chegamos a perguntar para o grupo: “quem vocês querem que coordene esse grupo?” Propúnhamos que os alunos escolhessem ou elegessem o coordenador. Os trabalhos coletivos exigiam organização de tarefas e liderança. A competência de cada um era exercida à sua maneira. (Lucilia Bechara)*

O trabalho em equipe desenvolvido com os alunos envolvia as técnicas de Sociometria de Jacob Levy Moreno<sup>56</sup>. Todas as equipes eram formadas com base

---

<sup>56</sup> A Sociometria é uma ferramenta analítica para o estudo de interações entre grupos, ela explora, mapeia e mensura relações ou vínculos estabelecidos socialmente. Parte da ideia de que todos vivem em grupos desde que nascemos e de que nossos problemas provêm desse mundo. Foi desenvolvida por Jacob Levy Moreno, nascido na Romênia em 1899. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, cria a sociometria, a terapia em grupo e o psicodrama, que tiveram aplicações práticas e um importante reconhecimento, por exemplo, nas Forças Armadas britânicas, bem como na Cruz Vermelha que recebia treinamento para tornar mais humano seu atendimento. Em 1931 introduziu o termo Psicoterapia de Grupo e este ficou sendo considerado o início da Psicoterapia de Grupo científica, embora as fundamentações e experiências tenham se iniciado anteriormente. Moreno morreu em 14 de maio de 1974, aos 85 anos de idade. **Fonte:** Disponível em: <http://

nessa perspectiva sociométrica, pautada em estudos e observações anteriores e realizada pela orientadora educacional em conjunto com os professores. Interessante perceber que o trabalho em grupo não se restringia aos alunos, mas a toda equipe gestora, ao menos no que tange ao Vocacional de Batatais, segundo a orientadora educacional Lygia Tibiriçá:

*Naquela época a orientação educacional aplicava a sociometria de Levy Moreno para compor as equipes dos alunos, e isso tudo era discutido no Conselho Pedagógico, para ver como, quais as equipes que estavam funcionando e quais não estavam, qual classe estava melhor. O que fazer? Todas as coisas eram sempre discutidas na equipe, para juntos, buscar a solução. E com os alunos também a gente discutia o regulamento da escola. Como iam fazer? Como é que íamos preparar para o acampamento? Para ir ao estudo do meio, o que eles tinham e podiam fazer? O que nós tínhamos que fazer? Tudo era discutido... (Lygia Tibiriçá)*

Como relata a Sra. Cecília Guaraná, eles sentiam-se muito jovens e inexperientes. Ela se refere ao Professor Joel Martins como um mestre e, elas, em início de carreira e oriundas de São Paulo, assumiram o Vocacional de Batatais, uma cidade com características distintas. Sentiam-se com uma responsabilidade muito grande nas mãos: o trabalho em grupo as fortalecia e dava suporte a essa fragilidade inicial. Essa dinâmica adotada, aparentemente, fortaleceu laços além dos profissionais.

*O trabalho em grupo desenvolvido [com os alunos] no Vocacional era feito com embasamento, não era feito aleatoriamente: era discutida a formação e a permanência das equipes. (Lygia Tibiriçá)*

*Soubemos depois que existia o tal de sociograma. Existia um livro, editado SEV, da orientação educacional, da Maria da Glória Pimentel e Áurea Sigríst. Por um tempo o Daniel dava aulas sobre o tema. Em cada sala havia trinta pessoas. Inicialmente era feita uma espécie de escolha sobre a preferência de cada aluno, com quem gostaria de trabalhar em equipe. Cada aluno fazia sua primeira escolha ou opção. No meu caso, por exemplo, escolhi o Manuel que era meu amigo, segunda opção a Edna, terceira opção, o Marco, quarta opção, o João, quinta opção, e assim por diante... Creio que os orientadores educacionais levavam em conta pelo menos uma dessas opções das minhas escolhas e iam montando o resto de acordo com a técnica utilizada. Cada um fazia várias escolhas, mas apenas algumas seriam atendidas. Soubemos que havia pessoas que não eram escolhidas por ninguém, mas ninguém ficava sabendo; elas eram levadas para uma equipe mais aberta, mais flexível, porque tinham as crianças tímidas. Eles nos diziam que o ideal é que o aluno se abrisse, despontasse, colocasse "para fora" os seus talentos, pois cada pessoa tem um talento. Era preciso dar tempo, espaço e oportunidade para cada um desabrochar, este era um trabalho para o orientador educacional. (Luigy)*

Para a definição das equipes, inicialmente os alunos deveriam escolher os colegas com os quais gostariam de trabalhar. As preferências dos alunos eram, na medida do possível, atendidas. Com isso, havia alunos que não eram escolhidos por nenhum colega de turma e aqueles que todos queriam ter em sua equipe. Os resultados obtidos após aplicação da sociometria em sala de aula não eram divulgados aos alunos. A orientadora educacional buscava trabalhar e equalizar as situações e, assim, formar as equipes. Os integrantes de um grupo permaneceriam nele pelo período determinado, e dificilmente esses núcleos eram desmantelados. Os problemas que surgiam no decorrer do tempo eram trabalhados pela orientadora educacional.

Eduardo Amos e Luigy, nossos depoentes, ex-alunos do Vocacional, relatam as surpresas quanto às expectativas que muitas vezes marcavam a formação das equipes: nem sempre os resultados correspondiam às expectativas, já que nem sempre o aluno mais “popular” seria o aluno mais interessante para realizar as tarefas num ou outro grupo. Ao final das atividades e/ou bimestres, os alunos avaliavam o desempenho dos colegas e se auto-avaliavam. Esse trabalho possibilitava reflexões sobre as diferenças, potencialidades e fragilidades de cada um deles e do próprio Sistema de Ensino Vocacional.

A Sra. Lygia Tibiriçá, em seu depoimento, observa, neste sentido, que muitos alunos pediam a alteração da sua equipe de trabalho. Estas solicitações, em geral, eram discutidas no grupo de professores e orientadores, mas usualmente não eram atendidas, a não ser em casos especiais, quando julgavam necessária alguma intervenção. O exercício do trabalho em grupo permitia a convivência com as diferenças e o amadurecimento dos jovens aprendizes.

**Lygia:** *Montadas as equipes, depois a gente observava cada equipe e via se estava funcionando.*

**Cecília:** *Teria que ficar pelo menos durante dois meses. Era sagrado, se quisesse mudar, não podia.*

**Lygia:** *Normalmente escolhiam aqueles que eles mais gostavam e, às vezes, se arrependiam. Isso era comum acontecer, e daí a gente mostrava: “Não. Você escolheu. Porque você escolheu?” “Ah! Eu gosto de brincar com ele!” “Mas você escolheu para brincar ou para trabalhar?” A gente ia analisando e realizando esse trabalho, e eles percebiam, muitas vezes, que não tinham feito boas escolhas.*

**Cecília:** *A questão da escolha era importante.*

**Lygia:** *Eles queriam que mudasse e a gente não deixava: “Agora como é que nós vamos resolver isso? O que que vocês podem fazer? Por que ele está brincando? Em quê ele está atrapalhando? O que vocês podem fazer?” Fazíamos um trabalho conjunto também. “O que você está fazendo, você está atrapalhando, por quê?” Tudo isso era analisado junto com eles,*

*porque tinha a seção de orientação de grupo. (Lygia Tibiriçá e Cecília Guaraná)*

Segundo os depoimentos, a equipe pedagógica estava constantemente em busca de meios para resolver os problemas referentes ao cotidiano escolar. Este movimento é inerente a qualquer instituição pedagógica, mas vale salientar que essa busca, no Vocacional, parece ter sido implementada em um trabalho coordenado e conjunto. Inferimos que, pela característica do sistema Vocacional ser, para todos os envolvidos, uma novidade, era necessário propor soluções a partir “de dentro”, já que dificilmente encontrariam experiências semelhantes ou manuais prontos, disponíveis, que os conduzissem e/ou direcionassem as ações.

*Em Americana, minha mãe conta o caso de uma aluna que era super pobre, super feia e tudo mais, e roubou uma camiseta da aluna bonitinha, linda e tal, e no dia seguinte foi usando a camiseta, o agasalho da menina, naquela inocência completa, para parecer com a outra. Aí eles foram lá conversaram com a menina, fizeram todo um trabalho para integrá-la, conversaram com a classe, quer dizer, a coisa era sempre tratada no coletivo, a inserção dela nas equipes de trabalho, que já era feita por meio de sociograma, então... era todo um trabalho coletivo, a coisa não era só resolvida individualmente. (Daniel Chiozzini)*

Cuidar de problemas disciplinares, planejar, executar e avaliar estudos teóricos, propostas de integração de áreas, preparação de aulas – estudos dirigidos, supervisionados e livres – projetos, acampamentos, atividades cívicas e sociais, Estudos do Meio, em geral, eram funções desenvolvidas em grupo pelos professores que objetivavam preparar o aprendiz para realizá-las e praticá-las quando adultos, em suas vidas em comunidade, em sociedade. Vemos relatos da intenção do Vocacional em ser um microcosmo da sociedade ao buscar propiciar aos estudantes a prática de ações bem como experienciá-las em diversos contextos.

Como percebemos, trabalhar em grupo, estar em grupos diariamente era uma técnica e uma prática essenciais ao Ensino Vocacional. Desde o SEV até as unidades dos Ginásios Vocacionais, o trabalho em equipe era constantemente valorizado nas mais variadas situações. Atividades conjuntas como o Coral, projetos comunitários, festas e desfiles contavam com a participação de todos e sempre eram desenvolvidas em equipes, nas quais cada um desempenhava uma função pré-determinada.

[...] uma situação de grupo, seja ela uma equipe de estudo, a Cantina, o Banco Escolar, uma sessão de planejamento ou uma assembléia de síntese da Unidade Pedagógica deve sempre favorecer a aprendizagem, oferecer

condições para a formação e desenvolvimento do pensamento operatório<sup>57</sup>, oferecer condições para a formação de atitude de cooperação – capacidade de pensar e agir em grupo; propiciar treino de vida social e percepção de si mesmo e dos outros; propiciar treino de opção e condições de auto-afirmação; propiciar, finalmente, treino de independência, iniciativa e responsabilidade. (SEV,1969, p.17-18)

Os trabalhos em grupos eram também desenvolvidos junto às instituições pedagógicas criadas para tal fim, como a Cantina, o Banco Escolar ou o Escritório Contábil, todas funcionando sob a responsabilidade dos alunos, supervisionados por um professor.

*Num bimestre ou semestre, essa turma que havia ajudado na organização, passava para outros turnos, pois já havia completado seu turno ali e passado pelo rodízio. Então uma hora você servia outra hora você era servido. Tinha filho de rico, de pobre. Todo mundo tinha que entrar nessa. Outras maneiras de aprendizado que fazia parte do currículo: tinham as equipes que atuavam servindo na Cantina na hora do intervalo do almoço e do lanche da tarde, fazia parte da área de Práticas Comerciais: vendiam doces, atendiam, faziam o troco etc. O mesmo acontecia com outras equipes que davam plantões nesses intervalos no Banco do Vocacional ou na Cooperativa que cuidava dos uniformes. (Luigy)*

José Ângelo Pompeo, professor de Práticas Comerciais, nos conta dos trabalhos desenvolvidos com seus alunos na Cantina Escolar. Os estudantes também iam às tecelagens de Americana para comprar o tecido com o qual os uniformes seriam confeccionados. Os alunos calculavam a quantidade de tecido a ser comprada, iam às fábricas, negociavam preços e estabeleciam o valor para vendê-lo na escola. Todas as transações comerciais eram registradas e calculadas e então repassadas ao Escritório Contábil. Outra particularidade muito ressaltada pelos participantes foi a de cada aluno ter uma conta bancária no Banco Escolar, inclusive com talões de cheques para a movimentação financeira. Os alunos cuidavam destas instituições respeitando, nesses processos, as diferentes faixas etárias. As responsabilidades iam progressivamente se ampliando com o passar dos anos no Ensino Vocacional, passando da Cantina à Cooperativa, depois ao Banco Escolar e, finalmente, ao Escritório de Contabilidade.

Pode-se também destacar, no documento do SEV produzido em 1969, a presença de uma linha evolutiva que parece permear o Ensino Vocacional no que se refere ao processo de desenvolvimento educativo. Evoluir significaria passar por um processo gradual de transformação, “progredir”, termo que encontra ressonância nos

---

<sup>57</sup> Expressões específicas como “pensamento operatório”, por exemplo, podem ser indícios da mobilização, nessa fase, da teoria de Piaget.

ideais da época, vinculados à modernidade e alinhados ao conceito de desenvolvimento.

As situações propostas aos estudantes seguiam uma linha evolutiva de complexidade. Daí, as técnicas de trabalho em grupo iniciavam-se com o Estudo Dirigido<sup>58</sup>, depois evoluíam para o Estudo Supervisionado e seguiam para o Estudo Livre ao longo das quatro séries ginasiais. Incentivava-se a autonomia dos alunos, nos estudos, de forma gradual e crescente. As atividades eram planejadas dependendo das necessidades observadas nos grupos e à luz dos objetivos pretendidos.

Sendo a maioria dos objetivos do Ensino Vocacional de natureza social, através da passagem pelas diferentes séries, deverá aprofundar sua participação social nessas instituições, numa amplitude sempre crescente até a 4ª. série. A cantina, banco escolar, cooperativa, escritório contábil, instituições didático-pedagógicas, ficam sob a responsabilidade dos alunos a quem cabe organizá-las. (SEV, 1969, p.19)

Nas unidades vocacionais implantou-se o Governo Estudantil, entendido como um instrumento de aprendizagem com atuação e participação efetiva do aluno e proximidade com as questões políticas do momento.

Renata Rangel, ex-aluna e nossa depoente, conta que no Ginásio Vocacional de Americana elegia-se o governador e toda a sua equipe gestora por um determinado mandato, realizando eleições das quais participavam todos os alunos. Eleitos, os representantes iniciavam o trabalho: reuniam-se, tomavam decisões, ouviam os colegas, reivindicavam mudanças na escola. O Governo Estudantil atuava de forma similar ao que conhecemos como Grêmio Estudantil das escolas. Rio Claro não implantou essa experiência.

## **Projetos**

Nos depoimentos são variadas as situações nos quais nossos colaboradores se recordam engajados em projetos, sejam os de natureza comunitária ou não. A prática de Projetos permeava a prática em todas as unidades vocacionais. De acordo com as diretrizes do Serviço de Ensino Vocacional:

---

<sup>58</sup> O Estudo Dirigido, Supervisionado e Livre é discutido com maiores detalhes no texto deste trabalho intitulado: "A matemática no Ensino Vocacional".

Para a participação social consciente, e de forma sempre evolutiva<sup>59</sup>, os alunos do Ginásio Vocacional, baseando-se em pesquisa de comunidade, desenvolvem uma ação, cujo principal objetivo é levá-los a assumir uma posição de cidadão consciente dos problemas e atuante na busca de soluções do mesmo. Isto se faz por meio da Ação Comunitária. (SEV, 1969, p.19)

Também os projetos, como técnica, são atividades realizadas por grupos espontâneos, à base de interesses comuns e, segundo a natureza dos mesmos, podem congrega adolescentes de diversas séries ou diversas turmas da mesma série. (SEV, 1969, p.19)

**Figura 10.** Recorte do documento já mencionado do Serviço de Ensino Vocacional não datado e não assinado

Desnecessário se torna dizer do efeito socializador do trabalho de equipe enquanto capacita o aluno para a comunicação e participação em níveis cada vez mais complexos e em esferas cada vez mais amplas. Assim, poderemos considerar os Projetos de Ação Comunitária a que nos referimos no Conjunto Curso Primário, como uma expansão mais ampla da participação gradativa do aluno em

- trabalho de equipe
- assembléia de classe
- assembléia de série.

Com efeito, nesses Projetos em que se encontram alunos das quatro séries ginásiais, formando um grupo complexo integrando um sistema todo denominado "Governo Estudantil" tinham os adolescentes, numa ação comunitária em prol do Ginásio, do bairro ou da cidade, a oportunidade de vivenciarem as situações mais ricas em contatos humanos e participação em grupo.

Fonte: CEDIC.

Surgem Projetos com características diferentes, idealizados de acordo com cada unidade, pela equipe gestora ou professores, que propiciavam a integração de áreas e de turmas. Aconteciam durante o período regular das aulas e também nos finais de semana.

*Eduardo: Nós tínhamos várias atividades em que os alunos eram colocados em contato com a comunidade. Por exemplo, tínhamos os projetos, (uma das atividades chamava-se Projetos). Às quartas-feiras à tarde. A partir deste horário os alunos se dividiam não pela sua classe de origem, mas pelo projeto. O professor de Português tinha um projeto, o professor de História tinha outro. No início do ano os professores apresentavam seus projetos e os alunos se inscreviam independente da sua*

<sup>59</sup> A questão do processo evolutivo, da qual já tratamos, encontra aqui mais um exemplo. Pensa-se o indivíduo, a pessoa, num processo de constante evolução, próprio dos discursos vigentes à época.



*série, do seu ano, da sua classe. Eu podia estar num projeto que tinha aluno de outras séries, mais velhos e mais novos. (Eduardo Amos)*

*Com o correr do tempo a gente ia “inventando moda” nova. Uma delas foi o Projeto Livre Escolha. Um sábado por mês, nem me lembro de que ano, mas foi em Americana, trabalhamos com esse projeto uns dois anos. Então, o que acontecia nesses sábados? Cada professor ou cada grupo se juntava e oferecia tais e tais projetos, às vezes de um professor ou de um grupo. Eram projetos no qual os alunos de todas as séries, da escola inteira, poderiam se inscrever e participar. Por isso eram projetos de Livre Escolha. E aconteciam uma vez por mês, alguns ligados à matemática...*

**Eliza:** *A senhora lembra algum?*

**Cecília:** *Lembro-me de um que eu propus: Cinema. Eu trabalhei na comissão de cinema, tinha feito um curso de cinema. Então, abri um curso de Cinema, alguns alunos se inscreveram, inclusive o presidente do Governo Estudantil, Gilberto Caron. Ele se inscreveu neste projeto e hoje trabalha com cinema.*

Ao lado de projetos como o citado por Cecília Guaraná, surgem outros exemplos como o Projeto de Pintura na Praça envolvendo a comunidade na cidade de Rio Claro, como se recorda Eduardo Amos.

**Eliza:** *E estes projetos envolviam a comunidade?*

**Eduardo:** *Então, um dos projetos de que participei foi o projeto que tinha a professora de Artes Plásticas como orientadora e a gente levava material de artes para a praça pública no domingo de manhã, para crianças bem pequenininhas, de 4, 5 anos, pintar. Uma atividade lúdica de artes na praça principal da cidade. Levávamos tinta, pincéis, papel, colocava no chão e as crianças iam chegando, iam pintando, levavam para casa, eu passava a manhã com essas crianças ali. Daí, claro, perguntavam: “Domingo que vem vai ter?” “Não, mas no mês que vem vai ter.” Então todo mês tinha aquele dia em que a gente fazia esta atividade. (Eduardo Amos)*

Experiências como essas também são descritas em referências como a de Chiozzini (2010) e Marques (1985).

O trabalho dos alunos na comunidade, à medida que o curso avançava da terceira para a quarta-série, havia uma proposta para que eles comessem a se contagiar com a pedagogia que eles vivenciavam. Por exemplo, as crianças dos grupos escolares. Então havia feira do livro, geralmente nas praças públicas, nas cidades do interior, havia espetáculos de teatro, havia coral, havia experiências de artes plásticas com crianças dos grupos escolares, programas recreativos de Educação Física. (MASCELLANI, 1988, *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 297)

A responsabilidade da escola na comunidade é muito grande, pois ela deve ser o centro estimulador das mudanças que promovem a pessoa humana e, conseqüentemente, elevem o seu nível de vida. Para isso precisa estar realmente inserida na comunidade, em constante comunicação com as pessoas e com outras instituições. Precisa formar jovens capazes de desenvolver esta linha de ação – a de promover o bem comum – não agindo pelos outros, mas dando-lhes condições de se elevarem pela própria ação. (MARQUES, 1985, p. 74)

### **O envolvimento e a participação dos pais no Vocacional:** encontro de diferentes

A participação dos pais no Ensino Vocacional era tão preponderante que se institucionalizou. A “Sociedade de Pais e Amigos dos Ginásios Vocacionais” foi uma entidade civil com personalidade jurídica própria e estatuto registrado em cartório. Seus associados pagavam mensalidade, organizavam campanhas, estabeleciam contatos com a comunidade; angariavam fundos; promoviam a convivência entre pessoas de classes sociais e níveis culturais distintos.

A gente fazia uma discussão em pequenos grupos sobre determinado assunto e depois fazia uma assembleia para que as questões e conclusões fossem colocadas. Aí a gente forçava a barra para que a coordenação de um grupo não ficasse sempre com um pai com escolarização mais avançada. Então a gente chegou a dar até para certos pais um treinamento de dinâmica de grupo, tratando de questões como: o que é grupo? Como coordenar? Como dar a palavra? Como tirar a palavra? Como suscitar problemas? Como sintetizar? (MARQUES, 1985, p. 92)

Vale lembrar que este movimento, num contexto ditatorial, significava repudiar o autoritarismo ao estabelecer elos com a organização popular.

Outro encargo constante da Sociedade de Amigos do Ginásio Vocacional de Rio Claro foi o de custear os estudos do meio, que eram parte fundamental da aprendizagem ativa e global desenvolvida pelo ensino vocacional. A Sociedade mantinha-se através de taxas, pedidos de colaboração a várias entidades, inclusive à Secretaria da Educação, e promoções voltadas para angariar fundos, como festas juninas e quermesses. [Eduardo Amos, em seu depoimento, como vimos, fala da participação da mãe nestes eventos]. Para que todos os alunos participassem do estudo do meio e para evitar o constrangimento das famílias de menor renda, a Sociedade doava uma parte dos custos e financiava outra, a ser posteriormente devolvida. Esta medida era tomada dentro do maior sigilo possível, sem chegar ao conhecimento dos alunos. (MARQUES, 1985, p.99)

Os eventos e atividades promoviam a aproximação e o estreitamento das relações entre os pais dos alunos do Vocacional, sedimentados na participação em confraternizações, corais e outras atividades integradoras: promoviam, por exemplo, reuniões de “pais veteranos” para “pais calouros”, nas quais se explicava o que era e como se organizava o Ginásio Vocacional.

A integração entre os pais das várias unidades vocacionais – escola/família/comunidade – era parte integrante do propósito do Ensino Vocacional.

*[...] nós fazíamos a campanha da cadeira todo ano, as famílias doavam cadeiras. Havia a participação da família o tempo inteiro. A quermesse do Vocacional, para levantar fundos para estudo do meio tinha a participação*

*total das mães. Minha mãe, nos quatro anos em que estudei no Vocacional ia para a quermesse fritar e vender mandioca. Havia um vínculo muito grande com a família. (Eduardo Amos)*

Os pais ajudavam a escola nas atividades escolares mais diversas com contribuições de cunho profissional, intelectual e com experiências de vida; dedicavam à escola parte de seu tempo, promovendo atividades ligadas à sua profissão e conhecimentos, destinando, por exemplo, um dia do mês ao ensino do conhecimento que possuíam ao vocacional. Um exemplo citado por vários autores é o trabalho realizado em dois meses pelo arquiteto Pedro Torrano, pai de aluno do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, que idealizou o projeto arquitetônico do Ginásio Vocacional de Rio Claro para ocupar um terreno de 30 mil metros quadrados, doado pela Prefeitura do município ao Estado. Este projeto atenderia às necessidades advindas da proposta pedagógica do Ensino Vocacional, inclusive de sua expansão ao segundo ciclo, e se concretiza, em 1967, nas novas instalações do então Ginásio Vocacional “Raul Chanceler Fernandes”. Infelizmente, poucos puderam usufruir das novas e apropriadas instalações deste Ginásio, que foi utilizada apenas de 1967 a 1969. Hoje, em 2016, após visita ao local e a partir de relatos de pessoas que trabalham na instituição que ocupa aquele prédio, sabemos que essa é a segunda maior escola da América Latina e que apenas 1/3 destas instalações é utilizada, estando os 2/3 restantes fechado e abandonado.

Além do apoio político, ajuda material e financeira aos Ginásios, a Associação dos Pais e Amigos do Vocacional contribuía com a dimensão pedagógica, participando inclusive do planejamento curricular.

Os pais eram convidados a participar de atividades didáticas desenvolvidas no cotidiano escolar como Aulas Síntese, Aulas Plataforma<sup>60</sup>, acompanhavam os processos de avaliação discutindo com o orientador educacional sobre as possíveis aptidões profissionais de seus filhos.

*O Conselho era formado pelo orientador pedagógico, orientador educacional e os pais participavam, não na reunião, mas eram chamados para, junto com o aluno e o orientador educacional, conhecer a avaliação do aluno, saber onde que ele estava fraco, onde ele se destacava.*

**Eliza:** Todos os pais?

---

<sup>60</sup> Aulas Síntese e Aulas Plataforma eram aulas que aconteciam, em geral, no pátio da escola, aconteciam no início ou final de períodos do ano letivo. Os alunos, nestas aulas, escolhiam os temas a serem estudados, ou expunham os resultados de suas pesquisas de comunidade, Estudos do Meio para alunos de outras séries, bem como para pais e professores.

***Esméria:** Tudo isso era feito com todos os pais. Então o aluno ficava sabendo... O pai ficava sabendo onde ele era forte, onde ele era fraco, onde ele era mais ou menos, se ele tivesse que ser reprovado, por que ele ia ser reprovado ou aprovado. (Esméria Rovai)*

*E ela [a orientadora educacional] falava com os pais: “Olha as observações sobre seu filho mostram que ele não tem muita habilidade para Medicina ou Ciências Exatas, ele é muito mais prático, ele é muito bom, ele daria muito mais para enfermeiro” (risos) Baixar de nível? Então ela trabalhava no sentido de “quebrar” os pais. (Luigy)*

Esse acompanhamento e alinhamento entre escola e família fazia com que escola e estudantes partilhassem objetivos comuns, gerando confiança e apoio mútuo em outras situações além das acadêmicas. Possibilitava aberturas em relação às escolhas pessoais e profissionais dos alunos.

Em São Paulo, pais de alunos do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha chegaram a fazer o Curso de Matemática Moderna<sup>61</sup>. Este curso, além da aprendizagem dos conceitos matemáticos e consequente atualização dos pais, objetivou levar os pais a compreender e entender a matemática que estava sendo ensinada aos seus filhos no Vocacional: na época, a inserção da Matemática Moderna era uma novidade para todos. Segundo relatório de Lucília Bechara, os pais estranharam as novas propostas relativas ao ensino de matemática, baseadas no contexto recente da Matemática Moderna. Para buscar resolver este estranhamento, os pais de alunos do Vocacional paulistano foram convidados a participar do Curso “Matemática Moderna para Pais”, cuja programação consta no capítulo seguinte deste trabalho. Estes momentos propiciavam o envolvimento dos pais no desenvolvimento educacional dos filhos, além de aproximá-los da realidade escolar.

E, ainda mais, propiciavam a inserção e comunicação numa via comum destinada à compreensão do mundo e das coisas. Criava-se um discurso mais assertivo do contexto no qual a família e a comunidade se inseriam. Tanto os problemas levantados nas Aulas Síntese, após os Estudos do Meio, quanto os problemas estudados nas aulas de Matemática ou de Artes, transpunham os muros da escola como também os ideais político educacionais.

---

<sup>61</sup> Este episódio voltará a ser lembrado com maiores detalhes na narrativa que aborda a Matemática no Ensino Vocacional.

### **Apoio técnico e pedagógico ao aluno e professor: aparelhos de suporte**

O aparelho gestor do Serviço de Ensino Vocacional, segundo dados do GVive, contava, geralmente, com as figuras da coordenadora geral, da assessoria de coordenação, do supervisor geral, dos supervisores de áreas, do supervisor de recursos audiovisuais, da coordenadora de pesquisas sociológicas – ao qual se juntavam dois pesquisadores –, supervisor da biblioteca, coordenador de projetos de prédios escolares, coordenador de treinamento para o Magistério, pesquisador pedagógico, assistentes sociais e psicólogos, Departamento de Contabilidade, Setor Administrativo e Relações Públicas.

Nas unidades e ao longo dos anos, percebemos variações na estrutura e nos cargos existentes. Os cargos eram criados de acordo com o currículo e os projetos desenvolvidos em cada escola. Em geral, contavam com um diretor, orientador pedagógico, orientador educacional, coordenador de Recursos Audiovisuais, professores, secretários e serventes. Ocorrem variações, por exemplo, em funções como as de supervisora de refeitório, dietista, orientadora religiosa e supervisores de disciplinas práticas.

O Ensino Vocacional cria o cargo do Supervisor de Área que coordenaria, supervisionaria e seria responsável por tudo que se relacionasse às questões específicas das áreas, inclusive pela preparação e elaboração de cursos aos professores (público interno) e a normalistas, universitários, pais etc. (público externo).

Lucilia Bechara foi professora e depois a supervisora da área de Matemática. As funções e, conseqüentemente, o conceito de Supervisor de Área<sup>62</sup>, também sofrem evoluções no decorrer do tempo nos Vocacionais. Ao Supervisor da Área de Matemática foram delegadas as seguintes funções:

Hoje o supervisor de matemática tem possibilidade para:

1. Definir a posição da área dentro do objetivo dos Ginásios Vocacionais.

---

<sup>62</sup> Em 1966, Lucilia Bechara se desliga da sala de aula no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha para se dedicar aos problemas e especificidades da área de Matemática no SEV. A função de Supervisor de Área, em 1963, era constatar e orientar as atividades dos professores; em 1964 e 1965 percebe-se a necessidade de propiciar aos professores atividades para o seu desenvolvimento como especialista e educador. Para satisfazer estas necessidades foram programados seminários e encontros de área. Em 1966, o supervisor vai se desligar das atividades docentes para se dedicar aos problemas e as realizações da Área nos Ginásios Vocacionais. (CEDIC-SEV, [1970], p. 43) A função foi criada, segundo informações fornecidas pelo Prof. Newton Balzan, na medida em que o número de professores foi aumentando. No início do Vocacional não havia esta ideia no Planejamento Geral. Havia supervisores de Estudos Sociais, Matemática, Português, Inglês (durante apenas um ano), Práticas Comerciais, Artes Industriais, Educação Musical, Educação Física e Artes Plásticas.

2. Sistematizar as técnicas adequando-as à natureza e aos objetivos da área.
  3. Promover atividades que propiciem o desenvolvimento do professor como especialista e como educador.
  4. Estabelecer contactos com entidades afins, com condições de colaborar ou receber colaboração dos Ginásios Vocacionais.
  5. Constatar e orientar as atividades realizadas nas unidades.
  6. Avaliar até que ponto as realizações da área satisfazem aos objetivos propostos e a eficiência esperada.
  7. Constatar os problemas da área e buscar soluções para eles.
  8. Configurar para a Coordenadoria a realização da área e seus problemas, e com ela programar planos, para o bom funcionamento da área.
- (CEDIC-SEV, [1970], p. 44)

Havia um diferenciado aparato gestor que possibilitava a divisão e a especialização do trabalho educacional e técnico dos Ginásios e no SEV.

O projeto vocacional, por seu aparelho gestor e por exigir atuação em período integral de alunos e professores, algo muito diferente do que ocorria nas escolas da época, suscitava críticas: era considerado dispendioso, uma experiência cara aos cofres públicos do estado. As críticas (e boatos) não paravam por aí: alguns julgavam que os professores do Ginásio Vocacional tinham regalias em relação aos demais professores da rede pública de ensino regular: davam aulas para salas com 15 alunos – já que muitas vezes a sala era dividida em duas turmas, como nos relata o professor Antonio Pedro Zago; tinham melhores salários e as escolas recebiam verbas polpudas, já que estavam constantemente envolvidos em viagens nos Estudos do Meio; tinham reuniões pedagógicas de planejamento semanais; realizavam estudos aos sábados; faziam variados cursos em São Paulo, nas suas respectivas áreas de atuação, em janeiro e julho etc. No entanto, segundo o professor Antonio Pedro Zago, o Ensino Vocacional angariava fundos através da Associação de Pais e Amigos do Vocacional que também recebia doações da Igreja e outras entidades.

### **Tecnologias no Vocacional, Recursos Audiovisuais e materiais de apoio**

Nos registros a que tivemos acesso e, principalmente, nos sites sobre o Ginásios Vocacionais, encontramos fotos e filmes das escolas e alunos. Aparecem e são organizados no filme a que já nos reportamos algumas vezes nesta pesquisa: “Vocacional: uma aventura humana”, de Toni Venturi. Vemos professores e alunos utilizando máquinas fotográficas nos Estudos do Meio, acampamentos, comemorações cívicas, Conselhos, enfim, nas mais diversas atividades. Havia uma

preocupação com os registros: filmavam, escreviam, fotografavam, gravavam... Os testemunhos materiais que restaram permitem e possibilitam recordar e criar. Como afirma Eclea Bosi: consigo me lembrar de momentos vividos nas ruas pelas quais passei ao percorrê-las e, se junto com outros, recordo-me ainda mais. Os lugares, as imagens, objetos e pessoas permitem recriar e perpetuar a memória.

De uma vibração em uníssono com as ideias de um meio passamos a ter, por elaboração nossa, certos valores que derivaram naturalmente de uma práxis coletiva. (BOSI, 1994, p. 407)

As tecnologias se fizeram presentes no Vocacional e aparecem na memória de nossos depoentes como um de seus destaques, principalmente à época.

*Em matéria de recursos audiovisuais, só pelo fato de o Vocacional ter pensado na sua estrutura física e pedagógica e organizacional ter um setor de recursos audiovisuais - o setor de RAV - como a gente chamava, ele foi inovador. O Vocacional surge numa época que estava acontecendo o "boom" das tecnologias. Então o cinema, o filme didático, aparecia como um recurso importante. Não só o professor, não só o livro, não só o estudo do meio, porque o estudo do meio era uma fonte de conhecimento. O recurso audiovisual aparece com essa possibilidade de o aluno ter acesso a outras fontes de conhecimento. Uma outra dinâmica na sala de aula que ajudasse a operação cognitiva, a operação mental, a estimular o raciocínio, a observação. (Esméria Rovai)*

Fontes orais e escritas nos dizem da relevância da área dos Recursos Audiovisuais e das formas pelas quais este recurso era viabilizado e circulava na escola, principalmente durante as aulas. Percebemos características que se distanciam dos modelos segundo quais alguns desses recursos são utilizados hoje.

*Nós tínhamos o RAV - Recursos Audiovisuais, e a Esméria trabalhava também nisso. E o professor conversava e o Recurso Audiovisual pesquisava quais filmes tratam desse assunto, fazia o levantamento de revistas, iam aos consulados... (Cecília Guaraná)*

*[...] trabalhávamos no dia a dia, nas reuniões de classe, nas reuniões de série, nas reuniões com o coordenador pedagógico. O especialista em recursos audiovisuais estava sempre presente nessas reuniões. /.../ Eu não era um técnico que ficava lá na sua salinha, preparando material. Não, nós tínhamos que entender o que preparar para o professor para aquela aula. (Esméria Rovai)*

A supervisora da área de Recursos Audiovisuais, Esméria Rovai, nossa depoente, fixava-se no SEV, em São Paulo. Ela nos falou em detalhes como se constituiu o RAV e quais funções desempenhou nesse setor dos Ginásios Vocacionais.

*O RAV com a Esméria Rovai, ela também participava. Ela até me auxiliou uma vez que eu precisava de um recurso visual de retas paralelas com transversais. Ela fez, construiu com madeira, ficou muito bacana, muito. (Antonio Pedro Zago)*

Usavam-se filmes, preparados para as aulas específicas e temas trabalhados nos Estudos do Meio. Disparavam-se ações cotidianas, como ligar e ouvir o radinho de pilha nas aulas para se inteirar dos acontecimentos em sua cidade ou no mundo e então relacioná-las às suas aulas, e assistiam-se filmes pesquisados e preparados a partir dos temas das Unidades Pedagógicas.

*[...] não só de pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo que era o estudo do meio, a pesquisa através de outras fontes de consulta, como o cinema, por exemplo. A música, as fotos. O Alcimar conta que quando eles eram alunos eles assistiam àquele filme “E o vento levou”, porque ele era um aluno de Americana, e a origem de Americana vem dos americanos que vieram se fixar aqui no Brasil. Então, esse filme “E o vento levou” conta um pouco da saga dos americanos, e era visto pelos alunos. Então os alunos viam a estética da época, o mobiliário da época, as vestimentas, os valores. Os meios de transporte, a geografia da região, de onde eles moravam e de onde eles vieram, que num primeiro momento se fixaram no Nordeste, aí viram que era muito quente e começaram a descer e pararam na região de Americana, Santa Bárbara D’oeste, e aí eles estudavam a geografia, todo o percurso que os americanos fizeram. Que eles saíram dos Estados Unidos vieram para o Brasil, Nordeste, não se acostumaram lá, por causa do clima e chegam a Americana. (Esméria Rovai)*

Quando tratamos das tecnologias no Vocacional abarcamos os materiais, muitas vezes modernos, que compunham a estrutura da escola. Os materiais acabavam por dar a “cara” do modelo da escola Vocacional. Acreditamos na importância dos modos de articular estes materiais, tanto quanto acreditamos na importância da existência deles, mesmo que se afirme que, no início, tudo era muito precário, principalmente no Vocacional de Rio Claro.

Possuíam diversificados materiais para as aulas, como também utilizavam materiais acessíveis e baratos. Instabilidade, mudanças e criatividade serão marcas características do Vocacional.

*Nos dois primeiros anos, no Oswaldo Aranha, o pessoal dava aula ainda com o prédio em construção. Eu lembro até que entrevistei o professor de Educação Musical, ele contava que nos dois primeiros anos ele dava aula de música com o material da construção: pau, garrafa, latinha, lata. Ele fazia o pessoal explorar esses materiais para produzir sons. O Vocacional foi uma experiência que estimulou muito a criatividade. (Esméria Rovai)*

Estimular a criatividade e a elaboração de projetos propiciou, por exemplo, a proposta de uma rádio interna e a criação de um jornal em Americana.



*Tinha a rádio e eles tocavam umas músicas, apresentavam, por exemplo, os aniversariantes da semana de toda a escola. A rádio tocava na hora do intervalo. Era uma rádio interna da escola. Davam as notícias. A gente fazia os murais com todos os acontecimentos da semana e dos acontecimentos futuros. Tínhamos um jornal impresso. (Renata Rangel)*

*Os espaços físicos também eram pensados em função da proposta pedagógica. O GV Oswaldo Aranha, por exemplo, tinha salas grandes para artes plásticas e industriais, espaço adequado para práticas comerciais e educação física. Tínhamos também salas ambientes de Matemática com sólidos geométricos, figuras planas assim como objetos e exposição de trabalho de alunos e outros. (Lucilia Bechara)*

São Paulo, Americana e Batatais, como vemos, contavam com estruturas diferenciadas já de início. Mesmo antes das reformas as salas eram adaptadas e contavam com materiais específicos para as aulas de Educação Física, Educação Musical, Educação Doméstica, Artes Plásticas, Artes Industriais. Havia tornos e outros instrumentos para o desenvolvimento e criação de objetos e materiais dos mais diversificados.

*As salas de aula eram adaptadas. Eu tinha a minha sala de aula e minha sala de datilografia. Tinham vinte e poucas máquinas de datilografia. Uma turma tinha aula e a outra turma datilografava. (Ângelo Pompeo)*

*Tinha o vestiário feminino e o masculino no pátio, no ginásio de esportes. Outra coisa: dois horários para o almoço, enquanto uma turma ia almoçar (não me lembro bem como era) uma outra era designada para atuar na formação da fila e arrumação das mesas. (Luigy)*

*Educação Física tinha o vestiário onde você se trocava. Tínhamos o uniforme de educação física. Não é como hoje que faz do jeito que vem para a escola. Tinha o shorts, a saia, a camiseta, a meia e o tênis. Sem o uniforme completo você não entrava na quadra, tinha que estar em ordem. Tínhamos uma sacolinha onde a gente levava o material de Educação Física. No dia da aula entrava no vestiário e se trocava, depois voltava. Tomava uma chuvairada quem quisesse e se trocava. Daí ia para a sala de aula normal. Nas Artes Plásticas nós tínhamos toda a parte de pintura, desenho, xilografias, todas as técnicas a gente aprendia. Na parte de Ciências, tinha o laboratório onde a fazíamos as experiências. Até dessecar sapo. Nós tínhamos um tamanduá na escola. A gente tratava do tamanduá. Ele abraçava todo mundo, todo mundo corria quando ele escapava, era muito gostoso. A gente tinha toda essa vivência e cuidava de cada coisa, de cada detalhe. Nós éramos uma família. (Renata Rangel)*

*“Como utilizar a matemática?” Uma equipe media a quadra de futebol de salão. A gente pegava a trena e ia medir. (Luigy)*

*As salas, por exemplo, de Estudos Sociais, tinham os mapas em todas as paredes, os globos. Na Educação Musical tinha o cantinho com todos os instrumentos: flauta que era o que mais se desenvolvia. Práticas Agrícolas tinha o setor de ferramentas. Artes Industriais era uma oficina com bancadas, serras, torno de madeira. A sala de matemática era uma sala comum. (Ângelo Pompeo)*

Havia um espaço especial para a disciplina prática de Educação Doméstica: uma minicasa. Nesta disciplina aprendiam, tanto meninos quanto meninas, os afazeres domésticos, os primeiros cuidados com bebês, aulas básicas de corte e costura, regras de etiqueta, o preparo de refeições com alimentos colhidos na horta da escola e outros comprados pela responsável por este setor (podendo ser um nutricionista ou não). As refeições poderiam se tornar ocasiões mais formais nas quais aprenderiam a se comportar à mesa, de acordo com regras de etiqueta estudadas. Para estes momentos era comum convidarem um professor. Almoços eram preparados e servidos pelos alunos, nas minicisas.

*O Vocacional havia sido criado para cobrir um espaço do mercado de trabalho destinado ao Ensino Industrial. O Vocacional nasceu de uma abertura do Ensino Industrial. A Maria Nilde, muito esperta, acabou engendrando algumas coisas. Naquele tempo, o mercado de trabalho para mulheres praticamente não existia. Um dos objetivos da criação dos Ginásios Vocacionais era dar lugar para que meninas dos anos 50 pudessem sair do pequeno mundo relativo aos trabalhos manuais como bordar e cozinhar e entrar no mundo competitivo masculino. O Vocacional como sempre inovador, já pensava nessa abertura para que as meninas tivessem uma posição de igualdade a dos meninos.(Luigy)*

*Meninos e meninas. Meninos cozinhando, lavando, passando, cuidando da casa. Tudo, não tinha essa distinção. Eu acho que o Vocacional inovou nisso. A gente sabe que existiam escolas com classes de meninos e meninas separados. Mas lá, os gêneros eram integrados.(Antonio Pedro Zago)*

Alem dos Ginásios Vocacionais serem escolas mistas, novidade, por exemplo, para Luigy, trabalhava-se com a intenção de desmistificar e problematizar papéis sociais estabelecidos, por exemplo, relacionados a questão dos gêneros.

### **Sobre avaliação docente e discente**

A avaliação no Ensino Vocacional vai se distanciar de certas práticas naturalizadas no campo educacional, inclusive em relação aos dias atuais. Gestores, professores e alunos eram constantemente avaliados.

Os Ginásios contavam com um sistema diferenciado de avaliação. Nos Vocacionais, o aluno era avaliado e acompanhado ao longo de sua vida escolar pelo orientador educacional, que realizava um trabalho coordenado e em conjunto com os professores e frequente comunicação com os pais. Buscavam valorizar o aluno na sua individualidade concomitante à análise de sua posição, pertencimento e relações no grupo, pontos verificados ao desenvolver diversas atividades pautadas na proposta pedagógica. Os alunos passavam por variados momentos de avaliação:

pelos professores, pelos colegas, como também avaliavam-se a si próprios, na autoavaliação. Esse processo acontecia nas mais variadas atividades a que estavam sujeitos, e culminava com um diagnóstico amplo de cada aluno da escola. Passavam pela avaliação de cada professor em cada disciplina. Eram avaliados pelo orientador pedagógico e pelo Conselho de Classe.

Procurava-se, segundo os depoimentos, realizar uma avaliação global dos estudantes não objetivando apenas reprová-lo ou aprová-lo, mas percebê-lo em suas potencialidades e fragilidades no decorrer do processo de aprendizagem durante seus quatro anos de Ginásio.

*Eu acho que o que tinha de bom no Vocacional era isso: eles iam se conhecendo. Não era eu que chegava para ele e dizia: “Olha, você não dá para isso, não dá para aquilo”, eles iam descobrindo, e a gente não trabalhava naquilo que ele não dava, não que não disséssemos que ele tinha dificuldades, ele até percebia que tinha e a gente o ajudava a perceber que estava com dificuldade, por exemplo, em Português, que estava com dificuldade em Ciências, mas, por outro lado ia muito bem em Artes Plásticas, em Música. Nós buscávamos fortalecer o aquilo no que ele ia bem. A gente dizia: “Você está se desenvolvendo muito em Artes Plásticas. O que você pode fazer para desenvolver mais essa matéria?” Nunca era no sentido de estar medindo onde ele não ia bem. (Lygia Tibiriçá)*

Procurava-se identificar as áreas com as quais o aluno mais se identificasse, pretendendo com isso ir ao encontro das habilidades e aptidões de cada aluno no grupo ou individualmente. O “processo de maturação grupal e individual era estimulado e acompanhado, mas com a preocupação sempre presente de não deixar a individualidade de cada um se diluir no grupo”. (ROVAI, KAWASHITA, 2005, p. 101)

A partir das narrativas procuramos esclarecer com maiores detalhes o processo:

*Fazíamos a avaliação de várias formas e perspectivas, além da prova individual (nem sempre marcada). Por exemplo, na correção e discussão das Baterias, em classe, o professor atribuía também uma nota de participação, observando as perguntas, se facilitavam a compreensão do grupo, se agregavam outras formas de resposta. Era considerada a competência de fazer perguntas e interagir com o grupo.*

*Havia também a autoavaliação: reuníamos os alunos em grupo e cada um falava de si: “eu participo do grupo ou não, eu confio muito em mim ou não, fico esperando as respostas etc.” e os colegas referendavam, acrescentavam ou divergiam. Entendíamos que a pessoa se constitui num processo de socialização. A avaliação era qualitativa e tinha o objetivo de promover a aprendizagem do aluno e o autoconhecimento. Cada aluno recebia uma ficha descritiva de sua avaliação, ao final de cada bimestre.*

**Eliza:** *Havia reprovação?*

**Lucília:** *Sim, havia reprovação, mas era muito raro. No Conselho de Classe, olhávamos o aluno como um todo nas diferentes áreas. Lembro-me de um*

*aluno que tirou B, apesar das competências acadêmicas serem A, porque não colaborava com o grupo e gostava de desfazer da competência dos colegas; a competência pesava tanto quanto a interação. Aprendi no Vocacional a olhar os alunos de forma integral, alunos que na minha área eram um brilho e nas outras áreas não. Aprendi a lidar com a diversidade, apesar de ser muito exigente. (Lucília Bechara)*

Estas práticas, aliadas a outras práticas e técnicas do Ensino Vocacional, produziam resultados que se diferenciavam das demais escolas secundárias: havia baixos índices de reprovação, de faltas e também de evasão escolar.

Lucilia Bechara vai conjecturar sobre as críticas acerca dos gastos no Vocacional, dizendo que esses gastos seriam compensados pois o estado, no final, economizaria, dado os baixos índices de evasão e retenção.

*Nos Conselhos de Classe do Vocacional, aprendi a lidar com a diversidade, a ser menos dura com aluno fraco em Matemática, a ser menos entusiasmada com aluno ótimo. Um dos valores dos Vocacionais era cuidar da formação integral do sujeito que muito se fala e pouco se aplica: olhar o aluno integralmente. A retenção (nós assim chamávamos a reprovação) acontecia quando avaliávamos ser melhor para o aluno mais tempo para aprender e se relacionar ou se precisava de um grupo no qual interagisse mais. Diferentemente de outras escolas, à época, a reprovação era mínima, o que financeiramente compensava para o estado. (Lucília Bechara)*

Eram bastante problemáticos, à época, os altos índices de reprovação nas escolas secundárias do país. Vejamos o relato do Professor Newton:

*O primeiro desafio na minha vida foi fazer o tal do exame de admissão. Naquele tempo, havia mais de 200 candidatos por vaga e eu tinha que passar num dos primeiros lugares para ganhar uma bolsa de estudos da prefeitura. E eu passei em segundo lugar. Então, eu fiz o ginásio na antiga Escola Normal. Depois se transformou em Ginásio do Estado. Para você ter uma ideia - isso vai sair no livro que eu vou publicar<sup>63</sup> - a escola de antigamente, que falavam que era tão boa: nós entramos na 1ª série do ginásio, hoje 5ª série, formando uma classe masculina de 41 alunos. Desses, apenas seis terminaram a 4ª série. O resto desapareceu. (Newton Balzan)*

A avaliação discente era uma constante ao longo das séries e tinha uma relação intrínseca com a formação integral do aluno. Procuravam promover o autoconhecimento. “A avaliação é atitude contínua em todo o trabalho cientificamente planejado.” (SEV, 1969, p.20)

*A avaliação era feita por atitudes, havia a autoavaliação e a prova. Muitas vezes havia uma prova unificada com todas as matérias em uma prova só. Também havia isso. Os alunos eram avaliados pelo professor, pelo*

<sup>63</sup> BALZAN, Newton Cesar. **Conversa com professores:** do fundamental à pós-graduação. São Paulo: Cortez, 2015.

*orientador educacional e orientador pedagógico. Ele era avaliado globalmente. Era calculada a média da classe, o desvio padrão, as notas eram transformadas e então se calculava a posição dele na classe através da Sociometria. Tudo era feito dessa forma. (Newton Balzan)*

Ao proporem uma avaliação contínua e integral do aluno no decorrer das quatro séries, os Vocacionais não se restringiam aos conteúdos trabalhados em sala de aula, medidos por notas em provas. O resultado da avaliação estava relacionado a conceitos subjetivos: de engajamento, de formação de caráter, de atitudes, bem como a aspectos referentes ao desenvolvimento físico, motor, social e intelectual.

*Não se valorizava muito a nota. Nós tínhamos a prova como um diagnóstico, principalmente para nós professores, de como o trabalho estava sendo desenvolvido em sala de aula. Através dos Conselhos de Professores, das reuniões de professores, nós tínhamos a avaliação de aluno por aluno tanto no aspecto físico como motor, intelectual, social, emocional. Avaliava-se também através das fichas de observações que eram folhas tipo selo, onde se escreviam as observações que nós tínhamos sobre todos esses aspectos (físico, motor, intelectual, social). A orientadora educacional reunia todas essas observações dos professores e fazia um relatório individual de cada aluno e passava para nós. Então essas avaliações eram diagnósticas, avaliação do desenvolvimento das potencialidades dos alunos nos seus vários aspectos. Não havia razão para você dar nota baixa para o aluno. (Berenice Mendoza)*

Os dados analisados, dos quais decorria a avaliação do aluno, provinham de observações diárias registradas no que chamava de FOA - Fichas de Observação do Aluno – que, após entregues pelo professor de cada área ao orientador educacional permaneciam disponíveis na escola para serem acompanhadas e analisadas pelo grupo de educadores. Os resultados das análises dessas fichas eram apresentados em gráficos demonstrativos da evolução do aluno e divulgados aos pais nas reuniões e em outros momentos, se julgado necessário, a fim de que eles acompanhassem e entendessem os processos de formação escolar dos filhos. A Ficha de Observação tornava-se, assim, um importante recurso do histórico do aluno em seu tempo na escola. Por meio desse instrumento era possível verificar constâncias, dificuldades, entrosamentos, mudanças e, ainda, mapear e compreender o aluno como um todo, ao verificar comportamentos, seus sucessos e insucessos. Os alunos, a partir dos resultados e análises da FOA, eram classificados em práticos, teóricos-práticos ou teóricos.

A FOA é uma das técnicas básicas da documentação do processo de avaliação da ação educativa e, por isso, deve conter todos os dados desta ação. A observação é uma técnica essencial no processo de avaliação. Cada professor observa o desempenho de seus alunos, dentro de sua área, no uso das técnicas e na participação das instituições. A diferença de

natureza das áreas oferece larga oportunidade de observações. O mesmo pode-se dizer da variedade de técnicas aplicadas e situações de vivências oferecidas. Além das instituições já mencionadas, das áreas como Português, Inglês, Francês, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Práticas Comerciais, Artes Industriais, Artes Plásticas, Educação Doméstica, Práticas Agrícolas, Educação Musical, Teatro, Educação Física, a observação incide sobre todos os aspectos da personalidade. É um processo contínuo, retratando a evolução do aluno durante todo o curso. É o Orientador Educacional que realiza a síntese das observações feitas pelos professores e que serão estudadas, cientificamente, na configuração de cada aluno. (SEV, 1969, p.21)

No final de cada bimestre eram recolhidas 13 fichas de avaliação de cada aluno referente a cada disciplina. Em seguida, o orientador educacional as analisava em quatro itens (aspecto físico motor, emocional, social, intelectual) e gerava um relatório para cada aluno. Estas observações eram registradas em fichas ao final do ano letivo o aluno era avaliado a partir destas observações feitas no decorrer dos quatro anos de ginásio<sup>64</sup>.

*Nesse sentido o Vocacional foi inovador. Estabeleceu uma avaliação subjetiva. Era uma avaliação subjetiva porque era baseada na observação do aluno de forma criteriosa. Era uma observação objetiva. Tudo era relatado nos "selinhos". "Selinhos"! Depois eu te mostro um material que tenho sobre isso. Então era relatado nesses "selinhos" o que observávamos. Esses "selinhos" eram desse tamanho mais ou menos, mas você poderia usar vários para o aluno. Grampeava e entregava para a Orientação Educacional. A Orientação Educacional reunia todos os "selinhos" num mapa grande que eu tenho ali também um exemplo para te mostrar, onde tinha cada lugar, de cada área, com as características que o professor descrevia de cada aluno. E o Orientador ao ler tudo aquilo fazia uma síntese do aluno na primeira, na segunda série, na terceira e depois na quarta série para poder orientar vocacionalmente o aluno.*

**Eliza:** *Iam arquivando?*

**Zago:** *Arquivando, isso. Bimestralmente. Eles sabiam tudo do aluno. Era uma das técnicas de avaliação e éramos orientados. Era uma técnica básica da avaliação baseada na observação do aluno em todos os momentos, desde a entrada na escola, na sala de aula, nos Estudos do Meio, no Estudo Dirigido. Em todos os momentos da escola. Trabalhava-se muito no Vocacional a autodisciplina. (Antonio Pedro Zago)*

Era "sobre estes dados que incidia a reflexão do Conselho Pedagógico para decidir sobre a promoção ou retenção do aluno. Assim, o sistema de avaliação era feito mediante a observação direta do comportamento do aluno". (ROVAI, 2005)

*A avaliação era contínua, processual. O aluno sabia que ele estava sendo continuamente avaliado. Ele participava da avaliação pela autoavaliação./.../ A retenção [nos Vocacionais] era chamado compromisso. /.../*

---

<sup>64</sup> Uma descrição mais detalhada de como era realizado o processo de transformação dessas informações num conceito encontra-se na textualização do Professor Antonio Pedro Zago.

*O registro era feito nas fichas de observação do aluno e ia juntando. Depois aquilo era trabalhado com a orientação educacional. Ia desenhando o perfil do aluno. O perfil do aluno ia aparecendo, onde ele tinha mais interesse, onde ele se dava “melhor”. (Esméria Rovai)*

*Essa avaliação era uma avaliação global. Sentavam-se todos os professores, às vezes a gente até achava ruim: “Mas como esse aluno vai passar? Pelo amor de Deus, está ruim em Português, em Matemática...”. Mas lá não era assim: promoção automática, como é hoje: passa e “tchau e benção, se vira!” Não! Quando acontecia isso, o aluno, por exemplo, que era bom na maioria das áreas, mas tinha dificuldades, por exemplo, comigo (em Matemática), a gente promovia, mas com compromisso. Nisso o Vocacional inovou também. O compromisso era uma espécie, digamos assim, de dependência, ele ia para a série seguinte com o compromisso de superar as falhas tidas até então. (Antonio Pedro Zago)*

Observa-se nos registros acima que as formas de avaliação nos Ginásios, de maneira geral, e mais especificamente na disciplina de Matemática, não se davam de forma estanque e nem de forma a se sobrepor a outras disciplinas no currículo: “quando a gente aprendia porcentagem em Matemática, o professor de Práticas Comerciais mostrava para que servia aquilo.”(ROVAI, 2005, p.79)

*Na autoavaliação cada um tinha que se posicionar sobre o que tinha aprendido, quais foram as suas dúvidas, o que você não tinha aprendido, sobre seu comportamento e atitudes. Tudo. Aprendia a fazer a autoavaliação. Daí o professor dizia o que ele concordava o que discordava, o que estava correto ou não. Depois eles passavam na reunião de professores. (Renata Rangel)*

A avaliação no Vocacional era valorizada e trabalhada de forma diferenciada em relação aos institutos da época e, vale dizer, em relação a muitas das propostas de ensino atuais. Observa-se que, por mais que os discursos teóricos na área tenham avançado, a maioria das escolas enfrenta dificuldades para implementação de práticas não centradas apenas na dimensão cognitiva e no rendimento escolar do aluno.

*Havia a avaliação da disciplina e uma avaliação geral de conhecimento, não me lembro muito bem se eram bimestrais. Então tinha a avaliação da disciplina, se fosse de Matemática, veria no gráfico a média, tinha: ótimo, superior, acima da média, médio, abaixo da média e inferior. Eram assim os gráficos. Tinha Matemática aqui? Tinha porque a gente trabalhava gráficos e tudo o mais, índices. Éramos levados, querendo ou não querendo, a interagir com tudo isso. (Luigy)*

Ao conceber o processo educativo vinculado a aspectos da personalidade, considerando a formação de atitudes e conceitos, fica estabelecido o que Eduardo Amos frisa e denomina “Código de Atitudes”.

*Antes do Estudo do Meio nós construíamos o Código de Atitudes, em que se discutia situação por situação. Num trem ou na plataforma esperando o trem que atitudes são desejadas? Ah, você não pode correr na plataforma, mas por que não pode correr na plataforma? Primeiro, porque é perigoso, você pode escorregar e cair. Então, no trem, o que é esperado de mim? Quando fizemos um Estudo do Meio para São Paulo e Santos, ficamos alojados no DEF, Departamento de Educação Física, na Água Branca, um prédio com quatro andares para alojamentos de atletas. Ficamos num alojamento, e as meninas num outro alojamento. Então discutimos que atitudes eram esperadas no alojamento? Nos deslocamentos na cidade de São Paulo, quais eram as atitudes adequadas? Então nós construíamos o código das atitudes a partir das situações que iríamos vivenciar. Depois nós fazíamos o balanço do dia: como é que foi? Quem respeitou, quem desrespeitou o código? Qual é a sanção? (Eduardo Amos)*

*Avaliávamos as dificuldades, a interação entre eles, a colaboração de cada um no grupo. (Lucília Bechara)*

O processo de avaliação dentro dessa lógica era realmente complexo e, com certeza, muito trabalhoso. No princípio sentiam muita dificuldade e ansiedade, mas à medida que progrediam, na prática, recordam que as concepções e os procedimentos iam sendo gradativamente incorporados e transformados em competência. (ROVAI; KAWACHITA, 2005, p. 111)

Em consonância à afirmação de Rovai e Kawachita, Antonio Pedro Zago concorda que efetivar na prática essas prerrogativas não era tarefa fácil. No Vocacional apostava-se num discurso coerente com a prática, ou seja, buscava-se efetivar a aplicação dos conceitos enunciados na proposta de ensino Vocacional que almejava a formação integral do aluno e sua inserção na comunidade não descuidando da individualidade e da personalidade desse aluno. Esses princípios são evocados por teóricos como Mounier, e davam suporte à proposta.

*Não era fácil, não era nada fácil trabalhar dessa maneira. Nós precisávamos tomar muitos cuidados. Por isso a gente ouvia o aluno também. Eles se autoavaliavam (sobretudo para irem se conhecendo e tomarem consciência de suas habilidades, atitudes, interesses e outros aspectos). A autoavaliação do aluno era um trabalho contínuo, portanto eles eram conscientes de seus conceitos. Quando aparecia uma discrepância gritante, o aluno tinha o direito de questionar, discutir ou recorrer à orientação. Havia esses detalhes. A nota da prova objetiva era separada porque ela era simplesmente um dado a mais para a visão do aluno, o que importava era a ficha de escolaridade, as atitudes, os conceitos adquiridos, a avaliação feita pela observação do professor. (Antonio Pedro Zago)*

Os profissionais do Vocacional também eram constantemente avaliados. Era preponderante, mesmo que não formalmente explicitado em documento, que o professor se engajasse à proposta de um Ensino Vocacional que se construía e ia sendo assimilada na prática, na familiaridade com as ações cotidianamente exigidas nos Ginásios. Como toda experiência, esta deve, necessariamente, ser avaliada. Os



professores ficavam cientes desta avaliação desde sua contratação. Havia constantes reformulações nas técnicas: numa das dinâmicas, a própria equipe trabalhava e reformulava suas propostas, atitudes, atos e procedimentos, discutindo-as principalmente nos momentos de Conselho Pedagógico. Nesse processo, havia aqueles que não se adaptavam, o que era percebido rapidamente, segundo relatos, pela coordenadora geral Maria Nilde Mascellani.

Reuniões pedagógicas semanais – os Conselhos Pedagógicos – e os Conselhos de Classe, transformados em lócus privilegiados da formação continuada, propiciavam momentos de discussão, estudo, troca, avaliação, reavaliação e decisão coletiva e garantiam a realimentação constante de ensino-aprendizagem: dos rumos tomados e a tomar e do que fazer. Cada um, segundo sua especificidade, participava na construção das soluções./.../ A proposta dos ginásios vocacionais inaugura essa prática de avaliação institucional: o projeto de educação e organização escolar continuamente repensada através da reflexão sobre a prática diária, tanto no planejamento como nas reuniões semanais do Conselho Pedagógico. (ROVAI; KAWACHITA, 2005, p. 94-95)

Observamos, nesse aspecto, um esforço, uma tentativa de procurar atender aos conceitos iniciais e, ao mesmo tempo, construir e reformular constantemente a proposta pedagógica do ensino vocacional. Para isso se fazia necessário o envolvimento e sensibilização desses profissionais para alcançar os ideais almejados. A realidade e o cotidiano apresentavam-se como potencialidade e empecilho.

## 5 A MATEMÁTICA NO ENSINO VOCACIONAL

“Pensar, analisar, inventar” (escreveu-me também) “não são atos anômalos, são a normal respiração da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com incrédulo estupor o que o *doctor universalis* pensou, é confessar nossa languidez ou nossa barbárie. Todo homem deve ser capaz de todas as idéias e suponho que no futuro será.”(BORGES, 2001, p.63)

A história, mãe da verdade; a idéia é assombrosa. (BORGES, 2001, p.62)

Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil, um intenso debate sobre a relevância e a renovação da escola secundária tomou corpo.

No final da década de 50, o impacto produzido pelo lançamento do Sputnik preocupou não somente o governo americano, mas também educadores de várias partes do mundo envolvidos com a formação científica da população. O êxito científico e tecnológico alcançado pelos russos ampliou a preocupação de vários países com a educação matemática oferecida à população, gerando um movimento internacional de reformulação do ensino de Matemática, conhecido como Movimento da Matemática Moderna, uma tentativa que nos anos 60 e 70 procurava superar o ensino tradicional que até a década de 50 privilegiava a matemática clássica, o modelo euclidiano, a visão platônica. (PINTO; FERREIRA, 2006, p.113)

Nos anos 60, o ensino de matemática era valorizado, no discurso de organismos governamentais e de matemáticos europeus e norte-americanos, como elemento de uma formação científica que teria continuidade no ensino superior. Tratava-se não apenas de ensinar mais matemática, ou com maior eficácia – era necessária uma aproximação entre as abordagens da matemática no ensino superior e no secundário, em termos conceituais, metodológicos e de linguagem. (BURIGO, 2006, p.39)

A população que freqüentava o ensino secundário era relativamente pequena: em 1960, cerca de 8% dos jovens brasileiros com 12 a 18 anos de idade freqüentavam o ensino secundário de primeiro ou segundo ciclo. Nos anos 60, as matrículas no ensino médio mais do que triplicaram; entretanto as taxas de evasão eram elevadas e as taxas de reprovação, entre 1967 e 1971, oscilavam em torno de 63,5%. (BURIGO, 2006, p.42)

Estes recortes nos dão um breve panorama da realidade brasileira em relação ao ensino secundário e do ensino da Matemática praticado em torno da década de sessenta, como também dos anseios pelas mudanças impulsionadas pela preocupação de uma formação científica da população. Nesse cenário, a Matemática e seu ensino tornam-se imprescindíveis.

Do roteiro proposto aos depoentes deste trabalho constaram as perguntas abaixo, já que um dos objetivos centrais e iniciais desta proposta de pesquisa foi buscar indícios de como se dava o ensino e aprendizagem da Matemática nos Ginásios Vocacionais.

*“Quanto às propostas didáticas para o ensino de Matemática, o que propunham os Vocacionais?” “Qual foi a Educação Matemática neles praticada?” “Havia propostas tão inovadoras para as aulas de Matemática assim como parecem ter sido as propostas do colégio como um todo?”*

Estas questões, vinculadas aos objetivos pretendidos com a pesquisa, e as respostas a elas dadas por nossos depoentes, nos levaram à elaboração deste tópico, uma narrativa acerca dos aspectos que, de alguma forma, se referem ao ensino e à aprendizagem da Matemática nos Vocacionais. Talvez essa narrativa possa nos dar elementos para compreender e problematizar os processos de ensino e aprendizagem da época, na sala de aula e nas propostas do Ensino Vocacional.

Para compreendermos o ensino de Matemática propomos uma mudança de perspectiva, uma mudança de foco, já que, em geral, tratam dos conteúdos e metodologias. Aqui, buscamos, para além destes elementos centrais, um olhar às margens, para certas nuances, certos elementos que, de algum modo, segundo nossas impressões e sensibilidades, advindas dos discursos dos depoentes ou dos documentos aos quais tivemos acesso, nos possibilitaram elaborar uma narrativa que privilegia centro e periferia, sem hierarquização de fontes, coreografando um movimento no qual, a partir desses elementos, possa surgir uma narrativa plausível acerca do ensino e da aprendizagem da Matemática nestes Ginásios.

## **5.1 SOBRE AS AULAS:** técnicas pedagógicas e integração de áreas

Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, re-atualizo o passado, vejo, “historio” o que os outros viram e me testemunharam. (BOSI, 1992, p. 28)

As aulas nos Ginásios Vocacionais iniciavam-se entre sete e oito horas manhã. Caso fossem alunos de Rio Claro, chegariam por entre o verde da mata. A escola foi se constituindo numa paisagem natural, pois o prédio se localizava no Horto Florestal da cidade, depois de chegarem à conclusão de que a construção da Vila Operária, na qual ficaram por alguns meses, não era adequada. No Horto, não havia, como comumente havia em outros ginásios, uma entrada específica. Vários modos de chegar à escola eram possíveis, dada a ausência de um portão central e de limites bem definidos de onde começava e onde terminava o espaço em que se encontrava a escola. A geografia e os espaços ocupados já emitiam, à primeira

vista, mensagens sobre este ginásio<sup>65</sup>: uma forma, uma estética o diferenciava e o constituía.

Disciplinas mais teóricas, como Português e Matemática, eram ministradas logo pela manhã, em aulas duplas. As carteiras das salas não eram fixas, como acontecia em muitos ginásios da época: eram soltas. Para os alunos e professores, essa era uma novidade. Embora comum hoje, despertavam curiosidade e surpresa. Soltas, as carteiras davam outro sentido para aquele espaço restrito, mas amplo em possibilidades, uma flexibilidade que se manifestava em um movimento impossível nos colégios tradicionais em que alunos, matricialmente enfileirados, deveriam olhar o professor em sua cátedra.

Nos Vocacionais, a julgar pelos depoimentos, o professor não tinha sua mesa à frente da sala, e quando tinha uma mesa, esta ficava ao fundo, apenas para que pudesse apoiar alguns materiais. Os alunos, durante as aulas, sentavam-se em círculos ou semicírculos e, na maioria das vezes, formavam grupos com quatro ou cinco participantes, as equipes, que após um cuidadoso processo de escolha permaneceriam iguais por um longo tempo.

Fixas eram as salas e para cada disciplina havia uma sala específica, salas ambientes. Tanto as disciplinas práticas, como Educação Doméstica, e outras, as mais teóricas, como Matemática e Português, tinham seus próprios espaços. O aluno movimentava-se a cada término de aula, também ao contrário do que acontecia nos demais ginásios da época. Para esse movimento existia, no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, regras bem definidas, descritas pelo ex-aluno Luigi em seu depoimento: alunos iam pela esquerda e voltavam pela direita. Regras como essa, descritas por Eduardo Amos, também existiam em Rio Claro: para subir as escadas, primeiro meninos, depois as meninas. Para descer, o contrário – primeiro as meninas, com suas saias. As regras eram inúmeras mas, segundo os depoimentos elas funcionavam posto terem sido criadas pela equipe escolar.

Regras eram necessárias em todas as aulas e atividades, e foram desenvolvidas dentro ou fora da escola. Havia um comprometimento, uma liberdade consciente.

---

<sup>65</sup> Os aspectos físicos dos Ginásios Vocacionais, como vimos, vão se diferenciar nas seis unidades. Em São Paulo esta estética era bem diferente da de Rio Claro, e o mesmo acontecia nas demais unidades. Em Batatais, Americana, Barretos e São Caetano do Sul os prédios localizavam-se na cidade e foram adaptados de outros ginásios preexistentes.

“No tempo do Vocacional, me lembro que éramos orientados a fazer escolhas e assumir as responsabilidades que conduziam a compromissos. E hoje? E isso não é válido para os dias atuais, pois esta é a essência da liberdade?” (LIMA; ROVAL, 2015, p.316)

*Liberdade era um valor supremo no Vocacional! Mas, com responsabilidade. Jamais desassociado do outro, da comunidade. Poder transgredir e prejudicar o outro? Não. (Antonio Pedro Zago)*

O Vocacional associava disciplina de trabalho, disciplina de funções e liberdade. A contrapartida da disciplina era a liberdade intelectual, a autonomia intelectual, de modo que os alunos, professores e equipe pedagógica lançavam ideias, propunham regras, temas de estudo para as Unidades Pedagógicas, que eram discutidas e analisadas em conjunto, mas, em muitos casos, deixavam os alunos darem o veredicto. Assim, regras, atitudes e comportamentos eram esperados e cobrados entre os próprios alunos.

Interessante notarmos a liberdade supervisionada e, de certa forma, controlada nestes Ginásios. Eduardo Amos, ex-aluno, em seu depoimento, afirma: *Aqueles caras sabiam de tudo, eles sabiam tudo de você, eles possuíam uma articulação tão grande que eles conheciam a gente, não tinha como fugir deles.*

Segundo documento do Serviço de Ensino Vocacional, possivelmente escrito por Maria Nilde Mascellani, importava “dar ao aluno a visão de mundo em que ele vive, uma visão antropológica da cultura e condições para sua participação social.” (SEV, 1969, p. 14)

Dentre as modalidades de atividades realizadas nestes ambientes destacaram-se, nas memórias de nossos colaboradores, o Estudo Dirigido, o Estudo Supervisionado e o Estudo Livre que aconteciam, em sua maioria, em equipes. Dentre as técnicas, surge com relevância a estratégia das Baterias. Trabalhar em grupos, parte da rotina dos alunos no Vocacional, exigia o acompanhamento do(a) orientador(a) educacional que atuava, de forma marcada, junto aos professores e seus alunos.

*A forma de atuar dos Vocacionais era muito diferente das outras escolas. Trabalho em equipe não era muito utilizada, e a gente utilizava, não é Cecília? Eu vejo que no âmbito de cada Ginásio Vocacional eu acho que trouxe transformações não só naquele momento. Eu acho que as transformações que ocorreram foram nos alunos, nos educadores e isso permaneceu. (Lygia Tibiriçá)*

*O trabalho em grupo desenvolvido no Vocacional era feito com embasamento, não era feito aleatoriamente: era discutida a formação e a permanência das equipes. (Lygia Tibiriçá)*

As equipes, como vimos, não eram formadas caoticamente: para formá-las eram utilizadas técnicas sociométricas. Nas aulas de Matemática o processo não seria diferente:

*Sobre a formação de grupos, lembro-me, por exemplo, do sociograma: cada aluno listava quatro nomes com quem gostaria de trabalhar, a partir destas escolhas, o orientador fazia um organograma para organizar as equipes e observava os alunos mais ou menos escolhidos e por quem. Trabalhávamos com estes dados para compreender as relações entre eles e desenvolver a socialização. Os mais escolhidos eram “cabeças de chave” e líderes das redes de alunos, os menos escolhidos eram trabalhados. O Vocacional entendia a escola como espaço de socialização. Acredito ter sido uma das primeiras escolas que entendeu essa função da escola, além de ensinar a ler, escrever, contar e desenvolver as competências acadêmicas. Avaliávamos as dificuldades, a interação entre eles, a colaboração de cada um no grupo. (Lucilia Bechara)*

*Os alunos trabalhavam muito em grupo e dificilmente na sala de matemática as carteiras estavam arrumadas em “linha e coluna”. Fazíamos grupos de cinco, três ou duplas. Os exercícios de fixação, por exemplo, eram realizados em duplas porque achávamos que o colega era um estímulo e um apoio. Formávamos grupos heterogêneos para um problema mais complexo ou para discutir e negociar um plano de trabalho e os colegas do grupo eram escolhidos ou sorteados depois da explicação do trabalho. Os professores, discutíamos com a coordenação como formar grupos. (Lucilia Bechara)*

Além dos trabalhos frequentes em grupos, nas aulas de Matemática, havia aulas tradicionais, expositivas. Mesmo assim, inovam ao elaborar uma dinâmica que alternava aulas práticas e aulas teóricas. Em momentos planejados os alunos eram divididos em dois grupos: 15 alunos assistiam uma aula teórica enquanto os demais participavam de uma aula prática, depois o inverso.

*Na segunda série A, por exemplo, você tinha uma aula com a classe inteira. Essa aula a gente usava para fazer colocação de problemas, estudos, revisões, sínteses, propostas de trabalho, e às vezes, até uma aula expositiva. Por que não? Não se desprezava a aula expositiva no Vocacional, mas era uma aula expositiva com intensa participação do aluno. Depois nós tínhamos uma aula que era aula simples, não dupla. Simples. Eram divididas as classes. Normalmente havia seis equipes de cinco alunos. Então, nessa aula dividida, três equipes ficavam comigo nessa aula simples e as outras três, por exemplo, iam ter Artes Plásticas. Depois invertia. (Antonio Pedro Zago)*

O Estudo Dirigido, Estudo Supervisionado e Estudo Livre, de acordo com o documento<sup>66</sup> que analisamos dentre os materiais consultados no Cedec, eram técnicas pedagógicas que, em Matemática, tinham por objetivos:

- desenvolver atitude científica de trabalho na solução de um problema;
- desenvolver o pensamento lógico e dedutivo;
- desenvolver a capacidade de abstração e generalização;
- aprender e treinar técnicas operatórias;
- pesquisar e conhecer conteúdos.

As atividades desenvolvidas nesses estudos se dividiam entre o que denominavam:

- Baterias;
- Pesquisa bibliográfica;
- Estudo de texto e;
- Seminários. (CEDIC-SEV, [1970], p. 29)

Os tipos de estudo – Dirigido, Supervisionado, Livre – eram aplicados diversificadamente, à medida que os alunos, em suas respectivas séries, adquiriam maior autonomia nos estudos. Na primeira série, o Estudo Dirigido, requeria a participação intensa do professor, que muitas vezes era um membro da equipe. Esta participação diminuía à medida que a técnica ia sendo dominada pelo grupo. A introdução às modalidades de estudo era gradativa. Do Estudo Dirigido passavam, então, ao Estudo Supervisionado e só então ao Estudo Livre. Normalmente obedecia-se uma sequência: nas primeiras e segundas séries praticava-se o Estudo Dirigido, nas terceiras e quartas dava-se maior ênfase ao Estudo Supervisionado e ao Livre, já que se esperava dos estudantes maior independência, de maneira geral, em relação ao professor.

*O Estudo Dirigido era quando o professor os dirigia para que eles tirassem as conclusões, davam algumas informações e faziam algumas perguntas para que chegassem às conclusões. O Estudo Supervisionado já não era tão dirigido, era um pouquinho mais aberto, e o livre podia ser uma frase que desencadeasse o trabalho. Matemática, o Estudo Livre já era mais difícil por conta da sequência lógica, mas seguindo a proposta era possível, por exemplo, dar um texto matemático para os alunos lerem, tirarem as conclusões, fazerem os exercícios. Depois você arrematava. Então era isso o que se fazia. No estudo através de Baterias, o grande trunfo do Vocacional era o Estudo Dirigido. (Berenice Mendoza)*

---

<sup>66</sup> Trata-se de documento digitalizado a partir do original consultado no CEDIC. Não se pode precisar sua data nem autoria. São folhas soltas, datilografadas e paginadas (daí a possibilidade de unir parte deste documento que, por vezes, nos pareceu um relatório detalhado, mas que o(a) autor(a) do texto, por vezes, chama de “livro”). Há, nele, um relato do fim da experiência, daí julgarmos ser um documento posterior a 1970.

No Estudo Livre, os alunos realizavam o estudo desde o planejamento até a síntese, eram “livres” para pesquisar, buscar, acessar quaisquer fontes e não dependiam direta e exclusivamente do professor. Neste caso, a função do professor era somente analisar e supervisionar o grupo e suas atividades. Estes estudos permeavam não apenas as aulas de Matemática, mas também as de outras disciplinas, e eram, na maior parte das vezes, desenvolvidos em equipes.

Na sala de Estudos Sociais, alunos [do 4º. ano] trabalham em silêncio. Um professor está presente, mas suas atividades devem se limitar a garantir um ambiente de estudo. Trata-se do Estudo Livre, período em que os alunos da última série, munido de livros, atlas, dicionários e outros materiais, estudam sem orientação dos professores. A modalidade Estudo Livre foi introduzida e desenvolvida a partir do pressuposto segundo o qual, tendo sido orientados sobre como estudar desde que ingressaram há três anos, os alunos devem estar preparados para estudar sozinhos. (BALZAN, 2015, p. 52-53)

Segundo o documento analisado havia uma variedade grande nos modos de trabalhar os conteúdos a serem ministrados. Duas formas básicas que apareciam com frequência em Matemática, consistiam nas seguintes etapas de trabalho:

1ª)

Exploração das ideias através das Baterias exploratórias, realizadas individualmente e discutidas em grupo;

Estruturação dos Conceitos e aprendizagem das técnicas através do trabalho em grupo liderado pelo professor;

Fixação das técnicas e Aprofundamento dos conceitos através de Baterias de fixação ou Pesquisa bibliográfica.

Síntese envolvendo síntese mental, gráfica e avaliação através de assembleias e trabalho individual.

Esta forma é muito utilizada na 1ª. e 2ª. séries para desenvolver por exemplo:

Operações e relações com conjuntos Múltiplos e Divisores;

Relação de Equivalência – Partição;

Operação com frações;

Operações com números relativos, etc...

2ª)

Levantamento dos problemas e planejamento das técnicas – através de atividade com a classe dirigida pelo professor;

Análise dos problemas através de proposições colocadas em Baterias, pesquisa bibliográfica, estudo de texto e seminários;

Síntese, compreendendo:

- teorização dos conceitos feito em aulas

- síntese mental e gráfica feita pelos alunos

- avaliação feita individual ou em grupo

Esta forma mais usada na 3ª. e 4ª. série no desenvolvimento de temas como Método de Substituição e Adição para resolução internas de equações.

Variação de Função Trinômio de 2º. grau

Relações Trigonométricas

Relações de Pitágoras



Relações Métricas nos triângulos retângulos, etc... (CEDIC-SEV,[1970], p.30)

Em entrevista para este estudo, Eduardo Amos, ex-aluno, nos conta que só conhecia o termo bateria em outros contextos:

*Para mim, bateria era um conjunto de panelas, batedeira de cozinha que se chamava antigamente ou bateria de instrumento, mas eu aprendi que bateria é um conjunto de exercícios que o professor dava para os alunos resolverem. A Bateria poderia ser sozinha, individual, ou compartilhada com o grupo, com outro colega, mas tinha que fazer a Bateria. Uma Bateria, era uma batelada de exercícios, era um monte de exercícios, isso era uma bateria, era um dos instrumentos de avaliação. Mas ele não era dado, eu percebia que não era como avaliação, mas era como um processo. Na bateria eu errava, eu compartilhava o erro com meu colega, depois eu tirava dúvida com o grupão da classe e entregava, tinha uma nota da Bateria. Depois tinha uma coisa chamada Estudo Dirigido, onde o professor dava todo um caminho a ser percorrido que trabalhava um conceito. Tinha aula expositiva. Não é que não existia aula expositiva, tinha aula expositiva. (Eduardo Amos)*

Nos Ginásios Vocacionais, o termo Bateria, em Matemática, como vemos neste relato de Eduardo, assume outro significado, bem distante das suas noções iniciais. De acordo com fontes documentais, baterias:

São conjuntos de situações que devem levar o aluno a analisar problemas, relacionar, transferir, aplicar, sintetizar, concluir, consultar, propor, etc. A bateria pode ter por objetivo exploração ou aprofundamento. /.../ As situações problemas das baterias exploratórias são propostas na forma de perguntas, análises de situações, pesquisa de dados – ou contenções geométricas. As baterias de aprofundamento apresentam situações problemas que possibilitam aprofundamento de um conceito ou técnica. As situações problemas propostas nas baterias de aprofundamento podem ser perguntas, análise de situações, construções, excursão, etc. (CEDIC-SEV, [1970], p.31)

Percebemos que as Baterias e os Estudos foram técnicas relevantes no trabalho pedagógico no Ensino Vocacional na área de Matemática. Nos depoimentos, principalmente dos professores de Matemática, como também para o aluno Eduardo Amos, elas surgem com certa ênfase. A esta técnica Lucilia Bechara atribui os seguintes significados quanto aos objetivos, modos de aplicação e elaboração deste material:

*As Baterias eram construídas para compreender, ampliar e fixar os conteúdos com os problemas levantados. O conteúdo era também aplicado em outras áreas, não necessariamente ligado ao tema do Core Curriculum. Era o que chamávamos de Problema de Aplicação. Acreditávamos que para fixar um conhecimento, precisávamos de um número grande de situações.*

*[...] usávamos as fichas, chamadas “Baterias”, inspiradas em trabalhos e/ou publicações de Matemática Moderna e nas nossas criações e observações,*

*integrando a Matemática com os temas do “Core Curriculum”. Consultávamos livros didáticos e conceituais do Brasil e de outros países (principalmente franceses). Construíamos o material porque era um currículo totalmente novo e não tínhamos uma sequência de atividades pronta, pois trabalhávamos com temas, objetivos de aprendizagem, competências e conteúdos. (Lucília Bechara)*

O documento do Cedic-SEV [1970] traz esclarecimentos ainda mais detalhados sobre o conceito e uso das Baterias na área de Matemática:

As baterias exploratórias são realizadas em equipe, precedendo naturalmente, uma leitura individual para apreensão das ideias e levantamento das primeiras dúvidas. As baterias exploratórias são avaliadas em grupo, sob a liderança do professor que no curso de avaliação vai estruturando os conceitos implicados na bateria ou a aprendizagem que a classe realizar. Após a avaliação, é feita uma síntese redigida pelas equipes e discutida com o professor.

As baterias de fixação são realizadas parte individualmente e parte em grupo, assim, cada aluno realiza a sua e em seguida discutem os resultados. As baterias de fixação são avaliadas pelo professor com o grupo, - ou individual. (CEDIC-SEV, [1970], p. 31)

As Baterias faziam parte da técnica dos Estudos Dirigidos. Estavam ligados à, e eram elaboradas a partir, das Unidades Pedagógicas – temas centrais expostos, discutidos e escolhidos no início do bimestre, semestre ou ano letivo na chamada Aula Plataforma - como também poderiam ser Problemas de Aplicação de conteúdos específicos com aplicações em outras áreas. As Baterias também compunham o processo de avaliação e eram trabalhadas tanto individualmente como nas equipes e entre as equipes.

Aos poucos, as Baterias, e o Estudo Dirigido (que aconteciam, em geral, nas primeiras e segundas séries) eram substituídos pelos estudos Supervisionado e Livre, compostos de pesquisas e seminários numa etapa posterior, em geral nas 3as e 4as séries. Antonio Pedro Zago esclarece esse processo em sua entrevista:

**Eliza:** *O que era o Estudo Dirigido?*

**Zago:** *Era uma proposta de trabalho bem minuciosa, para o aluno conseguir aprender determinados conceitos. Esse Estudo Dirigido poderia ser feito através de uma pesquisa bibliográfica (que era muito usada) na própria sala de aula, porque nós não adotávamos livros, não seguíamos índice de livro didático, mas usávamos os livros para eventuais pesquisas. Eles eram apenas um apoio às aulas. As salas eram salas ambientes onde havia o armário e alguns livros e depois havia a biblioteca central, ali perto também. Dava para eles trabalharem lá se quisessem. O Estudo Dirigido era uma proposta de trabalho em todas as séries. Até na 4ª série, muitas vezes, acontecia. Mas era uma progressão: começava com o Estudo Dirigido bem simples com rotinas bem orientadas, bem esquematizadas para o aluno desenvolver, tanto o Estudo Dirigido no meio de uma Bateria de exercícios, por exemplo, como em um trabalho ou pesquisa. Daí partia-se para outro tipo de estudo, na medida em que o aluno ia amadurecendo, que era o Estudo Supervisionado. Tudo isso no horário regular das aulas. Nesse*

*Estudo Supervisionado, os alunos de várias classes ficavam nessa sala de aula, por exemplo, "estudo supervisionado da 2ª A e B", às vezes acontecia isso. Então ficava um professor lá que não era necessariamente o professor da disciplina. Nesse momento, os alunos trabalhavam os Estudos Supervisionados dados pelos seus respectivos professores. Esse Estudo Supervisionado era uma complementação, um reforço, um exercício de fixação, ou de revisão que eles faziam na escola mesmo. Esse exercício retornava ao professor e a gente corrigia e depois discutia com eles em outra aula. Só que não era sob a supervisão direta do professor da área. E depois, além do Estudo Supervisionado, isso já na 4ª série, 3ª, quando eles estavam bastante treinados, é que se propunha, (eu não cheguei a propor isso daí porque só lecionei na 2ª e 3ª, enquanto Vocacional), o Estudo Livre. O Estudo Livre era uma proposta de trabalho (às vezes) levantada pelo próprio aluno que se interessava por aquele assunto ou até pelo próprio professor para o aluno aprofundar melhor em determinados assuntos, mas sem presença de professor nenhum. (Antonio Pedro Zago)*

Vejamos um exemplo:

**Figura 11.** Exemplo de Bateria elaborada e aplicada no Ginásio Vocacional na primeira série para suprir lacunas e falhas de alfabetização e conhecimentos aritméticos reveladas pela sondagem através dos exames de admissão e entrevistas.

NOÇÃO DE ÁREA E PERÍMETRO	BATERIA Nº 52
GRUPO ESCOLAR _____	
ALUNO _____	3º Ano _____
BATERIA Nº _____	
DATA _____	
1) - Desenhar uma toalha circular com renda na ponta, em toda a volta:	
2) - Desenhar um canteiro triangular, cercado com ladrilhos em toda a volta. Encher de flores o canteiro:	
3) - Desenhar um lenço retangular com um frizo em toda a volta. Pintar dentro do lenço, menos o frizo.	

Fonte: (CEDIC-SEV, [1970])

A professora Lucilia Bechara exemplifica, em seu depoimento, vários temas trabalhados em Matemática, relacionados à Unidade Pedagógica, e salienta, assim como registra Neves (2010), que esses temas/questões não surgiam espontaneamente, não eram trazidos aleatoriamente pelos alunos: eles, de certa forma, eram levados a escolher certos temas. Determinados assuntos e questões eram trazidos para a sala de aula, perifericamente e poderiam ou não despertar o interesse dos alunos. Os professores, após trabalho conjunto com orientadores e professores de Estudos Sociais, acabavam por ter a função de instigá-los a pensar nas propostas, sugeridas e analisadas pelos professores e pela equipe pedagógica em suas reuniões semanais de estudo. Os professores, nas diversas áreas, então, criavam estratégias e dinâmicas em sala de aula nesta direção.

*Era a equipe de Estudos Sociais que se reunia para sugerir um tema importante e de interesse dos alunos como: os alunos precisam conhecer sua comunidade; saber como ela é; saber o que acontece no seu entorno; como circula o comércio; que equipamentos são importantes; como é o entretenimento etc. Os professores de Estudos Sociais traziam o tema e a importância dele e nós professores problematizávamos a partir de nossas áreas. Em Matemática, por exemplo: “Qual é a área do Brooklin?” (bairro do Oswaldo Aranha), “Qual é a distância da escola até minha casa?” Quantos habitantes tem São Paulo hoje, e o meu bairro? Qual o índice de crescimento? Qual a densidade demográfica? (Lucilia Bechara)*

*Em Matemática, organizávamos Aulas Laboratório, em que se aprendiam novos conteúdos e novos instrumentos matemáticos para resolver as questões. Esse é um exemplo de como lidávamos com um tema (problema) gerador e os temas específicos das disciplinas. (Lucilia Bechara)*

Esméria Rovai relata, em sua entrevista, que os temas não eram escolhidos aleatoriamente, eram pensados e relacionavam-se a problemas significativos, ligados ao contexto histórico, geográfico, social e/ou político desses alunos. Não tinham apenas o objetivo de ser do “interesse” dos alunos: não se tratava de uma escolha “superficial”, pois,

*para serem atingidos aqueles conceitos contidos no núcleo do currículo, os problemas propostos para a análise dos alunos devem ser de real interesse, de grande atualidade e devem ter, entre si, uma íntima relação, de modo que cada um deles seja, de certa forma, suscitado pelo anterior e se abra num outro mais amplo. (SEV, 1969, p. 14)*

As ressalvas feitas por Esméria Rovai em nossa entrevista surgem também destacadas por Lucilia Bechara, ou seja, eram consideradas nas aulas de Matemática também:

*E mais, um problema que é do adulto ou do professor pode não ser um problema para o aluno. Tem que ser gerado também pelo aluno que se acreditava ser protagonista da sua aprendizagem. Isso é uma coisa que eu aprendi no Vocacional: o aluno tem que ser sujeito da sua aprendizagem. Uma questão muito forte no Vocacional era a do desejo de aprender: a motivação, segundo os comportamentalistas e o desejo, segundo os psicanalistas: tenho que querer aprender, tenho que ter paixão pelo conhecimento.(Lucília Bechara)*

*As questões levantadas exigiam buscar ferramentas matemáticas conhecidas ou desenvolver uma competência matemática para responder aos problemas. É essa interação da qual eu falo. Não é verdade que “eu conheço a matemática e então eu aplico” ou “eu preciso resolver um problema e então vou construir os instrumentos”. (Lucília Bechara)*

Lucília Bechara considera que a aprendizagem da Matemática se dá por meio de uma construção dos conhecimentos no processo dialético de resolução de determinados problemas, o aluno constrói o conhecimento e aprende ao criar instrumentos matemáticos para a solução do mesmo. Em outros momentos observamos a concepção de que a construção do conhecimento matemático se dava por duas vias: “aprendo e aplico”; “aplico e aprendo” num processo que envolvia situações cada vez mais complexas. Assim o conhecimento matemático (e outros) iria se construindo e ampliando num processo educativo que se pretendia integrado com as demais disciplinas e os Estudos do Meio sendo norteados, muitas vezes, por um problema gerador.

Baseado em pressupostos como a não linearidade, a “integração das áreas dos currículos ou das ‘matérias’ transformou-se num princípio fundamental do processo educativo e, em vista disso, trabalha-se, no Ginásio Vocacional, pelo processo de Unidades Pedagógicas.” (SEV, 1969, p.04)

O documento do SEV vai explicitar as bases segundo as quais esta atividade, a ser seguida por toda equipe Vocacional, se sustentava, baseada em teóricos como Piaget:

O aprendizado não está ligado apenas à modificação da conduta exterior, mas conforme Piaget, a forma exterior de agir deve corresponder a uma modificação do pensamento e é preciso considerar o processo pelo qual se organiza o pensamento. O aprendizado deve ser assimilado, portanto, e incorporado a um esquema, a uma totalidade organizada, cujos elementos internos correspondem-se mútua e necessariamente. A ação didática consiste em provocar as operações que mobilizem os esquemas assimilatórios, levando ao início de reações sempre mais complexas. Então, na estrutura do processo de aprendizagem, a integração se impõe como uma exigência psicológica do ser que aprende. O sujeito que aprende elabora, amplia e aprofunda sua experiência, tornando-a capaz de ir percebendo a complexidade da natureza, para apreendê-la em seu todo.

Desse modo, o desencadeamento de um processo educativo integrado se faz através da Unidade Pedagógica que, proposta sob a forma de um problema ou uma questão, vai gerar desequilíbrio interno e estimula o pensamento na busca de um novo equilíbrio, através das operações que desencadeia. (SEV, 1969, p. 15)

Fundados nesses pressupostos teóricos que orientavam as práticas no Vocacional, os denominados Problemas Geradores e as Unidades Pedagógicas exigiriam que os conteúdos perpassassem todas as disciplinas do currículo num processo de integração de áreas. A Matemática, apesar das dificuldades apontadas por Antonio Pedro Zago, deveria, como as demais disciplinas, integrar-se ao tema proposto, criando estratégias que poderiam resolver ou ajudar a compreender determinados problemas e questionamentos que surgiam na busca por respostas. Na sala de aula de Matemática mobilizavam-se os conceitos em busca de compreensões e aprendizagens que diziam de um tema comum em variadas representações. As disciplinas e seus respectivos conteúdos dirigiam-se e circulavam em torno deste tema, mobilizando questões, pesquisas e a consequente formação de conceitos cada vez mais complexos. A compartimentalização das disciplinas era meta a ser superada.

Propostas e exemplos nesta direção são narrados por Lucília Bechara:

*Entrevistavam os avós, os pais, vizinhos etc sobre o que sabiam e quais suas posições e traziam dados do seu ambiente. Levantou-se em aula a questão do Sputnik e os alunos assistiram a um filme, surgindo a curiosidade de como se lança um foguete.*

*O conhecimento ia se construindo e ampliando com a integração entre as áreas. Por exemplo, o professor de Ciências tratava de aceleração da gravidade e atração dos corpos no lançamento de um projétil: a força da gravidade o faz cair, mas se se põe muita força, o projétil pode sair da ação da gravidade e girar, atraído por outros corpos. A partir daí, abria-se, em matemática, espaço para falar de geometrias não Euclidianas, particularmente a geometria de Riemann e levantava-se a questão: "O que seria um segmento de reta na superfície da terra? Depois de muita discussão, os alunos concluíam que quando eu desenho no chão, estou desenhando numa superfície "curva", mas a vemos como uma superfície plana. (Lucília Bechara)*

Ao investigar fontes variadas encontramos traços que nos dizem da dificuldade que a área de Matemática tinha para se adequar e trabalhar seus conteúdos conectados às Unidades Pedagógicas.

A integração ainda constitui problema da área de matemática. A integração depende diretamente da cultura humanística e os professores de matemática recebem formação exclusivamente técnica nas universidades. Podemos observar evolução, embora muito aquém da que se pretende. Os planejamentos (anexo...) de 1962 e 1964 do mesmo professor de Batatais

nos permite perceber a evolução. Comparando o levantamento feito em outubro de 1965 (anexo...) e o relatório de uma reunião de planejamento realizada em 6/1966 podemos também perceber como a integração começa a ser, percebida com alguma profundidade e planejada com objetividade. É muito comum encontrarmos integração nos planejamentos, mas – não realizadas, é também comum encontrarmos a integração alienada do conteúdo específico. (CEDIC-SEV, [1970], p. 42)

Nos depoimentos e documentos percebe-se que os professores de Matemática tanto quanto os demais, sentiam muita dificuldade, principalmente nos primeiros anos de atividades no Vocacional, em desenvolver a almejada integração de áreas, a começar pelos Estudos do Meio.

O Estudo do Meio é uma técnica ainda pouco explorada na área de Matemática. O professor de matemática tem enfrentado problemas, alguns atingem diretamente o seu trabalho em grupo, integração; outros impedem um aprofundamento horizontal e vertical como é o caso do estudo do meio e atualidades./.../ Raramente encontramos nos planejamentos e relatórios de 1962 e 1963 o aproveitamento do Estudo do Meio pela área de Matemática. (CEDIC-SEV, [1970], p.42)

*Eu sentia dificuldade em termos de conteúdo, e eles recomendavam que não forçasse a integração com, digamos, probleminhas chochos só para dizer que foi integração. Então a gente evitava mesmo, sem distorcer... Claro, houve casos, por exemplo, na área de Práticas Comerciais, eles levantavam, digamos, alguns dados sobre cooperativas que existiam no Estado de São Paulo. Levantavam uma série de dados. Então a gente aproveitava na área de Matemática, se estivesse trabalhando com gráficos, fazíamos os gráficos daqueles dados. Então, de vez em quando, havia essa possibilidade de integração de conteúdo. Agora, existiam áreas, por exemplo, que tinham uma facilidade enorme de fazer integração, mesmo de conteúdos. (Antonio Pedro Zago)*

Antonio Pedro Zago, contratado a partir de 1966 para atuar na unidade de São Paulo, e Berenice Simoni Mendoza relatam o problema de integração de forma moderada. Não relatam entraves ou situações conflitantes quando se referem à integração. Ao contrário do que encontramos nos documentos analisados, eles percebiam as dificuldades, mas não viam a integração como um entrave: entendiam as dificuldades como parte do processo de aprendizagem do professor no Vocacional.

Lucilia Bechara, por outro lado, estando no cargo de supervisão, elaboração, organização e avaliação dos materiais e práticas produzidas, manteve-se, de certa forma, mais distante da prática efetiva dessas situações ou, ainda, por ter um histórico de formação significativo e diferenciado em relação aos demais professores de Matemática (entrevistados) e ser ao mesmo tempo propulsora dessas práticas, participava, elaborava e aplicava cursos, frequentava e apresentava resultados e

pesquisas em congressos científicos, estudava os materiais “de ponta” (livros franceses, americanos...), envolveu-se de forma pioneira com o Movimento da Matemática Moderna, participou do curso preparatório dos Vocacionais, foi professora no GV Oswaldo Aranha desde a primeira turma. Assim, Lucília Bechara não destaca a integração como um problema, mas como uma meta. Esses aspectos de diferenciação entre os professores não podem ser descartados.

Nota-se que apesar da multiplicidade de problemas e dificuldades particulares e específicos, cada unidade foi ao longo do tempo criando estratégias. Professores de matemática buscam superar os entraves em relação à integração por meio de uma das principais estratégias didático-pedagógicas dos Vocacionais: o Estudo do Meio<sup>67</sup>.

As viagens para esses Estudos do Meio, como vimos, também eram organizadas atreladas aos temas/problemas, das Unidades Pedagógicas. Os professores de Matemática, como os das demais disciplinas, acompanhavam os alunos e eram requisitados a se integrarem e integrar a Matemática nestes estudos de alguma forma.

*Bom, existiam os Estudos do Meio, grandes no qual todos os professores iam e aproveitavam o que fosse possível do estudo para sua área. Depois eu posso até falar melhor sobre isso, mas se não houvesse um aproveitamento direto em termos de conteúdo do Estudo do Meio, nós estávamos ali trabalhando juntos dentro de objetivos comuns do Ensino Vocacional. Então, por exemplo, na integração matemática eu sentia muita dificuldade, integração de conteúdo eu sentia dificuldade, não sei, talvez por inexperiência, eu nunca tinha feito um tipo de ensino como esse, mas eu sentia um pouquinho de dificuldade, sim, para fazer a integração de conteúdos. Era pedido sempre que possível integrar os conhecimentos. Se Estudos Sociais estava falando sobre o Estado de São Paulo, então Matemática tinha que escolher temas relativos a algum aspecto do Estado de São Paulo que fosse ligado à área de Estudos Sociais. Então em Matemática tinha essa integração, digamos assim, era uma área de conhecimento geral que trabalhava dentro das propostas gerais do Ensino Vocacional. Essa era a linha de integração que a gente fazia tranquilamente em termos de objetivos, em termos de atitude, em termos de conceitos. Alguns conceitos fundamentais eram trabalhados e sempre que a Matemática pudesse, também trabalhava. (Antonio Pedro Zago)*

Percebe-se um esforço contínuo do professor em procurar a integração com a Matemática. Muitas vezes isto poderia, como ele diz, parecer forçado, mas era preciso inserir novas práticas e fazer tentativas para que se mobilizassem os pressupostos teóricos na sua prática efetiva. Isto era um trabalho nada simples, que

---

<sup>67</sup> O Estudo do Meio é a técnica na qual a integração pretendia encontrar sua máxima realização.



exigia muito dos professores (exigia que saíssem do que podemos chamar de zona de conforto), daí a dificuldade relatada por Zago e identificada em Neves (2010).

Percebemos que a Estatística será requisitada com certa frequência, sendo uma das formas de apresentar e representar a Matemática nas técnicas e atividades propostas (como o Estudo do Meio).

Vejamos uma descrição de Balzan (2015) na qual a Matemática esteve presente numa de suas vertentes, a Estatística, que parecia ser uma ferramenta mais imediata, ao menos no que tange às aplicações da área de Matemática nos Estudos do Meio. Esta descrição sugere algumas superações aos entraves iniciais impostos pela integração de áreas:

Vamos assistir a uma aula... Matemática? 5ª série?<sup>68</sup> Os alunos trabalham em equipes, uns fazendo tabulações e outros mais adiantados, elaboram gráficos. A professora observa e auxilia, quando necessário, cada uma das equipes. Trata-se da penúltima fase de um trabalho que faz parte do tema desse bimestre desenvolvido pelas três classes de 5ª série: Qual a área de influência de Americana sobre as cidades próximas? Para onde os habitantes de Americana se dirigem a fim de realizar atividades que aqui não encontram?

Para que esses gráficos? O que as perguntas acima têm a ver com Matemática?

Durante mais de um mês, ao mesmo tempo em que as aulas se desenvolviam regularmente, os meninos e meninas desta série realizaram visitas junto a casas de comércio - farmácias, pequenas, médias e grandes lojas -, indústrias, posto telefônico, mercado municipal, escolas e hospital, entrevistando os principais responsáveis por esta grande variedade de estabelecimentos. [...] Os resultados coletados foram sendo agrupados por categorias e comparados pelos alunos das três classes de 5ª série.

Já haviam feito a tabulação dos dados e descoberto que em termos de relações de dependência de outros municípios com Americana, os municípios de Santa Bárbara d'Oeste e Nova Odessa detinham 75% do total, vindo a seguir, com 20%, Sumaré. Além destes, com percentuais mais baixos vinham Iracemápolis, Artur Nogueira, Cosmópolis e outros. (BALZAN, 2015, p. 50-51)

Os resultados e observações realizadas nestes estudos deveriam dialogar com os temas e objetivos do projeto discutido e no qual estavam envolvidos. Os alunos eram incentivados a desenvolverem o conhecimento matemático ao observarem a realidade; faziam anotações com informações que gerassem relatórios no qual apresentavam gráficos, tabelas e/ou outras medidas estatísticas que, posteriormente, eram descritas, analisadas, sintetizadas e expostas, inicialmente, em pequenos grupos, em sala de aula, e, posteriormente apresentadas em variados

---

<sup>68</sup> A 5ª Série a que o autor se refere corresponde ao 1º. Ano do ginásial à época e 6º. Ano nas diretrizes atuais.

momentos que culminavam com a Aula Síntese<sup>69</sup> - assembleias que envolviam pais, alunos, professores, orientadores e direção. Havia um compartilhamento dos resultados. Todos deveriam conhecer e ver o que o outro aprendeu. Ou seja, mesmo que não conhecessem fisicamente um determinado local, conheciam e aprendiam sobre aquele lugar ou tema com os seus colegas que realizaram o estudo e disponibilizavam suas impressões em materiais confeccionados e organizados para essa apresentação. Os trabalhos eram divulgados nas Aulas Síntese, e arquivados. Estas pesquisas geravam material de consulta para outros alunos de outras séries atuais e futuras. Elaboravam, dessa forma, muitos materiais didáticos de circulação interna à escola. Posteriormente, inclusive, por isso, também os Ginásios Vocacionais serão acusados de gastos excessivos com papel, segundo entrevistas de Maria Nilde Mascellani, por exemplo, ao Jornal de Americana.

A integração da Matemática como meta encontra suas aplicações nos Estudos do Meio e nas disciplinas práticas do currículo. Assim, identificamos e destacamos, também nos depoimentos, variadas situações nas quais ocorria a integração da Matemática com outras disciplinas do currículo:

Em Práticas Comerciais, por exemplo:

*Quando íamos a uma aula de Práticas Comerciais, por exemplo, onde os alunos faziam planilha de gastos, com receitas e despesas, discutíamos com os alunos a utilização dos números naturais, racionais e as diferentes formas de representar com frações e decimais. Discutíamos o porquê de duas casas decimais na representação da moeda, assim como o sentido da estrutura ensinada, a utilização e o exercício para fixação. (Lucilia Bechara)*

Em Educação Doméstica:

*Um quilo de arroz dá para quantas pessoas?" Era feito um planejamento. Na minha lembrança talvez, fosse mais, nas aulas de Educação Doméstica porque aprendíamos a fazer cardápio e, o que eu chamaria hoje, de um controle de gasto mensal das famílias. "O seu pai ganha quanto?" "Tanto." "Sua mãe trabalha?" "Trabalha." "Ganham quanto?" "Que porcentagem do salário gastam com alimentação, aluguel, água, energia, etc..." A gente fazia*

---

<sup>69</sup> As denominadas Aulas Síntese, em geral, consistiam na síntese de um estudo e acontecia no pátio ou no refeitório da escola, onde todos os alunos de uma série se reuniam para uma apresentação desta síntese dos dados levantados e organizados, elaborada por uma das séries. Ao "término do ano letivo, a síntese final era uma espécie de coroamento das sínteses bimestrais (ROVAI; KAWASHITA, 2005, p. 94). Muitas vezes havia, inclusive, a participação de pais, como afirma Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá, "os pais gostavam muito de ir à escola ver as produções escolares de seus filhos", além de passarem a ter conhecimento do que seus filhos estavam estudando e aprendendo no Vocacional. Vale ressaltar que esta era uma experiência educacional nova e os pais tinham certa apreensão em relação ao que seus filhos aprendiam ali, afinal havia sempre a comparação com os ginásios comuns e tradicionais à época.

*esses cálculos. Tinha ligação com a Matemática? Sim, claro que tinha!”  
(Luigy)*

#### Em Práticas Industriais:

*Em Artes Industriais, por exemplo, eu tinha ângulo, eu tinha geometria, e eu trazia da aula de matemática. Por exemplo, o professor Milton<sup>70</sup>, de Artes Industriais trabalhava com a gente. Uma vez, os alunos tinham que fazer um projeto de um limpador de pé, de raspar o pé. Eram barrinhas de ferro que tinham que ser perfuradas. As barrinhas ficariam todas em pé, ali você ia raspar o pé. Você tinha que fazer um furo que passava por todos eles e colocar um eixo que ia segurar em pé aquela coisa, para isso tinha um anel que ia entre uma barrinha e outra, o anel que é o espaçador para manter a distância, e tínhamos que fazer o cálculo do ângulo que ia fazer a curva da... Então precisava do ângulo, daí eu buscava na matemática a noção do ângulo. (Eduardo Amos)*

#### Em Educação Física:

*Quando começamos a trabalhar a Geometria das Transformações, me integrei com a Educação Física nos movimentos de rotação e translação e fazíamos atividades com o corpo para o aluno entender o que é simetria. (Lucilia Bechara)*

Ao tematizar como se dava a integração de áreas com a Matemática, entretanto, devemos ressaltar que esse assunto não surge, nas entrevistas de modo destacado, nem espontâneo. Os depoimentos, mesmo quando se trata de professores de Matemática (Lucilia Bechara, Berenice Mendoza e Antonio Pedro Zago), vão tratar desses temas apenas quando instigados por perguntas específicas. Isso pode indicar que a Matemática, na experiência dos Vocacionais, era participante, mas não protagonista, ou seja, não exercia papel central na sua estrutura pedagógica. Era da disciplina “Estudos Sociais” esse protagonismo. Não identificamos um *status* diferenciado à Matemática. Por outro lado, se a Matemática não tinha um papel de destaque, era, sim, considerada tão relevante no conjunto da programação curricular como qualquer outra disciplina nos Vocacionais. Antonio Pedro Zago fala que aulas de Música eram tão relevantes quanto as de Matemática, Educação Doméstica, Artes ou Educação Física.

Observa, neste sentido, algo como que uma subversão: Artes Industriais e Práticas Comerciais aparecem com ênfase no discurso de professores e alunos, mas não se atribui um valor à disciplina Matemática desvinculada dessas práticas. Atribuía-se valor à Matemática como uma ferramenta para aprendizagens nas

---

<sup>70</sup> Professor Milton Eduardo Malavassi de Artes Industriais.

disciplinas práticas e para a compreensão de aspectos da realidade investigada a partir de problemas geradores e Estudos do Meio.

*O Vocacional trabalhava com círculos concêntricos de aprendizagem, assim, na 1ª série ginasial, localizando no mapa o bairro ou vendo no bairro as ruas, associam-se, em matemática, os paralelos e meridianos. Na 2ª série, quando se vai estudar os números negativos, os paralelos e meridianos da localização são retomados para ensinar as coordenadas cartesianas. Assim as questões são recorrentes e ampliadas. (Lucilia Bechara)*

*A Guerra Fria, por exemplo, foi o tema gerador, na 3ª série se não me engano. Então, tínhamos que pensar em aplicar conceitos já conhecidos: medidas, localização (de mísseis), formas geométricas planas e espaciais e ao mesmo tempo tínhamos que elaborar ideias novas como: trajetórias, trajetórias parabólicas ou elípticas dos mísseis. (Lucilia Bechara)*

Outra dificuldade detectada no documento (CEDIC-SEV, [1970]), para atingir os objetivos propostos pela escola refere-se à seleção de conteúdos pelos professores, principalmente pelos professores mais novos.

A seleção dos conteúdos (como até hoje ocorre com o professor novo admitido sem Curso de Treinamento<sup>71</sup>) à seriação dos programas tradicionais. Analisando os planejamentos de 1962, de Batatais e de São Paulo podemos observar que o primeiro é estruturado nos moldes do programa oficial (anexo...) e o segundo é difuso e sem unidade (anexo...). Aliás, este fenômeno ocorre normalmente: entre os professores novos podemos observar dois tipos: - os conservadores que selecionam um conteúdo correspondente aos dos programas oficiais e que com o amadurecimento conseguem ir se desamarrando, e os elementos com tendência renovadora que fazem uma seleção muito teórica, visando – conceitos e estruturas, e que, também amadurecidos conseguem equilibrar os dois aspectos. Assim em 1963 (anexos...) podemos observar o planejamento do mesmo professor de Batatais (conservador) mais livre dos programas tradicionais e o do professor de São Paulo mais equilibrado. No planejamento de fevereiro de 1965 conseguimos organizar pela primeira vez um planejamento geral de conteúdos específicos para as quatro séries (anexo...) (CEDIC-SEV, [1970], p. 40)

Vale dizer que, em 1966, formava-se a primeira turma nos Ginásios Vocacionais de São Paulo, Americana e Batatais – estudantes dos anos de 1962 a 1965 - daí esta avaliação, expressa neste documento, conter informações relevantes com dados comparativos e evolutivos da experiência Vocacional nesta primeira etapa.

---

<sup>71</sup> Como já salientamos, apesar de intensamente estar registrada a existência de um curso de treinamento e seleção dos professores que ingressavam no Vocacional, percebemos que muitos deles passaram apenas por uma entrevista para em seguida, serem admitidos, dada a urgência de contratação docente no período. Assim, a sensibilização à proposta iria acontecer, se acontecesse, na prática.

Observa-se que parte dos professores apresentava, em alguma etapa do trabalho no Ginásio Vocacional, problemas de disciplina e dificuldades de liderança da classe, resultado, segundo a avaliação do relatório analisado, da ineficiência da aplicação das técnicas pedagógicas. Estas eram então consideradas inadequadas, ou acima das possibilidades da turma, ou sem objetivos, ou não graduadas, ou situações-problema pobres. (CEDIC-SEV, [1970], p.41)

Os professores nos dizem que, em geral, não tinham problemas significativos de indisciplina com alunos, e que, quando havia, a equipe pedagógica agia em conjunto dando suporte ao professor e também ao aluno que apresentava dificuldades de comportamento, de acordo com os preceitos do vocacional.

No documento do Cedic há, ainda, críticas relacionadas à aplicação das Baterias. As falhas apontadas se referem novamente às dificuldades do professor com menor tempo de atividades no Vocacional em relação àquele que atuava há mais tempo.

Podemos observar nos anexos... e... que são duas baterias sobre Divisibilidade de Rio Claro e Batatais, a primeira é de um professor novo na rede e a outra de um professor que exerce seu 5º. ano de atividade. A primeira não possibilita conclusões, estabelecimento de relações e uma resenha de nomes e fatos, enquanto que a segunda são situações que exploradas em aula oferecem fonte estimuladora para estabelecimento de relações e percepção de conceitos. Anexamos também as baterias correspondente aos anexos... ambas sobre razões proporções e podemos fazer as mesmas considerações – feitas anteriormente. Os anexos permitem perceber o que é uma atividade motivadora rica e organizada, e uma atividade pobre e desorganizada. Os professores novos conseguem hoje, graças às experiências dos veteranos dominar com maior rapidez as técnicas [...] (CEDIC-SEV, [1970], p.41)

Nota-se, aí, a dinâmica própria do processo evolutivo pelo qual passava o professor ingressante no Vocacional que, tendo uma formação tecnicista na universidade, deveria adequar-se a técnicas de ensino não familiares a ele, e a uma sala de aula na qual não bastava o conhecimento, mas que exigia um conjunto de outras características que, via de regra, não foram oferecidas em sua graduação ou no exercício da docência em outras instituições. Esperava-se que os professores que passassem pelo Curso de Treinamento tratassem as dificuldades, possivelmente, com mais tranquilidade e facilidade, ao menos no que tange ao entendimento da proposta pedagógica como um todo. Os contratados que não frequentaram o curso para a admissão aprenderiam nas efetivas práticas escolares com os orientadores e com professores mais “antigos”. A atuação em sala de aula,

somada às reuniões semanais nas quais planejavam, discutiam, estudavam e analisavam problemas, ajudavam os professores novos e, aos poucos, como o próprio relatório e depoimentos indicam, eles se adequavam e criavam estratégias “em serviço”, num aprender contínuo ao, inclusive, avaliarem e serem avaliados constantemente.

Nossos depoentes relatam que se reuniam aos sábados para estudos, e viajavam nos meses de dezembro e julho para reuniões de planejamento em São Paulo. A Profa. Berenice Mendoza nos conta que além das palestras, dos cursos e reuniões, realizavam atividades planejadas em grupos, por área (ou não), e ainda contavam com atividades culturais: assistiam peças de teatro e outras atividades culturais recomendadas: “*não eram momentos cansativos seguidos de palestras intermináveis*”. O professor José Ângelo Pompeo lembra-se de que convidavam pesquisadores e educadores de renome para ministrarem cursos e palestras aos professores.

No documento sobre a Matemática nos Vocacionais percebemos ainda um cuidado na descrição de pormenores, um esmero na exposição dos detalhes das vivências escolares. O relatório descreve dificuldades, sucessos e insucessos nas atividades planejadas, propostas e efetivadas no cotidiano do Vocacional. Com essa ressalva destacamos o processo contínuo de avaliação e a crítica da prática pedagógica do Sistema Vocacional, que refletem uma seriedade e uma preocupação com o processo e a verificação do grau de compromisso e adesão à proposta. Ao procurar expor tanto erros como acertos, entraves e dificuldades; ao evidenciar particularidades do processo educativo; ao problematizar os diferentes resultados advindos das aplicações das técnicas pedagógicas e, ainda, ao expor num documento uma síntese dos diferentes caminhos percorridos pela equipe escolar nas unidades, constatamos esse compromisso, preocupação e controle.

O papel dos responsáveis e/ou da equipe em cuidar deste processo, tanto no que se refere aos conteúdos matemáticos trabalhados, como também, e principalmente, à adequação/acomodação à proposta pedagógica, evidencia-se na avaliação pormenorizada da forma com que os conteúdos eram estruturados, trabalhados e levados aos alunos, numa efetiva apreensão com os processos de ensino e aprendizagem da Matemática que deveriam estar relacionados e integrados às demais disciplinas e aos propósitos da escola. Essa parece ser uma

das faces da Educação Matemática desenvolvida, na década de sessenta, nesses espaços.

## 5.2 DIVULGAÇÃO DOS ENSAIOS EM MEIOS ACADÊMICOS

Foi esse mito que Nietzsche começou a demolir ao mostrar, em numerosos textos já citados, que por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder. O poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber. (FOUCAULT, 2002, p. 51)

Tratando-se de uma experiência educacional a ser avaliada, destaca-se no Vocacional a preocupação com a análise das práticas e os seus respectivos registros bem como uma preocupação com a divulgação das técnicas e experiências realizadas. Havia, nesta direção, acreditamos, um incentivo à produção de artigos e à participação dos profissionais do Vocacional em congressos, resultando, além de divulgação, atualização, engajamento, parcerias e discussões.

Sabe-se que o SEV preparou-se para a divulgação efetiva de suas atividades quando tivesse uma primeira avaliação julgada mais panorâmica, ou seja, com as primeiras turmas concluintes. Em 1965, portanto, ficam disponíveis dados mais concretos, daí a apresentação destes resultados e materiais a partir desta data.

As professoras Lucilia Bechara e Elza Babá Akama<sup>72</sup> apresentam trabalhos científicos em que expunham os resultados das análises e reflexões sobre as práticas e estudos que realizavam nos Ginásios Vocacionais. Além do compartilhamento interno, usual às práticas dessas escolas, buscavam compartilhar ideias, teorias e conceitos com o público externo, por meio da sistematização e produção científica dos processos vividos na experiência de sala de aula e posteriormente analisados.

As autoras, após discutirem os conteúdos e metodologias da Matemática, frisam que os resultados são parciais, são descrições das experiências realizadas nos quatro anos de funcionamento do Vocacional:

O que apresentamos aqui são ensaios válidos para atingir metas de educação bem definidas, não são resultados prontos que se entregam ao consumo; trata-se de verdadeira luta com recuos e avanços novos, uma pesquisa constante onde até os erros se incluem como marcos na procura da verdade.

Na experiência de Geometria realizada nos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo desenvolvemos conceitos novos de Geometria e aplicamos técnicas pedagógicas renovadas. (BECHARA; AKAMA, 1966, p. 38-39)

---

<sup>72</sup> Elza Babá Akama foi professora de matemática no Ginásio Vocacional de São Paulo.

Nos Anais do 5º Congresso Brasileiro de Ensino de Matemática, realizado em São José dos Campos-SP, em 1966, as professoras de Matemática Lucília Bechara e Elza Akama descrevem os conteúdos de Geometria abordados nos Ginásios Vocacionais Estaduais como sendo um misto de Renovação Pedagógica e Matemática Moderna, e fazem “um resumo das idéias mais importantes para um professor que pretende[sse] reformular seu esquema de Geometria no Curso Ginásial.” (BECHARA; AKAMA, 1966, p. 40) Explicitam, em seguida, neste artigo, ideias e conceitos relativos aos seguintes tópicos: distância de pontos; abertura de ângulos; transformações geométricas; congruência; homotetia; semelhança e relações trigonométricas.

Estes resultados divulgavam as experiências e davam indicações das novas propostas pedagógicas que, trabalhadas no ensino Vocacional, poderiam servir de apoio para outros professores na sua prática escolar.

Os relatos da professora Lucília Bechara e demais depoentes, como também o acesso aos documentos são relevantes, em seu conjunto, pois nos possibilitam ampliar nossas compreensões acerca do ensino e aprendizagem da Matemática, principalmente numa instituição como o Vocacional que, aparentemente, assume as transformações e as então novas tendências para o ensino de Matemática no estado.

### **5.3 ENFRENTAMENTOS DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA**

O tempo, o tempo, esse algoz às vezes suave, às vezes mais terrível, demônio absoluto conferindo qualidade as coisas, é ele ainda hoje e sempre quem decide e por isso a quem me curvo cheio de medo e erguido em suspense me perguntando qual o momento, o momento preciso da transposição? Que instante, que instante terrível é esse que marca o salto? Que massa de vento, que fundo de espaço concorrem para levar ao limite? O limite em que as coisas já desprovidas de vibração deixam de ser simplesmente vida na corrente do dia-a-dia para ser vida nos subterrâneos da memória [...] (NASSAR, 1989, p.97)

Percebemos as dificuldades do professor no seu processo de “amadurecimento” frente a propostas renovadoras do Ensino Vocacional e à Matemática Moderna. Havia um desafio significativo, como vimos, para aquele professor de Matemática, egresso, em geral, do ensino tecnicista e clássico da universidade em que se diplomou, para atuar numa instituição que se pretendia diferenciada e cobrava essa diferenciação do seu corpo docente, constantemente



avaliado. Apontam que procuravam sanar tais dificuldades a começar pela seleção do profissional nos cursos de treinamento: procuravam um profissional com características específicas, como por exemplo, “*ser aberto às mudanças*”. No decorrer do processo e atuação do Vocacional os docentes eram levados a conhecer e se sensibilizar, nem sempre com êxito, à proposta pedagógica.

Os professores de Matemática enfrentam dificuldades nas aplicações dos conceitos e técnicas de Estudo Dirigido e de Trabalho em Grupo, pois estas exigiam amadurecimento, o que, se esperava, viria com a prática das técnicas no cotidiano do Vocacional.

Portanto, do profissional via de regra formado segundo moldes tradicionais exigiam-se posturas interdisciplinares e a efetivação dessas posturas no cotidiano das salas de aula a partir de temas de natureza social. Tanto quanto as dificuldades com a nova abordagem dada à matemática, sobressaem nos discursos as dificuldades em relação às metodologias e técnicas empregadas.

Sinais de uma prática da formação em serviço atravessavam outras instâncias: a da formação integral do professor, não aquela que diz apenas da formação dos conteúdos e metodologias de sua área de atuação. Nos depoimentos encontramos vários desses sinais: Lucília Bechara, por exemplo, nos conta que foi levada a questionar conceitos como o que seria um “bom aluno”, e, nesse movimento, reavaliar concepções acerca de ensino e aprendizagem, e conseqüentemente as formas de avaliação. Na prerrogativa por uma avaliação integral do aluno será “obrigada” a perceber e a ponderar, para a aprovação e reprovação, habilidades e competências até então não consideradas:

*No Conselho de Classe, olhávamos o aluno como um todo nas diferentes áreas. Lembro-me de um aluno que tirou B, apesar das competências acadêmicas serem A, porque não colaborava com o grupo e gostava de desfazer da competência dos colegas; a competência pesava tanto quanto a interação. Aprendi no Vocacional a olhar os alunos de forma integral, alunos que na minha área eram um brilho e nas outras áreas não. Aprendi a lidar com a diversidade, apesar de ser muito exigente. (Lucília Bechara)*

Visa-se tanto o aluno com bom rendimento em Matemática e que ficava a desejar em outras competências (aspectos de formação enquanto pessoa, cidadão atuante em sociedade) quanto aquele com dificuldades em Matemática, mas que se destacava em outras áreas e competências.

*Nos Conselhos de Classe do Vocacional, aprendi a lidar com a diversidade, a ser menos dura com aluno fraco em Matemática, a ser menos*

*entusiasmada com aluno ótimo. Um dos valores dos Vocacionais era cuidar da formação integral do sujeito que muito se fala e pouco se aplica: olhar o aluno integralmente. A retenção (nós assim chamávamos a reprovação) acontecia quando avaliávamos ser melhor para o aluno mais tempo para aprender e se relacionar ou se precisava de um grupo no qual interagisse mais. Diferentemente de outras escolas, à época, a reprovação era mínima, o que financeiramente compensava para o Estado. Era um argumento para justificar o gasto financeiro do Projeto, era a contrapartida: gastava-se mais no Vocacional, mas o rendimento era maior, portanto economizava-se por outro lado. (Lucília Bechara)*

#### **5.4 QUAL MATEMÁTICA? UM MISTO DE TENDÊNCIAS MATEMÁTICAS: matemática tradicional e formalista, matemática moderna e tendências de ensino escalonovistas**

Se a matemática moderna não produziu os resultados pretendidos, o movimento serviu para desmistificar muito do que se fazia no ensino da matemática e mudar – sem dúvida, para melhor - o estilo das aulas e das provas e para introduzir muitas coisas novas, sobretudo da linguagem moderna dos conjuntos. Claro, houve exageros e incompetência, como em todas as inovações. Mas o saldo foi altamente positivo. Isso se passou, com essas mesmas características, em todo o mundo. (D'Ambrósio, 2012, p.53)

No que diz respeito à Matemática, vimos que, à época, chegava às escolas a Matemática Moderna, manifestada em conteúdos novos como a Teoria dos Conjuntos, impondo técnicas e conceitos que também eram novidades a esses professores. Eles deveriam, portanto, abandonar a Matemática tradicional<sup>73</sup> e abraçar uma Matemática nova, mas não só: ao mesmo tempo, essa Matemática seria discutida, em sala de aula, segundo perspectiva também nova a esse professor – a integração de áreas e outras técnicas de estudo.

Havia professores engajados no movimento da matemática moderna que participavam de experiências inovadoras mais amplas no âmbito de escolas secundárias e primárias. Entre essas experiências, mencionadas por Soares (2001), vale destacar o caso do Ginásio Vocacional do Brooklin (BURIGO, 1989). O ensino da matemática era aí orientado não apenas por objetivos próprios da disciplina, mas também por objetivos gerais da escola, como as “pesquisas de comunidade” (BECHARA, 1965). Segundo Ribeiro (1980), estavam presentes nessa experiência uma ênfase mais estritamente pedagógica, influenciada pelo escolanovismo, e uma tendência

---

<sup>73</sup> Até o final da década de 1950, a tendência que prevaleceu no ensino da Matemática no Brasil foi a formalista clássica. Caracteriza-se pela ênfase nas idéias e formas da Matemática clássica. Essa tendência baseava-se no "modelo euclidiano e na concepção platônica de Matemática", a qual se caracterizava pela sistematização lógica e pela visão estática, a-histórica e dogmática do conhecimento matemático, “como se existisse independente dos homens”. A principal finalidade do ensino da Matemática era o desenvolvimento do pensamento lógico-dedutivo. Nessa tendência, a aprendizagem era centrada no professor e no seu papel de transmissor e expositor do conteúdo, ou seja, o ensino era livresco e conteudista, a aprendizagem consistia na memorização e na repetição precisa de raciocínios e procedimentos ditados pelo professor e pelos livros. O papel dos alunos seria o de “copiar”, “repetir”, “reter” e “devolver” nas provas do mesmo modo que “recebeu”. A aprendizagem da matemática era privilégio de poucos e dos “bem dotados” intelectual e economicamente. (FIORENTINI, 1995, p. 5-8).

“pedagógico-filosófica” mais preocupada com a crítica do contexto social. Essa segunda vertente é descrita por Lucília Bechara como “[...] um nível mais político, mesmo, que era mobilizado muito pelo pessoal de história e geografia, a consciência de que esse processo não é só um processo pedagógico, ele é um processo mais amplo, ele é um processo político” (BURIGO, 2006, p.43-44)

Os Vocacionais, via de regra, considerados como modelo de ensino, praticaram uma Matemática à época considerada modelar, necessária e atual. Analisemos numa escala<sup>74</sup> reduzida este pressuposto.

Como personagens dessa história do ensino de Matemática no Vocacional temos alguns de nossos depoentes e outros que atuaram como precursores do ensino de Matemática Moderna no Brasil. Lucília Bechara será destaque nesse contexto: como vimos, fez o curso de treinamento e seleção para o Vocacional ao mesmo tempo em que fazia o curso de Matemática Moderna com George Springer.

*No primeiro semestre de 1961, li no Diário Oficial chamadas para dois cursos: o de Matemática Moderna que seria dado pelo professor George Springer<sup>75</sup> e o curso para formação e seleção de professores para os Vocacionais. Resolvi me inscrever nos dois. O de Matemática Moderna era no Mackenzie e o dos Vocacionais, no prédio do Instituto Caetano de Campos, na Praça da República. Fiquei num pensionato na Rua Maranhão, em Higienópolis e dali era fácil pegar o bonde até a Praça da República e ir a pé para o Mackenzie.*

**Eliza:** *Fazia os dois?*

**Lucília:** *Sim. O dos Vocacionais, à noite e o de Matemática Moderna, de manhã. Foi no Curso de Matemática Moderna que conheci os professores George Springer, Alésio de Caroli (professor de Teoria dos Conjuntos), Benedito Castrucci (professor de Geometria) e Jacy Monteiro (professor de Álgebra). Manhucia dizia que também o Catunda estava lá, mas eu não me lembro disto. Conheci o Catunda em Curso de férias na Maria Antônia, gostava muito dele. (Lucília Bechara)*

Vivi a década de sessenta no Vocacional – entrei no Vocacional em sessenta e um e saí de lá em sessenta e nove. Praticamente, toda essa minha trajetória vinculada ao GEEM, com experiência em teoria dos conjuntos, com a origem da Matemática Moderna no Brasil aconteceu quando eu estava vinculada ao Vocacional. Muitos dos meus trabalhos eram ligados à prática do Vocacional, porque fui professora do Ginásio Vocacional Osvaldo Aranha de São Paulo e Assessora de Matemática do

---

<sup>74</sup> Usamos o termo escala de acordo com Gomes (2014, p. 25). Segundo a autora, no projeto Mapeamento do Ghoem, acentuamos, logo de partida, “o caráter histórico do mapeamento, e cabe considerar, com Paul Ricoeur, o tipo de modificação verificado na associação entre variação de escalas e história. Para o autor, ‘não vemos as mesmas coisas maiores ou menores, em caracteres grandes e pequenos: vemos coisas diferentes’, e “não são os mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escala’, mas conexões que podem não se revelar em uma escala maior”.

<sup>75</sup> Em 1961, George Springer, da Universidade do Kansas, vem ao Brasil, a convite do Prof. Oswaldo Sangiorgi para ministrar um curso aos professores na Universidade Presbiteriana Mackenzie, na cidade de São Paulo. Nesse mesmo ano acontece o primeiro curso de Matemática Moderna, realizado pelo grupo de professores do Geem (Grupo de Estudos do Ensino de Matemática).

Serviço de Ensino Vocacional coordenando cinco unidades de Ensino.” (Depoimento de Lucilia Bechara, *apud* SILVA, 2006, p. 149-150)

As mudanças no Vocacional estavam em consonância, ou ainda, na dianteira dos discursos à época que expressavam, justificavam e propagavam a necessidade de mudanças no ensino da Matemática:

O discurso de renovação do ensino dialogava com as demandas de escolarização frustradas pela escassez de vagas e pelas reprovações. Quando vem a matemática moderna, você fala que todos podem aprender, que agora a matemática vai ficar mais compreensível. [...] Porque vem junto com um movimento de democratização, uma pressão de que as escolas têm que abrir suas portas. (LUCILIA BECHARA SANCHEZ, supervisora de matemática no Serviço de Ensino Vocacional de São Paulo e membro da diretoria do GEEM, depoimento oral, julho de 1988). O movimento prometia a superação de um ensino elitista e ineficaz, promovendo o interesse, a curiosidade e a aprendizagem. /.../ A matemática tradicional é um exagero de cálculos, cheia de problemas complicados, trabalhosos e fora da realidade, o que a torna uma matéria desagradável. A maioria dos estudantes sente dificuldades em aprendê-la, porque tudo é baseado em fórmulas, padrões e regras criadas antes de Cristo (SANGIORGI<sup>76</sup>, 1968, grifo nosso). A promessa de um ensino mais eficaz tinha um de seus principais pilares na correspondência apontada por Piaget (1955) entre as estruturas da inteligência e as “estruturas-mãe” do edifício matemático desenhado pelo grupo Bourbaki. Mas não estava limitada a esse argumento, exaustivamente enunciado. De um modo geral, os discursos de renovação do ensino contrapunham a compreensão de conceitos e de propriedades à “decoreba” e ao emprego rotineiro e mecânico das técnicas. (BURIGO, 2006, p. 42-43)

As condições históricas e a presença de Lucilia Bechara nesses espaços afetam diretamente as práticas e o conteúdo programático da área de Matemática no Sistema Vocacional.

A Matemática Moderna estava na imprensa. Escrita e televisionada. O GEEM, com patrocínio da Secretaria de Educação de São Paulo, organizou e produziu um curso de férias televisionado, em julho de 1964. A matemática moderna saía da sala de aula, da cabeça dos professores e alunos, e entrara nos lares de milhares de pessoas, relacionadas ou não, conhecedoras ou não, afetadas ou não com o movimento. O foco era a formação docente. Este foi o primeiro curso de matemática televisionado voltado para docentes que se tem notícia. A reportagem “Curso de Férias pela Televisão”, publicada pelo Diário de São Paulo no primeiro dia do mês de julho de 1964, apresenta a “grade” do curso. Foram ministradas aulas de Teoria dos Conjuntos e Lógica Matemática, sob responsabilidade de Benedito Castrucci e Osvaldo Sangiorgi, respectivamente. Lucília Bechara e Elza Babá foram responsáveis em apresentar as práticas modernas para o ginásio. Nessa época, ambas educadoras eram professoras do Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha. (FERNANDES, 2013, p. 07)

---

<sup>76</sup> Osvaldo Sangiorgi desempenha um papel significativo na Matemática desenvolvida nos Vocacionais, a observar pela textualização de Lucilia Bechara e outros documentos. Nota-se, por exemplo, o seu nome na programação do Curso “Matemática Moderna para Pais”, ocorrido no GV Oswaldo Aranha, em outubro de 1966.

Passado o curso e uma vez contratada, era momento de pensar no currículo de matemática. Lucília afirma que não houve interferência da direção do SEV para a inserção da Matemática Moderna. O necessário era seguir a filosofia de ensino. Como o colégio inaugurava suas séries com a formação, por parte dele, dos alunos, apenas a primeira série foi aberta em 1962, sendo portanto, Lucília a única professora de matemática da instituição neste ano. Podemos então creditar à Lucília Bechara a iniciativa direta pelo currículo de matemática no GEVOA e pelo planejamento do primeiro ano do ginasial. (FERNANDES, 2013, p. 13)

No Vocacional, como em outras instâncias, a Matemática Moderna vai se transformar e sofrer adaptações realizadas por seus diferentes profissionais atuando nas diferentes unidades.

*A Matemática Moderna foi adaptada e introduzida no ensino secundário, claro que com as devidas adequações. Pela visão que eu tenho da época, 68, 69, a Matemática Moderna já tinha sido introduzida desde o início no Vocacional. E a gente trabalhava essa Matemática Moderna. Embora abstrata, procurávamos concretizar... (Antonio Pedro Zago)*

*O que estava no auge era a Matemática Moderna. Trabalhávamos com Matemática Moderna sob a supervisão da Prof<sup>a</sup>. Lucilia Bechara. Trabalhávamos com conjuntos. Aquela parte toda da teoria dos conjuntos da matemática moderna, mas também não deixávamos de lado a parte tradicional. (Berenice Mendoza)*

Diante desse cenário, buscamos compreender como a Matemática Moderna se ajusta, sofre alterações, e adapta-se às propostas metodológicas e técnicas pedagógicas do Vocacional. Procuramos por particularidades nos depoimentos ao perseguir a questão: como a Matemática se manifesta no Vocacional?

Conteúdos e referenciais teóricos tradicionais e modernos seriam mobilizados nas salas de aula. Lucilia Bechara faz uma descrição da programação da área de Matemática nos Vocacionais ao mesmo tempo em que aponta formas como tais conteúdos relacionavam-se à metodologia proposta. Forma e conteúdo não se dissociam.

*A programação específica de Matemática levava em conta os conteúdos e competências esperados para o curso ginasial, à luz dos novos conceitos da Matemática Moderna.*

*No 1º ginasial ensinávamos: números racionais na forma de fração e na forma decimal, geometria e medidas planas. No 2º ginasial: números inteiros (negativos), equações de 1º grau e um pouco de geometria (segmentos de retas e figuras planas), no 3º ano: números racionais negativos, sistemas de equações, polinômios na parte de Álgebra, e a Geometria dedutiva, particularmente a congruência, no 4º ano: números reais, o pi, equações de 2º grau, geometria dedutiva, homotetia e semelhança.<sup>77</sup>*

*Estes conteúdos eram motivados pelos temas e/ou aplicados a eles e ensinados à luz dos novos conceitos da Matemática Moderna que estavam*

---

<sup>77</sup> Percebe-se que, na Matemática Moderna, no Ensino Vocacional, a Geometria não foi abandonada.

*chegando, à época, com a liderança do Prof. Osvaldo Sangiorgi<sup>78</sup> que acompanhou a experiência do Vocacional. Ele tinha a porta aberta para ver como trabalhávamos e teve a oportunidade de observar o que e como funcionava a Matemática Moderna na sala de aula. Nossa inspiração era Luciene Felix, os grupos americanos: SMSG<sup>79</sup> (forte fonte inspiradora), assim como o grupo de Max Bieberman e particularmente os trabalhos e pesquisas dos Irem<sup>80</sup>.*

*Buscávamos material fora do Brasil e nos perguntávamos: “Como faz o SMSG?” “Como os Irem fazem?”. Os trabalhos de Max Bieberman, do Irem e do SMSG eram fontes de referência. Do Brasil buscamos os trabalhos do Jacy Monteiro<sup>81</sup> e do Benedito Castrucci. Eu, particularmente, gostava também de consultar os livros russos de geometria e, principalmente, da geometria descritiva. Assim, íamos elaborando o material para uso dos alunos que era mimeografado dia-a-dia revisto e organizado ano a ano com as novas turmas e professores. Discutíamos muito e refletíamos sobre a aprendizagem dos alunos e organizávamos as “baterias” de acordo com os conteúdos. Nós, professores de matemática, sempre nos encontrávamos para refletir. A Elza, por exemplo, gostava de focar as várias representações de um número e eu me dediquei à geometria por transformação. (Lucília Bechara)*

Por outro lado, mas ainda nesse movimento, num processo de construção próprio da experiência, surge o depoimento do Professor Newton Balzan, ao referir-se à professora Berenice Mendoza que, ao conjecturar e refletir acerca dos conteúdos matemáticos levados à sala de aula, se opõe ao Movimento, sendo adepta, ao contrário, do ensino tradicional, àquela “Matemática que deveria ser ensinada”.

Balzan, em seu livro recentemente publicado, afirma: “Abro parêntesis aqui para fazer uma breve observação: adiantada em relação a seu tempo, a professora já havia expressado, no ano anterior, seu descrédito em relação à Matemática Moderna, tão cultuada desde o início da década.” (BALZAN, 2015, p.52) A professora Berenice Mendoza, em ocasião da entrevista, conta que inicialmente trabalhava num misto dessas “matemáticas”. Ainda que mobilizasse, até certo ponto,

<sup>78</sup> Osvaldo Sangiorgi, em 1960, toma a dianteira das propostas de modernização no ensino secundário brasileiro. (VALENTE, 2008)

<sup>79</sup> O maior e mais conhecido entre os projetos desenvolvidos nos Estados Unidos foi o *School Mathematics Study Group* (SMSG) fundado em março de 1958 com o total apoio do governo americano e da *National Science Foundation*. Tinha como propósito a melhoria do ensino de Matemática nas escolas, procurando um currículo que oferecesse aos alunos não somente habilidades básicas de Matemática, mas, principalmente um profundo entendimento de sua estrutura. O programa deveria atrair o estudante a fim de aumentar o número de cidadãos “matematicamente habilitados” e futuramente desempenharem tarefas num cenário onde a ciência e a tecnologia desempenham um papel fundamental. /.../ Para que tais objetivos pudessem se concretizar, se fazia necessário investir em treinamento para os professores e em material didático. Assim sendo, o SMSG produziu, ao longo de vários anos, livros-textos para os níveis de ensino, sendo os primeiros livros publicados em 1960. Os livros do SMSG foram traduzidos para o espanhol e o português na América Latina bem como em outros países como a Suécia, Turquia, Taiwan, Austrália e Índia. (CORREIA; BRITO, [2015])

<sup>80</sup> Os Irems - *Institut de Recherche sur l'enseignement des Mathématiques* - são centros franceses de pesquisa e formas relativas à Educação Matemática.

<sup>81</sup> Luiz Henrique Jacy Monteiro.

a Matemática Moderna, discutindo Teoria dos Conjuntos, não abandona a Matemática Tradicional.

*Quando comecei a entrar formalmente na Matemática Moderna eu coloquei em dúvida sim, tanto é que eu não deixei o ensino tradicional de lado e mesmo a Prof<sup>a</sup> Lucilia, também não. Nós tínhamos muita afinidade de ideias. O que eu achava muito bom era a liberdade que o professor tinha de fazer o seu plano de trabalho. Nós não seguíamos o roteiro de livros. Matemática não abre mão da lógica linear. Você não vai poder ensinar fração se você não sabe número inteiro, concorda comigo? Então nós mantínhamos essa lógica, mas variávamos muito a abordagem, a técnica. (Berenice Mendoza)*

Podemos conjecturar que o fato de alguns precursores da Matemática Moderna no Brasil atuarem diretamente no Vocacional não garante que nas unidades o novo modelo não sofresse alterações ao alcançarem as diferentes salas de aula. Mas apesar das singularidades e multiplicidades percebidas nas práticas, a Matemática Moderna se apresenta entre os documentos do Ensino Vocacional como um modelo de ensino de Matemática que transformaria e mudaria o ensino da Matemática Tradicional considerado, à época, aborrecido e difícil.

Em contraponto às falas dos depoentes, que pouco abordam este tema - salvo os depoimentos dos professores de Matemática, que o trazem, ainda que de maneiras diferenciadas -, nos documentos escritos há vários indícios - como vemos nos trechos abaixo - da forte presença e inserção da Matemática Moderna nos currículos dos Vocacionais. Elegeu-se essa tendência como um processo irreversível, a ser assimilado por todos, já que este processo de renovação fazia parte da evolução e, portanto, era visto como uma necessidade de âmbito universal.

As gerações anteriores habituaram-se a considerar a Matemática uma disciplina difícil e aborrecida, que deveria ser apresentada em livros, igualmente difíceis, austeros e aborrecidos – que poucos chegavam a digerir. Olham, pois, atônitos, para os livros modernos, cheios de figuras, ricamente ilustrados, que roubam um pouco daquela antiga “seriedade” que costumava estar associada aos livros da matéria. (HEGENBERG, [1968], p.31)<sup>82</sup>

Se há uma linguagem mais moderna que deve ser incorporada aos programas (como uma teoria intuitiva de conjuntos, as noções de relação, de função, de lei com composição etc.) há também partes importantes da matemática que devem ser ensinadas como números racionais e números

---

<sup>82</sup> Leonidas Hegenberg é citado no depoimento de Lucilia Bechara. Ela conta que ele, que tinha um dos filhos estudando no Vocacional, foi chamado por ela e outros professores de matemática para ministrar o curso Matemática Moderna para Pais. O excerto acima foi retirado de um documento do Cedec, durante minhas pesquisas àquele arquivo em agosto de 2014. Como outros documentos deste arquivo, este não se encontra datado. Arbitramos 1968 como data deste texto posto que, na sequência dos materiais, o próximo documento tem data de maio-junho de 1968.

reais, elementos de geometria, etc. de origem muito antiga. (LYRA, 1966, p. 11)<sup>83</sup>

A matemática, após o aparecimento da teoria dos conjuntos apresenta novos conceitos. No plano das aplicações a matemática sofreu transformações dadas as exigências do desenvolvimento técnico e científico: de um lado as ciências físicas e humanas requisitando conceitos e técnicas matemáticas para estudo de problemas específicos; de outro lado o desenvolvimento da tecnologia provocando transformações nas tarefas da matemática. Ante este panorama de mudanças, a matemática na Escola secundária é forçada a uma reformulação. Este problema começou a preocupar países europeus, já em 1951, quando aparecem os primeiros trabalhos de Renovação. Em São Paulo o problema foi despertado no III Congresso Brasileiro do Ensino da Matemática em 1960. As primeiras experiências aparecem em 1961 exatamente no ano do planejamento dos primeiros Ginásios Vocacionais. Este fato exigiu dos professores de matemática dos Ginásios Vocacionais além de reformulação pedagógica, uma reformulação de conteúdo e conceitos matemáticos. A tarefa foi difícil, pois entre as primeiras experiências de Matemática Moderna no Brasil está a dos Ginásios Vocacionais de São Paulo. Os professores de matemática se propuseram a enfrentar todos os problemas que a reformulação pedagógica específica lhes impusesse, como: reação dos pais de alunos do Ginásio Vocacional, reação dos professores primários da comunidade; reação por parte dos professores secundários. (CEDIC-SEV, [1970], p.35-36)

Observamos que para a implementação da Matemática Moderna e o abandono da Matemática Tradicional houve resistências de pais e professores, e que a adesão e a prática das propostas do Movimento da Matemática Moderna nos Vocacionais apresenta uma não uniformidade: essas práticas terão suas particularidades dependendo de cada contexto específico do cotidiano das salas de aula das unidades dos Vocacionais.

## 5.5 QUANTO À PROGRAMAÇÃO DOS CONTEÚDOS MATEMÁTICOS

Quando eu leio Kafka (ou qualquer outro), o importante, desde o ponto de vista da experiência, não é nem o que Kafka pensa, nem o que eu possa pensar sobre Kafka, mas o modo como, em relação com os pensamentos de Kafka, posso formar ou transformar meus próprios pensamentos. O importante, desde o ponto de vista da experiência, é como a leitura de Kafka (ou de qualquer outro) pode ajudar-me a pensar o que ainda não sei pensar, ou o que ainda não posso pensar, ou o que ainda não quero pensar. O importante, desde o ponto de vista da experiência, é que a leitura de Kafka (ou de qualquer outro) pode ajudar-me a formar ou a transformar meu próprio pensamento, a pensar por mim mesmo, em primeira pessoa, com minhas próprias idéias. (LARROSA, 2011, p.11)

Não havia uma rígida programação dos conteúdos, com uma ordem preestabelecida, no currículo, o que não descaracteriza a produção e a aprendizagem da Matemática nos Vocacionais, ou seja, o próprio ensino dos

---

<sup>83</sup> Carlos Benjamim de Lyra foi professor de matemática da USP. Assessorou o Vocacional nos programas de trabalho na área de Matemática e fez palestras para professores e alunos. (CEDIC, 2014)



conteúdos matemáticos que não tinham aplicações diretas também eram visitados e trabalhados, como é afirmado nos depoimentos que construímos. Esméria Rovai nos diz que eles foram acusados de serem escolas vazias de conteúdo. Lygia Tibiriçá nos diz que muitos pais em Batatais, principalmente no início, demonstravam preocupação ao observar que os cadernos dos seus filhos, em comparação aos cadernos de outras escolas que eram repletos de cálculos, enquanto que no Vocacional não aparecia muitos cálculos nos cadernos. Esta postura seguida pelos Vocacionais parece propor um outro modelo de ensino e aprendizagem da Matemática para o ensino ginasial da época, que podemos dizer inovador.

*A programação não era linear, recorriamos a situações concretas, para aplicar ou compreender um conteúdo formal e vice versa. Assim, por exemplo, a aprendizagem da leitura de mapas e plantas em Estudos Sociais era utilizada para formalizar as coordenadas cartesianas. Num mapa da cidade de São Paulo, buscávamos o meridiano e os paralelos próximos e depois fazíamos a relação com as coordenadas cartesianas; associávamos o número positivo e negativo à direção leste e oeste: para leste positivo, para oeste negativo ou sentido horário e anti- horário. O meridiano de Greenwich era associado ao ponto zero de um sistema de coordenadas. (Lucília Bechara)*

Propostas de conteúdos raramente abordados no Ensino Fundamental ou até no Ensino Médio aparecem nos relatos. Geometrias não Euclidianas será, por exemplo, conteúdo ministrado na disciplina de Matemática a partir de uma proposta de integração de áreas com a disciplina de Ciências. Percebe-se que, dos questionamentos de alunos a partir de uma situação problema, direcionavam e tal conteúdo matemático foi aventado.

*O conhecimento ia se construindo e ampliando com a integração entre as áreas. Por exemplo, o professor de Ciências tratava de aceleração da gravidade e atração dos corpos no lançamento de um projétil: a força da gravidade o faz cair, mas se põe muita força, o projétil pode sair da ação da gravidade e girar, atraído por outros corpos. A partir daí, abria-se, em Matemática, espaço para falar de geometrias não Euclidianas, particularmente a geometria de Riemann e levantava-se a questão: “O que seria um segmento de reta na superfície da terra? (Lucília Bechara)*

Não há um engessamento do conteúdo programático. Isto vai exigir habilidades diferenciadas (normalmente não exigidas e pouco praticadas) do professor atuante no Vocacional – o que gerou, como vimos, dificuldades e resistências. Por outro lado, os professores não estavam abandonados à sua própria sorte: faziam parte de uma equipe que se avaliava e avaliava regularmente as práticas docentes. Não se contava apenas com a formação universitária prévia dos

professores, havendo uma estrutura de trabalho que possibilitava que cada um, no grupo, realizasse uma formação contínua nos moldes ditados pela estrutura pedagógica do Ensino Vocacional. Os êxitos e avanços experienciados se devem ao respaldo pedagógico dado ao professor, como nos diz Lucília Bechara: “*Tínhamos boas consultorias*”. Não apagamos nem minimizamos as dificuldades. Sabemos que as propostas integradoras, ao serem postas em prática na sala de aula, não foram simples e fáceis. Demandavam como nos relatam, extrema dedicação e interesse.

### 5.6 ENTRE DIFICULDADES: novas propostas

Por que João sorria  
se lhe perguntavam  
que mistério é esse?  
E propondo desenhos figurava  
menos a resposta que  
outra questão ao perguntante?  
("Um chamado João", Sagarana, Guimarães Rosa)

Para os problemas e dificuldades observados nas aulas de Matemática nos Ginásios apontados no relatório analisado foram, à época, propostas e efetivadas algumas disposições. Encontramos nos documentos e artigos informações de atividades variadas para suprir a carência em relação a essa nova Matemática. Atacam-se as dificuldades apontando e incentivando adequações constantes frente aos desafios relativos à prática pedagógica impostos pelo cotidiano escolar na área de Matemática nos Ginásios Vocacionais.

São oferecidos a professores e até aos pais, cursos de atualização, orientações, debates, reuniões. Sobre o tema Matemática Moderna são realizados eventos como o “Curso de Atualização em Matemática”, que aconteceu em 1966, no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, em São Paulo; o “Encontro de Professores de Matemática da Comunidade”, em 1967; e o “Curso de Matemática Moderna para Pais”, que objetivou atualizar e ajudar os pais a compreenderem o que seus filhos aprendiam na disciplina “Matemática”, no Vocacional.

*Lucília Bechara introduziu a Matemática Moderna, uma coisa nova na época, no Vocacional. E ela, eventualmente, deve ter percebido que os pais ficavam meio deslocados com aquela linguagem diferente da Matemática Moderna: conjunto, intersecção, contido, não contido... Antes era uma Matemática mais tradicional, mais cheia de regras. A Matemática Moderna foi adaptada e introduzida no ensino secundário, claro que com as devidas adequações. Pela visão que eu tenho da época, 68, 69, a Matemática Moderna já tinha sido introduzida desde o início no Vocacional. (Antonio Pedro Zago)*

O Curso de Matemática Moderna para Pais foi uma iniciativa inovadora que surge com ênfase na memória de nossos depoentes, sejam eles da área de matemática ou não. Descrevem tal acontecimento como algo marcante, que “ficou para a história”:

*Inclusive no filme<sup>84</sup> tem uma oficina que aparece ela [Lucília Bechara] dando uma aula de Matemática para os pais, com retro-projetor, e eu me lembro que era eu quem fazia as transparências para ela dar aula de matemática para os pais. Eu participava dessas aulas que ela dava para os pais. Ela aparece no filme dando uma aula para os pais sobre Matemática Moderna. A sala estava bastante cheia porque os pais eram interessados em saber o que o Vocacional pensava e como ensinava. Então, o Vocacional adotou muito a prática da Matemática Moderna. Lucília aqui em São Paulo, eu me lembro em Batatais também... mas me marcou mais na minha lembrança as aulas que a Lucília dava aqui para os pais. (Esméria Rovai)*

Observamos na programação exposta no documento que, para o encerramento do curso, no dia 27 de outubro de 1966, como consta da Figura 2, ocorreu uma palestra do professor Oswaldo Sangiorgi – que teve destacado papel no Movimento da Matemática Moderna no Brasil, movimento que promoveu “alterações profundas na matemática escolar das salas de aulas brasileiras” (VALENTE, 2008, p. 583).

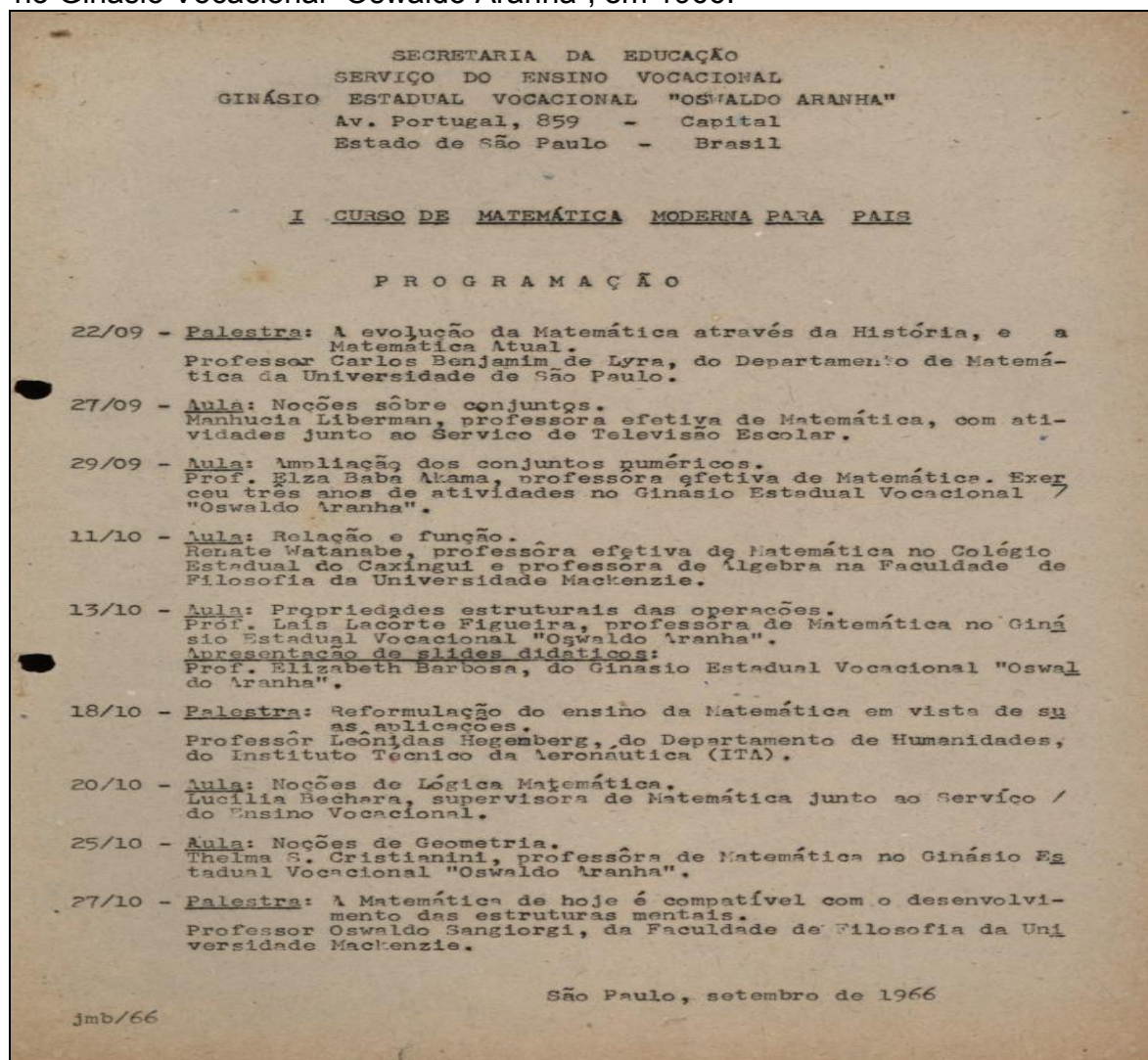
[...] a posição do professor Oswaldo Sangiorgi diante das discussões sobre a introdução da Matemática Moderna no ensino secundário brasileiro é de cautela. Não está interessado em transformações radicais dos programas de ensino de matemática. Essa opinião, no entanto, muda muito com o estágio que Sangiorgi realiza, em 1960, nos EUA. Sangiorgi, por meio dele, consolida sua posição nacional, obtém certa projeção no estrangeiro e reformula totalmente sua coleção de livros didáticos para o ginásio. O estágio convence-o de que as mudanças nos livros didáticos são inevitáveis e imperiosas, sob pena de ser ultrapassado por outros autores. Além disso, coloca-o em contato com propostas modernizadoras já em andamento em escolas dos Estados Unidos [...] Sangiorgi cunha, para a ambiência escolar brasileira, uma das representações que serão propagadas nos estudos posteriores sobre o que ficou conhecido como Movimento da Matemática Moderna: o interesse estadunidense na modificação dos programas e métodos do ensino de matemática e ciências como fruto da Guerra Fria: *A verdade é que depois do lançamento do ‘Sputinik’, pelos russos, em 1957, houve como que uma nova tomada de posição, por parte dos educadores norte-americanos, em relação à estrutura do ensino de seu país,*

<sup>84</sup> Vocacional: uma aventura humana, um documentário de Toni Venturi. Apoio do GVive, Mamutte Filmes e Olhar Imaginário. 77 minutos. Neste documentário sobre os Vocacionais o “cineasta Toni Venturi revisita uma página emocionante e pouco conhecida da história da educação pública no Brasil: os colégios Vocacionais, do estado de São Paulo, que na década de 60 foram reprimidos pela ditadura militar. /.../ Partindo do olhar pessoal de quem participou desta experiência escolar, através do depoimento de vários ex-alunos e professores, este longa permite uma reflexão sobre os descaminhos a que o regime autoritário conduziu a educação no país. “Ao olhar criticamente para o passado, o filme contribui para a compreensão da precariedade do ensino público atual e seus desafios para o futuro”. (DOCVERDADE, 2013)

notadamente na parte que dizia respeito à Matemática e às Ciências, de um modo geral. (SANGIORGI, 1960, p. 8-9).  
(VALENTE, 2008, p.596-7)

[...] o Movimento da Matemática Moderna resultou múltiplo, aqui e noutros países. Entre nós, o professor Osvaldo Sangiorgi tem papel de destaque. A seu tempo, com suas ferramentas de apropriação, sua leitura do contexto educacional, seu posicionamento de grande autor de livros didáticos de matemática, dentre tantos outros condicionamentos, cabe-lhe a tarefa pioneira de criar estratégias para que as discussões internacionais sobre o ensino de matemática ecoem também no Brasil. Nas salas de aula, no cotidiano escolar das décadas de 60 a 80, podem ser lidas as táticas aí desenvolvidas para receber a “proposta oswaldiana” para os ginásios. (VALENTE, 2008, p.611)

**Figura 12.** Programação do Curso de Matemática Moderna para Pais realizado no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, em 1966.



Fonte: (CEDIC, 2014)

O oferecimento do Curso de Atualização em Matemática, em 1966, no “Oswaldo Aranha” gerou ramificações posteriores: foram feitas apostilas deste curso

devido ao interesse de pais e de professores primários que, em geral, pautavam-se pelo ensino da Matemática “Tradicional”.

Para debater o problema dos alunos do ginásial que enfrentavam exames de seleção para os Cursos Científicos com programas tradicionais, mesmo tendo sido formados na Matemática Moderna, programou-se o Encontro de Professores de Matemática da Comunidade, em 1967, para que se pudesse encaminhar soluções a esta e outras dificuldades geradas por este descompasso. (CEDIC-SEV, [1970], p. 36)

A participação de professores universitários no GEEM<sup>85</sup> e em outros grupos articulados em torno da renovação do ensino emprestou à matemática moderna, no Brasil, a autoridade acadêmica que desfrutava nos países europeus e nos Estados Unidos. As interpretações e apropriações locais das propostas curriculares construídas nesses países contavam com o aval desses professores. Seu engajamento nos cursos de formação de professores e na elaboração de livros para o ensino secundário e universitário foi relevante para que se constituísse um movimento de renovação, com a pretensão de produzir um impacto relevante sobre o ensino oferecido nas escolas. (BURIGO, 2006, p.41)

Nesta mesma direção apontada por Burigo (2006), o documento do Cedic ([1970], p. 37) refere-se a um relatório enviado para a UNESCO, em 1965, para ser publicado numa coleção que apresentaria os trabalhos de Matemática Moderna na América Latina.

Há registros, como vimos, de um trânsito constante, no Vocacional de professores da rede comum de ensino e estudantes universitários de diversas áreas, até 1968. Era uma escola nova que despertava interesse e acaba propondo cursos de formação a um público externo composto, principalmente, de pedagogos.

Vários professores que fizeram curso conosco, que fizeram estágio, depois pediram uma supervisão, e o setor de treinamento dava, na medida do possível essa supervisão. Então o professor voltava para buscar uma bibliografia, textos, participar de palestras, de debates, solicitava para participar de um outro treinamento no ano seguinte, pelo menos uma parte, ou permanecer numa escola observando uma determinada área que era a área dele. (MASCELLANI, 1988 *apud* CHIOZZINI, 2010, p. 305)

*Eles aceitavam estagiários de outras escolas, pessoas interessadas em conhecer a experiência. Eu tive estagiários na minha sala e eu me lembro de um deles que, ao terminar o estágio, com a aula terminada, ele pergunta: “Escuta, mas como é que vocês conseguem isso dos alunos?” (Antonio Pedro Zago)*

---

<sup>85</sup> Geem - Grupo de Estudo do Ensino da Matemática, criado em 31 de outubro 1961 para discutir ações com vistas à modernização da Matemática ensinada escolas brasileiras. Lucília Bechara era uma das integrantes deste grupo coordenado por Oswaldo Sangiorgi.

Assim, o Ensino Vocacional assume o pioneirismo na implantação da Matemática Moderna no Estado de São Paulo alcançando divulgação e influência em variados ambientes acadêmicos, oferecendo, por exemplo, cursos de formação sobre novas tendências educacionais. Propõe-se um movimento para atender à demanda por mudanças, o que propulsiona forças contrárias, negativas, que acabam por incomodar outras instâncias como a universidade, que via de regra, era responsável pela formação e atualização de professores. Ainda que não tenhamos dados ou vestígios explícitos na documentação que mobilizamos, podemos aventar que a iniciativa de elaborar materiais didáticos próprios pode ter reverberado, de algum modo (positivo ou não) no mercado editorial.

*Eles não adotavam um material ou um livro, isso era outra riqueza. O material didático era uma referência. Eles usavam livros e textos diversos e montavam o material que, em sua maior parte, era todo mimeografado. Era um material de circulação interna. O material era concebido e gerado ali. (Daniel Chiozzini)*

*Eles faziam pesquisa, eles ofereciam cursos de formação, ofereciam estágio, eles produziam material para professores, para alunos dos cursos de Pedagogia<sup>86</sup>, tanto que a Maria Nilde fala em uma das entrevistas que ela deu depois, que uma das peças que ela utilizou na defesa dela, no processo judicial que ela submeteu, ela recebia estagiários da USP, inclusive, no Oswaldo Aranha.*

**Eliza:** *Pedagogas?*

**Daniel:** *É do curso de Pedagogia... e depois, uma das professoras da USP, da cadeira de Didática, ela se torna colaboradora do regime militar, ela inclusive colabora com a elaboração de um documento intitulado "Infiltração comunista nos meios educacionais", um documento que foi feito pelo general chamado Rubens Restel. A Faculdade de Educação da USP tem dois grandes colaboradores do regime ditatorial, o professor Laerte Ramos de Carvalho, que foi interventor no UnB<sup>87</sup>, que foi um colaborador explícito, direto, do regime ditatorial, e a professora Amélia Domingues Americano, titular da cadeira de Didática. A Maria Nilde cita um episódio, em que o processo dela estava tramitando e ela foi uma das pessoas que acusa a Maria Nilde de ser comunista mesmo, de estar incitando práticas subversivas e uma das peças de defesa foram os relatórios dos estagiários... Ela falou: "Até pouco tempo você estava mandando estagiários dizendo que era excelente agora você está dizendo que é subversivo, comunista, como é que é isso?" Então o Vocacional começou a desenvolver realmente um trabalho ímpar de formação desses professores, desses estagiários, deixou de ser apenas uma escola de excelência, passou a ser um espaço de formação.*

---

<sup>86</sup> Esméria Rovai recorda, durante sua entrevista, de uma pedagoga que frequentou o Vocacional de São Paulo, Oswaldo Aranha.

<sup>87</sup> Universidade de Brasília.

## 5.7 NUANCES DE INOVAÇÃO E SUBVERSÃO<sup>88</sup>

[...] não existe um Rivière, mas um sujeito que é incessantemente construído e reconstruído pelos discursos de sua época. (FERNANDES, 2014)

Variadas forças contribuíram para que o Vocacional assumisse o pioneirismo da inserção, nas escolas, da Matemática Moderna no Brasil. Isto, à primeira vista, não permitiria outras saídas, outras possibilidades para a sala de aula de Matemática dos Vocacionais. Entretanto, percebemos quanto a isso um caminho de mão dupla para o trabalho da Matemática nesses Ginásios, uma busca por sintonizar várias vertentes: a tradicional, a moderna e, ainda, uma abordagem à Matemática atrelada ao contexto do aluno que propunha aplicações geradas pela busca da inserção do indivíduo no meio em que se vivia, nos Estudos do Meio, nos projetos de ação comunitária, nas instituições pedagógicas. Técnicas impulsionadas pelas leituras e discutidas em cursos e reuniões pedagógicas construíam, assim, diariamente uma prática e seus materiais pedagógicos inspirados nessas teorias vigentes à época.

*Ensinávamos Matemática Moderna, não adotávamos livro, usávamos as fichas, chamadas “Baterias”, inspiradas em trabalhos e/ou publicações de Matemática Moderna e nas nossas criações e observações, integrando a matemática com os temas do “Core curriculum”. Consultávamos livros didáticos e conceituais do Brasil e de outros países (principalmente franceses). Construíamos o material porque era um currículo totalmente novo e não tínhamos uma sequência de atividades pronta, pois trabalhávamos com temas, objetivos de aprendizagem, competências e conteúdos. (Lucilia Bechara)*

Essas características nos dizem das inovações e, inclusive, das subversões ocorridas nestes espaços no que se refere direta ou indiretamente ao ensino e à aprendizagem da Matemática – desde a estrutura curricular, desde o não protagonismo da Matemática até o papel do professor de Matemática nos Conselhos. Inovam no modo de condução das aulas no que tange aos conteúdos propostos, às metodologias (baterias, estudo dirigido etc.) ao trabalharem em equipe; inovam ao ensinar matemática integrada às disciplinas práticas e suas possíveis aplicações num contexto próximo ou não. Inovam ao realizarem pesquisas estatísticas nos Estudos do Meio e trazerem esta disciplina que, por muito tempo, esteve esquecida nos currículos. Inovam no modo de estar e ser do professor na

---

<sup>88</sup> Não pretendemos elencar todas as possíveis subversões - isto seria de antemão um projeto fadado ao fracasso. Pretendemos, sim, trazer à cena, nuances, aquelas que esta pesquisa nos permitiu criar.

sala de aula, descentralizando o seu papel, propondo técnicas pedagógicas almejando à autonomia crescente do jovem no que denominavam Estudo Livre. Inovam ao motivarem a participação de professores do ensino secundário em congressos e eventos científicos nos quais apresentavam propostas pedagógicas para o ensino da Matemática. Inovam ao levar o professor de Matemática a participar e buscar a integração dos professores como também a integração de sua disciplina em atividades diversas, como relata Antonio Pedro Zago:

*Então eu fui junto com o pessoal nesse acantonamento. Então eu observei lá: primeiro a organização, não foi uma excursão, aquilo não era uma excursão. Aquilo era um estudo do meio muito bem planejado, com objetivos claros, sabíamos o que gente queria alcançar com ele, e o que os alunos teriam que observar. Como era acantonamento, era assim: a vivência do aluno longe da família, experimentando situações novas assim de como 'se virar' sem muita supervisão, sem muito aconselhamento próximo do pai, da mãe, do professor. E ficamos, não me lembro se três ou quatro dias em Laranjal Paulista, nessa fazenda (São José), professores, alunos; não estou bem certo se as orientadoras pedagógica e educacional foram, só não foi a diretora.*

**Eliza:** *E você como professor de matemática, qual o seu papel, sua função?*

**Zago:** *Bom, existiam os Estudos do Meio, grandes no qual todos os professores iam e aproveitavam o que fosse possível do estudo para sua área. Depois eu posso até falar melhor sobre isso, mas se não houvesse um aproveitamento direto em termos de conteúdo do estudo do meio, nós estávamos ali trabalhando juntos dentro de objetivos comuns do Ensino Vocacional. Então, por exemplo, na integração matemática eu sentia muita dificuldade, integração de conteúdo eu sentia dificuldade, não sei, talvez por inexperiência, eu nunca tinha feito um tipo de ensino como esse, mas eu sentia um pouquinho de dificuldade, sim, para fazer a integração de conteúdos. Era pedido sempre que possível integrar os conhecimentos. Se Estudos Sociais estava falando sobre o Estado de São Paulo, então Matemática tinha que escolher temas relativos a algum aspecto do Estado de São Paulo que fosse ligado à área de Estudos Sociais. Então em Matemática tinha essa integração, digamos assim, era uma área de conhecimento geral que trabalhava dentro das propostas gerais do Ensino Vocacional. Essa era a linha de integração que a gente fazia tranquilamente em termos de objetivos, em termos de atitude, em termos de conceitos. Alguns conceitos fundamentais eram trabalhados e sempre que a Matemática pudesse, também trabalhava. Eu sentia dificuldade em termos de conteúdo, e eles recomendavam que não forçasse a integração com, digamos, probleminhas chochos só para dizer que foi integração. Então a gente evitava mesmo, sem distorcer... Claro, houve casos, por exemplo, na área de Práticas Comerciais, eles levantavam, digamos, alguns dados sobre cooperativas que existiam no Estado de São Paulo. Levantavam uma série de dados. Então a gente aproveitava na área de Matemática, se estivesse trabalhando com gráficos, fazíamos os gráficos daqueles dados. Então, de vez em quando, havia essa possibilidade de integração de conteúdo. Agora, existiam áreas, por exemplo, que tinham uma facilidade enorme de fazer integração, mesmo de conteúdos. (Antonio Pedro Zago)*

Aulas no pátio são dadas pela Professora Berenice Mendoza, que gostava de frequentar o refeitório misturando-se na fila e até nas “artes” com os alunos:



*Tudo isso partiu de uma aula sobre área de retângulo no campinho, atrás do refeitório. Havia um piso cimentado e fui dar aula de áreas lá. Formávamos o metro quadrado com o jornal e, colocando o jornal no chão, perguntávamos: “Quantas vezes cabe o jornal aqui?” Tudo saiu por que eu fiz a pergunta: “E se você não estivesse aqui?” (Berenice Mendoza)*

Os alunos tinham aulas circulando pelas ruas de seu bairro, pelas ruas de sua cidade, e aí não se incluem apenas as aulas de Matemática, mas muita Matemática poderia e era aproveitada nestas aulas que ultrapassavam os muros da escola.

*Os alunos tinham aula de observação na rua, mesmo aqui em São Paulo, tinha aula de observação. Artes Plásticas dava aula de desenho de observação, os alunos saíam na rua para desenhar, para ver os prédios, as casas, as paisagens e desenhar. Na rua! E muitas aulas de Educação Física eram dadas na rua próxima à escola, em volta da escola, mas naquela época, era possível. Acredito que em São Paulo tem muita escola em que isso é possível também hoje. Eu me lembro que no Vocacional muitas aulas eram dadas na rua. Estudo do Meio eram aulas fora da sala de aula, fora da escola. (Esméria Rovai)*

Subvertem. Ao buscar avaliar o aluno como um todo, alteram a posição da Matemática nas relações de poder.

Há no Vocacional vários exercícios da inclusão: um processo de inclusão do deficiente, das diferentes raças como também a inclusão daquele que não se destaca em Matemática, como por exemplo, Eduardo Amos. O aluno era encaminhado para “sua” área de atuação, buscando apropriar-se de uma forma de atuar no mundo. Luigy recorda-se do papel do orientador educacional ao mostrar aos pais de famílias mais tradicionais que, em geral, predeterminavam a escolha da profissão dos filhos, que as avaliações sucessivas realizadas nos anos de Vocacional os direcionava para outras áreas não esperadas inicialmente, e a intervenção do orientador educacional junto aos pais ocorria baseada nas fichas de observação e, conseqüente, avaliação elaborada durante o processo de aprendizagem e acompanhamento individual do aluno. O orientador educacional parece desempenhar um importante papel junto às famílias no direcionamento da escolha da profissão.

Buscavam, segundo nossos depoimentos:

*A inserção do indivíduo naquilo que ele quisesse fazer da vida dele. Não era só um ensino propedêutico. Muitos eram pobres e viraram médicos, enfim, fizeram curso superior, mas também... o Luigy me relatou estes dias que uma das primeiras motoristas de taxi mulher de São Paulo é ex-aluna do Vocacional... quer dizer... o que eles quisessem fazer da vida... tem muitos que viraram artistas, porque tinham uma formação crítica. (Daniel Chiozzini)*

Nos Vocacionais adotava-se um critério: um mesmo professor, bem como o orientador educacional, acompanhava sua turma nos quatro anos. Um professor não benquisto ou sem afinidade com a turma teria que buscar meios para solucionar ou amenizar este distanciamento. A sala de aula, como toda a proposta pedagógica, seria afetada diretamente pelo trabalho efetivo na sala de aula pelo professor. Propunha-se um investimento interno na formação do professor por meio de constantes avaliações e formação contínua. No Vocacional exigia-se dos professores além do conhecimento da matéria e do domínio de estratégias didáticas, qualidades pessoais de educador e clara percepção dos objetivos da proposta pedagógica para a criação e elaboração das diversas técnicas e uso de materiais pedagógicos diferenciados, já que este professor não adotava livros didáticos nem textos prontos, considerados adequados e/ou destinados ao Ensino Vocacional. Isto exigia invenção e reinvenção constantes, daí a necessidade de dedicação integral<sup>89</sup> destes profissionais à escola. Daniel Chiozzini, em seu depoimento, salienta essa característica – uma experiência em que, diferentemente do que se via até então, os professores criavam, pensavam e propunham metodologias, conteúdos, propostas em sala de aula, elaboravam materiais: foram, neste aspecto, segundo ele, produtores de conhecimento e não meros reprodutores. No Vocacional, pensava-se e praticava-se aquilo que surgia das inúmeras reuniões - com variadas finalidades e objetivos - de professores, alunos, pais e comunidade. Neste sentido, a proposta foi considerada, segundo relatos, inovadora por uns e, subversiva por muitos.

*O Vocacional não foi entendido, não foi compreendido. A academia não entendeu, eu digo isso com tranquilidade, as críticas que foram feitas ao Vocacional, foram críticas sem conhecimento, sem ir lá ver o que é, foram críticas abstratas, genéricas, que vinham ainda de uma concepção de conhecimento clássica, linear, reducionista, em que a separação das áreas do conhecimento eram a “crista da onda”, embora já estivessem em decadência. (Esméria Rovai)*

## **5.8 ASPECTOS SINGULARES NOS DEPOIMENTOS:** memórias matemáticas

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. (BOSI, 1994, p. 39)

A condução das aulas de Matemática se diferencia nas diversas salas e unidades dos Ginásios Vocacionais.

---

<sup>89</sup> Daí Maria Nilde Mascellani questionar o discurso de que o Vocacional era uma escola cara. (CHIOZZINI, 2010).

Nos relatos dos alunos há várias situações sobre a aplicação de conceitos matemáticos nas disciplinas práticas, sobre o comportamento dos professores de Matemática, sobre o interesse desse professor pelo aluno, sobre as dificuldades do professor de Matemática etc. A presença do professor de Matemática frequenta os depoimentos, em grande parte, por saberem os depoentes da formação e intenção da pesquisadora, além, é claro, das questões específicas a eles feitas.

Eduardo Amos nos conta que não sentia medo das aulas e avaliações de Matemática como seu vizinho e amigo que estudava num colégio tradicional de Rio Claro à mesma época. Afirmo que o trabalho em grupo foi fundamental, mesmo não se considerando um bom aluno de Matemática: aprendeu o mínimo para que pudesse desenvolver suas atividades cotidianas.

Luigy, ex-aluno do GV “Oswaldo Aranha”, afirma ter enfrentado sérias restrições em relação à Matemática. Suas lembranças em relação às aulas e aos professores de Matemática são pouco agradáveis, e o remetem a uma incapacidade que o leva a todo o momento buscar justificativas para seu insucesso. Queixa-se principalmente por não conseguir entender os cálculos matemáticos quando estes se relacionavam à Álgebra, cujas aulas não faziam sentido para ele, mesmo que, na época, trabalhasse com o pai, praticando cálculos relativos à contabilidade dos negócios da família. As contas iam bem, o problema se instaura realmente quando surgem as incógnitas e letras: a Álgebra.

*Eu tentei de várias maneiras me aproximar da Matemática, mas acabei criando um trauma. Nessa minha passagem pelo Vocacional aconteceu a entrada, a descoberta ou a implantação da Matemática Moderna por Oswaldo Sangiorgi, e até então, vamos dizer, no primário,  $1+1=2$ ,  $2+2$  é 4. Aí eu entrei no Vocacional e era  $a+1+b+3+4+5$ , aquilo me causou certa confusão. Eu tinha uma professora nissei, até hoje ela é uma pessoa muito estudiosa, muito. No primário eu era campeão de tabuadas.*

Destacamos os modos segundo esses alunos, de unidades diferentes, viam a Matemática nos Vocacionais e a veem em suas vidas. Segundo Eduardo Amos, a Matemática em sua vida tem aplicações diretas e imediatas, e do conhecimento matemático, segundo ele, espera-se exatamente isto: que seja suficiente para dar conta dos cálculos cotidianos. Pautado nesta relação simples, leve e aparentemente despreocupada com a Matemática, Eduardo traz algumas lembranças das aulas de Matemática e de seus professores. Acredita que não teve problemas com a Matemática pelo fato de trabalharem em equipes e, desta maneira, os colegas o

ajudavam. Lembra-se de precisar aprender alguns cálculos matemáticos para realizar tarefas em outras disciplinas práticas – quando, por exemplo, usa dos conceitos de ângulos para a confecção de um limpa-pés. Registra o professor de Matemática de forma afetiva: em outra situação não relacionada à Matemática, na sua formação ética, na sua formação pessoal, que o marcou para sua vida toda. Destaca-se aí o papel, segundo ele, desempenhado pelos professores do Vocacional - e não só os de Matemática: preocupavam-se, segundo seu relato, com a formação do ser humano integral. Recorda-se de uma situação com o professor de Matemática, Luis Barco<sup>90</sup>, que o chamou para conversar sobre a produção de um poema, que deveria ser de sua autoria, mas não era. A forma como este professor tratou a situação da “prática de uma mentira e de um plágio”, cria um professor carinhoso e respeitoso.

Também a professora Lucilia Bechara fala de suas preocupações com a formação do aluno, contando-nos uma situação análoga à de Eduardo Amos, na qual um aluno, com excelente rendimento em Matemática, deixava a desejar no que diz respeito às atitudes cotidianas que deveriam pautar a convivência nos Vocacionais. A professora Lucilia Bechara relata que ela intercede, avaliando-o “como um todo”, pautando-se na filosofia do Vocacional que almejava uma formação humanística do ser humano integrado e atuante em sua comunidade, ou seja, não bastava ser um aluno excelente em Matemática ou em outras disciplinas, prezavam e avaliavam características ligadas ao comportamento e à participação do aluno no grupo:

*Aprendi no Vocacional a olhar os alunos de forma integral, alunos que na minha área eram um brilho e nas outras áreas não. Aprendi a lidar com a diversidade, apesar de ser muito exigente.*

*Um ex-aluno lembrou o dia em que, revoltado com a minha dureza e exigência, teria ouvido de mim o seguinte: “uma pessoa caminhava perto dos trilhos de um trem e de repente alguém chegou por trás e a empurrou; bateu a cabeça na parede, arranhou-se toda e ficou brava com quem fez isso com ela. A pessoa que fez isto então lhe disse: você não estava vendo o trem que ia passar e eu te livrej de morrer debaixo dele. Minha bronca com você é para tirá-lo de um perigo maior”. (Lucilia Bechara)*

*Então, tudo no Vocacional era baseado no conteúdo e no comportamento. Não adiantava você ser um ótimo aluno quanto aos conteúdos, se você não sabia trabalhar em conjunto ou em equipe. (Luigy)*

**Eliza:** *Aparecia compromisso em Música, por exemplo, também?*

**Zago:** *Sim, Compromisso em Educação Musical, Teatro, Educação Doméstica. Não só por conteúdo, mas também compromisso por atitudes. O*

---

<sup>90</sup> Luis Barco foi professor de Matemática no Ginásio Vocacional de Rio Claro no ano de 1964.

*aluno era excelente em Matemática, mas com atitudes péssimas. Eram compromissados por atitudes muitas vezes. Atitudes. Às vezes o aluno estava razoavelmente bem ou até bem nas várias disciplinas, mas a atitude péssima, não atendeu os objetivos do Ensino Vocacional, não é isso que a gente quer. (Antonio Pedro Zago)*

Esta metodologia do professor poder trabalhar e discutir com outros professores o desempenho do aluno dava para mim outro olhar. 'Ah! Então essa menina, como o negócio dela é mais a língua quem sabe ela vai [aprender melhor] por aqui'. Então, nesses conselhos de avaliação bimestrais pegávamos aluno por aluno em todas as áreas. (ROVAI 1996, *apud* ROVAI; KAWASHITA, 2005, p. 109)<sup>91</sup>

Tratando dos modos de ensinar Matemática, o professor Antonio Pedro Zago relata que propõe o estudo sobre o tema “Equações” num Estudo Livre, com os alunos realizando pesquisas em livros e/ou em outras fontes que encontrassem para construir o conceito. Ao final, estes alunos deveriam apresentar em equipes aos demais colegas da classe os resultados alcançados e os conceitos aprendidos sobre o assunto e, só então, o professor poderia contribuir e/ou intervir.

Em suas memórias, Luigy, já sabemos, tinha uma relação complicada com a Matemática. Segundo ele, não teve aulas de Matemática nestes moldes; nunca teve momentos de “buscar a compreensão” de um conceito matemático. Não realizava pesquisas nas aulas de Matemática. Percebemos assim que os modelos retratados a partir dos seus modos de contar sobre as aulas de Matemática oscilam, ora sugerem uma possível semelhança ao que se conhece da maioria das salas de aula de Matemática atuais – aulas expositivas com ênfase na resolução de exercícios; ora sugerem a integração com outras disciplinas em aulas mais dinâmicas.

*Para mim era como se a matemática fosse uma menina feia. Eu não quero nem ver. Outra coisa: a gente fazia aplicações. Não sei se foi com essa professora ou outra. “Como utilizar a matemática?” Uma equipe media a quadra de futebol de salão. A gente pegava a trena e ia medir. Aí descobria: tem tantos metros. A pista de atletismo que a gente usava bastante tem cem metros e assim... Então a gente tinha aplicações práticas, mas eu fiquei meio amarrado nesse sentido. Em Educação Doméstica: um quilo de arroz. “Será que dá para quantas pessoas?” “Quantos almoços na semana?” (Luigy)*

A ex-aluna Renata Rangel rememora suas aulas de Matemática alegremente. Em sua narrativa traz elementos sobre sua professora: muito jovem e extrovertida tanto na sala de aula quanto nas outras dependências do Vocacional pelos quais circulavam alunos e professores, como o refeitório. Diz que apesar de sua juventude

---

<sup>91</sup> Relato de Lucilia Bechara à Esméria Rovai (ROVAI, 2005).

e comportamento extrovertido os alunos a respeitavam. Renata Rangel, frisa, junto ao Professor José Ângelo Pompeo, que não se recorda de problemas sérios de disciplina ou desrespeito na sala de aula ou na escola. Renata Rangel traz uma entrevista com fortes marcas e ressentimento do modelo de escola que trabalha, enfatiza as diferenças e distâncias entre o ensino Vocacional e o ensino público paulista, principalmente quanto às práticas de avaliação, indisciplina e desrespeito do aluno.

Há, nos depoimentos e demais documentos, referências dispersas a problemas de indisciplina ligados à autonomia do aluno ou às dificuldades do professor em se adequar às técnicas. Todos, entretanto, na memória de ex-alunos e demais depoentes, administráveis facilmente por atuarem coletiva (direção, orientação educacional, orientação pedagógica e professores) e continuamente. Encontramos relatos mais veementes de dificuldades associadas ao Colégio Vocacional num relatório elaborado por uma professora que assume a turma de outra professora, aparentemente muito querida. Relata dificuldades com a indisciplina e rebeldia dos alunos e a consequente dificuldade em realizar satisfatoriamente as atividades que propunha nesta sala de aula, em específico.

Interessante notar diversidades e multiplicidades, nuances. Enquanto num certo momento a disciplina e a sala de aula de Matemática parecem borbulhar com pensamentos e interrogações, buscando o conhecimento e entendimento do mundo físico por meio da Matemática, conforme pretendido e almejado, há, por outro lado, depoimentos como o do ex-aluno Luigy que afirma conseguir estabelecer relações entre a Matemática aprendida na escola e o seu cotidiano apenas quando aprendiam uma Matemática básica, mas quando começam a ensinar Álgebra, as dificuldades se iniciam, resultando em dissabores e desinteresse pelas aulas de Matemática.

A professora Berenice Mendoza nos fala de práticas como aulas no pátio da escola para desenvolver conceitos e cálculos relativos à área de figuras geométricas planas, do desenvolvimento de conceitos geométricos, e até de surgirem, nestas discussões com os alunos, nos estudos em grupo, problemas relativos às geometrias não-euclidianas.

*Eu estava trabalhando com os conceitos de reta, ponto, plano na Geometria Euclidiana e fiz uma pergunta assim: "Se você fosse trabalhar só na superfície de uma esfera, como seriam as retas?" Perguntei visando entrar*

*nas Geometrias não Euclidianas: Riemann e Lobachevsky<sup>92</sup>. Começamos a trabalhar um pouco na esfera e no hiperbolóide de uma folha (sela) que é o espaço do Lobachevsk. Qual foi a minha surpresa? Os alunos concluíram: “Professora, então nós vamos chegar que (eles não falavam em Geometria Euclidiana) na nossa geometria, a soma dos ângulos internos do triângulo tem 180°, agora na geometria de Riemann, (eu havia dado a esfera para pensarem como esse matemático trabalhou na esfera) o triângulo tem mais que 180°. Depois pedi: “Vocês vão me desenhar o triângulo no espaço de Lobachevsky”. “Como é que ficaria o triângulo?” Eles disseram: Está bem, se na geometria de Riemann fica com arcos para “dentro”, na de Lobachevsky fica com os arcos para “fora”, é menor que 180°. Observe o nível de abstração dos alunos! (Berenice Mendoza)*

*“Os alunos se interessavam pela matemática porque a matemática dava instrumentos para eles entenderem o que eles estavam estudando na realidade.”  
(Esméria Rovai)*

Lucilia Bechara também recorda-se de propor aulas práticas de geometria euclidiana e não euclidiana, como aquela que tratou da representação de uma reta numa superfície esférica, incitando questões de como é uma reta no nosso planeta esférico. Lembra-se de suas tentativas de trazer conteúdos, como o de função do 2º grau, para o contexto ginasial; relaciona o conceito de parábola com o desenho de sua curva, fazendo analogias com o movimento de um móvel descrito num plano cartesiano, uma representação da qual surgem discussões relacionadas ao tema proposto em Estudos Sociais: “Guerra Fria”. Este tema vem à cena, inclusive, para dar indícios de quais e como certos temas, muito significativos à época, foram tratados em situações escolares.

*A Guerra Fria, por exemplo, foi o tema gerador, na 3ª série se não me engano. Então, tínhamos que pensar em aplicar conceitos já conhecidos: medidas, localização (de mísseis), formas geométricas planas e espaciais e ao mesmo tempo tínhamos que elaborar ideias novas como: trajetórias, trajetórias parabólicas ou elípticas dos mísseis. (Lucilia Bechara)*

*Guerra Fria, contexto de Guerra Fria, um contexto de polarização política e os Estados Unidos passam a financiar as ditaduras na América Latina e apoiar ditaduras na América Latina como um todo, e aqui no Brasil, por exemplo, no Chile também não era... era um governo socialista moderado, não era um governo socialista alinhado com a União Soviética, era um governo socialista eleito democraticamente pela população. Aqui no Brasil, Jango não era comunista, Anísio Teixeira não era comunista, que foi um sujeito, uma das maiores cabeças da educação brasileira, um sujeito que estava, desde os anos cinquenta, a frente da Capes<sup>93</sup>, a frente do Inep<sup>94</sup>,*

<sup>92</sup> Os matemáticos Nikolai Lobachevsky e Bernhard Riemann aprofundaram os estudos do Quinto Postulado de Euclides (o postulado das paralelas) o que implicou resultados muito importantes para a Matemática e a Física. Diante do desafio de provar o quinto postulado de Euclides a partir dos anteriores, vários matemáticos construíram diferentes tipos de geometrias. Atualmente a Geometria Euclidiana é raramente trabalhada tanto nas escolas de Ensino Médio quanto nos cursos que formam professores de Matemática.

<sup>93</sup> Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

*um sujeito estudioso do John Dewey, do pragmatismo norte americano, um sujeito que concebeu um sistema de educação para este país e que estava levando a cabo um projeto de consolidação de um sistema educacional, desde a pós-graduação até a educação básica, até a pré-escola, um projeto liberal, eminentemente liberal, se você ver as ideias do Anísio<sup>95</sup> ele era um liberal, um liberal de carteirinha, digamos assim, um sujeito que depois, em 1971, acaba assassinado em condições suspeitíssimas: ele foi encontrado morto no fosso do elevador.(Daniel Chiozinni)*

A Matemática, até onde nossos relatos permitem perceber, procurava adequar-se à integração em torno dos temas propostos segundo os parâmetros vigentes nos Vocacionais.

A equipe pedagógica e os professores reuniam-se e planejavam, avaliavam e reformulavam diariamente suas estratégias. Tinham, entre outras atividades, uma “reunião semanal, com duração de duas horas-aula, conhecida como CP, isto é, Conselho Pedagógico” (BALZAN, 2015, p. 53). Não havia nada pronto, um modelo ou uma cartilha a seguir. No Vocacional, deveriam, em conjunto, criar estratégias, baseados na proposta pedagógica. Os professores de Matemática procuravam realizar esta integração: liam, estudavam, questionavam, discutiam muito entre seus pares nas reuniões e conselhos.

Das lembranças de Esméria Rovai sobre as aulas de Matemática ficam questões relacionadas à integração de áreas:

*Das aulas de Matemática em si eu não saberia te dizer, mas eu me lembro muito que eles tinham, por exemplo, problemas na disciplina de Artes Industriais, eles eram levados para a Matemática e a Matemática voltava para Artes Industriais para realizar os desenhos, os projetos dos desenhos e para eles poderem fazer. Nas Práticas Comerciais, os alunos tinham que fazer conta, dar o troco, fazer o balanço das atividades da cantina. Tudo isso era Matemática, certo? Então, na verdade, o Vocacional trabalhava de um modo geral em torno de um problema, mas havia disciplinas que se comunicavam mais em função de alguns conceitos, por exemplo, Matemática se comunicava muito com Artes Industriais, com Práticas Comerciais, com Artes Plásticas, com Educação Doméstica, nas receitas que os alunos faziam, nas decorações que os alunos faziam, então elas se ligavam muito. (Esméria Rovai)*

A Matemática nos Vocacionais buscava, com alguma dificuldade, se ligar aos projetos interdisciplinares disparados pela disciplina Estudos Sociais - a coluna

<sup>94</sup> Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.

<sup>95</sup> Anísio Spinola Teixeira nasceu em Caetité, sertão da Bahia, em 12 de julho de 1900. Após sólida formação adquirida em colégios jesuítas, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e obteve o título de *Master of Arts* pelo *Teachers College* da *Columbia University*, em Nova York, em 1929. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1971. Considerado um dos maiores educadores brasileiros, deixou uma obra pública excepcional. Sua formação educacional foi fortemente influenciada pelo pragmatismo do filósofo John Dewey, cujas ideias divulgou no Brasil.



vertebral das disciplinas à qual as demais estariam, todas, interligadas, ao mesmo tempo interligando-se umas as outras.

A necessidade dessa integração exigia, quase que naturalmente, a elaboração de materiais específicos, distintos dos já existentes no mercado, cuja norma era a padronização.

Nos Vocacionais, professores e alunos, como vimos, produziam materiais e não seguiam livros didáticos. Desta prática surgem críticas: são registrados pedidos de alunos do Colegial Vocacional defendendo a adoção de livro didático e de mais aulas expositivas. Esses aspectos nos dizem mais sobre como o Vocacional vai sofrer críticas, reflexos de crises internas e influências externas, já que todas as demais escolas pautavam-se por um ensino tradicional e esta prática de confecção e produção de material didático vai subverter uma ordem estabelecida e naturalizada inclusive no que se refere à venda de livros didáticos. Instâncias serão afetadas e discursos surgem e podem ser ou não ouvidos, ser ou não ignorados.

A proposta pedagógica, no entanto, era buscar a autonomia do aluno e, dessa forma, incentivavam o uso dos livros à disposição na biblioteca como fonte de consultas. O Professor Antonio Pedro Zago nos fala que os professores eram orientados a estimular o aprendiz à prática da pesquisa. Não dando respostas prontas, procuravam sempre “responder com novas perguntas”.

Havia disponíveis livros franceses e americanos, além daqueles ligados ao Movimento da Matemática Moderna, marca da época e responsável por uma explosão no mercado editorial, mas ainda resistiam e buscavam não se desligar totalmente do ensino tradicional e ainda introduzir uma Matemática ligada ao contexto e à realidade. Os Vocacionais procuravam trabalhar um misto do ensino tradicional com as novas propostas relacionadas à Matemática Moderna, atrelada às propostas piagetianas.

*Os trabalhos de Max Bieberman, do Irem e do SMSG eram fontes de referência. Do Brasil buscamos os trabalhos do Jacy Monteiro e do Benedito Castrucci. Eu, particularmente, gostava também de consultar os livros russos de geometria e, principalmente, da geometria descritiva. Assim, íamos elaborando o material para uso dos alunos que era mimeografado dia-a-dia revisto e organizado ano a ano com as novas turmas e professores. Discutíamos muito e refletíamos sobre a aprendizagem dos alunos e organizávamos as “baterias” de acordo com os conteúdos. Nós, professores de Matemática, sempre nos encontrávamos para refletir.  
(Lucília Bechara)*

Segundo Lucilia Bechara, os professores, não apenas em consequência das necessidades impostas pela Matemática Moderna, buscavam, juntos, novas formas de ensinar e aprender Matemática que estivessem engajadas com a proposta pedagógica. Faziam da escola uma oficina de práticas ainda não sedimentadas, práticas a serem experimentadas e avaliadas. Segundo ela, traçavam o caminho ao caminhar. Não havia respostas, havia muitas perguntas e discussões nas reuniões periódicas e sessões de estudo (que aconteciam, inclusive aos sábados) em cada Ginásio ou nos cursos em que se reuniam os professores de área das seis unidades. Havia um ímpeto de busca do que ensinar e do como ensinar, uma disposição em enfrentar os desafios do novo, característica central a muitos discursos. Nossos depoimentos apontam claramente uma tentativa de atender ao desafio e enfrentar os novos modos de ensinar e, mesmo diante das resistências, cuidam de criar nos Vocacionais, no que se refere à Matemática, vários aspectos inovadores, por vezes subvertendo práticas naturalizadas acerca dos conceitos de ensino e aprendizagem da Matemática.

“A integração dos conteúdos e conceitos com outras áreas, a compreensão destes dentro do contexto sociocultural é condição *sine qua non* para que ocorra a educação matemática no verdadeiro sentido da palavra.” (BECHARA, 1968)

\*\*\*\*\*

As narrativas sobre o ensino de Matemática mostram facetas variadas que dependem e estão irremediavelmente vinculadas àquele que narra. As ênfases pautam-se nas experiências pessoais de cada um, na forma com que foram vividas e de que hoje se recordam. O discurso do aluno apresenta dissonâncias em relação ao discurso do professor. São práticas e visões múltiplas e por vezes distintas da Matemática, construídas quando se volta o olhar para o passado que se cria no instante da entrevista. Apesar das correções e dos cortes, permaneceram carregados de experiências subjetivas, vivências pautadas por modos de lembrar e memorar não apenas as experiências relacionadas ao Vocacional, mas também a todas as outras pelas quais nossos depoentes passaram. Esse processo em que se juntam passados, menos ou mais distantes, e perspectivas de futuro é, às vezes, racionalmente conduzido, mas outras vezes apenas manifesta-se, sem uma racionalidade explícita, na memória que o depoimento registra. O Professor Antonio Pedro Zago, por exemplo, nos conta que muito do Vocacional ele só foi entender

mais tarde, a partir de estudos que realizou, numa busca intencional para compreender esta experiência.

Cecília Guaraná, durante o 33º. Bate Papo Cultural, referido anteriormente, concorda que “as inverdades fazem parte da arte”, “fica na memória aquilo que significa” e que “fazem parte da arte os equívocos emocionais”.

A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. Quando Scheerazade contava, cada episódio gerava em sua alma uma história nova, era a memória épica vencendo a morte em mil e uma noites. (BOSI, 1994, p. 90)

Quando perguntamos sobre o professor de Matemática aos ex-alunos Eduardo Amos, Luigy e Renata Rangel, eles trazem lembranças esparsas, diluídas, que não se relacionam à Matemática propriamente, mas, e principalmente, ao modo de ser do professor, ao modo do professor ser professor. Enquanto Luigy se ressentia do professor que teve, Renata recorda-se com entusiasmo e alegria de sua professora de Matemática, Berenice Mendoza, que vivia entre seus alunos, seja na sala de aula, refeitório ou nas “artes”, com o seu tamanco na mão... a professora Berenice Mendoza parece ter subvertido, ao menos para Renata, o estereótipo do sisudo professor de Matemática, e é nela que Renata vai se inspirar para a escolha de sua profissão.

Se Berenice Mendoza subverte e reinventa um modelo de professor de Matemática, também nas memórias da professora Lucilia Bechara a subversão se manifesta: ela encontra na Matemática uma forma de desafiar a sociedade, de afirmar que mulheres poderiam ocupar outros lugares que não aqueles a elas reservados segundo os parâmetros da época. Mulheres poderiam aprender e se destacar em Matemática, região cujo acesso era mais comumente destinado aos homens. Conta-nos que desde criança se esforçava para exhibir seus conhecimentos matemáticos. Seu histórico de sucesso com essa disciplina permite a ela, na época, pedir ao pai e à mãe (que curiosamente apresenta maior resistência) para cursar o Científico, algo então incomum. De meninas, usualmente, esperava-se que cursassem a Escola Normal, formando-se professoras. Lucilia, simultaneamente, é normalista e aluna do Científico, satisfazendo ao mesmo tempo o seu desejo e o dos pais. Este ímpeto desafiador das normas e costumes estabelecidos em relação ao papel estabelecido/destinado culturalmente para a mulher também se manifesta em

sua narrativa quando afirma que a última coisa que pretendia ouvir do seu atual marido era um pedido de casamento: queria e se preocupava em fazer carreira, ser independente, sustentar-se, instigada pelo pai (com presença aparentemente marcante em sua vida) que, segundo ela, não queria que suas filhas dependessem de maridos. Lucilia Bechara traz *flashes* que subvertem o discurso e a prática de uma época, como faz Berenice Mendoza.

Atitudes que parecem encontrar ressonâncias com alguns discursos precursores, em tempos de mudanças, inclusive a do papel da mulher na sociedade, como se via nas manifestações culturais e comportamentais à época<sup>96</sup>. Nesta direção destacamos a voz do então Governador Carlos Alberto Pinto, ao apresentar o projeto de lei do Ensino Industrial que, além de estruturar o Ensino Industrial e de Economia Doméstica do Estado, cria os Ginásios Vocacionais:

Institui-se o ensino de Economia Doméstica e de Artes Aplicadas como ramo independente, mas paralelo, ao Ensino Industrial [...] São Paulo, pioneiro na organização de cursos que visam a preparação da mulher para as atividades do lar, dará, se adotada a orientação ao anteprojeto, mais um passo à frente na estruturação de todo o sistema de ensino de Economia Doméstica e Artes Aplicadas. Esse ensino, sem ser exclusivamente feminino, apresentará características inéditas em nosso país: oferecerá adequado campo de preparação às jovens, como futuras donas-de-casa e, portanto, como agentes de elevação do padrão de vida familiar, ensejando ainda à mulher a oportunidade de se habilitar para o exercício de profissões relacionadas com as atividades domésticas e com artes aplicadas.” (SÃO PAULO, 1960, ANAIS da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 10/08/1960, p. 420, vol. VI, apud CHIOZZINI, 2014, p.23)

Nos projetos realizados que englobavam diversas disciplinas, a Matemática era chamada. Assim, cálculos matemáticos eram efetuados em situações extraclasse, cálculos que não necessariamente estavam no cronograma da série, mas faziam sentido e se justificavam naquele momento, e assim eram mobilizados. Os conteúdos matemáticos - apesar de, segundo Bechara e Zago, haver uma linearidade - não eram tratados de forma fechada: a necessidade de alterações, inserções, ou seja, a maleabilidade e flexibilidade no tratamento dos conteúdos, nos cronogramas, era uma prática aceitável, que não incomodava, dada a proposta do Ensino Vocacional de “não estabelecer uma cisão entre escola e vida, compreendendo a educação sob o prisma da totalidade orgânica, os vocacionais também estiveram à frente do seu tempo [...]” (TAMBERLINE, 2005, p.47)

<sup>96</sup> A invenção do biquíni, datada do final da década de cinquenta, início da década de sessenta, mostra, dentre tantas outras manifestações, os caminhos e horizontes que se abrem à emancipação da mulher.

Via de regra, dos depoimentos e textos vêm exemplos de aplicação da Matemática a outras áreas e/ou disciplinas práticas, como Contabilidade, Práticas Comerciais, Artes Industriais e Educação Doméstica anunciando práticas pedagógicas inter e transdisciplinares.

Eduardo Amos nos conta que para confeccionar um “limpa pés” de madeira precisou entender e aplicar os conceitos de inclinação e ângulo. Consultava o professor de Matemática para esta e outras atividades propostas na disciplina de Artes Industriais.

O professor José Ângelo Pompeo cuidava, junto aos alunos, da compra e venda dos tecidos para a confecção dos uniformes. Os alunos compravam lotes de tecido nas fábricas de Americana para serem vendidos na escola. Não havia, segundo ele, fins lucrativos: este dinheiro era revertido para as mais variadas necessidades. Vendiam na Cooperativa material escolar, como canetas, lápis e borracha. Na Cantina vendiam lanches, doces, suco, refrigerantes, frutas. Adquiriam estes materiais, vendiam, e faziam o fechamento do caixa da Cantina e da Cooperativa, todos os dias, dados que seriam repassados ao Escritório de Contabilidade.

Os alunos ficavam responsáveis junto aos seus professores pelo Banco Estudantil e pelo Escritório de Contabilidade a medida progressiva de escolaridade. Todos os alunos possuíam conta no Banco e talão de cheques individuais para movimentação dessas contas nas transações efetuadas no interior da escola, nas compras e vendas realizadas pelos alunos. O cheque era a moeda que circulava na escola. Davam atendimento ao Banco realizando depósitos e saques. Essas responsabilidades, muitas vezes, “representava abrir mão do lazer nos intervalos do recreio (um no meio da manhã, outro na hora do almoço, outro no meio da tarde), mas era um grande prazer para mim e para meus colegas também.” (SIMON, 2005, p.169)

Nos inúmeros planejamentos eram criadas estratégias e discutidos todos os procedimentos a serem realizados para o cumprimento dessas atividades de compra e venda, controle de fluxo de caixa, agendamento financeiro. Os professores supervisionavam as atividades e os alunos trabalhavam em grupos que se alternavam na coordenação dessas práticas.

Os professores tinham um regime de dedicação exclusiva: trabalhavam 40 horas semanais<sup>97</sup>, e metade dessa carga (ou mais) era destinada a atividades de planejamento, reuniões e trabalhos em equipe, o que facilitava o envolvimento, dedicação, efetivação, avaliação e continuidade dos projetos. O Professor Antonio Pedro Zago nos diz que costumavam permanecer e trabalhar na escola por muito mais tempo que o tempo oficial determinado.

A quantidade e forma de utilização do tempo nestes espaços propiciaram a criação de fortes laços de amizade no Vocacional entre professores, entre alunos e entre professores e alunos. Tornaram-se amigos, namorados. O dever, o trabalho, as responsabilidades, aliavam-se à diversão e ao lazer. Poderíamos citar aqui inúmeros exemplos: Professor Newton Balzan casa-se a professora de Inglês do Vocacional de Rio Claro, Sra. Cecília; Lucilia Bechara casa-se com Professor Nelson Sanchez. Professora Berenice Mendoza e Professor Newton Balzan, assim como Professora Cecília Guaraná e Sra. Lygia Tibiriçá possuem laços de amizade que duram há mais de 50 anos. O Professor Pompeo conta-nos emocionado ter recebido uma carta de Maria Nilde quando do falecimento de seu filho; recorda-se, com orgulho, que nunca chegou a tirar uma licença médica em todo o seu tempo de Vocacional, mesmo quando, tendo sofrido um acidente, ia de muletas para a escola: o Vocacional era local onde se apreciava estar. Interessante notar que há, nas escolas estaduais, índices altos de licenças médicas entre os professores. A docência tem sido uma das profissões que mais faz adoecer.

Na sala de aula, o professor tenta vencer o barulho dos alunos e a indisciplina enquanto explica o conteúdo de sua matéria. Em seu corpo, cordas vocais estressadas pela vibração em alta frequência por horas. Ouvidos submetidos constantemente a sons acima do limite adequado para o trabalho. Tendões sobrecarregados e músculos cansados por estar em pé horas a fio, todos os dias, ao longo dos anos. Acrescente a esse quadro a administração constante de conflitos. Por fim, o retorno muitas vezes é parco, os salários são baixos e, mais, a sociedade observa atenta seu trabalho, reiterando que dele depende o futuro do país. Ainda que muitas profissões exijam do corpo humano um sobre-esforço, a vida profissional dos docentes vem chamando a atenção dos pesquisadores. As doenças funcionais dos professores explicam, pelo menos em parte, o elevado absenteísmo de algumas redes. Recentemente, por exemplo, a imprensa noticiou que cada professor da rede estadual de São Paulo falta, em média, 21 aulas por ano utilizando licenças de saúde. São quase mil aulas que deixam de ser dadas por dia. Na rede municipal de São Paulo, o problema não é diferente: cálculos de 2013 apontam para 1,8 milhão de faltas, metade por problemas médicos. (CAMARGO, 2015)

---

<sup>97</sup> Encontramos registros como em Mascellani, na entrevista ao Jornal Liberal de Americana em 1988, dizendo ser o regime de trabalho dos professores de 36 a 44 horas semanais.

*Não, não havia rotatividade. Não havia pedido de licença, faltas, isso que comentei com o Alcimar, não me lembro de no Vocacional ter professor que tirava licença, que tinha problema de saúde, como agora. Tem um caso que eu cito aqui no livro que, em maio, no Estado, já tinha 40% de professores em licença. [...] Algo não está bem. E é um local estressante. Eu, como trabalho agora com a visão quântica da saúde, tento mostrar aos professores que eles precisavam, quer dizer, até com a questão de economia para o Estado, produzir menos doente na educação. (Esméria Rovai)*

Quão perto temporalmente e quão distante das características essenciais de uma escola, de um ser professor, de uma sala de aula, de um ambiente escolar, de uma comunidade escolar vemos nesse trecho de Camargo (2015) em contraponto às narrativas de nossos depoentes. Ao extrapolar os muros da escola, perpassar linhas do tempo, a cultura Vocacional cria um espaço singular. Quando nos deparamos com informações dessa natureza, sentimos o peso e a relevância de produzir narrativas, de contar histórias.

Para Benjamin, rememorar é um ato político, com potencialidades de produzir um “despertar” dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção das utopias. Rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro. (GALZERANI, 2016, p.21)

Sentimos a necessidade de trazer essas lembranças que nos evocam imagens, mundos, ares de uma realidade da década de sessenta em nosso estado, logo ali... e tão distante.... Com isso não pretendemos ser saudosistas ou eleger o Sistema Vocacional como um sistema de ensino infalível, perfeito. Narrar essa história, realizar essa pesquisa, nos traz satisfação por poder compartilhar *flashes* de uma cultura escolar que raramente se encontra nos dias atuais, “tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.” (BOSI, 1994, p. 90)

E como toda a história, ao menos nos moldes tradicionais, tem um fim, os capítulos finais serão narrados na sequência cronológica que nos propusemos seguir.

Essa narrativa tratou diferenciados aspectos desde a idealização e implantação dos Vocacionais (1961-1962), atravessou a efervescência, crises, construções, desbravamentos, subversões, acompanhados dos mais diversos

entraves pedagógicos possíveis a um ambiente escolar na qual se ousou experimentar inovações educacionais. Olhamos para o cotidiano Vocacional entre 1962 e 1968. Na narrativa que segue encerraremos essa história: adentramos nos seus desfechos finais. Essa história vai estar, tanto mais que antes, sendo tocada pelo contexto sócio-político do país: 1968 e 1969, novos rumos são dados ao Brasil e, em decorrência, às experiências (educacionais) inovadoras, como os Ginásios Vocacionais.



## 6 ANO DECISIVO: 1968 – 1969

*E aí puseram o exército no meio e tudo acabou. Aí veio o exército, os tanques de guerra, as metralhadoras. (Ângelo Pompeo)*

### 6.1 O INÍCIO DO FIM...

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. (Prefácio, Mil Platôs)

A vigência dos Ginásios Vocacionais e do Serviço de Ensino Vocacional foi curta. Tão logo se iniciou, começou sua *via crucis*. Muitas lutas foram travadas pela sua sobrevivência. Durante sua existência passaram pela Secretaria da Educação nove secretários. A instabilidade política interna e externa aos Vocacionais vai ser preponderante e decisiva para o desfecho de sua história?

Em 1962, são implantadas as três primeiras unidades. Porém, em janeiro desse ano Luciano de Carvalho deixa de ser secretário da educação. O novo secretário Carlos Pasquale não tem a mesma visão do seu antecessor. É contra a ideia dessa modalidade de ensino. Começava aí a *via crucis* dessa experiência, só suportada por todos os que acreditavam e apoiavam essa ideia, sobretudo os pais e amigos da própria comunidade. O fio que deveria ser o gerador da tecedura dessa inovação começava a se esgarçar. (LIMA; ROVAI, 2015, p. 97)

Os Ginásios Vocacionais herdaram os conflitos resultantes da conjuntura política da época, marcada pela pressão por mudanças na educação e pela efervescência dos movimentos sociais. A chegada do regime militar em 1964 complica a vida das iniciativas educacionais renovadoras. No caso dos Ginásios Vocacionais, a luta de pais e professores consegue mantê-la viva por mais tempo, mas em 1969 é extinto o Sistema de Ensino Vocacional. As escolas continuariam funcionando, agora, no sistema regular de ensino. Houve, na transição, como Antonio Pedro Zago nos fala, uma sobrevida, tentativas de manter o sistema anterior. Isto durou muito pouco tempo.

As unidades implementadas duraram oito anos – de 1962 a 1969. Como em outros segmentos da sociedade brasileira percebemos que, principalmente a partir de 1968, começam a se acirrar pressões internas e externas que levaram à extinção do Ensino Vocacional da rede pública, uma experiência que, segundo alguns, era vista como ameaça ao regime ditatorial vigente.

*Então, 68 foi o ano de explosão no mundo. Começou em Berlim e Paris. Estudantes do mundo inteiro saindo pelas ruas. O mundo ia acabar. E nós na rua lutando contra a ditadura. (Newton Balzan)*

*Conhecer a realidade para o Vocacional era fazer com que o aluno se percebesse como um cidadão pertencendo a um grupo social no qual ele tinha um papel, uma responsabilidade, um compromisso, certo? Não era fazer revolução. (Esméria Rovai)*

Mas os Ginásios Vocacionais não eram bem vistos também por profissionais da rede regular de ensino e podemos dizer que enfrentava restrições vindas também dos meios universitários. “Havia tempos criticava-se o fato de seu custo ser muito alto, tanto que a unidade de São Caetano do Sul, inaugurada em 1968, já não contava com o tempo integral.” (BARROS, 2011)

Julgaram-na uma experiência elitista. No início, Maria Nilde Mascellani recusa a ampliação do Sistema, mas em vários momentos ela faz solicitações para sua expansão (que, segundo ela, deveria acontecer paulatinamente) que não são atendidos.

Em suas narrativas os depoentes referem-se a casos particulares relativos ao ressentimento de professores que não vinham sendo bem avaliados internamente:

*Infelizmente acabou por causa de uma briga boba de um professor que perdeu espaço. Não estava dentro desse contexto e quis jogar... uma coisa que realmente não existia. (Renata Rangel)*

*Houve uma avaliação no final do ano e alguns professores iam ser transferidos e esses professores fizeram um movimento para evitar essa transferência e culminou, no fim numa denúncia ao Exército e, depois, com o fim do Vocacional. (Ângelo Pompeo)*

A ditadura militar, aproveitando-se das pressões e crises internas e externas, com receio de sua repercussão, dos propósitos da escola e de sua expansão, atinge violentamente os Ginásios Vocacionais numa invasão múltipla, coordenada pela polícia militar e pelo exército. Em 12 de dezembro de 1969 ocorre a intervenção militar em todas as unidades do Vocacional ao mesmo tempo, com queima da maioria de seus materiais e arquivos. A intervenção militar é descrita e permanece impressa na memória coletiva daqueles que vivenciaram a experiência Vocacional.

*Estávamos ensaiando para a formatura e saímos com metralhadoras nas costas. (José Ângelo Pompeo)*

*Em 69 houve a invasão dos Vocacionais, foi uma ação conjunta. O exército entrou em todas as unidades dos Vocacionais. O exército entrou e confiscou todos os papéis, todos os documentos, lacrou a sala de orientação pedagógica e levou todo o material dos Vocacionais para o quartel. (Berenice Mendoza)*

*[...] você tem uma memória coletiva que apaga estas crises internas e uma memória individual que embora tenha seus pontos de intersecção com a*

*memória coletiva, obviamente, que fale das crises da repressão, etc e tal, mas também sente a necessidade de puxar outros referenciais que são essas crises, as demissões, as brigas internas...[...]*  
*Mas quando você está tratando de um grupo, da identidade de um grupo, de uma memória que uniformiza, que dá coesão, porque a memória coletiva ela dá essa coesão a um grupo, ela implica apagar os conflitos, as dissonâncias e como o Vocacional, como eu disse, foi muito atacado... (Daniel Chiozzini)*

Uma das representações e registro dessa intervenção aparece no filme de Toni Venturi, que nos apresenta uma leitura com imagens deste emblemático e lamentável momento histórico na educação paulista. Alunos, professores, diretores, técnicos e funcionários do extinto SEV foram indiciados em processos policiais militares, ocorrendo prisões, devassas em suas casas e aposentadorias compulsórias (CEDIC, 2014). Seus idealizadores e professores foram presos e fichados como subversivos (CHIOZZINI, 2003).

*Em 5 de junho de 1970 é publicado o decreto estadual nº 52.460, que extingue o ensino renovado em todas as escolas estaduais. A partir deste decreto, as escolas pedagogicamente passam a ficar subordinadas à Divisão de Assistência Pedagógica, sob a direção da professora Teresinha Fram e, administrativamente, subordinada ao Departamento Regional de Educação da Grande São Paulo. A experiência estava de fato extinta. (FERREIRA, 2007, p.53)*

Porém, se curta foi a vigência, rica e longa foi sua história, hibernada durante o período da ditadura. “É rica a lembrança registrada na memória de seus participantes, impregnada dos traços marcantes que imprimiram sua filosofia e inspiraram sua pedagogia” (ROVAI, 2005, p.19)

*Era uma escola dos sonhos. (Antonio Pedro Zago)*

*Eu acho que no mundo inteiro não teve outra experiência como a nossa. Há aquela da qual o Prof. Rubem Alves fala tanto, em Portugal. A meu ver, nem se compara com o Vocacional. (Newton Balzan)*

Este talvez seja o maior paradoxo que envolveu a experiência dos Ginásios Vocacionais: quanto mais ela desenvolvia pedagógica e tecnicamente seus propósitos, mais ela se distanciava dos interesses da máquina do Estado, que não soube estabelecer o diálogo entre o político e o pedagógico e, assim, adequar-se à realidade das mudanças educacionais solicitadas. Visando seguir o viés da “ordem e progresso” pensados para o contexto do século XX, o Estado não foi capaz de se confrontar com o novo ideário que se anunciava no horizonte. Para o Ensino

Vocacional, que acreditava nas suas convicções, foi impossível aceitar o retrocesso. (ROVAI, 2005).

Esta “infraestrutura institucional”, entretanto, “permitiu o desenvolvimento de uma experiência educacional efetivamente vanguardista e com resultados quase inquestionáveis por todos aqueles que dela participaram.” (CHIOZZINI, 2014, p.94)

No ano em que o homem realizou o sonho de chegar à Lua, fazendo a humanidade dar o que o astronauta Neil Armstrong chamou de um “gigantesco salto”, o Brasil deu um passo atrás e mergulhou nas trevas, atacado de sectarismo ideológico e intolerância política. Ao contrário de 1968, que foi solar e generoso, sintonizado com o mundo, o nosso 1969 político foi de descompasso e desvio. À onda planetária de distensão política e liberação dos costumes, respondemos com a repressão e o obscurantismo. (KULLER, 2015)

## **6.2 UM DESFECHO (IM)PREVISTO? UMA FENDA, NOVOS CONTORNOS, NOVOS TRAÇADOS**

**1964 – 1968:** sensações de proximidade temporal

As evidências em seu próprio tempo são fabricadas.

Albuquerque Júnior

A história se bifurca. Para compreender esses tempos muitas histórias ainda serão escritas. Sobre alguns dos textos já produzidos nos debruçamos. Estudos nos possibilitaram entender e conhecer mais sobre este período da história do país. No ano de 2014, segundo ano de minha pesquisa, editoras lançam novos livros, há uma explosão de programas televisivos, documentários, revistas, filmes: o país lembrava, então, os 50 anos do Golpe Militar no Brasil.

## **6.3 O REGIME MILITAR, A DITADURA, E OS GINÁSIOS VOCACIONAIS**

Cada um de nós era vários, já era muita gente. (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

### **Sobre os processos de composição da narrativa**

No período de existência dos Ginásios Vocacionais, de 1962-1969, o Brasil atravessou um momento histórico-político bastante particular: a implantação do regime militar no Brasil.

Entre uma e outra data, 1964 e 1985, o Brasil passou por um turbilhão de acontecimentos que, em grande parte, nos definem até hoje e provocam

muito debate. A economia cresceu, alcançando o país ao oitavo PIB mundial. Mas, igualmente, cresceram as desigualdades e a violência social, alimentadas em boa parte pela violência do Estado. A vida cultural passou por um processo de mercantilização, o que não impediu o florescimento de uma rica cultura de esquerda, crítica ao regime. Os movimentos sociais, vigiados e reprimidos conforme a lógica da 'segurança nacional' não desapareceram. Muito pelo contrário tornaram-se mais diversos e complexos, expressão de uma sociedade que não ficou completamente passiva diante do autoritarismo. (NAPOLITANO, 2014, p. 08)

Este contexto provocou em nós, desde o início deste estudo, questionamentos. Poderíamos não nos ater a ele? Poderíamos afirmar, de antemão, que os Ginásios Vocacionais foram “atingidos”, “tocados” e influenciados por este momento político? Foram os responsáveis pelo desfecho dessa história? Escreveram seus futuros?

Hoje, passado mais de meio século do Vocacional e do Golpe Militar, muito destes acontecimentos foram revisitados pela historiografia e pela memória social.

Num processo de cotejamento, recortes<sup>98</sup>, houve neste trabalho uma tentativa de compreender como se deu, junto, sobre e a partir dos depoimentos, este período particular da história brasileira, principalmente, no que se refere a possíveis inter-relações com o Ensino Vocacional. Apresentamos uma narrativa que se apoia nas percepções dos acontecimentos memorados e relatados pelos depoentes desta pesquisa, como também em outras referências sobre o tema. Os relatos e lembranças de experiências vividas nos permitiram caracterizar alguns *flashes* desse momento político do país, não apenas quanto aos aspectos relacionados aos Ginásios Vocacionais e o SEV, mas também nas vidas, nas experiências vividas por estas pessoas neste período.

Diante deste panorama e questionamentos iniciais criamos um tópico específico no roteiro das entrevistas que focalizasse o momento político pelo qual atravessava o Brasil na década de sessenta e que gerou possíveis interferências no Vocacional. Assim, inevitavelmente, os depoentes deixaram suas impressões sobre esta época.

De início, isto pareceu tarefa simples e evidente, no entanto, percebemos, ao longo das entrevistas e posteriores análises, certas particularidades e sutilezas, algumas delas difíceis de tratar além do que os depoimentos já tão claramente

---

<sup>98</sup> Pensamos que os recortes podem ser usados como forma de compartilhar também compreensões e modos de produção, por vezes, facilitando o trajeto entre depoimento e análise. Nos possibilita, também, compartilhar com o leitor os guias que nos nortearam na interpretação. (GARNICA, 2008, p.124)

expressavam. A abertura e a disposição em falar e o que se disse efetivamente oscilam de depoente para depoente. Ao tocar no assunto, notam-se ora excitação, ora cautela, restrições, desvios e fugas.

As práticas narrativas devem se assentar no desapontamento da concepção absoluta da verdade, deixando vir à tona pessoas mais inteiras, na relação com outras pessoas, situadas no presente, dialogando com o passado, mas abertas ao futuro. Pessoas deixando transparecer suas certezas, mas também suas incompletudes. Pessoas que renunciam a tudo preencher, para deixar que algo do outro possa dizer-se. (GALZERANI, 2016, p. 22)

Dada estas sutilezas, elaboramos uma narrativa pautada no cuidado com os processos de transcrição, textualização e análise. Uma busca ainda mais atenta ao elaborar esta narrativa produziu uma interpretação carregada de impressões, atreladas aos afetamentos, advindas de direções diversas. O Brasil, à época em que realizávamos as entrevistas, como enfatizamos, lembrava-se da ditadura militar passados 50 anos, sendo este tema tratado, em programas televisivos, jornais, revistas, palestras, eventos e vários lançamentos de livros cuja intenção era revisitar esse momento histórico. Esses materiais todos serviram como referencial para compor este nosso texto.

Nas tentativas de desfazer certos nós desta trama criamos outros. Nesta narrativa não elencamos categorias ou temas convergentes, detectados das textualizações por repetição. Destacamos e colocamos em pauta temas que, segundo nossa perspectiva, nos possibilitaram gerar compreensões e interpretações. Lançamos um olhar para singularidades e convergências múltiplas nos depoimentos, num processo de criação que não se desejou linear, posto que se deu em meio a avanços e inúmeros retrocessos. Uma análise que se deu por convergências temáticas mantendo os aspectos singulares dos discursos.

Como pintar uma tela ou montar uma peça com variadas cores, tons, sons, falas e silêncios? As compreensões emergem num esforço por estabelecer conexões possíveis e plausíveis entre discursos, aceitando que estamos, irremediavelmente, comprometidos com certa visão de mundo, local e espaço que nos atravessam, nos constroem, nos tomam, nos invadem, nos limitam e permitem ampliações.

Não há conhecimento neutro: somos afetados e afetamos as coisas num contínuo movimento do existir. Instauramos realidades. Buscamos realizar um

diálogo dentro das nossas possibilidades e limitações, ao mesmo tempo em que nos propomos transpor alguns limites.

Referências foram visitadas e requisitadas para compor esta narrativa. Estão aqui presentes não como adornos, mas para nos ajudar a pensar e nos encorajar a abrir novas portas, a propor e, quem sabe, vislumbrar novos modos de compreender e criar realidades e aberturas ao futuro.

Não se pode separar o Ensino Vocacional do seu tempo. Nos relatos e depoimentos procuramos perceber manifestações e entrelaçamentos que ocorrem ora de forma mais explícita, ora de forma mais velada, e são observados nas expressões, nos olhares, pausas e silêncios. O modo de ser e narrar de cada um manifesta lembranças e nos permitiram elaborar compreensões.

Neste processo interpretativo percebemos que a ditadura não atingiu os Ginásios Vocacionais e o SEV apenas e pontualmente em março de 1964; ou em dezembro de 1968 – quando foi decretado o AI-5 -, ou com a invasão de seus prédios pela polícia e pelo exército em dezembro de 1969. É num tempo caótico, marcado de inúmeras formas, em distintos momentos, tempos e situações, que o Vocacional vai sendo paulatinamente atingido – e, convém ressaltar, não apenas por fatores externos, como eram os ventos ditatoriais do Estado.

### **Sobre a Ditadura Militar e os Ginásios Vocacionais: possíveis conexões**

No terceiro livro da República, Sócrates, depois de examinar a ação corruptora da poesia, com exemplos extraídos principalmente de Homero, observa que a mentira é inútil aos deuses, e só útil aos homens na forma de fármaco [...]. Dessa cláusula restritiva deriva uma afirmação de caráter geral: “Portanto, aos líderes da cidade, se não aos outros, convém mentir [...] por causa dos inimigos ou dos cidadãos, em benefício da própria cidade [...]”. Tal faculdade, porém, é explicitamente negada ao cidadão privado: mentir aos líderes é, de fato, pior do que mentir ao médico, ao professor de ginástica, ao piloto da nau, ou seja, àqueles a quem confiamos o corpo e a vida. (GINZBURG, 2001, p. 61)

O regime instaurado em 31 de março de 1964 foi paulatinamente influenciando e transformando a experiência Vocacional, as atividades cotidianas dos seus diretores, orientadores e professores. Ao longo do tempo essas transformações colaboraram e influenciaram a elaboração de seu enredo e desfecho: a sua história.

Três anos após a idealização do Vocacional e dois anos após a instalação de suas primeiras unidades, acontece o Golpe de Estado, resultado, segundo Napolitano (2014, p.9-10),

[...] de uma ampla coalizão civil-militar, conservadora e antireformista, cujas origens estão muito além das reações aos eventuais acertos e erros de Jango. O golpe foi o resultado de uma profunda divisão na sociedade brasileira, marcada pelo embate de projetos distintos do país, os quais fizeram leituras diferenciadas do que deveria ser o processo de modernização e de reformas sociais. O quadro geral da Guerra Fria<sup>99</sup>, obviamente, deu sentido e incrementou os conflitos internos da sociedade brasileira, alimentando velhas posições conservadoras com novas bandeiras do anticomunismo.

Diversificados nichos da sociedade brasileira apoiaram o Golpe Militar devido aos boatos incessantes e o conseqüente medo gerado pela possibilidade do comunismo se instaurar no Brasil.

[...] e ela (Maria Nilde Mascellani) demitiu os dezoito professores de Americana que decidiram parar.

**Eliza:** Demitiu?

**Daniel:** Pois é, e nesse momento, em 63, vésperas do Golpe Militar, ainda. E a autoridade dela, por ela ser uma figura centralizadora, ela tinha uma outra característica que também não é falada. Ao que tudo indica, pelas evidências que eu coletei, ela era uma figura politicamente conservadora neste período. A própria Olga fala que eles decidiram demitir mesmo, e a Olga já era do SEV, do Serviço Vocacional, que era a cúpula administrativa dos Ginásios, a Olga fala: “Nós éramos classe média, católica, anticomunista mesmo e nós víamos greve como coisa de comunista”. (Daniel Chiozzini)

Como outras instâncias, a cúpula do SEV, com Maria Nilde Mascellani, Olga Bechara e outros, não era - ao menos nos primórdios – contra o regime militar. Não entendiam o novo regime como algo nocivo, ou seja, as ideias de esquerda não encontravam tanta receptividade neste meio, como acontecia, por exemplo, com uma franca maioria dos meios universitários antes de 1964. “Como se verá, paradoxalmente, esse quadro iria mudar durante os anos do regime militar.” (MOTTA, 2014, p. 25).

Os Vocacionais, alinhados à proposta do governo do estado, participariam de manifestações públicas, como a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, ocorridas no Brasil entre março e junho de 1964, em resposta à suposta ameaça comunista, representada pelo discurso de João Goulart, no dia 13 de março, na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro,

<sup>99</sup> O tema Guerra Fria e Comunismo aparece nos relatos de nossos depoentes. A proposta pedagógica dos Vocacionais buscava alunos participativos e atentos aos problemas ao seu redor, que se relacionassem ao contexto histórico, político e social. O tema é, devido à época, eleito numa das Unidades Pedagógicas, e foi discutido na escola entre alunos e professores de todas as áreas. O tema Guerra Fria foi tratado, inclusive, na sala de aula de Matemática junto ao conceito de função quadrática e o movimento descrito no lançamento de mísseis e projéteis, relata a professora Lucília Bechara.



[...] onde, diante de mais de 200 mil manifestantes [o então presidente] assinou decretos de grande impacto popular, como a nacionalização das refinarias de petróleo privadas, a desapropriação de terras, situadas às margens de ferrovias e rodovias federais para a reforma agrária. Em resposta ao ato presidencial, em 19 de março, foi realizada em São Paulo, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, passeata na qual os manifestantes pediam a Deus e aos militares que salvassem o Brasil do perigo comunista representado pela figura do presidente. (HISTÓRIA EM CURSO, 2015, p. 08)

Participariam também da Campanha “Ouro para o bem do Brasil”. Alunos do Ginásio Vocacional “Chanceler Raul Fernandes” foram incentivados a comparecer na rádio do município de Rio Claro com discursos “prontos” para promover a campanha e pedir às famílias brasileiras que doassem ouro para o Brasil.

2014 marca o cinquentenário de uma campanha que enganou famílias inteiras e até hoje ninguém explicou o que aconteceu com os valores arrecadados. O nome do golpe: “Ouro para o bem do Brasil”. Tudo aconteceu em 1964 após a crise política alicerçada pela inflação galopante, que levou as Forças Armadas a promoverem uma quartelada que levou ao poder o marechal, Humberto de Alencar Castelo Branco. Evidentemente, o país estava de cofres vazios, sem reservas cambiais que pudessem conter a alta exorbitante do dólar. Diante do quadro desolador, os Diários e Emissoras Associados — grupo de mídia comandado por Assis Chateaubriand, o “Chatô”— lançam uma campanha na qual a população doaria joias em ouro para gerar lastro e assim produzir dinheiro que ajudaria o Brasil a sair da crise. Os casais que doassem suas alianças de casamento, por exemplo, receberiam de volta alianças de metal e um diploma com os dizeres: “Doei ouro para o bem do Brasil”. Com chamadas no rádio, televisão e reportagens pelos jornais do então poderoso grupo empresarial, a população menos informada se mobilizou para aquele que seria mais um “ato de cidadania”. (NUNES, 2014)

Estes momentos refletem certa aproximação de alguns professores com o ideário do Regime, pelo menos por um tempo e nos momentos iniciais dessa virada ditatorial, ou ainda um não afrontamento com o Estado.

No decorrer dos anos, dado os entornos e rumos que o cenário político e social vai tomando como, por exemplo, com as várias edições dos Atos Institucionais, AI-1, AI-2, AI-3, AI-4, AI-5<sup>100</sup>, o Decreto n. 477<sup>101</sup> e com o aumento da

<sup>100</sup> Os Atos Institucionais foram normas e decretos elaborados de 1964 a 1969, durante o regime militar, utilizados como mecanismos de legalização e legitimação das ações políticas dos militares. Em especial, o Ato Institucional Número 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do *habeas-corpus* e aumentou ainda mais a repressão militar e policial. De acordo com Motta (2014), o AI-5 foi, sem dúvida, um divisor de águas na história do regime militar: conferia ao presidente da República poderes praticamente ilimitados e, ao contrário de medidas autoritárias anteriores do próprio regime militar, sem prazo para expirar.

<sup>101</sup> O Decreto n. 477 foi promulgado em fevereiro de 1969. Foi concebido para dismantelar o movimento estudantil, considerado poderoso adversário do governo no contexto dos anos de 1968.

repressão, da intensificação da violência (de ambos os lados), claramente perceptível em várias situações e esferas, a postura, o perfil inicial de “apoio” do SEV ao novo regime vai se alterando na medida em que as normativas militares vão restringindo as liberdades individuais, muitas vezes com forte apelo à violência.

Situações de violência moral são descritas por Antonio Pedro Zago quando relata, por exemplo, ter tido sua residência, a moradia da USP, invadida numa madrugada de dezembro e ser literalmente preso, junto a outros estudantes uspianos, por vários dias, sem justificativa.

*[...] em 17 de dezembro de 68 nós tivemos que descer (todos os alunos) dos prédios e nos agrupar lá embaixo. Era madrugada e ficamos até mais ou menos meio dia lá embaixo sem comer, sem beber, sem nada. Depois fomos todos levados para o Presídio Tiradentes<sup>102</sup>, de ônibus da CMTC, foram vários ônibus... [...] E aí fomos para o Presídio Tiradentes. Lá passamos por uma triagem e ficamos ali uns três dias (eu acho). Eu fiquei sete dias. O governo me deve. (Antonio Pedro Zago)*

Logo o novo regime perderia adeptos de várias alas que num primeiro momento apoia os militares (ou pelo menos não se opôs) por acreditar nas chances de se alcançar um novo país, e com o passar dos anos, passa a ser fortemente questionado por vários segmentos. Um segmento forte será a Igreja Católica, que inicialmente apoiou os militares diante do temor do comunismo e as intenções de se manter no poder, mas altera sua postura diante, principalmente, dos atos violentos praticados pelo novo regime que instaura um clima de medo e desconfiança no país.

O golpe que lançou o Brasil em 21 anos de regime militar em 1964 encheu de euforia o coração de um presbítero de Petrópolis (RJ). Reconhecendo na “revolução” a chance de um novo país, livre do comunismo ateu que ameaçava a cristandade, o padre deslocou-se até o Rio de Janeiro com um só objetivo: dar a bênção às tropas do general Olímpio Mourão Filho, que tinham vindo desde a mineira Juiz de Fora para ocupar a Guanabara. Dois anos depois, esse religioso, chamado Paulo Evaristo Arns, foi ordenado bispo; em 1970, assumiu como arcebispo de São Paulo. Desde então, o outrora entusiasta da ascensão dos militares assumiu posição decisiva na contestação e denúncia dos crimes da ditadura. Lutou contra a tortura, liderou o histórico ato na Catedral da Sé em memória do jornalista Vladimir Herzog, criou a Comissão Justiça e Paz e abraçou o projeto Brasil: Nunca Mais, que evitou o sumiço de milhares de documentos fundamentais para contar a história daqueles dias. Hoje é considerado, com justiça, um herói da resistência aos generais – um contraste e tanto com o apoio prestado ao então recém-nascido regime. As posturas de dom Paulo são representativas da trajetória da Igreja Católica durante a ditadura no Brasil. Um caminho

---

Além de desligados das faculdades, os estudantes punidos ficavam três anos proibidos de se matricular em outra instituição de ensino superior. (MOTTA, 2014, p. 154-56)

<sup>102</sup> O Presídio Tiradentes, na cidade de São Paulo, abrigou presos políticos na Era Vargas e no Regime Militar. Foi inaugurado em 1852 e desativado em 1972, pouco antes que as obras do metrô abalasses sua estrutura, que levou à demolição.

acidentado no qual, após a euforia pela queda de João Goulart, posições conservadoras e atos de reação conviveram durante muito tempo, até que a ilusão de um governo redentor desabasse e a redemocratização se tornasse inevitável. Em um país de forte base católica, os movimentos da Igreja desenham a própria postura da sociedade civil diante do estado de exceção que a muitos pareceu promissor, mas que com o tempo se revelou intolerável. (NATUSCH, 2014)

Newton Balzan, nosso depoente, lembra que mesmo com fortes embates políticos e confrontos com o poder foi possível trabalhar até 1968. Quando se iniciam os chamados “anos de chumbo”, a partir Ato Institucional Número 5 (AI-5), decreto baixado em 13 de dezembro de 1968, tudo foi ficando muito difícil, inclusive no Vocacional.

*Olha, em 1964, quando houve o Golpe Militar, no dia 31 de março ele não mexeu conosco até 1968, quando houve o AI-5. Nesse primeiro período tivemos uma ditadura leve, branda. O pior viria depois, a partir de 13 de dezembro de 68, com o Ato Institucional Número 5. A partir daí apertou para os Vocacionais, apertou para a USP, apertou para a PUC. Eu estava dando aula à noite na PUC de São Paulo em 1977 quando houve a invasão militar da Universidade<sup>103</sup>. Eu só escutei: “Corre!”. E todos nós, professores e alunos saímos correndo. Queimaram tudo. Era tiro para todo lado, fogo, bombas, na frente do prédio. Nós saímos pelos fundos. Todos correndo. (Newton Balzan)*

Obviamente, não faltaram momentos de conflitos entre o regime e os setores de oposição antes do AI-5, que muitas vezes redundaram em prisões, inquéritos policial-militares e atos censórios a obras artísticas. Mas nada próximo da violência sistemática e do fechamento da esfera pública que ocorreria a partir da edição do AI-5, em dezembro de 1968, inaugurando os ‘anos de chumbo’ que duraram, na melhor das hipóteses, até o começo de 1976. Neste período, a tortura, os desaparecimentos de presos políticos, a censura prévia e o cerceamento do debate político-cultural atingiram seu ponto máximo nos vinte anos que durou a ditadura brasileira. (NAPOLITANO, 2014, p. 72)

*A discussão acontecia em vários espaços, inclusive na sala de aula com os alunos, analisando estratégias diferentes para atacar a ditadura e conquistar a democracia. Tivemos colegas que foram para a luta armada, alguns foram presos, um assassinado e outros confrontaram, acreditando ser esta a única saída. (Lucília Bechara)*

Em 1969, escreve Aureliano Biancharelli, ex-aluno do Vocacional do Ginásio Vocacional de Americana:

Enquanto professores e diretores do Vocacional eram presos, acusados de subverter a ordem, nós passávamos manhãs e fins de semana ouvindo dos militares o risco que os subversivos representavam para o país. (BIANCHARELLI, 2005, p. 162)

<sup>103</sup> Na noite de 22 de setembro de 1977, 500 homens da tropa de choque e agentes do Dops invadiram o campus da PUC e prenderam 700 estudantes, arrastados a golpes de cassetete e pontapés. Foi a mais truculenta ofensiva policial contra a autonomia universidade durante todo o regime militar (1964-1985).

Napolitano (2014), por sua vez, complementa:

A partir de 1969, a repressão feroz do Estado contra a guerrilha de esquerda representava tudo, menos o caminho para a plenitude da democracia dos direitos do homem. (p. 121)

O AI-5 marcou também uma ruptura com a dinâmica de mobilização popular que ocupava as ruas de forma crescente desde 1966, capitaneada pelo movimento estudantil. Mais do que isso, teve um efeito de suspensão do tempo histórico, como uma espécie de apocalipse político-cultural que atingiria em cheio as classes médias, relativamente poupadas da repressão que se abatera no país com o golpe de 1964. A partir de então, estudantes, artistas e intelectuais que ainda ocupavam uma esfera pública para protestar contra o regime passariam a conhecer a perseguição, antes reservadas a líderes populares, sindicais e quadros políticos da esquerda. O fim de um mundo e o começo de outro, num processo histórico de alguns meses que pareciam concentrar todas as utopias e os dilemas do século XX. (p. 95)

*Tem um colega de Batatais que quando meu marido ia me visitar ele ficava na casa dele, mas ele, durante a ditadura, sumiu. Era mais ativo, era militante ativo, não sei nem bem do que, mas nós nunca soubemos o que aconteceu. (Lygia Tibiriçá)*

As seis unidades dos Ginásios Vocacionais foram vigiadas, mas a sala de aula e a proposta pedagógica e sua expansão foram relativamente poupadas até dezembro de 1968. A partir daí passariam a conhecer a perseguição e o Vocacional seria fortemente atingido no aniversário de um ano do AI-5, o que retrata a leitura de Mascellani (2010, p. 98) deste período:

Num balanço da experiência, de 1961 a 1969, verifica-se que já em 1964, quando da instalação do regime militar, cinco Ginásios Vocacionais achavam-se implantados e funcionavam regularmente. Em 1967, haviam sido criados os Vocacionais Noturnos na capital, Americana, Rio Claro e Barretos. Também em 1967<sup>[104]</sup>, fora instalado o Ginásio Vocacional São Caetano do Sul. Ainda no mesmo ano, instalara-se o Curso Colegial junto à unidade da capital. Do mesmo modo, os Cursos Complementares destinados à população de baixa renda. Estas últimas unidades de cursos tiveram apenas dois anos de duração, já que o aumento da repressão política, a partir de 1968, levaria a experiência a um lamentável fim no ano seguinte.

Tratemos dessa trajetória.

---

<sup>104</sup> Entre 1967 e 1968, nas unidades da Capital, Americana, Rio Claro e Barretos, foram instalados Cursos Ginasiais Noturnos, destinados a jovens e adultos trabalhadores, e no Ginásio Vocacional "Oswaldo Aranha" funcionou o primeiro Curso Colegial Vocacional. Em 1969 foram instalados, também junto ao Ginásio Vocacional do Brooklin, os Cursos Complementares, em período noturno. A tese de doutorado de Maria Nilde Mascellani (1999), defendida na Faculdade de Educação da USP, em 1999 sob a orientação de Elcie F. Salzano Masini, explora, principalmente, os cursos noturnos – voltados ao trabalhador – e a problemática que os envolvia.

Ao tomar novos rumos e direções não previstas inicialmente, o Vocacional vai se transformar ou, de acordo com os depoimentos, os olhares e posturas em relação ao Vocacional vão se transformar.

A experiência pedagógica bem sucedida, reconhecida até mesmo pelo Conselho Estadual de Educação e no meio universitário e secundário, se transformara repentinamente numa pedagogia perigosa para a formação de jovens. O que mudou? Não fora a pedagogia, mas o modo pelo qual ela era julgada, porque, na verdade, não se poderia contemporizar liberdade com autoritarismo e repressão. (MASCELLANI, 2010, p. 101)

*Eu me lembro que, numa dessas visitas, tinha uns painéis com coisas. Eu passava lá e olhava tudo e depois os levava para conhecer tudo. As visitas eram comuns. Em Campinas, o coordenador do Gecam era o Coronel Cerqueira Lima, e antes dele era o Coronel Hélio, ele era um carioca e a esposa dele era professora. Ele ia para o Vocacional e falava assim: “Querida que minha mulher viesse aqui para conhecer esse trabalho de vocês e tal”, então ficamos amigos. E ele ia fazer sempre algum serviço lá, isso em 65, mais em 66. Sempre levava algum grupo para conhecer o Vocacional, sempre nos visitava. Então ele era o nosso admirador e nós também gostávamos muito dele. Ele saiu do Gecam, daí veio o Coronel Cerqueira Lima que já era do SNI.*

**Eliza:** SNI?

**Lygia:** Serviço Nacional de Informação.

**Cecília:** De Informações do Exército. Então ele vinha nos visitar e já tinha outra postura: foi querendo encontrar as coisas. Então o Coronel Cerqueira Lima, ao invés de enxergar como o outro que via a importância da proposta na sala de aula, a liberdade (tanto é que quando ele foi sair, ele reuniu todo o pessoal conhecido de Americana no próprio Ginásio). Isso o Coronel Hélio. Observava e tinha uma visão diferente... não sei se vale a pena ser colocado isso...

**Eliza:** Sim, claro que vale.

**Cecília:** Então, ele foi lá e tinha o tal do painel. Alguém disse que fez o mapa mundi. Ele viu e ficou impressionado e me chamou para perguntar por que o Vietnã era notícia? No painel tinha recortes da Guerra do Vietnã. Perguntou para mim: “Por que isso?” “Que aluno dessa idade estuda essas coisas?” (Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá)

As várias e variadas transformações internas e externas neste período, possibilitam interpretações:

A compreensão do processo que culminou com a repressão das escolas nada mais é do que a compreensão de um processo de construção de um projeto político pedagógico de uma escola experimental que tinha como propósito inicial atender aos interesses de grupos defensores de uma modernização econômica do país e formação de mão de obra qualificada. No entanto, o fato de possuir uma base institucional que garantia ampla autonomia na gestão do projeto fez com que não só fossem sendo delineadas duas concepções de escola que eram muito representativas de duas concepções de educação associadas a dois subgrupos de dentro do Serviço de Ensino Vocacional. (CHIOZZINI, 2014, p. 65)

Uma nítida divisão existia na época: comunistas e socialistas e os não comunistas. No Ensino Vocacional, como afirma Chiozzini, vão surgir subgrupos

atuantes no interior do SEV e dos Ginásios. Uma fenda política na sociedade. Uma fenda política nos Vocacionais? Entendamos mais essas fendas.

**Cecília:** *Igualdade das nações: o mundo está dividido em duas partes: Estados Unidos e Rússia e há um desentendimento, há questões de ideologia, então há dificuldades nessas relações, mas a gente procurava mostrar o folclore, as diferenças no Brasil, trazendo os dados de uma forma científica e objetiva.*

**Lygia:** *Queríamos que eles conhecessem o país onde viviam, não para ser de um lado ou de outro, mas que eles tivessem argumentos para conhecer a realidade. (Cecília Guaraná e Lygia Tibiriçá)*

*A ideia de norte em cima e sul embaixo atravessava uma questão ideológica que nos preocupava e Maria Nilde, que tinha posições revolucionárias, queria fazer compreender que uma convenção pode ser mudada. O Vocacional questionava sempre: por que é assim? Pode ser diferente? Vale a pena mudar? Para quê? Como é que a gente pode interferir para mudar, para transformar? (Lucília Bechara)*

A invasão pelos militares aos Ginásios não se deu pontualmente no dia 12 de dezembro de 1969, mas antes desta data. Este dia seria o ápice, a apresentação do espetáculo, a ponta do *iceberg*. A invasão, as conexões e as mudanças aconteceram na relação micro/macro, nos porões, nos corredores, nos gestos, nos silêncios, nos sussurros, nas falas ao ouvido, nas sanções. Silenciosas, forças invisíveis aos olhos mais desatentos transmutam ao se conectarem umas às outras.

As ações internas e externas, num movimento contínuo, se relacionam. Das brechas e fissuras, do texto e do contexto, do dentro e do fora, do micro e do macro, dos centros e das periferias surgem as mudanças.

[...] essas categorias passíveis de serem enunciadas como pares cujas coordenadas estão sempre em permanente conflito, uma delas estendendo-se à outra ao mesmo tempo em que, sob certos aspectos, se opõem: morte/vida, amigo/inimigo, dentro/fora, pai/filho, em cima/embaixo. (GARNICA, 2008, p. 78)

Nesta direção podemos pensar que o Brasil não teria o regime ditatorial em 1964 se não estivessem acontecendo mudanças no mundo, se o Brasil não tivesse forte apoio e sofresse clara influência norte-americana que buscava conter o domínio russo na América Latina, se não estivéssemos em meio à Guerra Fria, se o Sputnik não tivesse sido lançado, criando impasses entre os Estados Unidos e União Soviética, se as relações políticas entre Cuba e Brasil não parecessem promissoras.

As relações acontecem entre e por estas instâncias.

Em meio a estes acontecimentos nasce esta experiência Vocacional na cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior com características geográfica, histórica e política peculiares, buscando apoiar o desenvolvimento e o progresso do país.

O Vocacional, como vimos, foi criado a partir de uma brecha da lei do Ensino Industrial.

*O Vocacional nasceu de uma lei que permitia criar “escolas técnicas” ou Ensino Vocacional. Por outro lado, a Lei 4024/61 permitia abrir Escolas Experimentais e foi nessa brecha que entrou o Vocacional. Outras Escolas Experimentais surgiram na década de sessenta: o Experimental da Lapa, o Vera Cruz e outras. A vantagem de ser Escola Experimental era a autonomia para organizar o Projeto, mas era exigido prestar contas ao Conselho Estadual da Educação<sup>105</sup> que, aliás, completou 50 anos, agora recentemente. Ele foi o órgão público responsável por regular as Escolas Experimentais. (Lucilia Bechara)*

O fato de a implantação dos Ginásios Vocacionais decorrer de uma legislação sobre o Ensino Industrial trouxe muitos problemas, no sentido de confundir com algum tipo de inovação nessa área uma proposta de formação ampla, que envolvia áreas de cultura geral e também áreas de cultura técnica, mas fazendo convergir ambas para a formação de um espírito crítico no homem e no cidadão. Assim, o artifício usado na elaboração da lei nos levou a carregar esta contradição durante muito tempo, o que exigiu muito esforço para divulgar o sentido que atribuímos ao termo. (MASCELLANI, 2010, p. 102-103)

[...] o pronunciamento do Deputado Fernando Pires da Rocha, do Partido Democrata Cristão (PDC), em 12 de dezembro de 1960, apresentou à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo a versão definitiva do projeto de lei de Reforma do Ensino Industrial, inserindo nele o projeto de criação dos Ginásios Vocacionais. Em consonância com o ideário desenvolvimentista do período, o deputado defende a reforma do ensino industrial como meio de suprir a carência de mão de obra qualificada na indústria. (CHIOZZINI, 2014, p.57)

O Vocacional, a começar, em sua essência, não intencionava apenas formar mão de obra qualificada, almejava a formação integrada do ser humano. Assim, percebe-se que, desde o início, o Vocacional, embora respondendo ao clamor progressista, refletia sobre ele e propunha ações.

*[...] o Vocacional acaba mostrando como a escola realmente é um espaço de produção de uma cultura, não é um espaço de reprodução. O Vocacional ele foi concebido dentro de um ideário liberal e acabou transformador ao buscar adaptar alunos para a realidade. Foi concebido, como eu falei, por educadoras católicas, conservadoras, e, ao longo do tempo, ele acabou subvertendo toda essa lógica. Não foi só por causa do recrudescimento da ditadura militar, eu acho que o fato dos professores, de toda aquela equipe*

<sup>105</sup> O Conselho Estadual de Educação de São Paulo foi criado em sete de junho de 1963. Órgão normativo, deliberativo e consultivo do sistema educacional público e privado paulista, estabelece regras para todas as escolas sejam elas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, profissional, presencial ou à distância e ainda orienta e credencia os cursos das instituições do ensino superior públicas paulistas.

*estar dentro de uma escola que possibilitava você inventar e reinventar a sua prática, isto produziu resultados excepcionais tanto para os professores como para os alunos. (Daniel Chiozzini)*

Nesse período instável politicamente, foram nove os secretários da Educação em nove anos. Como escola experimental diferenciada, porém, desde sua instalação o Vocacional foi alvo de variadas críticas e sofreu muita pressão. Nos depoimentos temos *flashes* de crises, incômodos durante este período.

*[...] o Vocacional, como eu disse, foi muito atacado... Primeiro foi muito atacado pelos militares mesmo, que acusaram de ser subversivo, comunista etc, depois no campo da educação, eles também foram muito atacados. Em 68, quem assume a Secretaria da Educação é Ulhôa Cintra<sup>106</sup>, e ele tem um braço direito que é o Sr. José Mario Pires Azanha<sup>107</sup>, já falecido, ex-professor da Faculdade de Filosofia da USP, e o Azanha era um ferrenho opositor dos Vocacionais, fez de tudo para que os Vocacionais acabassem, mesmo antes da intervenção militar lá em 69, porque para ele (muito a grosso modo) não deveria haver projetos educacionais experimentais. Depois tem toda uma bibliografia. O Azanha define o que é experimentação educacional, ele diz que esses projetos pilotos tal como o Vocacional, na verdade, são elitistas, você tem que pensar no sistema, a rede, o “para todos”, se é para poucos não é inovador, não é transformador, tem que ser para todo mundo. (Daniel Chiozzini)*

*A universidade exerceu muita crítica à proposta do Vocacional dizendo que era uma proposta que ensinava o processo, mas não ensinava o conteúdo, uma crítica muito forte ao Vocacional na época.*

*[...] O Vocacional não foi entendido, não foi compreendido. A academia não entendeu, eu digo isso com tranquilidade, as críticas que foram feitas ao Vocacional, foram críticas sem conhecimento, sem ir lá ver o que é, foram críticas abstratas, genéricas, que vinham ainda de uma concepção de conhecimento clássica, linear, reducionista, em que a separação das áreas do conhecimento eram a “crista da onda”, embora já estivessem em decadência. (Esméria Rovai)*

Implantada em um momento de intenso debate político e desenvolvida em grande parte sob o regime militar, a experiência do Serviço de Ensino Vocacional foi constantemente objeto de controvérsias, sabotagens e, por fim, de aberta repressão. Sendo o SEV um órgão diretamente ligado ao gabinete do Secretário da Educação, a condição de Coordenadora desse serviço nos criou, desde o início, sérias dificuldades no relacionamento com os demais departamentos da Secretaria. E problemas ainda mais sérios ocorreriam após o golpe militar de 1964. (MASCELLANI, 2010, p.99)

<sup>106</sup> Antonio Barros de Ulhôa Cintra nasceu em 13 de setembro de 1907. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1930. Em 1967, foi convidado a assumir o cargo de Secretário da Educação do estado de São Paulo no qual permanecendo até 1970.

<sup>107</sup> José Mário Pires Azanha (1932-2004) foi professor na Universidade de São Paulo desde 1966. Foi coordenador do Ensino Básico e Normal da Secretaria de Educação de São Paulo durante os anos de 1967 a 1970.



## 6.4 DAS INÚMERAS TENSÕES: as “crises” no Vocacional

Como o poder seria leve e fácil, sem dúvida, de dismantelar, se ele não fizesse senão vigiar, espreitar, surpreender, interditar e punir; mas ele incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar. (FOUCAULT, 2003)

Variadas crises são nomeadas e relatadas nos depoimentos e em outros textos disponíveis sobre os Vocacionais.

Logo nos primórdios há o “rompimento de Maria Nilde Mascellani com alguns intelectuais que participaram da criação das escolas, como Joel Martins, Lygia Furquim Sim e Menga Ludke.” (CHIOZZINI, 2014, p.42)

A primeira crise acontece em 1963 quando Maria Nilde Mascellani, Coordenadora Geral do SEV, demite professores do Ginásio Vocacional de Americana por aderirem a uma greve junto a outros professores da rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Entre os adeptos à greve estava o Prof. Newton Balzan. Esta atitude revela a postura política inicial da Coordenadora, que reprova veementemente movimentos grevistas e, ao mesmo tempo, participa de campanhas como a “Marcha da família com Deus pela liberdade” e a “Campanha doe ouro para o bem do Brasil”, representando um alinhamento com o poder vigente.

*Bem, eu trabalhei no Vocacional de Americana, acompanhei uma turma do começo ao fim e eu quis acompanhar mais uma. Mas, em 1963 houve uma greve que contou com o apoio de todo o corpo docente do Estado. Eram aproximadamente 80 000 professores. De todos os Vocacionais, somente nós, de Americana, participamos da greve. A Coordenadora Geral, Maria Nilde Mascellani, inteligentíssima, líder nata, mas extremamente autoritária, mandou 18 professores embora. Eu não fui demitido, mas solicitei demissão em apoio aos colegas. A demissão não foi aceita, os antigos colegas se reuniram apoiando minha volta a fim de dar continuidade ao trabalho e assim eu continuei até o final das duas primeiras turmas. (Newton Balzan)*

Passados dois anos, a conhecida “Crise de 65” vem descrita em muitos dos materiais estudados: é desencadeada pelo pedido de afastamento de Maria Nilde e também da diretora do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” após confronto direto entre o Secretário da Educação, José Carlos de Ataliba Nogueira, e o Serviço de Ensino Vocacional. A Secretaria emite uma ordem, recusada, à Maria Nilde Mascellani para que fizesse a matrícula de um aluno fora das normas e prazos estabelecidos pelo SEV.

A corrupção vigente no governo Ademar de Barros chegou até o Serviço de Ensino Vocacional de modo grosseiro. Passamos a receber da esposa do governador, do chefe da Casa Civil e Militar, do Gabinete do Secretário e de parlamentares estaduais e federais do PSP (Partido Social Progressista)

primeiramente cartas solicitando a contratação de professores e técnicos sem nenhuma qualificação ou vagas para alunos que não se enquadravam nos critérios de seleção do SEV. Estas ações foram logo seguidas por ameaças de cortes de verba, de cancelamento de comissionamentos etc., até que explodiu o que ficaria conhecido no SEV como a “crise de 65”. A negação de matrícula para um aluno que não havia passado pela seleção do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, mas que era filho de funcionário de confiança do Secretário da Educação, implicou no meu afastamento da Coordenação Geral do SEV, bem como da diretora administrativa do Ginásio. (MASCELLANI, 2010, p.99)

O afastamento da Coordenadora Geral e da diretora não será aceito pela comunidade e reações de várias instâncias irão acontecer em reação ao ato do Governador.

[...] coube à Sociedade Amigos do Ginásio Vocacional de Rio Claro pressionar os políticos do Partido Social progressista local para conseguir junto ao governador Adhemar de Barros o início da construção do prédio próprio, já que a Prefeitura Municipal havia comprado e doado o terreno ao Estado. Os pais mobilizaram-se para acionar as autoridades municipais e estaduais das reuniões da Câmara. Várias atas registram suas reivindicações e estratégias tais como o envio de pessoas credenciadas pelo governador ao Palácio, abaixo-assinados dirigidos ao Secretário da Educação, Pe. Januário Baleeiro e pedidos de audiência com o governador. (MARQUES, 1985, p. 94-95)

O posicionamento político da Sociedade de Pais e Amigos do Vocacional vai se fazer valer nessa crise que acaba se tornando emblemática nas memórias do Vocacional bem como em diversos outros impasses a que estiveram sujeitos.

*[...] a participação dos pais era imprescindível para a dinâmica da escola. Os pais cobravam, os pais desenvolviam trabalhos, os pais faziam uma série de atividades, eu não foquei muito na questão dos pais, mas todos diziam que era assim... e quando tem o episódio lá, a crise de 65, a participação dos pais foi decisiva. Pais que eram jornalistas, que faziam questão de levar aquela problemática para a mídia. Então, os pais tiveram uma participação marcante na história, na construção da proposta e na história dos Ginásios também. (Daniel Chiozzini)*

Maria Nilde Mascellani se recusa a cumprir e obedecer a ordem do então Secretário da Educação para efetuar a matrícula de um aluno que perdera os prazos estipulados pelo SEV. Essa ordem, vista como arbitrária pelo Serviço Vocacional, não foi cumprida e o Secretário, considerando esse ato uma desobediência hierárquica, ordena, no dia 16 de março de 1965, a publicação do afastamento de Maria Nilde Mascellani e Olga Bechara de seus respectivos cargos, designando para

[...] substituí-las a profa. Lígia Furquim Sim, do Instituto de Educação Narciso Pieroni como Coordenadora do Ensino Vocacional, e o prof. Joel Martins, do Instituto de Educação Padre Anchieta, como seu assistente técnico. Dias depois foram nomeados também os professores Adolfo

Pinheiro Machado para a função administrativa do “Oswaldo Aranha” e o prof. Luis Contier, como seu assistente pedagógico. /.../ investindo-se de justiceiro, o Secretário reclama a paternidade e a maternidade do Ginásio Vocacional a Joel Martins e Lígia Sim./.../ Os nomes escolhidos além da familiaridade com o ensino vocacional, poderiam evitar, por isso mesmo que a experiência fosse interrompida. (MARQUES, 1985, p. 279-280)

Atos e demissões são efetuados pelo Secretário na tentativa de conter a “rebeldia” dos professores. No entanto, acirram ainda mais a problemática questionando a corrupção na cúpula governamental e as discussões internas acabam por atingir a esfera pública.

A solidariedade aos colegas que colocaram seus cargos à disposição do Secretário cresceu e todos os professores do Ensino Vocacional pediram demissão. Os jornais publicavam dia a dia as entidades que endossavam apoio à decisão do Serviço de Ensino Vocacional e os pais recorreram ao Lions Clubes, Rotarys Clubes, às Câmaras Municipais e à Assembléia Legislativa. Até o presidente da República, o Marechal Castelo Branco, receberia um apelo urgente da parte de um membro da Associação de Pais e Amigos do Ginásio Vocacional de Rio Claro. (MARQUES, 1985, p. 281)

A atuação maciça e organizada dos pais e professores, entre outras ações, acabam por forçar o Secretário da Educação, José Carlos de Ataliba Nogueira, a rever sua posição e voltar atrás em sua decisão. “Conseguiu-se a recondução imediata de todos os elementos afastados a seus postos e continuidade do planejamento pedagógico em curso. Contudo, a crise entre as duas instâncias (SEV e Secretaria da Educação) sairia do domínio público e prosseguiria nos bastidores.” (MARQUES, 1985, p. 282)

Este ato irá repercutir diretamente no desfecho dessa história.

Diversas instâncias do Ensino Vocacional serão acionadas. Nesta época, o Ensino Vocacional havia estabelecido fortes laços. Com a ação contra Maria Nilde, pais, professores, alunos e pessoas representativas da comunidade se organizaram para discutir a situação e, assim, propor e concretizar ações que reverterem a decisão do Secretário. Um grupo procura o então Secretário da Educação. Não tendo essa visita surtido os efeitos desejados, solicitam uma audiência com o Governador. Professores e pais vieram de outras unidades do Vocacional para São Paulo. O fato ganha a imprensa, realizavam-se diversas reuniões. Maria Nilde Mascellani contou com a solidariedade dos professores que pediram demissão conjunta. Entidades como o *Lions Club*, o Rotary Clube, as Câmaras Municipais e a Assembleia Legislativa foram acionadas pelos pais, bem como o presidente da República.

Após uma mobilização de vários setores e unidades dos Ginásios Vocacionais, as reivindicações foram atendidas, decidindo-se pela recontração de Maria Nilde e pela demissão de Joel Martins e Lygia Furquim Sim que haviam sido nomeados pelo Governador para assumir a Coordenação Geral do SEV e a Direção do GV “Oswaldo Aranha”, respectivamente.

O Ensino Vocacional e Maria Nilde Mascellani saíram fortalecidos. O governador, ao voltar atrás em sua decisão, afasta-se dos holofotes da mídia, mas a batalha iria continuar e se acirrar, nos bastidores, de forma velada, em boicotes sucessivos.

*Com a ditadura militar, os governadores eram nomeados (interventores) e a partir do episódio da matrícula, começou um clima tenso no Vocacional. Além dessa relação difícil da Secretaria da Educação com o Vocacional que tinha muita autonomia, começamos a perceber no Vocacional atuações de pessoas tanto de esquerda como de direita (como acontecia em muitas organizações, principalmente nas universidades). (Lucília Bechara)*

*O Vocacional era uma escola de pensamento libertário e vivia-se um clima de desconfiança. Vieram coordenadores e professores de todas as unidades: “Não, o Vocacional tem ética e tem critérios e estamos defendendo o direito de todo cidadão.” À primeira vista, isto poderia parecer ser só benefício pessoal, mas mostrava a força da ditadura. (Lucília Bechara)*

Como se percebe, o Vocacional vai assumindo posturas que não mais estavam alinhadas ao poder, aos governos estaduais e, como veremos, municipais. Esteve sempre sob inspeção e tentativas de controle. O grupo, inicial e aparentemente homogêneo, iria sofrer transformações.

*[...] depois de 65, depois desse atrito com o Governador Adhemar de Barros, há momentos que eles querem expandir, mas aí era o governo que não queria. (Daniel Chiozzini)*

*[...] a partir de 1965, começamos os estudos para elaboração de uma proposta de Curso Colegial Vocacional para o Ginásio Oswaldo Aranha, da capital, João XXIII, de Americana, e Candido Portinari, de Batatais. Paralelamente, trabalhávamos o projeto do Ginásio Vocacional Noturno para o Oswaldo Aranha, bem como para Americana, Rio Claro e Barretos. Em 1967, instalávamos o curso Ginásial, não sendo possível fazê-la, porém, em Americana e Batatais. No caso destas duas últimas cidades, tratava-se de um Colegial que atenderia a região de Campinas e a de Ribeirão Preto. Além da resistência da Secretaria de Educação, tivemos dificuldades com os prefeitos de algumas cidades da região. (MASCCELLANI, 2010, p.97)*

Existiram tensões particulares nas unidades. Há depoimentos, disponíveis em Marques (1985), relatando que, nessas circunstâncias, o Vocacional fechou-se em si

mesmo: “Rio Claro até vai fazer algumas concessões para buscar um certo alinhamento com as lideranças políticas da época, como a contratação de uma profissional não formada para exercer um cargo na área de Relações Públicas”. Segundo a diretora, para que sobrevivessem eram necessários, nesta cidade, determinados acordos. O recurso dos boatos e boicotes na cidade de Rio Claro foram frequentemente utilizados, exigindo que, em todo o início de ano letivo, os professores e equipe do Vocacional saíssem às ruas e fossem à rádio da cidade para desmontar os boatos espalhados sobre seu funcionamento.

Segundo Marques (1985), Rio Claro é uma cidade com características particulares, muito fechada e com comportamento político questionável. Muitos professores da cidade que frequentaram o curso de treinamento não foram contratados. Professores daquela unidade foram demitidos pelo SEV. O diretor inicial, Celestino Alves da Silva Júnior, mesmo depois de ter passado por treinamento intensivo no segundo semestre de 1962, é demitido por Maria Nilde em menos de um ano de atuação, sem justa causa. De acordo com depoimento apresentado em Marques (1985), Celestino foi uma das pessoas com posições divergentes de Maria Nilde Mascellani, não se alinhando às suas propostas e desafiando-a, ao propor mudanças nas normativas transmitidas pela cúpula do SEV, sugerindo outras ações junto aos professores de sua unidade. Ele recusou-se a “em ser mero executor de um projeto educacional de autoria de Maria Nilde”. Foi demitido. Ainda em Marques (1985, p. 110), Celestino relata que pensava o Vocacional como um projeto em andamento “e ela [Maria Nilde] parece que tinha na cabeça uma visão pronta, que se recusava a transmitir”, não permitindo alterações. Muitos professores desta unidade, diante da demissão de Celestino, se revoltam com a atitude de Maria Nilde Mascellani que, ao exercer seu poder, demonstra ter uma posição centralizadora.

Outra situação de confronto foi criada,

[...] pela participação de professores e técnicos do Ensino Vocacional na passeata promovida pela Associação de Professores do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo, APESNOESP, em repúdio a portaria no. 36 do Departamento de Educação, cujo diretor, na ocasião, era o Prof. José Mario Pires Azanha. Ao ver dos docentes, forçaria o rebaixamento da qualidade de ensino nas escolas públicas. Dessa passeata, além de professores da rede escolar e do Vocacional, participaram os docentes do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Logo após [a passeata], recebemos do Gabinete ofício propondo a

demissão de alguns professores cuja contratação havia sido feita com base no parecer do Departamento Jurídico da Secretária da Educação. Este parecer foi revogado imediatamente, não tivemos outra saída senão dispensá-los. (MASCELLANI, 2010, p.100-101)

Na medida em que o sistema repressivo se aperfeiçoava, as tensões no Vocacional se acirravam e, em 1968, Maria Nilde vai, novamente, demitir muitos dos supervisores, como nos relata Newton Balzan e Lucilia Bechara. Chiozzini, em seu depoimento, afirma que, em 1963, Newton Balzan pede demissão em solidariedade aos colegas demitidos por aderir à greve, e em 1968 foi demitido por não aderir à greve. Estas circunstâncias desenham a efervescência de posturas, concepções e ações no decorrer desses anos nestes microespaços.

Visitas do Secretário da Educação Ulhôa Cintra, como também visitas de militares aos Ginásios Vocacionais, passam a ser recorrentes a partir de 1968. Como nos alerta Cecília Guaraná: “Passam a nos ver com outros olhos”. O Vocacional estaria definitivamente na mira dos militares, e, em junho de 1969, mais uma vez, Maria Nilde vai ser dispensada do cargo juntamente com a diretora do Vocacional de Americana, Áurea Sigrist, que, segundo Sr. Ângelo Pompeo, “não tinha papas na língua”. Em 1970, ambas são aposentadas do cargo efetivo, conquistado por concurso, com base no AI-5. Nesta época, o desfecho seria bem diferente daquele de 1965:

Com o pedido de demissão do primeiro interventor do SEV, Adolfo Pinheiro Machado, foi nomeada para a função de interventora Terezinha Fram, professora secundária e dirigente do Movimento de Bandeirantismo no Brasil. Sua posse foi acompanhada por dois capitães e dois majores do II Exército. E daí por diante tudo foi desmantelado, sobrando apenas a experiência que cada um viveu. Suas primeiras medidas foram a extinção dos cursos complementares e a descaracterização dos demais cursos. Literalmente, as unidades foram transformadas em escolas normais (comuns) com a implantação do currículo-padrão. O SEV foi transformado numa Divisão de Ensino e seu prédio passou a abrigar uma repartição burocrática da Secretaria de Educação. Avaliando-se essa trajetória de nove anos do Ensino Vocacional, incluindo o SEV e todas as unidades escolares, percebe-se que ela correspondeu a uma história de muita luta dos alunos, professores, técnicos e pais de alunos contra as constantes ameaças de intervenção por parte de alguns setores da Secretaria da Educação, frente a mudanças ocasionadas por uma sucessão de nove Secretários da Educação. Seu desmantelamento, entretanto, coube ao II Exército e a Polícia Federal, bem como a pessoas que não tiveram escrúpulos em se aproveitar da situação em benefício próprio, como foi o caso dos interventores. (MASCELLANI, 2010, p.100-101)

*A Sociedade de Amigos do Vocacional, a Sagvoa – Sociedade de Amigos do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha. Cada colégio tinha a sua Sociedade. Se não fosse o auxílio desse pessoal, desses pais, nós não*

*teríamos sobrevida. Sobrevida que eu digo é assim: de 1970 a mais ou menos a 1974. Mesmo depois, eles ainda continuaram ajudando. Claro. Mas em termos de Vocacional, foi se diluindo como um castelo de areia... Não tinha mais sentido, não existia mais um órgão coordenador. Então as escolas ficavam isoladas, cada uma fazendo o que podia fazer, salvando o que pudesse salvar, salvando da derrocada e trabalhando dentro da linha. Mas já não com o sustentáculo todo que existia antes, e já fazendo adaptações. Porque, por exemplo, nós tínhamos planejamentos bimestrais e relatórios bimestrais, nós fazíamos relatórios bimestralmente do nosso trabalho por série, 2ª série, relatório da 2ª série, de cada área. Em 70, por exemplo, já começou planejamento semestral, relatório semestral... e a coisa foi se esvaziando... (Antonio Pedro Zago)*

*[O Vocacional] Não era aquela escola em que você vira uma máquina de dar aulas, como aconteceu depois com a extinção do Vocacional: nós chegamos a dar quarenta e quatro aulas sem um respiro, sem reuniões de HTPC, sem nada. Um horror! [...] Com o fechamento do Vocacional, nós caímos numa dureza: 44 aulas semanais. (Antonio Pedro Zago)*

## 6.5 PERÍODO DITATORIAL: à procura de outros ângulos e novas interpretações

Sem querer, eu tinha declarado Brissot culpado de espionagem e Marat inocente de roubo. Estava emitindo veredictos sobre dois indivíduos que eu não conheci e que não poderiam nunca se defender, já que tinham morrido numa longínqua revolução duzentos anos atrás. Será que essa era uma prática característica da vocação de historiador? (DARNTON, 2005, p. 184)

O Vocacional resistiria se não fosse tomado pelo regime ditatorial? Além do regime imposto surgiram outras barreiras que dificultaram o estabelecimento deste projeto que pretendia ser diferenciado, fugindo aos padrões da época? Como a proposta vai sendo minada? Como sucumbe? Como uma estrutura institucional é avaliada como bem sucedida? Como um caminho considerado inicialmente promissor ao Brasil vai ser, aos poucos, reconsiderado, reinterpretado?

As travessias pelos referenciais foucaultianos nos inspiram a dizer do poder. O poder não é um ente que se encontra em algum lugar: ele é e está nas relações, se esgueira por entre as coisas, por entre vãos, por entre as sombras. Cria brechas. Movimenta-se por linhas turvas, invisíveis, produzindo-as.

Assim, em vez de coisas, o poder é um conjunto de relações; em vez de derivar de uma superioridade, o poder produz a assimetria; em vez de se exercer de forma intermitente, ele se exerce permanentemente; em vez de agir de cima para baixo, submetendo, ele se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade; em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir. (ALBUQUERQUE, 1995, p.109)

No Vocacional, os projetos e planos viviam sendo testados. As certezas estavam constantemente sendo desafiadas. A instabilidade e a desconfiança

começam a se instalar nestes espaços, nos corpos; na estrutura administrativa central - o SEV – bem como nos seus tentáculos e ramificações.

*Pessoas se inscreviam para trabalhar como professores, orientadores ou assessores com a intenção de fazer militância política (de esquerda ou direita). Vivemos um período bastante difícil de desconfianças múltiplas e mútuas: quem é quem e a serviço de quê? As reuniões eram tensas. Eu me lembro de colegas do Vocacional que começaram a criar espaço de militância, num tempo em que se começava um movimento de se aliar a uma ou outra tendência, mas não se sabia bem quem era de esquerda e quem era de direita e isso eu só descobri depois. (Lucília Bechara)*

Chiozzini estuda algumas gravações de reuniões pedagógicas com supervisores, orientadores e professores realizadas no SEV em julho de 1968, material cedido pela ex-orientadora educacional Olga Bechara. Dentre os resultados dessa análise, ele afirma que os Ginásios Vocacionais eram um projeto experimental que realmente levava a fundo suas proposições e objetivos, não se tratava de uma mera uma estratégia retórica. Durante as discussões e a avaliação do processo notavam-se diferenças internas, grupos e subgrupos internos. Era natural que houvesse desentendimentos?

As tensões, as diferenças, segundo os depoimentos, acirram-se em 1968. Nota-se, então, um processo de hegemonia de um subgrupo sobre outro:

*[...] cabe ponderar que as gravações não permitem nomear quem eram exatamente os integrantes de determinado subgrupo ou especificar se havia coesão entre eles. Mas algumas das diferenças constatadas no interior do SEV apontam para diferentes perspectivas educacionais, especialmente no discurso de [Olga] Bechara e Mascellani. /.../ o fato é que houve a demissão de grande parte da equipe em fins de 1968 e isso foi parte de uma reestruturação profunda dos Ginásios Vocacionais. (CHIOZZINI, 2014, p. 201-202)*

A repercussão desse processo chega aos professores em curto espaço de tempo.

Pelo discurso de Maria Nilde, Americana tinha uma unidade na qual tudo, aparentemente, parecia estar em perfeita ordem e sintonia. No entanto, dali vai partir uma das principais ações contra o Ensino Vocacional: a denúncia aos militares, por um dos professores deste Ginásio (que, segundo o Sr. Ângelo Pompeo e a ex-aluna Renata Rangel, confirmado no depoimento do Prof. Newton Balzan e da Profa. Berenice Mendoza, nunca foi bem quisto pelos colegas).

*Tinham muitas reuniões e muito planejamento. Tudo contava como hora aula. Às vezes, ficávamos de oito a nove horas na escola. Tínhamos cinco ou seis aulas e duas ou três aulas eram para o planejamento. Tinha esse*



horário de sentar todo mundo junto e planejar tudo o que ia se fazer. Você recebia por aquilo, mas você estava participando. Muitos não se adaptavam.

**Eliza:** É?

**Pompeo:** É, mas também não era nada exagerado. Houve muita interferência dessa parte, desse ponto que chegou, e por...

**Renata:** Por bobeira. Para você ver, o negócio foi uma discordância realmente desses professores porque isso só ocorreu em Americana. Nas outras escolas não teve.

**Eliza:** Nos outros Vocacionais?

**Pompeo:** Não sei se São Paulo teve alguma coisa... Parece que São Paulo teve alguma coisa.

**Eliza:** Todos foram fechados ao mesmo tempo?

**Pompeo:** Na verdade em nenhum lugar foi fechado. Nenhuma escola foi extinta. Foi extinto o Sistema Vocacional. Eles o transformaram em escolas normais. As escolas continuaram, vieram os outros diretores. Aqui a nossa diretora foi presa, o seu Wladir que foi um dos que articularam toda a revolta voltou como diretor.

**Eliza:** Qual o nome?

**Pompeo:** Wladir dos Santos.

**Renata:** Wladir.

**Pompeo:** É, ele foi “o cabeça” da turma. Ele era o orientador educacional de Americana. Ele voltou como diretor. (Ângelo Pompeo)

O contexto maior que houve e fomos atingidos foi quando a Dona Cecília<sup>108</sup> foi embora de Americana e a Dona Áurea assumiu a direção. A Dona Cecília foi para São Paulo e já estava havendo um clima... professores saindo de um lado, se isolando, formando grupinhos. Aí esse grupo se manifestou contra essa avaliação e contra a transferência de professor daqui para outra unidade. Fazia-se muito isso. Eles se isolaram e não aceitaram isso e denunciaram para o exército dizendo que a escola era comunista. O próprio professor que falava que a Amazônia estava sendo invadida pelos americanos e estava sendo loteada foi quem fez a denúncia. Ele virou a casaca. Ele era casado com uma professora do Vocacional: Antonieta Cordenonce e Joel Gerson Lopes<sup>109</sup>. Ela de Ciências e ele de Estudos Sociais - História. “Vamos assumir a Amazônia antes que os americanos tomem conta”. Quer dizer, na verdade, era o contrário, ele se juntou com a sua turma: Antonieta Cordenonce, Joel Gerson Lopes, Francisco Cid, Rubens, Sr. Wladir, a Olguita e o Dion<sup>110</sup>. Olguita de Português e Dion Estudos Sociais também. A Professora Antonieta ia ser transferida para Rio Claro (algo nesse sentido) e aí a coisa se formou. Tivemos reunião. Nessa reunião, um dos pais, que era Delegado de Polícia, falou: “Cuidado que o teto é de vidro.” Aí eles foram e denunciaram um grupo de professores ao Gecam, disseram que os professores eram comunistas. Quer dizer, ele próprio, que era um deles, virou a casaca e foi. A minha versão, mais ou menos por alto, é essa. Aí houve a invasão no Vocacional em 68, 69. Não me lembro mais. Eles vieram e fizeram a coisa toda. Levou preso todo mundo. A Dona Áurea, a Dona Edna do refeitório. Disseram que ela roubava dinheiro do refeitório. Ficaram presas vários dias no Gecam. O Modesto, o Ricardo<sup>111</sup>. E no fim ele voltou “por cima” e foi ser o diretor do João XXIII. O Modesto e o Ricardo perderam o cargo de

<sup>108</sup>Cecília Lacerda Vasconcellos Guaraná, diretora do Vocacional de Batatais em 1962 e do Vocacional de Americana de 1963 a 1967.

<sup>109</sup> Não encontramos registro destes nomes.

<sup>110</sup> Francisco Cid – professor de Artes Industriais; Rubens Fonseca Ferraz – professor de Práticas Agrícolas; Wladir dos Santos – orientador educacional; Olga Martins- professora de Português. Dion não foi encontrado registros e informações adicionais.

<sup>111</sup> Modesto Vasques Aires, professor de Português e Ricardo Apparicio Bacci, professor de Matemática.

*professor em Campinas. Foram lecionar em escola particular, depois recuperaram o cargo, voltaram para as cadeiras deles e se aposentaram em Campinas. O Modesto começou nas classes experimentais em Socorro e veio para Americana, era professor de Português. Um espanhol firme. Ele nos ensinou a falar. (Ángelo Pompeo)*

Alguns integrantes destoam, se desgarram e se afastam do grupo inicialmente ou ilusoriamente homogêneo, formam outro grupo. Por que, perguntamos, estes professores acabam “entregando” sua própria escola? Talvez não se sentissem mais fazendo parte dos seus propósitos e ideais? Talvez por não compartilhar do discurso disseminado pela direção e entre seus pares? Por almejar outro futuro, visando recompensas políticas?

Newton Balzan confirma que o professor Francisco Cid, um dos integrantes do grupo, inicialmente, era hábil em proferir chamados patrióticos, um defensor do Brasil em relação a uma possível ameaça americana. Proclamava ideias contra a suposta invasão americana que, segundo ele, iria se apossar da Amazônia.

**Newton:** *Foi nessa época que o Vocacional foi denunciado.*

**Berenice:** *E... voltando ao começo, quando aquele professor foi demitido porque não servia para o Ensino Vocacional.*

**Newton:** *Ele era fraco, preguiçoso, era vagabundo.*

**Berenice:** *Tivemos problemas sérios com ele em relação aos alunos. Não é? Ele não servia e foi dada uma chance para ele se reformular.*

**Newton:** *Foi.*

**Berenice:** *A Professora Maria Nilde o chamou, conversou com ele em São Paulo e deu mais um ano para ele se reformular, para ele melhorar, e ele piorou! Aí ele denunciou juntamente com os outros professores que estavam na lista para serem demitidos. Agora não vem ao caso nem citar os nomes daqueles professores que se juntaram ao Professor Cid para fazer a denúncia.*

**Newton:** *Foi o Wladir, a Maria Antonieta, não foi?*

**Berenice:** *Maria Antonieta, Wladir dos Santos, Joel, marido da Antonieta, Prof. Rubens, de Práticas Agrícolas e outros. Fizem um documento Maria Eliza, e entregaram para o coronel do 5º Gecam de Campinas. 5º Gecam. Exército. Quartel. Sem dúvida, no dia seguinte os militares estavam lá.*

**Newton:** *Pensei que fossem só os dois. Nunca pensei...*

**Berenice:** *Não, não... houve mais gente.*

**Newton:** *A Professora Antonieta morreu há pouco tempo.*

**Berenice:** *O Professor Cid, inclusive, causou problemas sérios no acampamento ou Estudo do Meio, uma coisa assim.*

**Newton:** *Esse que deu parte depois foi morar na Argentina. Foi ser pastor protestante. Se não me engano hoje está em Nova Odessa. Não sei não ao certo, também não quero saber. Mas foi ele que levou a documentação para o quartel e disse: “É isso que vocês estão procurando?”*

**Eliza:** *E o que era?*

**Berenice:** *Provas.*

**Eliza:** *Provas de quê?*

**Berenice:** *Por exemplo, qualquer material de Estudos Sociais, planos de ensino, relatórios, eram provas para eles. Um trabalho, uma avaliação ou uma bateria, principalmente, de Estudos Sociais. Eles julgavam História e Geografia disciplinas subversivas por conta da filosofia.*

**Newton:** *É. Por exemplo, quando eles entraram na sala dos professores de Artes Plásticas encontraram pinturas, esculturas, arquitetura, história da arte. Na sala do Prof. Alcio e da Profª Ana Maria<sup>112</sup> havia um livro chamado Geografia da Fome<sup>113</sup>, de Josué de Castro. E o livro “Geografia da Fome” estava na sala de Artes Plásticas. Aí o sujeito do exército perguntou: “O que esse livro está fazendo aqui na sua sala?” O Alcio, que era de Jundiá, meu colega, muito ingênuo, disse: “Esse livro está aqui porque se trata do Brasil, dos problemas brasileiros”. Ele poderia ter dito: “Puxa vida! Eu não sei o que esse livro está fazendo aqui!” Ele quis justificar. Ele deu todo o serviço sem querer. (Newton Balzan e Berenice Mendoza)*

Francisco Cid integrava um grupo de professores de Rio Claro e de Americana que não vinha tendo avaliações satisfatórias pelo SEV. Os depoimentos nos informam que, segundo os procedimentos de Maria Nilde Mascellani, haviam sido dadas chances e incentivos para que estes professores mudassem suas posturas e se adequassem à proposta pedagógica do Ensino Vocacional. O profissional que trabalhava no Vocacional era constantemente avaliado e, portanto, deveria estar aberto a mudanças. A avaliação dos profissionais no Vocacional era prática comum. Após avaliações consideradas negativas, propunha-se um período para que o profissional se adequasse às exigências. Neste processo, eles poderiam ser transferidos de unidade. Eram procedimentos estabelecidos no Ensino Vocacional: a avaliação constante de toda a equipe. Segundo Berenice Mendoza, Maria Nilde tinha uma capacidade de detectar rapidamente os elementos que destoavam do grupo.

Entretanto, surgem descontentamentos.

Uma pasta com documentos do Vocacional é entregue pelo professor Francisco Cid no 5º. Gecam<sup>114</sup>, em Campinas, a militares. Havia um histórico de colaboração entre professores, alunos e militares para a realização de acampamentos e outras atividades pedagógicas desenvolvidas em Americana. Parceiros de outrora, agora se encontravam no anverso da folha.

As instabilidades do país afetam as ações ligadas aos interesses pessoais ou de grupos. O entrelaçamento de interesses locais, estaduais, nacionais e mundiais

---

<sup>112</sup> Alcio Rocha e Ana Maria Nogueira foram professores de Educação Artística no Ginásio Vocacional de Americana.

<sup>113</sup> Aos 38 anos de idade, Josué de Castro publica sua obra de maior repercussão, “Geografia da fome”, que veio a ser traduzida em mais de 25 idiomas. Este livro, de 1946, é uma referência fundamental no estudo do tema, e logo foi reconhecido com o Prêmio Pandiá Calógeras, da Associação Brasileira dos Escritores e com o Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras.

<sup>114</sup> 5º. Gecam - Grupamento do Exército de Campinas-SP, era uma “sede regional” da ditadura, que recebia (e torturava) presos de toda a região.

afetam este microespaço. Jogos de poder desenham uma trama com linhas elásticas, móveis e interconectadas. Não basta definir culpados ou inocentes.

*Enfim... a gente tinha um contexto de... e tudo isso motivado, como eu disse, por uma série de condições que levaram a esta situação, mas uma delas foi a tal da Doutrina de Segurança Nacional, que consistia num conjunto de ideias propagandeadas pelos norte americanos, que partia do princípio que o inimigo não está só no outro bloco, no bloco comunista, nos países comunistas, ele está dentro da nação ele precisa ser identificado e destruído, isto transforma todo o cidadão em um suspeito, em um inimigo, aí a suspensão do habeas corpus<sup>115</sup>, aí a perda das liberdades democráticas e aí a carta branca para a ditadura fazer o que quisesse e o que bem entendesse... (Daniel Chiozzini)*

A denúncia formal de Francisco Cid culminará com a invasão dos Ginásios pelo exército de maneira abrupta e violenta. Francisco Cid<sup>116</sup> foi um dos pivôs deste acontecimento.

Os documentos, considerados comprometedores, são lidos e interpretados à luz dos interesses do Exército e da Polícia Militar. Os papéis recebidos pelo 5º. Gecam, segundo a ótica dos militares, comprometiam os Ginásios. A partir deles, os Vocacionais comprovadamente eram uma experiência subversiva que, como tal, deveria ser rapidamente ceifada. A pasta contendo estes documentos produziu efeitos já anteriormente desejados e daria respaldo às ações violentas alicerçadas em justificativas, agora, consideradas plausíveis, provadas. Esses documentos, sua leitura e, principalmente sua interpretação, no contexto da época, foram a chave da porta de entrada para o fim.

O que valeria mais nesta situação? O documento ou o grau de relação com os propósitos aos quais ele servia ao ser interpretado segundo a ótica do poder do Estado? A fonte tornada documento, atendia a quais propósitos? Qual seu *status*?<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> *Habeas corpus* é uma medida que visa proteger o direito de ir e vir. É concedido sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência e coação em sua liberdade de locomoção por ilegalidade ou abuso de poder. Qualquer pessoa física que se achar ameaçada de sofrer lesão a seu direito de locomoção tem o direito de fazer o pedido do *habeas corpus*.

<sup>116</sup> Apesar de a denúncia partir formalmente do Professor Francisco Cid, segundo relatos, como o de Berenice Mendoza apaontado anteriormente, havia um grupo de professores que participaram do acontecimento.

<sup>117</sup> “Le Goff dizia que o que transforma, afinal, o documento em monumento é a sua utilização pelo poder. /.../ o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado; é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder”. (SALIBA, 2012, p.318-319)

[...] as sucessivas guinadas de significado do documento para nossa cultura, ainda nos advertem que, se a própria distinção entre o verdadeiro e falso for abandonada como uma curiosidade insignificante do passado, estaremos, certamente, diante de um perigo mais sutil e mais corrosivo, pois – no plano mais simples da vida – os mentirosos não terão nada a provar e os defensores da verdade não terão sequer uma causa para questioná-los. (SALIBA, 2012, p.324)

Wladir dos Santos, passa a ser o novo diretor do Ginásio de Americana, após a invasão e a prisão da então diretora Áurea Sigrist.

## 6.6 UMA ANÁLISE POR CENTROS E MARGENS

A única coisa que queria era ter de volta a sua voz, que lhe fosse retirada a mordaca, que pudesse se defender e contar a verdade, ou pelo menos a sua versão da verdade, poder contá-las aos jovens e aos não tão jovens [...] (CERCAS, 2015, p.40)

A situação ocorrida em Americana, aliada à conjuntura política global, foi agravada pelos conflitos já existentes no interior do SEV e dos Ginásios, e pelos conflitos políticos locais. Instâncias em conflito permanente com portas que se abrem e se fecham, linhas que se rompem e se criam. Linhas limitantes. Militantes.

Com o passar dos anos criam-se grupos no interior do Vocacional, ligados a interesses políticos distintos: alguns de esquerda e adeptos da luta armada, como lembra Lucilia Bechara; outros, de esquerda mais moderada; e outros, ainda, de grupos ligados à direita que apoiavam o Regime.

Ocorrem, neste período, novas contratações. Pessoas vão se infiltrando no Vocacional por perceber ali um centro disseminador de ideias.

Era preciso dissolver os elos institucionais e organizativos dos intelectuais e artistas da esquerda, estabelecendo também um regime de “liberdade vigiada” sobre os indivíduos deste campo. Este recurso era fundamental para dissolver os frágeis, porém ameaçadores, circuitos e alianças que ligavam intelectuais e artistas de esquerda aos movimentos sociais e populares. Estes sim, foram objetos de pura repressão. (NAPOLITANO, 2014, p.102)

---

Não queremos olhar o documento com uma curiosidade insignificante e nem por outro lado tratá-lo como a verdade dos fatos. Eles necessariamente, precisam ser confrontados, questionados e analisados plausivelmente em relação ao seu contexto, lugar e época no qual foi produzido. Não olhamos os documentos e discursos ingenuamente como uma transcrição de verdades passadas, produzimos interpretações plausíveis e, assumimos, negociadas. “*Documentos são sempre um campo minado*”. (Daniel Chiozzini)

Não só documentos como também os efeitos por ele produzidos levam a refletir sobre os posicionamentos da lei e da justiça, e sugerem práticas que efetivam e servem ao poder. Motta (2014, p. 37) aponta situações análogas que aconteceram nas universidades:

O apoio ao novo regime, em geral, era baseado em motivação política e ideológica. Entretanto, houve muita adesão oportunista, com pessoas que se aproveitavam da situação para aderir e abrir espaços de poder e carreira em meio aos expurgos. Gama e Silva e Eremildo Vianna, por exemplo, participaram do golpe e foram responsáveis pelo expurgo de alguns colegas. No início dos anos 1960, porém, eles não eram considerados radicais de direita nas respectivas instituições, até dialogavam e eventualmente faziam acordos com a esquerda. Pessoas que em outras circunstâncias teriam dificuldade de ascender na carreira universitária e viam na adesão aos novos mandatários preciosa oportunidade, sobretudo por que os expurgos geravam posições vagas a serem ocupadas. (MOTTA, 2014, p. 37)

As fissuras da sociedade da época vão se refletir no Vocacional. Nas ruas do Brasil as manifestações aconteciam e o país estava dividido. Grupos e subgrupos pretendiam disseminar ideais e conquistar seus apoios políticos, fossem de esquerda ou de direita.

Newton Balzan também relata situações que lhe aconteceram na universidade, onde eram preocupantes as intenções e crenças das pessoas, alunos ou professores: todos desconfiavam de todos.

Isto parece acontecer também no SEV quando Lucilia Bechara diz que havia desconfiança, que ninguém sabia quem era quem e de qual lado estavam. Esse processo implica rompimentos, rachaduras e instabilidades.

*Minha leitura hoje, difícil de ver na época, é que alguns militantes de direita e/ou anticomunistas envolveram a Maria Nilde. Este grupo, que eu chamo de direita ou que ambicionava o poder, influenciou a Maria Nilde contra alguns supervisores de área, no caso: eu, Nelson, Newton Balzan, Cecília De Lara e Luis Orlandi, consideradas pessoas fortes, opinativas e questionadoras. Diziam que com nossos questionamentos, queríamos desautorizar a Maria Nilde e fomos, então, demitidos por “desacato à autoridade”. Eu não acreditava no que estava acontecendo e pensava: “O que aconteceu? Maria Nilde, tão companheira e confiante neste grupo, de repente nos manda embora por desacato à autoridade?” Penso que Maria Nilde ficou um pouco perdida.*

*O jogo das posições, ou melhor, das oposições políticas foi dividindo internamente o grupo e quando saímos chegamos a dizer: “Maria Nilde você está sendo enganada”. O outro grupo provavelmente diria: “Esses profissionais não te respeitam, eles querem mandar!” Um jogo político que só mais tarde se conseguiu ver. Naquele momento ficamos com muita raiva da Maria Nilde e dizíamos: “Que absurdo! a Maria Nilde não nos respeitou!” Afinal ninguém confiava em ninguém e não se sabia quem era amigo e quem era inimigo. Isso aconteceu em vários lugares, não só no Vocacional. Não se sabia quem era quem. Quando saí, me perguntavam: “Como, Lucília, você saiu? Está traindo a Maria Nilde?” e chegaram até dizer que fui “dedar” a Maria Nilde no Dops<sup>118</sup>. Havia muito ruído, uma montagem de guerra. (Lucilia Bechara)*

Lucilia Bechara destaca o quanto algumas pessoas ficaram incrédulas ao saber que a própria Maria Nilde, tão ligada a ela, vai demiti-la em 1968, junto a Newton Balzan e outros profissionais do Vocacional. Alega desacato à autoridade. Maria Nilde teria sido influenciada por um grupo que afirmava que esses professores não seguiam regras, não a “obedeciam”. Segundo Lucilia Bechara, Maria Nilde, também não sabia ao certo “quem era quem” ali, e acabou por demitir muitos dos que sempre estiveram, desde o início, do seu lado.

Com a chegada do novo, outras rachaduras e brechas foram se abrindo. As urgências e carências do ensino secundário e a realidade educacional brasileira

<sup>118</sup> Dops-Departamento de Ordem Política e Social.

também atingem o Vocacional. Muitos professores foram contratados em processos de urgência e não passaram pela tão relevante<sup>119</sup> preparação inicial de seis meses, como aconteceu com os primeiros ingressantes. Muitas vezes, após uma breve entrevista (como foi o caso do Sr. Ângelo Pompeo, Sra. Berenice Mendoza e do Sr. Antonio Pedro Zago) os novos docentes iniciavam suas atividades em sala de aula. Dessa forma, a assimilação do Projeto Pedagógico do Ensino Vocacional deveria dar-se na prática, nas experiências diárias vivenciadas na própria escola, contando que as unidades vocacionais dariam um respaldo pedagógico, diferentemente do que ocorria nas demais escolas, em reuniões de Conselho semanais com orientadores pedagógicos e orientadores educacionais, cursos etc.

Os processos planejados e idealizados não se davam como propostos inicialmente e, portanto, a sensibilização com a proposta ficava prejudicada.

A estrutura de seleção e avaliação do professor posta no início do projeto das escolas, por exemplo, mostrava-se insuficiente, permitindo a coexistência de profissionais com perfis muito diferenciados. /.../ Longe de significarem ajustes administrativos, estiveram ligados às novas perspectivas educacionais que resultaram do processo de hegemonia de um subgrupo interno em relação ao outro. (CHIOZZINI, 2014, p. 95)

O Vocacional, como ocorreu também com a Igreja, passa a questionar o novo regime, dadas suas posturas e práticas contestáveis, muitas delas violentas. Boa parte da sociedade civil que acompanhava e sofria com os rumos do país também iniciou um processo de contestação ao Regime.

A sociedade se manifestava. Professores foram para as ruas.

**Eliza:** *Inclusive dos Vocacionais?*

**Lucília:** *Sim. Foram alunos e professores, do Vocacional, alguns professores eram militantes de esquerda. Particpei de um grupo que se reunia semanalmente para discutir militância política. Deixei o grupo quando foi decidido aderir à luta armada e eu não compartilhei da ideia, achava que deveríamos trabalhar a conscientização, formar lideranças, negociar e vencer pela educação, pelo discurso e pela política. Tivemos colegas que foram para a luta armada, alguns foram presos, um assassinado e outros confrontaram, acreditando ser esta a única saída. (Lucília Bechara)*

---

<sup>119</sup>Relevante a ponto de Maria Nilde Mascellani recusar a abertura em massa de novos Ginásios Vocacionais por acreditar ser essencial manter o espírito da Instituição, o cuidado com a proposta pedagógica do Ensino Vocacional, daí a importância e necessidade do treinamento. “Em 1965, havia em tramitação 158 projetos de lei criando Ginásios Vocacionais. Para conter a onda política, foi necessário criar um dispositivo legal que regulasse esta situação. Este veio na forma de um decreto do Governador, que garantiria aos deputados a liberdade de criar escolas, especificando, porém que a indicação das mesmas para funcionar como Vocacionais ficava sujeita à avaliação do órgão técnico da Secretária da Educação. Todavia, à medida que a partir daquele momento foi se atenuando a demanda, o decreto acabou sendo um instrumento burocrático que impediu a instalação de novas unidades vocacionais.” (MASCCELLANI, 2010, p. 90)

*Em 1967, meu último ano de ginásio, fui participar de um Estudo do Meio do Vocacional e passamos 10 dias no Rio de Janeiro. Foram dois ônibus. Os meninos ficaram alojados no Quartel da Praia Vermelha e as meninas num internato no Leblon. Fizemos muitas coisas: almoçamos no restaurante da UNE, O Calabouço<sup>120</sup> que ficou famoso porque, no ano seguinte, um estudante secundarista foi assassinado<sup>121</sup> dentro daquele restaurante, o que motivou a Passeata dos Cem Mil<sup>122</sup>. Vendo tudo aquilo no ano seguinte, eu falava “Viu? Eu almocei nesse restaurante. Eu estava lá o ano passado”. (Eduardo Amos)*

Outra característica que destacamos neste processo de mudanças e transformações nos Ginásios Vocacionais é

[...] o processo de subversão de seus pressupostos conservadores [que] foi reflexo de um outro processo de mudança dos sujeitos históricos nele envolvidos, que alteraram seu posicionamento político enquanto cidadãos e educadores. O Serviço de Ensino Vocacional e o conjunto das unidades escolares a ele subordinados se constituíram efetivamente como um espaço de formação docente. Esse processo dialético é que fez do Vocacional um projeto vanguardista. (CHIOZZINI, 2014, p.91)

Chiozzini vem nos alertar do incômodo gerado por um grupo de professores e pedagogos iniciantes que se propuseram a pensar e gerar conhecimento e aplicá-lo em sua própria prática.

*O Vocacional começou a desenvolver realmente um trabalho ímpar de formação desses professores, desses estagiários, deixou de ser apenas*

<sup>120</sup> O Restaurante Central dos Estudantes, conhecido como Calabouço, foi, durante as décadas de 1950 e 60, um restaurante estudantil que oferecia comida a baixo custo para estudantes de baixa renda no Rio de Janeiro. Pela grande concentração de estudantes, era também palco de várias manifestações por melhorias na educação e contra o regime militar.

<sup>121</sup> Em 1968, o Calabouço foi o palco do primeiro homicídio de um estudante pela ditadura militar. Estudante secundarista brasileiro assassinado por policiais militares que invadiram o restaurante Calabouço, no centro do Rio de Janeiro, no dia 28 de março de 1968, durante uma manifestação estudantil. Edson Luís tinha 18 anos e era um dos 300 estudantes que jantavam no local. Outro deles, Benedito Frazão Dutra, também ferido a bala, foi levado para o hospital, mas não resistiu ao ferimento e morreu. Os estudantes conseguiram resgatar o corpo de Edson e o carregaram em passeata pelo centro do Rio até as escadarias da Assembleia Legislativa, na Cinelândia, onde foi velado. No Rio de Janeiro, a cidade parou no dia do enterro. Para expressar seu protesto, os cinemas da Cinelândia amanheceram anunciando três filmes: “A noite dos Generais”, “À queima roupa” e “Coração de luto”. Com faixas, cartazes e palavras de ordem, a população protestava: “Bala mata fome?”, “Os velhos no poder, os jovens no caixão”, “Mataram um estudante. E se fosse seu filho?” e “PM = Pode Matar”. Edson Luís foi enterrado ao som do hino nacional brasileiro, cantado pela multidão. Na manhã de quatro de abril, foi realizada a missa de sétimo dia de Edson Luís na Igreja da Candelária. Ao término da cerimônia religiosa, as pessoas que deixavam a igreja foram cercadas e atacadas pela cavalaria da polícia militar a golpes de sabre. Dezenas de pessoas ficaram feridas. As mortes de Edson Luís e Benedito Frazão Dutra causaram o fechamento definitivo do restaurante Calabouço pela ditadura militar, mas também deflagram o ciclo de manifestações populares de 1968 pela redemocratização do Brasil. **Fonte:** <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/edson-luis-de-lima-souto/>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

<sup>122</sup> A Passeata dos Cem Mil foi uma manifestação popular contra a Ditadura Militar no Brasil. Organizada pelo movimento estudantil, ocorreu em 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, e contou com a participação de artistas, intelectuais, trabalhadores, jornalistas e outros setores da sociedade brasileira.



*uma escola de excelência, passou a ser um espaço de formação. (Daniel Chiozzini)*

Neste processo de produção de saberes, as escolas passam a ser frequentemente visitadas por alunos de universidades, querendo aprender e conhecer esta diferenciada proposta pedagógica. Observam sua estrutura e funcionamento, analisam as metodologias propostas, executadas e discutidas neste Ginásio. Cursos de formação são elaborados e ministrados pelos profissionais do Vocacional para pedagogos, universitários e professores. Ou seja, parte da comunidade, neste período, reconhecia a escola como um centro inspirador na área educativa.

Até meados de 69, o SEV havia atingido 7.500 pessoas, entre professores e estagiários universitários. Durante os nove anos de sua existência, o Serviço do Ensino Vocacional realizou nove cursos de longa duração (6 meses), 18 cursos de média duração (2 meses), 30 cursos de curta duração (30 dias), além de propiciar estágios e visitas para centenas de professores e universitários. Ao longo de toda a existência do Serviço do Ensino Vocacional, os alunos e professores de Didática da USP, PUC de São Paulo e PUC de Campinas se beneficiaram da experiência, participando de estágios e seminários. (MASCELLANI, 2010, p.98)

Maria Nilde faz uma crítica feroz a estes professores universitários que, a princípio encaminhavam seus alunos para o Vocacional e noutra momento estavam, na ponta oposta, atacando-o.

Pensamos que, ao entrar na seara da formação docente, um domínio usualmente sob responsabilidade restrito ao ensino superior, os Vocacionais começam a invadir outros espaços e, neste processo, acabam, indiretamente, propondo uma inversão na divisão social, comumente praticada, do trabalho pedagógico. Um aspecto inovador e, podemos dizer, subversivo, no sentido de subverter ordens comumente estabelecidas e aceitas pela comunidade.

*Tem uma famosa divisão social do trabalho pedagógico, quer dizer, os pesquisadores, filósofos etc, são capazes de pensar a Educação, a política educacional. Professor não tem que ficar “se metendo” a informar, reformar, discutir política, discutir, ele é o peão, e o Vocacional quebrou com isso, porque os professores discutiam política educacional, discutiam legislação, discutiam o que é uma educação de excelência, então rompiam com essa divisão social do trabalho pedagógico. Essa é a minha hipótese, isso incomodou muito: “Como assim? Quem é essa Maria Nilde?” Então eu acho que a relação com as universidades foi muito mais de concorrência do que de colaboração, embora, pela formação católica delas, e quando eu entrevistei a Cecília Guaraná (acabei não utilizando a entrevista dela), mas ela fala de uma colaboração com a PUC, com o meio católico, com um grupo de educadoras católicas denominada de equipes docentes, então teve alguma colaboração nesse sentido. (Daniel Chiozzini)*

*O Vocacional se tornou um espaço concorrente das universidades, espaço de formação dos professores. [...] Eles faziam pesquisa, eles ofereciam cursos de formação, ofereciam estágio, eles produziam material para professores, para alunos dos cursos de Pedagogia. (Daniel Chiozzini)*

Surgem críticas veladas e, em seguida, expostas: “Quem é essa Maria Nilde?” “Como assim, cuidar da formação de professores?” Isto vai incomodar muito, relata Daniel Chiozzini em seu depoimento.

Sabe-se também que os militares sempre rondaram o Vocacional, sejam como “amigos” ou, como “inimigos”, assumindo o papel de “mocinhos” ou de “bandidos” dependendo do olhar de quem olha.

*Bom, quanto ao período: antes e durante a revolução de 64 nós éramos aliados do Exército. De 1962 (a primeira turma) até 1965. Nós fizemos o primeiro acampamento com a ajuda do GECam. O pessoal do GECam vinha jogar bola com a gente. O primeiro acampamento foi na divisa com o sítio do meu pai. Emprestamos as barracas do GECam. O GECam veio, trouxe e montou as primeiras barracas. Em 1962, 63, 64 e 65. (Ângelo Pompeo)*

No Vocacional, a partir de 1968, as visitas de inspeção tornaram-se momentos tensos: olhavam tudo, questionavam, observavam materiais pedagógicos utilizados, livros, quadros, qualquer elemento que chamasse a atenção seria motivo de assertivas e perguntas investigativas. Segundo Cecília Guaraná, o Coronel do Exército de Campinas visitava, até 1968, o Vocacional de Americana deixando sempre elogios, palavras de admiração e incentivo ao trabalho desenvolvido ali. Com a troca do comandante, essas visitas passam a ter outras finalidades, mudam de tom. Passa-se a visitar os Ginásios para rondar, inspecionar, procurar saber o que se passava. As conversas, segundo Cecília, passaram a ter um caráter inquisitório. Um clima de desconfiança instala-se. Estas ações do Estado apoiavam-se no tripé “vigilância, censura e repressão”, defendido pelo regime. Seguiam uma lógica segundo a qual todos eram suspeitos até que se provasse o contrário.

*Então, por exemplo, era difícil eu entender o conceito de socialismo, o conceito de comunismo, marxismo. A gente trabalhava com estes conceitos e era muito difícil, porque era abstrato, não era concreto e a gente tinha que discutir. Então o que eu fazia? Ia pesquisar! Pesquisar. Ia para um livro, ao jornal, não tinha Internet, não tinha o Google, não tinha o Wikipédia, mas eu tinha jornais, eu tinha livros, eu tinha os colegas que traziam outras informações também. A gente via que tinha problema sério “rolando” e a gente via. A gente não sabia exatamente o que era, nós tínhamos visitas de*

*peças que vinham de São Paulo. Lembro-me da visita do Ulhôa Cintra<sup>123</sup>, eu acho que ele era Secretário da Educação na época, Ulhôa Cintra. Ele era algum bam bam bam... e eu lembro que ficou muito tenso o clima na escola. (Eduardo Amos)*

Sabemos que a ronda, a inspeção, por meio dos olheiros e informantes não foi considerada suficiente no caso dos Ginásios Vocacionais.

Em junho de 1969 a Coordenadora do SEV – Serviço de Ensino Vocacional, Maria Nilde Mascellani foi sumariamente afastada de seu cargo. Por fim, em 12 de dezembro desse mesmo ano o modelo foi extinto com a ocupação truculenta pelos militares das seis unidades dos ginásios vocacionais. Seus dirigentes, professores e vários alunos foram presos, processados, aposentados pelo Ato Institucional nº 5 e outros atos arbitrários. As escolas foram invadidas simultaneamente em 12 de dezembro de 1969 pelo Exército e pela Polícia Militar. Nesta invasão muitos materiais foram danificados e outra parte levada para os porões do Quartel do II Exército. Alunos, professores e pais trataram de esconder tudo o que possuíam e aquilo que pôde ser salvo das escolas. (HISTÓRIA do SEV, 2015)

*Nós estávamos. Estávamos ensaiando para a formatura e saímos com metralhadoras nas costas.*

**Eliza:** Como assim?

**Pompeo:** Depois que eles entraram na escola, chegaram os tanques...

**Eliza:** Tanques?

**Pompeo e Renata:** Tanques...

**Renata:** Foi uma coisa de arrepiar...

**Pompeo:** Eu cheguei atrasado. Eu não tinha aula cedo. Quando vi aquilo eu quis voltar pra trás, mas eles não deixaram. Fizeram-me ir para o refeitório. Lá estavam todos os professores junto com o Coronel Árgos explicando e dando uma “prensa” em todo mundo. Eu não me esqueço, até hoje, o que era o trabalho em equipe para ele.

**Eliza:** O que era o trabalho em equipe para ele?

**Pompeo:** Em equipe é: ele tomava a decisão e punha a turma para ver se chegava onde ele queria. Nunca me esqueço disso.

**Renata:** Foi bravo, foi bravo, porque, de repente, apareceram.

**Pompeo:** E um “dos cabeças” foi o... O exército, a gente jogava bola junto com eles, montava as barracas do acampamento.

**Renata:** É, as barracas! No acampamento eles traziam as barracas e nos ajudavam a montar.

[...]

**Pompeo:** Reviraram as coisas, os armários, abriram e jogaram todas as pastas no chão...

**Renata:** Abriram tudo.

**Pompeo:** Tudo jogado! Foi terrível!

**Eliza:** E os alunos?

**Renata:** Os alunos foram convocados depois para depor no GECam.

**Pompeo:** Levaram vários presos. A Dona Áurea foi presa, alguns professores foram juntos presos. Ficaram detidos no GECam.

**Renata:** Até o pessoal do Liberal que é um jornal de Americana foi envolvido também. (Renata Rangel e Ângelo Pompeo)

<sup>123</sup> Antonio Barros de Ulhôa Cintra (1907-1998) foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo do Governo Abreu Sodré. Roberto Costa de Abreu Sodré foi eleito de maneira indireta e sua gestão ocorreu de 1967 a 1971.

Algumas das unidades do Vocacional tiveram acesso à informação sobre a invasão antes dos agentes chegarem à unidade, daí a preservação de alguns materiais. Em Batatais, devido ao bom relacionamento com setores da comunidade - à proximidade da diretora do Vocacional com o delegado da cidade, por exemplo - foi possível salvar livros e documentos antes da chegada do exército nas escolas. Já a unidade de Americana é tomada totalmente de surpresa e, como em São Paulo, professores, alunos e funcionários ficaram trancados por horas até serem liberados. Em Rio Claro, a diretora consegue salvar alguns documentos do GV “Chanceler Raul Fernandes” guardando-os, secretamente, por longos anos com a funcionária da cantina escolar<sup>124</sup>. Esse material foi analisado e revisitado por Joana Neves em sua tese de doutorado.

“Iniciou-se dessa forma uma verdadeira ‘caça às bruxas’. /.../ Alguns pais de Barretos foram detidos juntamente com professores e levados no camburão com destino ao quartel do Exército em Campinas.” (MASCELLANI, 2010, p. 101)

Professores e funcionários são fichados e investigados. Maria Nilde, apesar de sua fragilidade física<sup>125</sup> vai, posteriormente, ser presa e torturada.

Segundo nossos depoimentos, durante a invasão em Americana, o professor Francisco Cid estava em sua casa localizada ao lado da escola, e assistiu a tudo da janela, sob o som de uma ópera em volume máximo. Teatro.

*Na hora que saímos da escola um desses professores avaliados, que morava na esquina da escola, na frente da escola, conforme nós saímos ele colocou a música: “Glória, Glória, Aleluia! Glória, Gloria, Aleluia!” No último tom da vitrola. Aquela época era vitrola, com um disco tocando aquilo e ele na janela sorrindo...*

**Eliza:** Quem?

**Pompeo:** Francisco Cid.

**Renata:** Francisco Cid.

**Eliza:** Estava sorrindo?

**Renata:** Sim, sorrindo na janela...

**Pompeo:** Ele fazia parte do grupo dos que estavam...

**Renata:** Do grupo que tinha sido mal avaliado e seria transferido. Porque o nosso ensino era mostrar a realidade e a gente tinha o conhecimento de tudo que estava acontecendo no país. A gente lia os jornais, revistas, a gente fazia comentários, a gente tinha o conhecimento da situação no país e isso para os outros, que eram a favor do regime, era o comunismo que

<sup>124</sup> Excerto da exposição de Joana Neves durante o 33º Bate Papo Cultural “Vocacional: uma aventura humana”, realizado em 2010, patrocinado pelo Arquivo Municipal de Rio Claro, na Unesp, Campus de Rio Claro.

<sup>125</sup> Lê-se, no *release* da vida de Maria Nilde Mascellani, apresentado em agosto de 2007, quando da inauguração do CIEP – que levou seu nome – em Americana: “Foi na adolescência que os primeiros sinais da doença que a acompanharia durante toda a vida se manifestaram. Vítima de reumatismo deformante, quando adulta caminhava com dificuldade, sentia muitas dores e só suportava as crises a base de analgésicos.”

*estava se implantando. Era como se fosse um comunismo. Não, nós estávamos tendo a realidade no papel, tudo que estava acontecendo a gente discutia, e não era admissível, na época, isso. Como uma criança precisa saber dessas coisas! (Ângelo Pompeo e Renata Rangel)*

Seriam elementos advindos de uma memória coletiva que se cristaliza? O que isso reflete? Como reverbera?

No Vocacional conviviam diferenças apaziguadas pelos ideais expostos no Projeto Pedagógico. Materiais, projetos, ideias, conceitos, linhas e vertentes pedagógicas eram estudadas e discutidas, em geral<sup>126</sup>, inicialmente no SEV, e seus profissionais eram orientados a trabalhar segundo eles. Apesar das diferenças individuais existentes entre os grupos, professores propunham atividades baseadas em objetivos e metodologias aparentemente discutidas e explicitadas e, então, bem definidas. Os profissionais que não se “encaixavam” neste perfil desejado acabavam sendo dispensados.

*[...] do professor do Ginásio Vocacional exige-se: conhecimento da matéria, qualidades pessoais de educador, e percepção de objetivos. Falhando um aspecto o professor e o grupo ressentem, e o professor passa a viver uma tensão tal qual o obriga a deixar o trabalho. (CEDIC-SEV, [1970], p.37)*

*Os professores eram avaliados todo ano, certo? E havia aqueles que não se adaptavam ao sistema. (Ângelo Pompeo)*

Era preciso engajar-se. Para alguns, este engajar-se, era ler na cartilha autoritária de Maria Nilde Mascellani. Para outros essa cartilha se apresentava de forma menos dura. Ela se compõe como várias, um ser multifacetado e complexo.

*O Vocacional sofreu evoluções. Eu acho que no início ele estava bem centrado na parte pedagógica, na formação, com ligação com a comunidade e tal. Mas em 68, 69 já deu para perceber um aspecto mais ideológico, de você ter que tomar uma posição no sentido assim de: “Isso tudo acontecendo e nós aqui?” Podemos ficar alheios ao que está acontecendo? Olha que difícil que foi. Para todo mundo, principalmente, acredito, para a Profª Maria Nilde. Eu me lembro de uma reunião que ela fez com a gente lá e que ela até disse nestes termos: “Eu não irei à passeata por uma questão física. Eu não tenho condições.” Porque ela tinha, eu acho, artrose, muita artrose. Então, lembro-me perfeitamente de que ela falou isso: “Mas estão liberados todos que quiserem ir”. Ela tinha esse espírito democrático, no sentido de não impor nada: “Você vai seguir nessa cartilha.” Eu sentia isso. Ficou muito claro a mim naquele momento, quando cada um respondia por si nesse momento. Eu vou como pessoa, então eu sou responsável. Ela não disse: “se for vai ser demitido”, “se for não sei o*

<sup>126</sup> Afirmamos em geral, pois sabe-se da quantidade de reuniões e planejamentos realizados semanalmente nos Ginásios, das viagens para cursos que os professores tinham no SEV, em São Paulo, como também os supervisores de área visitavam as unidades no interior. Antonio Pedro Zago relata que sentia sempre fazendo parte, construindo algo, e que havia respaldo, orientação por trás das suas criações em sala de aula.

*quê”. Ela nos deixou claro que não iria por uma questão física, mas não proibiria. (Antonio Pedro Zago)*

*[...] depois houve outra crise muito grande, no fim de 1968. A Profª Maria Nilde Mascellani, a quem eu dedico meu livro, tinha uma energia fantástica, embora doente, sempre sentindo fortes dores, era muito dura, dura demais, autoritária ao extremo. (Newton Balzan)*

## 6.7 SUBVERSIVOS?

E o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano.  
Clarice Lispector

“*Nós éramos subversivos mesmo!*”, afirma Sra. Berenice Mendoza em seu depoimento.

Não seremos ingênuos de acreditar, entretanto, que apenas por este motivo os Ginásios Vocacionais seriam fechados. Continuemos no processo de imersão. Talvez um olhar mais de perto à palavra subversão nos leve a outros caminhos, novas aproximações e ressignificações.

O que significava à época subversão?

O martelo de pilão de repressão não matou apenas moscas, mas tudo que ousasse voar. O regime militar montou uma grande máquina repressiva que recaiu sobre a sociedade, baseada no tripé vigilância - censura- repressão. No final dos anos 1960, este tripé se integrou de maneira mais eficaz, ancorando em uma ampla legislação repressiva que incluía a Lei de segurança Nacional, as leis de censura, os Atos Institucionais e Complementares, a própria Constituição de 1967. Não foi o regime de 1964 que inventou esse tripé repressivo, em parte herdado do passado, mas sem dúvida deu-lhe uma nova estrutura, novas agências e funções. A base teórica que instruiu a montagem desta máquina era o conceito de guerra interna ou guerra revolucionária, aprendido dos franceses. Ela pressupunha utilização coordenada de todos os recursos – militares, políticos e de informação – no combate a um inimigo invisível, oculto – o “subversivo”-, entre a população como se fosse um cidadão comum. (NAPOLITANO, 2014, p. 128)

Por que o Ginásio Vocacional, entre outras experiências educacionais inovadoras<sup>127</sup>, foram consideradas subversivas?

<sup>127</sup> Havia, por exemplo, a experiência dos Colégios de Aplicação, vinculados desde sua criação às universidades públicas. Destaque usualmente é dado ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo, que tinham uma preocupação com a formação humanista e desenvolvimento da consciência crítica e funcionaram, inicialmente, como escolas tradicionais, e depois de alguns anos foram transformadas em escolas experimentais. Os Colégios de Aplicação são criados em 1957 e introduzem a linha renovada a partir de 1963. Outras iniciativas de escola renovada no Estado de São Paulo foram os Ginásios Pluricurriculares e os Ginásios Orientados para o Trabalho (GOTs), iniciativas renovadas com um viés mais tecnicista. (TAMBERLINE, 2001, p. 162). Vale ressaltar que o Prof. Newton Balzan, em seu depoimento, faz uma descrição e crítica aos GOTs que, financiados pela USAID (*United States*

Destacamos aqui trecho de entrevista realizada por Cupertino (1990) com um ex-professor de Estudos Sociais que nos permite refletir sobre as questões políticas imbricadas às questões pessoais, pedagógicas, subversivas ou não, conscientes ou não, que aconteceram no Vocacional e geraram interrogações posteriores:

*No segundo ano a gente viu Revolução Chinesa. E um dos objetivos da área de Estudos Sociais era formação do homem consciente e atuante, esse estereótipo de frase, mas era uma das coisas que a gente perseguia. Quando a gente chegou na Revolução Cubana, lembro dos alunos perguntando: “E agora o que nós temos que fazer?” /.../ Olha, vou dizer honestamente, não sei se eu tenho muito claro. Acho que havia um trabalho nítido de condução política da parte da gente. E nós só fomos acordar nesses momentos. Vou dizer assim pessoalmente: passei muitos anos me questionando se realmente era aquilo que eu queria dos meus alunos, aos 14 anos; jogá-los na rua, para fazer aquele tipo de atividade. Hoje eu tenho muito tranquilo que não era o que eu queria. Mas quando eu estava lá dentro, parece que eu tinha essa clareza. Tinha uma linha de encaminhamento político. Eu não sei se o próprio desnudar da realidade histórica para eles, num país dependente, não tem mesmo que levar a isso. Ou se, às vezes, a gente não exagerou um pouco na condução [...] Sinto que foram dois processos que se misturaram muito: o nosso, pessoal como adultos, de se politizar, de abrir os olhos para a realidade, de ver o que estava acontecendo (inclusive porque entrou muita gente no Vocacional de vivência neste campo, e que a própria convivência obrigou a gente) com o processo de construção do trabalho com o aluno. Não sei se a gente misturou os dois níveis. A impressão que eu tenho é que muitas vezes nós misturamos, não tivemos a lucidez de considerar que uma coisa é o processo que eu, pessoalmente, como alguém de tantos anos, estou vivendo, estou descobrindo. Isso sempre chega para o aluno, mas que não chegasse tanto...*

*- Filtrar um pouco...*

*- Filtrar. E sei lá eu, preservar o aluno na sua faixa etária, na sua adolescência, eu não sei se a gente fez muito isso, eu acredito que não.*

*- Agora, quando você fala em condução, ela se dava através de que?*

*- Acho que a própria seleção de conteúdo. Isso a gente discutiu muito: estávamos passando a ideologia no momento que selecionávamos um texto, naquilo que passávamos como mais importante para o aluno. A gente discutia muito que no pinçar... Se a gente pudesse ser imparcial na passagem do conteúdo, perfeito. Mas a gente tinha muito claro que não tinha condições de ser, que desde o momento que eu opto por começar com isso, já tem todo um posicionamento meu, uma forma de pensar que vai para o aluno. O que a gente tinha muito claro é que não podia fazer encaminhamento, no sentido de politizar, no sentido de fazer discurso político para o aluno. Só que até hoje eu não tenho claro se na própria forma de pinçar o conteúdo, se a gente não carregou isso.*

*Porque eu fico lembrando, já em 68, da angústia dos meus alunos, depois de uma aula síntese, que eles saíram cantando o hino do Che pela escola inteira, aí nossos olhos se esbugalharam e nós falamos: “O que é que nós estamos fazendo?” Foi a primeira chacoalhada profissional que eu levei, em termos de questionar o que é meu trabalho, até onde posso chegar com*

---

*Agency for International Development), tinham como coluna mestra as Artes Industriais, ao contrário dos Ginásios Vocacionais nas quais dominavam os Estudos Sociais. Ele fala: “Em 1966, 1967, antes dos Vocacionais serem avaliados, eles fundaram 55 novos Ginásios, no Estado de São Paulo, orientados para o trabalho, só que o centro não era mais Estudos Sociais: o centro era Artes Industriais. Então, veja como o pensamento foi embora.”*

*essa área, e se ela não for bem usada, no que eu posso cair. (CUPERTINO, 1990, p.82-83, apud CHIOZZINI, 2014, p.135-136)*

Vale ressaltar que esta fala é de uma ex-professora do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” e, como já dissemos, o Regime não aconteceu de maneira uniforme no estado e no país, assim como também cada unidade dos Ginásios Vocacionais tinha suas particularidades. Assim, São Paulo vivia a realidade paulistana. Cupertino interpreta esse depoimento destacando o “remorso evidente” da professora, sugerindo que ela subestimou a interferência de acontecimentos externos ao universo escolar sobre os alunos, especialmente na efervescência social pós-1967.

Chiozzini relata em seu depoimento que alunos do Ginásio Vocacional de Batatais, nas atividades locais de Estudo do Meio, são levados a vivenciar a realidade cotidiana de trabalho de trabalhadores rurais e, literalmente, pegam na enxada; atividade que choca muitos dos pais desses alunos.

*O professor Mário Novais<sup>128</sup>, professor em Batatais de Geografia, trabalhou junto com a Ernesta<sup>129</sup> quando eu entrevistei, por ocasião do meu TCC, ele falou de uma determinada ocasião: “A gente foi fazer um estudo de meio, levou os alunos para visitar uma lavoura de cana, para entrevistar os trabalhadores e como eles tinham aula de Práticas Agrícolas, colocamos eles para fazer o trabalho dos boias frias, quer dizer, vivenciar exatamente, o que é o trabalho de um boia fria”.*

**Eliza:** *Vivenciar a atividade de um boia fria, uma radicalização mesmo...*

**Daniel:** *Exatamente, e muitos, muitos ali eram crianças. Na época, muitos boias frias eram crianças e adolescentes, meninos de 14, 15 anos que ficavam trabalhando 10 horas por dia. Já que há um problema, já que tem conflito, vamos levar os alunos para ver o que é esse trabalho, não só para entrevistar, para conhecer, digamos, de perto, mas para também fazer o trabalho e perceber como é pesado. Isso porque também eles já tinham alguma familiaridade, porque eles faziam a horta, eles pegavam na enxada. Mas colocá-los para experimentar o que é ser boia fria é algo que foi criticado por alguns pais. (Daniel Chiozzini)*

Destaca-se ainda o processo de formação e politização de professores, associado ao convívio com outros profissionais que tinham uma atuação política mais intensa.

Os dilemas educacionais de 1968, inflamados pela ânsia de transformação social, inauguraram, então, uma contraditória busca pela “descolarização da escola”, interrompida pela ditadura militar. Os Ginásios Vocacionais, de certa forma, adentraram nessa torrente ao pautarem sua proposta educacional em objetivos que estavam muito além da escola. (CHIOZZINI, 2014, p. 261)

<sup>128</sup> Mário Alves Novaes foi professor de Estudos Sociais (Geografia) do Ginásio Vocacional Cândido Portinari, na cidade de Batatais.

<sup>129</sup> Ernesta Zamboni foi professora de Estudos Sociais (História) no Ginásio Vocacional Cândido Portinari na cidade de Batatais.



Segundo leituras, referenciais, relatos de Chiozzini, Lucilia Bechara, Berenice Mendonza e Newton Balzan, muitos acontecimentos que podiam ser sentidos internamente passavam despercebidos. Por exemplo, para o SEV, no Vocacional de Americana as coisas iam muito bem, eram tranquilas. Situação completamente equivocada: justamente de lá partiu a denúncia formal que marca a história da proposta.

Reitera-se que, aparentemente, o Vocacional foi abandonando a postura de “adepta” ao regime ditatorial, para aos poucos, questioná-lo. Apoiava essa versão o fato de Maria Nilde Mascellani, segundo o Professor Antonio Pedro Zago, não os incentivar a participar de passeatas e motins, mas, por outro lado, não proibir essas participações. Inferimos que, possivelmente, a posição de Maria Nilde, apesar de não ser explícita nem evidente, era cautelosa: uma instituição de ensino pública poderia, a qualquer momento, sofrer sanções, mesmo que tivesse certa autonomia.

Os Ginásios Vocacionais foram uma experiência de vanguarda educacional, mas ao enveredar pelo caminho da educação redentora, eles começaram a perder essa característica /.../ havia uma estrutura que valorizava o saber fazer do professor, fortalecia e valorizava a escola como espaço de produção de cultura. (CHIOZZINI, 2014, p.259)

## **6.8 A DITADURA NAS VIDAS: um olhar para as singularidades das narrativas**

Nos estivemos em um lugar onde ninguém esteve, vimos o que ninguém viu. Tenho me calado, me calado, mas um dia no trem comecei a contar para pessoas estranhas. Para que? (Valentina Timofíevna Apanassiévitch. In: Vozes de Tchernóbil, 2016, p. 351)

[...] o singular não é o oposto do plural, nem mesmo uma parte de um todo: trata-se de uma produção de conhecimento que não se refere à busca de fatos reveladores de uma identidade, mas de um traço que, sempre provisório, delineia uma identidade fugidia, lacônica e de formas não antecipáveis. (FERNANDES, 2014, p.15)

A ficção salva, a realidade mata, eu repetia a mim mesmo. (CERCAS, 2015, p. 29)

De cada uma das narrativas criadas por nossos colaboradores mobilizamos recortes que nos pareceram significativos e nos guiaram na construção de nossas narrativas sobre os Vocacionais. Destacamos marcas que nos contam das experiências particulares, singulares daqueles que viveram essa experiência e que, de certa forma, foram expressos em suas narrativas.

## Antônio Pedro Zago

No campus da USP, outro evento repressivo contribuiu para aumentar a sensação de derrota política e a insegurança. Poucos dias após o AI-5, o Conjunto Residencial da USP (Crusp) foi ocupado pelos militares, que chegaram em carros blindados e vestidos para combate. O Crusp era um dos centros de ação de esquerda estudantil, por isso mesmo os militares resolveram ocupá-lo. Centenas de estudantes foram detidos, seus pertences vasculhados em busca de provas de subversão, e o conjunto ficou por sob intervenção durante dois anos. (MOTTA, 2014, p. 151)

Segundo Professor Zago, ser concomitantemente aluno da USP e professor do Vocacional era um bom motivo para ser visto com desconfiança. Todo o cuidado, naquela época, era pouco.

Quando analisamos a lista de mortos e desaparecidos pela ditadura, notamos um dado inovador na história brasileira. Via de regra, as repressões a revoltas armadas no Brasil eram ferozes como de baixo e moderados com os de cima. A prisão e o exílio eram reservados às lideranças rebeldes vindas de elite ou de classes médias superiores. A repressão aos grupos de oposição entre 1967 e 1974 não poupou ninguém. Um dado indicativo da composição social da guerrilha e da repressão é a formação escolar. /.../ No geral, calcula-se que metade dos presos e processados era formada por estudantes universitários. /.../ com predominância da faixa que ia até 25 anos. (NAPOLITANO, 2014, p. 128)

Antonio Pedro Zago foi preso. Conta que não chegou a ser torturado fisicamente, mas psicologicamente: “Sem dúvida!” Até bem pouco tempo atrás tinha pesadelos com os dias passados na prisão, sem justa causa, simplesmente por ser aluno da USP e morar no Crusp.

Depoimentos de alguns professores presos em 1964 informam que a violência física foi limitada, e mais intensa a violência psicológica. /.../ A situação iria mudar bastante de 1968, como o aumento da violência e o uso indiscriminado da tortura, que iria atingir também alguns professores universitários./.../ os operários tiveram, em geral, tratamento mais duro no que toca ao tempo de detenção e violência. (MOTTA, 2014, p. 29-30)

Na madrugada do dia 17 de dezembro de 1968, na moradia estudantil da USP, o Crusp, os alunos foram acordados com o barulho de tanques. Tanques do Exército. A moradia foi, nessa madrugada, invadida por tropas do II Exército e pela Polícia Militar do Estado de São Paulo. Entraram nos apartamentos ordenando que saíssem. Os quartos foram vasculhados, os pertences revirados. Todos os alunos foram obrigados a sair e se dirigir a um ônibus. Dali todos foram levados ao

DOPS<sup>130</sup>. Foram presos e lá permaneceram por vários dias, incomunicáveis. Não lhes foi permitido entrar em contato com famílias ou amigos. Aos poucos eram chamados pelos nomes e levados: ninguém sabia para onde ou se seriam libertados ou não.

Zago, nos relata que, para seu horror e pânico, demorou a ser chamado e libertado: foi um dos últimos, do grupo de estudantes, a sair da prisão. Ficou trancafiado numa cela, em péssimas condições, e somente no dia 24 de dezembro o libertaram sob fortes ameaças verbais.

Até então, nem família e amigos puderam ter notícias dele. No Vocacional, o clima ficou ainda mais tenso.

*“Corri sim da polícia algumas vezes como a maioria dos estudantes da época”,* mas afirma que não era militante radical, não era comunista, não participava da Guerrilha. Participou, sim, de algumas passeatas. Acredita que o fato de ser aluno da USP e professor do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” o deixou “na mira” dos militares, já que havia olheiros “espalhados” por diversos lugares e instituições.

O episódio de sua prisão aparece em sua memória como um momento marcante em sua vida. Ele nos relata essa situação ao iniciarmos sua entrevista. Sua narrativa nos fala dos modos como esta experiência o atravessou, moldando seu comportamento ao longo de sua vida: desde então procurou se manter “na esquiva”.

### **Berenice Mendonza e Newton Balzan**

Sr. Newton Balzan e Sra. Berenice Mendoza relatam algumas situações a que foram expostos, neste período, por serem professores do Vocacional, alunos da USP e da PUC, respectivamente, instituições, à época, bastante visadas.

O episódio dos livros: Sr. Newton Balzan e sua esposa reúnem todos os livros que poderiam ser considerados subversivos, colocam num saco plástico e os levam para o quintal da casa. Ali os enterram. Com olhar entristecido, o Sr. Newton, relata que aquele ato causou a ele um incômodo muito grande: *“Uma sensação desagradabilíssima!”*

---

<sup>130</sup> Dops – Departamento de Ordem Política e Social.

A Sra. Berenice Mendoza vai nos revelar que chegou a fazer uma fogueira para queimar os seus livros que poderiam ser considerados subversivos. Chegou a atear fogo neles, mas ao vê-los queimando, arrepende-se imediatamente. Apaga o fogo: “*Vou ser presa, mas não queimo os meus livros!*”. Isto gera grande apreensão em sua mãe, pois já haviam recebido a inspeção de policiais. Segundo ela, “*Não havia porta que os segurasse!*”. Enfim, ela decide guardá-los no forno do fogão à lenha de sua casa. Ali não encontrariam. O livro de Carlos Heitor Cony, perseguido na época, entre outros, ela tem até hoje.

Em maio de 1964, Cony escreveu em uma de suas crônicas mais famosas: “Acredito que é chegada a hora dos intelectuais tomarem posição em face do regime opressor que se instalou no país”. Reafirmando os intelectuais como “consciência da sociedade”, Cony escreveu: “Se diante de crimes contra a pessoa humana e a cultura, os intelectuais não moverem um dedo, estarão abdicando de sua responsabilidade”./.../ Tanto Alceu Amoroso Lima, com seu liberalismo baseada numa ética de responsabilidades, quanto Carlos Heitor Cony, em seu existencialismo libertário lançaram bases simbólicas importantes que perdurariam na memória de resistência cultural contra o regime. (NAPOLITANO, 2014, p. 209)

A perseguição a intelectuais e artistas e o obscurantismo tacanho da extrema direita foram sintetizadas na expressão ‘terrorismo cultural’ cunhada por um liberal (ex-autoritário, mas naquele contexto, progressista) Alceu de Amoroso Lima, e imortalizados no clássico *Febeapá, o Festival de Besteira que assola o país*, de Stanislaw Ponte Preta. As famosas crônicas de Carlos Heitor Cony, antijanguista convicto antes do golpe, publicados em 1964, também respiram o ar do liberalismo embora soltem um bafo de radicalismo. (NAPOLITANO, 2014, p.104)

Carlos Heitor Cony e Alceu Amoroso Lima foram dois personagens que produziram importantes críticas ao regime, sintetizando denúncias aos abusos e arbitrariedades praticadas; o primeiro um jornalista crítico, liberal e independente, que se consagrou na memória social; o segundo sempre esteve sob uma perspectiva insuspeita, já que era conhecido anticomunista e católico liberal.

Cenas interessantes e peculiares? Talvez não. Segundo Motta (2014, p. 27)

Procurando livrar-se de “provas” de qualquer inclinação esquerdista, outra cautela adotada era queimar documentos e ocultar livros, sobretudo os de orientação marxista. Houve casos de livros enterrados, enviados a parentes insuspeitos, e mesmo de pessoas que, em total desespero, queimaram não só os documentos, como também os livros.

A preocupação em desfazer-se dos livros comprometedores não era injustificada, pois sabiam que os policiais sempre “varejavam” as estantes dos suspeitos em busca de evidências de subversão. (MOTTA, 2014, p. 27)

A tensão na época aumentava, dadas as notícias e boatos da violência contra intelectuais, estudantes, artistas. Livros, assim como outras manifestações artísticas

(cinema, teatro, musicais etc.) podem falar e causar mais danos do que pessoas e armas. Narrativas que denunciavam e escancaravam muitos dos atos, cada vez mais violentos não representavam propriamente uma ameaça ao novo regime, mas ao contestá-los, eram capazes de causar constrangimentos e transtornos àqueles que cada vez mais procuravam tolher liberdades.

Motta comenta que:

Os expurgos de livros não se limitavam às residências particulares, atingiam também bibliotecas de instituições públicas, mas foram principalmente afetados os estoques de livrarias e editoras. É interessante mencionar que episódios de apreensão de livros geraram tensões nos círculos do poder, pois contrariavam o caráter democrático do movimento de 1964, lançado supostamente para salvar o país do totalitarismo de esquerda. /.../ A maior preocupação era não desagradar o grande aliado e a principal fonte de apoio do novo regime, os Estados Unidos, cuja administração democrata concordava com certa dose de autoritarismo, mas de preferência temperada com algum respeito às garantias liberais. (MOTTA, 2014, p. 28-29)

“O regime militar não inventou a censura, mas a ampliou. /.../ A prática da censura tinha muito de ação arbitrária, desigual conforme a área de expressão, e pouco sistematizada.” (NAPOLITANO, 2014, p. 129).

O teatro, a música e o cinema foram censurados, mas mais delicada era a situação da imprensa. Para o Regime, a grande imprensa deveria ser uma interlocutora confiável do governo, um elo do Estado com a opinião pública.

Em relação aos livros, a censura nunca conseguiu ser eficaz, como atesta a publicação de obras altamente críticas ao regime bem antes da fase do abrandamento da censura política, como Zero (Ignácio de Loyola Brandão, 1970), Bar Don Juan (Antonio Callado, 1970), Festa (Ivan Angelo, 1976) e Em câmera lenta (Reinaldo Tapajós, 1977)”. (NAPOLITANO, 2014, p. 131)

### **Eduardo Amos**

Eduardo Amos nos conta que em um dos Estudos do Meio que realizou no Ginásio Vocacional de Rio Claro, ele passou dias no Rio de Janeiro e dentre as atividades propostas, os alunos foram almoçar no restaurante “Calabouço”, da UNE. No ano seguinte, março de 1968, o “Calabouço”, estava nas notícias dos jornais e da televisão: um estudante secundarista foi assassinado no local.

Eduardo Amos, aos 14-15 anos, já deixara o Vocacional e cursava o colegial numa escola tradicional de Rio Claro. Ao saber do incidente no Calabouço, sentiu-se fazendo parte daquilo, afinal havia estado naquele lugar há pouco tempo e, agora, no atual colégio, já não era permitido expressar ideias e pensamentos publicamente.

No Vocacional tinham como prática expor pensamentos e opiniões, compartilhar experiências, discutir temas atuais. O silêncio disciplinariza os corpos.

Nestes e em muitos outros momentos, Eduardo Amos percebe o diferencial do Vocacional em relação aos colégios tradicionais da época. A dinamicidade e vivacidade registradas em suas memórias sobre suas experiências no Vocacional, os trabalhos em equipe, as discussões para escolha de um determinado estudo; conversas em sala de aula, ao pé de uma fogueira ou sob uma árvore; as atividades realizadas nos acampamentos; o encontro de diferentes classes sociais; a valorização da criatividade, dos questionamentos, do ser, viagens, das atitudes, das pesquisas na comunidade...

Eduardo foi lançado para outro lugar sem sair de sua cidade natal. Agora valia a lei do silêncio, da ordem, da disciplina. Muitas das janelas e portas se fecharam, outras se abriram. Candidatou-se a uma bolsa de estudos. Passou nos exames e seguiu para realizar estudos nos Estados Unidos. Estabeleceu outras rotas: sua fluência no inglês permitiu posteriormente que, além das atividades do teatro (sua grande paixão) pudesse escrever seus primeiros livros didáticos de inglês que hoje se encontram espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Dedicou-se também à literatura infantil.

### **Newton Balzan**

Como professor universitário, o Sr. Newton esteve em contato com colegas de direita que espalhavam discursos de apoio ao sistema e de defesa à caça aos subversivos. Conta que teve alunos que desapareciam de suas aulas e voltavam contando histórias das guerrilhas. Ele os ajudava. Conta também que todos os dias, naqueles tempos, um colega o acompanhava sem que tivesse sido convidado, sem que ele fosse seu amigo, até o ponto de ônibus.

A repressão e a violência se instalaram nas universidades. Trabalhava na PUC, São Paulo, em 1977, quando, no dia 22 de setembro, lembra-se de ter ouvido um grito “*Corre!*”, e todos, alunos e professores, correram para os fundos: a PUC estava sendo invadida.

Por volta das 21h50m daquele dia, cerca de dois mil estudantes participavam de um ato público em frente ao Tuca, o teatro da universidade, quando foram interrompidos por três mil policiais, militares e civis, apoiados por carros blindados. A tropa lançou bombas e investiu com violência contra os estudantes, que tentaram se refugiar dentro da universidade. Os policiais

arrombaram as portas das salas, prendendo e espancando professores/as, funcionários/as e alunos/as. Seis estudantes sofreram queimaduras. A ação policial resultou na detenção de 854 pessoas, levadas ao Batalhão Tobias de Aguiar, das quais 92 foram fichadas no Deops (Departamento de Ordem Política e Social) e 42 acabaram sendo processadas com base na Lei de Segurança Nacional, acusadas de subversão./.../ Em nota divulgada nas redes sociais na manhã desta segunda-feira (22/09/2014), a Assessoria de Comunicação da universidade, ao fazer referência à data histórica, ressalta: "Faz 37 anos, mas a PUC-SP não esquece". (APUC, 2014)

Além de professor da PUC, Newton Balzan, era professor da USP, motivo pelo qual sua mãe se orgulhava e pelo qual, ele, por outro lado, vivia entristecido e decepcionado. Foi um choque muito grande a saída de um sistema de ensino como o Vocacional para o sistema de ensino da USP. Afirma que enquanto os Vocacionais estavam no século XXI, a USP se encontrava na Idade Média. Uma diferença gritante entre essas duas experiências profissionais docentes:

Do Ginásio Vocacional para a USP: um grande salto na opinião de familiares, colegas e amigos. Na verdade, a dor que eu sentia era profunda. Sentia como se tivesse saído do século XXI – que ainda tardaria anos para chegar – e entrado na Idade Média. Não há temas a serem trabalhados por professores e alunos, não há problemas a serem investigados, encontro-me dando aulas, na acepção da palavra. Dar aulas. Atividade que não executava havia muito tempo, já que me acostumara a trabalhar lado a lado com meus alunos, através de leituras de textos, discussões em grupos, painéis e seminários, na investigação de temas da realidade sociocultural. [...] Aqui os alunos são avaliados através de testes de múltipla escolha, isolados de maneira que não possam se comunicar sendo as notas obtidas tratadas estatisticamente, de forma a não haver qualquer dúvida quanto a eficiência e cientificidade do processo a que são submetidos. [...] Que distância da avaliação entendida como parte integrante de um processo educativo, como fazíamos no Vocacional! Que distância das provas com consulta, das fichas de observação de atitudes de cada um dos alunos que conosco trabalhavam... (BALZAN, 2005, p. 138)

Segundo Fazenda (1988, p. 66), após 1964, a USP tomou um caráter “conservador”. Há nesta instituição uma “evasão de cérebros”.

Napolitano (2014, p. 72) expõe alguns dados que mostram acordos e interesses políticos entre os militares e professores universitários dessas instituições:

[...] dados sobre os 85 nomes titulares dos ministérios durante todo o regime militar revelam características interessantes: 23 eram professores universitários, com atuação nas universidades católicas e na Universidade de São Paulo, principalmente. Direito, Engenharia, Medicina e Economia foram as áreas de formação que mais forneceram quadros /.../. A composição do novo governo, portanto, revelava as forças da coalizão golpista e já sinalizava a tendência dos ministérios do regime militar como um todo: a combinação de tecnocratas para gerir a economia, militares nas áreas estratégicas (transporte, energia e comunicação) e magistrados para

os ministérios 'ideológicos' (justiça e educação). (NAPOLITANO, 2014, p. 73)

Interessante que, em contrapartida, Newton Balzan percebia o ambiente na PUC mais aberto, apesar destes novos tempos. Nesta universidade desenvolveria atividades por longos anos.

No Instituto Experimental de Jundiaí, onde, em 1973, exercia o cargo de coordenador pedagógico, descobre “Com grande espanto, [que] o ano de 1968, tido como o mais charmoso e emblemático do século XX, não passou por Jundiaí, embora a cidade se localize a apenas sessenta quilômetros da capital”. (BALZAN, 2005, p.138-139)

Na pesquisa desenvolvida por Baraldi (2014) como também em encontros do Ghoem, discutiu-se que em muitas cidades do interior a ditadura pareceu não existir. Um tempo tranquilo para muitos. A ditadura, nestas cidades, se manifestava de outra forma, não atravessou certos espaços. A experiência vivida e o sentido que atribuímos às coisas criam a realidade, daí a história e a realidade estarem diretamente relacionadas àquilo que experienciamos.

Baraldi (2014, p. 215) nos seus estudos sobre a educação matemática no interior de São Paulo, mais especificamente sobre a região de Bauru, ressalta que:

Pelos relatos é possível perceber que, durante a severa repressão da ditadura militar, os professores de Matemática (ao menos da região) não encontraram dificuldades em continuar seu trabalho. Desse modo é possível afirmar que a concepção vigente de ensino de matemática, à época, era pautada na neutralidade e na indiferença social, econômica ou política. Sendo assim, salvo raras exceções, o professor de matemática do interior paulista escapou ileso da mira da repressão. Nesse contexto, também o Movimento da Matemática Moderna funciona placidamente, tendo obtido respaldo das autoridades militares para se propagar: uma implantação que se deu vinculada a um exercício de docilidade. (BARALDI, 2014, 215-216)

Pelo relato de Balzan podemos ampliar esta noção exposta por Baraldi (2014) afirmando que a ditadura acabou passando “despercebida” para algumas cidades do interior paulista já que professores (não apenas de Matemática) e escolas puderam continuar sua atuação sem maiores conflitos ou dificuldades, apesar das dificuldades e conflitos no interior dos Ginásios Vocacionais, em específico, principalmente, a partir do AI-5.

Vale ressaltar a “participação/ contribuição” da Matemática e da Matemática Moderna para minimizar conflitos possíveis com o poder. A Matemática é/foi



considerada neutra em relação às questões políticas e sociais. O abandono da Matemática Tradicional e o investimento na Matemática Moderna será bem aceito dado o entendimento comum da necessidade dos jovens aprenderem uma nova Matemática, de se preparem para os novos tempos, para atenderem a uma demanda advinda da industrialização. Eram necessários profissionais capacitados para impulsionar o progresso. Havia ainda o interesse e o respaldo dos EUA, principalmente após a surpresa com o lançamento do Sputnik pelos russos. Assim, a proposta metodológica da Matemática Moderna, baseada nas estruturas, na teoria dos conjuntos não oferecia “perigo”, mas neutralidade, não corroborando, porém, para a formação política de professores e alunos.

### **Lucilia Bechara**

Lucilia Bechara vai ao Dops prestar depoimento. Estava grávida de seu primeiro filho. Conta que, provavelmente, devido às relações de amizade entre seu marido e os militares, estabelecida nos tempos do Vocacional de Americana, a liberaram. Houve época em que professores do Vocacional e exército trabalharam juntos. Estabeleceram neste período alguns laços de respeito que possibilitariam, como nesse episódio, por exemplo, ao Professor Sanchez, marido da Profa. Lucilia Bechara e professor de Educação Física no Vocacional de Americana, interceder junto aos militares por sua esposa e, com isso, segundo ela, protegê-la de outras possíveis consequências mais graves. Foi levada a interrogatório sendo logo em seguida liberada e, desde então, não foi mais incomodada.

Em certas situações, os laços pessoais e familiares foram mobilizados de maneira mais intensa, quando se tratava de evitar prisão, abreviar períodos de detenção ou contornar vetos. Esse tipo de arranjo foi possível graças às origens e experiências sociais de muitos membros do mundo acadêmico. Vários intelectuais perseguidos tinham contatos pessoais em posições do poder, aos quais poderiam recorrer nas horas difíceis: um tio general; uma esposa parenta do governador ou de um deputado federal; um amigo de infância que se tornara agente do SNI; um primo que tinha amizade estreita com influente general da reserva; um pai amigo de juizes importantes; um parente com boas relações com o diretor do Dops; um amigo capaz de mobilizar um bispo [...] (MOTTA, 2014, p. 317-318)

O fato de também ter sido despedida por Maria Nilde Mascellani antes do fechamento do Vocacional talvez tenha ajudado: não desconfiavam dela.

Também relata nunca ter sido adepta da luta armada. Participava de reuniões com grupos que lutavam em prol da liberdade de expressão e contra o Regime, mas

sempre defendeu um discurso da não violência, acreditando que as mudanças deveriam acontecer pelo diálogo e não pela agressão.

Lucilia Bechara expressa: foi um período difícil para o Vocacional e para os profissionais que fizeram parte desta experiência. Muitas vozes foram caladas. Neste movimento, porém, alguns outros espaços foram criados. Foi possível continuar com alguns projetos educacionais levando muito daquilo que aprenderam no Vocacional para suas novas experiências. A força se diluiu, mas também se propagou, não morreu: multiplicou-se, inaugurando novas iniciativas, mesmo que em outros níveis.

Os silêncios nos depoimentos em torno deste tema, a dificuldade e/ou receio de abordar diretamente a questão apesar de certa insistência nossa nesta direção, levam a conjecturar que eles nos dizem muito dos medos que cada um tem, dos (re)sentimentos que, ainda, mantêm.

Após ter saído do Vocacional, eu voltei para a rede pública, mas nessa época começava na rede particular um movimento de renovação para onde se refugiavam profissionais de escolas públicas renovadas, pois se fecharam todos os espaços nas escolas públicas. Os Vocacionais, o Experimental da Lapa e as escolas experimentais públicas foram fechados. Convém lembrar também que nessa época foi governador de São Paulo o Sr. Paulo Maluf que provocou um rebaixamento significativo na estrutura salarial dos profissionais da educação. Muitos profissionais que trabalhavam na escola pública, vendo a deterioração e a impossibilidade de um trabalho de renovação, procuraram novos espaços na escola particular. Eu, que na época procurava uma escola para matricular minha filha, acabei batendo no Vera Cruz, indicado por uma colega do Vocacional. Logo que coloquei minha filha fui convidada pela coordenação para estudar e implantar as idéias de Dienes que então circulavam no Brasil através de seus escritos recém traduzidos. Nessa época, existia, também, uma influência da Escola de Sèvres na França e para lá foram muitos educadores brasileiros [foram] fazer estágios. O Vera Cruz, em particular, se envolveu na época com cursos ministrados na Escola Sedes Sapientie, também de influência francesa. Quando eu matriculei minha filha no Vera Cruz, eu já tinha ouvido falar dos trabalhos e pesquisas do Professor Dienes num Congresso Internacional de Ensino de Matemática, ocorrido em sessenta e oito, em Gandia na Espanha, onde o Dienes foi muito citado, apesar de não estar presente no Congresso. Um colega belga me disse: “Lucília, vale a pena ler as experiências desse senhor”. (Depoimento de Lucilia Bechara, apud SILVA, 2006, p.151)

**Lucilia:** *Para finalizar eu queria dizer que trabalhar no Vocacional foi um tempo muito bom e de muita aprendizagem e transformação. Agradeço a você poder falar sobre este trabalho.*

*O Brasil não estava ainda preparado para os Vocacionais: foi uma “aventura humana”. Foi um celeiro de aprendizagens que estão de alguma forma presentes hoje nas inovações em educação. Conheço colegas do Vocacional que atuaram e estão atuando e intervindo no seu ambiente de*

*trabalho, transformando os ambientes. Então, o Vocacional não morreu, ele se transformou. Podemos dizer que uma parte da educação hoje foi influenciada pelo Vocacional. Talvez eu pudesse dizer que para a maneira como aconteceu o Vocacional, o Brasil não estava preparado, mas o que se construiu, permanece. O Vocacional influenciou muitas organizações e instituições educacionais. As escolas particulares inovadoras da década de 60 acolheram profissionais do Vocacional. O Vera Cruz, por exemplo, acolheu muita gente. O Santa Cruz<sup>131</sup> também teve pessoas do Vocacional. Gostaríamos que uma educação como a do Vocacional fosse para todos, mas infelizmente ainda não chegamos lá. Pessoas do Vocacional influenciaram a PUC e a Feusp. Eu diria que o Vocacional influenciou, infelizmente, apenas uma pequena parte da educação nesse país e eu gostaria de completar 100 anos vendo o Brasil com uma educação qualificada.*

*O conhecimento produzido e construído nos Vocacionais está aí, germinando. (Lucília Bechara)*

*Eu acredito que o Vocacional entrou nessa linha de compreensão de que a ciências estavam em transformação e que vinha daí todo um universo de mudanças pela frente, e que se deveria preparar esses jovens para esse mundo de mudanças que estava para acontecer e que de fato aconteceu. Mas o nosso jovem não foi preparado para enfrentar esse mundo. O que eu chamo a atenção, por exemplo: O que você vê hoje na escola? Você vê o aluno sem consciência do que é o espaço escolar. Para ele é um espaço de direitos. Ele não tem deveres, isto é, ele não se sente compromissado com a escola. No Vocacional o aluno era compromissado com a escola. Por quê? Porque ele aprendia a se perceber como um ser da comunidade, que tinha um papel ali dentro. Um sujeito, vamos dizer, de manutenção de valores, mas também de transformação: vamos dizer, que valores manter e o que precisa ser mudado? E o que nós vemos hoje? A perda de autoridade do professor vem dessa visão de que o aluno é um sujeito de direitos, mas não de deveres, vem de uma visão de relação com os seres humanos sem o fundamento ético. Então deu no que deu. Eu acho que a ditadura contribuiu muito para isso, se você quer saber minha opinião. Nós temos o Brasil que temos hoje, inclusive na área da educação muito decorrente do que a ditadura implantou. Não é para ter união, é para ter separação, quanto mais separado melhor, quanto menos você conhecer a realidade, melhor. Só superficialmente, na superficialidade. Agora nós estamos vendo as consequências de formar alunos que não têm conhecimento de si, sem uma formação subjetiva, profunda. E muito menos objetiva, porque ele não está sabendo articular a realidade com sua subjetividade. Então eu acho que nós estamos vivendo um pouco essa consequência. Um pouco não: muito dessa consequência. (Esméria Rovai)*

## 6.9 ENFIM, UM ARREIMATE?

Agora que possuo o segredo, poderia enunciá-lo de cem modos diferentes e até contraditórios. Não sei muito bem como lhe dizer que o segredo é precioso e que agora a ciência, nossa ciência, parece-me simples frivolidade.

Acrescentou ao fim de uma pausa:

– O segredo, ademais, não vale o que valem os caminhos que a ele me conduziram. Esses caminhos devem ser trilhados. (BORGES, 2000)

A experiência dos Ginásios Vocacionais nos leva a pensar nos mecanismos e arranjos a que são submetidas iniciativas diferenciadas que implicam a criação de

<sup>131</sup> O Colégio Santa Cruz é uma instituição de ensino particular localizada no Alto dos Pinheiros em São Paulo fundada em 1952 por padres canadenses da Congregação de Santa Cruz.

espaços inicialmente não previstos e acabam, por fim, sendo ceifadas. Iniciativas que prezam pelo argumento, pela troca de ideias, ramificam-se, criam ligações, invadem terrenos. Máquinas apropriadas serão acionadas a fim de transformarem espaços estriados, criativos, subversivos em espaços lisos, neutros, lineares, previsíveis, submissos, controláveis.

Os modos de intervenção variam, são geo-historicizados, fazem sentido num espaço-tempo singular. Invariavelmente, para garantir maior precisão, não se dão de forma imediata. Estratégias são pensadas e postas em prática. Estratagemas de guerra. Não uma guerra de tanques e armas em punho, visível e, portanto, facilmente detectável: uma guerra invisível aos olhos. O desmantelamento lento de possíveis forças e elos criados inicia-se nas entrelinhas, invade sutilmente as brechas, infiltra-se, naturaliza-se. Mas há um movimento coordenado que visa aos poucos e sorrateiramente ao desmantelamento: desfazem-se cantos, atacam pontos de sustentação, bases e alicerces se fragilizam.

Forças se inserem nestes meios e novos e possíveis discursos são propagados de forma velada, aparentemente inocente. Novas práticas começam a ser exercidas. Aos poucos, novos discursos, como outros, subversivos, começam a instaurar a dúvida, práticas começam a criar consistência, certa forma, certa força. Quebras e rompimentos se dão em amalgamados que até então mantinham certa constância. Há subdivisões. Tornam-se suspeitos. Novos tornam-se aceitos, velhos tornam-se estranhos.

A instituição, de alguma forma, vai se tornando infiltrada e segue causando instabilidades que a fragilizam. O cerne e a estabilidade (provisória) do Vocacional radicam no compromisso com a proposta pedagógica aliada aos ideais de mudança e modernização do país.

*Porque é uma escola, é uma proposta de excelência, não tem como dizer que não é uma proposta de excelência, mas não elitista. Visavam uma educação de qualidade e ainda que se diga que qualidade pode ser uma coisa difusa, que existe qualidade da escola, que é uma coisa, qualidade do ensino é outra... bom falando em termos de qualidade de escola, havia realmente essas balizas institucionais, essa coisa do regime de trabalho, avaliação, o processo de avaliação do professor, o regime de trabalho, o regime de contratação, o professor ter todo um conjunto de técnicas e metodologias disponíveis e que eram utilizadas. Quer dizer, essas são as balizas institucionais que deve haver em qualquer escola.*

*[...] No começo ela é uma proposta pedagógica, fruto dessa classe média católica que trazia elementos do escolanovismo<sup>132</sup>, da proposta anisiana,*

---

<sup>132</sup>A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino especialmente significativa na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil

*digamos assim. O Anísio já vinha pensando inovações tanto da educação básica desde os anos 50, (tem a criação das Escolas Parque<sup>133</sup>), enfim ele era um defensor da reformulação do currículo, foi um dos responsáveis por aquela portaria do MEC que cria a possibilidade de serem desenvolvidas classes experimentais<sup>134</sup> no Brasil como um todo. Então, o Anísio e o Vocacional trazem muito deste referencial liberal, dessa pedagogia liberal norte americana, só que ele trazia outros elementos também, elementos das tais pedagogias europeias do pós-guerra. A Maria Nilde, a Olga, enfim, todos que participaram desta experiência, eles se apropriam de uma série de referenciais e desenvolvem, de uma maneira muito particular.*

*[...] Com o passar do tempo, o Vocacional vai incorporar essa noção de conscientização que já estava no MEB, no início dos anos 60, e lá em 67, 68 nesse processo que eu chamo de radicalização da sua proposta pedagógica, o MEB sofre perseguições.[...] Pensar num currículo voltado para o questionamento da realidade social do país, aquela realidade de ditadura militar em processo de recrudescimento, de aumento de desigualdade social, de inchaço das cidades, de migração de massa, de degradação do meio ambiente. Enfim, tudo aquilo que foi a consequência do regime militar, esse processo de industrialização acelerada. Então isso passa a ser levado para o currículo do Vocacional a partir de 67, 68. E nesse processo de mudança o que acontece? Algumas figuras que estavam desde o início, o próprio Newton Balzan e a Olga Bechara, vão sendo colocados “para escanteio”, porque entra uma nova leva de profissionais no Vocacional a partir de 67, 68.*

*[...] Então, lá em 68, falava-se em transformar a realidade, formar o aluno transformador da realidade da qual ele faz parte, da comunidade da qual ele está inserido. Lá em 61, falava-se em adaptar o aluno para o mundo em processo de mudança, de modernização etc... e uma série de categorias vão sendo alteradas ao longo do tempo. (Daniel Chiozzini)*

Essas alterações nos ideais daqueles que trabalhavam e que, ao mesmo tempo, se formavam no Vocacional provocam transformações no cerne da proposta. Idealizam um grupo supostamente homogêneo com o ideal de construção de uma escola que garantisse o futuro.

Ambicionavam formar cidadãos engajados, preparados para assumir suas vocações<sup>135</sup>, éticos, abertos à diversidade, ao questionamento, ambicionavam

---

sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. No Brasil, as ideias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952) que influenciou grandes humanistas e figuras respeitáveis de nossa história pedagógica como, por exemplo, Anísio Teixeira (1900-1971).

<sup>133</sup> O nome Escola Parque foi inspirado em um sistema educacional desenvolvido por Anísio Teixeira, em 1932. Almejava o desenvolvimento completo do aluno, numa visão holística da educação. Criou-se um sistema educacional em que as escolas, além do currículo básico, propunham o acesso a aprendizagens sobre trabalho e à cultura ampla da humanidade. A primeira unidade da "Escola Parque" de Anísio Teixeira foi instalada na Bahia, em Salvador.

<sup>134</sup> Em 1959, impulsionado pelo chamado "movimento reformador escolanovista", o Ministério da Educação publicou a Portaria no. 35.069 que autorizou o funcionamento de Classes Experimentais, flexibilizando a rigidez e centralização da legislação educacional do período. Inspiradas nos modelos pedagógicos franceses, as Classes Experimentais Secundárias funcionaram entre o final da década de 1950 e meados dos anos 1960.

<sup>135</sup> Vocação aqui aparece no sentido de engajar-se no mundo, de ser despertado para atuar no mundo, de descobrir-se como ser humano localizado no seu tempo e espaço. Essa é a concepção que subjaz à expressão "Ginásio Vocacional". Segundo Mascellani (2010, p.103), um vocacionado "se realiza no mundo com outros homens, tendo o trabalho como mediação. Implica a noção de trabalho

formar uma equipe disposta a assumir posições frente ao novo, para criar com compromisso. No entanto, nesse movimento de instabilidades, os objetivos e sonhos centrais da experiência vão se perdendo, a uniformidade de pensar de um grupo parece ter sido, aos poucos, minada. O surgimento de grupos mais radicais de esquerda ou de direita, como eram chamados nos Vocacionais, gera um clima de desconfiança e, em aparente coesão vão se instaurando pequenas rachaduras que se ampliam, tornam-se novas entradas. Em determinado momento, ninguém mais sabia quais papéis o outro desempenhava, a quais interesses e poderes serviam.

Como já destacamos, Lucilia Bechara sugere que Maria Nilde parece perder-se. Aqueles em quem confiava eram agora tidos como traidores. São, num exercício de poder, demitidos. Não há mais confiança na equipe inicial. Segundo Newton Balzan, os demitidos intencionavam apenas democratizar aquele espaço quando questionavam determinados posicionamentos da Coordenação Geral. Ele afirma que além da ditadura militar havia no SEV outra ditadura, efetivada pelo pulso firme e enérgico de Maria Nilde Mascellani, a quem, hoje, ao mesmo tempo, admira e questiona. Chegava-se a chamar pejorativamente o Vocacional de “Vocacionilde”<sup>136</sup>. Os que não eram adeptos de um determinado viés eram, aos poucos, dispensados, como ocorreu também com Celestino Alves da Silva Jr. Houve outros. Por outro lado, pode-se claramente destacar, no depoimento da Sra. Esméria Rovai, uma admiração, de certa forma incondicional, à Maria Nilde, que, ao orientá-la, tem participação decisiva nas suas escolhas profissionais e, conseqüentemente, em sua história de vida. Sr. Ângelo Pompeo tem profunda admiração e nos mostra com orgulho uma de suas “reliquias”: uma carta escrita de próprio punho por Maria Nilde.

*Em 1983, meu filho faleceu e a Maria Nilde mandou um telegrama também. Já não éramos mais nada. Tinha acabado tudo. Mas ela sempre foi... Nossa! Eu tenho uma carta dela.*

**Renata:** *Nessa reunião dos 30 anos ela só não veio porque estava ruim e veio a falecer.*

**Pompeo:** *Ela tinha uns problemas de saúde. Mancava muito. Era muito magra, mas uma lutadora. Firme, decidida. Não tinha meio termo com ela não. Ela sabia convencer. Não impunha nada. Convencia com palavras e com um método. Com conhecimento. Ela era uma pessoa carismática. No projeto do Vocacional que ela encabeçou, havia a preocupação com a formação de cidadãos conscientes e participativos. Disso não tínhamos dúvida nenhuma. Todos os estudos, todas as orientações, os conteúdos, a*

---

humano, condição de realização pessoal e transformação social. O trabalho, por sua vez, é um fazer e um fazer-se.”

<sup>136</sup> Vale ressaltar que essa informação não vem dos depoimentos das entrevistas por nós realizadas, mas por outras referências disponíveis às quais tivemos acesso.

*vivência contribuíam para a formação do ser humano. (Ângelo Pompeo e Renata Rangel)*

Não encontramos documentos que digam dos (re)sentimentos que emergiram de fatos e situações e que, talvez, durem até hoje. Daí uma das potencialidades da História Oral: não buscamos uma “veracidade” nas narrativas: nos interessam os efeitos destas narrativas e sua potencialidade de instaurar novos discursos e novas formas de ação.

O que é a historiografia senão a invenção do passado feita por alguém cujos pés estão fincados no presente, um registro de inúmeros futuros que um passado comportava? (GARNICA, 2015). Neste processo, reinventamos quem somos.

A produção de si não é o estado no qual o sujeito compreende ou explica o que é, mas um movimento em que o sujeito permite-se uma invenção do que é. A produção do mundo, por sua vez, não diz de uma perspectiva do mundo, como se o mundo fosse dado a priori e dele pudéssemos olhar em ângulo, mas uma produção momentânea de um mundo que já é perspectiva, a apreensão de uma multiplicidade, também uma invenção. (FERNANDES, 2014, p. 29).

A história passa a ser vista no plural: são histórias de..., e pode ser feita a partir de múltiplas perspectivas e novas conjecturas.

## 7 REFLEXÕES FINAIS

O Ícaro de Matisse resistiu ao Labirinto, inventou-se nele sendo por ele inventado. O vermelho-sangue, o lodo, a carne putrefata das reviravoltas labirínticas, deram lugar ao azul-céu, às estrelas, às nuvens... Porém, Ícaro não parecia se encantar com este novo: quando narra, afirma ao anjo que o céu tornou-se seu outro-Labirinto, com tantas reviravoltas quanto o primeiro; /.../ O que preocupa Ícaro não é o que virá pelo céu, mas sim como tornar-se outro neste céu. A única fala de Ícaro ao anjo é uma pergunta: E agora? (FERNANDES, 2014, p.147)

### Os Ginásios Vocacionais.

Esta pesquisa teve como objetivo principal registrar indícios de uma experiência educacional vanguardista de um Brasil de 50 anos atrás. Muitos discursos e práticas reverberam no presente. Questionamos-nos sobre essas histórias, seus desfechos e consequências. Uma experiência na qual, segundo nossa leitura, ficam claras balizas educacionais que a fizeram erguer-se, manter-se suportando diversas crises e, por fim, sucumbir. Dentre essas balizas destacamos a intenção declarada de formular-se e reformular-se em processo; a opção pela formação e avaliação contínuas de seus professores; a luta por manter seu corpo docente com salários dignos; a dedicação exclusiva do profissional a uma única unidade escolar; a decisão de limitar a carga horária docente, de 40 h/a, distribuída entre atividades em sala de aula e reuniões de discussão e planejamento, bem como de compor salas com no máximo 30 alunos; ser uma escola de tempo integral; priorizar o trabalho em equipe; apostar em métodos de avaliação múltiplos, tanto individualizados quanto coletivos; aplicar técnicas pedagógicas diferenciadas; ter as tecnologias como aliadas do ensino; lutar pelo gerenciamento autônomo; defender e efetivar estratégias visando à relação escola/família/comunidade; manter um currículo flexível adaptado ao contexto...

Procuramos aqui criar uma história possível desses espaços, desses anseios, dessas esperanças. Alunos, diretores, professores, supervisores narraram suas experiências e delas pudemos ter, escrever e narrar outras.

Quanto à Educação Matemática, a experiência vocacional defendeu uma proposta de ensino e aprendizagem da qual certamente a Matemática era parte, não ocupando, porém, a posição de protagonista. A área de Matemática deveria se integrar aos temas propostos e problematizados a partir da área de Estudos Sociais. Havia flexibilidade quanto à escolha dos conteúdos matemáticos a serem tratados, desde que satisfeitos os objetivos propostos nas Unidades Pedagógicas e, portanto,



atendidos os preceitos que visavam à integração de áreas. Os Ginásios Vocacionais não se submetiam a um currículo pré-estabelecido, comum ao sistema escolar da época: seguiam programa delineado a longo prazo. A proposta de integração matemática passava pelo seguinte desafio: “como integrar a Matemática numa Unidade Pedagógica, não apenas, respeitando a sua natureza própria, mas exatamente através da peculiaridade de sua natureza?” (CEDIC-SEV, [1970], p.25)

Os alunos? O Ensino Vocacional buscava olhar para o ser humano engajado em sua sociedade. Valorizavam a autonomia e a liberdade com responsabilidade, práticas e decisões eram discutidas no grupo. O aluno era acompanhado e avaliado sob variados aspectos ao longo dos anos. Técnicas de avaliação e auto-avaliação faziam-se presentes desde a entrada no Vocacional. Detalhes faziam a diferença: no primeiro dia de aula eram recebidos por um veterano, sentiam-se fazendo parte daquilo. Não havia uma estrutura física, rígida que demarcasse e os distanciasse de seus professores. Compartilhavam experiências educativas no âmbito escolar e fora dos muros da escola. Os Estudos do Meio, acampamentos, projetos comunitários ou não, Banco Escolar, Cooperativa, aulas de Teatro, Música ou Matemática, Educação Doméstica, marcaram vidas, construíram futuros. Existia, efetivamente, uma proposta pedagógica.

Algumas dessas práticas e discursos inovadores se naturalizam ao longo do tempo.

Os educadores? Uma mistura de dedicação, busca, rebeldia, produção do novo, experiência de grupo. Amizades se desfazem, outras se mantêm no fluxo do tempo. Buscam preservar e criar centros de memória, em reuniões, criam o GVive.

Muitos dos sujeitos envolvidos nessa experiência alteram, ao longo do percurso, seus posicionamentos políticos, tornando-se outros cidadãos, educadores, pais e alunos. Constitui-se, nas unidades e no SEV, um espaço de formação.

Professores imersos num contexto têm seus caminhos tramados em várias direções, escrevem suas histórias ao caminhar, inventam-se além do que foi inventado para cada um deles, reinventam-se na medida em que são impossibilitados de continuar e, assim, criam outras vidas além das suas. Entregam-se e sucumbem. São tomados, são presos, são libertados. Foi preciso continuar. Levantam-se, apoderam-se de novas armas, enfrentam, continuam, seguem em frente, retornam, retrocedem, constroem. Cristalizam crenças, solidificam discursos sobre a boa escola, o bom professor, o bom aluno, instauram novos discursos e

novas práticas. Lançados num movimento, pluralizam e se singularizam ao serem arremessados.

Sempre haverá novos arremessos e começos. A história está nas vidas, nestes corpos que não deixam de pulsar. Há um desejo, uma utopia: o Ensino Vocacional.

Inventa-se uma experiência educacional.

É preciso continuar inventando Vocacionais e continuar, sempre, problematizando essas invenções.

## REFERÊNCIAS

A DITADURA brasileira. Golpes Militares na América do Sul: a ditadura brasileira. Brasil Militar. **História em Curso**. Ano II, n. 20, 2015.

A VIDA de Maria Nilde. Release de *Maria Nilde Mascellani*. **Blog da GVive**. Vocacional: ontem, hoje e sempre na mente. Jul. 2008. Disponível em: <<http://vocacionalforever.blogspot.com.br/2008/07/vida-de-maria-nilde.html>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

ALBERTI, V. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. Michel Foucault e a teoria do poder. **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 7(1-2). p.105-110, out. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0105.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

ALBUQUERQUE Jr. D. M. de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. Bauru: EDUSC, 2007.

ALBUQUERQUE Jr. D. M. de. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

AZEVEDO, Dermi. Polos de poder na igreja: os movimentos católicos da igreja, da esquerda à direita. **Revista Carta Maior**. mar. 2013. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Polos-de-poder-na-Igreja-os-movimentos-catolicos-da-esquerda-a-direita/6/27857>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

BALZAN, Newton César. **Conversa com professores do fundamental à pós-graduação**. São Paulo: Cortez, 2015.

BALZAN, Newton César. Vocacional: um projeto para o século XXI. In: ROVAL, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional**: uma pedagogia atual. São Paulo: Cortez, 2005. p.133-152.

BARALDI, I. M. Revisitando uma região: traços da formação de professores de matemática no interior paulista. In: GARNICA, A. V. M. (Org.) **Cartografias Contemporâneas**: mapeando a formação de matemática no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP)**: uma história em construção. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2003.

BARROS, E. de. Os cinquenta anos da campanha “Ouro para o bem do Brasil”. 2013. **Contexto Livre**. Disponível em: <<http://www.contextolivres.com.br/2014/03/os-50-anos-da-campanha-ouro-para-o-bem.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

BARROS, Rubem. Legado de inovação. **Revista Educação**. Memória. set. 2011. Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/textos/109/artigo233889-1.asp>. Acesso em: 02 dez. 2015.

BECHARA, L. (Coord.). **A educação matemática: função do desenvolvimento social e desnecessidades do meio**. Conclusões da experiência realizada nos Ginásios Vocacionais de São Paulo. 1962-1965. 02 jan.1968. CEDIC, 2014.

BECHARA, L. SEV. Sem Título. [1970]. Documento em folhas mimeografadas. Digitalizado. CEDIC, ago.2014.

BECHARA, L.; AKAMA, E. B. **Geometria no Ginásio: uma experiência realizada nos Ginásios Vocacionais do Estado**. 5. Congresso Brasileiro de Ensino de Matemática. 10-15 jan. 1966. Anais..., São José dos Campos, SP.

BIANCHARELLI, A. Notícias dos anos de Vocacional. In: ROVAL, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 153-163.

BIANCHARELLI, A. O velho vocacional ensina de novo a aprender. **Folha Online**. Folha de São Paulo. 23 jul. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u20.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2016.

BOLÍVAR, A.; DOMINGOS, J. FERNANDÉZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em Educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

BORGES, J. L. O Etnógrafo. In: BORGES, J. L. Obras completas de Jorge Luis Borges, v.2. **O elogio da sombra**. São Paulo: Globo, 2000. p. 20-21.

BORGES, J. L. **Ficções**. Tradução Carlos Nejar. 3 .ed. São Paulo: Globo, 2001.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 19-32.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura e vida**. Tradução de Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BURIGO, Elisabete Zardo. O movimento de matemática moderna no Brasil: encontro de certezas e ambiguidades. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.18, p.35-47, maio/ago. 2006.

CAMARGO, Paulo. Mal estar docente. **Revista Escola Pública**. Políticas Públicas. Edição 46, ago/set. 2015. Disponível em: <http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/35/mal-estar-docente-300042-1.asp>. Acesso em: 26 out. 2015.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil).

CEDIC. Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”. **Serviço de Ensino Público Vocacional do Estado de São Paulo**. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/cedic/fundos/servico\\_de\\_ensino.html](http://www.pucsp.br/cedic/fundos/servico_de_ensino.html)>. Acesso em: 20 out. 2014.

CERCAS, Javier. **O impostor**. 1. ed. Tradução Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **História e Memória da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70)**. Curitiba: Appris, 2014.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **História e memória da inovação educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-1969)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2010.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **Os Ginásios Vocacionais: a (des) construção da história de uma experiência educacional transformadora 1961-69**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2003.

CLARETO, S. M. **Terceiras Margens: um estudo etnomatemático de espacialidades no Laranjal do Jari (Amapá)**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 2003.

CORDEIRO, J. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CORREIA; C. E. F; BRITO, A de J. **O Estruturalismo na História da Educação Matemática: o SMSG no Brasil**. [2015]. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/ebapem/trabalhos/a1af160c7f6210564a435c8ed3496b4b.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

CURY, F.; SOUZA, L.; SILVA, H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro-SP, v. 28, n. 49, p. 910-925, ago. 2014.

D'AMBRÓSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasadin (Orgs.). **Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática**. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2015.

D'AMBRÓSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. 23. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012. (Col. Perspectivas em Educação Matemática)

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELDUQUE, R. G. 1968: o ano que não terminou. **GVive**. Disponível em: <<http://gvive.org.br/reviews/renata-gouveia-delduque/>>. Acesso em: 28 set. 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1. (Coleção Trans).

DOCUMENTÁRIO: “**Vocacional: uma aventura humana**”. 1h 17'45". Diretor: Toni Venturi. BRASIL, 2011. DVD.

FAZENDA, I. C. A. **Educação no Brasil nos anos 60: o pacto do silêncio**. São Paulo: Loyola, 1988.

FERNANDES, M. E. M. A Matemática Moderna e o Ginásio Estadual Vocacional “Oswaldo Aranha”: uma história contada em mônadas. XI Encontro Nacional de Educação Matemática. Curitiba-PR, jul. 2013. Disponível em: <[http://sbem.web1471.kinghost.net/anais/XIENEM/pdf/3161\\_1172\\_ID.pdf](http://sbem.web1471.kinghost.net/anais/XIENEM/pdf/3161_1172_ID.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FERNANDES, S. F. **A quinta história: composições da Educação matemática como área de pesquisa**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FERREIRA, D. G. de A. **Ginásio Estadual Vocacional “Candido Portinari” de Batatais: história, sujeitos e práticas**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

FIORENTINI, D. Alguns modos de ver e conceber o ensino de matemática no Brasil. **Zetetiké**, Revista de Educação Matemática, Campinas-SP, FE-UNICAMP; FEUFF v. 3, n. 4, p. 1-16, 1995.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução João Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-a-vidas-dos-homens-infames.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

GALLO, Silvio. *O que é Filosofia da Educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari*. jul. 2015. **Revista Perspectiva**. Florianópolis. v. 18. n. 34, jul./dez. p. 49-68, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10418/9692>>. Acesso em: 09 set. 2016.

GALZERANI, M. C. B. Memória, História e Tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em Ensino de História. **Revista Cadernos do CEOM**. Memória, História e Educação, v. 21, n. 28, jun. 2008.

GARNICA, A.V.M. *Ceci n'est pas un article*<sup>1</sup>: impressões fragmentadas sobre Arte e Educação Matemática. **Zetetiké**, Revista de Educação Matemática, Campinas-SP, FE-UNICAMP; FEUFF. v. 23, n. 43, jan/jun. p. 11-32, 2015.

GARNICA, A.V.M. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e Educação Matemática. In: D'AMBRÓSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasadin (Orgs.). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2015. p. 181-206.

GARNICA, A. V. M. (Org). **Cartografias Contemporâneas**: mapeando a formação de professores no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro-SP, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GARNICA, A. V. M. Memórias de uma escola isolada rural: estudo de um livro de visitas. (1928-1948). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 69-86, jan.-mar. 2011.

GARNICA, A. V. M. Um ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. **Quadrante**, Lisboa, v. XVI, n.2, p.27-49, 2010.

GARNICA, A. V. M. **A experiência do Labirinto**: metodologia, História Oral e Educação Matemática. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. 2. reimp. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, M. L. M. Formação e atuação de professores de Matemática, testemunhos e mapas. In: GARNICA, A. V. M. **Cartografias Contemporâneas**: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. Curitiba, Appris: 2014. p. 11-37

GOMES, M. L. M. Aspectos Gerais da História do Ensino da Matemática no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **História do Ensino da Matemática**: uma introdução. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 13-32. (Coleção EAD-Matemática)

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da educação brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HISTÓRIA do SEV. **GVive**. Disponível em: <<http://gvive.org.br/historia-sev-1/>>. Acesso em: 13 set. 2015.

INVASÃO da PUC. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,sequelas-da-invasao-da-puc-continuam,5558>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

LARROSA BONDÍA, J. Experiência e Alteridade. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, jul/dez. 2011.

LARROSA BONDÍA, J. 20 minutos na fila: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész. Tradução Filipe Fernandes. **Bolema**, Rio Claro, SP, v.28, n. 49, ago. 2014.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Autores Associados, n.19, p. 20-28. 2002.

LIMA, A. A. de S.; ROVAI, E. **Escola como desejo e movimento**: novos paradigmas, novos olhares para a educação. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

LYRA, C. B. A evolução da matemática atual através da história e matemática atual. SEV. Secretaria da Educação-SP. set. 1966.

MARQUES, S. M. L. **Contribuição ao estudo dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo**: o Ginásio Vocacional Chanceler Raul Fernandes de Rio Claro. 1985. 407 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo**: um exame da década de 1960. 2012. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MASCELLANI, M. N. Os Colégios Vocacionais no Estado de São Paulo ou quinze anos de sepultura. **Diário Popular**. Um século de lutas pela liberdade. 08 nov. 1984. Artigo publicado no número especial de comemoração de 100 anos do jornal. p. 52.

MASCELLANI, M. N. **Uma pedagogia para o trabalhador**: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados. São Paulo: IIEP, 2010.

MASCELLANI, M. N. **Currículo**: a distorção de um conceito. São Paulo, 1980. Digitado por Luigy Marques e Imma Marques. GT Memória da GVive, 2009. 12 p.

MIARKA, R. **Do ôntico ao ontológico**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011. 427 f.

MINDLIN, B. **Moqueca de maridos**: mitos eróticos indígenas. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MOTTA, R. P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.



NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. 3. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NASSER, David. **A revolução que se perdeu a si mesma**: diário de um repórter. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965. 424 p.

NATUSCH, Igor. Igreja e ditadura: como os religiosos se tornaram o maior inimigo dos militares. 18 ago. 2014. Aventuras da História: para viajar no tempo. **Guia do Estudante**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/igreja-ditadura-como-religiosos-se-tornaram-maior-inimigo-militares-797115.shtml>>. Acesso em: nov. 2015.

NEVES, Joana. **O ensino público Vocacional em São Paulo**: renovação educacional como desafio político - 1961 a 1970. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khouri. Projeto. História. **Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História**. v. 10. jul/dez.1993. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

NUNES, Clarice. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, maio/jun/jul/ago. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, p. 35-60, 2000.

NUNES, Geraldo. Os 50 anos da campanha "Ouro para o Bem do Brasil". **Estadão**. Madrugadas e Memórias. 05 jan. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/geraldo-nunes/2014/01/05/os-50-anos-da-campanha-ouro-para-o-bem-do-brasil/>>. Acesso em: 24 out. 2014.

OLIVEIRA, E. de. Ginásio Vocacional: nossa vida. **GVive**. Disponível em: <<http://gvive.org.br/reviews/professor-expedito-de-oliveira/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

PINTO, N. B.; FERREIRA, A. C. da C. O movimento paranaense de Matemática Moderna: o papel do NEDEM. **Revista Diálogo Educacional**. Programa de Pós-Graduação da PUC. v. 6, n. 18, maio/ago. 2006.

PORTELLI, A. Ensaio de História Oral. Tradução Fernando Luiz Cásio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010. (Col. Ideias)

QUINTANA, M. **O aprendiz de feiticeiro**. São Paulo: Globo, 2005. (Col. Mario Quintana)

REBOUÇAS, Fernando. DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Arquivos da Ditadura. 2011. Disponível em: <<http://www.falandodehistoria.com.br/paginas/especiais/arquivos-ditadura/dops.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

ROUKOUSKY, E. **Vidas de professores de Matemática: (im)possibilidades de leitura.** Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

ROVAI, E. (Org.) **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual.** São Paulo: Cortez, 2005.

ROVAI, E. KAWASHITA, N. Avaliação emancipatória nos ginásios vocacionais. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 92-116.

SALIBA, Elias Thomé. Aventuras modernas e desventuras pós-modernas. In: PINSKY, C. B.; De LUCA, T. R. (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto: 2012. p. 309-328.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria.** Campinas-SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Memória da Educação).

SAVIANI, D. História da Formação Docente no Brasil: três momentos decisivos. **Revista do Centro de Educação**, v.30, n.2, 2005. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a1.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

SEV. Serviço do Ensino Vocacional. **Programação Experimental em Educação.** São Paulo, 1969. Digitado por Renata G. Delduque, T68, GT Memória da GVive. 14 jun. 2008. 22 p. Patrocínio Daratech.

SILVA, H. **Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade.** 480f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SILVA, Moacyr. A formação do professor centrada na escola – a experiência do Ginásio Vocacional. In: ROVAI, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual.** São Paulo: Cortez, 2005. p.117-130.

SIMON, P. R. Ainda sonhamos... In: ROVAI, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual.** São Paulo: Cortez, 2005.p. 164-172.

SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar.** 420f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

STEINDEL, G.E. ; DALLABRIDA, N. ; ARAÚJO, E. M. de. Gustave Monod e as classes nouvelles: apropriações e renovações no ensino secundário francês. VIII **Colóquio “Ensino Médio, História e Cidadania”**, v. 3, n. 3. Florianópolis-SC, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/index>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SVETLANA, A. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear.** 1.ed. Tradução Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TAMBERLINE, A. R. M. de B. **Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador.** São Paulo: Annablume, Fapesp, 2001.

TAMBERLINI, Ângela. R. M. de B. Os Ginásios Vocacionais, a história e a possibilidade de futuro. In: ROVAI, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-49.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALENTE, W. Osvaldo Sangiorgi e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. **Revista Diálogo Educacional.** Curitiba, v. 8, n. 25, p. 583-613, set./dez. 2008.

VALENTE, Wagner. **Oswaldo Sangiorgi: um professor moderno.** 1. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática.** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2000.

VICECONTE, P. E. V. O processo de industrialização brasileira. **Revista de Administração de Empresas.** v.17, n. 6. São Paulo, nov./dez., 1977. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-7590197700060003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7590197700060003)>. Acesso em: 12 abr. 2017.

VOCACIONAL: uma aventura humana. **Doc Verdade.** Documentários por um país mais justo. 08 mar. 2013. Disponível em: <<http://docverdade.blogspot.com.br/2013/03/vocacional-uma-aventura-humana-2011.html>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura.** 2.ed. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 2001. (Ensaio de Cultura, 6)

**33º Bate Papo Cultural.** Vocacional: uma aventura humana. Arquivo Municipal de Rio Claro. Participação de Esméria Rovai e Joana Neves. 19 set. 2010. Unesp, Rio Claro-SP. Disponível em: <<http://www.aphrioclaro.sp.gov.br/2011/08/31/33%C2%BA-batepapo-cultural/>>. Acesso em: 28 out. 2015.

22 de setembro: invasão do Campus Monte Alegre da PUC-SP. set. 2014. **APUC.** Associação de Professores da Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <[http://apuc.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1076:22-de-setembro-invasao-do-campus-monte-alegre-da-puc-sp-](http://apuc.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1076:22-de-setembro-invasao-do-campus-monte-alegre-da-puc-sp-)>. Acesso em: 31 mar. 2016.

## **APÊNDICE A – MODELO DE E-MAIL DE APRESENTAÇÃO INICIAL AOS COLABORADORES**

### **E-mail enviado no dia 27 de outubro de 2014 ao Sr. Antonio Pedro Zago**

Prezado Sr. Antonio Pedro Zago,

Sou Maria Eliza, aluna da Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP, campus de Rio Claro, e atualmente desenvolvo uma pesquisa sobre os Ginásios Vocacionais, orientada pelo Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica. Dentre algumas entrevistas, contatos e leituras que realizei sobre o tema e encontro o seu nome. Sabemos que atuou no Vocacional como professor de matemática e seria muito importante uma entrevista sua já que, entre outros aspectos, irei abordar algumas questões acerca do ensino e aprendizagem da matemática nesta pesquisa.

Para situá-lo melhor, descreverei alguns detalhes do meu trabalho: minha pesquisa de doutorado está baseada numa metodologia pautada na História Oral, que considera as fontes orais (sem descartar a importância/relevância das fontes escritas) como uma possibilidade de registro histórico. Assim, temos por objetivo ouvir pessoas que viveram esta experiência singular nos mais diferenciados segmentos e então compor um registro acerca destes colégios. Mais particularmente, esta pesquisa busca olhar para questões relacionadas ao ensino e a aprendizagem da matemática nestes ambientes, nesta época. Como eram estas aulas? Havia algo de diferente? Como eram avaliados? Como a disciplina de matemática relacionava-se (ou não) com outras disciplinas e também, é claro, para a iniciativa como um todo.

Caso o Sr. aceite, temos alguns procedimentos na História Oral, que vou expor, neste momento, de forma geral:

Aceitando, enviarei um roteiro pré-estabelecido contendo os pontos principais que vou abordar durante a entrevista, (roteiro que enviarei a todos os colaboradores) para que leia e possa, caso queira, se preparar para o momento. Marcamos uma data, hora, local possível e conveniente para você e realizamos a entrevista gravada baseada neste roteiro. Depois de concedida a entrevista vou transcrevê-la na íntegra. Essa transcrição gerará um texto que vai ser trabalhado por mim (esse texto é chamado textualização). É a textualização (não a transcrição) que publicamos integralmente na tese, mas os depoentes têm acesso tanto à transcrição como à textualização, e podem fazer as alterações, inclusões e correções que julgarem necessário fazer antes de disponibilizarmos publicamente esse material. Quando a textualização estiver adequada, segundo o depoente, pedimos que o entrevistado assine uma carta de cessão, que nos permite usar integralmente o depoimento (a textualização) na tese. Esses procedimentos fazem parte de nosso compromisso ético com os depoentes.

Seria uma grande honra poder contar com sua contribuição para que possamos compreender, com nossa pesquisa, esta experiência educacional tão singular - a dos Ginásios Vocacionais.

Desde já agradeço pela atenção,

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura.

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **O ROTEIRO**

#### **I – ASPECTOS PESSOAIS**

Caro depoente,

Por favor, fale-me um pouco de você. Seu nome, data de nascimento, sobre seus pais, onde nasceu, aspectos que considera relevantes de sua infância, preferências, hobbies e ainda outras características que gostaria de ressaltar.

Esta sua descrição ajudará o futuro leitor a compor uma imagem de você. Sendo assim, quais características suas, você gostaria de ver, realçadas nessa apresentação? Por quê?

Por favor, fale também um pouco sobre as escolas em que estudou, onde fez a graduação, quando, e qual sua formação.

#### **II – O VOCACIONAL**

Falando mais especificamente sobre os Ginásios Vocacionais, qual foi seu envolvimento com essa experiência? Em que ano? Você poderia me falar de algumas características da unidade em que o (a) senhor (a) atuou? Do seu ponto de vista, o que foram os Ginásios Vocacionais? O que os caracterizava? O que os diferenciava? Como o (a) senhor (a) inscreve sua experiência nos Vocacionais em sua história de formação e atuação?

Como eram estes espaços (dos Vocacionais)? Havia alguma particularidade na estrutura física em que os Vocacionais foram implantados? Quais? Havia alguma particularidade no funcionamento cotidiano dos Vocacionais, em comparação aos outros estabelecimentos de ensino da época? O que eles tinham de diferente?

Segundo seu ponto de vista, a intenção dos Vocacionais chegou a provocar algumas das transformações esperadas? Quais? No que o (a) senhor (a) se apóia para chegar a essas compreensões?

#### **III - COLÉGIOS/COMUNIDADE/CONTEXTO HISTÓRICO**

No período de existência dos Vocacionais, o Brasil atravessou um momento histórico-político bastante particular. Os vocacionais eram “atingidos”, “tocados” e influenciados por este contexto? Você poderia descrever algumas destas percepções ou acontecimento que caracterizava esse momento político?

#### **IV- A SALA DE AULA/PROFESSORES/ALUNOS**

Vou agora convidá-lo (a) para entrar nas salas de aula dos Vocacionais, para que eu possa tentar entender um pouco mais essa sua experiência com essa instituição: como era, do seu ponto de vista, a sala de aula dos Vocacionais? Havia algo que a diferenciava de outras salas de aula nas quais o (a) senhor (a) também atuou? Se sim, quais as diferenças? Quais as proximidades com as outras muitas salas de aula do sistema educacional da época?

Por favor, fale um pouco sobre os processos de avaliação do aluno, do professor e da escola. Como se davam? E as metodologias de ensino, como eram? Quanto às propostas didáticas para o ensino de Matemática, o que propunham os Vocacionais?

E como eram negociadas essas ações? Havia reuniões? Havia legislações ou textos-guias específicos? Segundo sua perspectiva, as ações eram coesas ou havia diferenciações marcantes de um colégio a outro, de uma sala a outra, de um professor a outro?

E a sala de aula de Matemática? Como o senhor (a) a descreveria para mim? Fale-me sobre os professores de matemática dos vocacionais, você se recorda destas aulas?

Como se aliavam as discussões matemáticas com as questões relativas aos ideais políticos que a proposta do colégio defendia? Qual o papel da Matemática nessas intenções declaradas? De que modo ela ajudava os alunos em suas vocações?

Ainda na sala de aula de Matemática, você poderia me descrever o papel do aluno durante as aulas? Como se davam as relações entre aluno e professor?

#### **V – DIREÇÃO, COORDENAÇÃO, PROFESSORES**

Olhando para os profissionais que atuavam nestes colégios o que você poderia falar acerca dessa equipe? O que havia nesta, ou nestes profissionais que te marcou? Quais eram as posturas desse(s) professores? Como se dava a atuação destes professores em sala de aula?

Você tem lembrança de algum professor em especial? Algum professor de Matemática que lhe provoca lembranças?

Por favor, fale-me um pouco sobre a formação dos professores que atuaram nos Vocacionais; para que fossem contratados, passavam por alguma preparação ou avaliação?

Como eram sensibilizados para efetivar uma proposta aparentemente tão alternativa no panorama das escolas da época? Era possível perceber se os professores seguiam as orientações pedagógicas vigentes?

#### **VI - CURRÍCULO/PROJETO PEDAGÓGICO/MATERIAIS DIDÁTICOS**

Faziam parte das funções dos professores: preparação de aulas e atividades; seleção de bibliografia e textos de estudo; orientação do estudo

dirigido; observação de alunos e elaboração de suas fichas; organização do estudo do meio; planejamento do trabalho de avaliação e o cuidado com a documentação dos alunos em sua área. (MASCELLANI, 1999, p.92 *apud* FERREIRA; BICCAS, p. 2002)

A inovação dos Ginásios Vocacionais começava pelo currículo dos cursos. Os alunos tinham, além das matérias convencionais, disciplinas que, para a época, eram novidade, como Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, juntamente com Educação Física e Artes Plásticas. O Senhor (a) poderia me descrever como eram organizados os currículos?

Havia propostas tão inovadoras para as aulas de Matemática assim como parecem ter sido as propostas do colégio como um todo? Daria para expor algumas das linhas mestras – políticas e pedagógicas do projeto dessas escolas?

Existiam projetos a serem desenvolvidos durante o ano letivo. Como se dava a participação dos alunos, dos pais e da comunidade nos projetos? E nos projetos que se relacionavam à Matemática?

Acerca dos materiais didáticos, como e quais eram esses materiais? O que defendiam? Quais conceitos explanavam no que diz respeito à Matemática – e como os professores os exploravam? Como se apropriavam deste material? Os alunos tinham participação ativa nesta elaboração?

Obrigada,  
Maria Eliza

## APÊNDICE C – COMUNICADO AOS DEPOENTES VIA E-MAIL

Prezado(a),

Segue a documentação referente à entrevista que realizamos sobre os Ginásios Vocacionais Estaduais com a finalidade de produzir dados para minha tese de doutorado, que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp, campus de Rio Claro/SP, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica.

Solicito a gentileza de conferir, adequar, corrigir, complementar tudo o que for julgado necessário, no texto chamado **Textualização**, que é o único documento que, integralmente, será disponibilizado publicamente, incorporado à tese. Deixei algumas marcas em nomes e palavras que não compreendi na gravação ou de nomes dos quais não sei a grafia correta. Se possível solicito sua atenção quanto a isso, de modo a corrigir esses dados. A transcrição é o registro escrito da entrevista, sua gravação. A textualização é gerada a partir da transcrição: trata-se de um texto editado, marcado por intervenções minhas. No trabalho de doutorado disponibilizamos apenas as textualizações integrais das entrevistas. A transcrição dessas mesmas entrevistas segue também em anexo para sua conferência, caso isso seja julgado necessário, mas essa transcrição não é divulgada por nós nem precisa ser devolvida.

Envio também uma **Carta de Cessão de Direitos** que precisa ser assinada. Sem essa carta nós não podemos usar sua entrevista, que é tão importante para nosso trabalho. Caso seja julgado necessário, alterações podem ser feitas também no texto da carta de cessão de direitos.

Se possível, envie-me uma fotografia para que eu possa anexar ao texto, quando produzindo a versão final da tese.

Mais uma vez agradeço imensamente sua atenção. Para qualquer necessidade de esclarecimento, estou à disposição em pelo e-mail: elizfurquin@gmail.com ou pelos telefones: (16) 99176-8752 e (16) 3342-5343.

Meu endereço:

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura  
Rua Carmela Carboni Rosa, n. 141 - London Park  
CEP 14940-000  
Ibitinga-SP

Muitíssimo obrigada

Maria Eliza



## APÊNDICE D – MODELO DE E-MAIL AOS DEPOENTES

Cara Sra. Lygia,

Depois de várias entrevistas, transcrições e textualizações finalizo (com as Senhoras) o processo de "troca" com meus colaboradores.

Dessa forma, é com grande satisfação que envio, em anexo, a textualização da sua entrevista, após as correções efetuadas pelo meu orientador e por mim.

Gostaria que lesse com atenção, este será o texto a ser publicado na íntegra na tese. Verifique se está de acordo. A Sra., como conversamos inicialmente, deve ficar à vontade para modificar o que considerar necessário. Este é um texto, em parceria com o depoente e só será publicado após seu consentimento e acordo.

A Sra. vai notar que existem algumas perguntas em notas de rodapé ou ao longo do texto, são informações que, caso as tenha, irei anexá-las. Após as modificações sugeridas farei uma nova correção pormenorizada acrescentando-as ou suprimindo-as.

Para um cuidado ainda maior envio, em anexo: um comunicado formal, enos demais: a carta de cessão de direitos e a referida textualização.

Meus agradecimentos,

Atenciosamente,

Maria Eliza.

## ANEXO A – CARTA CESSÃO DE DIREITOS EDUARDO JOSÉ DE ALMEIDA AMOS

### CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, **EDUARDO JOSÉ DE ALMEIDA AMOS**, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 22/02/2014, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

Bragança Paulista, 06 de julho de 2015



---

**EDUARDO JOSÉ DE ALMEIDA AMOS**  
RG. 5.418.995 SSP/SP

**ANEXO B – CARTA CESSÃO DE DIREITOS DANIEL FERRAZ  
CHIOZZINI**

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Eu, Daniel Ferraz Chiozzini, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 21/08/2014, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

**São Paulo, 27 de outubro de 2015**



**Daniel Ferraz Chiozzini**

**RG:25.221.346-4**

**ANEXO C – CARTA CESSÃO DE DIREITOS ESMÉRIA ROVAI****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Eu, ESMERIA ROVAI declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 22/08/2014, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEMt sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

São Paulo, 22 de julho de 2014.



---

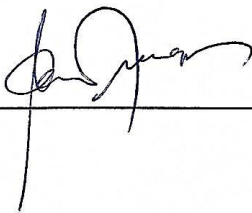
ESMERIA ROVAI  
RG. 2.273.309-7

## ANEXO D – CARTA CESSÃO DE DIREITOS LUIZ CARLOS MARQUES

### CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Luiz Carlos Marques (Luigy), declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 22/08/2014, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

São Paulo, 15 de novembro de 2015



---

Luiz Carlos Marques  
RG. 4.355.663/2

## ANEXO E – CARTA CESSÃO DE DIREITOS LUCILIA BECHARA SANCHEZ

### CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Lucilia Bechara Sanchez, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 01/11/2014, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

São Paulo, 16 de setembro de 2015.

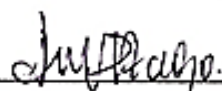


**Lucilia Bechara Sanchez**  
**RG 2.413.973-7 SSP/SP**

**ANEXO F – CARTA CESSÃO DE DIREITOS ANTONIO PEDRO ZAGO****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Eu, Antonio Pedro Zago, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 06/03/2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

Atibaia, 20 de agosto de 2015.



---

Antonio Pedro Zago

RG 3.158.927-3

## ANEXO G – CARTA CESSÃO DE DIREITOS JOSÉ ÂNGELO POMPEO

### Carta Cessão de Direitos

Eu José Ângelo Pompeo, declaro ceder a Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 08/05/2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa Histórica Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

Americana, 16 de Setembro de 2015



José Ângelo Pompeo  
RG 3.603.520




## ANEXO H – CARTA CESSÃO DE DIREITOS RENATA ROSA PANTANO RANGEL

### Carta Cessão de Direitos

Eu Renata Rosa Pantano Rangel, declaro ceder a Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 08/05/2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa Histórica Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

Americana, 16 de Setembro de 2015


  
Renata Rosa Pantano Rangel  
RG 6.707.240-9

## ANEXO I – CARTA CESSÃO DE DIREITOS NEWTON CESAR BALZAN

### CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Newton Cesar Balzan, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG: 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 7 de março de 2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

Campinas, 7 de dezembro de 2015

  
 Newton Cesar Balzan  
 RG: 1 569 884





## ANEXO J – CARTA CESSÃO DE DIREITOS BERENICE SIMONI MENDOZA

### CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Berenice Simoni Mendoza, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG: 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 07/03/2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data ficando a guarda desses documentos (Gravação e Textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

Campinas, 05 de janeiro de 2016



Nome: Berenice Simoni Mendoza

RG: 2969431-0

1º TABELÃO DE NOTAS CAMPAGNINE - REI - WILLIAM S. CAMPAGNINE  
Fone: (19) 3103-5571 - E-mail: william@tabelao.com.br  
Site: www.tabelao.com.br

Reconhecimento e autenticação da firma de: BERENICE SIMONI MENDOZA \*\*\*\*\*  
(Ficha 83/196)

Dou fé. Em testemunho de verdade  
Campinas, SP, 05/01/2016

Exp. Ravel de Souza Baretto - Escrevente  
Visto com o(s) selo(s) 0195AA715909

Custas: R\$ 12,54

111104  
RECONHECIMENTO  
POR AUTENTICIDADE  
0195AA715909

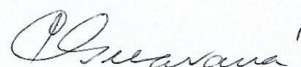
SECRETARIA DE DEFESA CONSUMIDOR

## ANEXO K – CARTA CESSÃO DE DIREITOS CECÍLIA VASCONCELLOS LACERDA GUARANÁ

### CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 22/07/2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

São Paulo (SP), 16 de fevereiro de 2016.



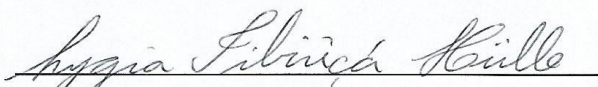
\_\_\_\_\_  
**NOME:** Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná

**RG:** 1.391.970-2

**ANEXO L – CARTA CESSÃO DE DIREITOS LYGIA TIBIRIÇÁ HÜLLE****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Eu, Lygia Tibiriçá Hülle, declaro ceder à Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, RG 21.888.997-5, os direitos de minha entrevista, gravada em 22/04/2015, cuja textualização foi conferida e aprovada por mim, para que o texto gerado possa ser utilizado pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando a guarda desses documentos (gravação e textualização) sob a responsabilidade do referido Grupo de Pesquisa.

São Paulo (SP), 16 de fevereiro de 2016



**NOME:** Lygia Tibiriçá Hülle

**RG:** 1.971.638-2